Jornal do

EXÉRCITO

Fim da missão da ISAF

€2,00 (IVA incluído) – Ano LVI – JE n.º 644 – janeiro de 2015

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

Santander Totta
um banco para as suas ideias

santandertotta.pt

Informe-se já.

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Coronel de Infantaria José Custódio **Madaleno Geraldo**, Diretor do *Jornal do Exército*

"No primeiro dia em que nos encontramos somos amigos,
no segundo dia em que nos encontramos somos irmãos"
Provérbio afegão

Começamos por homenagear os dois militares portugueses que deram a vida ao serviço da Pátria, em terras afegãs integrados na ISAF [Força Internacional de Apoio à Segurança no Afeganistão]. Foram eles o Primeiro-Sargento de Infantaria Comando João Paulo Roma Pereira, falecido a 18 de novembro de 2005, e o Soldado Para-Quedista Sérgio Miguel Oliveira Pedrosa, falecido a 24 de novembro de 2007. Viverão para sempre na memória e na saudade dos seus familiares, dos camaradas e amigos. Fazem parte da alma portuguesa, que, de há quase nove séculos para cá, se vai engrandecendo neste mundo, cada vez mais global e mais interdependente.

Porquê no Afeganistão?

Evocando o artigo 5º do Tratado do Atlântico Norte, face a um ataque armado contra os EUA, em 11 de setembro de 2001, Washington assegurou o apoio dos aliados da NATO. Os objetivos para a intervenção apresentados pelo presidente americano George W. Bush, como líder do país que assumia o comando da Coligação, na *Operation Enduring Freedom* [OEF] e depois da ISAF, eram bem claros: um Afeganistão próspero, democrático e pacificado. De acordo com a resolução 1386 do Conselho de Segurança das Nações Unidas, de 20/12/2001, compete à ISAF apoiar a manutenção da segurança em Cabul e áreas circundantes, com vista a permitir à Administração Interina Afegã o estabelecimento de um governo representativo, multiétnico e estável no Afeganistão. Complementarmente, deverá garantir um clima de segurança, de modo a permitir a atuação das organizações governamentais e não-governamentais empenhadas em tarefas de reconstrução e de apoio humanitário no Afeganistão. Os objetivos estratégicos iniciais, desta vasta operação, foram rapidamente alcançados. O regime taliban foi derrubado e uma nova coligação multiétnica foi colocada no poder. Faltava, no entanto, assegurar condições para uma boa governação, com vista a promover, o desenvolvimento, a segurança e o bem-estar das populações.

Portugal cumpriu a sua parte!

Em jeito de tributo a todos os militares portugueses, que serviram Portugal, através da sua presença e elevado desempenho, no Teatro de Operações do Afeganistão, o Comandante do 8º Contingente Nacional integrado na ISAF, Coronel de Infantaria Para-Quedista, Nuno Domingues Marques Cardoso, refere que: "doze anos depois..., encerra-se um capítulo mais da participação de contingentes portugueses em missões internacionais." E acrescenta "Várias foram as tipologias de forças, capacidades e equipamentos, que foram projetados e operaram na ISAF, sob a égide da NATO."

No passado dia 4 de dezembro, no Forte do Bom Sucesso, junto ao Monumento Nacional dos Combatentes do Ultramar, foi realizada uma Cerimónia Militar Evocativa do final da participação Nacional na ISAF. Cerimónia digna, merecida e esclarecedora de como os militares portugueses cumpriram Portugal Além-Mar, neste complexo Mundo em que vivemos. É caso para dizer: Cumprindo... a Pátria engrandece!

Monumentos aos Combatentes da Grande Guerra – Estremoz

Texto : Tenente RC Eder Sousa

Ao percorrer a região do Alentejo, no alto de uma pequena elevação, encontramos a cidade de Estremoz. Da sua posição sobranceira é possível admirar a bela e vasta paisagem rural em redor e algumas povoações limítrofes, bem como os campos e montes alentejanos. Muito conhecida pelas suas jazidas de mármore branco, não é pois de admirar que se encontre, nesta cidade, um Monumento aos Mortos da Grande Guerra assente sobretudo nesta matéria-prima. Com efeito, como é possível verificar nas imagens, o mármore predomina não só no pedestal do monumento, mas também na sua base em forma de Cruz da Ordem de Cristo, emblema que se tornou um símbolo intrínseco de Portugal, daí também ser conhecida como Cruz de Portugal. Sobre o pedestal central encontramos uma escultura que reproduz uma cena de combate nas trincheiras, comum na Grande Guerra, com militares atingidos e outro que estoicamente se mantém de pé, empunhando a arma por detrás de sacos de areia que servem para proteger a posição. Na frente do monumento está novamente uma cruz, ladeada por coroa de louros e a inscrição em baixo: "Homenagem aos que morreram pela pátria". Na base do apoio central, em cada um dos lados é possível ler-se ainda: "A pátria é duas vezes nossa mãe. Dar a vida por ela, é morrer bem"; "Não há honra maior, na validez, do que a de ser soldado e português"; "A morte só aos fracos intimida: temer a morte é não honrar a vida". Um pouco mais afastada do monumento, na frente, está uma placa com os nomes dos militares do concelho de Estremoz que deram a vida na Grande Guerra.

Resta acrescentar que tal como muitos outros monumentos do género, a sua edificação revelou-se assaz difícil. A ideia da construção surgiu numa reunião da Direção do Núcleo de Estremoz da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, em 1933, mas só se veio a concretizar passados oito anos, em 1941. O projeto final foi da autoria de José Godinho, com obra do escultor José Maria de Sá Lemos e do fundidor Sá Lemos. Acabou por ser inaugurado em 8 de setembro de 1941, no Largo dos Combatentes da Grande Guerra, Estremoz.

Sumário .05

Estudo sobre a fadiga

Artigo do TenCor Inf Mário Álvares
Página 14

Armas Biológicas
Mecanismo do Secretário-Geral das Nações Unidas para investigação do seu alegado uso

Artigo da Mestre Ana Rita Carvalho
Página 18

Missão Cumprida
Cerimónia Militar Evocativa do final da Participação Nacional na ISAF

Artigo do Ten RC Eder Sousa
Página 24

SUPLEMENTO

Banda Desenhada:
"Pedro Álvares Cabral e o Brasil - Da Serra da Estrela à Costa do Descobrimento"
de José Pires

Páginas V a VIII

EDITORIAL **03**

MONUMENTOS COM HISTÓRIA MILITAR **04**

ATUALIDADES
Destaque do mês **06**
Figuras & Factos **07**
...mais de mil palavras **08**

ARTIGOS

Fury
"That's my home" **32**

CULTURA, DESPORTO E LAZER
Cultura & Filme **44**
Livros **45**
Centenário da I Guerra Mundial **46**

Capa: Entrega do Estandarte Nacional na cerimónia final da participação portuguesa na ISAF

Jornal do Exército ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Direção, Redação e Administração: Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700 Militar: 414 085, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, *E-mail*: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, *E-mail – Intranet*: *Jornal do Exército*, *Home page*: www.exercito.pt **DIREÇÃO – Diretor:** Cor Inf José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor:** TCor Cav António N. Marcos Andrade; **Secretária:** Ass. Téc. Joana Moita; **REDAÇÃO – Chefe:** TCor Cav António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação:** 1Sarg Art Anjos Das Neves; **Redatores:** Ten RC Eder Sousa; **Operadoras Informáticas:** Ass. Téc. Elisa Pio, Ass. Téc. Guiomar Brito; Ass. Téc. Tânia Espírito Santo; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS – Auxiliares:** SAj SGE "Cmd" António Belém, SAj SGE Luís Silva; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** – Lusa – Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **EXECUÇÃO GRÁFICA** – MX3 – Artes Gráficas, Lda – Parque Industrial Alto da Bela Vista – Pavilhão 50 – Sulim Park – 2735-340 CACÉM, Tel: 219 171 088/89/90, *E-mail*: clientes@hmx3ag.com. Tiragem – 6.000 exemplares; Depósito Legal – nº 1465/82 ISSN – 0871/8598.

Exército Português treina descontaminação do Ébola

O Exército, através do Elemento de Defesa Biológica, Química e Radiológica (ElDefBQR), treinou e validou as técnicas para descontaminar o vírus Ébola tendo atingido uma elevada proficiência na execução desta missão.

O ElDefBQR, materializa uma capacidade do Exército com caraterísticas únicas em Portugal, constituindo-se como um instrumento de excelência nacional no âmbito da resposta a incidentes BQR.

O vírus Ébola é um agente biológico que pertence ao grupo de risco 4, constituindo um grave risco para as pessoas e apresentando um elevado risco de propagação na coletividade. Face ao surto do Ébola e à preparação da resposta nacional para esta doença, o ElDefBQR poderá ser chamado a executar tarefas de descontaminação de infraestruturas e de viaturas onde tenham permanecido doentes contaminados pelo vírus, estando já formalizado este compromisso numa orientação técnica enviada pela Direção-Geral de Saúde.

Dada a elevada perigosidade deste vírus, foi conduzido no período de 1 a 5 de dezembro de 2014, no Regimento de Transportes, em Lisboa, um treino do ElDefBQR focado na ameaça do Ébola, com o objetivo de garantir a sua prontidão operacional, do equipamento e do pessoal que o opera. Os militares empenhados nesta ação integram a Equipa de Defesa BQR e a Equipa Avançada do Laboratório de Defesa Biológica, componentes fundamentais para o processo de experimentação e de validação que foi conduzido. Os resultados laboratoriais obtidos foram muito positivos, em todas as variantes dos procedimentos de descontaminação, o que tornou possível a sua progressiva otimização.

Militar recolhe os controlos de contaminação para análise laboratorial

Os objetivos de treino definidos foram cumpridos, tendo resultado conhecimento de natureza teórico-prático de elevada eficácia.

Militares verificam com rigor os Equipamentos de Proteção Individual

Visita de trabalho do Comandante Operacional dos Açores à ZMA

Na sequência da assunção das funções de Comandante Operacional dos Açores (COA), o Tenente-General (TGen) José Romão Mourato Caldeira efetuou, no dia 2 de dezembro, uma visita de trabalho à Zona Militar dos Açores (ZMA).

Na visita ao Comando da ZMA, em S. Miguel, para além das honras regulamentares à chegada ao Forte de S. Brás e dos cumprimentos protocolares aos Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários civis que aí prestam serviço, o TGen COA recebeu um bríngue de situação apresentado pelo Major-General Comandante da ZMA, José Manuel Cardoso Lourenço, seguindo-se uma visita ao Museu Militar dos Açores e, por fim, a assinatura do Livro de Honra no Gabinete do Comandante da ZMA.

O Comandante Operacional dos Açores teve ainda a oportunidade de tomar contato com a vivência diária das Unidades da Zona Militar sediadas em S. Miguel, visitando a Unidade de Apoio da ZMA, em S. Gonçalo, e o Regimento de Guarnição Nº 2, nos Arrifes, onde teve a possibilidade de assistir a uma mostra de capacidades na vertente de proteção civil.

Comemorações do dia da Arma de Artilharia e Juramento de Bandeira do 2º CFGCPE/2014

No passado dia 5 de dezembro, realizaram-se no Regimento de Artilharia Nº 5 (RA5) em Vendas Novas, as comemorações do dia da Arma de Artilharia e o Juramento de Bandeira do 2º Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército (2º CFGCPE) de 2014.

A cerimónia foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo, e contou com a presença de diversas entidades militares e civis convidadas para o evento.

O dia festivo iniciou-se com a realização da alvorada festiva pela Fanfarra da Brigada de Intervenção (BrigInt), ao que se seguiu o Içar da Bandeira Nacional. À chegada do CEME foram prestadas as devidas honras protocolares na Parada El-rei D. Pedro V, com a Guarda de Honra e Salvas de Artilharia executadas pela Bateria de Salvas do RA5.

Dando continuidade ao programa das festividades, teve lugar, na Parada General Bernardo de Faria, a cerimónia militar, que teve o seu início com a prestação de continência ao General CEME pelas Forças em Parada, seguindo-se a prestação de continência ao Estandarte Nacional.

A cerimónia compreendeu ainda a imposição de diversas condecorações a militares que se distinguiram pelos serviços prestados ao Exército, a que se seguiu a leitura dos deveres militares, a ratificação do Juramento de Bandeira do 2º CFGCPE e o desfile das Forças em Parada, prestando continência ao Estandarte Nacional.

08. ... mais de mil palavras

Bateria de Salvas

No quartel do Regimento de Artilharia Nº5, em Vendas Novas (antiga Escola Prática da Arma de Artilharia), realizaram-se no passado dia 5 de dezembro as comemorações do Dia da Unidade e da Arma de Artilharia.

Manda o protocolo que à Alta Entidade sejam prestadas as honras militares.

A Bateria de Salvas do Regimento, na Parada El-rei D. Pedro V, executou 19 salvas de tiro protocolares à chegada do Chefe do Estado-Maior do Exército, a Alta Entidade que presidiu à cerimónia.

Abertura Solene do Instituto de Odivelas

Teve lugar no Instituto de Odivelas (IO), no passado dia 7 de novembro, a Abertura Solene do ano letivo de 2014/2015 daquele estabelecimento de ensino. A cerimónia decorreu no Mosteiro de S. Dinis e foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo.

Do programa oficial destacam-se o discurso do Diretor do Instituto de Odivelas e a Lição Inaugural pelo Professor Doutor David Justino, antigo Ministro da Educação, intitulada "O Instituto de Odivelas, mais do que um passado, uma instituição educativa." Seguiu-se a entrega de diplomas às alunas que terminaram o Ensino Secundário e de medalhas e prémios às alunas que mais se distinguiram no ano letivo de 2013/2014.

A última intervenção foi da aluna Catarina Faria, Comandante de Batalhão, que proferiu um discurso alusivo ao evento. No fim foi entoado o Hino Nacional e dado o grito do Instituto "Salvé nosso Instituto! Cada vez mais Alto".

Programa de Recolha Alimentar na Academia Militar

Durante o mês de dezembro, realizou-se no 1º Batalhão de Alunos da Academia Militar, sob organização da Comissão Humanitária, constituída por alunos das 1ª, 2ª e 3ª Companhias de Alunos, o programa de recolha alimentar, conseguindo angariar 430 kg de artigos, que foram entregues no dia 17 de dezembro, na sede do Banco Alimentar, em Alcântara.

Apesar da atual conjuntura, esta foi mais uma prova de que os altos valores de solidariedade e entreajuda continuam presentes na sociedade em geral e a ser fomentados também na Academia Militar, ajudando Portugal a manter-se na lista dos países mais solidários.

Todo o apoio logístico e humano cedido pelo Academia Militar foi determinante para facilitar as tarefas inerentes a esta campanha bem como para o êxito alcançado.

TABELA DE PREÇOS PARA 2015

PREÇO DE CAPA €2,00 **ASSINATURA ANUAL** (11 números): **VIA SUPERFÍCIE** - Portugal Cont. Madeira e Açores €20,00; **VIA AÉREA** - Países Europeus €45,00; Restantes Países €65,00. **NOTA**: As assinaturas devem ser pagas antecipadamente **NÚMEROS ATRASADOS** - 1960 a 1969 €4,50; 1970 a 1979 €4,00; 1980 a 1989 €3,00; 1990 a 2001 €2,50; 2002 a 2012 €2,00. Os preços incluem IVA à taxa de 6%.

PREÇO DE ENCADERNAÇÃO €30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.

N.B.: Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: 1000/2000 €4,21; 3000/8000 €5,79; Açores e Madeira €6,56.

III Congresso Internacional de Heráldica Militar

A Direção de História e Cultura Militar (DHCM) promoveu, nos dias 13 e 14 de novembro, no Palácio dos Marqueses do Lavradio, o III Congresso Internacional de Heráldica Militar, evento presidido pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General António Noé Pereira Agostinho.

O congresso, estruturado num conjunto de painéis cujas comunicações versaram as temáticas da Heráldica Militar Portuguesa, a Heráldica da Marinha, a Heráldica das Forças Paraquedistas, a Heráldica e a Grande Guerra, o Armorial do Exército Português 1996-2014, e ainda a apresentação de duas comunicações estrangeiras sobre a Heráldica Britânica em 1914 *Herldry used in badges by the British Army in 1914* da autoria do Dr. Malcom Howe, membro da Cambridge University Heraldic & Genealogical Society, e sobre a Heráldica Militar Brasileira apresentada pela 1º Tenente Luciene Veiga, da Força Aérea do Brasil.

Para as diferentes comunicações a DHCM contou com distintas entidades, desde o Presidente da Academia Lusitana de Heráldica, o presidente da Academia Falerística de Portugal, a ilustres oficiais do Exército, da Marinha e da Guarda Nacional Republicana.

Foi inaugurada e esteve patente a exposição "A Falerística na Grande Guerra", que contou com 14 painéis explicativos e diversas peças de falerística da época da Grande Guerra, espólio do Museu Militar de Lisboa.

O congresso encerrou com uma visita guiada ao Museu Militar de Lisboa no final do segundo dia de atividades.

Rohde & Schwarz - na vanguarda da tecnologia

Temos as melhores soluções para si.

Com base em décadas de experiência e uma completa gama de produtos nas áreas de broadcasting, teste e medida, radiocomunicações, radiomonitorização, radiolocalização e segurança IT a Rohde & Schwarz proporciona aos seus clientes um apoio total desde a fase de planeamento do projecto até à entrega de sistemas chave em mão. O nome Rohde & Schwarz é sinónimo de um serviço e suporte completo e competente representado em mais de 70 países.

www.rohde-schwarz.pt

ROHDE&SCHWARZ

Colóquio Internacional - A Grande Guerra, Um Século Depois

No quadro das iniciativas que a Comissão Coordenadora da Evocação do Centenário da I Guerra Mundial irá levar a efeito entre 2014 e 2016, ocorreu no dia 12 de novembro, no Edifício dos Auditórios do Aquartelamento da Academia Militar na Amadora (AAMA), a Sessão Solene de Abertura do Colóquio Internacional "A Grande Guerra – Um Século Depois", presidida pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General António Noé Pereira Agostinho.

Para além da presença do Ministro da Educação e Ciência, Dr. Nuno Crato, assistiram à conferência inaugural, proferida pelo Professor Catedrático Nuno Severiano Teixeira (Universidade Nova de Lisboa), inúmeras entidades civis e militares, destacando-se as delegações de alunos da Escola Naval e da Academia da Força Aérea.

Após um breve intervalo, a sessão prosseguiu com o muito aguardado espaço internacional, moderado pelo Coronel Nuno Lemos Pires, Comandante do Corpo de Alunos da Academia Militar, e no qual foram palestrantes o Coronel Fréderic Guelton, da Academia Militar de Saint Cyr (França) – *Histoire et Mémoire de La Grande Guerre en France 100 ans aprés*; o Coronel Gerhard Gross, do Centro de História Militar e Ciências Sociais das Forças Armadas Alemãs (Alemanha) – *The German Army and the beginning of the First World War*; e o Dr. Matthias Strohn, da Academia Militar de Sandhurst (Reino Unido) – *Britain and Her role in the First World War.*

O Colóquio Internacional "A Grande Guerra – Um Século Depois" contou ainda com mais sessões nos dias 19 e 26 de novembro e 3 de dezembro.

Dia Mundial da Diabetes no HFAR

No passado dia 14 de novembro foi comemorado o Dia Mundial da Diabetes. Decorreram a nível mundial inúmeras iniciativas de sensibilização para esta doença que afecta atualmente cerca de 387 milhões de indivíduos, o que corresponde a aproximadamente 8,3% da população mundial. O projeto de divulgação tenta sensibilizar a população para esta doença e evitar o aumento expectável de mais 205 milhões novos casos até 2035.

No Dia da Diabetes no Hospital das Forças Armadas (HFAR) foram rastreados mais de 150 utentes, com avaliação da glicémia, colesterol total, pressão arterial (PA), perímetro abdominal, peso e composição corporal. Para todos eles foram calculados os riscos aos 10 anos de vir a ter Diabetes (FINNISH) e de ter um evento cardiovascular fatal (SCORE).

Os dados recolhidos no Dia da Diabetes no HFAR vêm enfatizar a importância da promoção de estilos de vida saudáveis, bem como o cuidado no rastreio da Diabetes e no controlo dos restantes factores de risco cardiovascular.

Evocação do Centenário da Grande Guerra

Integrado nos eventos de evocação da Grande Guerra, realizou-se no dia 11 de novembro de 2014, nas instalações da Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo, uma Exposição Evocativa e um Colóquio dedicados ao tema "Portugal e a Grande Guerra", dinamizado pelo Regimento de Artilharia Nº4 (RA4).

Após as boas vindas apresentadas pela Diretora da Escola, Dra Isabel Oliveira, a exposição foi aberta pelo Comandante do RA4 que, posteriormente ao agradecimento feito à Direção de História e Cultura Militar e à Comissão Coordenadora para a Evocação do Centenário da I Guerra Mundial, efetuou síntese a propósito do seu conteúdo. O evento contou com a presença do Diretor de História e Cultura Militar, Major-General João Manuel Santos de Carvalho, responsável pela elaboração e cedência dos 22 expositores, assim como de algum material museológico.

Seguiu-se o colóquio com a presença de quatro conferencistas, o Comandante do RA4, Coronel de Artilharia Mendes Dias, Tenente Coronel Marquês de Sousa, da Academia Militar, Coronel Luís Fraga e Professora Doutora Fernanda Rollo, da Universidade Nova de Lisboa. A moderação esteve a cargo do Professor Vitorino Guerra, da Escola Secundária Francisco Rodrigues Lobo.

A ação contou com vasta audiência desde alunos da escola, a várias entidades locais e distintos convidados. Cumpriu-se assim, julga-se, o compromisso de honra de manter viva a memória de todos quantos, com o seu esforço e sacrifício, honraram o nome de Portugal nos campos de batalha da Flandres, de Angola e de Moçambique.

Construção de barreira de retenção na freguesia de Paramos

No passado dia 18 de dezembro, o Regimento de Engenharia Nº 3 (RE3) executou trabalhos para construção de uma barreira de retenção, com a finalidade de impedir o avanço das águas do mar em direção à Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR), bem como proteger a população residente na praia de Paramos.

Este apoio foi solicitado pela Câmara Municipal de Espinho, com o objetivo de prevenir situações similares às registadas no início de 2014 na praia de Paramos onde, para além de um núcleo habitacional de pescadores, existe também a ETAR intermunicipal que serve três municípios – Espinho, Santa Maria da Feira e Ovar.

A missão foi executada por um Destacamento de Engenharia constituído por um Sargento e seis Praças apoiados por uma escavadora giratória, um auto-dumper, uma retroescavadora, uma viatura basculante e uma viatura tática ligeira.

Estudo sobre a fadiga

"Definição de critérios para a determinação da fadiga de um militar em contextos de emprego e climáticos diversos – um mês de sucesso"

Texto : TCor Inf Mário Álvares

Este artigo tem como tema o projeto de investigação para a definição de critérios para a determinação da fadiga de um militar em contextos de emprego climáticos diversos – do senso comum à análise científica.

Em maio de 2013, a Escola de Sargentos do Exército, em colaboração com o Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAE), a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), a Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), o Instituto Nacional de Engenharia e Gestão Industrial do Porto (INEGI) e o Laboratório de Biomecânica do Porto (LABIOMEP), candidatou-se a um projeto de Investigação, Desenvolvimento e Inovação (ID&I) com a designação de "Definição de critérios para a determinação da fadiga de um militar em contextos de emprego e climáticos diversos", projeto que foi aprovado pelo Exército Português, em 2014.

As novas ameaças e riscos ao ambiente de segurança global, de forma isolada ou no âmbito de alianças ou coligações, vêm confrontando todos os exércitos com cenários de emprego e atuação diversificados.

Desde o desenvolvimento de operações militares de guerra contra atividades terroristas de carácter transnacional e outras formas de extremismo violento, passando pelas operações militares de apoio ou imposição de paz em conflitos regionais, principalmente em zonas estratégicas marcadas por uma elevada conflitualidade e com um potencial impacto nos equilíbrios regionais, o espectro das operações militares projeta a necessidade de forças militares com novas capacidades. Mas, também vem reforçando a acuidade da vertente formativa e da consolidação do saber tendo, por bases, conceitos científicos irrefutáveis que sejam capazes de fundamentar um crescimento estrutural e genético de forma coerente.

Desde março de 2014, concorrendo para essa realidade e com o apoio técnico e cientifico da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), do Laboratório de Biomecânica da Universidade do Porto (LABIOMEP), e do Instituto Nacional de Engenharia e Gestão Industrial (INEGI), a Escola de Sargentos do Exército (ESE), – com o apoio de outras Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército Português[1] – vem desenvolvendo um projeto de investigação científica para a definição de critérios para a determinação da fadiga de um militar em contextos de emprego climáticos diversos.

O projeto, com trabalhos de campo na sua maioria realizados em laboratório e nas instalações da FEUP e LABIOMEP, procura identificar processos para a identificação da fadiga física e cognitiva, e definir critérios para a determinação da relação esforço e tempo de atividade e de repouso, para diferentes níveis/graus de atividade e condições climatéricas, desenvolvendo-se assim indicadores de sobrevivência para apoio à condução de operações militares, bem como para a definição de um modelo matemático para estimar ou simular as respostas metabólicas do organismo às variáveis climatéricas, *outputs* importantes para a sustentação cientifica dos processos de formação e treino ao nível da educação física militar e treino militar.

Porém, as potencialidades deste projeto de investigação não se esgotam nesses parâmetros. Numa fase subsequente poderá contribuir para parametrização de critérios de seleção e classificação de recursos humanos, para o desenvolvimento de rações de combate com critérios de equilíbrio entre a capacidade energética e peso dos nutrientes, ou para a criação de equipamentos militares como botas ou mochilas com respostas para preocupações de natureza ergométrica.

Os trabalhos já desenvolvidos e que vêm sendo realizados numa câmara térmica que permite projetar condições ambientais extremas (frio ou calor extremos), comportam ensaios com instrumentos de força com marcha (com e sem carga) e corrida para a obtenção de indicadores de consumo de oxigénio e produção de dióxido de carbono, registo da frequência cardíaca, medição da temperatura corporal interna e da pele durante o esforço, medições do lactato sanguíneo antes e após o esforço (0', 3', 5' e 7')[2], registo de atividade cerebral com eletroencefalograma conjugado com testes de avaliação psicotécnica e avaliação da perceção subjetiva do esforço.

Embora o projeto de investigação se encontre numa fase inicial em termos dos trabalhos de campo a realizar em laboratório, alguns dos resultados já registados e tratados permitiram tirar algumas conclusões.

Por exemplo, como se conclui da análise do gráfico da Figura 1, (em que se faz a leitura da tem-

[1] Para este projeto de investigação a ESE conta com o apoio de outras U/E/O, nomeadamente com o Comando da Instrução e Doutrina, a Academia Militar, o Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAE), a Escola das Armas, a Escola Prática dos Serviços, o Hospital das Forças Armadas (Pólo do Porto) e o Regimento de Artilharia n.º 5 (atualmente Unidade de Apoio do Comando do Pessoal).

[2] O lactato é produzido pelo organismo após a queima da glicose (glicólise) e permite fornecer energia sem a presença de oxigénio (metabolismo anaeróbico láctico). A acumulação dessa substância nos músculos pode gerar hiperacidez, fenómeno que provoca dor e desconforto logo após o exercício.

Figura 1

Figura 2

Figura 3

Figura 4

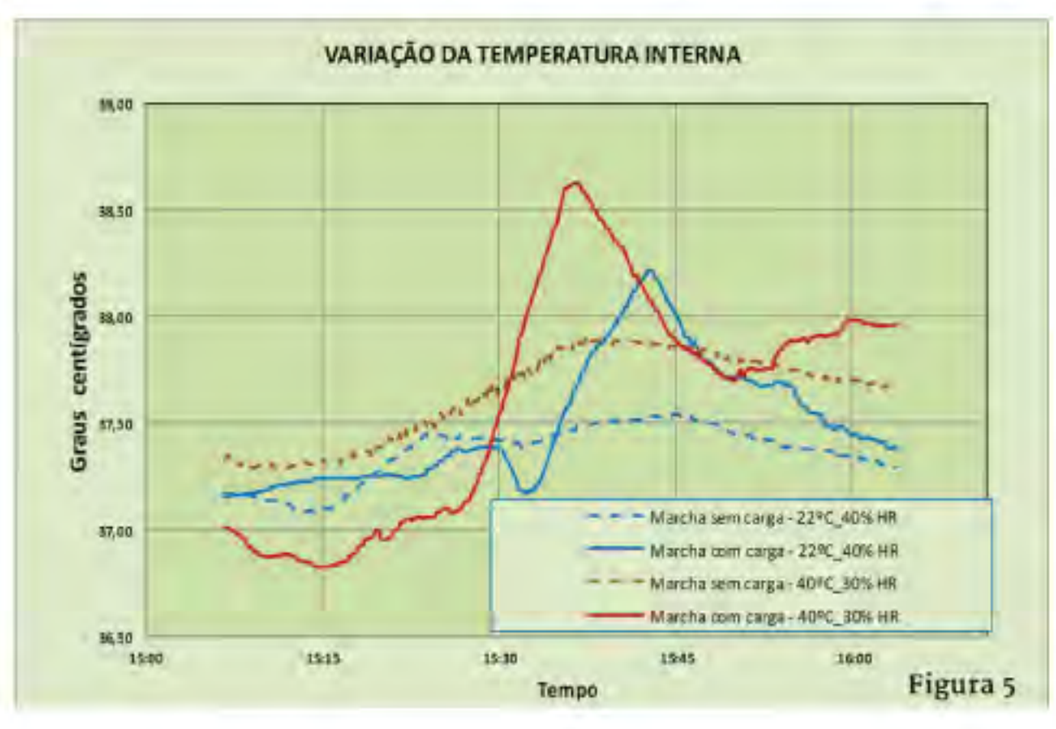


Figura 5

peratura interna) o teste feito a um dos militares que constitui a amostra e que na câmara térmica (que projetou uma temperatura de 40ºC com 30% de humidade relativa (Hr)) foi submetido a testes (marcha com carga e testes psicotécnicos) sem qualquer aclimatação prévia, permite comprovar que o início do exercício de marcha com carga provoca rapidamente um aumento da temperatura corporal interna, e durante a fase sem exercício físico e ainda no interior da câmara qualquer movimento reflete-se num ligeiro aumento da temperatura interna, nem que este comporte a simples realização de um teste de papel e lápis confortavelmente sentado numa secretária.

Um outro exemplo são os registos que se encontram sistematizados nos gráficos das Figuras 2, 3, 4 e 5 e que são relativos, respetivamente, à escala subjetiva de esforço de Borg[3], à evolução dos níveis de Lactato, à desidratação e à temperatura interna.

De uma maneira geral, os dados dos gráficos das Figura 2, 3 e 4 apontam todos para uma conclusão similar. Ou seja, a carga transportada pelos militares tem uma influência de tal modo significativa no desempenho psicofísico que suplanta os efeitos das condições climatéricas que possa ter que enfrentar.

No caso do gráfico da Figura 4, onde se apresenta a evolução da temperatura interna para cada uma das condições de ensaio (22ºC e 40% Hr e 40.ºC e 30% Hr), verifica-se que a existência de carga (mochila) é uma condicionante que pode influenciar de forma crítica a performance dos militares nessas duas condições climáticas.

Entretanto, os níveis médios e máximos de desidratação para essas mesmas condições (22ºC e 40% Hr e 40.ºC e 30% Hr) comportam-se de forma diferente. Ou seja, como se poderá verificar da análise do gráfico da Figura 5, a desidratação apresenta-se como dependente, fundamentalmente, da temperatura ambiente. Para a condição de 40ºC e 30% Hr a média dos valores medidos de desidratação ultrapassam o valor crítico de 1% da massa corporal, chegando mesmo, para alguns dos elementos da amostra, a ultrapassar os 2% (Figura 5), valor universalmente reconhecidos a partir dos quais existe desidratação.

Assim, a perceção de fadiga, os níveis de lactato e a temperatura interna, estão fundamentalmente relacionados com a dependência do esforço

desenvolvido, nomeadamente pelo transporte de carga. Já o fator desidratação, segundo os resultados, está muito mais dependente da temperatura ambiente à qual o indivíduo está exposto.

Ainda com um longo percurso para percorrer e que colocam o ano de 2015 como determinante para a consolidação das conclusões apresentadas neste artigo, é lícito referir que só com processos desta natureza se podem retirar indicadores factuais e verificáveis que concorram para uma aplicação judiciosa de recursos, técnicas e processos para limitar ou resolver problemas, nomeadamente os relativos à patogénese das doenças provocadas pelo calor ou pelo frio.

Mas o que importa na verdade enfatizar é que este projeto, pelas possibilidades de análise que comporta e que conseguirá materializar em resultados e recomendações, traduzirá conhecimento e novas formas de perceber e interpretar alguns problemas que nos permitirão questionar crenças que até hoje estiveram encerradas em pressupostos assentes no senso comum.

[3] Escala de Borg ou Tabela de Borg é uma escala criada pelo fisiologista sueco Gunnar Borg para a classificação da perceção subjetiva do esforço.

O autor contou com apoio técnico e científico do Professor Doutor Mário Vaz (INEGI) e Professor Doutor João Batista (FEUP). Agradece o apoio técnico e cientifico de todos os investigadores do CPAE, FEUP, FADEUP, INEGI e ESE, nomeadamente do Major de Infantaria Garcia Lopes e do Aspirante em Regime de Contrato (RC) Reis (do CPAE), do Professor António Baptista (da FEUP), do Professor José Auguto (da FADEUP) e do Tenente RC na Reserva de Disponibilidade Luís Rosa e Sargento-Ajudante Rezendes (da ESE).

Armas Biológicas

Mecanismo do Secretário-Geral das Nações Unidas para investigação do seu alegado uso

Texto : Mestre Ana Rita Carvalho

A necessidade de criação de um Mecanismo para Investigação do Alegado Uso de Armas Biológicas, por parte do Secretário-Geral das Nações Unidas (SGNU), emergiu a partir da segunda metade do séc. XX, sobretudo da década de 1980, tendo em conta o exponencial avanço científico e técnico ocorrido no campo das Ciências, mormente da Medicina, da Biologia e de áreas do saber cientificamente próximas.

O mencionado Mecanismo para Investigação do Alegado Uso de Armas Biológicas tinha por objetivo dotar o SGNU de meios técnicos e humanos que lhe permitissem monitorizar a investigação ao alegado uso daquelas armas, em violação da Convenção de Genebra de 1925[1], bem como ao fabrico e à utilização de armas químicas, posteriormente regulado pela Convenção sobre Armas Químicas[2], que entrou em vigor em 1997, e complementarmente controlado pela Organização para a Proibição das Armas Químicas (OPAQ), então criada. O seu objectivo primordial está, pois, associado ao objetivo de desarmamento global e de combate às ameaças representadas pela proliferação de agentes bacteriológicos ou químicos (nomeadamente à sua apropriação por terroristas), suscetíveis de serem utilizados para fins não previstos, quer na Convenção de Genebra, quer na Convenção das Armas Químicas (como sejam finalidades profiláticas de proteção e outros objetivos pacíficos).

Um núcleo de especialistas e de laboratórios vocacionados para a investigação do alegado uso daquele tipo de armas bem como de diretivas de ação aplicáveis à atividade de investigação constituem os elementos essenciais do Mecanismo. A pedido de um Estado Membro, o SGNU pode desencadear um processo de investigação conduzido por equipas de peritos, no terreno, do qual resultará um relatório a divulgar por todos os Estados Membros. Esta possibilidade vem ao encontro do estabelecido na Convenção de Genebra, no seu Art.º VI, ponto 2., que determina que "Cada

Fonte : wallpaper.ultradownloads.com.br

Estado Parte na presente Convenção compromete-se a colaborar em qualquer investigação que o Conselho de Segurança possa empreender de harmonia com as disposições da Carta das Nações Unidas, na sequência de uma queixa recebida pelo mesmo Conselho. O Conselho de Segurança informará os Estados Partes na Convenção dos resultados da investigação." Do mesmo modo, a Convenção sobre Armas Químicas também prevê

[1] Protocolo de Genebra (1925) – Proibição do emprego, na guerra, de gases asfixiantes, tóxicos ou similares e de meios bacteriológicos de guerra, assinado em Genebra, a 17 de junho de 1925.

[2] Convenção sobre a Proibição do Desenvolvimento, Produção, Armazenagem e Utilização de Armas Químicas e sobre sua Destruição, assinada a 13 de janeiro de 1993.

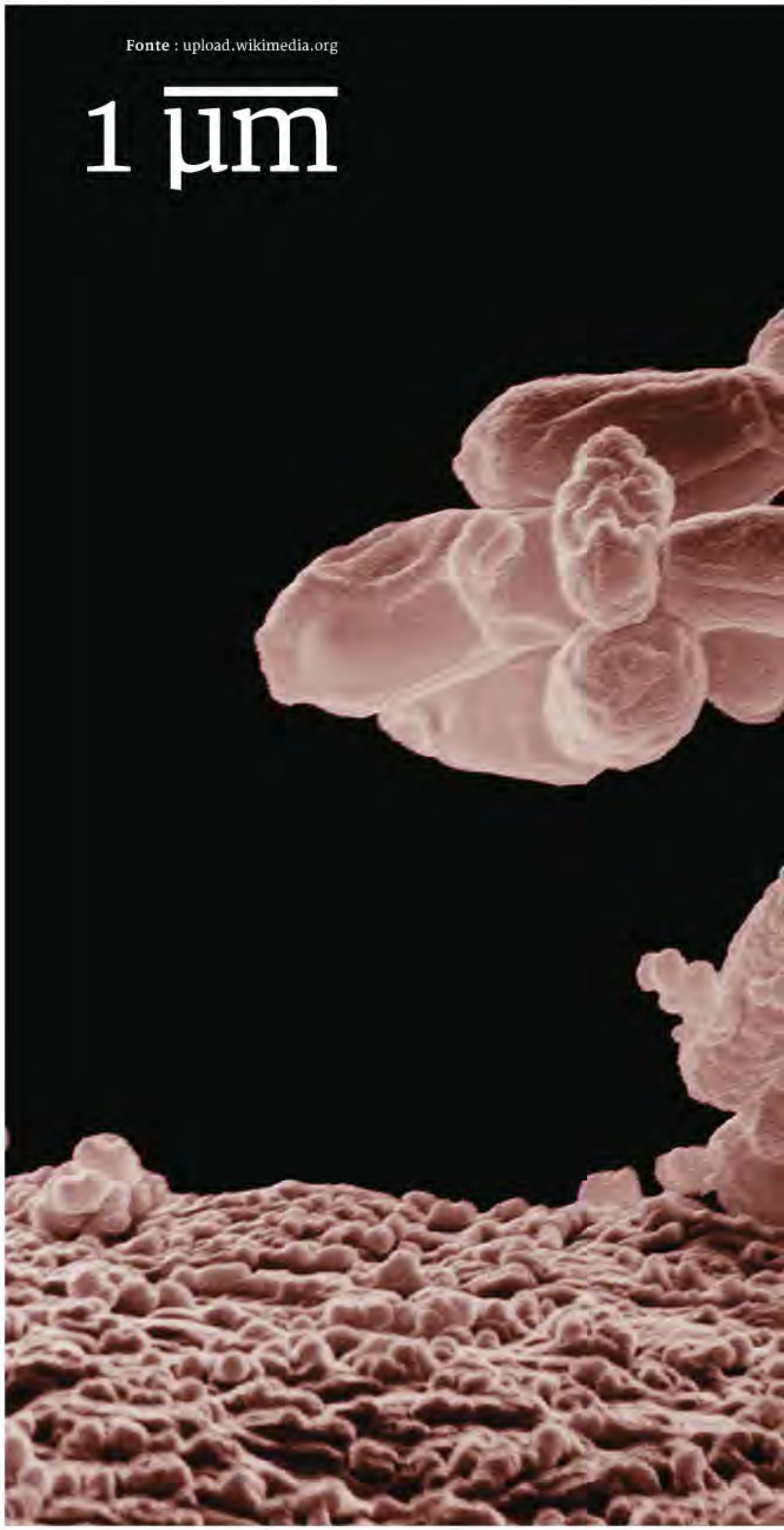
a condução de inspeções às instalações de fabrico de produtos químicos, situadas no território de um Estado Parte, designadamente em caso de alegada utilização de armas químicas, ou à utilização de agentes de controlo de motins como método de guerra, conforme previsto nos Art.ºs IX e X da Convenção.

Diversas Resoluções da Assembleia Geral das Nações Unidas e outros documentos versaram sobre a questão das armas químicas e biológicas, designadamente a Resolução 42/37, de 30 de novembro de 1987, que veio reafirmar a necessidade da proibição completa e efetiva do desenvolvimento, produção, e armazenamento de armas químicas e da sua destruição, na senda dos objetivos e princípios enunciados na Convenção de Genebra de 1925, salientando os progressos alcançados durante a Segunda Conferência de Revisão daquela Convenção, que decorreu em 1986, e respectiva Declaração Final.

Em linha com este documento, teve lugar, entre 31 de março e 5 de abril de 1987, um encontro de peritos científicos e técnicos dos Estados Partes à Convenção, os quais adotaram um relatório no qual foram estabelecidas, por consenso, as modalidades de troca de dados, conforme acordado na Declaração Final. Foi decidido que a primeira troca de informação entre os Estados teria lugar até 15 de outubro de 1987 e que informação posterior, a fornecer anualmente, através do *Department for Disarmament Affairs*, deveria ser facultada até 15 de abril de cada ano.

No Relatório do SGNU, decorrente da adoção da Resolução 42/37, é mencionado que, considerando a informação fornecida por um Estado Membro sobre o alegado uso de armas químicas, biológicas ou tóxicas, o Secretário-Geral determina (se necessário após consulta de peritos) a condução de uma investigação futura, devendo igualmente, se necessário, consultar os Estados Membros sobre questões relativas ao possível uso de armas químicas, biológicas ou tóxicas. Por seu turno, os Estados Membros e organizações internacionais relevantes devem providenciar assistência ao Secretário-Geral, a seu pedido, a qual se afigure necessária e de molde a facilitar a preparação e a condução de actividades de investigação.

A Resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas 45/57 reafirmou os propósitos presentes nas anteriores Resoluções, lembrando que, a pe-



dido dos Estados Partes, a Terceira Conferência de Revisão das Partes da Convenção sobre a Proibição do Desenvolvimento, Produção e Armazenamento das Armas Bacteriológicas (Biológicas) e Tóxicas e sobre a sua Destruição viria a ter lugar em Genebra em 1991.

Já a Resolução 60/288 da Assembleia Geral das Nações Unidas, intitulada "*The United Nations Global Counter-Terrorism Strategy*", adotada em 8 de setembro de 2006, apresenta, no seu anexo, um programa de acção das Nações Unidas, tendo em vista o combate ao terrorismo internacional, incluindo as ameaças representadas pelo uso de armas biológicas e químicas. Esta Resolução faz referência a diversos outros documentos[3], designadamente à Resolução 60/1, de outubro de 2005, que adota o *2005 World Summit Outcome*, em linha com os propósitos expressos na "Declaração do Milénio", enunciados na Conferência do Milénio.

Os objetivos do Milénio prendem-se essencialmente com a promoção da paz e da segurança, do desenvolvimento e dos Direitos Humanos. O supracitado documento centra-se em quatro áreas fundamentais: Desenvolvimento; Paz e segurança colectivas; Direitos Humanos e Direito; reforço da cooperação entre os Estados Membros das Nações Unidas.

O *2005 World Summit Outcome* previa a adoção, em 2006, de medidas e estratégias de âmbito nacional, as quais permitissem atingir os objectivos declarados na Conferência do Milénio, num âmbito internacional.

A Resolução 60/288 propugna a adoção dessas medidas, tendo em conta a capacidade de combate ao terrorismo, pelos Estados, bem como o reforço do papel das Nações Unidas neste âmbito. Entre outras medidas, é proposta a atualização de um núcleo de especialistas e de laboratórios, bem como de linhas de ação (*guidelines*) e procedimentos técnicos que permitam ao Secretário-Geral conduzir uma investigação sobre o alegado uso de armas biológicas, conforme consta do seu parágrafo 11.º.

O *United Nations Office for Disarmament Affairs* (UNODA) tem procurado junto dos Estados Membros manter atualizadas equipas e meios,

[3] Como sejam a Resolução nº 49/60, de 9 de dezembro de 1994, contendo a declaração sobre Medidas para Eliminar o Terrorismo Internacional, bem como o suplemento a essa Resolução, consignado no Anexo à Resolução nº 51/210, de 17 de dezembro de 1996.

nomeadamente laboratórios especializados, bem como as instruções técnicas e procedimentos a seguir, tendo em vista acompanhar o desenvolvimento científico nestas áreas e, por outro lado, o cumprimento da legislação relevante. De acordo com as *guidelines* actualmente aplicáveis, qualquer Estado Membro pode propor ao Secretário-Geral a realização de exercícios e cursos para técnicos qualificados, tendo em vista a atualização e operacionalização de conhecimentos e o seu possível emprego numa investigação ao alegado uso de armas químicas, biológicas, e outros agentes tóxicos, tendo igualmente por propósito estabelecer uma doutrinação e práticas comuns. O primeiro exercício para especialistas nesta área foi conduzido pela Suécia, em maio e junho de 2009.

Em janeiro de 2011 foi assinado um memorando de entendimento entre a Organização Mundial de Saúde (OMS) e o UNODA, o qual previa o apoio da OMS ao SGNU, através do seu Mecanismo de Investigação. No preâmbulo deste documento é reafirmado o objectivo de garantir a todos os povos o acesso à Saúde, para o qual concorre a capacidade de o SGNU conduzir ações de investigação em resposta à solicitação de um Estado Membro, na eventualidade de violação do Protocolo de Genebra de 1925, bem como de outras normas de direito internacional sobre a mesma matéria.

Por outro lado, o citado documento faz remissão para os Regulamentos Internacionais de Saúde (*International Health Regulations*), de 2005, enquanto instrumento legal e operativo definidor das responsabilidades dos Estados Partes e da OMS, no que concerne aos relatórios sobre emergências no âmbito da saúde pública, a nível internacional, bem como à identificação e monitorização do risco em saúde pública, e aos mecanismos de apoio e resposta disponibilizados aos países.

O memorando de entendimento faz igualmente remissão para o Plano de Ação acordado em 2009, entre as Nações Unidas e a OMS, tendo em vista a sua cooperação, designadamente através da elaboração de um plano de trabalho conjunto, visando apoiar o Mecanismo para Investigação do Alegado Uso de Armas Biológicas, por parte do SGNU.

Relativamente às obrigações decorrentes da Convenção para a Proibição do Desenvolvimento, Produção e Armazenamento de Armas Biológicas e Tóxicas, têm decorrido, de 5 em 5 anos, as Conferências de Revisão, tendo lugar anualmente, durante o período intersessional, uma Reunião de Estados Parte e uma Reunião de Peritos. Temas recorrentemente tratados nestes encontros são as medidas geradoras de confiança implementadas pelos Estados; a implementação nacional da Convenção e a cooperação e assistência entre Estados.

Para além destas iniciativas, os Estados elaboram anualmente um relatório sobre medidas geradoras de confiança, o qual é remetido às Nações Unidas e depois discutido, entre os Estados, durante as Conferências de Revisão.

O relatório sobre medidas geradoras de confiança permite aos Estados Parte na Convenção partilhar informação sobre diversos aspetos, no âmbito da Convenção, nomeadamente sobre os centros de investigação existentes em território nacional e seu âmbito de atividades, incluindo a sua tipologia (*biossecurity level* – BSL 1,2,3 e 4), em termos de avaliação do risco, no quadro da biossegurança, em função dos microorganismos e/ou toxinas com os quais trabalham, para além de diversa informação relativa ao escopo e descrição das principais actividades levadas a cabo, incluindo projetos de I&D, instalações laboratoriais, etc., para além de informação sobre financiamento e recursos. É também elaborada uma declaração sobre a investigação conduzida na área da defesa biológica, pelos laboratórios militares.

Fonte : img.ibxk.com.br

Em Portugal, até ao momento, são quatro as entidades que contribuem para o questionário que integra o relatório nacional sobre medidas geradoras de confiança, a saber, o Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, I.P; o Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária, I.P.; o *Life and Health Sciences Research Institute*, da Universidade do Minho, e o Laboratório de Bromatologia e Defesa Biológica, do Exército.

Noutro âmbito, relacionado com a legislação, regulamentos e aplicação de outras medidas, também a Autoridade Tributária e Aduaneira submete anualmente um relatório relativo a medidas geradoras de confiança em matéria de controlo das importações e exportações, bem como do desenvolvimento, produção, armazenamento aquisição e retenção de agentes microbianos, toxinas, armas e equipamentos e seus meios de entrega, no quadro das medidas de biossegurança e dos regimes restritivos aplicáveis à importação e exportação de produtos biológicos e de toxinas, implementados

pelo Regulamento (CE) n.º 428/2009, do Conselho, de 5 de maio, que dispõe de uma lista de tecnologias de uso duplo, na qual se incluem os produtos biológicos e toxinas.

No que respeita à implementação da Convenção pelos Estados, e nos termos do Art.º IV da Declaração Final da Conferência de Revisão de 2006, bem como das disposições pertinentes da Resolução 1540[4], do Conselho de Segurança das Nações Unidas, encontra-se em estudo a criação de uma autoridade nacional, a exemplo do que sucede relativamente às armas químicas.

No atual contexto de potencial ameaça por meios NRBQ (nucleares, radiológicos, biológicos e químicos), evidencia-se a necessidade de criar uma "autoridade nacional para a proibição das armas biológicas" que teria por incumbência: i) coordenar a aplicação nacional da Convenção e ii) comunicar com outros Estados Partes e organizações internacionais competentes, sendo responsável pela coordenação dos aspetos políticos relacionados com a participação de Portugal na referida Convenção, bem como com os interesses sectoriais e da indústria.

A exemplo da sua congénere para as armas químicas e, tendo em conta o seu carácter multissectorial, a futura Autoridade deverá contar com representantes do Ministério dos Negócios Estrangeiros, do Ministério da Defesa Nacional, do Ministério da Administração Interna, do Ministério das Finanças, do Ministério da Economia, do Ministério do Ambiente, do Ordenamento do Território e Energia, do Ministério da Educação e da Ciência e dos Serviços de Informação de Segurança.

[4] A RCSNU 1540 foi adotada a 28 de abril de 2004, como resposta à ameaça contra a paz e segurança internacionais, causada pela proliferação de armas de destruição maciça, bem como dos seus vetores de lançamento. A resolução foi adotada ao abrigo do Capítulo VII, da Carta da ONU: "Ação em Caso de Ameaça à Paz, Rutura da Paz e Ato de Agressão".

Missão Cumprida

Cerimónia Militar Evocativa do final da Participação Nacional na ISAF

Texto : Ten RC Eder Sousa

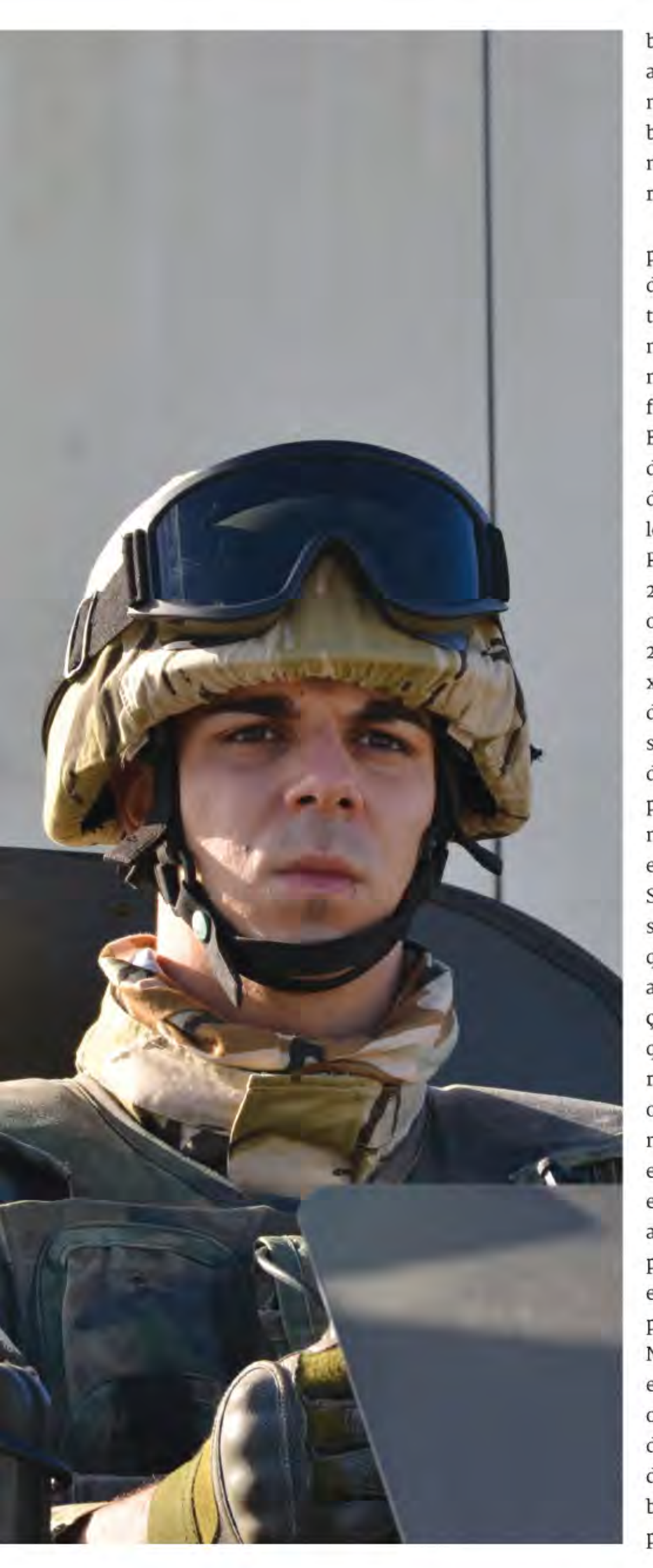
"Passadas mais de duas décadas, por incrível que possa parecer ainda ouvimos, não raras vezes, a estafada pergunta: o que estão os soldados portugueses a fazer no Afeganistão ou Kosovo? Ou há outra ainda pior: Para quê?". Foi com esta importante questão que o Ministro da Defesa Nacional (MDN), Dr. José Pedro Aguiar-Branco, começou o discurso por ocasião da Cerimónia Militar Evocativa do final da Participação Nacional na *International Security Assistance Force* (ISAF), no Teatro de Operações (TO) do Afeganistão, que teve lugar no Forte do Bom Sucesso, em Belém, no dia 4 de dezembro de 2014. Este evento assinalou o fim da presença nacional na missão da NATO – ISAF, através da evocação e reconhecimento da participação de todas as Forças e Contingentes constituídos por militares do Exército, da Marinha, da Força Aérea e da Guarda Nacional Republicana (GNR).

Para além da presença do MDN, que presidiu à cerimónia, o evento contou com o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas (CEMGFA), o Presidente da Comissão de Defesa Nacional, o Secretário de Estado Adjunto da Ministra da Administração Interna, o Chefe do Estado-Maior da

Força Aérea (CEMFA), o Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), o Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada (Vice CEMA), o 2º Comandante Geral da Guarda Nacional Republicana, o Bispo das Forças Armadas e Segurança, entre outras entidades civis e militares.

Em resposta à pertinente questão que todos os portugueses colocam relativamente ao porquê da presença das Forças Armadas Portuguesas nos Teatros de Operações Internacionais, o MDN referiu que "há respostas de todo o género: mais emblemáticas, fundamentando a sua resposta com os compromissos internacionais. Mais políticas, dizendo que é pelo prestígio internacional do país. Ou mais idealistas, justificando-as com a construção da paz mundial". Contudo, revelou com sinceridade que "a verdade porém é que não há compromissos internacionais que, por si só, nos obriguem a enviar soldados para um país distante. Não há prestígio internacional que, por si só, justifique arriscar a vida de militares portugueses, ou paz mundial que, por si só, numa ideia romântica ou utópica, imponha a presença de Portugal num qualquer cenário de guerra além-fronteiras. O que justifica então, que Portugal desloque os seus militares para destinos tão diferenciados e tão distantes? O que têm em comum Cabo-Verde ou a Albânia, o Kosovo com Timor Leste, o Chade com a Lituânia? Têm em comum algo bem mais palpável, bem mais concretizável e muito menos quimérico que a Paz Mundial. Refiro-me ao cada vez mais forte inconformismo das nações com os valores mais elevados e também cada vez mais interdependentes do ser humano: O direito à vida, ao bem-estar e à felicidade".

O Ministro da Defesa Nacional na continuação do seu discurso focou depois aquilo que considera ser o pilar fundamental para a construção de um futuro melhor, a solidariedade e o inconformismo das nações no que diz respeito à privação dos direitos fundamentais do homem. Alertando para a realidade, acrescentou que "as nações são por natureza egoístas e esse egoísmo é o viveiro onde crescem todos os extremismos, todos os radicalismos e todos os fenómenos de insegurança internacional. O egoísmo das nações tem, numa sociedade materialista e conformista, a tradução individual em quem se senta confortavelmente numa poltrona a ver o mundo pela televisão, convicto que a Somália ou o Líbano são locais distantes e são realidades de um qualquer mundo virtual que não nos pode nunca atingir. Foi o egoísmo das nações que permitiu a chegada dos talibãs ao poder no Afeganistão em 1994. Foi o egoísmo das nações que permitiu que milhões de afegãos fossem deixados à sorte num regime tirano e perigoso durante quase uma década. Um egoísmo que só acabou no dia em que esse mundo distante, aparentemente virtual, nos entrou pela sala e nos destruiu o conforto do que se julgava ser a verdade adquirida para sempre no nosso bem-estar. Uma lição aprendida a custo e que importa não repetir agora na Síria ou no Iraque. Aceitar que o nosso



bem-estar coletivo enquanto nação não se constrói apenas dentro das nossas fronteiras. Aceitar que o nosso bem-estar coletivo depende diretamente do bem-estar dos outros, seja aqui ao lado em Espanha, no Mali ou nos Bálticos. Aceitar tudo isto é a razão pela qual estamos hoje aqui".

Por fim, o MDN destacou os riscos e elevada perigosidade da missão no Afeganistão. Prova disso foi a perda de dois militares portugueses no terreno, recordados de forma sentida nesta cerimónia. Os sacrifícios e o exemplo dos homens e mulheres que participaram ativamente na ISAF foi publicamente reconhecido pelo Dr. José Aguiar Branco, com as seguintes palavras: "Assinalamos doze anos de participação portuguesa na missão da NATO no Afeganistão. Provavelmente a mais longa e perigosa missão internacional em que Portugal já participou. Mas celebramos também 25 anos de contributo Português para combater o egoísmo das nações. Um quarto de século. Há 25 anos que as Forças Armadas Portuguesas deixaram de ser apenas um instrumento de defesa dos nossos interesses diretos enquanto país, para serem também um instrumento para a construção de algo maior. E os depositários do mérito principal nessa construção são os milhares de homens e mulheres que todos os dias arriscaram a sua vida e aqueles que deram mesmo a sua vida, como o 1º Sargento Roma Pereira e o Soldado Sérgio Pedrosa que já aqui hoje recordamos, para demonstrar que as nações não podem ser egoístas. Isto é algo a que nenhum discurso, medalha ou condecoração poderá alguma vez fazer justiça. Tanto mais quando são os homens e as mulheres que operam no terreno, que sabem melhor que ninguém o que significa o princípio da solidariedade entre nações. Compreendem na expressão mais nobre e elevada a sua importância, e a importância do exemplo que estão em cada um desse momentos a dar. Soldados, nada nem ninguém os obrigou a percorrer 8737 km para proteger um país que não era o vosso, uma cultura que não conheciam, um povo com quem tinham tão pouco em comum. No entanto fizeram-no. O exemplo que deram, o exemplo que deram há 25 anos um pouco por todo o lado do mundo, é tão sólido como o mais sólido dos nossos castelos. Continuarmos esse caminho do inconformismo das nações é, talvez, o contributo mais importante que um país como Portugal pode dar ao mundo. Graças a vós fazemo-lo há 25

anos, graças a vós vamos continuar a fazê-lo por muitos mais 25 anos. Melhor do que ninguém sabem que a nossa paz, enquanto país, nação e povo, também pode começar num local tão distante e só aparentemente virtual como as montanhas do Afeganistão".

Por sua vez, o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas (CEMGFA), General Artur Pina Monteiro, pautou o seu discurso no mesmo alinhamento que o MDN, ao apontar os riscos enfrentados pelas Forças Armadas Portuguesas e a importância de as homenagear: "Esta cerimónia constitui um simples mas simbólico e justo ato de homenagem ao esforço dos nossos militares da Marinha, do Exército, Força Aérea e também GNR que ao longo de 12 anos cumpriram o que a pátria lhes determinou para a afirmação de Portugal como ator de confiança, credibilidade e competências na produção de segurança cooperativa. Assinalar o final de uma missão com as características próprias de um Teatro de Operações complexo, perigoso, atípico, delicado e continuadamente desafiante com uma cerimónia como esta, é também a forma mais adequada de manter vivas as tradições castrenses que ao longo da nossa existência enquanto país têm caracterizado as Forças Armadas como um dos pilares fundamentais da Nação". O CEMGFA prosseguiu com uma descrição estatística que demonstra bem o empenho de um país de características geográficas pequenas como Portugal, mas grande na sua alma: "Seria exaustivo enumerar todos os quanto contribuíram direta ou indiretamente para esse esforço coletivo de operação e sustentação da missão. Todavia, parece-me relevante referir que em 12 anos foram empenhados no terreno 13.100 homens e mulheres em uniforme militar ao serviço da Pátria Portuguesa. As características geográficas, culturais e de segurança do território afegão ditaram que, nestas circunstâncias, os militares dos ramos da Forças Armadas e da GNR soubessem em cada momento colocar todo o seu conhecimento, capacidade, consistência e confiança ao serviço da missão e assim provar que as Forças Armadas e a GNR estão preparadas e treinadas para atuar em ambiente conjunto e neste caso combinado". Como não poderia deixar de ser, as capacidades dos militares portugueses foram igualmente enaltecidas pelo General Artur Pina Monteiro, pois esta missão "foi uma oportunidade para uma vez mais se

revelar o que de melhor a cultura portuguesa tem, e que nos distingue dos outros povos há mais de cinco séculos. Prova disso são os continuados e rasgados elogios dos altos responsáveis das Forças Armadas Afegãs ao desempenho dos nossos soldados no terreno, bem como dos vários comandantes da missão ISAF. Mas esta missão constituiu também um marco significativo no que concerne à edificação de capacidades militares. A importância da assistência militar como missão essencial no âmbito de segurança cooperativa, revelou-se como oportunidade de afirmação da singularidade do soldado de Portugal, pois na genética do militar português, estão características culturais lusitanas que permitem o relacionamento único com outros povos e culturas".

Porém, não se pense que a missão terminou. O CEMGFA deixou isso bem claro nas últimas palavras dirigidas a todos os que assistiram à cerimónia: "Hoje, simbolicamente assinalamos o fim de uma missão, mas Portugal continua em terra, no mar e no ar, em território nacional ou em paragens mais próximas ou longínquas, a poder contar com as suas Forças Armadas e com os soldados de Portugal".

Para além das alocuções do MDN e CEMGFA, a cerimónia contou, como é apanágio, com uma Parada Militar sob o comando do Coronel de Infantaria Paraquedista Nuno Marques Cardoso (Comandante do 8º Contingente Nacional, última das Forças Nacionais Destacadas na missão da ISAF). Esta Parada Militar foi formada pela Banda e Fanfarra do Exército e por uma força que integrava o 8º Contingente Nacional (8CN), a 7ª Célula de Informações Militares (7CIM), um módulo de apoio responsável pela sustentação do Contingente Nacional e administração dos recursos existentes e, por último, pelo Grupo de Proteção de Força constituída por Militares do Centro de Tropas Comandos (que tiveram como missão principal garantir a proteção dos assessores da Divisão de Cabul durante o seu deslocamento e na sua permanência no interior das Instalações Militares Afegãs). Imediatamente atrás das Forças em Parada encontravam-se representações dos contingentes anteriores, integrando militares da Marinha, do Exército, da Força Aérea e da Guarda Nacional Republicana que, desde 2002, participaram no esforço internacional de estabilização e segurança no Afeganistão. Junto ao mural do Monumento aos Combatentes estavam igualmente dispostos os

PORTUGAL

FLY AIR SAMOUCO
INFORMATIONS
"Testemunhos
de um "Tempo"
EX
FORÇA
AF
INTERNAT

Guiões da Unidades da Marinha, Exército, Força Aérea e Guarda Nacional Republicana que contribuíram para o aprontamento e constituição dos vários contributos nacionais.

Relativamente ao programa da cerimónia, decorreu de acordo com a seguinte fita do tempo: chegada do Ministro da Defesa Nacional e prestação das respetivas Honras Militares regulamentares, integração do Estandarte Nacional do 8º Contingente Nacional na ISAF, Homenagem aos Mortos em Combate, imposição de condecorações, alocução do CEMGFA, alocução do MDN, entrega do Estandarte Nacional ao CEMGFA e desfile das Forças em Parada. Convém assinalar que a Homenagem aos Mortos em Combate contou com um momento muito especial, em que foram relembrados aqueles que tombaram no Teatro de Operações do Afeganistão: o 1º Sargento Comando João Paulo Roma Pereira e o Soldado Paraquedista Sérgio Miguel Vidal Oliveira Pedrosa. Seguido de um momento de silêncio, o Capelão António Borges (capelão do 2ºCN) efetuou uma prece, seguida de um toque de alvorada que se revestiu de significado, como um hino de esperança e fé, na convicção de que o esforço e sacrifício dos camaradas não foram em vão.

Na Cerimónia de Imposição de Condecorações foi atribuída a Medalha de Serviços distintos, Grau Prata, ao Coronel Nuno Cardoso, bem como ao Tenente-Coronel Pedro de Almeida e ao Sargento-Chefe José Quelincho. O Tenente-Coronel Paulo Domingos foi agraciado com a Medalha de Mérito Militar – 2ª Classe, enquanto o Capitão Carlos da Silva e o 1º Cabo Francisco Reis receberam igualmente as medalhas de Mérito Militar de 3ª e 4ª classe respetivamente. O Tenente-Coronel Luís Relvas e o Major João Bernardino foram condecorados com a Medalha da Cruz de S. Jorge de 2ª Classe, enquanto em paralelo o Sargento-Ajudante Gabriel Maia, o 1º Sargento José Martins e o 1º Cabo Jorge Marques também foram distinguidos com a Medalha da Cruz de S. Jorge de 4º Classe.

A cerimónia culminou no Forte do Bom Sucesso, com a inauguração da exposição "Afeganistão: Testemunhos de um Tempo". Esta mostra essencialmente fotográfica foi colocada no interior do Forte e Museu do Combatente, na sala Aljubarrota, com o objetivo de avivar a memória dos doze anos em que os militares portugueses estiveram no Afeganistão.

Fury

"That's my home"

Texto : Alexandre Correia Gonçalves
TCor Cav Miguel Freire
Cad Al Cav Fábio Silva

Fonte : www.warhistoryonline.com

Pedimos a três pessoas, todas com gosto pelo cinema e principalmente por filmes de guerra, que nos fizessem uma crítica sobre o filme "*Fury*" que recentemente passou nas salas de cinema do país. Alexandre Gonçalves é um civil, desenhador de profissão, estudioso e amante da história militar, mais especificamente da II Guerra Mundial. Miguel Freire é Tenente-Coronel do Exército, oficial da Arma de Cavalaria, com larga experiencia militar, nomeadamente como comandante da única unidade de carros de combate do Exército Português. Fábio Silva, é um jovem cadete da Academia Militar, no início de uma carreira que voluntariamente abraçou. Três experiências de vida, três opiniões sobre o mesmo filme.

Fury – visto por Alexandre Correia Gonçalves

"Vocês podem ir rapazes, eu fico aqui... esta é a minha casa..."

Com esta frase, o Sargento Wardaddy, define e dá o mote a *Fury*, um filme passado na Segunda Guerra Mundial, sobre a guarnição veterana de um Carro de Combate Sherman que atravessa a Alemanha nos primeiros meses de 1945. Para um Militar de Cavalaria ou um mero interessado pela Arma, o tema é suficiente para o levar à sala de cinema. Para ajudar, o Sargento Wardaddy é Brad Pitt e o Tiger I não é um T-34 "disfarçado"; é mesmo um Tiger I!

Mas quando a "fita" acaba, nem nos lembramos do Brad Pitt ou do Tiger. E isso é bom sinal. Porque felizmente, *Fury* é mais do que um filme de guerra – consegue, embora sem genialidade, ser um filme sobre a guerra, visto através das escotilhas e periscópios de uma máquina de trinta toneladas, que foi para muitos o seu caixão e, para tantos outros, a sua casa.

Faço sempre a distinção entre filme de guerra e filme sobre a guerra. A fundamental diferença reside no facto de o filme de guerra não conseguir ultrapassar o tema, sendo suportado apenas pela ação, argumento e capacidade de entretenimento. O filme sobre a guerra transcende o tema, tornando-se humanista e, por isso, universal.

Mas vamos ao filme que interessa! Com *Fury*, David Ayer, que para além de realizar, também escreveu o argumento, aspetos técnicos e de produção – A atenção ao detalhe é levada muito a sério e o cuidado com o rigor dos equipamentos usados não tem precedentes, a começar pela utilização do Tiger I, o único sobrevivente em perfeita "ordem de marcha" existente no mundo. Foi capturado pelos Aliados no Norte de África em 1943 e faz parte do espólio do Museu de Bovington em Inglaterra. Há dois anos foi totalmente restaurado a nível mecânico e agora usado pela primeira vez num filme.. O Sherman M4A3E8 "Easy Eight" está "artilhado" corretamente, com os troncos de árvore a servir de arcaica (e pouco eficaz) blindagem reativa. As Browning Cal. .50 e Cal. .30 juntas na torre eram usadas, embora raramente. As condecorações alemãs e fotos das "*sweethearts*" no interior do Carro reforçam o "*leitmotiv*" do filme – a sensação de se "estar em casa". A sonoplastia é irrepreensível e a fotografia muito competente, com particular destaque para a iluminação. Tal como em "Saving Private Ryan", a cor foi desaturada para garantir as tonalidades típicas da película "Kodakchrome". *Fury* foi inteiramente rodado em Inglaterra, no Condado de Oxfordshire mas a atmosfera cénica é muito convincente e respira/transpira território alemão. Ignoro se David Ayer é um apaixonado pela Segunda Guerra Mundial como o são Steven Spielberg e Tom Hanks, mas, se não for, fez os trabalhos de casa! Refiro-me a algumas imagens de filmes documentais e de fotografias que não são iconográficas e conhecidas apenas pelos interessados. Algumas dessas imagens foram captadas na Normandia em 1944 e transpostas para o filme em breves cenas; Para quem já viu o filme, dou-vos dois exemplos: O jovem alemão das SS que é capturado e o cadáver que jaz na estrada lamacenta, consecutivamente esmagado pelas lagartas dos Carros de Combate que vão passando. Ayer retratou-as exatamente como aparecem nas imagens de época. Na realidade, o soldado foi capturado e espancado por soldados Canadianos perto de Caen, na Abbaye d'Ardennes, após saberem do assassinato de doze dos seus camaradas (prisioneiros de guerra) às mãos das SS, no pátio da Abadia. Ayer teve o cuidado de escolher um ator com evidentes semelhanças físicas, com o mesmo corte de cabelo, (despenteado da mesma forma), o mesmo uniforme e até as marcas do espancamento na cara! No caso do soldado morto na estrada, a semelhança com a imagem do documentário é assombrosa. A cena real passou-se perto de Saint Lô durante uma barragem de artilharia alemã. Os condutores dos Sherman obrigados a conduzir com as escotilhas fechadas por causa dos estilhaços, não conseguiam ver a estrada imediatamente abaixo do Carro e passavam por cima dos soldados que tombavam no seu caminho. Logo após o bombardeamento, quando a equipa de cinema do exército filmou a coluna a passar, o corpo do soldado estava literalmente espalmado e misturava-se com o uniforme e com a lama.

Contexto histórico – apesar de ser uma obra ficcionada, *Fury* está alicerçado em factos reais. Embora não seja referenciado no filme e para quem não sabe, a ação passa-se em abril de 1945, mais concretamente antes do dia 12 desse mês, porque nos dois dias seguintes, a 2ª Divisão de Blindados chegou às margens do Rio Elba e ai se manteve por

ordem de Eisenhower. A partir desse momento, o seu papel limitou-se a manter a área conquistada e a enviar ocasionalmente patrulhas através do rio. (já estava decidido que Berlim ficaria para o Exército Vermelho) A Unidade representada no filme é a Companhia F, do 66º Regimento Blindado da 2ª Divisão Blindada do 1º Exército do General Courtney Hodges. A Guarnição do *Fury* combateu de facto junta desde o Norte de África e o soldado que substitui o tripulante morto dentro do Carro, pretende ser Mike Skovira, que na realidade se juntou à guarnição mesmo antes da Batalha das Ardenas.

Viver num Carro de Combate – Como era a vida dentro de um Carro de Combate durante a guerra, ou neste caso, dentro de um Sherman? O Historiador Mark Bando, que entre 1995 e 1999 entrevistou mais de trezentos Veteranos da 2ª Divisão Blindada para a realização do seu livro *Breakout at Normandy – The Second Armored Division in the Land of the Dead*, (livro que aconselho vivamente) sugeriu a David Ayer que falasse com Ray Stuart, um Veterano que pertenceu à Companhia Fox e combateu no Sherman supostamente representado no filme. A produção pagou-lhe a viagem para Inglaterra e Stuart explicou aos atores como era a vida dentro do Carro. Pelos vistos, a sua explicação foi boa porque o resultado é seguramente um dos pontos fortes do filme. A colocação da câmara em vários pontos/ângulos dentro de um espaço tão reduzido é muito bem conseguida e a iluminação do interior do Carro é irrepreensível. Curiosamente, o interior parece maior do que é na realidade porque Ayer utiliza um truque (jogo de lentes) que poderia ter sido contraproducente quando se quer transmitir precisamente o oposto; Felizmente, não o foi – não se perde a noção de espaço confinado e simultaneamente ganha-se a amplitude de uma "casa". O Sherman é um Carro espaçoso e "confortável" se comparado por exemplo ao T-34. (Já estive dentro de ambos e a diferença é evidente) Ao jeito de Wolfgang Petersen em Das Boot, (embora sem a sua mestria) Ayer consegue com brilhantismo a atmosfera claustrofóbica da máquina. A "química" criada entre os atores que compõem a guarnição contribuiu em grande medida para o realismo do retrato. Tal como os rapazes dos submarinos, os "Rapazes dos Tanques" partilham uma intimidade e um sentido de irmandade distinto das outras Armas. Ali dentro, dormiam, comiam, riam, choravam e morriam. A cena de um dos tripulantes dentro da Torre a urinar para a caixa de munições é mais um pormenor de "realismo" e uma das muitas provas dessa vivência. Poderia ser a defecar ou a vomitar. *Fury* projeta com distinção esse sentimento.

A título de curiosidade, quando disseram a Ray

Fonte : www.warhistoryonline.com

Stuart que o ator principal do filme era Brad Pitt, a resposta (já famosa) do velho veterano, foi "Who the hell is Brad Pitt?"!!!

As cenas de combate – A dança das tracejantes multicolores, as explosões e os impactos dos projécteis nos Carros estão soberbos. O combate urbano nas pequenas vilas alemãs, inspirado em fotografias de época, é muito convincente. A cena em que os Sherman ficam debaixo do fogo das peças anticarro dissimuladas na orla da floresta está superiormente filmada e foi talvez a ação envolvendo Carros de Combate mais bem feita que vi até hoje. A batalha entre o Tiger solitário e os cinco Sherman é "*Textbook*" na sua execução – Taticamente correta e apoiada nas estatísticas de que eram necessários cinco Sherman para derrotar um Tiger.

O primeiro close-up do Tiger, imóvel, sem a já cansativa figura marcial vestida de negro do Comandante na torreta e a voz com o efeito do intercomunicador que se ouve do seu interior consegue ser original e cheia de estilo. Torna a máquina numa entidade viva e funciona muito bem em termos estéticos. Sente-se a invencibilidade do monstro e o medo e impotência do(s) adversário(s). Infelizmente, do ponto de vista puramente cinematográfico, esta cena imaculada tem uma "nódoa" que poderia ser facilmente evitada – dois ou três segundo de uma vista "olho de pássaro" feita em computador e que serve apenas para mostrar a manobra de flanqueamento que se percebe perfeitamente com a câmara ao nível do chão. Este apontamento "vídeo game" é quase infantil, retira classe a uma cena perfeita e não encontro justificação para o que terá levado David Ayer a introduzi-la no filme.

A batalha final é muito bem construída, mas, totalmente irrealista. Porquê? É demasiadamente longa. Numa situação real, um Carro de Combate imobilizado face a infantaria tão numerosa seria dominado muito mais cedo. A intenção de Ayer é óbvia – a resistência que parece não ter fim serve apenas para suportar e justificar o heroísmo dos homens. Para o leigo, esta cena até pode fazer sen-

tido, mas para o militar e o conhecedor do tema, deixa um amargo de boca. Na minha opinião Ayer poderia facilmente ter terminado o seu filme como Petersen terminou "Das Boot". Até porque o escreveu. Há três pormenores que merecem menção, um pela positiva, outro pela negativa e o último sem adjetivação por benefício de dúvida: Comecemos pelo positivo – no fim da batalha, quando o fumo se dissipa, vemos a blindagem do Sherman repleta de "arranhadelas", uma imagem poderosa e que revela uma vez mais a extrema atenção ao detalhe e a sensibilidade estética de Ayer. Pelo negativo – a postura corporal e a face tranquila de Brad Pitt dentro da torre do Carro, sem uma única "arranhadela", depois de um alemão ter atirado duas granadas lá para dentro! Mais uma vez, percebo a intenção de Ayer – depois do dever cumprido e de ter morrido na "sua casa" o guerreiro reencontra na morte a serenidade e a paz perdidas numa vida de guerra – esta expressão de paz é bem real, tantas vezes descrita por sobreviventes ao contemplarem os seus camaradas mortos. Mas numa morte assim, essa expressão não existe. Finalmente a cena em que um jovem soldado das SS espreita por baixo do Sherman e ilumina com a sua lanterna a cara aterrorizada do jovem soldado substituto. Olham-se durante breves segundos... o SS desliga a luz, levanta-se e segue o seu caminho. Se fosse um soldado da Wermacht, seria uma atitude mais plausível. Tenho sérias duvidas que um soldado das SS se mostrasse tão misericordioso, tendo em conta a mortandade que aqueles inimigos infligiram aos seus camaradas momentos antes. Para mais, na sua própria Pátria. Mas Ayer teve o cuidado de escolher um alemão tão jovem quanto o americano e com isso passar uma mensagem subliminar de esperança/basta de morte. Outra justificação, menos filosófica, é a do filme se passar um mês antes da guerra na Europa terminar e mesmo as SS, que normalmente lutavam até à morte, sabiam ou sentiam que a Alemanha estava condenada. Na Frente Ocidental, a rendição (mesmo das SS) podia significar a sobrevivência. Se *Fury* fosse passado na Frente Leste, Ayer teria de arranjar outra maneira de salvar o soldado!

A moral do filme – Não poderia ser mais americana. A salvação da inocência e da humanidade, representada pelo jovem soldado substituto, sensível e não preparado para a brutalidade da guerra na linha da frente nem para a convivência com ve-

Fonte : upload.wikimedia.org

38.

Fonte : ww2db.com

teranos endurecidos pelo "melhor trabalho que já tiveram". Mas, mais uma vez, ao jeito de "Saving Private Ryan", o inocente humanista (tal como o Cabo Upham) é rapidamente obrigado a saber matar para não ser morto e, no fim, descobre o significado de irmandade entre homens para quem a guerra se tinha tornado já uma velha amiga. No fim, ganha a coragem que não sabia ter e, claro está, é o único sobrevivente. Por coincidência artística, ambos os personagens têm uma especialidade de retaguarda e ligada às letras e artes, que serve para estabelecer a diferença entre o soldado de combate e o soldado de "secretária". Neste aspeto, como em muitos outros, é difícil escapar a Spielberg quando se faz um filme (ocidental) sobre a guerra.

Veredicto – Espero que David Ayer faça um novo filme sobre a guerra. Gostei muito deste. Não fossem aquelas três falhas e se eu tivesse saído da sala com um nó na garganta, *Fury* seria uma obra-prima.

Fury – visto pelo TCor Cav Miguel Freire

Fúria: nome de um Carro de Combate, sentimento de uma guarnição

No outono de 2014 passou nas salas de cinema nacionais um dos mais aguardados filmes do ano: *Fury*. Não se tratou apenas de mais um filme sobre a Segunda Guerra Mundial. Para o escritor e realizador, David Ayer, tratou-se de retratar as pequenas unidades de testa das grandes formações blindadas que combatiam e morriam no anonimato, nas semanas finais da guerra e já no coração da Alemanha nazi. Combater em abril de 1945, era correr o risco de não testemunhar tudo por que se tinha lutado: a libertação da Europa.

A curiosidade do filme é precisamente centrar-se nas unidades blindadas, concretamente, numa guarnição de um Carro de Combate Sherman M4A3E8 da 2ª Divisão Blindada do exército americano. Como o próprio realizador fez questão de sublinhar, já se tinham feito filmes épicos sobre os paraquedistas (por exemplo na série "Band of Brothers") sobre os rangers (em "Saving Private Ryan", de Steven Spielberg) mas nunca sobre as tropas blindadas, quando foram estas que efetivamente ganharam a guerra. O objetivo foi fazer um filme épico de carros de combate que a um conjunto de estrelas e a um orçamento "hollywoodesco", se acrescentou um genuíno empenhamento em fazer algo incomparável. Para isso muito contribuiu o irrepreensível rigor histórico colocado. Toda a equipa, desde o guarda-roupa aos conselheiros históricos e técnicos, se esmeraram a níveis nunca antes vistos. Basta dizer que todas as viaturas usadas eram originais da Segunda Guerra Mundial (algumas de coleções privadas), inclusive o Carro de Combate alemão Tiger I que dizimou o pelotão do *Fury* e que o Tank Museum de Bovington, no Reino Unido, cedeu a título excecional (é o único exemplar deste modelo de Carro de Combate ainda a funcionar) depois de se certificar que a qualidade do filme justificava desgastar a "já-no-limite" mecânica do Carro. E bem se pode dizer que foi conseguido.

Mas o filme é muito mais do que Carros de Combate e combate de blindados, é também um relembrar rude e agressivo sobre a natureza humana na guerra, principalmente nas semanas finais de uma guerra total que consumia a humanidade há quase seis anos. Há, por isso, uma violência latente em todo o filme que se vai materializando em execuções sumárias, e a sangue-frio, às mãos de um Sargento Chefe de Carro, Wardaddy, que teimava de forma quase irracional em manter a sua guarnição viva.

"The best job I've ever had"

Pertencer a uma guarnição de Carro de Combate é diferente de tudo o resto e o filme retrata isso magistralmente. As variações de humor entre os seus cinco elementos sucedem-se entre momentos de camaradagem e amor fraternal com violência física e verbal. Não é difícil imaginar este ambiente numa guarnição veterana consumida pelos horrores da guerra – os restos mortais de um dos seus elementos permaneceu demasiado tempo no interior do CC. Durante décadas os Carros de Combate foram o único sistema de armas em que os mesmos elementos operavam, mantinham e combatiam com esse sistema. Hoje, já não é literalmente assim, pois as evoluções tecnológicas exigem que a manutenção seja feita por especialistas e que as guarnições adotem uma postura mais de piloto de aeronave que voa num sistema de armas mantido por especialistas. Mas no *Fury*

Fonte : upload.wikimedia.org

assistimos à velha escola de uma atenção religiosa para que tudo esteja sempre funcional, nem que seja o atento murro que se dá no rádio para que ele transmita.

O trabalho em equipa como condição insubstituível para a sobrevivência no campo de batalha não é exclusivo das guarnições de Carros de Combate, mas nelas é elevada a um patamar difícil de igualar. Confinados a um espaço físico reduzido, os elementos de uma guarnição de Carro de Combate vivem na direta dependência uns dos outros e da própria máquina que é o Carro de Combate, por isso não admira que estas máquinas sejam batizadas com nomes de entes queridos (muitas vezes de elementos da guarnição que morreram) ou de sentimentos da própria guarnição. A emboscada anticarro explora a fragilidade do carro de combate: ângulos mortos às curtas distâncias; o combate entre Carros de Combate é uma luta de perícia técnica e tática. Em ambos os casos, à guarnição atingida ou derrotada espera uma morte lenta pelas chamas ou uma tentativa de fuga desprotegida. Nesta matéria, os dramas mantêm-se ainda em pleno século XXI.

"That's my home"

O combate final, já depois do *Fury* se imobilizar no cruzamento de caminhos, é excessivo para as capacidades de um só Carro de Combate e da

sua guarnição, o realizador parece não ter resistido à epopeia, mas é aqui que entra Hollywood. O compromisso de Wardaddy em manter a guarnição viva deu lugar a um sentimento "egoísta" de ficar (e morrer!) no que considerava ser a sua casa. Mesmo assim a situação transporta-nos para o dilema entre a obediência numa atitude que transcende a própria cadeia de comando e entra no domínio do amor fraternal e que se sobrepõe – mesmo que penosamente! – sobre o instinto da sobrevivência. David Ayer não resistiu, pois, a recriar a situação que resiste ao tempo e ultrapassa as muitas fronteiras (políticas, religiosas, culturais, etc.) que separam os dois lados em guerra: é que consumidos pelos horrores da guerra os soldados combatem e morrem pelos seus pares.

Fury – visto pelo Cad Al Cav Fábio Silva

Num momento quase coincidente com o meu ingresso na Arma de Cavalaria, estreou um filme nas salas de cinema portuguesas, que dado o seu foco é obrigatório para qualquer amante de cinema, especialmente os que são militares, e indubitavelmente os de Cavalaria. *Fury*, constitui-se como mais um dos filmes de referência da Segunda Guerra Mundial, mas este com uma diferença fundamental, ser centrado na experiência de uma guarnição de Carro de Combate (CC). No momento em que entro na Arma de Cavalaria é, sem dúvida, essencial e importante perceber e apreender as lições das experiências que o filme nos mostra, e que tão bem o faz. *Fury*, mostra-nos o lado humano de uma guarnição de Carros de Combate, permitindo-nos associar caras e histórias, ao mesmo tempo que nos mostra as dificuldades, e problemas das guarnições dos CC, na Segunda Guerra Mundial. A lutar com um inimigo que, em desvantagem numérica, detinha ainda superioridade na qualidade do equipamento, aliada à experiência das suas guarnições, tornava-o temível. Isto é relevante porque mostra-nos a importância dos meios disponíveis, face à forma como encaramos o combate. É percetível (principalmente na cena do combate com o Tiger) a adaptação das táticas dos CC ao facto do inimigo ter peças mais potentes e uma blindagem mais espessa, em que as munições dos Sherman faziam ricochete. É importante referir o ataque inicial contra forças de infantaria

42.

Fonte : www.warhistoryonline.com

e anticarro em que vemos os CC apoiados pela Infantaria, algo que nos recorda um dos princípios fundamentais do combate moderno, o conceito de Armas Combinadas. A ideia de complementar o poderio dos CC com a flexibilidade e a proteção próxima providenciada pela Infantaria, triunfa nesta sequência e recorda-nos o princípio da complementaridade, essencial na Guerra da Manobra. É importante retirar conclusões destas táticas "quase-suicidas" de avançar em linha contra o CC inimigo, a necessidade de adaptação das nossas Táticas, Técnicas e Procedimentos (TTP) deve permanecer sempre nas nossas mentes, e sempre tendo em vista o tipo de ameaça que enfrentamos.

É importante reter também, a visão daquilo que é lutar, viver e conviver, com uma guarnição que se move e fala no espaço exíguo que é um CC, e principalmente perceber a relação especial que esta cria com o Carro, pois é ele que nos permite cumprir a missão, é ele que nos protege dos fogos inimigos, mas sempre tendo em conta que rapidamente se torna numa armadilha mortal em caso de sermos atingidos. Percebe-se que é necessário criar um espirito especial de entreajuda e apoio, dentro daquele que se torna o nosso porto de abrigo, e que permite melhorar o rendimento que podemos obter dele. Os conceitos de trabalho de equipa, espírito de corpo e camaradagem estão presentes e visíveis ao longo do filme. A promessa, de todos sobreviverem à guerra, feita pelo Sarg. Collier, chefe de carro do *Fury* (papel desempenhado por Brad Pitt), demonstra que a guarnição se torna em mais que uma equipa, tornam-se irmãos de sangue, uma família criada pelas vicissitudes de uma guerra que não escolheram mas tiveram que lutar. A receção ao novo elemento, Norman (Logan Lerman) que desconhecia a realidade da guerra mostra a necessidade de uma adaptação rápida, e isso constitui-se como um desafio à guarnição, que se une para "treinar" o seu novo elemento, ainda que de forma por vezes cruel, mas necessária à sobrevivência do *Fury* e de todos os seus elementos.

O filme permite-nos também tirar lições de algo essencial na vida militar: a Liderança. Constata-se ao longo do filme a existência de dois tipos de liderança. Uma consubstanciada na figura do Sargento Collier, e que nos mostra a preocupação com os seus homens, e que através do seu exemplo e com as palavras "*This is my home*" referindo-se ao *Fury*, convence a guarnição a cumprir a sua missão, ainda que "mesmo com o sacrifício da própria vida". E a liderança do Comandante de Pelotão, que pela sua juventude e inexperiência, demonstra a sua falta de confiança, o que em combate não pode acontecer. A confiança atribuída pela guarnição ao seu chefe de carro contrasta com a visão que temos do comandante de pelotão, que não chega a ter oportunidade de comandar realmente o seu pelotão.

Fonte : www.warhistoryonline.com

É importante recordar como a liderança é importante, a preocupação com os nossos homens (que são a base da nossa instituição), cumprir a Missão (sempre na perspetiva de "levar a Carta a Garcia"), são princípios basilares e essenciais caracterizadores daquilo que é a Instituição Castrense e que devem estar presentes em todos os nossos atos, quer como comandantes, quer como subordinados.

Fury é assim um filme de guerra, que se torna muito mais do que isso, permite-nos aprender e retirar valiosas lições para comandar homens, e sobretudo comandar unidades de cavalaria. É, sem dúvida, um filme a ver e a rever porque nos ensina sempre a sermos melhores militares, e Ser Militar é sem dúvida "*The best Job I've ever had*".

Visitas Guiadas ao Palácio dos Marqueses do Lavradio

A Direção de Infra-Estruturas está a promover visitas guiadas ao Palácio dos Marqueses do Lavradio (antigas instalações dos Tribunais Militares e atuais instalações da Direção de Infra-Estruturas e da Direção de História e Cultura Militar), situado no Campo de Santa Clara, em Lisboa, que terão lugar na última sexta-feira de cada mês com início pelas 10h30 e 14h30.

As visitas, com caráter gratuito, destinam-se a grupos com um número mínimo de cinco e máximo de vinte visitantes, com a duração aproximada de uma hora, acompanhadas por elementos da Direção.

Para efeitos de coordenação e marcação de inscrições deverá ser contatado o Sargento-Chefe Paulo Almeida, através do telefone 218815743 ou através do endereço eletrónico almeida.pjs2@mail.exercito.pt, com a identificação do grupo, o número de pessoas e o contato do seu representante.

Invencível

Cinema, drama, biografia

Segundo filme de Angelina Jolie como realizadora, "Invencível" baseia-se na biografia do piloto e atleta Louis Zamperini (1917- 2014) e conta com os famosos irmãos Coen no argumento. A narrativa fecha-se sobre a vivência extraordinária de Zamperini (protagonizado por Jack O'Connell), que releva a sua infância rebelde, em que não conseguia evitar meter-se em sarilhos, e também o apoio incondicional do irmão mais velho. Encorajado por este, Louis canaliza a sua energia no desporto e consagra-se campeão olímpico. Porém, quando rebenta a II Guerra Mundial, o protagonista alista-se como piloto e, no decorrer duma missão, o bombardeiro em que segue despenha-se no Pacífico. Seguem-se 47 dias de dura batalha pela vida à deriva no mar, que culmina com o seu resgate pela Marinha Japonesa. É então tornado prisioneiro de guerra e enviado para um campo durante dois anos, onde luta para sobreviver às condições desumanas que constantemente testam os seus limites físicos e psicológicos.

Armadilha nos Trópicos

Este romance, leva-nos ao mundo dos negócios de bastidores entre os actores políticos e a ambição desmedida de fazer dinheiro fácil e sem escrúpulos. A trama passa-se em 2021, e retrata um país "pós-troika", desiludido, deprimente e pessimista, com as novas medidas económicas e sociais implementadas.

É nesse contexto que nos bastidores da política se irá desenrolar uma conspiração entre dois influentes elementos do partido do poder, com um general americano e um traficante de armas para controlarem as reservas de bauxite de um pequeno país africano. Quando o escândalo diplomático estala em África, em Lisboa abre-se uma crise politica e a tensão entre o Presidente e o Primeiro-Ministro vai atingir o seu apogeu numa atribulada reunião do Conselho de Estado.

O autor, neste *thriler* politico, mostra-nos um mundo que nos rodeia no seu pior, como já nos havia mostrado nas suas obras anteriores "Bastidores da OPA" (2007) e " Efeito Dominó" (2011).

André Pinto Bessa, *Armadilha nos Trópicos*, Padrões Culturais Editora, 2014

Cadernos de Militaria Portuguesa

Uniformes do Corpo Expedicionário Português

Cadernos do Armamento Regulamentar Português

Metralhadora Ligeira 7,7 mm M/917 LEWIS

A editora destes dois livros já nos habituou com publicações de relevante interesse, não só para os militares mas para todos aqueles que se interessam por assuntos de história e estratégia. Agora traz-nos à estampa duas novas coleções. Os autores são dois nomes já bem conhecidos daqueles que apreciam temas de uniformologia e armamento militar. Estes livros, muito no género do publicado pela famosa editora britânica Osprey, são profusamente ilustrados com fotos da época e com fotografias atuais de peças de uniformes e de armento que felizmente chegaram aos nossos dias. Sem dúvida um excelente contributo para melhor conhecer a participação dos portugueses na Grande Guerra, precisamente agora que estamos num período de evocação da passagem dos cem anos sobre este facto tão relevante da história da Europa e do mundo.

Pedro Soares Branco e Jaime Ferreira Regalado, Fronteira do Caos, 2014

Da Fundação do BIMec ao 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado: O Futuro de Nós Dirá

Esta publicação, tal como o nome indica, conta com uma ampla resenha histórica que vai desde a fundação do Batalhão de Infantaria Mecanizado (BIMec) ao 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado (1BIMec), que passa por uma extensa divulgação do percurso de emprego operacional da primeira unidade mecanizada do Exército Português. Contudo, o livro (só disponivel em Pdf) não se limita apenas a uma descrição histórica, pois conta igualmente com uma detalhada partilha do "know-how" obtido sua abrangente experiência operacional, traduzida em múltiplos empenhamentos de Treino Operacional e em Teatros de Operações diversificados como por exemplo: Afeganistão, Bósnia, Kosovo e Timor. Como curiosidade, conta ainda com digitalizações do livro de honra, uma síntese das publicações do 1BIMec e ainda uma descrição das atividades realizadas desde setembro de 2012 a setembro de 2014, com mensagens, testemunhos e relatos dos vários intervenientes.

46. Centenário da I Guerra Mundial

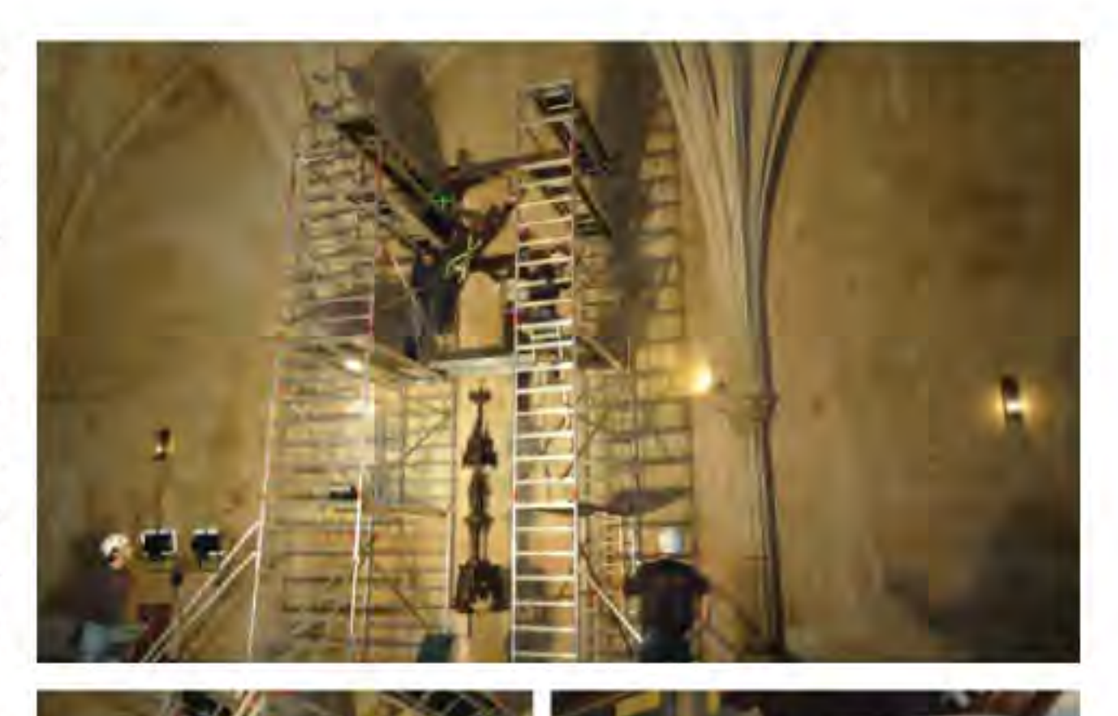
O Cristo das Trincheiras na Evocação do Centenário da Grande Guerra

A imagem do Cristo das Trincheiras, que foi trazida da área de atuação do Corpo Expedicionário Português (CEP) para Portugal em 1958, identifica-se com o sacrifício dos vivos e a memória dos caídos durante a Grande Guerra. Por essa razão, no âmbito das evocações do centenário da Grande Guerra, a imagem do Cristo das Trincheiras foi colocada numa mostra ao público, na exposição "Neste Mar de Lágrimas", inaugurada a 29 de novembro, exibição esta que evoca as aparições de Fátima em 1917, ano em que as Forças Armadas portuguesas se batiam em França e em África durante a Grande Guerra.

A inauguração da exposição contou com a presença de D. António Augusto dos Santos Marto, Bispo de Leiria, do Reitor do Santuário de Fátima, Padre Carlos Manuel Pedrosa Cabecinhas e do Diretor do Serviço de Estudos e Difusão do Santuário de Fátima, Doutor Marco Daniel Duarte, bem como do Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-General Chito Rodrigues.

Depois da abertura do evento pelo Reitor do Santuário fez-se uma visita guiada a toda a exposição, no final da qual o Tenente-General Chito Rodrigues proferiu um discurso alusivo ao evento, onde realçou o facto de "ser a primeira vez que a imagem do Cristo das Trincheiras sai da sala do Capítulo do Mosteiro da Batalha desde o ano de 1958, data em que entrou naquela sala. Ali se tem mantido sobre o túmulo, em campa rasa, de dois soldados desconhecidos caídos, um em França outro em Moçambique, e onde o Exército mantém em permanência uma guarda de honra. É o lugar de memória da Grande Guerra, por excelência, composto pelo Túmulo do Soldado Desconhecido (1921), o Lampadário e Chama da memória, obra do Mestre Chaves de Almeida (1924), o Cristo das Trincheiras (1958) a Guarda de Honra e o Museu das Oferendas".

O General concluiu o discurso afirmando que "com esta decisão, estamos prestando um significativo ato de justiça e de merecida homenagem aos que, há 100 anos, serviram as Forças Armadas de Portugal em dramáticas circunstâncias. A visibilidade rejuvenescida que estamos proporcionando ao Cristo das Trincheiras, desejamos possa potenciar entre os do presente e vindouros, a atenção e o reconhecimento daqueles que em momentos extremos e tão difíceis de suas vidas batendo-se por Portugal, nele acreditaram e a Fátima suplicaram. Os que fizeram a Guerra do Ultramar, e Nele acreditam, veem Nele o «Cristo das florestas e do capim», a quem rezaram. Fazemos votos para que a exposição seja um sucesso".



20º ANIVERSÁRIO 1994/2014

GRUPO MILICIA

DE PROFISSIONAIS PARA PROFISSIONAIS

PME líder

MILICIA PRO MILICIA SCIENCE SRTEL PRO SISTEM TACTICAL PRO GAMEFAYR PLAY

1994 - 2014, 20 anos a contribuir, em Portugal e no estrangeiro, para criar sociedades mais seguras, fornecendo aos profissionais do sector equipamentos e fardamentos adequados às suas missões.

Em conjunto com os nossos clientes, propomos uma vasta gama de soluções de fardamento, equipamento e formação para diferentes finalidades, privilegiando altos padrões de qualidade, prazos e orçamentos realistas.

Visite-nos na Av. Poeta Eugénio de Andrade, n.º1267, Canidelo, Vila Nova de Gaia e em **www.miliciapro.com**

EXÉRCITO
RECRUTAMENTO
UM DESAFIO
UMA OPORTUNIDADE!

TEMPOS DEPOIS...

QUE ME DIZES, JOÃO, DE DARMOS UMA VOLTA ALI PELOS CUMES DA SERRANIA? A PAISAGEM DEVE SER SOBERBA!

MAS POR ALI PODEM ANDAR OS LOBOS, PEDRO. NÃO ACHO PRUDENTE QUE...

ERA COMO TU DIZIAS, PEDRO. A VISTA É SOBERBA! VALEU A PENA O ESFORÇO
TAMBÉM TU TINHAS RAZÃO QUANTO ÀS ARMAS, JOÃO. JÁ VISTE O QUE SE PASSA ALI EM BAIXO?
CÉUS, PEDRO! OS LOBOS!
SIM. E AMEAÇAM AQUELA POBRE PASTORA, QUE DEFENDE OS SEUS CORDEIRINHOS!
VAMOS, JOÃO! TEMOS DE INTERVIR!
OLHA COMO ELES FOGEM!
É MELHOR IRES LÁ MAIS PARA BAIXO, MOÇA.
OBRIGADA, GENTIS SENHORES, OBRIGADA!

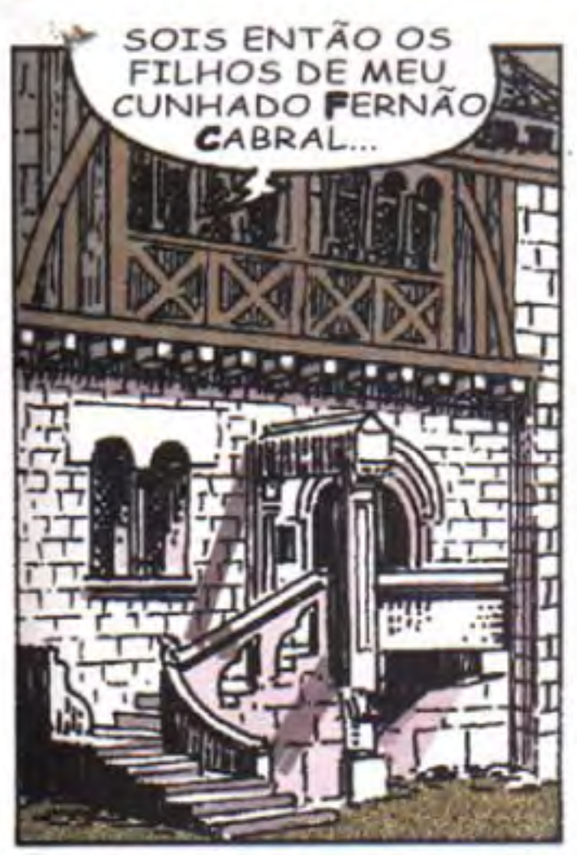
DOIS ANOS MAIS TARDE...

MEUS FILHOS. AMANHÃ PARTIREIS PARA COIMBRA, ONDE IREIS ADQUIRIR EDUCAÇÃO DIGNA DE FIDALGOS QUE SOIS. ESPERO QUE VOS COMPORTEIS À ALTURA DOS NOSSOS PERGAMINHOS FAMILIARES.

LISBOA. VERÃO DE 1487...

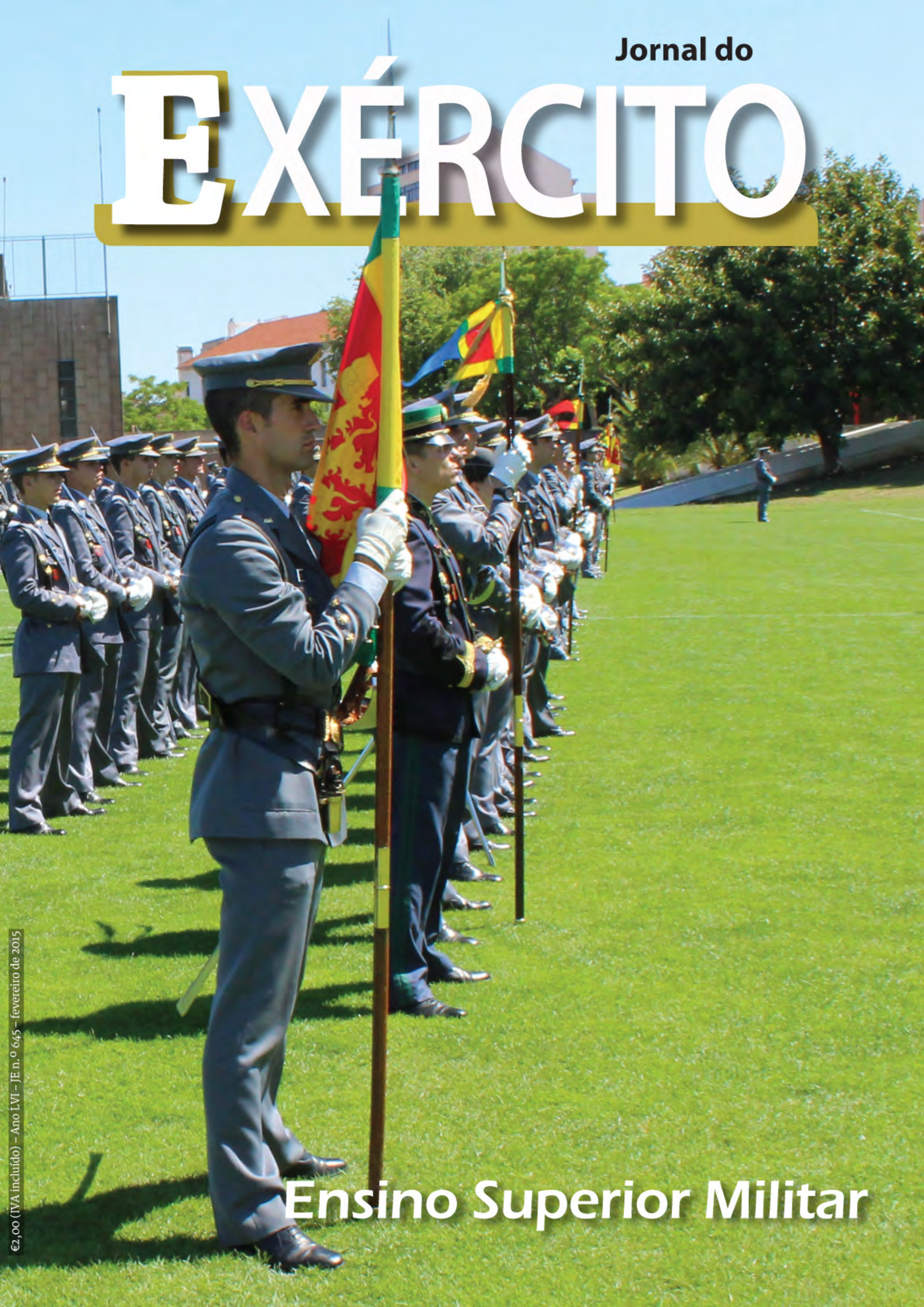
LISBOA! ATÉ QUE ENFIM! JULGUEI QUE FOSSE BEM MAIOR...

BEM. AGORA HÁ QUE PROCURARMOS NOSSO TIO PEDRO FERNANDES DE GOUVEIA...



Jornal do

EXÉRCITO



Ensino Superior Militar

€2,00 (IVA incluído) – Ano LVI – JE n.º 645 – fevereiro de 2015

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Coronel de Infantaria José Custódio **Madaleno Geraldo**, Diretor do *Jornal do Exército*

"Dulce et decorum est pro patria mori"

Divisa da Academia Militar

As origens da Academia Militar [AM] remontam à época da Restauração, quando D. João IV criou a Lição de Artilharia e Esquadria, por decreto de 13 de maio de 1641, considerada por alguns autores como a primeira escola oficial de ensino militar em Portugal, referido no nosso *Jornal do Exército* [JE] de janeiro de 2012, num artigo do então Coronel Tirocinado e agora Major-General João Vieira Borges. Segundo o autor citado, outro marco significativo das origens da AM relaciona-se com a criação da Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho, por D. Maria I, a 2 de janeiro de 1790. Mais tarde, a 12 de janeiro de 1837 [é este o marco que está ligado ao dia festivo da atual AM], quando desempenhava as funções de Ministro da Guerra o Coronel Sá Nogueira de Figueiredo, então Visconde e mais tarde Marquês Sá da Bandeira, deliberou a criação da Escola do Exército, denominação que permaneceu até 1910. Esta nobre instituição teve, ainda, outras designações: de 1911 a 1919 passou a chamar-se Escola de Guerra, de 1919 a 1938 voltou a chamar-se Escola do Exército e, finalmente, em 12 de fevereiro de 1959 foi criada a Academia Militar, que já formou oficiais dos três ramos das Forças Armadas. Atualmente forma oficiais, homens e mulheres, do Quadro Permanente do Exército e da Guarda Nacional Republicana. Mas o tempo é dinâmico e o Ensino Superior Militar está a sofrer outra Reforma e irá ter repercussões na Academia Militar, que mais uma vez se irá adaptar ao novo paradigma da realidade militar atual, conforme artigo do mesmo autor neste número deste JE, agora Diretor de Ensino da AM. Segundo o novo regulamento da Academia Militar, esta tem por missão formar oficiais destinados aos quadros permanentes do Exército e da Guarda Nacional Republicana e promover o desenvolvimento individual para o exercício de funções de comando, direção e chefia. A Academia Militar continuará, hoje... como ontem, a formar líderes! Em conversa com um amigo, o engenheiro Pires Veloso, abordávamos as qualidades dos gestores. Dizia ele que três das qualidades para gerir eram a educação, o trabalho e a inteligência, ao que eu acrescentei: "mas isso não faz um líder!" Ele concordou, sorriu e acrescentou: "pois não... teremos que acrescentar a honestidade, a humanidade e a humildade". Talvez seja esta última a qualidade mais difícil de todas de ser praticada. Nós, que já refletimos sobre o assunto, concordamos que esta é uma síntese dos muitos valores e princípios que devem caracterizar os oficiais das Forças Armadas e de Segurança. Na opinião de Peter Drucker e Warren Bennis: «Gerir é fazer as coisas de maneira certa; liderar é fazer as coisas certas.» O líder é preparado para cumprir missões, tem que ter confiança em si próprio para comandar os outros [Horácio] e tem que dar o exemplo para ter a confiança dos outros e todos juntos levarem a "carta a Garcia". Parabéns aos colaboradores e, em especial, a todos os alunos e oficiais da Academia Militar, de sempre!

Monumentos aos Combatentes da Grande Guerra – Évora

Texto : Tenente RC Eder Sousa

Para quem se interessa por história, nada melhor do que visitar a cidade de Évora. Com um dos centros históricos mais bem-preservados e rico em monumentos, não é pois de admirar que lhe chamem a Cidade-Museu. Com efeito, Évora é a única cidade portuguesa membro da rede de cidades europeias mais antigas (grupo fundado em 1994) e o seu centro histórico foi declarado Património Mundial pela UNESCO em 1986.

No centro histórico encontramos a Sé Catedral, a Capela dos Ossos, o Palácio de D. Manuel, o Templo Romano de Évora, o Convento dos Lóios, a Igreja de São Francisco, entre outros monumentos de grande interesse e legado histórico. Junto à principal entrada que dá acesso ao centro histórico da cidade encontramos o Rossio de S. Brás, onde está o Monumento aos Combatentes da Grande Guerra, de Évora. Inaugurado com grande solenidade em 4 de junho de 1933 pelo então Presidente da República, Óscar Fragoso Carmona, este monumento destaca-se de outros do género pela sua imponência, tendo em conta os seus onze metros de altura. Apresenta como peça central uma figura alada (em bronze) simbolizando Vitória, sobre um plinto de granito regional, da autoria de João Silva.

O brasão da cidade de Évora faz também parte do conjunto, abaixo do qual tem a seguinte inscrição em latim: "Feliis Pró Pátria Caesis Ebora", que significa "Évora oferece aos filhos mortos pela pátria", da autoria do Professor Domingos António Vaz Madeira. Resta acrescentar que dos lados esquerdo e direito tem ainda as seguintes legendas: " França 1917-1918" e "África 1914-1918". Na parte de baixo existe uma placa de bronze com o escudo da Liga dos Combatentes da Grande Guerra e, a cada canto do monumento, uma peça de artilharia também em bronze.

A ideia de dotar a cidade de tal monumento partiu de um grupo de militares e civis, entre os quais se destacam o General Óscar Fragoso Carmona (na época Comandante da Região Militar de Évora e posteriormente Presidente da República) e o Governador Civil do Distrito, Jorge de Barros Capinha, tendo sido mais tarde formada uma Comissão Executiva para dar seguimento aos planos.

Como sucedeu com muitos outros monumentos evocativos da Grande Guerra, foram necessários alguns anos de recolha de fundos através de festas e outros eventos lúdicos, bem como de donativos para que se concretizasse o projeto.

Tiago Fernandes, Público online

David Branco, site www.pinterest.com

Sumário .05

A abolição das Armas Nucleares
Direitos Humanos e Direitos Humanitários dos Conflitos Armados

Artigo do Cor Inf Nuno Miguel Pascoal Dias Perira da Silva
Página 16

Reforma do Ensino Superior Militar
Implicações para a Academia Militar

Artigo do MGen João Vieira Borges
Página 18

Dia do JE
55 anos a informar para bem servir

Artigo do Ten RC Eder Sousa
Página 24

SUPLEMENTO

Banda Desenhada:
"Pedro Álvares Cabral e o Brasil - Da Serra da Estrela à Costa do Descobrimento"
de José Pires

Páginas IX a XII

EDITORIAL **03**

MONUMENTOS COM HISTÓRIA MILITAR **04**

ATUALIDADES
Destaque do mês **06**
Figuras & Factos **07**
...mais de mil palavras **08**

ARTIGOS

TCCC
Tactical Combat Casualty Care **14**

A Faleristica
No Jornal do Exército: 1960-2002 **30**

A Liberdade de um Prisioneiro **34**

CULTURA, DESPORTO E LAZER
Filme, Jogo & Revista **44**
Livros **45**
Desporto **46**

Capa: Formatura do Corpo de alunos da AM, no quartel em Lisboa

Jornal do Exército ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Direção, Redação e Administração: Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700 Militar: 414 085, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, *E-mail*: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, *E-mail – Intranet*: *Jornal do Exército*, *Home page*: www.exercito.pt **DIREÇÃO – Diretor**: Cor Inf José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor**: TCor Cav António N. Marcos Andrade; **Secretária**: Ass. Téc. Joana Moita; **REDAÇÃO – Chefe**: TCor Cav António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação**: 1Sarg Art Anjos Das Neves; **Redatores**: Ten RC Eder Sousa; **Operadoras Informáticas**: Ass. Téc. Elisa Pio, Ass. Téc. Guiomar Brito; Ass. Téc. Tânia Espírito Santo; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS – Auxiliares**: SAj SGE "Cmd" António Belém, SAj SGE Luís Silva; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** – Lusa – Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **EXECUÇÃO GRÁFICA** – MX3 – Artes Gráficas, Lda – Parque Industrial Alto da Bela Vista – Pavilhão 50 – Sulim Park – 2735-340 CACÉM, Tel: 219 171 088/89/90, *E-mail*: clientes@hmx3ag.com. Tiragem – 6.000 exemplares; Depósito Legal – nº 1465/82 ISSN – 0871/8598.

Destacamento de Abastecimento Aéreo parte para o Mali

Partiram no dia 12 de janeiro, da Base Aérea Nº 6, Montijo, seis militares da Companhia de Abastecimento Aéreo da Escola de Tropas Paraquedistas pertencente à Brigada de Reação Rápida com destino ao Mali, para, em conjunto com 41 militares da Força Aérea Portuguesa (FAP), integrarem o Contingente Nacional que tomará parte na missão MINUSMA (*United Nations Multidimensional Integrated Stabilization Mission in Mali*), no quadro dos compromissos internacionais assumidos por Portugal.

A cerimónia de partida dos militares foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Artur Pina Monteiro. O evento contou ainda com a presença do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, General José Araújo Pinheiro, do Comandante Operacional Conjunto, Vice-Almirante Fernando Manuel de Macedo Pires da Cunha, do Comandante Aéreo, Tenente-General João Lopes da Silva, do Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General António Xavier Lobato de Faria Menezes e do Comandante da Brigada de Reação Rápida, Major-General Carlos Alberto Grincho Cardoso Perestrelo.

Esta missão irá ter uma duração de quatro meses e conta com a presença de uma aeronave C-295M da Esquadra 502 "Elefantes" da FAP. O objetivo principal é apoiar a população em questões relacionadas com o transporte de cargas, com o reabastecimento de víveres e apoio sanitário, sobretudo nos locais onde os aviões não conseguem aterrar, nem as viaturas têm condições de chegar. Para tal será utilizado o know-how dos seis militares da Companhia de Abastecimento Aéreo da Escola de Tropas Paraquedistas, sendo necessário lançar as cargas da aeronave de forma precisa e segura.

O Mali foi palco de um golpe de Estado em 2012, quando um grupo de militares se revoltou contra 23 anos de ditadura e ocupou vários quartéis, o palácio presidencial e a televisão pública, formando um Comité para a Restauração da Democracia e do Estado. O então presidente, Amadou Toumani Touré, renunciou ao cargo, mas a revolta manteve-se, alastrando aos oficiais de baixa patente e à etnia tuaregue do norte do país. O golpe foi condenado internacionalmente e o Comité Nacional para Restauração da Democracia e do Estado anunciou que iria marcar eleições, mas não iria concorrer.

Cerimónia comemorativa do 115º aniversário do Instituto de Odivelas

No dia 14 de janeiro, teve lugar a Cerimónia Comemorativa do 115º Aniversário da fundação do Instituto de Odivelas (IO), pelo Infante D. Afonso, Duque do Porto e irmão do rei D. Carlos, presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo.

Da cerimónia destacam-se as alocuções da Aluna Comandante de Batalhão, da presidente da Direção da Associação das Antigas Alunas, bem como do Diretor do IO e do CEME.

Foram impostas condecorações a militares e funcionários civis que prestam ou prestaram serviço no IO. O Presidente do Rotary Clube de Odivelas entregou o prémio do melhor aluno do concelho à aluna Mariana Pais, que obteve, no 12º ano, a média final de 19,4 valores e que atualmente se encontra a frequentar o 1º ano do Curso de Medicina, em Lisboa.

A Presidente da Câmara Municipal de Odivelas, Dra. Susana Amador, ofereceu ao IO uma lembrança assinalando o momento comemorativo.

Comemorações dos 356 anos da Batalha das Linhas de Elvas

No dia 14 de janeiro, na cidade de Elvas, o Exército associou-se às comemorações dos 356 anos da vitoriosa Batalha das Linhas de Elvas, travada entre Portugal e Castela no âmbito das campanhas da restauração (1640-1668).

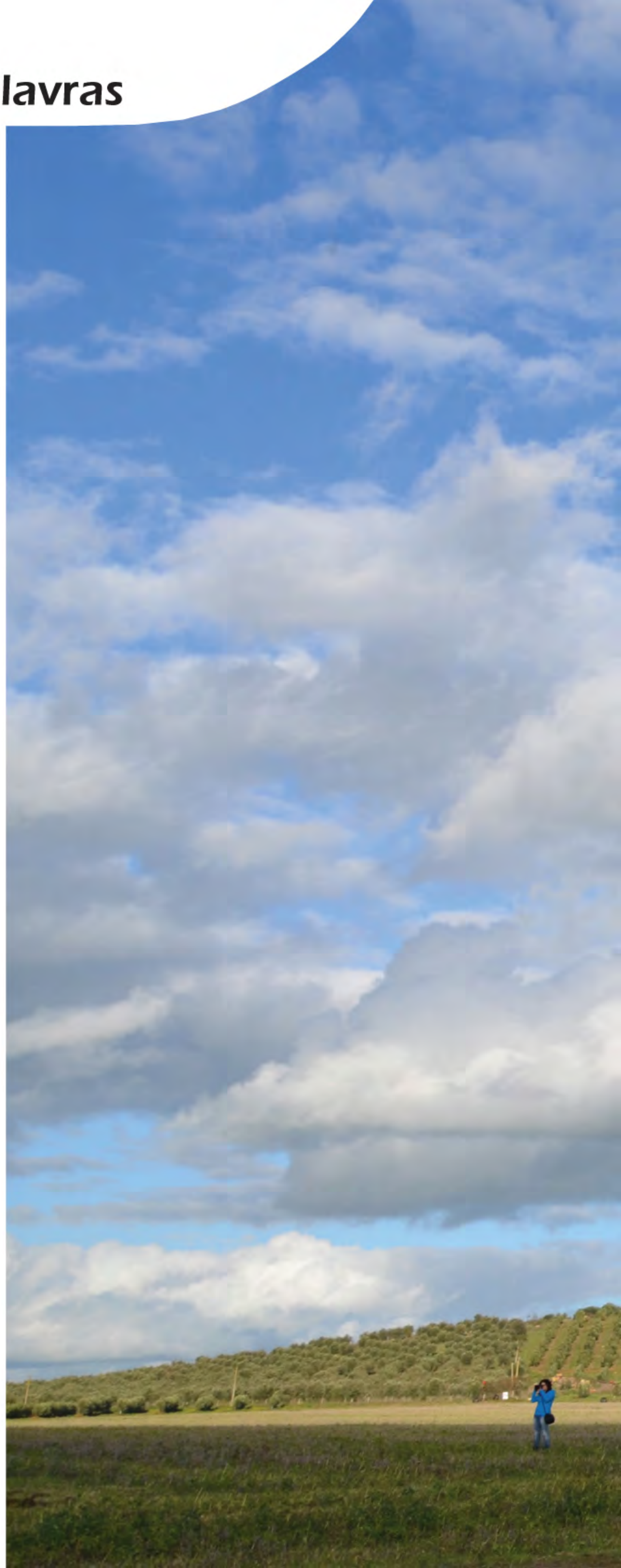
A cerimónia teve início com a homenagem aos mortos caídos no campo da glória. Esta teve lugar junto do padrão comemorativo no sítio dos Murtais, local onde foi efetuada a rotura do cerco castelhano.

A seguir foi efetuada a romagem ao Convento de S. Francisco onde se encontra o túmulo do General André de Albuquerque de Riba Fria, comandante do Exército de socorro à praça de Elvas, e que tombou nesse dia no campo de Batalha, quando incentivava os seus militares a tomarem um dos muitos fortes castelhanos que cercavam a cidade de Elvas.

Na Praça da República iniciou-se a parada militar com as honras regulamentares ao Tenente-General António Menezes, em representação do General Chefe do Estado-Maior do Exército. Após a integração do Estandarte Nacional à guarda do RC3, realizou-se uma descrição da batalha por um oficial do Exército e uma alocução do presidente da Câmara Municipal de Elvas, Dr. Nuno Miguel Fernandes Mocinha. A cerimónia culminou com um desfile em continência ao Tenente-General António Menezes.

Para finalizarem as comemorações, a Orquestra Ligeira do Exército abrilhantou a noite com uma magnífica atuação no cine-teatro municipal de Elvas.

08. ... mais de mil palavras



"O Balão Verde"

No passado mês de novembro decorreu no Alentejo, nos concelhos de Fronteira e Alter do Chão, o 18º Festival Internacional de Balões de Ar Quente organizado pela Escola de Balonismo Alentejo Sem Fronteiras. Entre várias representações nacionais e estrangeiras esteve a Equipa de Balonismos do Exército, sediada na Escola Tropas Paraquedistas composta pelo 1º Sargento Inf Para Luís Vinagre (piloto) e pelo Soldado Para Daniel Martins (equipa de resgate). O "balão verde" constituí já uma imagem de marca do Exército e dos Paraquedistas portugueses, pois já são inúmeras as participações nos mais variados eventos.

CS-BBK
EXÉRCITO

Tomada de Posse do Comandante do RAAA1

No dia 8 de janeiro, tomou posse como Comandante do Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1 (RAAA1) o Coronel de Artilharia José Augusto Oliveira Costa dos Reis. Na cerimónia militar, o novo Comandante, recebeu o Estandarte Nacional das mãos do 2º Comandante, tendo depois proferido uma alocução, onde referiu a honra e o orgulho de comandar o Regimento, exortando todos os Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis a adotarem "nos tempos conturbados e de incerteza que vivenciamos" os princípios éticos da virtude e da honra.

O Coronel de Artilharia Costa dos Reis afirmou contar ainda com a dedicação, competência, profissionalismo, espírito de bem servir e pró atividade de todos quantos servem neste Regimento, afirmando que só deste modo será possível ao RAAA1 atingir todas as metas e desafios agora elencados.

Seguiu-se a apresentação de cumprimentos na Biblioteca "Caetano de Souza" e a regulamentar revista à Unidade.

Tomada de Posse do Diretor do Depósito Geral de Material do Exército

No passado dia 21 de janeiro, tomou posse como Diretor do Depósito Geral de Material do Exército o Coronel de Material João Luís de Sousa Pires, por ter sido nomeado nos termos do despacho de 5 de janeiro de 2015 do General Chefe do Estado-Maior do Exército.

A cerimónia militar decorreu na Parada da Unidade, onde o Diretor recebeu as honras regulamentares e o Guião da Unidade, que lhe foi entregue pelo Subdiretor, Tenente-Coronel de Material (Eng) Marco António Domingos Teresa.

Após a revista, as Forças em Parada desfilaram perante o novo Diretor. Finda a cerimónia militar seguiu-se a apresentação de cumprimentos de Oficiais, Sargentos, Praças e Civis da Unidade, no Salão Nobre da Unidade.

TABELA DE PREÇOS PARA 2015

PREÇO DE CAPA €2,00 **ASSINATURA ANUAL** (11 números): **VIA SUPERFÍCIE** - Portugal Cont. Madeira e Açores €20,00; **VIA AÉREA** - Países Europeus €45,00; Restantes Países €65,00. **NOTA**- As assinaturas devem ser pagas antecipadamente **NÚMEROS ATRASADOS** - 1960 a 1969 €4,50; 1970 a 1979 €4,00; 1980 a 1989 €3,00; 1990 a 2001 €2,50; 2002 a 2012 €2,00. Os preços incluem IVA à taxa de 6%.

PREÇO DE ENCADERNAÇÃO €30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.

N.B.- Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: 1000/2000 €4,21; 3000/8000 €5,79; Açores e Madeira €6,56.

AFCEA apoia ensino na Escola de Sargentos do Exército

A AFCEA Portugal, no âmbito do Programa *Science Teaching Tools* da AFCEA Educational Foundation, com o apoio da empresa Lusis Equipamentos e Serviços Lda, ofereceram à Escola de Sargentos do Exército (ESE), equipamento para promover o ensino e as atividades STEM (*Science, Technology, Engineering and Mathematics*).

Na cerimónia realizada no dia 7 de janeiro, nas Caldas da Rainha, o Dr. Nuno Paiva, director-geral da Lusis, entregou ao Tenente-Coronel Mário Álvares, director de ensino da ESE, dois sistemas de projeção com alta resolução, na presença do Comandante da ESE, Coronel Pedro Monteiro Sardinha, e dos presidentes da Assembleia-Geral e da Direção da AFCEA Portugal, Contra-Almirante Carlos Rodolfo e Contra-Almirante Mário Durão.

Estiveram presentes na cerimónia de entrega o Dr. Ricardo Faustino, gestor de formação da empresa Lusis, o 2º Comandante da ESE, Tenente-Coronel Paulo Vaz, e uma representação de Oficiais, Sargentos e alunos da Escola.

Estágio de Imersão Linguística de militares franceses

No quadro das relações bilaterais com França, a Brigada Mecanizada acolheu, entre 12 e 19 de janeiro, dois alunos da Ecóle Militare Interarmes que se deslocaram a Portugal para a realização de um Estágio de Imersão Linguística.

O Estágio de Imersão linguística decorreu até ao dia 16 de fevereiro e teve por finalidade, além de desenvolver as competências no domínio da língua inglesa, tomar conhecimento com a realidade de outras nações e respetivos exércitos. Na Brigada Mecanizada, os dois cadetes franceses foram acompanhados em permanência por um oficial subalterno do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizada e tiveram o ensejo de observar e participar no quotidiano de todas as subunidades da Brigada.

Na despedida, os militares franceses expressaram o reconhecimento pela experiência proporcionada.

Visita do 1º Curso de Proteção Ambiental 2015 à BrigMec

Inserida no plano de estudos do 1º Curso de Proteção Ambiental 2015 que decorre na Escola das Armas, teve lugar, no passado dia 15 de janeiro, uma visita à Brigada Mecanizada (BrigMec) com a finalidade de familiarizar os formandos com o Sistema de Gestão Ambiental aí implementado.

A visita iniciou com um briefing sobre o Sistema de Gestão Ambiental da BrigMec e o seu processo de certificação, no Auditório do Quartel da Artilharia, seguida por uma visita a locais como o Separador de Hidrocarbonetos e Depósito de Lubrificantes do Quartel da Cavalaria, o Depósito de Resíduos Perigosos no Batalhão de Apoio de Serviços, Depósito de Inertes da BrigMec, finalizando com a Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR) da BrigMec.

No final, todos foram unânimes em considerar que a política perseguida pela BrigMec na valorização, conservação e desenvolvimento sustentável dos cerca de 7.500 ha é o garante da prevenção no domínio da defesa da floresta e dos recursos cinegéticos que constituem o património natural do Exército.

Aniversário da Academia Militar

Como é tradição, as atividades comemorativas do dia da Academia Militar (AM) começaram no passado dia 6 de janeiro, na cidade de Santarém, com a singela Homenagem ao General Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo, Marquês de Sá da Bandeira, fundador da Escola do Exército e Patrono da AM.

Durante o dia 12 de janeiro, nas instalações da Sede, em Lisboa, foram levadas a cabo as restantes atividades associadas à efeméride, presididas pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Carlos Hernandez Jerónimo, com a distinção, elevação e sobriedade que caracterizam o cerimonial castrense, exaltando a história, as tradições, os valores e a cultura intrínsecos à AM e que têm constituído, ao longo da sua existência, o sustentáculo da formação de sucessivas gerações de Oficiais dos Quadros Permanentes do Exército e, desde 1991, da Guarda Nacional Republicana.

As comemorações incluíram a Missa de Sufrágio pelos antigos alunos já falecidos, o almoço de convívio para os oficiais, alunos, professores, sargentos, praças e funcionários civis da AM, uma homenagem aos antigos alunos mortos ao serviço da Pátria, a Cerimónia Militar na qual se destacaram as alocuções do Tenente-General Comandante da AM e do General CEME, o ato de imposição de Condecorações e desfile das Forças em Parada, bem como um jantar de confraternização dos antigos alunos.

Ainda no dia 12, no âmbito das comemorações da evocação do centenário do início da Grande Guerra, em cerimónias próprias, foram lembrados os nomes dos 36 antigos-alunos da Escola do Exército e da Escola de Guerra mortos nos Teatros de Operações da Flandres e de África, e inaugurada a exposição temática "A Escola de Guerra Durante a Grande Guerra".

178º Aniversário do Dia da Academia Militar assinalado em Angola

Por ocasião do 178º Aniversário do Dia da Academia Militar (AM) realizou-se, no dia 12 de janeiro, um jantar de confraternização nas instalações da Cooperação Técnico-Militar (CTM) portuguesa, em Angola.

O evento contou com a presença dos Militares da CTM Luso-Angolana, dos antigos alunos angolanos formados naquele estabelecimento de ensino militar, na Escola Naval e na Academia da Força Aérea Portuguesa, tendo ainda comparecido os Oficiais formados na AM, já fora das fileiras, que exercem a sua atividade profissional em Angola.

No final, conforme manda a tradição, foi dado o grito da AM guiados pelo "aluno" angolano mais moderno e cantou-se a Marcha da Academia.

A CTM portuguesa em Angola proporcionou a todos aqueles que estiveram presentes, portugueses e angolanos, uma boa jornada convívio, de camaradagem e de reencontro, fortalecendo ainda mais os laços já existentes entre todos aqueles que iniciaram a sua formação militar nas Academias Portuguesas.

RAAA1 apoia CM de Sintra na limpeza de minas de água

O Regimento de Artilharia Antiaérea N.º 1 (RAAA1), ao abrigo do protocolo celebrado com os Serviços Municipalizados de Água e Saneamento de Sintra (SMAS/Sintra), tem vindo a executar ações de limpeza e identificação de minas de água situadas na Serra de Sintra. Estas minas fazem parte do sistema de captação de águas do Concelho de Sintra. Esta missão reveste-se de particular importância uma vez que tem permitido a identificação, localização e catalogação de inúmeras minas que até agora eram desconhecidas ou careciam de manutenção urgente.

As minas situadas na Serra de Sintra encontram-se na maioria dos casos em locais de difícil acesso, o que dificulta o trabalho dos militares. Fazendo apelo ao empenho e espírito de missão, os militares do RAAA1 têm conseguido levar a bom porto mais esta missão, promovendo o bom relacionamento entre o Regimento e as diversas autoridades civis inseridas na sua área de influência.

Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação da Academia Militar (CINAMIL)

Call de Projetos de Investigação, Desenvolvimento e Inovação no CINAMIL - 2016

De acordo com as Normas de Investigação, Desenvolvimento e Inovação do Exército (NIDIEx), Artº 2º a 6º - Parte II, informa-se que se encontra aberta até ao dia 30 de Abril de 2015 a candidatura a Projetos de Investigação e Desenvolvimento no Exército.

Contactos:
Academia Militar ,Rua Gomes Freire
1169-203 - Lisboa Portugal
e mail: cinamil@academiamilitar.pt
Tel: 21 318 69 63
Tel. Militar: 415 663/415661
www.academiamilitar.pt

TCCC

Tactical Combat Casualty Care

Texto : Cap Med António João Gandra d'Almeida

Em agosto deste ano, decorreu no Centro de Saúde Militar de Coimbra o primeiro *Tactical Combat Casualty Care* (TCCC) em Portugal, com a certificação dos primeiros instrutores portugueses, incluindo quatro militares médicos, do Exército Português.

O primeiro curso foi ministrado por dois instrutores norte-americanos, com vasta experiência na prestação de cuidados médicos, em ambiente tático. O segundo curso, já ministrado pelos instrutores portugueses, teve como instruendos: militares do Exército, Marinha, Força Aérea e Guarda Nacional Republicana, membros da Policia de Segurança Pública, Cruz Vermelha Portuguesa e do Instituto Nacional de Emergência Médica.

A certificação deste curso é feita através da *National Association Emergency Technicians* – USA, com o apoio da Sociedade Americana de Cirurgia Geral.

A génese deste curso, presentemente dado a todos os militares americanos destacados, assenta na avaliação e tratamento de dados relativos a todas as mortes ocorridas nos diversos teatros de

operações. Cerca de 90% das mortes em combate ocorrem antes das vítimas serem evacuadas. A maioria destas mortes são inevitáveis, dado que se tratam de lesões ou traumatismos de grande impacto, e/ou com hemorragia maciça. No entanto, cerca de 15% destas mortes são consideradas evitáveis, ou seja, poderiam ter um melhor desfecho se lhes fossem prestados cuidados imediatos adequados.

Prioridade: eliminar causas evitáveis de morte em cenário operacional/tático – *Guidelines* do TCCC foram desenvolvidas para assegurar que as forças são capazes de responder com a melhor assistência médica possível, atendendo ao cenário e às unidades em causa, tendo inclusivamente sido já validadas com dados recolhidos nos últimos anos, com clara redução no números destas baixas.

O objetivo do TCCC é habilitar os militares a parar uma hemorragia severa, através da aplicação de agentes hemostáticos, compressão direta e torniquetes, descomprimir pneumotórax hipertensivo através da utilização de agulhas para o efeito, e manter ou restabelecer a permeabilidade da via aérea.

Toda a doutrina do TCCC é baseada na prioridade de apoiar a manobra para o cumprimento da missão.

O apoio é feito em três fases, dependendo da manobra tática: *Care Under Fire*, *Tactical Field Care* e *Tactical Evacuation Care*.

Care under fire:

- Suprimir o fogo inimigo;
- Encorajar vítima a proteger-se e prestar primeiros socorros a si mesma, se possível;
- Realizar controlo de hemorragia;
- Transportar as vítimas, armamento e equipamento essencial para a missão, assim que o cenário o permita.

Tactical Field Care:

- Verificar estado de consciência da vítima;
- Posicionar a vítima e abrir a via aérea;
- Verificar respiração e lesões torácicas;
- Identificar e controlar hemorragias;
- Verificar existência de fraturas;
- Verificar existência de queimaduras;
- Administrar analgesia e antibioterapia, se apropriado/indicado;
- Registar as lesões observadas e tratamento realizado no cartão médico;
- Transportar a vítima para o local onde está prevista a evacuação.

Tactical Evacuation Care:

- Monitorização à via aérea, ventilação e hemorragias numa vítima inconsciente, durante a evacuação;
- Realizar todos os passos necessários, na sequência apropriada;
- Identificar todas as lesões.

O modelo pedagógico assenta em aulas teóricas, teórico-práticas e práticas, com o apoio do manual, projeção de *slides* e vídeos, com o objetivo de uniformização de procedimentos.

A doutrina TCCC está explanada e referenciada em diversas STANAG.

A abolição das Armas Nucleares

Direitos Humanos e Direito Humanitário dos Conflitos Armados

Texto : Cor Inf Nuno Miguel Pascoal Dias Pereira da Silva

Fonte : guerraearmas.files.wordpress.com

O Estado Português apoia a abolição total de Armas Nucleares por uma questão de princípio, dado que defende a necessidade de lutar contra a atual hipocrisia do Sistema Internacional que permite às potências nucleares continuarem a dispor do seu armamento nuclear e dos seus arsenais nucleares praticamente intocáveis, conforme acordado no Tratado de Não Proliferação de Armamento Nuclear (TNT), que em nossa opinião urge revogar, enquanto simultaneamente advoga a não proliferação dos arsenais nucleares, impedindo os outros Estados/Países de almejar possuir armamento nuclear.

Em nossa opinião não pode haver um peso e duas medidas, no ordenamento jurídico Internacional, cabendo à ONU um papel essencial nesta luta pela igualdade formal entre Estados.

Alguns países, de que destacamos a Coreia do Norte e o Irão, ambicionam poder ser mais um entre os eleitos "príncipes do mundo", que têm o direito de possuir Armamento Nuclear.

Ambos os Estados alegam, em seu favor, o facto de também o poderem por direito possuir, uma vez que há alguns países que legalmente e no âmbito do TNT o podem ter, e outros que embora não tenham cumprido o TNT, desenvolveram Armamento Nuclear sem nenhuma consequência do ponto de vista de sanções por parte da ONU.

Caso os países citados, venham a ter eventu-

almente sucesso no desenvolvimento dos seus programas de Armamento Nuclear, em curso, o Mundo tornar-se-á muito mais instável e inseguro, do que o que atualmente é, facto que consignaria uma ameaça intolerável ao Sistema Internacional, dada a imprevisibilidade dos seus regimes políticos.

A ambição de alguns grupos terroristas em adquirir, ou fabricar de forma ilícita este tipo de armamento, é muito grande, o que consigna uma ameaça real para toda a humanidade. A não existência de Armas Nucleares evitaria que eventualmente o mundo viesse a ficar dependente de uma qualquer ameaça terrorista proveniente de algum grupo fundamentalista islâmico.

Como sabemos, atualmente, existe no mundo Armamento Nuclear mais que suficiente para destruir várias vezes o Planeta Terra; estima-se que existam no Planeta Terra cerca de 19 mil ogivas nucleares, que estão em poder de nove países, nomeadamente a China, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Índia, Israel, Paquistão e Rússia.

A este propósito, alguns cientistas afirmam que uma guerra entre dois estados que usem Armamento Nuclear, poderá causar significantes perdas em vidas humanas na ordem dos 10 mil milhões. A atmosfera mundial degradar-se-ia com consequências funestas para a humanidade, correndo-se o risco de ocorrer uma quebra na produção de alimentos com resultados imprevisíveis.

Entre alguns dos países que citámos, possuidores de Armamentos Nucleares, existem conflitos territoriais e étnicos que podem eclodir a qualquer momento, facto que poderá levar os governantes dos mesmos à tentação de usar armamento não convencional para a solução do conflito. Este facto poderá levar a que se inicie uma escalada irreversível, o que nos leva a considerar que os impactos humanitários em caso de conflito entre duas potências nucleares seriam inimagináveis.

As ameaças para a humanidade, em virtude de existir atualmente uma grande proliferação de Armamento Nuclear, são muito elevadas, tornando-se necessário impedir as sequelas da imperícia humana e as falhas tecnológicas na manutenção e gestão das ogivas.

Amiúdes vezes as Armas Nucleares quase foram utilizadas por erros de cálculo e equívocos, o que nos leva a inferir que a probabilidade de ocorrerem erros, que ponham em causa a segurança física e operacional, é muito grande e haverá menos possibilidades de acontecer uma Guerra Nuclear, especialmente de forma acidental, se não existirem armas deste tipo.

Vários políticos e oficiais generais dos Estados Unidos da América apoiam a causa do desarmamento Nuclear, tendo contribuído para uma reflexão profunda nos meios políticos de Washington.

Henry Kissinger, agora um apoiante da causa da abolição das armas nucleares, a este propósito afirmou em manifesto conjunto com outras personalidades políticas e militares norte-americanas, que a "Doutrina que vigorou durante a Guerra Fria, de equilíbrio de poder, baseado no terror da destruição mútua em caso de um conflito nuclear entre os dois blocos, está mais que obsoleta", urgindo revisitá-la.

Podemos concluir que as Armas Nucleares fizeram a humanidade de refém.

Fonte : static.topyaps.com

Reforma do Ensino Superior Militar

Implicações para a Academia Militar

Texto : MGen João Vieira Borges[1]

As reformas que tiveram lugar, nos últimos anos, no âmbito do Ensino Superior Militar (ESM) em geral e da Academia Militar (AM) em particular, são significativas, mas pouco conhecidas pela grande maioria dos portugueses.

Em face deste cenário, este artigo tem por objetivo primordial dar a conhecer ao público em geral e aos militares em particular, de uma forma muito sintética, os principais desenvolvimentos da reforma do ESM e suas implicações para a AM, num contexto necessariamente mais alargado dos Estabelecimentos de Ensino Superior Público Universitário Militar (EESPUM), que englobam ainda a Escola Naval (EN), a Academia da Força Aérea (AFA) e o Ins-

tituto de Estudos Superiores Militares (IESM).

A Reforma do Ensino Superior Militar[2]

A reforma mais recente do ESM decorreu fundamentalmente das sucessivas alterações legislativas que se verificaram em Portugal no sistema de ensino superior nacional, em consequência da adoção do Processo de Bolonha, subscrito em 1999, por 29 países europeus, entre os quais Portugal.

Com esta opção, alterou-se o paradigma do ensino superior em Portugal, que passou a ser mais proactivo, mais centrado no trabalho do aluno e baseado no desenvolvimento de competências transversais, com maior peso das componentes de trabalho experimental e de pesquisa autónoma. O modelo do ensino superior passou então a estar organizado em três ciclos: 1º ciclo (licenciatura); 2º ciclo (mestrado); 3º ciclo (doutoramento). Optou-se ainda pelo sistema europeu de transferência e acumulação de créditos (ECTS), baseado no trabalho efetivo dos alunos.

A AM adequou então os seus antigos cursos de licenciatura a cursos de mestrado integrado (1º e 2º ciclo, correspondente a 300 ECTS), inclusivamente com a mesma duração (cinco anos – 1º ciclo nos três primeiros anos e 2º ciclo no 4º ano e no tirocínio - daí a escolha das armas no início do 4º ano), logo a partir dos cursos concluídos no ano letivo 2008/2009.

Em concordância com o disposto no Decreto-Lei nº 27/2010 (estatuto comum à EN, AM e AFA), de 31 de março, o ingresso dos oficiais das Forças Armadas e da GNR nos quadros permanentes (oriundos dos EESPUM), passou a fazer-se com a habilitação mínima de um ciclo de estudos conducente ao grau de mestre.

Entretanto, desenvolveram-se várias ações conducentes com o novo enquadramento jurídico, desde a criação do Modelo de Governação Comum (MGC)[3], à publicação do novo Regulamento da Academia Militar (RAM), passando pela "formulação" do futuro Instituto Universitário Militar (IUM), tendo como pressuposto "racionalizar a despesa militar, nomeadamente através da melhor articulação entre os ramos das Forças Armadas e uma melhor utilização de recursos".

Muitos foram os atores que participaram ativamente na alteração do paradigma do ESM, desde o Ministério da Defesa Nacional (em especial a Direção-Geral de Pessoal e Recrutamento Militar), ao Conselho do Ensino Superior Militar (CESM – com destaque para o seu presidente, o Vice-Almirante Sabino Guerreiro) e todos os EESPUM envolvidos, num trabalho permanente, cuidado, adaptado à realidade nacional e que, para além dos pressupostos legais, cuidou da especificidade do ESM no concerto do ensino superior nacional.

---

[1] Major-General, 2º Comandante da Academia Militar e Diretor de Ensino (acumula as funções de secretário da CC/MGC e de membro do GAT/MGC).

[2] Para mais pormenores ver **AAVV**, "A Reforma do Ensino Superior Militar em Portugal", *Revista Militar*, N.º 2553, outubro 2014, pp. 811-824.

[3] Na sequência do disposto na Resolução do Conselho de Ministros nº 26/2013, de 11 de abril (que estabelece a reforma Estrutural da Defesa Nacional e das Forças Armadas, designada por "Defesa 2020").

20.

O novo Regulamento da Academia Militar

No âmbito da reforma do ESM em curso, foi publicado, a 31 de janeiro de 2014, o novo Regulamento da Academia Militar pela Portaria n.º 22/2014.

Este Regulamento, que revoga a Portaria n.º 425/91, de 24 de maio, veio dar corpo ao necessário enquadramento do ensino da nossa ancestral Escola de Comandantes no novo modelo de organização do ensino superior nacional, resultante, entre outros aspetos, da aplicação dos princípios estabelecidos pela declaração de Bolonha.

De acordo com o disposto no novo RAM, a "Academia Militar é um Estabelecimento de Ensino Superior Público Universitário Militar", que tem por missão "formar oficiais destinados aos quadros permanentes do Exército e da Guarda Nacional Republicana, habilitando-os ao exercício das funções que estatutariamente lhes são cometidas, conferir as competências adequadas ao cumprimento das missões do Exército e da GNR e promover o desenvolvimento individual para o exercício de funções de comando, direção e chefia".

Muito mais do que a natureza, a missão e as atribuições, o novo Regulamento contém normas relativas à finalidade, organização, composição, competências e funcionamento dos órgãos que constituem a nova estrutura orgânica da AM, no sentido de continuar a formar, com elevados padrões de qualidade (agora aferida por uma avaliação rigorosa por parte de instituições credíveis e independentes), oficiais para servirem Portugal no Exército e na GNR.

Este Regulamento foi publicado no mesmo dia dos regulamentos da EN (Portaria n.º 21/2014) e da AFA (Portaria n.º 23/2104), no âmbito da reforma do ESM, tendo em vista a crescente integração no sistema de ensino superior público português, mas sem deixar de cuidar da especificidade de cada uma das instituições e da elevada qualidade da formação cientifica, militar e comportamental dos oficiais das Forças Armadas e da GNR.

Entre as novidades constantes no novo RAM, são de destacar: a criação de novos órgãos de conselho, como o Conselho Científico e o Conselho Pedagógico; a criação do Gabinete de Ligação à Guarda Nacional Republicana (GLGNR); a integração do Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação da Academia Militar (CINAMIL); a integração do Departamento de Estudos Pós-Graduados (DEPG – que tem o enquadramento dos mestrados e doutoramentos abertos a civis e militares – caso dos relativos à "História, Estudos de Segurança e Defesa", à "Guerra de Informação" e à "Liderança: Pessoas e Organizações"); a integração do Gabinete de Estudos, Planeamento, Avaliação e Qualidade (GEPAQ); a institucionalização dos coordenadores científicos; a possibilidade de conferir graus académicos de licenciado e mestre e de poder, em associação, realizar ciclos de estudos conducentes ao grau de doutor.

Na AM, muito para além da organização e da legislação, as alterações sentem-se já a vários níveis, desde a participação mais ativa dos alunos nos aspetos pedagógicos, à forma permanente como os docentes (civis e militares – crescentemente doutorados) participam nos aspetos científicos e pedagógicos, passando pela interiorização do processo de autoavaliação e de avaliação por parte da Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior (A3ES).

Na prática, o novo Regulamento proporciona condições organizacionais mais adequadas para que a Academia Militar se transforme numa escola

militar, que para além de transmitir saber, tenha a possibilidade de criar saber, em especial na área das ciências militares.

O Modelo de Governação Comum na Rota do Instituto Universitário Militar

O MGC foi criado pela Portaria n.º 60/2014, de 27 de janeiro, com o objetivo de estabelecer uma plataforma de cooperação reforçada (natureza de "consórcio") entre os EESPUM, visando a excelência do ESM.

Está organizado numa Comissão Coordenadora (CC/MGC), composta pelo Diretor do IESM, pelos Comandantes da EN, da AM e da AFA e por um representante da Guarda Nacional Republicana (que é, atualmente, o Comandante da Doutrina e Formação), dispondo ainda de um secretário. Esta CC/MGC, que tem reunido mensalmente, tem o apoio de um Gabinete de Apoio Técnico (GAT/MGC), constituído por representantes do IESM, EN, AM, AFA e GNR.

O MGC tem promovido a eliminação de redundâncias e a contínua evolução dos saberes específicos, designadamente no âmbito dos recursos humanos e materiais, através de novos mecanismos de gestão e partilha.

Entre as atividades já desenvolvidas, ou em curso no âmbito do MGC, destacam-se:

· O levantamento dos docentes dos EESPUM e de todos os doutorados e doutorandos em serviço nas Forças Armadas/GNR;

· A harmonização de ciclos de estudos não integrados dos EESPUM e o levantamento de um ciclo de estudos de doutoramento na área das ciências militares;

· A harmonização da legislação, como a "Regulamentação dos princípios aplicáveis ao processo de atribuição da qualidade de Especialista", os "Concursos públicos para contratação de docentes", os "Regulamentos de serviço docente e de avaliação do desempenho dos docentes", o "Regime de patrocínio de ciclos de estudos de doutoramento a militares" e de outras ações, como o apoio ao Presidente do CESM enquanto membro do Conselho Consultivo da A3ES ou a realização de eventos conjuntos, como o Colóquio Internacional "A Grande Guerra: Um Século Depois";

· A partilha de instalações, designadamente para os alunos da AFA que se encontram a estudar em Lisboa e que passaram a utilizar as instalações da AM ao Paço da Rainha, ou para os alunos das mesmas áreas científicas no âmbito de determinadas Unidades Curriculares (caso da Gestão Financeira I – ministrada na AM

pelo mesmo docente a alunos da EN/AM/AFA);

· A partilha de recursos docentes, com a criação de uma "Bolsa de Docentes do MGC" constituída por 22 docentes doutorados (15 das áreas das engenharias e da administração e 7 em apoio do IESM), cuja cerimónia de apresentação teve lugar no dia 18 de setembro de 2014, na Escola Naval;

· A criação de Comissões Especializadas das Engenharias, da Administração, do Processo de Recrutamento, Científica e Tecnológica (tronco comum) e Ciências Militares (tronco comum);

· A partilha e harmonização de sistemas integrados de gestão académica.

O conjunto destas ações, incluídas no plano de atividades do MGC aprovado pela CC/MGC, já teve repercussões no ano letivo 2014/15, e está a promover a cooperação reforçada e a aumentar a eficiência na utilização dos recursos disponíveis, designadamente no âmbito do corpo docente. É o caso da redução de 16 protocolos de convénios associados à colaboração de professores de outras universidades (e dos custos associados), mas também a melhoria da qualidade dos recursos disponíveis por todos os EESPUM no seu conjunto.

A concertação destas ações entre todos os EESPUM, no âmbito do MGC e do CESM, contribuirá certamente para a criação de sinergias do ESM ao nível da avaliação e acreditação dos EESPUM, a realizar pela A3ES, durante o ano letivo 2015/16, e prestigiará, desse modo, cada um dos EESPUM em particular no âmbito do sistema de ensino superior português.

Entretanto, e em cumprimento do disposto na Resolução do Conselho de Ministros nº 26/2013 de 11 de abril, o projeto do IUM ("de modo a ser implementado a partir de 2016")[4] foi desenvolvido em sede do CESM e proposto ao Ministro da Defesa Nacional (MDN), tendo por base os princípios básicos de garantia da especificidade do ESM e a manutenção da EN, da AM e da AFA como unidades orgânicas autónomas. O projeto apresentado foi considerado por aquele órgão de conselho como uma referência de trabalho a ser consolidada até à implementação do IUM, fundamentalmente, em função de três variáveis, respetivamente:

- Disposições constantes na futura legislação relativa ao ensino superior (caso de maior autonomia das unidades orgânicas dos institutos superiores), designadamente no que respeita ao Regulamento Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES – atual Lei 62/2007);

- Avaliação e acreditação dos EESPUM por parte da A3ES, prevista para o ano letivo 2015/16;

- Lições aprendidas no âmbito do funcionamento do MGC.

Em conformidade com o disposto no Despacho n.º 7527-A/2013, o Conselho de Chefes de Estado-Maior (CCEM) pronunciou-se depois sobre o referido projeto de IUM (Memorando n.º 005/CCEM/2014, de 23 de outubro), tendo optado pelo reforço da autonomia dos Centros de Investigação dos EESPUM (ficando dependentes do centro de investigação do IUM em termos de coordenação e acompanhamento), e reiterado que a proposta deveria ser consolidada em função das mesmas variáveis referidas pelo CESM.

De acordo com o referido projeto de IUM, as componentes estruturais do atual IESM passarão a suportar o essencial da estrutura do IUM, cujo comandante dependerá diretamente do CEMGFA (já refletido na nova LOBOFA[5]). A dependência hierárquica da EN, da AM e da AFA, continuará a ser do correspondente chefe do Ramo. Por outro lado, o IUM exercerá uma autoridade funcional sobre a EN, a AM e a AFA, essencialmente ao nível científico e pedagógico e de coordenação das atividades docentes e de investigação.

Na prática, com a implementação do IUM pretende-se, à semelhança da rota que vem sendo traçada pelo MGC, criar mais e melhores sinergias entre todos os EESPUM e ganhar dimensão e escala para uma afirmação, de pleno direito, no contexto do ensino superior universitário nacional, valorizando assim, as ciências militares e reforçando a especificidade do ESM e de cada um dos EESPUM.

Apontamentos finais

A reforma do ESM em Portugal, claramente influenciada pela opção nacional pelo Processo de Bolonha, mas também pelas reformas em curso na maioria dos países europeus, tem sido efetuada de forma continua, paulatina e sustentada, salvaguardando a sua especificidade em geral e a de cada instituição de ensino em particular.

Em face do novo paradigma do ensino superior, as Forças Armadas e a GNR têm sabido ultrapassar o desafio como uma oportunidade para melhorar a qualidade do ensino e da gestão académica (o Saber), adequando-se às alterações e exigências do ensino superior nacional, sem deixar de cuidar da formação militar e comportamental dos seus alunos (o Caráter e a Liderança).

As consequências desta reforma do ESM para a AM têm sido bastante positivas e consequentes. Efetivamente, a Academia Militar tem participado ativamente na reforma do ESM, numa parceria particularmente frutuosa com o IESM, a EN e a AFA (enquadrados pelo CESM e agora pelo MGC), no sentido de continuar a prestigiar o ESM e a reforçar o papel e o peso das ciências militares, não só no âmbito do sistema universitário nacional, mas também no concerto dos seus pares militares internacionais, designadamente europeus e norte-americanos.

Na certeza de que o caminho se faz caminhando, e de que ainda há um longo caminho a percorrer, o MGC constitui simultaneamente o instrumento e a referência para atingir o desiderato de implementação de um IUM que salvaguarde as identidades de cada instituição, e forme melhores oficiais das Forças Armadas e da Guarda Nacional Republicana.

A Academia Militar continuará a trabalhar para esse desiderato, pois formar os futuros oficiais, para servir Portugal no Exército e na GNR, com mais saber, mais caráter e mais liderança, continua a ser a sua "*ultima ratio*".

[4] De acordo com o disposto em 5.d.(3) do Despacho n.º 7527-A/2013 do Gabinete do Ministro da Defesa Nacional, de 11 de junho de 2013.

[5] A mais recente alteração à Lei Orgânica de Bases da Organização das Forças Armadas (LO n.º 6/2014, de 1 de setembro) já contempla, na alínea a), do n.º 2, do artigo 9º, o IUM na direta dependência do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas (que de acordo com a alínea d), do n.º 4, do artigo 24º, propõe ao Ministro da Defesa Nacional a nomeação/exoneração do diretor do IUM, ouvido o CCEM).

Dia do JE

55 anos a *informar para bem servir*

Texto : Ten RC Eder Sousa
Fotografias : SMor Pára Serrano Rosa

O Palácio Vilalva acolheu mais uma vez o aniversário do *Jornal do Exército* (JE), edifício que alberga este órgão de Informação, Cultura e Recreio do Exército Português há já oito anos. O belo palácio erguido em 1730 para o arquiteto francês Fernand Larre, que foi igualmente pertença do senhor José Maria Eugénio de Almeida, bacharel em direito, industrial e político que se tornou um dos homens mais ricos de Portugal na sua época, constituiu, como é apanágio, o palco ideal para a cerimónia do *Jornal* que há 55 anos segue o lema "informar para bem servir", sob a égide do Exército.

O *Jornal do Exército* juntou assim, no dia 13 de janeiro, a sua equipa composta por militares, funcionários civis e colaboradores, bem como antigos elementos que dela já fizeram parte, numa cerimónia presidida pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército (Vice CEME), Tenente-General António Noé Pereira Agostinho, e que contou com presenças ilustres que destacamos: Tenente-General Chito Rodrigues, Presidente da Direção Central da Liga dos Combatentes, Tenente-General Alexandre Pinto, Presidente da Comissão Portuguesa de História Militar, Professor Doutor Adriano Moreira, Major-General Adelino Coelho, Vogal Efetivo da Direção da Revista Militar, Major-General Carlos Lopes, Presidente da Junta de Avaliação Médica, Major-General Anibal Flambó e Major-General António Pereira, Inspetores Adjuntos do Tenente-General Inspetor Geral do Exército, Major-General Fernando Cóis Ferreira, Diretor da Direção de Ensino, Tenente-General Alfredo Cruz, Diretor da Revista "Mais Alto", Contra-Almirante Mina Henriques, Diretor da "Revista da Armada", Major-General José Braga, Chefe do Gabinete do Chefe do Estado-Maior do Exército, Major Carlos Pato, Junta de Freguesia das Avenidas Novas, Coronel Manuel Góis, antigo diretor do JE, e a Professora Doutora Ana Xavier, Presidente da Direção da Associação de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional.

Após as devidas honras regulamentares à Alta Entidade, para mais bem retratar o significado desta data e assinalar brevemente os cinquenta e cinco anos de existência deste órgão, o Coronel de Infantaria José Custódio Madaleno Geraldo, Diretor do *Jornal do Exército*, proferiu uma alocução, na qual começou por agradecer e parabenizar a equipa do Jornal: "Aos meus colaboradores diretos (Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis) que diariamente se empenham no cumprimento das suas tarefas, quer seja nas instalações do jornal, quer seja em reportagem, desejo publicamente manifestar o meu apreço pelo vosso dedicado trabalho e, também, o orgulho e o privilégio em ser vosso diretor".

Após a aprazível mensagem, coube ainda ao Diretor a difícil missão de recordar uma dolorosa perda: "Nas Unidades Militares é normal que no seu dia festivo tenha lugar uma cerimónia de Ho-

menagem aos Mortos. No *Jornal do Exército* não temos essa prática, mas recordamos sempre aqueles que nos antecederam com respeito e com saudade. Hoje, recordamos e prestamos homenagem ao Coronel Tirocinado de Infantaria Manuel Carlos Teixeira do Rio Carvalho, que faleceu no passado 22 de setembro, com 79 anos de idade, e que foi diretor do Jornal do Exército durante quase uma década. Fazia questão de estar sempre presente no dia festivo do *Jornal do Exército*. A lembrança das suas palavras, cordiais e encorajadoras, serão sempre um incentivo para todos nós. No seu último editorial escreveu o seguinte: «Servimos o Exército ao longo destes anos em variadas funções, desde o Comando de Tropas em campanha e em tempo de paz, à instrução na Academia Militar, ao comando de Unidades e Estabelecimento de Ensino e, finalmente, na direção do *Jornal do Exército*, Órgão que julgamos fundamental para a comunicação, em especial para o exterior, do que fazemos, porque fazemos e como fazemos, aspetos hoje essenciais para a aceitação, pela opinião pública, da Instituição Militar». O Diretor do JE concluiu a homenagem ao referir que "Fazemos nossas as palavras do Tenente-Coronel Brandão Ferreira: «O Exército Português acaba de perder um dos seus fiéis servidores e Portugal um dos seus diletos filhos». E acrescentamos... O *Jornal do Exército* perdeu um amigo! Paz à sua alma!".

Fazendo uma súmula das recentes atividades desenvolvidas pelo JE, o Coronel José Geraldo expôs que "Iniciámos na revista de janeiro de 2014 uma secção intitulada «Mais de Mil Palavras», que consta de uma foto, legendada, que nos mostra atividades do nosso Exército. Durante o mesmo ano demos particular destaque aos eventos da Primeira Guerra Mundial, para evocar o centenário da participação portuguesa nesse acontecimento trágico. Continuámos com a secção de Banda Desenhada, da autoria do nosso amigo José Pires, que por razões de saúde não está hoje connosco. Para ele os votos de melhoras. Através do nosso trabalho temos partilhado com os nossos leitores, d'aquém e d'além fronteiras, algumas importantes missões do Exército fora de Portugal, nas Forças Nacionais Destacadas, nos Quartéis-Generais Multinacionais e em Missões de Observação, de Ligação e em ações de Cooperação Técnico-Militar".

Com os olhos postos no futuro e confiante no rumo da missão que foi incumbida ao JE, o Diretor afiançou que "Seguindo as orientações superiores procuraremos adaptar os conteúdos aos novos paradigmas e constrangimentos que afetam o Exército Português, de modo a promover os seus valores perenes e a sua imagem como exemplo no culto da cidadania. Continuaremos num esforço contínuo

a adaptar-nos com critérios de qualidade e de objetividade, imprimindo a este Órgão de Informação, Cultura e Recreio do Exército, uma imagem de modernidade, para que mereça uma posição digna no exigente panorama das revistas militares nacionais e estrangeiras". Por fim, destacou a responsabilidade inerente a este órgão de informação do Exército, pois "Ao enviarmos o nosso Jornal para todas as bibliotecas das escolas secundárias, universidades, câmaras, juntas de freguesia; bibliotecas públicas, corporações de bombeiros, estamos conscientes de que assumimos uma responsabilidade acrescida. Com esta atitude pretendemos partilhar as nossas qualidades e as nossas virtudes, a nossa realidade que está ao alcance de qualquer jovem, que se assim o desejar, poderá servir Portugal no Exército".

De seguida foi lida uma mensagem do Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo, alusiva ao aniversário do Jornal do Exército, proferida pelo Tenente-Coronel de Infantaria Mário Alves de Bastos, Adjunto do General CEME. A cerimónia prosseguiu com a imposição de uma Condecoração ao Tenente-Coronel de Cavalaria António Nuno Reis Carrapatoso Marcos de Andrade, Subdiretor do JE, que foi agraciado com a medalha de D. Afonso Henriques, Mérito do Exército, 2ª classe.

Como é apanágio, o JE promoveu mais uma vez um concurso literário, com vista a estimular a reflexão e a criatividade de militares e civis no tratamento de assuntos com particular interesse para o Exército, nos múltiplos aspetos de que a instituição militar se reveste e que, de alguma forma, enriqueçam o seu património e contribuam para a valorização pessoal e profissional dos autores. O Prémio *Jornal do Exército* para o ano 2014 constava de um livro, edição do Exército Português, de um cartão-presente atribuído pelo Banco Santander Totta e uma garrafa de vinho oferecida pela Maçanita Vinhos. O primeiro prémio foi atribuído ao artigo "Recce Coy / NRF 2014", da autoria do Major de Cavalaria, Pedro Miguel Tavares Cabral, publicado no *Jornal do Exército* n.º 637, enquanto o segundo prémio foi para o artigo "Brigada de Intervenção I e II parte", da responsabilidade do Comando da Brigada de Intervenção, publicado no *Jornal do Exército* n.º 634 e 635. Por fim, o terceiro prémio foi entregue ao artigo "O Nosso Quartel – 100 anos de presença na Póvoa

de Varzim", da autoria do Sargento-Ajudante de Administração Militar, José Manuel Alves dos Santos, publicado no *Jornal do Exército* n.º 637.

A cerimónia culminou com um momento musical, pelo Grupo de Música de Câmara da Banda do Exército, através de um trio composto pelo 2º Sargento Luís Ferrão (clarinete), Soldado Sofia Cimbron (clarinete) e Soldado Diva Ventura (fagote), que tocaram a peça musical "Divertimento Nº 1" de Wolfgang Amadeus Mozart.

A seguir os presentes participaram na inauguração de uma exposição intitulada "Imagens da Grande Guerra", patente na Biblioteca do *Jornal do Exército*, após a qual se realizou um almoço de confraternização.

Mensagem do CEME no Dia do JE

"Oficiais, Sargentos, Praças, Funcionários Civis e Colaboradores do *Jornal do Exército*:

O Chefe do Estado-Maior do Exército congratula-se com a celebração deste dia festivo e manifesta o seu apreço aos homens e mulheres, militares e civis, que servem e colaboram com este órgão de informação, cultura e recreio, sabendo bem como a sua dedicação e elevado profissionalismo tem sido importante para a divulgação da informação interna e para o adequado conhecimento do Exército pela população em geral.

Ao longo dos cinquenta e cinco anos de existência, o *Jornal do Exército*, de modo prudente, tem sabido introduzir as alterações necessárias para melhoras a sua qualidade, sem afetar o estilo simples que o caracteriza: curto, claro e autêntico. Curto, para que seja lido; claro, para que nenhuma

ideia se perca; autêntico, porque espelha quem somos – Uma organização que se guia por valores, de que se destacam a Disciplina, a Honra, a Lealdade, a Coragem e a Disponibilidade.

A conjuntura estratégica internacional e a evolução do paradigma de Segurança e Defesa, conduziram a uma profunda evolução na natureza e no emprego das forças terrestres, bem como a um consequente processo de Transformação destas Forças, em que a prontidão da Força Operacional e os elevados padrões de exigência de Formação e Qualificação dos Recursos Humanos, se assumem como elementos estruturantes.

O processo de transformação em curso no Exército, decorrente da Reforma "Defesa 2020", vem colocar à prova o profissionalismo e o caráter empreendedor de todos quantos nele servem, em particular pelos desafios que resultam da aprovação, durante o ano de 2014, dos novos documentos estruturantes da defesa e das Forças Armadas, que criaram uma nova estratégia e visão para o emprego, estrutura e dimensão das Forças Armadas. O Conceito Estratégico Militar, as Missões das Forças Armadas, o Sistema de Forças e o Dispositivo, constituem o novo enquadramento conceptual que orientou o enquadramento legal, de cariz essencialmente estrutural, materializado na Lei de Defesa Nacional, na Lei Orgânica de Bases da Organização das Forças Armadas e dos Ramos. Seguem-se os documentos basilares para o investimento na edificação e modernização das capacidades das Forças Armadas através da Lei da Programação Militar e da Lei de Programação das Infraestruturas Militares, bem como o Estatuto dos Militares das Forças Armadas, diploma estruturante da Carreira dos militares.

Em resultado do expresso, o Exército vai continuar a apostar em padrões de exigência elevados de formação e qualificação dos seus militares, em prol de uma força credível e de elevada prontidão, e numa presença efetiva e estruturante junto da Sociedade, promovendo os seus valores e a sua imagem pública, ao serviço de Portugal e dos portugueses.

Atento a um mundo, a uma sociedade e a um Exército em mudança e interativo com essas dinâmicas, a importância da atividade do *Jornal do Exército* no contexto da sociedade da informação, da comunicação e do conhecimento é por demais evidente, assumindo-se ainda como um elo unificador entre militares e civis que servem, ou serviram, nas diferentes Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército, das Forças Armadas e Organismos Públicos agregando vontades, partilhando valores, experiências e aspirações comuns, estimulando e fortalecendo o espírito de corpo, essencial para a criação de um verdadeiro espírito de Família Militar.

Militares, funcionários civis e colaboradores do Jornal do Exército:

Neste dia festivo, relembro todos os militares, funcionários civis e colaboradores que, ao longo dos anos, nas tarefas mais simples ou nas mais exigentes, contribuíram com o seu esforço anónimo, dedicado e persistente, para a inexcedível qualidade dos conteúdos desta publicação, prestando a todos sentida homenagem à sua generosidade, profissionalismo e espírito de sacrifício.

Ciente do importante papel do *Jornal do Exército*, como meio de divulgação interna e externa, do seu inestimável contributo para o adequado conhecimento do Ramo por parte da população civil e do esforço de modernização desenvolvido pela sua Direção, que se projetou na melhoria da qualidade do seu produto final, o Comandante do Exército exorta-vos a continuarem os vossos relevantes serviços, honrando a divisa "Informar para bem servir", em prol da dignificação e reforço da imagem do Exército, das Forças Armadas e do País".

Lisboa, 13 de janeiro de 2015
O Chefe do Estado-Maior do Exército
Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo
General

A Falerística

No *Jornal do Exército:* 1960 – 2002

Texto : Humberto Nuno de Oliveira

O *Jornal do Exército* é sem qualquer favor, há mais de quarenta anos, o maior órgão de divulgação de temáticas militares publicado em Portugal, alargando-as a leitores e quebrando barreiras que a mais doutrinária, institucional e teórica *Revista Militar* não logra penetrar. Desde janeiro de 1960 que mensalmente vem divulgando e tornando disponíveis os mais diversos e interessantes assuntos militares, em não raros casos pela primeira vez, aos muitos milhares de portugueses que tiveram a honra de passar pelas

Fonte : www.acd-faleristica.com

fileiras no cumprimento do Serviço Militar Obrigatório (SMO), em hora de má memória extinto entre nós. Os reflexos de tal decisão política e as vantagens de uma profissionalização que, creio, estará muito aquém das expectativas dos seus promotores, tornar-se-ão, creio, infelizmente óbvias num futuro não muito distante.

Como muitos outros milhares de jovens, travei conhecimento com este importante órgão de comunicação durante o cumprimento do meu SMO e desde então com ele mantive uma relação de alguma proximidade. Nele encontrei, e encontro, temas que interessam a quem mantenha uma relação saudável com a instituição militar e a quem a história militar interesse. Como historiador não poderia deixar de notar o interesse de numerosos trabalhos – ainda que na grande parte dos casos de divulgação – publicados nas suas páginas, alguns dos quais reputo de imprescindível consulta em trabalhos de maior envergadura sobre os respetivos assuntos.

Mereceria o *Jornal do Exército*, tal o volume, interesse e diversidade de trabalhos nele publicados a elaboração de um conjunto de índices sistemáticos que bem importantes se revelariam para futuros investigadores, muitos dos quais desconhecem a qualidade e diversidade dos trabalhos aqui dados à estampa. Creio que é apenas tal inexistência que impede o *Jornal do Exército* de atingir a merecida projeção nos trabalhos que, não raras vezes, versam temas já abordados nas suas páginas e cujos autores simplesmente ignoram.

Foi justamente a inexistência de tais índices que determinou a necessidade da minha longa e exaustiva busca sistemática em 42 anos de publicações do *Jornal do Exército* em demanda de referências falerísticas nas suas páginas. Contrariamente às minhas expectativas iniciais, dada a importância do tema para a instituição militar, a busca revelou-se relativamente pouco frutuosa. Ou seja, a temática das ordens, condecorações e medalhas não mereceu no *Jornal do Exército* o acolhimento que eu esperava – e que creio mereceria – nas páginas desta publicação, onde excetuando os numerosos relatos de condecorações, individuais ou coletivas, ou de cerimónias em que as mesmas são impostas, apenas vinte e sete (27) ocorrências se verificam sobre o tema. Parcas, sem dúvida, para tema que me parece merecer tamanha relevância. Naturalmente que, reflexões como esta são sempre subjetivas, embora me pareçam encontrar raízes no espírito fundador da revista. Na realidade, no primeiro ano de publicação ocorrem doze referências ao tema, ou seja uma todos os meses, durante os primeiros dez meses pela pena ilustre do então Major de Infantaria Balula Cid (embora os artigos não surjam assinados, o número de novembro de 1960, em que se inicia a colaboração do Dr. António Valle-Domingues, refere de algum modo não só a continuidade daquele trabalho como o convite feito ao autor por Balula Cid, pelo que a identificação do autor me parece não só razoável como possível) o que corresponde a um significativo total de 44,4% das referências dos 42 anos em apreço. Se alargarmos essa análise aos dois primeiros anos e fruto da referida colaboração de Valle-Domingues, que termina em junho de 1961, esse rácio aumenta para 66,6%. O que sig-

Fonte : www.acd-faleristica.com

Tema	Revista	Pág.
Ordem Militar da Torre e Espada	Ano I, nº 1, JAN 1960	13
Valor Militar	Ano I, nº 2, FEV 1960	20
Ordem Militar de Cristo	Ano I, nº 3, MAI 1960	23
Ordem Militar de S. Tiago da Espada	Ano I, nº 4, ABR 1960	22
Cruz de Guerra	Ano I, nº 5, MAI 1960	22
Serviços Distintos	Ano I, nº 6, JUN 1960	22
Mérito Militar	Ano I, nº 7, JUL 1960	8
Ordem Militar de Avis	Ano I, nº 8, AGO 1960	38
Comportamento Exemplar	Ano I, nº 9, SET 1960	27
Ordem do Infante D. Henrique/Mercês Honoríficas/Condecorações Portuguesas	Ano I, nº 10, OUT 1960	27
Precedências/Mercês Honoríficas	Ano I, nº 11, NOV 1960	23
Comemorativa das Expedições e Campanhas das FAP/Índia/Mercês Honoríficas	Ano I, nº 12 DEZ 1960	27
Comemorações Henriquinas/Mercês Honoríficas	Ano II, nº 13 JAN 1961	15
Comemorativa das Campanhas do Exército Português/Mercês Honoríficas	Ano II, nº 14 FEV1961	15
Assiduidade de Serviço/Serviços Distintos ou Relevantes/Mercês Honorífica	Ano II, nº 15 MAR 1961	15
Medalha da Vitória/Cruz de Guerra/Mercês Honoríficas	Ano II, nº 16 ABR 1961	15
Ordens Militares/Banda das Três Ordens/Mercês Honoríficas	Ano II, nº 17 MAI 1961	25
Promovidos por feitos distintos em combate/Mutilados de guerra/Mercês Honoríficas	Ano II, nº 18 JUN 1961	20

Fonte : www.acd-faleristica.com

nifica que a grande maioria dos artigos se devem à pena desses dois cultores do tema e que o mesmo a partir de então conhece significativo declínio na revista, desaparecendo mesmo por completo nos seguintes conjuntos de anos: 1963 a 1965, 1967 a 1973, 1975 a 1978, 1981 a 1985, 1988 a 1994, 1996 a 1999 e finalmente nos anos de 2001 e 2002 (sendo de referir, a título de exemplo, que neste último ano foi publicado um novo Regulamento da Medalha Militar e das Medalhas Comemorativas das Forças Armadas, não referido ou comentado nas páginas da revista).

Não mereceu, pois, a falerística o destaque devido. Importa porém, que a memória do publicado não desapareça e que, por modesto que seja, o labor de busca destes 42 anos se não perca. Quem sabe se no futuro aproveitará a algum outro investigador deste tema que, lentamente, vai ganhando espaço em Portugal? Quem sabe se o *Jornal do Exército* não quererá retomar a sua orientação editorial inicial neste domínio e conceder à falerística um espaço mais frequente nas suas páginas?

Os primeiros dois anos constituem, podemos dizer, uma apresentação ou revisão das principais condecorações e medalhas portuguesas, uma abordagem sobre as precedências e normas de utilização, uma interessante afirmação do interesse do público por estes temas e programa de desenvolvimento desta rubrica (Ano I, nº 12).

E apesar da afirmação de que "Brevemente

tencionamos publicar as disposições comuns a todas as Ordens Militares e Civis, isto é, todas as condecorações portuguesas" (Ano II, nº 18, Jun. 1961, p. 20) aqui terminava a época áurea da falerística nesta publicação, não o foi por desinteresse dos leitores como podemos atestar pelas constantes dúvidas e questões colocadas, outros motivos, pois, terão determinado tal facto.

A partir de então as referências falerísticas tornam-se esparsas e perdem a característica de rubrica de caráter permanente.

A "Medalha de Mérito Feminino Pela Pátria" (ano III, nº 30, Jun. 1962, p. 15) é tratada num artigo descritivo e não assinado. Mais de quatro anos depois o *Jornal do Exército* abre as suas páginas (ano VII, nº 80, Ago. 1966, p. 30) a uma bela representação de alguns desenhos de condecorações e medalhas e enuncia as existentes. Oito anos depois é vez de uma página dedicada à "Ordem de Avis. A mais antiga das Ordens Militares Portuguesas" (Ano XV, nº 176, Ago. 1974, p. 64) em artigo igualmente não assinado. Um artigo coordenado por Pedro de Quental trás em 1979 para as páginas do *Jornal* a memória sobre "A Real Ordem dos Cavaleiros do Cisne da Prússia" (Ano XIX, nº 235, Jul. 1979). No ano seguinte as páginas do Jornal abrem-se para um artigo intitulado "Do Museu Militar para o Musée International des Hussards" (ano XXI, nº 244, Abr. 1980, pp. 8-10) em que se relata a cerimónia de entrega àquele museu de um importante conjunto de condecorações portuguesas. Seis anos depois (ano XXVII, nº 314, Fev. 1986, p. 15), por ocasião da criação de uma nova condecoração, a Medalha D. Afonso Henriques, Patrono do Exército, a falerística regressa a estas páginas. No ano seguinte (ano XXVIII, nº 326, Fev. 1987, p. 4) é recordada a efeméride da criação do grau de Grande Oficial da Ordem Militar da Torre e Espada. Em 1995 (ano XXXVI, nº 432, Dez. 1995, pp. 26-32) o Coronel António Feijó de Andrade Gomes assina um artigo "Breve História da Ordem Soberana e Militar de Malta" que não sendo especificamente falerístico refere as insígnias daquela Ordem. Finalmente em 2000 (ano XLI, nº 486, Jun. 2000, pp. 23-24) Álvaro Vilar Moreira assina um artigo sobre "António de Abreu Couceiro. Soldado que foi da extinta companhia de artilheiros académicos de Coimbra" onde aborda a medalha de D. Pedro e D. Maria.

Fonte : www.acd-faleristica.com

Cremos ser tempo de o *Jornal do Exército* deixar de tratar a falerística quase como um ornamento ou recurso de imagens belas e sugestivas, sempre utilizadas para embelezar artigos nas suas páginas, embora nem sempre com o rigor necessário. Pode utilizar-se, a título de exemplo o texto da C.E.C.A., "Comissão para o Estudo das Campanhas de África" (ano XXXIX, nº 462-463, Jun./Jul. 1998, pp. 52-57) onde são representadas as três mais prestigiadas condecorações portuguesas. Uma delas ao contrário (a Torre e Espada) e outra (o Valor Militar) com as cores da fita trocada. Um mau exemplo, a evitar numa revista com os notáveis pergaminhos do *Jornal do Exército*.

Estamos certos que, neste novo tempo do *Jornal do Exército* a falerística merecerá outro tratamento que poderá encontrar parceria na nossa Academia.

A Liberdade de um Prisioneiro

Baseado no diário de exílio do Capitão de Infantaria Henrique dos Santos Nogueira

Texto : Henrique Sequeira

Henrique dos Santos Nogueira, nascido a 28 de abril de 1884, componente de uma sólida família da burguesia alta, optou bem cedo pela carreira militar atingindo o posto de coronel da arma de infantaria. Inesperadamente, na plenitude dos seus muito elevados recursos intelectuais, faleceu a 20 de dezembro de 1949, já na condição de oficial na reserva, após longa e valorosa carreira encetada como cadete, em 1903. Como capitão integrou o Corpo Expedicionário do Exército Português que lutou em França, na 1ª guerra mundial, tendo sido feito prisioneiro na sequência da batalha de La Lys, em abril de 1918 (à beira dos seus 34 anos de idade) e transportado para o campo de Bressen, na fronteira alemã, juntamente com um lote de oficiais do contingente lusitano, vítimas do insucesso de La Lys.

De cultura geral de ótimo nível e uma apurada propensão para a escrita, o então capitão Santos Nogueira encetou em Fromelles um diário minucioso, utilizando um pequeno caderno, de capa de oleado, seu fiel companheiro de longos e penosos meses, até outubro de 1918.

Pois bem; esse precioso livrinho de memórias, quase centenário, chegou às mãos de um dos seus

netos. Caprichoso achado de rara emoção.

O texto envolve comentários e revelações que se julgam ter excecional interesse evocativo a partir das lúcidas reflexões de um distinto oficial do Exército que, em fins de 1918, conseguiu evadir-se do campo de Bressen e voltar a Portugal para junto dos seus e prosseguir a nobre missão de servir a Pátria, a elevados níveis de eficiência.

Os seus netos, David e Henrique, na base desse raro testemunho, decidiram divulgar alguns dos mais significativos extratos desse calvário de um prisioneiro de guerra.

Dia 9 de abril de 1918 "A resistência era impossível"

Às 4 horas da manhã começou um violentíssimo bombardeamento sobre as nossas linhas e uma barragem poderosa nas estradas à retaguarda. Surpreendido na cama, levantei-me em pijama, corri á secretaria, quis falar ao telefone para os Batalhões e Divisão, mas as comunicações telefónicas estavam cortadas. Enviei ciclistas aos Comandos dos Batalhões, entregar informações, ciclistas que nunca voltaram!

Entretanto, o bombardeamento continuava com a mesma violência, arrebentando muitas granadas sobre a *farme de Huit Maisons*, que servia de sede ao nosso Quartel-General (Q.G.), tendo já lançado fogo a uma das casas e destruído várias dependências.

A todo o instante eu esperava o momento final da minha vida.

"Da Divisão não me enviavam ordens, dos batalhões não recebia comunicações; aquelas horas de incerteza, ante mil perigos, cheio de responsabilidades, foram as de maior sofrimento que, até então, eu conhecera. Até que, cerca das 13 horas, senti o ruído das metralhadoras inimigas e fui informado que grupos

Os prisioneiros de guerra portuguezes

É' já grande o numero de oficiaes portuguezes que, libertados dos campos de concentração, onde, na Alemanha, se encontravam prisioneiros, regressaram á patria.

De todos eles, que bem honraram em França o nome portuguez praticando atos de bravura e heroismo, alguns devem a libertação aos seus proprios esforços e á insofrida anciedade com que a esperavam.

Entre estes conta-se o capitão d'infantaria sr. Henriques dos Santos Nogueira, que, feito prisioneiro dos alemães por ocasião do memoravel combate de 9 d'Abril, do ano findo, em que tomou tambem parte muito distinta, se evadira com outros camaradas do acampamento de Breesen, conseguindo chegar a Lisboa após inumeras e quasi insuperaveis dificuldades que, graças á sua grande energia, poude vencer.

Tem o distinto oficial por esposa a sr.ª D. Maria del Pilar Santos Nogueira, a cuja extraordinaria atividade e extremada dedicação se devem o prestigio e o bom exito alcançado pela Comissão Protetora dos Prisioneiros de Guerra Portuguezes, de que é a secretaria geral, comissão que teve por séde dos seus trabalhos o salão da *Ilustração Portugueza*, com o que muito nos congratulamos.

numerosos de alemães cercavam a nossa casa.

A resistência era impossível, razão pela qual fui feito prisioneiro, bem como todo o pessoal do Q.G. Deixei o meu Q.G. e nele todas as minhas coisas, pois não tive tempo de as ir buscar ao meu quarto. Enviaram-me a Fromelles onde passei a noite."

Dia 10 (4ª feira) – Peregrinação

Às 3 horas começa a marcha em direção a Lille, passando por Wavvrin, Illios, Laas e Hambourdin. Há 24 horas que não como coisa alguma, a não ser algumas bolachas que me deram umas boas mulheres durante a viagem. Chego a Lille cerca das 16 horas, onde me enviaram para a Cidadela. Depois de ter escrito um postal, fui juntamente com o Comandante Pedrosa, alojado num quarto regularmente mobilado.

Ao fim da escada que lhe dava acesso, ficava uma sentinela a guardar-nos. Serviram-nos uma terrina com uma sopa de arroz mal descascado e mal cosido, misturada com carne salgada; como "sobremesa" uma marmelada "química" que tinha bom paladar, além do pão, feito certamente de palha moída. Fatigado deitei-me cerca das 8 horas, conseguindo dormir, vencido pelo cansaço e pelas multíplices sensações por que passara há dois dias.

Dia 11 (5ª feira) – Lille "Angustioso cativeiro"

Que angustioso dia este, o meu primeiro dia de cativeiro.

Quantas saudades da minha liberdade, transitoriamente perdida! Quantas lágrimas a furtam escondidas! Que aborrecido passei!

Às 16 horas apareceu-me o Comandante da 5ª D.I. e respetivo ajudante, que muito me animou, pois estava na dúvida de termos sido só nós feitos prisioneiros. Soube, então, que a 4ª D.I. também fora muito vitimada, quando, Comandante e ajudante igualmente prisioneiros e, pior ainda, bastante feridos."

Dois dias depois (sábado, 13 de abril), o grupo de prisioneiros foi enviado para Karlsruhe, já na Alemanha, via Valencienne, com largas horas de percurso que se prolongou por centenas de quilómetros até Karlsruhe.

Dia 15 (2ª feira) – "Fim de viagem e uma enxerga"

Continuação da viagem. Anima-me a esperança de que terá fim às 14 horas.

Às 10 horas passámos por Strasburgo, muito interessante, vendo-se a pequena distância a sua nomeada Catedral. Às 13 horas passámos por Rastatt, às 13,30 horas chegámos a Karlsruhe; mas creio por não haver lugar aqui, tomámos novo comboio para Rastatt, onde chegámos às 14 horas, isto é, 48 horas depois de termos partido. Dirigimo-nos para o Campo de Prisioneiros, a cerca de 20 metros de marcha da estação. Ao chegarmos, encontrei muitos camaradas, que já tinham vindo anteriormente, sobretudo os rapazes de Infantaria 2 e, entre eles, o Joãozinho Passos, de quem me tinham afirmado ter sido gravemente ferido. A minha alegria ao abraçá-lo foi, pois, enorme. Designaram-me uma barraca para habitação, onde havia uma cama de campanha, feita com quatro tábuas e uma enxerga com um travesseiro.

Dizem-me não ser esta situação definitiva, o que bastante me aborrece. Às 19 horas serviram-me uma sopa de legumes, quente e com presunto, que me soube bem, pois há três dias nada comia quente. Eram 21 horas quando me fui deitar tendo dormido por estar fatigado, após dois dias sempre sentado numa carruagem de 3ª classe.

Dia 16 (3ª feira) – Em Rastatt

Eis-me em pleno cativeiro; faz hoje oito dias que se deu a triste fita, que me ía sendo tragicamente fatal. Quando penso em tudo, ainda me parece um sonho longínquo, uma história fantástica que me tivessem contado. Ao ver-me, porém, cativo, a ferros do *Kaiser* rendo-me à evidência da minha triste situação, aprisionado, no meio dum enorme campo recheado de barracas, limitado por uma dupla sebe de arame farpado de quase dois metros de altura. Doravante terei um regímen especial, ao qual sujeitar-me-ei por que é preciso viver!

Dia 17 (4ª feira) – "Café e Chá convencionais"

Levantei-me às 7,30 horas para ir tomar café, isto é, uma água quente e escura, infusão dum pó

de qualquer glande, a que convencionámos chamar café. O meu atual regímen é o seguinte: após esta primeira refeição, às 9 horas, uma formatura para contagem dos prisioneiros; às 12 horas uma sopa que corresponde ao almoço; às 16 horas nova formatura de contagem; às 16,30 horas, um *after-noon-tea*, um chá, uma tisana semelhante à do café, com a única diferença de lhe atribuirmos, por convenção, o nome de chá. Às 18,30 horas é o jantar, isto é, nova tigela duma sopa de legumes, a que a nossa fome e as privações que passamos atribuem, geralmente, um gosto delicioso. Às 21 horas apagam a luz elétrica, o que equivale a dizer que nos vemos forçados a deitarmo-nos com as galinhas. Um higienista não podia aconselhar vida mais regular, pois, realmente, o local onde nos encontramos é um verdadeiro sanatório. Vastos horizontes, vendo-se, ao longe, altas serranias, contrafortes dos Alpes, dum lado, e do outro, a orla duma frondosa e bela floresta, duma multiplicidade de verdes admirável. As horas que nos restam entre as que acima cito, empregamo-las a estafar o tempo numa ociosidade maometana, um pouco de más-línguas, passeios ao longo do cercado, e o que mais agradável me é, entregar-me à doce recordação daqueles a quem tanto quero.

Um "eclipse" indesejável

Durante os longos dias de cativeiro, muito bem relatados naquele "mágico" diário, tornou-se possível dar conta de um razoável tratamento respeitante à condição humana, sem agressões, palavras por demais agrestes, ou sevícias de qualquer espécie. As normas internacionais quanto a prisioneiros de guerra, foram respeitadas e no livrinho de confissões do Capitão Santos Nogueira não surgem situações adversas ao regulamentado.

Razões de queixa, somente no que respeita ao distanciamento antipático de Oficiais britânicos, também prisioneiros, de uma arrogância incomodativa.

Todavia, houve um pequeno "eclipse" de conduta quando, inopinadamente, foi feita uma busca, tocada de uma certa agressividade, com apreensões de todos os papéis (livrinho incluído) e duas carteiras, com dinheiro e fotografias. Foi em 22 de maio, numa chegada ocasional a Fuchsberg.

O Capitão Santos Nogueira conta, assim, esse indesejável "eclipse" de compostura:

"Desde o dia 22 de maio que nunca mais tornei a escrever neste caderno. A razão foi que, neste dia, ao chegar a Fuchsberg, de desagradável memória, fui revistado como um facínora da última espécie, tirando-me todos os papéis, inclusivamente as duas carteiras. Entre esses papéis, contava-se este livrinho de notas. Que foi, repito, para censura, que nunca foi realizada, pois me foi entregue, intacto, à minha saída daquele Campo. Todos os dias eu pedia ao intérprete o meu querido livrinho de notas e todos os dias me davam a mesma resposta: "*morgensfuihe*", frase esta que traduz bem o "amanhã se Deus quizer" do jejum do preto, que nunca mais jejuou por ser sempre "amanhã"!

Foi-me, pois, entregue este livro no dia 29 de junho, dia da minha saída de Fuchsberg"

Foram 37 dias de inquietante apreensão, podendo calcular-se com que júbilo foi reconquistado o precioso livrinho, intacto, mas sofrendo de um hiato temporal verdadeiramente irreparável.

Fuchsberg versus Breesen

A data de 29 de junho merece referência especial, sob o signo de uma dupla satisfação: o reaver do livrinho e a transferência de Fuchsberg para Breesen, "um Campo mil vezes melhor", parecendo um paraíso, comparado com Fuchsberg", conforme fez questão de acentuar o compenetrado e tão ativo prisioneiro de guerra.

E pormenoriza, elogiosamente, um texto paradigmático, de fundamental registo, datado de 2 de julho de 1918. Atente-se na explanação de ideias:

"A alimentação neste Campo (Breesen) é muito melhor, mas não ainda suficiente para grandes trabalhos. Neste Campo está-se mil vezes melhor e parece um paraíso comparado com Fuchsberg. Estamos alojados em barracas, formando quartinhos pequenos, com um corredor central. Eu fiquei na barraca 1ª, no primeiro quartito, com o Oliveira, com quem me entendo bem. Temos por mobiliário uma cama de ferro para cada um, com colchão de palha, uma mesa coberta de oleado, uma prateleira para *étagére* e um armário para cada um. Não se está principescamente, mas tem-se um relativo conforto. O quarto tem bastante luz e, de noite, é iluminado a luz elétrica até cerca das 23 horas. Ontem e hoje, o dia foi destinado a instalar-me e a arranjar as minhas coisas. Fui eleito chefe da

barraca e presidente da Comissão de Alimentação, cargo este que não me agradou, pela muita maçada que me irá dar.

A viagem para aqui fez-se em boas condições. Partimos daquele negregado Fuchsberg às 8,00 horas, no *décauville* até Uchte, onde embarcámos em carruagens magníficas de 2ª classe, com destino ignorado. Durante a viagem passámos primeiro por Bremen, onde serviram café com sanduiches de *foiagras*. Em seguida fomos para Hamburgo, onde jantámos numa imensa sala junto à gare, delegação da Cruz Vermelha. O jantar constou de uma sopa de cevadinha e carne, e de café. Nesta ocasião estava para jantar um novo regimento de novos soldados para o *front*. A gare cheia de gente, uma banda militar executava várias partituras. A sala onde nos encontrávamos era ampla e vasta, com as paredes ornamentadas e dísticos patrióticos como: "*Ein feste Burg ist imser Gott*" – (uma forte cidade é o nosso Deus) – "*Mit Herz und Hand fur´s Vaterland*" – (com o coração e as mãos para a Pátria) – "*Der konig rief und alle, alle kamme*"- (o rei chama e todos, todos acorrem) – "*Dem Mutingen hief Gott*" – (Deus ajuda o corajoso) – "*der*

Fonte : jofre.com.sapo

brave Mann denkt na sich selbst zulestzt" – (o bravo homem pensa em si próprio no fim) – "*Der stark ist am machtigsten allein*" – (o forte é sempre o mais poderoso). Cerca das 10 horas dirigiram-nos para um dormitório, bastante amplo também, espécie de enfermaria, dum asseio irrepreensível, onde deveríamos passar a noite, até às 7 horas da manhã."

Relativamente a Breesen, em novo texto de toque positivo:

"...o Campo em Breesen deixou-nos a melhor das impressões. Aqui encontrámos camaradas polacos que foram de uma extrema amabilidade para comigo, entre eles o Tenente Jan Kopofazki."

Curiosamente, em pouco mais de 2 meses, o Capitão Santos Nogueira aprendeu os principais rudimentos de polaco o que, cumulativamente ao razoável alemão que já falava, muito terá ajudado a sua fuga, de Breesen para Portugal.

Um domingo (quase) agradável

Em Breesen estariam entre 200 a 300 prisioneiros portugueses que recebiam correspondência sem atrasos demasiados e os típicos *colis* com peças de roupa, principalmente agasalhos, vindas da saudosa Pátria por meritória ação da CPPGP (Comissão Protetora dos Prisioneiros de Guerra Portugueses). Dessa Comissão fez parte, com notável denodo e proficiência, Dª Maria del Pilar dos Santos Nogueira, esposa do Capitão Santos Nogueira a quem pertence o muito curioso relato de um domingo em Breesen.

O registo tem data própria (7 de julho de 1918) e começa com uma espécie de desabafo em nada surpreendente ao referir:

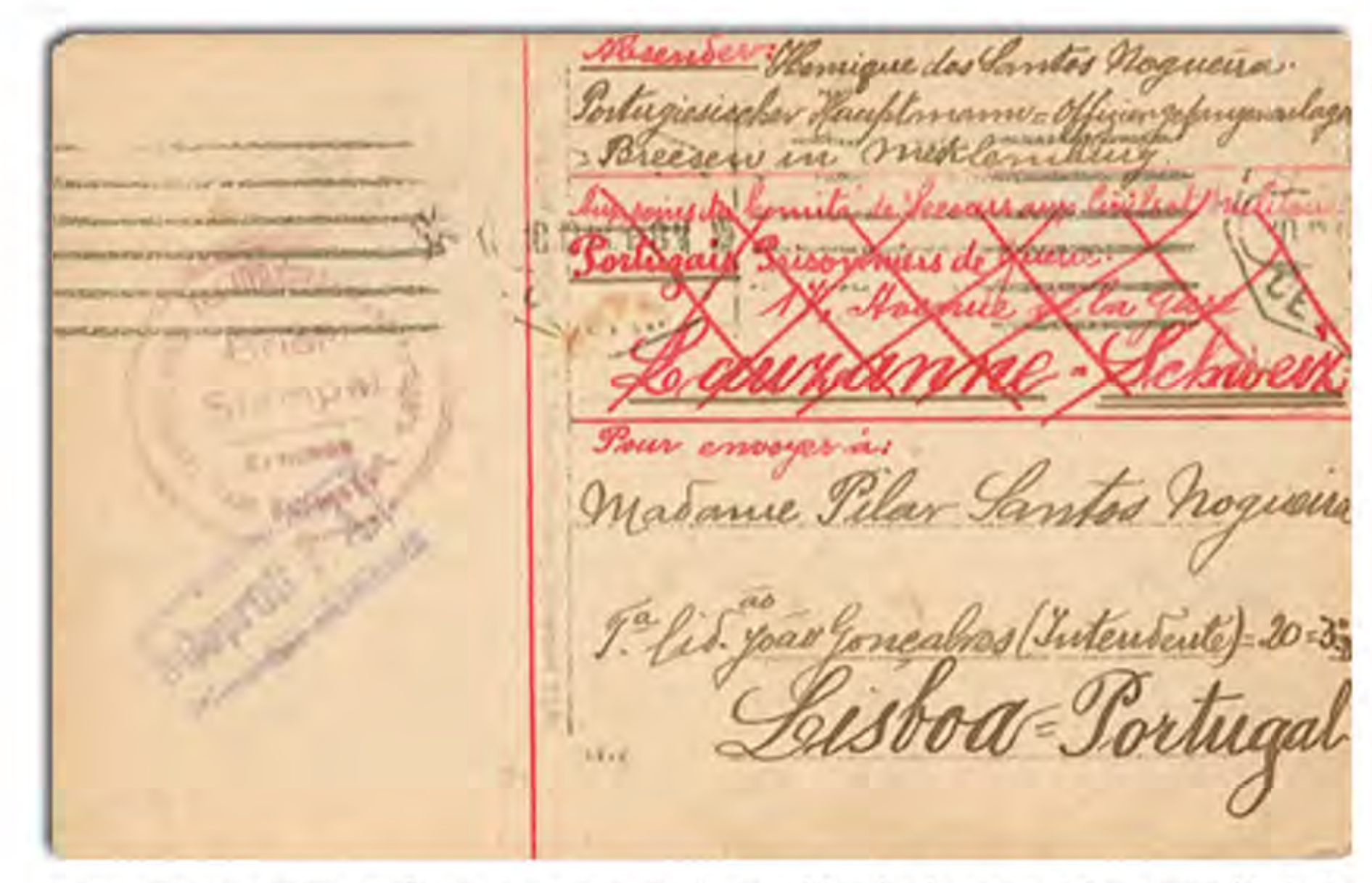
"Mais um domingo de cativeiro"

O que se segue assume particular importância informativa, confirmando a razoável impressão mantida para com a vivência em Breesen. Assim:

"...Faz hoje 8 dias que chegámos a este Campo; durante estes oito dias tenho recolhido provas da gentil deferência, não só dos camaradas polacos, como do próprio pessoal alemão do Campo. De manhã fui agradavelmente surpreendido pelo amável convite para um almoço íntimo, a mim oferecido, por alguns Oficiais polacos, entre estes, o Comandante Yan Konopast.

É a segunda refeição que tenho neste género e que bastante me veio mitigar a minha fome. Não

Fonte : upload.wikimedia.org


Absender: Henrique dos Santos Nogueira.
Portugiesischer Hauptmann - Offiziergefangenlager
Breesen in Mecklenburg
Portugais Prisonniers de Guerre.
Le Quesnoy - Schweiz.
Pour envoyer à:
Madame Pilar Santos Nogueira
Fa. Lid. ao João Gonçalves (Intendente) - 20 - 3º
Lisboa - Portugal

quero esquecer o menu, razão por que o escrevo aqui. Constou de uma magnífica sopa, muito engordurada, uns bolos recheados de salmão, salame com feijão guisado, arroz com uma carne de conserva e uma *confiture* de groselha e cervejas. Que bem me soube tudo!

Durante a refeição falei com os camaradas em francês, alemão e latim. Foram uns momentos bem passados, debaixo do ponto de vista material, por que comi lindamente, debaixo do ponto de vista moral, por que a conversa com aqueles camaradas foi deveras interessante. De resto o dia passou-se na mesma insipidez, e tudo me faz aumentar mais as saudades da minha casinha, do meu lar da minha boa vida em família."

Em suma: um domingo que atenuou a mágoa de ser prisioneiro de guerra, dir-se-ia que agradável – ou quase...

Sábado, 24 de agosto de 1918 Missão musical em Hamburgo

Fui hoje a Hamburgo comprar um gramofone para a sociedade dos Oficiais. Foi uma feliz ideia terem-se lembrado de mim para tal fim, pois tive, assim, a gostosa oportunidade de dar um magnífico passeio. Parti às 6 horas da manhã e regressei às 8 horas da noite. Horas excelentemente passadas, em que perdi, por momentos, a sensação de ser prisioneiro de guerra. Fui na companhia do Capitão Muller e do Veigeln, intérprete, que foram muito gentis para comigo. Foi pena, porém, não ter tido muito tempo para visitar, mais detalhadamente, a cidade, indo até ao porto.

A cidade é grande, bonita, com ótimas ruas e avenidas arborizadas e excelentes prédios de construção moderna. Magníficos estabelecimentos, entre eles um ótimo armazém, (que não faz inveja aos Primptemps, Louvres, Galleries, etc...). Neste comprei uma boneca e uma caixinha para pó de arroz. Conseguirei eu enviar-vo-las? Vou fazer o possível por isso!

Almocei e jantei num lindo restaurante, e que bem comi, eu que, há tanto tempo estava desabituado de coisas finas. Até comi ovos, coisa que não comia há 5 meses!

Foi tudo servido com preciosas porcelanas, ricas *argenteries*, belos cristais, etc... Parecia estar num paraíso, tendo saído do inferno. Só uma coisa me torturava o espírito, a saudade por vós, que esta nunca me abandona. Ah! Se eu pudesse aí viver junto de vocês, considerar-me-ia tão feliz e nada mais me faltaria no mundo.

Sábado, 14 de setembro de 1918 – "Aquele negócio"

Entabulei, hoje, relações para um negócio se-

42.

creto donde pode depender a minha felicidade futura. Enche-se-me o coração de esperança e, ao longe, no meu ignoto horizonte, vislumbro uma radiosa alvorada. Desenvolver-se-á esta e voltarei aos meus dias de alegria?! Só Deus o sabe, cuja ajuda ardentemente imploro. Ah! Que se Ele me quisesse proteger, como eu seria feliz! Esperemos sempre.

Podemos admitir, com laivos de plena lógica, que esse semimisterioso "negócio secreto" tinha que ver com a evasão pensada e conseguida não muito tempo depois, talvez em meados de outubro de 1918.

Sábado, 21 de setembro de 1918 – "Um triste paralelo"

Sempre recebi hoje a primeira encomenda. Veio só uma, mas antes isso do que nada. Estes últimos dias tenho dedicado a minha leitura a um livro bastante interessante – «*Les derniéres jours de l'Ìmpereur*» – tem-me prendido bastante a atenção, pois esta minha situação me faz lembrar, e bem avaliar, o que tenho sofrido.

Napoleão, no seu cativeiro, enxovalhado a cada momento pelo governador da ilha Santa Helena que, para tal tinha ordens especiais do governo britânico. E toda a casta de humilhações que fizeram ao grande imperador de França, por quem tamanha simpatia tenho tido sempre, mais me fez aumentar o ódio que nutro pelos seus carrascos, que também o têm sido, em grande parte meus. Sim, desprezando-nos, aviltando-nos, não nos enviando o mais pequeno auxílio, sabendo-nos na mais completa miséria. Isto em triste paralelo com o procedimento dos franceses que, já alguns recursos nos têm mandado e, até, com uma sociedade alemã da juventude católica!!! É espantoso!!!

Últimos registos no pequeno diário

Dias 22 a 27 de setembro. Dias em que a minha vida correu insípida, dias roubados á minha existência, que eu queria dedicar, inteiramente, ao amor da minha querida Pilarzinha, ao carinho da minha filhita, Zita.

No dia 22 seguiu para a Suiça, dentro de uma forte caixa de madeira, a bonequita para a Zita e a caixita para pó de arroz para a Pilarzinha. Che-

garão ao seu destino? Como eu seria feliz se tal sucedesse, pois eu suponho que enorme alegria lhes dará a receção destas pequeninas lembranças. São bem pouco, para o tanto que merecem as duas!

Estas foram as últimas palavras registadas pelo Capitão Santos Nogueira no seu precioso diário. Presumimos que, a partir de 27 de setembro, o Capitão Santos Nogueira, se dedicou, exclusivamente, a cuidar da sua evasão, que deve ter ocorrido em meados de outubro.

Faltam-nos elementos para saber como foi o percurso desde Breesen até Lisboa mas, o certo é que, existem referências alusivas ao capitão Santos Nogueira, já em Lisboa, junto dos seus, por volta de meados de novembro de 1918. Podemos imaginar a enorme emoção e alegria de que se terá revestido o reencontro do Capitão com a sua esposa e sua filhita tão amadas.

Conclusão

A publicação deste testemunho, quase um século decorrido sobre a sua escrita, constitui para David Sequerra e Henrique Gabriel Nogueira Sequerra, netos do Capitão Henrique dos Santos Nogueira, uma homenagem póstuma ao seu Avô, de quem muito se orgulham.

Fonte : jofre.com.sapo

Sniper Americano

O Atirador mais letal da história dos EUA

O filme realizado por Clint Eastwood é baseado na famosa obra autobiográfica, American Sniper, do Navy Seal Chris Kyle, publicada em Portugal pela Vogais Editora, sendo a 1ª edição de 2013 e agora reeditada já em 2015, provavelmente devido ao êxito do filme.

Com a mestria que Clint Eastwood nos habituou, conta-nos a história do *sniper* mais famoso das Forças Armadas americanas, o SEAL Chris Kyle. Denominado de "O Demónio" pelo inimigo e "A Lenda" pelos seus companheiros de armas, o filme revela-nos o drama e a dor provocada pela guerra, por quem assistiu à morte de amigos e camaradas, por quem foi ferido em combate, e também de uma forma muito conseguida, o drama psicológico de um *sniper* que se via obrigado a disparar sobre um alvo inimigo que por vezes era um velado combatente. Apesar de tudo, Kyle nunca deixou de acreditar que as suas excelentes capacidades como *sniper* evitaram que muitos camaradas seus fossem por sua vez mortos. O filma termina com imagens reais de uma eloquente homenagem a um verdadeiro herói americano

The Order: 1886

Ação/Aventura; Exclusivo Playstation4

Neste título, há muito aguardado pelo público, o jogador assume o papel de Galahad, um dos mais experientes Cavaleiros da Ordem, e embarca numa aventura que se passa em Londres, durante a era vitoriana, e onde se misturam eventos históricos com lendas e mitos tradicionais desse período.

A ação desenvolve-se numa realidade alternativa, que permite ao jogador aceder a tecnologias e armas avançadas inexistentes na época. No entanto, a narrativa está de tal forma realística e bem estruturada, que todos esses elementos fictícios nos parecem verosímeis. O conflito centra-se numa batalha secular entre a humanidade e uma raça de seres meio homens meio animais.

Estamos perante um jogo de orçamento milionário o que não impede a crítica de ser absolutamente controversa, considerando "The Order: 1886" ora medíocre ora excecional.

Reportages De Guerre – Le 1er REP em Algérie

Já anteriormente fizemos referência a um número desta revista trimestral francesa *Reportages De Guerre*. Esta excelente publicação (http://librairie-hussard.com/catalog/index.php), profusamente ilustrada, é normalmente temática e desta vez traz-nos ao conhecimento a atuação do 1º Regimento Paraquedista Estrangeiro (1º REP) do exército francês na guerra da Argélia de 1955 a 1961, os famosos "boinas verdes" franceses. Este conflito, que serviu também de instrução para alguns quadros militares portugueses que se deslocaram a Argélia, foi extremamente útil para o Exército Português fazer face à guerra de guerrilha que viria a eclodir, nos antigos territórios ultramarinos pouco tempo depois. A finalizar, é de referir que o 1ºREP esteve na base de um *putsch* executado na cidade de Argel, para evitar a perda desta colónia francesa. O golpe não teve sucesso e o regimento foi extinto, nunca mais tendo sido reorganizado apesar da sua brilhante folha de serviços.

Nº 12 de jan/fev/mar 2015

Nós, Enfermeiras Paraquedistas

Em 1961, por iniciativa do Coronel Kaúlza de Arriaga e impulsionado pela Sra. D. Isabel Rilvas, a primeira mulher portuguesa a tirar o brevet de paraquedista, foram criadas, nas Forças Armadas Portuguesas, as enfermeiras paraquedistas. O primeiro curso realizado em junho de 1961, em Tancos, teve 11 candidatas, chegariam ao fim seis. Outras se lhes seguiram. As Enfermeiras Paraquedistas, ao longo dos treze anos de conflito no ultramar português, ficaram ligadas à história militar, não só pela sua ação profissional em auxílio aos feridos em combate, mas também pelo enorme efeito moralizante sobre as nossas tropas. O livro possui vários testemunhos, na primeira pessoa, sobre as ações de enorme mérito e coragem prestado por estas mulheres militares.

Obra coordenada por Rosa Serra, Edição Fronteira do Caos, novembro 2014

International Security Assistance Force (ISAF)

Portugal 12 anos de participação na ISAF (Livro do 8º Contingente Nacional)

Parabéns! É o que nos apraz dizer ao ler este livro.

Em boa hora o comando do 8º Contingente Nacional (8CN), o último contingente português nesta missão da NATO no Afeganistão, resolveu colocar em livro a experiência e as missões desenvolvidas não só pelo seu contingente, mas também pelos vários CN, Destacamentos e Equipas das Forças Armadas Portuguesas que desde 2002 desempenharam as mais variadas missões de apoio à reconstrução das Forças Armadas Afegãs e do próprio país. Como refere o Coronel de Infantaria Paraquedista Nuno Cardoso, comandante do 8CN no prefácio deste livro, "A presente publicação presta homenagem a todos os militares portugueses, que serviram Portugal através da sua presença e excelso desempenho, na missão da ISAF... Doze anos e quase 3.200 militares depois, encerra-se um capítulo mais da participação de contingentes portugueses em missões internacionais". Para nós, para além desta justificadíssima homenagem, o livro faz história: História do Exército Português! Fazemos votos que desperte a vontade de camaradas que por lá passaram, para que se disponham a escrever as experiências vividas, com vista a memórias futuras.

PDE 3-34-13 (A) Emprego da Companhia de Engenharia de Combate

O Comando de Instrução e Doutrina do Exército editou mais uma publicação, desta vez, sobre o emprego da Companhia de Engenharia de Combate Ligeira. Este manual doutrinário decorre da necessidade de dotar uma Unidade de Engenharia de Escalão Companhia (UEC) com capacidades de combate e apoio às unidades de manobra. Esta companhia orgânica da Brigada de Reação Rápida, encontra-se no encargo operacional do Regimento de Engenharia nº 1, aquartelado em Tancos.

A publicação permite a todos os oficias, principalmente aos potenciais comandantes desta companhia, fazerem um estudo detalhado sobre o emprego, a organização e capacidades desta UEC.

http://10.105.0.55/sites/doutrina/Documents/PublicacoesAprovadas/PDE_3-34-13_CompEngCombate.pdf

1º Sargento Ricardo Dias – Um atleta nas fileiras

O treino físico está intimamente ligado ao Exército, pela preparação necessária para o combate e necessidade de conferir aos militares a aptidão física necessária para o cumprimento das diferentes missões que lhes podem ser atribuídas, como também para desenvolvimento a nível físico, psíquico, social e cultural, numa perspetiva de formação global do homem e concorrendo para o fortalecimento do moral. O 1º Sargento de Transmissões Ricardo Manuel Ribeiro Dias, a prestar serviço atualmente no Regimento de Cavalaria Nº 6 (RC6), é um desses atletas que servem nas fileiras e que não deixam créditos por mãos alheias no que diz respeito à correlação entre o trabalho no Exército e o desporto.

Natural de Forjães (Esposende), este atleta federado na modalidade de Atletismo (atualmente no Sporting Clube Portugal), demonstrou em 2014 o resultado de uma longa dedicação, tendo conquistado o segundo lugar no Campeonato Nacional das Forças Armadas - (Braga) e, sobretudo, o primeiro lugar no 19 º Grande Prémio de Atletismo Povoa do Lanhoso, bem como nos 10km Corrida Intermaché Caldas das Taipas e na Prova do Triangulo 2014 12km - (Braga).

Ao longo de 2014 obteve ainda outras classificações de relevância, entre as quais destacamos a segunda classificação no Campeonato Nacional de Corta-mato do Exército - (Porto), no Campeonato Nacional de Corta Mato Longo - colectivamente (Pombal), no Campeonato Nacional de Corta Mato Curto - coletivamente- (Montalegre), no Grande Prémio de Atletismo de Priscos, e o terceiro lugar no Grande Premio de Atletismo Outeiro - (Viana do Castelo), no Cross Internacional de Viana do Castelo, na Meia Maratona Douro Vinhateiro e no Corta-Mato Internacional de Torres Vedras.

O 1º Sargento Ricardo Dias, que já representou clubes como a Sociedade Intrução Recreativa de Aldreu (SIRA), o Clube Atletismo Olímpico Vianense (CAOV), o Sport Lisboa e Benfica (SLB), o Maratona Clube de Portugal, entre outros, tem como principais marcas: 1000m – 2'.31''; 1500m – 3'.57''; 3000m – 8'.17''; 5000m – 14'.23''; 10.000m – 29'.22''; 15.000m – 45'.45''; Meia maratona – 1h05'.52''.

Quanto aos marcos importantes da carreira militar, o 1º Sargento Ricardo Dias foi Mecânico de Telecomunicações da Secção TSF no Centro Militar de Eletrónica, Paço de Arcos, Comandante da Secção de Transmissões do Pelotão de Transmissões do Esquadrão de Reconhecimento (EREC) no RC6, Braga, e Técnico de Equipamento Eletrónico Radio da Secção de Comunicações da Reconnaissance Company NATO Response Force 2014 (RECCE COY NRF2014), igualmente no RC6.

HORIZONTE
MARCA REGISTADA
ARTIGOS MILITARES
UNIFORMES
A. DA COSTA, LDA.
CASA FUNDADA EM 1936
UNIFORMES CIVIS E MILITARES
Bonés
Bandeiras
Distintivos
Guiões
Emblemas
Luvas
Pin's Diversos
Estandartes
Condecorações
Camisas
Sapatos
LOJA
R. Portas de Santo Antão, 16 - 1° – 1150-268 LISBOA
Tels.: 21 342 69 70 - 21 322 59 15 – Fax: 21 342 88 52
ALFAIATARIA
Rua de Santa Justa, 88 - 2° Dto.
1100-486 LISBOA – Tel. 21 342 84 83
Email: a.dacosta@mail.telepac.pt

EXÉRCITO
RECRUTAMENTO
CONQUISTA O
TEU FUTURO!
JUNTA-TE A NÓS!
www.exercito.pt

NO PAÇO REAL...

FICAI POR AQUI, PEDRO ÁLVARES. VOU FALAR COM UM DOS CONSELHEIROS REAIS...

OH!

MIL PERDÕES, SENHORA MINHA! QUE DESASTRADO SOU...

E QUEM SOIS VÓS, SENHOR? FALAIS COM SOTAQUE BEIRÃO. DE ONDE VINDES?

O MEU NOME É PEDRO ÁLVARES CABRAL E SOU NATURAL DE BELMONTE, SENHORA...

E VÓS? POSSO SABER VOSSO NOME, SENHORA?

ISABEL. ISABEL DE CASTRO. QUE VINDES FAZER À CORTE DE EL-REI D. JOÃO II?

NÃO SOU FILHO PRIMOGÉNITO, SENHORA, POR ISSO DECIDI COLOCAR-ME AO SERVIÇO DE EL-REI NAS PRAÇAS-FORTES DE ÁFRICA E ABRIR MEU PRÓPRIO CAMINHO, MERCÊ DOS MEUS MÉRITOS.

NÃO DUVIDO QUE O HAVEIS DE CONSEGUIR, SENHOR PEDRO ÁLVARES CABRAL, POIS PARECEIS BEM DECIDIDO. TENDES ACASO AMIGOS NA CORTE?

MEU PAI, FERNÃO CABRAL, É CONSELHEIRO REAL E ALCAIDE DE BELMONTE. MEU TIO, JOÃO FERNANDES DE GOUVEIA, FOI QUEM ME TROUXE ATÉ AO PAÇO...

TALVEZ MEU TIO AFONSO POSSA FAZER ALGO POR VÓS. ELE É MUITO INFLUENTE JUNTO DE EL-REI.

DEVERAS? GENTIL ISABEL! E PODEREIS VÓS DAR-LHE UMA RECOMENDAÇÃO?

PROMETO-VOS, VINDE AMANHÃ À CORTE...PEDRO.

VEJO QUE JÁ TRAVASTE CONHECIMENTOS NA CORTE, PEDRO ÁLVARES... SABEIS QUEM ELA É?
CHAMA-SE ISABEL DE CASTRO E... É MUITO BONITA, MEU TIO...

É MESMO. MAS TAMBÉM TEM UMA VIRTUDE INTERESSANTE: É SOBRINHA DE D. AFONSO DE ALBUQUERQUE.
DEVERAS! MAS QUE ELA É MESMO MUITO BONITA, É!

OUVISTE O QUE EU DISSE? O TIO DELA, AFONSO DE ALBUQUERQUE, DISFRUTA DE GRANDE INFLUÊNCIA JUNTO DE EL-REI...
OH, SIM, JÁ SEI... ELA DISSE-ME...

... NO DIA SEGUINTE...
ATÉ QUE ENFIM, PEDRO ÁLVARES! VINDE COMIGO. MEU TIO AFONSO ESTÁ DISPOSTO A RECEBER-VOS!...

MAS, ISABEL, EU... EU...
MAS... ONDE É QUE ESTÁ O JOVEM OUSADO QUE CONHECI ONTEM? NÃO TEMAIS! VINDE!...

SOIS ENTÃO VÓS O OUSADO JOVEM CABRAL DE QUEM MINHA SOBRINHA ISABEL ME FALOU?
PEDRO ÁLVARES CABRAL EU SOU, SENHOR. OUSADO, TENTO SER..

BEM. IDES TER UMA OPORTUNIDADE. É PRECISO GENTE JOVEM E DECICIDA NAS PRAÇAS FORTES DO NORTE DE ÁFRICA. ACEITAIS SERVIR EL-REI NAQUELE LUGAR?
FICAI SABENDO, SENHOR, DE QUE PEDRO ÁLVARES CABRAL ESTARÁ SEMPRE PRONTO A SERVIR EL-REI, ONDE E QUANDO FOR NECESSÁRIO.

X

OBRIGADO POR TUDO, MINHA QUERIDA ISABEL. PERMITIS QUE VOS ESCREVA?

CREIO BEM QUE NÃO PRECISAREIS DE PERMISSÃO ALGUMA PARA TALI E FICAREI ATÉ BEM DESAPONTADA SE ME NÃO ESCREVERDES.

LEVO-VOS NO CORAÇÃO, ISABEL...

EXPERIMENTAI FALAR-ME NISSO QUANDO VOLTARDES, PEDRO ÁLVARES...

CEUTA, MARÇO DE 1488...

O CALOR É SOFOCANTE, PEDRO.

E QUE ESPERAVAS ENCONTRAR, JOÃO? O FRESQUINHO DE MANTEIGAS?

BEM-VINDOS A CEUTA, SENHORES. VOU TRATAR DE VOS DAR DESTINO. PROCURAI-ME AMANHÃ!

FUI DESTACADO PARA ARZILA, PEDRO. PARTO AMANHÃ.

POIS A MIM MANDAM-ME QUE FIQUE. VAMOS SEPARAR-NOS, JOÃO... BOA SORTE PARA TI, MEU IRMÃO!

CINCO DIAS MAIS TARDE...

CHAMO-ME DUARTE PACHECO PEREIRA. ESTA É A VOSSA PRIMEIRA COMISSÃO DE SERVIÇO, NÃO É VERDADE?

ASSIM É, DE FACTO. O MEU NOME PEDRO. PEDRO ÁLVARES CABRAL, SENHOR.

SOIS, POR ACASO, DA FAMÍLIA DE FERNANDES DE GOUVEIA?

SOU SOBRINHO, SENHOR. SEU SOBRINHO E NATURAL DE BELMONTE!

JOSÉ PIRES/AR

CEUTA ESTAVA DEBAIXO DO DOMÍNIO DOS PORTUGUESES DESDE 1415. DURANTE CERCA DE 45 ANOS A CIDADE VIVERA ISOLADA. ENCERRADOS DENTRO DAS MURALHAS, RODEADOS DE UM INIMIGO QUE NUNCA DEIXAVA DE ESPREITAR A MAIS PEQUENA OPORTUNIDADE, OS CONQUISTADORES TINHAM-SE TORNADO PRISIONEIROS DA SUA PRÓPRIA CONQUISTA. MAS EM 1471 OS PORTUGUESES CONQUISTAVAM ARZILA E OS ÁRABES DE TÂNGER, TEMENDO PELO SEU FUTURO, ABANDONARAM PRECIPITADAMENTE A CIDADE, QUE FOI DE IMEDIATO OCUPADA PELAS TROPAS DO REI AFONSO V, QUE MERECERIA, POR ISSO, O COGNOME DE "O AFRICANO"...

Jornal do
EXÉRCITO

LANCEIROS
182 anos na Calçada da Ajuda

€2,00 (IVA incluído) – Ano LVI – JE n.º 646 – março de 2015

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

Santander Totta
um banco para as suas ideias

santandertotta.pt

Informe-se já.

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Coronel de Infantaria José Custódio **Madaleno Geraldo**, Diretor do *Jornal do Exército*

O *Jornal do Exército* é um órgão do Exército Português que partilha com os seus leitores, maioritariamente portugueses, o que se vai passando com os soldados que servem Portugal, no território pátrio ou noutros teatros de operações, onde são defendidos os interesses de um povo que sempre gostou de se relacionar com os outros povos.

A maneira de ser dos portugueses é assim! Tem sido sempre assim ao longo da sua extensa história. Os portugueses não são melhores nem piores do que outros, mas quando é necessário ombreiam com os melhores. Devemos pois sentir orgulho de ser Portugueses e honrar aqueles que nos antecederam, sobretudo os que servem de referência para nós e para o mundo inteiro! A nossa inspiração para escrever vem muitas vezes de heróis nacionais, mas hoje vem de dois grandes líderes estrangeiros, que desempenharam um papel fundamental na humanidade, no passado século e que decerto merecem o epitáfio de "Boa Pessoa".

Um dos nossos colaboradores, Alexandre Gonçalves, escreve nestas páginas sobre um artigo a que denominou: "Liderança em Combate", como se fosse a continuação do nosso último editorial, onde abordámos a questão da Liderança. Defende que o que define um grande líder é: "ser-se boa pessoa". Na nossa modesta opinião, este deveria ser o epitáfio, pelo qual todos os seres humanos deveriam lutar em vida, ou pelo menos serem lembrados como tal. Sem fazermos grande esforço todos nos lembramos facilmente de grandes líderes, que foram boas pessoas: Mahatma Gandhi foi um líder espiritual e pacifista indiano, que iniciou uma campanha pela paz entre hindus e muçulmanos, que viviam em conflito, tendo obtido bons resultados na pacificação da Índia e no processo da sua independência. São dele as seguintes palavras: "Se queremos alcançar neste mundo a verdadeira paz e se temos de levar a cabo uma verdadeira guerra contra a guerra, teremos de começar pelas crianças; e não será necessário lutar se permitirmos que cresçam com a sua inocência natural; não teremos de transmitir resoluções insubstanciais e infrutíferas, mas iremos do amor para o amor e da paz para a paz, até que finalmente todos os cantos do mundo fiquem cobertos por essa paz e por esse amor pelo qual, consciente ou inconscientemente, o mundo inteiro clama." Outro grande líder que recordamos é Nelson Mandela, importante dirigente político da África do Sul, que foi um lutador incansável contra o *apartheid* no seu país. A sua determinação em acabar com a segregação racial na África do Sul levou o Comité Nobel a atribuir-lhe prémio Nobel da Paz, em 1993, que dividiu com o presidente Frederik de Klerk. Eis aqui o sonho que se tornou realidade: "Sonho com o dia em que todas as pessoas levantar-se-ão e compreenderão que foram feitas para viverem como irmãos." Estas duas pessoas fizeram dos seus bons pensamentos realidades! Aqui fica a nossa prece para um mundo melhor e em jeito de conclusão rematamos com um breve poema: "A força que o pensamento tem de criar o momento, como posso eu saber? Posso ao menos tentar, e começar a pensar, no que vai acontecer..."

Monumentos aos Combatentes da Grande Guerra – Leiria

Texto : Tenente RC Eder Sousa

A maioria dos Monumentos em Homenagem aos Combatentes da Grande Guerra teve a sua construção dificultada, sobretudo pela falta de meios que se vivia na altura, em virtude de Portugal se encontrar depauperado e fragilizado financeiramente. O Monumento de Leiria não foi exceção, pois o projeto, da autoria do escultor Luís Fernandes e do arquiteto Augusto Romão, estava previsto ser mais imponente e incluir os brasões de todos os concelhos do distrito de Leiria, mas acabou por adotar uma forma mais simples de modo a reduzir custos.

A ideia da sua construção surgiu em 1920, por iniciativa dos empregados do comércio Leiriense, para honrar a memória dos soldados do concelho que na Grande Guerra deram a vida por Portugal. Ainda nesse mesmo ano, a Câmara Municipal de Leiria aprovaria o projeto, mas os atrasos surgiram e o lançamento da 1ª pedra só seria efetuado no dia 9 de abril de 1925, pelo Presidente da República Manuel Teixeira Gomes. Por fim, a sua edificação ficou concluída em 1929, com a inauguração a decorrer no dia 13 de maio desse ano, na Praça de Goa, Damão e Diu.

À semelhança de outros monumentos do género, apresenta um formato piramidal, cuja matéria-prima é a pedra. Possui um friso em relevo, com a temática assente na natureza vegetal e a escultura central a remeter para uma figura feminina com asas, semelhante a um anjo, que segura ao peito uma espada, com a lâmina apontada para o solo. Na parte frontal é apresentada uma evocação da pátria e uma legenda que diz "Leiria, Aos Mortos da Grande Guerra 1914-1918", enquanto no verso da estrutura surge uma palma com a Cruz de Cristo sobreposta. No monumento existe ainda uma inscrição gravada na pedra que refere: "HOMENAGEM AOS HEROICOS SOLDADOS DO DISTRITO DE LEIRIA QUE, COMBATENDO NA FRANÇA E ÁFRICA EM DEFESA DA LIBERDADE DO DIREITO E DA JUSTIÇA, HONRARAM A PÁTRIA E A REPÚBLICA.

Ao longo do tempo, o monumento foi deslocado à medida que a cidade e o seu respetivo traçado urbano se iam desenvolvendo, assim, em 1973, foi transferido para o Largo de Infantaria 7. Anos mais tarde, em 2003, voltaram a decorrer alterações, tendo o monumento voltado à Praça original, mas já enquadrado numa rotunda.

Sumário .05

EDITORIAL 03

MONUMENTOS COM HISTÓRIA MILITAR 04

ATUALIDADES
Destaque do mês 06
Figuras & Factos 07
...mais de mil palavras 08

ARTIGOS

Aniversário dos Lanceiros
Cerimónias comemorativas do 182º aniversário do Regimento de Lanceiros Nº 2 24

Homenagem ao Coronel de Engenharia Almeida Pina 40

CULTURA, DESPORTO E LAZER
Revista & Site 44
Livros 45
Centenário da I Guerra Mundial 46

Capa: Lanceiro em uniforme de 1940
Foto: Carlos Vilas

O Estado Islâmico
Uma Nova Al-Qaeda ou um Novo Tipo de Ameaça?

Artigo de Francisco Jorge Gonçalves
Página 14

Engenharia Militar
Cooperação Técnico-Militar com São Tomé e Príncipe

Artigo do 1Sarg Eng Nelson Leal
Página 30

Liderança em Combate
Sobre os apenas líderes, os maus líderes, os bons líderes e os grandes líderes

Artigo de Alexandre Gonçalves
Página 32

SUPLEMENTO

Banda Desenhada: "Pedro Álvares Cabral e o Brasil - Da Serra da Estrela à Costa do Descobrimento" de José Pires

Páginas XIII a XVI

Jornal do Exército ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Direção, Redação e Administração: Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700 Militar: 414 085, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, *E-mail*: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, *E-mail – Intranet*: *Jornal do Exército*, *Home page*: www.exercito.pt **DIREÇÃO – Diretor**: Cor Inf José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor**: TCor Cav António N. Marcos Andrade; **Secretária**: Ass. Téc. Joana Moita; **REDAÇÃO – Chefe**: TCor Cav António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação**: 1Sarg Art Anjos Das Neves; **Redatores**: Ten RC Eder Sousa; **Operadoras Informáticas**: Ass. Téc. Elisa Pio, Ass. Téc. Guiomar Brito; Ass. Téc. Tânia Espírito Santo; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS – Auxiliares**: SAj SGE "Cmd" António Belém, SAj SGE Luís Silva; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** – Lusa – Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **EXECUÇÃO GRÁFICA** – MX3 – Artes Gráficas, Lda – Parque Industrial Alto da Bela Vista – Pavilhão 50 – Sulim Park – 2735-340 CACÉM, Tel: 219 171 088/89/90, *E-mail*: clientes@hmx3ag.com. Tiragem – 6.000 exemplares; Depósito Legal – nº 1465/82 ISSN – 0871/8598.

Exercício da Academia Militar em Beja

O Regimento de Infantaria Nº 3 (da Brigada de Reação Rápida) acolheu, no período de 30 de janeiro a 10 de fevereiro, os Cadetes Alunos do 1º, 2º, 3º e 4º anos da Academia Militar (AM) no quartel do Vale do Aguilhão e nas suas áreas de treino, em Beja, para a realização do exercício final de semestre, inserido no Bloco de Formação Militar.

Este exercício, no âmbito da Unidade Curricular de Formação Geral Militar, possibilitou aos Cadetes Alunos colocarem em prática os conhecimentos adquiridos ao longo de quatro meses de aulas. Assim, entre outras, foram abordadas matérias relacionadas com a Técnica Individual de Combate, a Técnica de Combate de Secção, Patrulhas e Técnica Policial. Já numa perspetiva de formação complementar, houve ainda espaço para uma visita ao local da Batalha de Montes Claros (17 de junho 1665), relembrada por intermédio de uma preleção de cariz histórico-tático.

Para a excelência da formação ministrada e do seu elevado realismo, para além do fundamental apoio geral conferido por diversas Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército, é de assinalar a prestimosa colaboração da Base Aérea Nº11 (Força Aérea Portuguesa), do Comando Territorial de Beja (Guarda Nacional Republicana), bem como do Município de Beja.

A AM voltará a exercícios no final do próximo mês de junho, altura em que se realizará o Bloco de Formação Militar 2.

A Academia Militar é um estabelecimento de ensino superior público universitário militar que desenvolve atividades de ensino, de investigação e de apoio à comunidade, com a finalidade essencial de formar

Oficiais destinados aos quadros permanentes das Armas e Serviços do Exército e da Guarda Nacional Republicana.

Brífingue do Exército aos Adidos Militares

Decorreu no dia 12 de fevereiro, no Estado-Maior do Exército, o Brífingue Anual do Exército aos Adidos Militares acreditados em Portugal. Na apresentação, o Diretor Coordenador do Estado-Maior do Exército, Major-General Rebelo Teixeira, abordou os vários aspetos, destacando-se: missão, organização, estrutura operacional, missões em curso, bem como a cooperação técnico militar em que o Exército está envolvido.

O evento contou com a presença do Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Hernandez Jerónimo que respondeu às perguntas que lhe foram dirigidas pelos presentes.

O Adido de Defesa Junto da Embaixada da Alemanha em Portugal, Tenente-Coronel Björn Ismail Hartmut Taube, agradeceu ao CEME em nome de todos os Adidos presentes, pela forma como foram recebidos, realçando-se no seu discurso as seguintes palavras "...depois de ver esta apresentação sobre a atualidade e o futuro do Exército Português, tenho a certeza que os vossos militares vão superar também os desafios atuais. Porque uma coisa não mudou durante a história larga e orgulhosa deste exército: a sua coragem, o seu espirito e a sua criatividade".

Destaca-se, ainda, a fotografia de grupo e a entrega ao CEME da cresta dos Adidos acreditados em Portugal.

11ª Edição do Dia da Defesa Nacional no Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1

Desde 6 janeiro que decorre no Regimento de Artilharia Antiaérea Nº1 (RAAA1) a 11ª edição do Dia da Defesa Nacional (DDN). Esta atividade conta com a participação de uma equipa de oito divulgadores constituída por um Oficial da Marinha, um Oficial do Exército, um Oficial da Força Aérea, um Sargento da Marinha, um Sargento da Força Aérea, uma Praça da Marinha, uma Praça do Exército e uma Praça da Força Aérea.

A equipa de divulgadores ministra aos jovens diversas apresentações onde são focados vários temas, nomeadamente o Modelo de Serviço Militar, Defesa Nacional e Cidadania, Papel das Forças Armadas nas áreas de Ameaças e Riscos à Segurança Nacional, Missões Internacionais, Missões de Interesse Público, Missões de Paz e Humanitárias e Cooperação Técnico-Militar e a Organização das Forças Armadas.

No decorrer das atividades é facultado aos jovens contacto com diverso material operacional que equipa o RAAA1, Sistema Míssil Portátil Stinger, Sistema Míssil Ligeiro Chaparral, Canhão Bitubo 20mm, Alvo Aéreo BATS, Alvo Aéreo MK V e diverso armamento ligeiro.

Desde o início da 11ª edição do DDN passaram por este centro de divulgação cerca de 3300 jovens, provenientes dos Concelhos da Amadora, de Oeiras, de Cascais, da Freguesia de Benfica e das Freguesias de Queluz e Belas, Massamá e Monte Abraão, Cacém e São Marcos, Agualva, Mira Sintra, Casal de Cambra, Rio de Mouro, Algueirão Mem-Martins, Santa Maria, São Miguel, São Martinho e São Pedro de Penaferrim, todas do Concelho de Sintra.

Os cães também saltam

Foi no já distante ano de 1959 que os paraquedistas criaram em Tancos o Centro de Instrução de Cães de Guerra.

A utilização dos cães de guerra é hoje prática comum nos exércitos mais modernos do mundo. A inserção das equipas cinófilas através de salto em pára-quedas de abertura manual ou automática é treinada quer nas *Special Forces US* quer nos SAS britânicos

Hoje, existe uma Secção de Cães de Guerra no Batalhão Aeroterrestre, sediado na Escola de Tropas Paraquedistas, que é responsável pelo adestramento destes cães para ações operacionais, de segurança e de apoio à proteção civil.

Na foto 4 binómios cinotécnicos:

1º Sargento Para Lima e Indie (Pastor Alemão)

2º Furriel Para Amorim e Uxo (Pastor Belga Malinois)

2º Cabo Para Pinto e Lukie (Pastor Alemão)

Soldado Para Pedro e Ché (Pastor Alemão)

Foto: SMor Para Serrano Rosa

Retificação

Errata da rúbrica "...mais de mil palavras" do *JE* nº 644, de janeiro de 2015:

No início do último parágrafo da legenda que acompanha a imagem da citada rúbrica, da publicação mencionada em epígrafe, onde se lê: "A Bateria de Salvas do Regimento", deverá ser lido: "Uma bateria de salvas, composta por obuses do encargo operacional do Regimento de Artilharia Nº 4".

Visita de uma delegação Turca ao Centro de Tropas Comandos

No dia 2 de fevereiro, uma delegação do Curso de Estado-Maior das Forças Armadas da República da Turquia, chefiada pelo Brigadeiro General Cengiz Karacabey, visitou o Centro de Tropas Comandos da Brigada de Reação Rápida.

Do programa oficial da visita destacaram-se o brífingue da Unidade, a demonstração operacional, a fotografia junto ao Monumento ao Esforço Comando, exposição estática e a assinatura do Livro de Honra.

Esta visita veio fortalecer as relações com o Exército da Turquia, país que desde 1952 pertence à NATO e que participa ativamente em operações conjuntas com Portugal e os outros estados-membros.

Tomada de Posse do novo Comandante do CME

Em 8 de janeiro tomou posse, como Comandante do Centro Militar de Eletrónica, o Coronel de Infantaria "Comando" Paulo Alexandre de Jesus Castro Rodrigues. Este foi recebido à Porta de Armas pelo 2º Comandante e pelo Adjunto do Comando, seguindo-se a Cerimónia Militar com respetivas honras regulamentares, realçando-se a tomada de posse na parada do CME, materializada pela entrega do estandarte da Unidade.

Concluída a cerimónia, o Comandante recebeu no Salão Nobre os Oficiais, Sargentos, uma delegação de Praças e Funcionários Civis do CME, que apresentaram os protocolares cumprimentos de boas vindas, tendo de seguida recebido um brífingue sobre a Unidade, passado revista às instalações e assinado a Ordem de Serviço.

TABELA DE PREÇOS PARA 2015

PREÇO DE CAPA €2,00 **ASSINATURA ANUAL** (11 números): **VIA SUPERFÍCIE** - Portugal Cont. Madeira e Açores €20,00; **VIA AÉREA** - Países Europeus €45,00; Restantes Países €65,00. **NOTA**• As assinaturas devem ser pagas antecipadamente **NÚMEROS ATRASADOS** - 1960 a 1969 €4,50; 1970 a 1979 €4,00; 1980 a 1989 €3,00; 1990 a 2001 €2,50; 2002 a 2012 €2,00. Os preços incluem IVA à taxa de 6%.

PREÇO DE ENCADERNAÇÃO €30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.

N.B.• Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: 1000/2000 €4,21; 3000/8000 €5,79; Açores e Madeira €6,56.

Investigadores do CINAMIL da AM recebem prémio em Jornadas Científicas

Nos dias 4 e 5 de fevereiro, realizaram-se as XXV Jornadas Hispano-Lusas de Gestão Científica, na cidade de Ourense, Espanha, nas quais participaram mais de 300 investigadores internacionais. Com o apoio da Academia Militar (AM) e do Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação da Academia Militar (CINAMIL), uma equipa de Investigadores, composta por professores e alunos da AM, submeteram várias comunicações e participaram na apresentação pública nestas Jornadas Científicas. No final das XXV Jornadas e durante o jantar de gala, o Tenente-Coronel de Infantaria José Carlos Dias Rouco e o Alferes de Infantaria GNR André Filipe Lopes Barreira receberam o prémio da melhor comunicação na área científica em Recursos Humanos.

O artigo submetido às Jornadas com o tema "A Inteligência Emocional e o Exercício de Comando: Estudo de Caso em Contexto dos Destacamentos de um Comando Territorial da Guarda Nacional Republicana", teve como suporte o Trabalho de Investigação Aplicada para a obtenção do grau de Mestre em Ciências Militares na Especialidade de Segurança da Academia Militar, realizado pelo Alferes de Infantaria GNR André Barreira, com a orientação do Tenente-Coronel de Infantaria Dias Rouco e coorientação do Capitão de Infantaria GNR Paulo Gomes.

Na Cerimónia de Encerramento, foi salientado pelo Presidente do Comité organizador a excelência da investigação científica que o CINAMIL, a AM e o Exército Português têm vindo a desenvolver e a apresentar naquele fórum nos últimos cinco anos.

Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação da Academia Militar (CINAMIL)

Call de Projetos de Investigação, Desenvolvimento e Inovação no CINAMIL - 2016

De acordo com as Normas de Investigação, Desenvolvimento e Inovação do Exército (NIDIEx), Artº 2º a 6º - Parte II, informa-se que se encontra aberta até ao dia 30 de Abril de 2015 a candidatura a Projetos de Investigação e Desenvolvimento no Exército.

Contactos:
Academia Militar ,Rua Gomes Freire
1169-203 - Lisboa Portugal
e mail: cinamil@academiamilitar.pt
Tel: 21 318 69 63
Tel. Militar: 415 663/415661
www.academiamilitar.pt

Imposição de condecorações a antigos combatentes

Realizou-se no dia 27 de fevereiro, no Regimento de Infantaria Nº 3, uma cerimónia de imposição de condecorações a 17 Combatentes (uma a título póstumo), com a medalha comemorativa das últimas campanhas das Forças Armadas Portuguesas nas ex-províncias ultramarinas de Angola, Guiné e Moçambique.

As medalhas comemorativas das Forças Armadas Portuguesas destinam-se a assinalar épocas ou factos de realce na vida dos militares, ocorridos em serviço de campanha ou durante o desempenho de comissões de serviço especiais.

A cerimónia foi presidida pelo Comandante do Regimento, Coronel de Infantaria Carlos Faria, e contou com a presença do Presidente do Núcleo de Beja da Liga dos Combatentes, Major Manuel Pereira.

A cerimónia iniciou-se com uma breve alocução do Comandante do Regimento. Seguiu-se a cerimónia de homenagem aos mortos em combate com deposição de uma coroa de flores, após a qual se procedeu à imposição de condecorações. Do programa fez ainda parte a fotografia de grupo e um almoço convívio.

RE1 executa abertura e destruição de contentores com materiais industriais perigosos

O Regimento de Engenharia Nº1 (RE1), através do Grupo de Equipas *Explosive Ordenance Disposal* (GrEqEOD), executou entre 7 e 8 de janeiro uma operação de abertura à distância e destruição de contentores metálicos contendo materiais industriais facilmente inflamáveis, em apoio a uma empresa do Parque de Resíduos da Chamusca.

Na sequência de várias tentativas de abertura dos contentores manualmente e também por meios mecânicos, tendo ambas as situações resultado em deflagrações descontroladas, e tendo-se verificado que o manuseamento destes contentores originava frequentemente deflagrações com elevado grau de perigosidade, devido particularmente ao estado de degradação do material, foi solicitado o apoio do RE1.

Através do emprego de um Veículo de Controlo Remoto (VCR) "tEODor" operado à distância, para colocação e detonação de cargas lineares de corte de aço, o GrEqEOD apresentou uma modalidade de ação com baixo nível de risco.

A operação contou também com a participação das equipas internas de operadores de equipamentos de engenharia e de combate a incêndios da própria unidade apoiada e de uma equipa do Núcleo de Substâncias Perigosas do Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa.

Visita da Fundação Benfica ao RC3

No âmbito do protocolo celebrado entre o Exército Português e a Fundação Benfica, o Regimento de Cavalaria Nº3 (RC3) recebeu, em 18 de fevereiro, um grupo de cerca de 190 alunos, com idades compreendidas entre os 10 e os 16 anos, oriundos dos Agrupamentos de Escolas de Setúbal (Bela Vista), Ponte de Sor (Ponte de Sor e Montargil) e Lisboa (Marvila e Damião de Góis).

De acordo com o protocolo celebrado e no âmbito do projeto da Fundação Benfica, "Para ti se não faltares", a visita contemplou um conjunto de atividades de âmbito militar, onde os alunos estiveram envolvidos de forma ativa.

Do programa oficial destacou-se a receção de boas vindas pelo Comandante, Coronel de Cavalaria Nuno Gonçalo Victória Duarte, seguindo-se as atividades previstas pelo RC3, que incluíram volteio e passeio a cavalo, escalada e rapel da torre móvel multiactividades, pista de 200m e transposição de obstáculos em corda, uma prova de orientação e uma visita às instalações do RC3.

A seguir ao almoço, foram retomadas as atividades com as crianças a assistirem à formatura Regimental.

Apoio ao municipio do Sardoal no âmbito do PAOC

O Regimento de Engenharia Nº1, no âmbito do Plano de Atividade Operacional Civil (PAOC), esteve envolvido numa frente de trabalho no Sardoal, no período de 3 de novembro de 2014 a 21 de janeiro de 2015, contabilizando 36 dias úteis de trabalho efetivo.

Os trabalhos realizados traduziram-se na beneficiação de um caminho com a extensão de 1500m que faz a ligação entre as povoações da Presa e Entrevinhas, no melhoramento de um caminho florestal com 2700 m e na beneficiação dos arruamentos da povoação do Pisão. As intervenções agora efetuadas aumentam consideravelmente a qualidade dos acessos às freguesias referidas e, consequentemente, a qualidade de vida das suas populações.

Assinatura de Protocolo de colaboração entre o Exército e a Câmara Municipal de Espinho

No dia 6 de fevereiro, decorreu a assinatura de um protocolo de colaboração entre o Exército Português, através do Regimento de Engenharia Nº 3 (RE3), e a Câmara Municipal de Espinho (CME), no salão nobre da CME.

O protocolo destina-se a autorizar a Câmara Municipal de Espinho a utilizar, a título precário, a área do Prédio Militar 03/ESPINHO, necessária à implementação da "Via Permeável de Acesso à Praia de Paramos", inserida no projeto "Passadiço e Ciclovia" em execução no âmbito das ações de valorização do Litoral de Eixo III do programa Operacional Regional do Norte, possibilitando o acesso ao Lugar da Praia de Paramos (Praia, habitações e ETAR) fazendo o afastamento da via da zona dunar.

Por ocasião da assinatura do protocolo, o Ministro da Defesa Nacional condecorou o presidente da CME com a Medalha da Defesa Nacional, de 1ª classe, pelo trabalho desenvolvido em colaboração com o Exército.

14.

O Estado Islâmico

Uma Nova Al-Qaeda ou um Novo Tipo de Ameaça?

Texto : Francisco Jorge Gonçalves*

«Eles estão muito para além de um grupo terrorista, aliando a sua ideologia a uma notável sofisticação militar a nível estratégico e tático, estando igualmente muito bem financiados (...) Nunca assistimos a nada parecido com isto, pelo que temos de nos preparar para todos os cenários possíveis.
E a única maneira de lidar com eles é fazendo uma análise fria, dura e objetiva - e prepararmo-nos...»
Chuck Hagel, ex-Secretário de Estado dos EUA, 21 de agosto de 2014

Introdução

No dia 29 de junho de 2014, na cidade de Mossul, o Estado Islâmico do Iraque e da Síria (EIIS) proclamou o novo Estado Islâmico (EI), assim como designou um Califa: Abu Bakr al-Baghdadi, que adotou o nome de Califa Ibraim (Abraão).

A esmagadora maioria das análises efetuadas por órgãos de comunicação social focam quase exclusivamente a brutalidade dos atos do EI, retratando-os apenas como uma versão mais sangrenta da Al-Qaeda. Todavia, não será possível encetar um combate eficiente e eficaz ao EI, caso não seja analisada a sua agenda político-religiosa.

Deste modo, o objetivo do presente artigo visa analisar se o EI é apenas um «clone» da Al-Qaeda ou se representa uma ameaça mais letal. Para o efeito, serão analisadas as origens do EI, a sua estratégia político-religiosa, os instrumentos de legitimação, assim como o seu apoio nas redes sociais, para no final se proporem algumas medidas para combater o EI, sendo que concluímos que estamos perante uma ameaça muito mais perigosa do que a Al-Qaeda.

Origens do Estado Islâmico

As suas origens podem ser reportadas ao grupo «jama´t tawhid wal jihad» (JTJ) criado por al-Zarqawi em 1999, que era composto por um núcleo restrito de simpatizantes islamitas e alguns combatentes estrangeiros.

Em outubro de 2004 o JTJ declara o seu apoio à Al-Qaeda e altera a sua designação para «Tanzim Qaidat al-Jihsd fi Bilad al-Rafidayn» também conhecida como Al-Qaeda no Iraque (AQI). A AQI primou a sua atividade por uma série de atentados, especialmente contra a população xiita do Iraque, o que levou ao seu descrédito e inclusivamente até Zawahiri pediu «moderação» a al-Zarqawi. Todavia, em 7 de junho de 2006, al-Zarqawi é eliminado, juntamente com outros elementos da cúpula da AQI. Para fazer face a esta crise de liderança, em 13 de outubro de 2006, foi alterada a sua designação para «O Estado Islâmico do Iraque (EII)», mas é apenas com a nomeação de Abu Bakr al-Baghdadi, em 16 de maio de 2010, como líder do EII, que este grupo alcança um grande dinamismo e expansão, especialmente com a nomeação de militares que serviram Saddam Hussein (alguns ligados às Informações) e que tinham sido libertados ou tinham fugido de estabelecimentos prisionais.

Aproveitando a situação caótica no TO da Síria, em abril de 2013, al-Baghdadi declara que o grupo Jabhat al-Nusra (JN) iria fundir-se com o EII, adotando a designação de Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIIL).

A conquista de Mosul em 10 de junho de 2014, na qual uma força militar de 800 homens do EIIL derrotou cerca de 30 mil combatentes do exército iraquiano demonstrou a sua capacidade militar, assim como proporcionou uma enorme fonte de financiamento. Finalmente, no dia 29 de junho de 2014, foi alterada a designação para Estado Islâmico (EI) e a designação de al-Baghadi como novo Califa.

De igual modo, para a administração do EI foi criado um executivo (ao nível ocidental) bem com-

Fonte : cosamipassaperlatesta.myblog.it

plexo, dividido em Ministérios (financeiro; legal; militar; assistência social), incluindo um Ministério de Informações e um Ministério dedicado às redes sociais, fulcrais na ascensão e visando a consolidação do EI.

Finalmente, no que diz respeito às suas forças armadas, atualmente o EI compreende um exército composto por 31 a 50 mil combatentes, sendo que diversos autores sustentam que o EI, porque administra e gere um território, não pode ser qualificado como um mero grupo terrorista mas, pelo menos, como um grupo insurgente[1].

Estratégia político-religiosa do Estado Islâmico

Como primeira referência, importa sublinhar que a agenda política do EI está ligada a um contexto religioso do qual não pode ser separada. Ademais, segue um trajeto perfeitamente delineado por etapas (ligadas à ascensão de Maomé), característico de um «*blueprint*»: numa primeira fase, pretendem consolidar o EI; numa segunda fase, pretendem conquistar os estados muçulmanos vizinhos e, numa terceira fase, pretendem conquistar o inimigo longínquo. Para o efeito, os apoiantes do EI citam uma *hadit*[2] atribuída ao profeta Maomé, o qual referia que primeiro era necessário conquistar a Península Arábica, depois a Pérsia e depois «Roma».

Isto significa que a sua prioridade imediata não é a «Jihad global» mas a consolidação do Estado Islâmico (Celso, 2014). Na verdade, pedem a todos os crentes islâmicos para fazerem a peregrina-

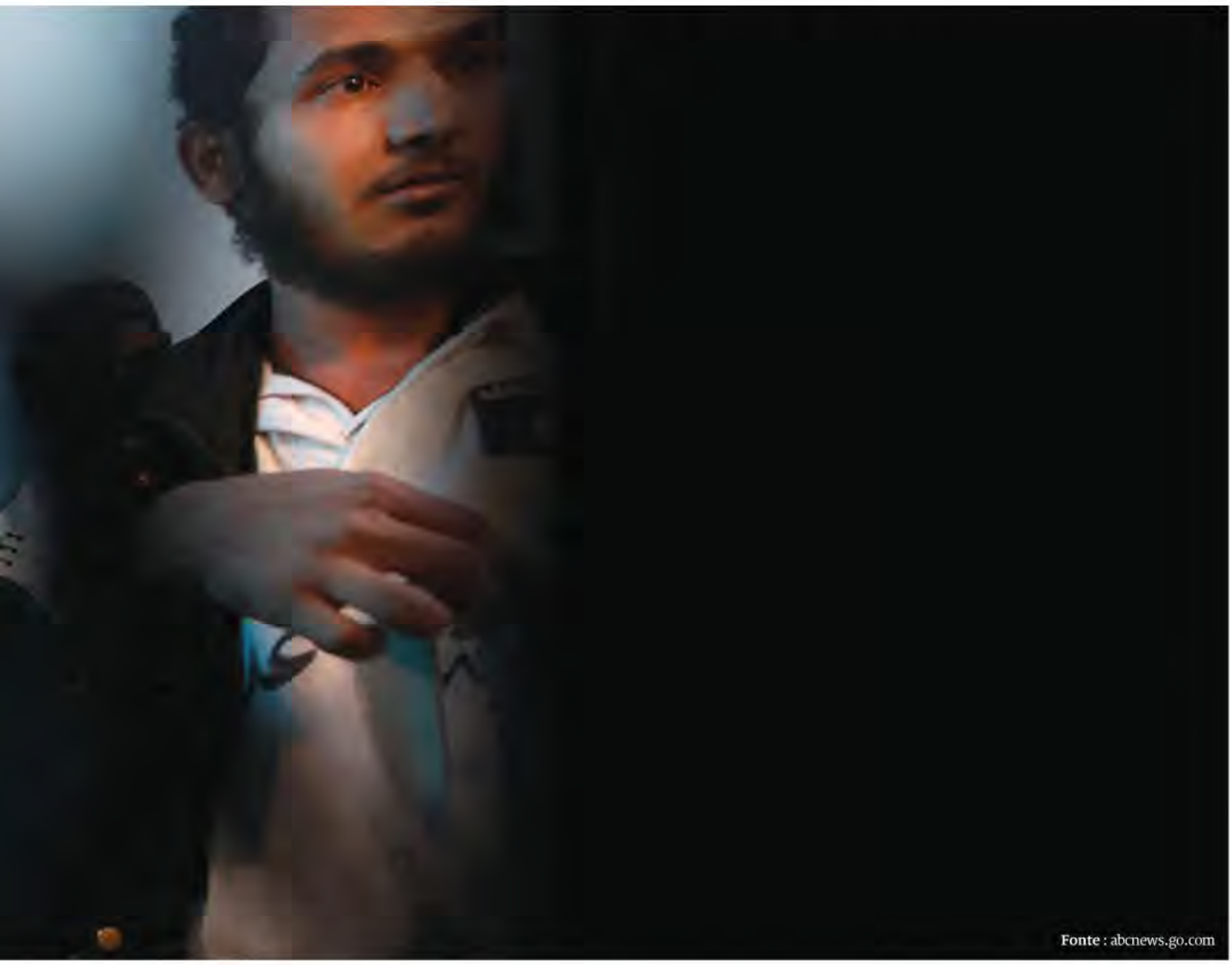
ção (Hégira, pilar do Islão) para o novo EI, e adotando esta estratégia visam ainda retirar membros a grupos terroristas *jihadistas*, como é o caso da Al-Qaeda.

Contudo, em termos estratégicos, como deve ser interpretada a decapitação de dois cidadãos americanos (James Foley e Peter Kassig) em 2014? Entendemos que o objetivo passa pela consolidação do EI e, sustentamos que nesta situação, também aplicaram o conceito de «*lessons learned*» em relação à Al-Qaeda, a qual, depois de observar o exemplo do episódio da morte de militares americanos em Mogadíscio, que culminou na sua retirada da Somália, levou a cabo o atentado de 11 de setembro, julgando que os EUA não retaliariam.

Na verdade, entendemos que a cúpula do EI entende a decapitação dos dois cidadãos americanos como um «risco calculado» porquanto, dada a proporção do número de vítimas, não levará à intervenção dos EUA, além de servir para consumo

[1] Regra geral, um grupo terrorista não possui nenhuma parcela do território, nem funciona como grupo militar e evita lutar contra forças militares em combate. Diferentemente, um grupo guerrilheiro, atua como unidade militar, ataca alvos militares e detém porções do território. Finalmente um grupo insurgente, para além das característica associados a grupos guerrilheiros, também utiliza propaganda e guerra psicológica para mobilizar o apoio popular (Hoffman, 2006, 35). No mesmo sentido, em qualificar o EI como uma ameaça muito mais letal do que um mero grupo terrorista ver Celso (2014), Amador (2014) e Baretzky (2015).

[2] *Hadith* (pl. *ahadith*) – Termo aplicado às ações e aos ditos atribuídos a Maomé, que circularam durante séculos por transmissão oral e que foram objeto de compilação, e de validação, através de uma cadeia de transmissores (*isnad*).



Fonte : abcnews.go.com

interno (afinal conseguem retaliar contra os EUA).

Diferentemente, a Al-Qaeda, antes sequer de tentar criar o califado, tinha proclamado uma *fatwa* contra o inimigo longínquo, assim como advogava a membros e simpatizantes a prática de atos terroristas nos seus países de origem, não visando com esta estratégia a implementação ou, a criação de condições, para a implementação de um Estado Islâmico.

Por outro lado, apesar da brutalidade contínua dos atos praticados pelos seus membros, a violência não deve ser encarada como um fim em si mesmo, estando ao serviço de uma estratégia político-religiosa. O uso da violência visa impor a uniformidade entre as suas hostes e obedece a uma estratégia de aterrorizar populações que não obedeçam à autoridade do EI, uma violência revolucionária semelhante à praticada por grupos terroristas de extrema-esquerda.

No que concerne às fontes de rendimento, o EI possui os recursos suficientes para pagar os salários aos seus funcionários, incluindo os seus combatentes (400 a 500 dólares por mês), assim como para a manutenção de alguma rede básica de saneamento.

É certo que os proveitos económicos retirados dos territórios que compõem o EI não correspondem aos existentes antes do conflito, o que leva Mona (2014) a referir que a longo prazo o EI não conseguirá subsistir. Todavia, desde o tempo da AQI existe um longo historial de arrecadação de receitas (raptos, taxas, entre outros) com sucesso assinalável, que vão continuar a aplicar, especialmente quando dispõem de mais recursos materiais e humanos, pelo que é prematuro retirar-se essa conclusão.

Instrumentos de legitimação do Estado Islâmico

a) A Bandeira

Na verdade, a cor, as palavras usadas e inclusivamente a sua caligrafia assumem-se como um «bluprint» das intenções do EI. Em primeiro lugar, a cor da bandeira corresponde à utilizada por Maomé nas suas campanhas.

A «Shahada» é a profissão de fé que constitui o primeiro pilar do Islão: «Não há outra divindade senão Deus (Alá) e Maomé é o seu profeta». Esta mesma inscrição consta da bandeira da Arábia Saudita. Diferentemente, da bandeira do EI apenas consta a primeira parte da «Shahada»: «Não há outra divindade senão Deus (Alá)», pretendendo assim distinguir-se da bandeira da Arábia Saudita.

Por outro lado, o centro da bandeira é branco contendo três palavras que se designam: «Deus Mensageiro Maomé». Pois bem, a razão do círculo branco e destas três palavras visa retratar o «Selo de Maomé», que o profeta utilizava quando escrevia cartas a dignatários estrangeiros para se juntarem à nova fé.

Já a utilização da palavra «Alá» visa, não apenas um objetivo de legitimidade, como também confere segurança, porquanto o ato de danificar a bandeira será qualificado como um sacrilégio, pois não se deve queimar a palavra Alá. Aliás, no Líbano, quando manifestantes queimaram a bandeira do EI, o próprio Ministro da Justiça do Líbano (Ashraf Rifi) chegou a afirmar que queimar uma bandeira que contém a palavra Alá devia ser qualificado como um crime.

b) A Publicação Dabiq

Como primeira referência, a designação «Dabiq» advém de uma localidade perto da cidade de Alepo onde, de acordo com uma *hadith* atribuída a Maomé, antes da eclosão do armagedão, ocorreria uma grande batalha entre os muçulmanos e os cruzados.

O primeiro número desta publicação, no qual a

Fonte: images.cdn.impresa.pt

sua estratégia político-religiosa está bem vincada, designa-se «o Regresso do Califado»: consolidar o EI criado, assim como conferir legitimidade religiosa aos seus atos, além de apelar ao recrudescimento da população, através de recrutamento e alianças tribais.

Por seu lado, a subsequente 2.ª edição, denominada «o Dilúvio», assenta na seguinte premissa: «O Estado Islâmico ou o Dilúvio», desempenhando o califado o papel de arca.

Posteriormente, a 3.ª edição veio promover a Hégira o mais rapidamente possível para o EI, visando a consolidação do califado e, para o efeito, construindo uma sólida justificação religiosa.

A 4.ª edição vem defender que a coligação falhará, o que vem demonstrar a perspicácia em responder aos problemas (imediatos) visando a consolidação do EI.

A 5.ª edição proclama a consolidação e expansão do EI para outros países (e.g. Argélia), após a aceitação do compromisso de lealdade por parte de grupos terroristas *jihadistas* situados naqueles países. Finalmente, a 6.ª Edição do Dabiq é dado um especial enfâse na defesa do EI contra os seus detratores feito por outros grupos terroristas *jihadistas*, assim como de teólogos islâmicos, visando assegurar a manutenção da legitimidade religiosa do EI.

Ao invés, a publicação «Inspire» (associada à Al-Qaeda) assume-se mais como um guia individual para todo o combatente *jihadista*, advogando o «*Do It Yourself*», por exemplo, dando indicações de como construir engenhos explosivos usando apenas material de cozinha. De resto, na revista Inspire não é discernível uma visão estratégica-política tangível, sendo certo que não possui o aparato teológico do Dabiq.

c) O Monopólio da Educação

Para imposição de uma «hegemonia cultural», o EI publicou uma «diretiva» aplicável a todas as instituições educacionais», emitida pelo *EI Bureau of Curriculum*, em que determina a substituição do currículo escolar existente, incluindo matemática e filosofia, por outro conforme com a sua interpretação do Islão. Ademais, para legitimação do novo EI, que não está assente numa filiação nacional, mas outrossim numa filiação religiosa (a sua versão do Islão), torna-se necessário eliminar qualquer referência nacional à Síria.

Não se diga a título de contra-argumentação que esta imposição está condenada ao fracasso, tal como sucedeu com as «leis» criadas pelos talibans no Afeganistão. Com efeito, os talibans eram um grupo insurgente rural (Scheur, 2005, 62), muitos dos quais nunca tinham estado em cidades, tendo adotado medidas absurdas (acabaram com o futebol, com a televisão, com o cinema, entre outros). Realmente, também aqui o conceito de «*lessons learned*» foi aplicado, tendo a cúpula do EI aprendido com os erros dos talibans no Afeganistão.

Todavia, esta fórmula da erradicação da educação ligada ao anterior regime político não é inovadora, especialmente em países de maioria de crentes islâmicos. A título de exemplo, no século XX, no Egito e na Argélia os nomes dos países foram alterados, assim como foi introduzida uma nova bandeira, uma nova história (devidamente revista), além de outros textos, de acordo com a visão e valores dos novos líderes políticos (Brand, 2014, *passim*).

Apoio ao Estado Islâmico: a importância das redes sociais

Em dezembro de 2013, estimava-se que cerca de 11 mil combatentes estrangeiros pertencentes a mais de 81 países se tinham deslocado para o TO

Fonte : s.yimg.com

da Síria (Joseph *et al*, 2013), sendo que mais de 3 mil pertencem a países ocidentais e a «narrativa jihadista» é a razão mais comum para se juntarem (Barrett, 2014, 6-7).

De resto, dentro das redes sociais, o Twitter e o Facebook são os mais eficazes a difundir a ideologia extremista, especialmente porque o EI traduz tudo para a língua inglesa (Barrett, 2014, 8), sendo de assinalar que muitos combatentes no TO, até postam nas redes sociais o ato de queimarem os seus passaportes, assim como a sua vida diária na Síria.

Inclusivamente, as suas interações visam a conta do Departamento de Estado Norte-Americano «*Think Again Turn Away*», que visa rebater o extremismo islâmico, incentivando os *jihadistas* a discutir questões *online*.

Outra diferença substancial em relação à Al-Qaeda são as enormes capacidades na utilização das tecnologias de informação, que não se limitam a uma estratégia defensiva, correspondendo também a uma ofensiva no sentido de monitorizar as atividades de governos, organismos e «*think thanks*» ocidentais, de molde a se precaver contra todos os tipos de ameaças.

Como apontamento final, sempre se dirá que o EI igualmente aplica o conceito de «*lessons learned*» relativamente ao exemplo do Afeganistão: os Talibans proibiram a televisão, a música, o cinema entre outros exemplos no acesso a tecnologias modernas. Afinal, neste âmbito quem era o jovem que queria ir para aquele país?

Diferentemente, o EI procede a um amplo apelo à juventude nas redes sociais, mostrando vídeos em que no EI podem continuar a usufruir destes meios tecnológicos. Um dos últimos exemplos consiste no lançamento do jogo: «Grand Theft Auto 5», editado e adaptado para o recrutamento para o EI (Tasi, 2014).

O combate ao Estado Islâmico

Por conseguinte, atendendo a que o EI é um grupo insurgente com amplos recursos financeiros, com capacidades militares e que administra um território, não pode existir uma única solução para o seu combate, sendo que uma campanha de ataques aéreos, que não seja acompanhado com tropas no TO, será ineficaz.

Aliás, Leon Paneta (exerceu o cargo de Diretor

Fonte : 2.bp.blogspot.com

da CIA, quando Bin Laden foi eliminado e posteriormente foi Secretario de Estado da Defesa) referiu no programa «60 minutes» que se devia ter deixado pelo menos 8 a 10 mil tropas militares americanas no Iraque (incluindo elementos ligados às Informações), assim como se devia ter armado os rebeldes sírios moderados (Paneta, 2014).

Dentro da vertente militar, centremos a nossa atenção nas fileiras das «forças armadas» do EI, porquanto é composto por alguns milhares de indivíduos provenientes de países ocidentais, pelo que a curto prazo é necessário lidar com o problema do combate à radicalização no extremismo islâmico a dois níveis: evitar que os indivíduos se radicalizem (contraradicalização) e, igualmente, combater os indivíduos já radicalizados: desradicalização (Gonçalves, 2014, 221).

Assim sendo, nos países de origem é necessário evitar que os indivíduos se radicalizem e/ou se desloquem para o TO da Síria, logo advoga-se que as redes sociais geridas por extremistas islâmicos devem ser alvo de contrainformação[3] (o encerramento será ineficaz) levando em linha de conta as divisões entre o EI e outros grupos terroristas *jihadistas* (Barrett, 2014,30).

Uma questão que deve ser analisada é a do regresso dos combatentes ocidentais aos seus países de origem. O que devem os governos fazer?

[3] Tocantemente ao combate ao radicalismo islâmico na internet ver Gonçalves (2011a, 257-259).

Alguns decisores políticos (como Boris Johnson, Presidente da Câmara de Londres) sustentam que os cidadãos com passaporte Britânico que regressem do TO da Síria devem presumir-se culpados, a não ser que posteriormente sejam ilibados.

Ora, partir deste pressuposto (levantando problemas constitucionais em qualquer Estado de Direito) encerra inúmeras dificuldades, além de ser ineficaz (Barrett, 2014, 28). Ademais, entende-se como necessário que aos indivíduos que queiram regressar do TO da Síria, não lhes seja vedada a possibilidade de regresso aos países de origem, devendo ser submetidos a programas de desradicalização[4], que possibilitem a monitorização das suas atividades.

Obviamente que esta opção não é isenta de riscos: na verdade, alguns indivíduos irão colocar problemas para a segurança nacional dos países respetivos e, inclusive, alguns irão enveredar pelo terrorismo, sendo que o ataque ocorrido ao museu judaico, em Bruxelas, em maio de 2014, é um exemplo disso mesmo.

Mas nem todos os que regressam do TO da Síria irão colocar um problema à segurança nacional, porquanto alguns estão apenas desiludidos, cansados ou foram para o TO da Síria por outras razões. Além disso, dificilmente qualquer indivíduo equacionará o regresso (Joseph *et al*, 2013) se souber que no seu país lhe aguarda o cumprimento de uma longa pena de prisão num estabelecimento prisional[5].

Um dos argumentos que reforça a necessidade da existência de tropas no TO prende-se com a estratégia agressiva de recolha de Informações usada pelo EI via Internet, devido ao domínio das tecnologias de informação que alguns elementos do EI possuem. Ora, sem tropas no TO que permitam validar as Informações relativamente à localização destes indivíduos (que se vão esconder junto da população civil), a sua eliminação será problemática.

Essa é uma grande diferença em relação à Al-Qaeda e lembremos que o próprio Bin Laden vivia em reclusão, com receio de aceder à Internet, para evitar a sua deteção.

Na verdade, esta capacidade de monotorização por parte do EI, significa que a ameaça que representa é dinâmica e flexível, capaz de se adaptar a diferentes cenários, o que o torna um adversário bastante temível. A título de exemplo, através de diversas contas do Twitter associadas ao EI, são enviados conselhos na forma como o memorando deve ser cumprido: «age em silêncio e protege os teus irmãos mujahedden»; «não prejudiques os teus irmãos ao alertares dos seus movimentos»; «É permitido publicar fotografias de antigas batalhas ou para celebrar vitórias recentes» (Reda, 2014).

Importa sublinhar que, quanto mais tempo o EI resistir, mais ameaçador se tornará, devido à sua capacidade de projeção de poder e capacidade de realinhamento de alianças, exercida sobre grupos terroristas *jihadistas*, especialmente devido ao fenómeno de autorrecrutamento. Veja-se o exemplo do assassinato do cidadão francês na Argélia (24 de setembro de 2014) pelo grupo terrorista *jihadista* «Jund al-Khilafa» (Soldados do Califado), que anteriormente era aliada à Al-Qaeda[6] e agora declarou a sua lealdade ao EI. De resto, este é um fenómeno que tem tendência a

Fonte: blog.northpointechurch.ca

Fonte: imguol.com

se replicar consecutivamente, fazendo o EI crescer exponencialmente, a nível global, com a gravitação à sua roda de grupos terroristas *jihadistas*, prontos a prestar vassalagem, mas também podendo tomar decisões contrárias às defendidas pelo EI.

Todavia, existe uma janela de oportunidade que deve ser explorada: a eliminação do líder do EI. Como refere Celso (2014):

«(...) O EI está perante um dilema estratégico: tendo declarado um Estado Islâmico e proclamado o Califa Abraão como seu líder, estão obrigados a defender ambos, porquanto acreditam no «método profético». Ora, se al-Baghadi for eliminado o seu projeto estará comprometido pois está baseado numa visão apocalíptica de uma eventual vitória e a revista Dabiq frequentemente menciona esta vitória final, com base num *hadith*.»

Como apontamento final e, numa perspetiva de se especular possíveis cenários, quanto mais tempo o EI subsistir, mais forte representará a sua ameaça, podendo a criação de Estados Islâmicos de âmbito territorial (por exemplo no continente africano) começar a fazer parte dos objetivos de diversos grupos terroristas *jihadistas*, com consequências difíceis de prever[7].

Nota conclusiva

Por tudo quanto foi discorrido e em jeito de considerações finais, o EI é uma ameaça muito mais perigosa do que a Al-Qaeda, dispondo de território, recursos financeiros, capacidade militar e de um «know-how». Para o seu efetivo combate, é necessária a articulação de vários meios, sendo que a presença de forças militares no TO assume-se como fundamental. A decisão do Presidente Obama em enviar forças militares para o Iraque é um passo nessa direção.

[4] Sobre a problemática do combate à radicalização no extremismo islâmico e sobre programas de desradicalização na Europa consultar Gonçalves (2014, 217-233).

[5] No tocante à questão do combate à radicalização em estabelecimentos prisionais e ao seu combate ver Gonçalves (2012b, 217-237).

[6] Acompanhamos a tese de Celso (2014) no sentido de que Al-Qaeda se tornou numa «(...) organização falhada e gravemente ferida», incapaz de transmitir a sua mensagem central a todos os grupos terroristas *jihadistas*.

[7] O caso do Boko Haram é paradigmático disso mesmo. Consultar Askenas et al (2015).

* O autor é Técnico Superior no Gabinete Jurídico da Autoridade Nacional de Proteção Civil, tendo sido oficial do Exército Português. Possui mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais e é doutorando na mesma área.

Aniversário dos Lanceiros

Cerimónias comemorativas do 182º aniversário do Regimento de Lanceiros N.º 2

Texto : Redação
Fotografias : Carlos Vilas

Em 7 de fevereiro do corrente ano, o Regimento de Lanceiros Nº 2 cumpriu 182 anos de existência, desde a sua criação. As comemorações do 182º aniversário tiveram lugar no passado dia 10 de fevereiro e foram envolvidas de uma circunstância muito particular, mas ao mesmo tempo, muito comum na história das unidades militares: a deslocalização do Regimento para outro quartel.

No discurso efetuado pelo Comandante do Regimento, o Coronel de Cavalaria Paulo Neves de Abreu, durante a cerimónia militar, referiu que "o ano de 2015, na sequência do processo de reorganização do Exército, irá constituir-se um marco importante na história da unidade, em consequência da transferência para a Amadora. Dá-se, assim, o início a um novo ciclo de desafios muito importantes em perspetiva, mas de uma forma serena e eficaz, não isenta de dificuldades, estamos confiantes que o «nosso» Regimento irá dar o exemplo da sua capacidade para vencer os novos desafios que se lhe irão colocar e continuar a honrar a tradição da Polícia do Exército e da Cavalaria". Palavras determinadas e oportunas de um comandante, que sabendo da forte ligação de todos os Lanceiros, atuais e mais antigos, à sua "casa mãe", certamente compreenderão que o "Espirito Lanceiro" se manterá, independentemente do local onde o Regimento estiver aquartelado.

Breve história do Regimento de Lanceiros N.º 2

Sobre o atual quartel de Lanceiros Nº 2, as primeiras plantas que se encontraram com desenhos para a edificação deste quartel são datadas de 1790 e, documentos da época, referem que seria para aquartelar uma Guarda de Corpo e posteriormente o Regimento de Cavalaria de Meklenbourg. Os Lanceiros só viriam a ocupá-lo em 1834, após a vitória dos liberais, na guerra civil.

Localizado entre Belém e a Ajuda, zona de residência real e mais tarde presidencial, marcada pela existência do Palácio de Belém, adquirido pelo Rei D. João V, para sua residência, na primeira metade do século XVIII e pelo Palácio da Ajuda, com construção iniciada em 1802, passando a ser habitado por

membros da família real em 1821 implicou que, em toda esta zona, fossem edificados vários quartéis, necessariamente para proteção a reis e presidentes e para honras de Estado.

A existência do Quartel do Conde de Lippe, do Quartel do Palácio de Belém (atual quartel do Corpo de Intervenção da PSP e anteriormente do Cavalaria 7), do Quartel de Lanceiros Nº 2 e do Quartel da Unidade de Segurança e Honras de Estado da GNR, todos localizados na Calçada da Ajuda, levaram a que a gíria popular designasse aquela mesma calçada por "rua dos quartéis".

Assim, necessário era para que o "Poder estivesse seguro".

A história que precede a criação do Regimento de Lanceiros Nº 2 (RL2), remonta ao Século XVIII, quando D. João V cria o Regimento de Cavalaria da Praça de Moura. A referência mais antiga que se conhece sobre este Regimento surge no Decreto de 14 de fevereiro de 1707.

Em 1766, há referências à presença do regimento aquartelado em Beja.

Pela reorganização do Exército, de 19 de maio de 1806, muda-se-lhe a designação, de Regimento de Cavalaria da Praça de Moura para Regimento de Cavalaria Nº 2, mas regressa à sua sede originária, em Moura, de onde passou para Vila Viçosa, em 1817. Por se ter rebelado, juntamente com outros regimentos, contra a outorga da Carta Constitucional, é dissolvido em 5 de agosto de 1826. Posteriormente viria a ser reorganizado, por Decreto de 8 de julho de 1828, de Sua Alteza Real Sr. D. Miguel e em 1831, a 15 de abril, toma a designação de Regimento de Cavalaria de Vila Viçosa, tendo sido extinto pela Convenção de Évora Monte, após a vitória liberal. Este é o legado histórico do atual Regimento de Lanceiros Nº 2.

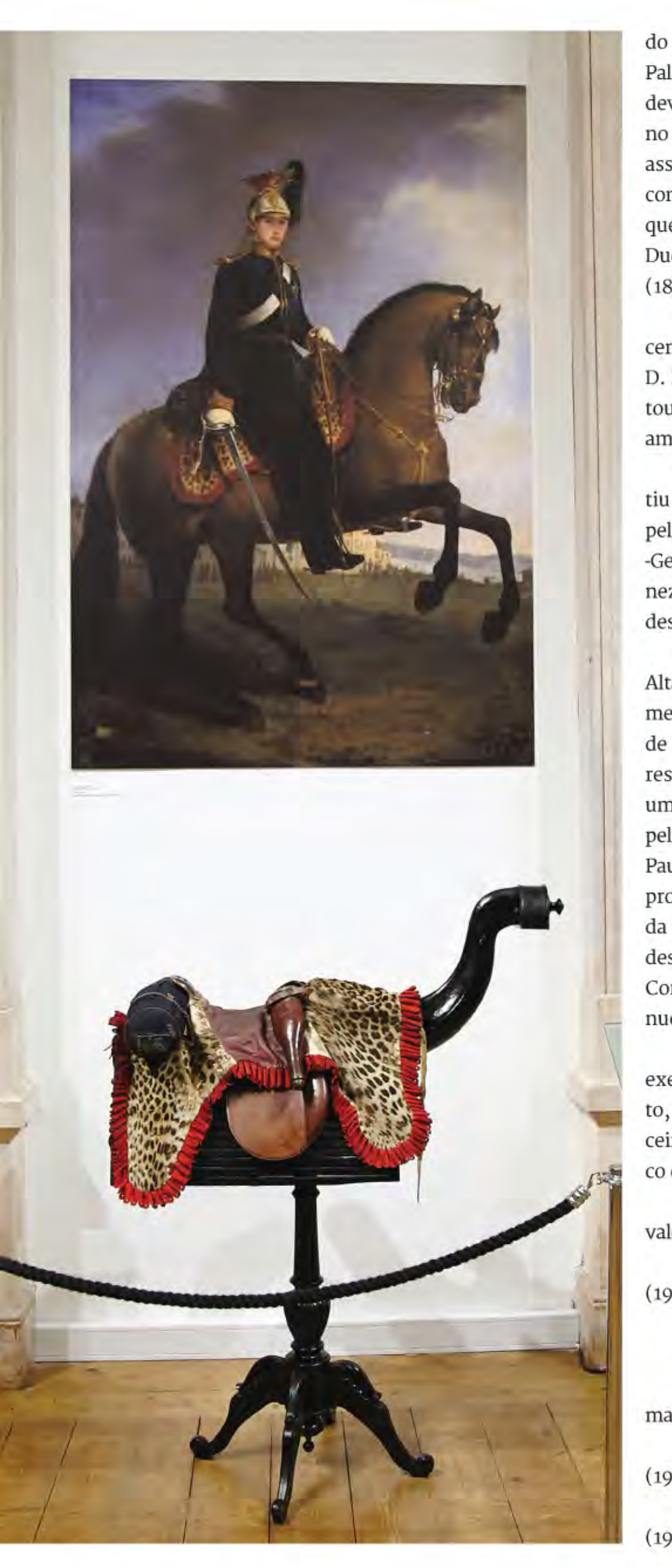
Pela Ordem do Dia do Quartel General Imperial, na cidade do Porto, de 7 de fevereiro de 1833, é publicado o decreto que cria um Regimento de Cavalaria, com o título de Regimento de Lanceiros da Rainha. O seu primeiro Comandante foi um oficial inglês de nome Antony Bacon, contratado para comandar um Regimento de Cavalaria, para combater pelas hostes liberais. O Coronel Bacon assumiu o comando do então recém-criado Regimento de Lanceiros da Rainha, adotando como lema: "MORTE ou GLÓRIA", tal como o do seu antigo Regimento, o 17th, de Lancers (*Dead Or Glory*), do Exército Britânico. Feliz escolha, porquanto este lema tinha um duplo significado para aqueles que sob ele combateram, já que, associava a heróica morte do Lanceiro ao nome da jovem Rainha, Dona Maria da Glória. Este mote manteve-se inalterável até aos dias de hoje.

O Regimento durante o século XIX participou nas campanhas liberais, na guerra da sucessão de Espanha, nas lutas internas ao lado da Rainha D. Maria II e por terras ultramarinas. Posteriormente, teve um Grupo de Esquadrões na Grande Guerra e após sucessivas designações é, desde 1993, pela segunda vez, Regimento de Lanceiros Nº 2. Pela influência do percurso trilhado, em 1953, com a criação do Corpo de Polícia Militar é atribuída a missão, ao Regimento, vinculando-o, desta forma, a especificidade da Polícia Militar que o caracteriza. Na última 'Guerra do Ultramar' (1961 a 1974) foram organizadas 68 companhias e 53 pelotões de Polícia Militar, que desempenharam as suas missões em todos os teatros de operações e em todas as ex-colónias portuguesas, podendo afirmar-se que a presença dos Lanceiros e da Polícia Militar era, verdadeiramente, "do Minho a Timor".

As cerimónias comemorativas do 182º aniversário do RL2

Com tão relevante história, quis o Comando do Regimento marcar, de forma inolvidável, o fim de um longo período de 182 anos de permanência dos Lanceiros, no atual aquartelamento, na Calçada da Ajuda.

As comemorações do 182º aniversário do Regimento de Lanceiros Nº 2 tiveram dois momentos distintos. O primeiro, no Palácio Nacional da Ajuda, a 6 de fevereiro, com a inauguração, pelo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Carlos António Xavier Lobato de Faria Menezes, da Exposição "Morte ou Glória". Com o intuito de partilhar as origens, tradições e missões do RL2, tratou-se de um evento que se pretendeu inesquecível e marcante, constituindo-se numa exposição dinâmica, que retratou a história do Regimento de Lanceiros Nº 2, bem como o seu envolvimento e participação na história de Portugal, desde a sua criação até à implantação da República. A exposição de algumas fotografias, do valiosíssimo espólio fotográfico deste período, e a possibilidade em enriquecer a exposição com algumas peças icónicas, como os capacetes de Lanceiros Nº 2 (que foram propriedade do Rei D. Carlos) e a farda e capacete usados pelo Príncipe D. Luís Filipe (oficial de Lanceiros e Porta-Estandarte



do Regimento), artigos pertencentes ao espólio do Palácio Nacional da Ajuda (PNA). Isto só foi possível devido à inexcedível colaboração da Direção do PNA, no apoio a esta iniciativa do Regimento. Também se associou ao evento o Museu Nacional dos Coches, com o empréstimo de uma peça raríssima, um xabraque muito semelhante ao usado pelo Infante D. João Duque de Beja, quando Comandante do Regimento (1860 a 1861).

Este dia comemorativo terminou com um concerto de Gala da Banda Sinfónica do Exército, na Sala D. Luís, do Palácio Nacional da Ajuda. O evento contou com a presença de muitos ilustres convidados e amigos do Regimento.

O segundo momento das Comemorações consistiu na Cerimónia Militar, a 10 de fevereiro, presidida pelo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Carlos António Xavier Lobato de Faria Menezes e contou com a presença de diversas entidades militares e civis.

Do programa constou uma Guarda de Honra à Alta Entidade (AE) que presidiu à cerimónia, a Homenagem aos Mortos pela Pátria, leitura do Código de Honra do Lanceiro (que sintetiza todos os valores e objetivos que norteiam a conduta do Lanceiro) uma alocução alusiva ao Dia da Unidade, proferida pelo Comandante do RL2, Coronel de Cavalaria Paulo Neves de Abreu, seguida de uma alocução proferida pelo Comandante das Forças Terrestres e da imposição de condecorações, terminando com o desfile das forças em parada, sob o Comando do 2.º Comandante, Tenente-Coronel de Cavalaria José Manuel Carreiro Crespo, em continência à AE.

Com o intuito de relembrar a evolução de alguns exemplos de equipamento, fardamento e armamento, que estiveram ao serviço do Regimento de Lanceiros Nº 2, foi possível assistir a um desfile histórico com o seguinte alinhamento:

- Tenente do Regimento de Lanceiros Nº 2 a cavalo, em Grande Uniforme (1892);
- Soldado do Regimento Cavalaria Nº 2 a cavalo (1940);
- Militares em viatura Willys (1953);
- Militares em viatura Land Rover Serie II (1959);
- Militares em viatura Unimog 411 "burro do mato" (1963);
- Militares em viatura UMM Alter II D Cournil (1979);
- Estafeta-moto em Sachs Hercules K125BW (1970);

- Estafeta-moto em viatura Moto BMW RT 80 (1994);
- Militares em viatura Volkswagen Golf 1.9 CL (1994);
- Militares em viatura TOYOTA Land Cruiser (1998);
- Militares em viatura HMMWV (2000).

Tendo o Regimento de Lanceiros Nº 2 como missão "preparar e garantir a prontidão de dois Esquadrões de Polícia do Exército, executar Guardas de Honra (quando solicitado) e colaborar em ações no âmbito das outras missões de interesse público", houve ainda oportunidade de assistir a uma demonstração de capacidades, levada a cabo pela componente operacional do Regimento, o Grupo de Polícia do Exército.

As unidades de Polícia do Exército (PE) são forças de combate flexíveis, capazes de conduzir quaisquer operações de guerra e/ou de transição, na maior parte dos ambientes operacionais, podendo executar um elevado número de missões em Operações de Combate e em Operações de Resposta a Crises, no âmbito nacional ou internacional.

Devido à sua flexibilidade de emprego, articulação de forças e ainda à mobilidade, a PE serve de complemento a todos os outros meios de que disponha o Comandante, mas é especialmente vocacionada para o desempenho das suas atribuições no âmbito da:

- Manutenção da Disciplina, Lei e Ordem;
- Apoio à mobilidade;
- Segurança, reunião, evacuação, e internamento de todas as categorias de indivíduos que requeiram medidas especiais de controlo e guarda.

Nesta medida, foi criado um cenário hipotético onde foram interligadas as capacidades de Controlo de Tumultos, Proteção Pessoal, Cinotécnia e Segurança Física, envolvendo todo o equipamento, material e armamento disponível no RL2, para desempenhar as missões de Polícia do Exército.

Terminadas as demonstrações, realizadas na Parada Marechal Carmona, seguiu-se um almoço convívio que teve lugar no refeitório geral da unidade.

Independentemente das circunstâncias, estamos certos que os seus militares continuarão a estar à altura dos desafios e das responsabilidades que o presente e o futuro lhes impõe, bem como a aplicar o brio, a competência e a dedicação que sempre foram apanágio dos Lanceiros, ao longo da sua nobre história, cumprindo a sua missão, que é servir o Exército e Portugal.

Engenharia Militar

Cooperação Técnico-Militar com São Tomé e Príncipe

Texto : 1Sarg Eng Nelson Leal

A Cooperação Técnico-Militar (CTM) contribui para a afirmação da presença de Portugal no mundo através da atuação das Forças Armadas (FA) portuguesas, como um instrumento da Política Externa do Estado com o objetivo de reforçar os laços culturais, históricos e económicos com os PALOP e Timor-Leste (TL). A par de fomentar o uso da língua portuguesa e projetar a visão humanista da lusofonia, contribui para a segurança e estabilidade interna dos países apoiados através da consolidação da unidade e identidade nacional desses países. Apoiar a organização, a formação e o funcionamento das FA de cada país, é colaborar, através da via militar, para o seu desenvolvimento económico-social e cultural.

Por ocasião da VI Reunião da Comissão Mista Permanente de Cooperação Luso-Santomense (CMPCLS), em 1991, foi negociado e aprovado o Programa-Quadro (PQ) de CTM com São Tomé e Príncipe, permitindo a deslocação do Diretor Técnico do Projeto de Engenharia ao país. Em julho de 1992, constitui-se a 1ª Unidade Móvel de Instrução de Engenharia (UMI/ENG) com a missão de iniciar o primeiro Curso de Construções e Instalações (CCI), frequentado por graduados que viria a ser a base da formação de um Pelotão de Engenharia, constituindo assim a materialização do início do Projeto de Engenharia.

Na organização vigente até 1999 os militares que integravam o Projeto eram convidados, independentemente da Unidade ou Órgão do Exército, sendo as equipas constituídas por um Oficial e um Sargento de Engenharia, indigitados após convite a todo o Exército e projetadas por um período de tempo normalmente de seis meses a um ano. Posteriormente, o Regimento de Engenharia Nº3, passa a ser responsável por propor o Diretor Técnico (DT) e o Assessor Técnico (AT) que passam a ser nomeados pelo período de um ano. Atualmente, o cargo de AT tem sido ocupado por um SAJ/1Sarg de Engenharia, com formação em Construções Verticais, permanecendo em São Tomé, sendo que o DT apenas se desloca a São Tomé, quando necessário.

São Tomé e Príncipe, oficialmente República Democrática de São Tomé e Príncipe, é um esta-

do insular localizado no Golfo da Guiné, composto por duas ilhas principais (Ilha de São Tomé e Ilha do Príncipe) e várias ilhotas, num total de 1001 km², com cerca de 180 mil habitantes. É um país relativamente pequeno em termos geográficos e demográficos, o que se reflete no efetivo das Forças Armadas de São Tomé e Príncipe (FASTP) e mais especificamente na Companhia de Engenharia que conta com um total de cerca de 50 militares. O Projeto 3 – Companhia de Engenharia Militar de Construções, no seio das FASTP, tem como objetivos colaborar na qualificação dos militares e na melhoria das suas competências profissionais, apoiada na formação técnico profissional e no desenvolvimento e aplicação das capacidades da Companhia de Engenharia na construção/reabilitação de infraestruturas militares.

Ao longo dos quase 23 anos de atividade, o Projeto 3 tem desenvolvido inúmeros trabalhos de reabilitação de casernas, refeitórios, cozinhas e instalações sanitárias, as quais têm lugar nas principais infra estruturas militares, nomeadamente no Centro de Instrução Militar (CIM), na Guarda Costeira e no Quartel-General (QG). De entre as várias obras, tem particular destaque o Edifício Prisional, já que se trata de um edifício construído de raiz, sendo o único existente nas FASTP com condições exigidas para uma instalação deste género. Tem uma área de implantação de 408m² e uma área útil de 240m², sendo constituído por seis celas com capacidade para 28 reclusos (20 Praças e 8 graduados).

No ano transato foi concluída a remodelação de uma caserna no CIM, e iniciados trabalhos no QG, com a finalidade de dotar as FASTP de alojamentos específicos para militares femininos, estando esta obra a decorrer. De salientar que todas as obras são executadas por militares da Engenharia Santomense, a trabalhar na modalidade «*on the job training*». A maioria com apenas 19 anos de idade e escassos conhecimentos na área da construção civil, o que exige uma constante perseverança e empenho na sua formação e acompanhamento no desenvolvimento das tarefas que lhes são atribuídas. Para isto muito contribuí a colaboração do Comando da Companhia, através dos seus Oficiais e Sargentos, já que só deste modo será possível atingir um nível de execução dos trabalhos de igual ou superior qualidade aos executados por profissionais. Para o desenvolvimento das capacidades da Companhia de Engenharia e dos trabalhos em curso, Portugal tem disponibilizados diversas ferramentas, tais como coleções de pedreiro, de canalizador e de carpinteiro, bem como diversas outras ferramentas mais específicas, para além dos materiais necessários para a execução das diversas obras.

No âmbito da sua especialidade, e com a capacidade sobrante, o Projeto 3 tem vindo a apoiar outras entidades, contribuindo desta forma para o prestígio da Engenharia Militar portuguesa e da CTM, referindo-se os últimos apoios prestados:

(1) Embaixada de Portugal – Remodelação da residência oficial do Embaixador(a) e pinturas exteriores na Embaixada de Portugal;

(2) Centro Cultural Português – Elaboração de projetos e cadernos de encargos, tendo o objetivo de reabilitar oito apartamentos e as partes comuns do edifício. Fiscalização da referida obra, tendo-se concluído cerca de metade, com quatro apartamentos finalizados;

(3) Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora de Guadalupe – Elaboração de projetos e cadernos de encargos, destinados à angariação de financiamento junto dos doadores, nomeadamente para reabilitação dos espaços exteriores. Assessoria permanente na manutenção das várias infraestruturas;

(4) Santa Casa da Misericórdia de São Tomé e Príncipe - Fiscalização das obras;

(5) Liga dos Combatentes – Manutenção do cemitério onde se encontram sepultados ex-combatentes.

O Projeto 3, pela visibilidade dos trabalhos realizados e diversos apoios prestados, tem contribuído para a projeção da imagem de Portugal junto da comunidade Santomense, pois, para além da sua importância no apoio à reabilitação das infraestruturas das FASTP, proporcionando aos seus militares melhores condições de trabalho e de habitabilidade, tem contribuído para a formação de vários militares em diversas especialidades ligadas à construção, nomeadamente de pedreiro, canalizador, eletricista, carpinteiro, ladrilhador, serralheiro e pintor, enriquecendo o conhecimento dos jovens militares numa área importante e fundamental, como é a da formação de recursos humanos, e dotando-os com uma ferramenta que lhes permitirá um melhor acesso ao mercado de trabalho civil quando deixarem as FASTP.

Liderança em Combate

Sobre os apenas líderes, os maus líderes, os bons líderes e os grandes líderes

Texto : Alexandre Gonçalves

Os líderes, os homens e mulheres que lideram outros homens em situações extraordinárias, são sempre especiais. Têm de o ser. Dos líderes dependem vidas e resultados – dos seus homens e das missões. Mas o bom líder já o é, antes de para isso ser treinado. Nenhuma escola pode produzir um bom líder, nenhum instrutor pode ensinar alguém a liderar, se aquele que aprende não possuir de forma inata esse dom; aquela característica que não se sabe bem explicar, mas que imediatamente se sente e reconhece.

(Este artigo foi publicado na Revista da Cavalaria nº 24)

Desenho do autor

A liderança, esse conceito tão difícil de definir, que os anglo-saxónicos tanto prezam e que, à falta de adjetivo, caracterizam por "*either you have it, or not*" (ou tens, ou não tens) diz quase tudo. O general Patton dizia que "a liderança é a «coisa» que faz ganhar as batalhas, sei que a tenho, mas raios me partam, se a consigo explicar!" A Escola de Infantaria de Fort Benning na Geórgia, definiu liderança em apenas duas palavras – "*Follow me!*" que é, aliás, a sua divisa.

As Academias e as Escolas formam futuros líderes, providenciam-lhes conhecimentos teóricos, práticos e técnicos, dizem-lhes como deve ser um bom líder, mas – e como o próprio nome da Instituição indica – formam líderes académicos, homens que serão líderes em virtude de serem Oficiais e Sargentos, mas não necessariamente bons líderes.

Para os militares, a palavra "bom" faz toda a diferença, porque, para os soldados liderados, significa na esmagadora maioria das vezes, voltar para casa pelo seu pé, ou então, com a Bandeira do seu país como cobertor.

O treino confere competências técnicas e físicas. A formação inclui conceitos e ensinamentos teóricos sobre liderança, mas a capacidade de liderança é inata, da mesma forma que é inato o carisma, ou um qualquer talento. Pode e deve ser trabalhado, aprofundado, refinado. Ter o dom não é suficiente, mas é fundamental; em contrapartida, o oposto nunca será possível. Um bom Soldado pode não ser um bom líder, mas um bom líder é sempre um bom Soldado.

O que é um bom líder? O homem a quem os seus subordinados seguem sem questionar a ordem recebida, mesmo sabendo que podem não regressar? Esta visão épica e cinematográfica da liderança é bem real, aconteceu inúmeras vezes ao longo da História e continua a acontecer. O que faz com que os homens obedeçam a esta ordem, mesmo estando apavorados? O que faz com que outros homens em igual circunstância se recusem a obedecer à mesma ordem? Simples, o homem que a dá. Para se obedecer a uma ordem, os subordinados têm de ter absoluta confiança no seu comandante enquanto profissional e líder – saberem que aquela, e não outra, é a ordem mais certa, mais sensata, a melhor ou única possível dadas as circunstâncias. Aqui, coloco fora da equação uma das regras fundamentais de qualquer estrutura militar – a obediência – porque sabemos que uma ordem dada por um superior hierárquico é para cumprir, independentemente de ser ou não absurda, insensata, errada etc. etc. etc. Mas sabemos igualmente, que em combate, algumas ordens são desobedecidas, e o motivo para que tal aconteça, deriva normalmente da incompetência da dita.

Um veterano da 2ª Guerra Mundial disse numa entrevista que seguiria o seu Comandante ao inferno, mas que em relação a alguns Oficiais que conheceu, não os seguiria sequer para dentro de água! Esta opinião diz tudo, e era, infelizmente, partilhada por muitos camaradas...

Então o que faz de alguém um líder? De que "material", é feito um líder?

Para facilitar a "arrumação" do meu raciocínio, e talvez a leitura de quem ler, irei compartimentar as "classes" dos líderes de combate como a elas me referi no título deste artigo.

Os Apenas Líderes – aqueles que, por formação académica, concluíram com êxito o curso para o qual se candidataram. São líderes em virtude de serem comissionados Oficiais, por serem detentores de um posto que lhes possibilita o comando de homens e de Unidades Militares. É óbvio que têm treino, que estão munidos das ferramentas teóricas e práticas para desempenharem a sua função. Poderão ser bons militares, poderão mesmo ser insuperáveis em alguma ou algumas áreas da sua profissão, mas por falta da componente inata nunca serão bons líderes.

Os maus líderes – aqueles que nunca deveriam ter escolhido a carreira das armas, mas em virtude de terem concluído com êxito a sua formação, são colocados em posições de comando. Muitos maus líderes escolhem esta profissão por tradição ou pressão familiar. Outros permanecem em posições de comando porque são protegidos por alguém "mais acima".

Por vezes um mau líder revela-se apenas no treino de combate, ou pior ainda, no próprio combate. Até então, aos olhos dos seus homens, poderia ser um bom líder. Porquê? Porque normalmente um mau líder é imaculado na sua apresentação, autoritário na sua voz de comando, profundamente disciplinador nas camaratas, proficiente na formação teórica e demasiado afastado dos subordinados, mascarando dessa forma a sua inaptidão; contudo, esta forma de estar, induz os homens a pensar que o seu Comandante é apenas um homem demasiado rígido, demasiado arrogante, mas que, quando as "balas começarem a voar", ele estará lá, e saberá o que fazer. O mau líder é – consequência axiomática do seu caráter – inseguro, egocêntrico, impõe auto-

ridade por intermédio do medo e da patente, não por respeito genuinamente ganho, é arrogante com os subordinados e subserviente com os superiores. Um traço menos comum, mas igualmente denunciador de que "algo se passa" é o carisma artificial – esta característica, quase sempre traduzida no visual, está intimamente ligada à insegurança e à vaidade – a utilização de acessórios icónicos, iguais aos usados por famosos líderes. Casos há, em que o falso carisma se complementa com a utilização frequente de poses e frases "feitas", igualmente retiradas de um protagonista famoso, e cuja consequência visível é torná-lo alvo de gozo – nas suas costas! A única contribuição positiva que um mau líder dá, (especialmente ao nível de Companhia, dada a proximidade dos homens) é fazer com que os seus homens se tornem mais unidos – por não contarem com o apoio do seu Comandante, tornam-se mais dependentes entre si, e simultaneamente mais autónomos enquanto tomadores de decisões, forjando profundos laços de amizade, antes mesmo de começar o combate. Este fator, embora nascido de uma "má relação", pode produzir notáveis pequenas unidades, sobretudo quando o mau líder é substituído (preferencialmente antes do combate) por um bom líder.

Por vezes, um líder não é mau por tomar más decisões, é mau simplesmente por não as tomar. Quando isto acontece, e como todos sabemos, os homens morrem em vão.

Os bons líderes – são os homens e as mulheres que conseguem raciocinar sob pressão e debaixo de fogo, que não "paralisam", que ponderam as decisões antes de darem as ordens, que mantêm o equilíbrio e a coesão da sua unidade, que gerem as potencialidades individuais, que delegam tarefas, que conferem autonomia de ação aos subordinados. Um bom líder pode não ser particularmente inteligente no que toca a inteligência abstrata, pode não ser particularmente culto ou instruído, pode até ser implacável, e mesmo cruel, mas, em última análise, é aquele que cumpre a missão e traz os seus homens para casa.

Os grandes líderes – nesta categoria gostaria de introduzir um "atributo", que tanto quanto sei, não foi ainda mencionado em nenhum estudo, livro ou palestra. É para mim, o definidor de um grande líder. Assim sendo, o que define um grande líder? - Ser-se Boa Pessoa! Simplesmente. Estruturalmente. Este atributo foi-me "ensinado" por um grande líder que tive a honra de conhecer pessoalmente.

Ser um grande líder é muito mais do que ser um bom líder, mas infelizmente para as Forças Armadas, e para o mundo, as boas pessoas escasseiam! Diria mesmo que são uma raça em extinção...

Um grande líder não tem de ser um Winston Churchill ou um qualquer General famoso. Pode ser um simples Cabo ou Praça. Muitos foram-no e certamente o são hoje. O que é um grande líder? Antes de mais, um humanista. É ter simultaneamente grande inteligência abstrata e objetiva – para compreender e dominar o conflito moral, ético e filosófico que representa a sua profissão, e da mesma forma cumprir a missão com eficácia, sem fraquejar. É racionalizar entre Homem e Missão – saber que a morte de um homem sob o seu comando serviu para salvar muitos outros e permitiu cumprir a missão. É ter compaixão pelos homens e animais, os seus e os inimigos – quando os inimigos merecem compaixão, porque os animais merecem-na sempre. É afastar-se e chorar sozinho a morte de um camarada – não por vergonha, mas para que os subordinados não vejam e pensem que o seu líder quebrou. É ter humildade – pensar sempre que podia ter feito melhor, pensar sempre que se tivesse feito melhor, mais homens teriam voltado para casa. É dizer que o fracasso de uma missão é culpa sua e de mais ninguém, e mais importante ainda, dar o crédito aos seus homens, quando a missão é bem sucedida. É não exigir nada de outro que não exija de si próprio. É estar na frente e dar o exemplo. É comer em último. É pressentir que um homem está prestes a quebrar e retirá-lo da Frente – nem que seja por umas horas. É segurar-lhe a mão no momento certo. É conhecer todos os seus homens pelo nome e pela alma – compreender as suas necessidades e as suas fraquezas. É saber adaptar-se à personalidade e ao grau de inteligência e de cultura de cada um. É escrever um relatório de missão e dar o crédito aos seus homens, é escrever *nós* e não *eu*. É ter o respeito e a admiração dos seus homens e retribui-lo da mesma forma – o respeito e a admiração entre Soldados raramente é expresso por palavras, é-o sim, na atitude e no olhar. Como escreveu Stephen Ambrose, "as cicatrizes de combate são um sinal mudo de respeito mútuo entre soldados".

Entre os grandes líderes e os seus homens, perdura sempre uma amizade muito depois de se calarem as armas. Uma amizade para a vida. A satisfação de um grande líder não reside nas medalhas, nas honras e nas paradas pomposas...

Ser-se um Líder é, em última análise, um tra-

balho solitário, que exige um equilíbrio muito bem medido entre distanciamento e proximidade – os Pelotões, as Companhias, os Batalhões, as Divisões são os Soldados; os líderes são apenas os seus "curadores". Os Ingleses têm uma expressão que define bastante melhor o que pretendo dizer – *Care takers.*

Gostaria de sublinhar e aprofundar um aspeto, que referi no início do artigo – a obediência. A relação entre a liderança e a obediência pode tornar-se moralmente conflituosa e mesmo paradoxal – é muitas vezes a decisão mais difícil que um líder tem de tomar, por contrariar o próprio princípio que advoga, e sob o qual rege a sua conduta.

Está um grande líder disposto a desobedecer a uma ordem direta do seu superior, se considerar que essa ordem pode pôr em risco as vidas dos seus homens desnecessariamente? Na minha opinião, pode e deve. Porquê? Porque se não o fizer, não é boa pessoa, e não sendo boa pessoa, não é um grande líder!

Vou dar-vos um exemplo de uma situação que define um grande líder, e que certamente muitos de vós conhecerão do livro e da série de televisão "Band of Brothers":

Este episódio retrata a última Patrulha de Combate efetuada pela Companhia "Easy", na cidade de Haguenau, na Alsácia Lorena. Esta cidade francesa estava separada da Alemanha pelo rio Moder, e o Coronel Robert Sink, Comandante do Regimento, ordenou ao ainda Capitão Richard Winters, (que na altura era já 2º Comandante de Batalhão) uma patrulha através do rio com o objetivo de alcançar as linhas alemãs e capturar soldados inimigos para interrogatório. Winters, apesar de já não ser o Comandante da Companhia Easy, supervisionou pessoalmente a

operação. A missão foi cumprida de forma brilhante com a captura de dois prisioneiros, mas com o custo de uma morte, a do soldado Jackson. Os dois prisioneiros capturados, pouco ou nada revelaram de importante. Resultado? O Coronel Sink ordena nova patrulha para a noite seguinte. O objetivo era o mesmo, os homens eram os mesmos, mas desta vez, teriam de penetrar mais profundamente em território inimigo, porque a casa que servia de posto de observação aos alemães, tinha sido destruída com cargas explosivas. Quando o Capitão Winters é informado da nova patrulha fica incrédulo, melhor dizendo, fica indignado com tal ordem. Porquê arriscar mais vidas por um resultado semelhante? Nessa noite, quando o Capitão Ronald Spiers, (Comandante da Comp Easy) o informou que ia dar o brifingue aos homens, Winters disse-lhe que iria fazê-lo pessoalmente. É importante referir que a resistência alemã no norte da Europa se aproximava rapidamente do fim, e os homens começavam a sentir pela primeira vez que poderiam de facto sobreviver à guerra.

O Capitão Winters entrou na sala onde os seus antigos homens aguardavam, tensos e ainda abalados pela morte de Jackson. Winters congratulou-os pelo sucesso da missão, deu-lhes o brifingue da nova patrulha, mudando apenas a hora do início para duas horas mais tarde – ás 01h00. No fim, após um breve silêncio, disse-lhes para dormirem uma boa noite de sono. Os homens entreolharam-se num misto de interrogação e espanto! Winters prosseguiu – "De manhã cedo, vão ter comigo e reportam que atravessaram o rio, mas não foi possível trazer nenhum prisioneiro vivo..." Num segundo, a atmosfera pesada deu lugar a sorrisos e suspiros de alívio.

Winters sabia que o Coronel Sink, carinhosamente apelidado de "Bourbon Bob" pelos seus homens, devido ao consumo exagerado de Jack Daniels, ia estar a dormir pesadamente a essa hora. Mas Winters sabia também que esta desobediência podia custar a sua breve mas brilhante carreira de Oficial. O seu amigo Capitão Lewis Nixon, na altura, chefe do serviço de informação do Regimento, escreveu o relatório oficial da missão. Até ao fim da guerra, ninguém no Regimento, suspeitou que o relatório era falso. O

Fonte : www.n2growth.com

Coronel Sink morreu em 1965, sem saber que a "Última patrulha" nunca aconteceu!

Este é o tipo de coragem moral que define um grande líder, e esta coragem é muito rara, muito mais rara do que a coragem física. O que é um grande líder? É isto.

Algumas considerações sobre a liderança corporativa, ou civil

Nos dias de hoje, o conceito de liderança enche páginas de livros e salas de conferências, sobretudo, sobre liderança corporativa. Liderança civil, portanto. Não faltam por aí aspirantes a líderes acabados de sair das Universidades, absolutamente confiantes de que após todas as leituras e palestras, serão carismáticos e talentosos líderes de empresas multinacionais e multimilionárias...

Esta palavra tão elitista – no bom sentido do termo – foi banalizada por gestores e políticos civis que nasceram em tempos de paz. Não pode nem deve ser dita de ânimo leve, muito menos por pessoas, que regra geral, não são boas pessoas.

Não retirando mérito a alguns grandes profissionais do mundo corporativo, penso que, e excluindo muito poucas exceções, estes senhores não são, nem serão líderes – são e serão meros gestores. Porquê? Porque a liderança vai mais além – lida com a vida e a morte, com o caos e destruição, por isso pressupõe e implica escolhas morais e éticas de primeira grandeza. A gestão é um exercício de paz, a liderança é um exercício de guerra. Os grandes gestores nascem na paz, mas os grandes líderes nascem na guerra. Um líder é sempre um gestor, mas um gestor quase nunca é um líder. Aliás, cada vez mais – e porque os tempos de paz estão a assumir circunstancias extraordinárias – as empresas civis recorrem aos serviços das chamadas Empresas de Liderança, criadas por militares reformados, com o objetivo de ensinar aos seus gestores, métodos e conceitos de liderança militar. No fundo, ensinar-lhes como gerir situações de crise, com disciplina e pragmatismo.

Os gestores de hoje, os senhores que escrevem, teorizam e falam sobre liderança, auto intitulam-se líderes, e gostam que os outros os vejam e tratem como tal. Eu até percebo porquê – faz-lhes bem ao ego. Pessoalmente, lamento desapontá-los, mas enquanto não lhes morrer um homem e amigo nos braços, e a vida dos demais pesar sobre os seus ombros, enquanto o destino de cidades, e como já aconteceu, do próprio planeta, estiver dependente das suas decisões, enquanto não tiverem passado por sofrimento, enquanto não derem importância ao que importa, não serão líderes de coisa alguma. Enquanto os seus pesadelos forem sobre o facto de não terem conseguido um lucro superior ao do trimestre homólogo do ano passado, meus caros senhores, não se chamem de líderes! Por acaso, sabem quais são os pesadelos de um líder? A liderança implica sofrimento e abnegação, "coisa" essa, que não se vê nem se sente de um qualquer luxuoso escritório no trigésimo andar, mesmo quando tem vista panorâmica sobre a cidade ou o próprio planeta.

A "liderança" corporativa do nosso tempo está bem ilustrada nas revistas, em entrevistas com homens e mulheres que ocupam cargos de chefia em grandes empresas – invariavelmente, os ditos senhores e senhoras são fotografados nos seus gabinetes, em poses hirtas ou descontraídas – dependendo da idade e do tipo de empresa – de sorriso rasgado, enfiados em fatos e "*tailleurs*" que custam vários ordenados médios dos seus subordinados, e a sua conversa centra-se na liderança: que "lutaram" muito para ali chegar, que trabalham 16 horas por dia, que têm uma magnífica equipa de colaboradores, sem os quais não seriam "líderes", que estão sempre disponíveis. Usam e abusam de frases feitas e clichés, do tipo "um bom líder tem de saber motivar a sua equipa", etc., etc., etc., lidos nas "bíblias académicas" e nos "best-sellers" escritos por "*self made men*" que se tornaram gurus do tema. Obviamente, não ponho em causa a sua capacidade de trabalho, mas não digam que lutaram muito para ali chegar, quanto muito, digam que trabalharam muito para ali chegar, o que, por si só, não lhes confere o estatuto de líderes. Perdoem-me a repetição, mas sejam humildes, e fiquem-se pelo título de gestores.

A liderança aos líderes pertence – aos que lutaram, aos que lutam, e aos que vão lutar. Aos que choram e honram a morte dos seus.

Gostaria de terminar esta reflexão com algumas passagens retiradas do livro "Beyond Band of Brothers", escrito pelo Major Richard D. Winters. Dick Winters foi a boa pessoa que me ensinou o que é um grande líder.

"(...) Fui eu um líder bem sucedido? Posso não ter sido o melhor comandante de combate, mas sempre me esforcei por sê-lo. Os meus homens dependiam de mim para analisar cuidadosamente cada

situação tática, maximizar os recursos que tinha à minha disposição, pensar sob pressão, e no fim, liderá-los pelo exemplo pessoal. Sempre considerei que a minha posição era onde a decisão crítica tinha de ser tomada. Não tenho vergonha de admitir que o medo foi um fator determinante no meu sucesso enquanto líder. Eu tinha um medo constante de desiludir os meus homens e tinha um medo constante de morrer. Foi a combinação destes medos que me levou a aprender tudo o que podia sobre a minha profissão, e assim, poder trazer para casa o maior número de homens possível."

Dito isto, não tenho a certeza se existe o chamado "*natural born lider*". Alguns líderes nascem com aptidões e talentos especiais, mas, no meu caso, qualquer que tenha sido o meu sucesso enquanto líder, adveio de uma boa educação, condição física, intenso estudo e preparação... Estava igualmente rodeado de homens altamente disciplinados e treinados para cumprir qualquer missão. Acrescenta sorte à equação, e facilmente perceberás que o segredo do meu sucesso residiu no facto de me ter conseguido manter vivo mais um dia...

Se tivesse de aconselhar um jovem líder prestes a entrar em combate, dar-lhe-ia uma série de princípios que, tenho a certeza, resultariam em sucesso, independentemente do campo de trabalho em que estivesse envolvido.

Em primeiro lugar, e destacado, um líder deve esforçar-se para ser um individuo de caráter sem falhas, de competência técnica e coragem moral.

No romance de Anton Myers "Once an Eagle", (leitura obrigatória para qualquer Oficial das Forças Armadas) o protagonista Sam Damon diz: "Não podes evitar onde nasceste, e não tens muito a dizer sobre onde morrerás, mas podes e deves passar os dias entre, como um bom homem."

Como te tornas um bom homem? Começas com

Fonte : cronicasdezion.files.wordpress.com

a primeira pedra – a honestidade – e a partir daí constróis o caráter. Se tiveres caráter, a pessoa que está a trabalhar contigo pode confiar em ti... O caráter confere ao líder uma bússola moral que permite focar os seus esforços nos valores que preza: coragem, honestidade, abnegação e respeito pelo homem. O caráter também permite que tomes decisões rápidas e corretas. Alguns poderão considerar a minha decisão de desobedecer a uma ordem direta do meu Comandante, em Haguenau, como uma violação do próprio principio que defendo, mas, no meu coração, nunca poderia arriscar a vida de homens sem razão aparente, quando claramente, nada seria ganho que já não tivéssemos alcançado. Será que fui correto? Na minha perspetiva, fui, e nunca me arrependi da decisão tomada. O mesmo princípio aplica-se ao desenvolvimento de um líder de competência. Aqueles a quem foi confiada a tarefa de liderar, têm de estudar a sua profissão de forma a tornarem-se totalmente proficientes em tática e tecnologia. Antes da Invasão, eu li todos os manuais táticos a que pude "deitar a mão", para melhorar o meu conhecimento tático e a minha competência profissional. Fiz isto fora do horário de trabalho, enquanto os outros se divertiam nos bares. Enquanto os outros gozavam a vida social, eu estava a ler e a educar-me, a preparar-me para conduzir homens em combate. Durante os nove meses em que estive hospedado em casa da família Barnes, estudei, desenvolvi a minha personalidade e a minha perspetiva pessoal de comando. Este estudo intenso gerou enormes dividendos nas batalhas em que participei... Devo ter lido o Manual de Ataque da Infantaria centenas de vezes, mas, se conseguisse, com mais uma leitura, obter uma informação adicional, talvez pudesse salvar mais uma vida... Os líderes têm de estar sempre visíveis, quanto mais não seja, para partilhar as dificuldades dos seus homens...

A condição física é outro pré requisito para o sucesso... Todas as noites, depois de um dia de rigoroso treino, corria vários quilómetros, e como estava em tão boa forma, o meu nível de fadiga em combate nunca chegou ao ponto de exaustão física, que por sua vez, contribui para a exaustão mental, e, em última análise para o stress de combate... Um líder fisicamente exausto, toma sempre más decisões em momentos de crise...

O estudo e a experiência ensinaram-me que a preparação cuidadosa e a antecipação de potenciais problemas, eliminam muitos dos obstáculos que podem surgir no campo de batalha... A boa preparação é sempre vital no êxito de qualquer operação, mas um líder tem de ser flexível assim que a ação começa... Aconselharia igualmente um líder a ser, e manter-se humilde – se não te preocupares em receber o crédito, consegues que muito mais seja feito... De seguida, dir-lhe-ia que tirasse um momento de auto reflexão antes de tomar uma decisão importante... Muitas vezes, em combate, eu distanciava-me mentalmente dos ruídos e do caos da batalha para pensar cuidadosamente nas ações a tomar. A oportunidade de auto análise permite que encontres a tua consciência "interior", que, por sua vez, te diz se estás a "sair do caminho". Se aproveitares todas as ocasiões para esta reflexão pessoal e se te auto examinares honestamente, serás um líder muito mais eficaz... Por último "Hang Tough!" – nunca, nunca desistas, seja qual for a adversidade. Se és um líder, alguém em que os outros confiam, tens de continuar a caminhar à frente.

Aqui ficam os "Dez Mandamentos" sobre liderança, sintetizados pelo Major Winters, e igualmente extraídos do seu livro.

Liderança na ponta da baioneta

1 – Esforça-te para seres um líder de caráter, competência, e coragem.

2- Lidera à frente. Diz "segue-me! E vai sempre à frente.

3 – Mantém-te em superior forma física – a resistência física é a raiz da resistência mental.

4 – Desenvolve a tua equipa. Se conheceres os teus homens, és justo na atribuição de objetivos realistas e nas expectativas. Lidera pelo exemplo.

5 – Delega responsabilidades aos teus subordinados, e deixa-os fazer o seu trabalho. Não podes fazer um bom trabalho, se não usares a imaginação e a criatividade.

6 - Antecipa os problemas e está preparado para ultrapassar obstáculos. Nunca esperes até chegar ao "cimo do monte", para tomares decisões.

7 – Mantém-te humilde. Não te preocupes com quem recebe os créditos. Nunca deixes que o poder e a autoridade te "subam à cabeça".

8 – Tira um momento de autorreflexão. Olha para ti ao espelho todas as noites, e pergunta a ti próprio se fizeste o teu melhor.

9 – A verdadeira satisfação advém de termos feito bem o trabalho. A chave para um líder bem sucedido é ganhar o respeito dos homens – não através da patente ou da posição, mas sim por seres um líder de caráter.

10 - *Hang Tough*! Nunca, nunca desistas. Faz sempre o teu melhor.

Homenagem

ao Coronel de Engenharia Almeida Pina

Texto : TGen António José Maia de Mascarenhas

João Orlando Almeida Pina nasceu na Cidade da Guarda (Freguesia dos Trinta), a 4 de novembro de 1926. Morreu em 8 de julho de 2014, em Lisboa, com 87 anos.

"Faleceu um Soldado de Engenharia!

Homem! Soldado! Engenheiro Militar! Cidadão!

Quem teve o privilégio de ser seu amigo e com ele viver momentos de uma vida exemplar... Recorda esses momentos... E já com saudade.

Homem bom... Repousa em paz à beira de Deus.

Ao Soldado de Engenharia (que sempre foi e gostava de ser) o meu brado: ALA! ALA! ARRIBA!

O Barrote que trouxe lá dos Trinta continuará a ser levantado por nós... Soldados de Engenharia!"[1]

Filho de António Joaquim dos Santos Pina e de Josefina de Jesus Almeida Vale e Pina, ambos professores do ensino primário. Teve cinco irmãs. Casou em 1953 com Maria Senhorinha Coelho de Brito Pina e teve um filho (Engenheiro Carlos Alberto de Brito Pina) e uma filha (Arquiteta Maria de Lurdes de Brito Pina).

Viveu a sua infância e juventude em Santarém onde frequentou o ensino primário e o liceu.

Profissionalmente a sua vida foi dedicada à causa pública, subordinada à condição militar: serviu o Exército até 1974 quando passou à reserva (7 de maio, após parecer da Junta Médica de Saúde de 15 de março); exerceu depois altos cargos de serviço público de que se destacam os de Ministro das Obras Públicas do I Governo Constitucional (1976-78), do III Governo Constitucional (1978) e do IV Governo Constitucional (1978-1979).

Conheci o Coronel Pina no meu primeiro ano da Academia Militar. Era o professor da Cadeira de Topografia. Um professor cativante: pela simpatia, pelo entusiasmo e pela forma como criava nos cadetes a perceção de pertença a uma Arma diferente onde, à parte o posto e a idade, imperava a racionalidade e objetividade profissionais e a solidariedade e a familiaridade nas relações sociais e de trabalho. Tive sorte em ter este professor e pedagogo. Ficaram em mim grandes lições de grandeza de alma e de brio que me fazem duvidar se fui digno do mestre. Nunca me esquecerei das suas aulas de astronomia no Aquartelamento da Amadora e depois no observatório do Paço da Rainha (frente à entrada da Capela no outro lado da rua) e que representavam, no que respeita às aulas de topografia, uma espécie de "cereja em cima do bolo". Fiz o estágio para admissão à Ordem dos Engenheiros quando Almeida Pina era Ministro das Obras Públicas. O meu trabalho foi, pela sua mão, nas direções gerais do ministério e a parte prática nas obras do Plano de Rega do Alentejo e no saneamento básico da Cidade de Évora. Quanto devo, de conhecimento, à sua mão sábia!

A sua carreira militar

Com 19 anos, entrou para o 1º ano da Escola do Exército no ano letivo de 1946/47 e terminou o Curso de Engenharia Militar no ano letivo de 1950/51. Foi promovido a Alferes em 12 de setembro de 1951 e na mesma data apresentou-se na Escola Prática de Engenharia para iniciar o tirocínio. Logo como subalterno foi louvado pelo Ministro do Exército pela sua atuação no planeamento e montagem do acampamento de apoio às cerimónias de encerramento do Ano Santo em Fátima. Um ano depois (1952), foi colocado no Regimento de Engenharia Nº 2 e promovido a Tenente em dezembro.

A sua primeira comissão no Ultramar, na Guarnição Militar de Moçambique, iniciou-se a 22 de maio de 1953, tendo sido colocado no Centro de Instrução de Engenharia e depois, a partir de 1 de abril de 1955, no Batalhão de Engenharia da Província. Terminou a comissão a 22 de setembro de 1955. Foi um subalterno que "não se poupou a esforços, com a preocupação de cumprir com seriedade e perfeição, dentro da sua natural modéstia e correção"(louvor do General Comandante Militar da Província de Moçambique), tendo cumprido missões no âmbito da instrução de recrutas e da

Fonte : rosamulher.files.wordpress.com

Nossa Senhora da Conceição – Padroeira da Arma de Engenharia

formação dos sargentos milicianos de Engenharia, de Chefia da Rede Radio Militar e como diretor e autor de projetos e obras de construção.

Chegando à metrópole a 11 de outubro foi então colocado no Regimento de Engenharia Nº 1. Não teve tempo senão para tomar fôlego e voltar a embarcar para nova e longa (5 anos) comissão no Ultramar, novamente na Província de Moçambique, desembarcando em Lourenço Marques (hoje Maputo) a 10 de maio de 1956. A promoção a capitão ocorreu em 1956, mas contando desde 4 de maio de 1955.Foi uma comissão dedicada ao exercício da função de comando de companhia, de chefia da repartição de obras e da repartição técnica do Batalhão de Engenharia. Ao terminar a comissão a 29 de julho de 1961, era o segundo Comandante do Batalhão de Engenharia de Moçambique, constando dos seus louvores e em especial do Comandante da Região Militar de Moçambique, grandes elogios ao seu caráter e capacidade técnica.

Foi então colocado na Escola Prática de Engenharia (61/62), depois no Regimento de Engenharia Nº 1, no Destacamento da Pontinha, onde formou a Companhia 355, mobilizada para a Província de Angola (62/63) atuando na Zona de Intervenção Leste (ZIL). Promovido, a major em 20 de junho de 1963, ainda em Angola, terminou a comissão (26 meses) no Comando do Batalhão de Engenharia de Angola com grandes louvores do Comandante da Região, quer pelos seus dotes de comando, quer pela sua capacidade, competência e pela estima e consideração que todos retribuíam ao Capitão Pina.

Foi colocado em novembro de 1963 no Batalhão de Sapadores de caminhos de ferro (63/64), depois na Direção do Serviço de Fortificações e Obras Militares (64/65/66/67) e, em acumulação na Academia Militar (65/67) onde foi professor catedrático da 36ª cadeira (Fortificação, Organização do Terreno, Destruições e Vias de Comunicação).

Ainda em 1967 foi mobilizado para Angola (17 de julho) (foi promovido a tenente-coronel a 9 de janeiro de 1968) onde cumpriu serviço até 28 de julho de 1969 no Agrupamento de Engenharia de Angola (AEA), desempenhando funções de chefe da Secção de Reabastecimentos, chefe da Secção de Planeamento, presidente do conselho Admi-

[1] General Frutuoso Pires Mateus, *Soldado de Engenharia*, a 10 de julho de 2014.

nistrativo e delegado do AEA na coordenação de atividades nas várias zonas operacionais com "importantes serviços prestados à arma de Engenharia, à Região Militar de Angola, ao Exército e a Angola" classificados como "extraordinários relevantes e distintos" como consta de louvor do Ministro do Exército. Foi posteriormente condecorado com a medalha de Serviços Distintos com Palma (1970).

Após o regresso foi colocado na Direção da Arma de Engenharia (69/70) e de seguida na Academia Militar para um longo período (1970/1978) dedicado ao ensino da Engenharia Militar. Foi promovido a coronel a 24 de agosto de 1971.Foi professor catedrático da 23ª cadeira (Topografia Geral ou Topografia, Geodesia e Astronomia) da Academia Militar e diretor dos cursos de engenharia; em acumulação de funções foi também chefe do Serviço de Instalações "podendo afirmar-se que as projetadas instalações (aulas e laboratórios) para todos os cursos de Engenharia da Academia Militar, são obra sua na quase totalidade" como consta de louvor do Comandante da AM. Em 1971, também em acumulação de funções, foi nomeado Comandante do Batalhão de Sapadores de caminhos de ferro (até 16 de outubro de 1972).

O Coronel Almeida Pina passou à reserva em 7 de maio de 1974, após parecer da Junta Médica de Saúde de 15 de março, embora continuando ao serviço na Academia Militar e também no Instituto de Altos Estudos Militares até 9 de julho de 1975, por ter sido nomeado para Presidente da Junta Autónoma das Estradas.

O militar noutras funções ao serviço do País

Para além da permanente e constante vida ao serviço do Exército, o Coronel Almeida Pina manteve-se sempre disponível e pronto para desempenhar outras tarefas em proveito do País.

A par da sua comissão militar em Moçambique, em 1960, colaborou nos projetos de estabilidade dos edifícios dos hospitais civis de Lourenço Marques e da Beira. Em Angola participou no projeto do edifício da Capitania do Porto do Lobito (1964). Enquanto docente na Academia Militar esteve envolvido nos projetos do Hospital da Universidade de Coimbra e da Faculdade de Ciência e Tecnologia da mesma universidade (1970 a 1973).

Após a Revolução de 25 de Abril de 1974, a sua carreira modificou-se totalmente, passando a desempenhar altos cargos na governação do País. Em julho de 1975 iniciou este novo percurso profissional no desempenho das funções de Presidente da Junta Autónoma das Estradas – JAE (hoje esta instituição pública designa-se Estradas de Portugal), tendo sido também Presidente da Comissão de Elaboração do Caderno de Encargos-Tipo e Presidente da Comissão de Análise de Substituição de Produtos de Importação na Construção Civil (Ministério do Equipamento Social e Ambiente).

Em 1976 deixou a presidência da JAE para integrar o I Governo Constitucional (Primeiro Ministro – Dr Mário Soares; de 23 de julho de 1976 a 23 de janeiro de 1978) como Ministro das Obras Públicas. Dada a situação de carência do país as medidas prioritárias do ministério são os recursos e aproveitamentos hidráulicos, o saneamento básico, a rede rodoviária, as construções escolares, as construções hospitalares e os edifícios e monumentos nacionais. Foram assim enunciados os princípios da nova política de saneamento básico e a criação da Direção-Geral respetiva; foi enunciado o Conceito Nacional da Água e estruturada a Direção-Geral dos Recursos Hidráulicos, entre outras medidas legislativas que traçaram o novo quadro de gestão da água.

A 29 de agosto de 1978 tomou posse o III Governo Constitucional (Primeiro-Ministro – Engº Nobre da Costa; terminou em 22 de novembro de 1978) e a 22 de novembro de 1978 tomou posse o IV Governo Constitucional (Primeiro-Ministro – Dr Mota Pinto; terminou em 1 de agosto de 1979), tendo ambos como Ministro da Habitação e Obras Públicas o Engº Almeida Pina. Para melhor se compreender como estavam a evoluir as áreas de responsabilidade deste ministério, refira-se que compreendia as secretarias de estado da habitação, a das obras públicas e ordenamento e a dos recursos hídricos e ambiente. Foi um tempo de intenso trabalho. Foram muitas as medidas tomadas ao nível da determinação de zonas naturais e protegidas, bem como da requalificação e proteção dos centros históricos urbanos (Reserva Natural das Dunas de S. Jacinto, comissão instaladora da Reserva Natural da Ria Formosa, Parque Natural da Serra de Aire e Candeeiros, Gruta do Zambujal, recuperação e reconversão urbanística do perímetro medieval de Braga, do centro histórico e do Castelo

Fonte: Abel Fonseca, Palácio Foz

de Guimarães, da zona da Sé de Lamego, a fixação dos limites do Parque Natural da Serra da Estrela e outros). Na área dos melhoramentos das infraestruturas rurais e urbanas previu-se a coordenação dos fluxos de comparticipações financeiras para a realização de empreendimentos, com particular ênfase na reconversão de áreas degradadas e de construção clandestina. Definiram-se normas e estabeleceram-se doutrinas para o ordenamento urbanístico, para permitir a implementação regionalizada. Foi aprovada a lei orgânica do Fundo de Fomento da Habitação. E muitas outras medidas de modernização da legislação, nomeadamente da construção cooperativa, do arrendamento e de apoio à construção económica.

Após a ação governativa, o Coronel de Engenharia Almeida Pina foi ainda Diretor de Planeamento e Estudos da Lusotur, sendo responsável pelo projeto, coordenação e execução de obras em Vilamoura e na Prainha. Colaborou também nos projetos dos empreendimentos turísticos de Vilamoura, Alvor e Meia Praia.

A terminar

Manteve sempre uma estreita ligação com a Engenharia Militar e com os militares que com ele trabalharam. Semanalmente, enquanto pode, reunia em almoço com um grupo firme de oficiais de Engenharia da sua geração, mas também com outros que, como eu, muito o estimávamos e sempre recordaremos.

Por ocasião do seu falecimento cumpre-me prestar homenagem ao ilustre oficial de Engenharia "admirado pelo seu saber, pela sua integridade, pela sua grande frontalidade e pela sua capacidade de liderança com todos os que o rodeavam... Para terminar procedamos ao Grito da Engenharia Militar, elevando o Barrote em honra de tão ilustre Engenheiro Militar"[2].

[2] Este texto foi escrito com a colaboração do Engenheiro Carlos Pina, Presidente do Laboratório Nacional de Engenharia Civil e filho do Coronel Almeida Pina, bem como do General Morais Barroco e do Coronel Tir Eng Maia e Costa, que disponibilizaram os elementos biográficos.

Tomada de posse do I Governo Constitucional

Gloire & Empire

Massena au Portugal 1810 – La Bataille de Bussaco

O *Jornal do Exército* acertou. Como tínhamos previsto no nosso nº 641, a revista francesa de história napoleónica Gloire & Empire, publicou na edição de Março/Abril (nº 59), um número totalmente dedicado à Batalha do Buçaco. Mais uma vez um ótimo trabalho. Excelentes textos, uma profícua iconografia, com gravuras da época, mapas, gravuras de conhecidos artistas, fotografias atuais dos locais onde se posicionaram os exércitos e dos famosos painéis de azulejos, que estão no Hotel-Palácio do Buçaco, com cenas da batalha, tornam este número da revista de agradabilíssima leitura.

É uma satisfação ver uma revista com a qualidade da Gloire & Empire, dedicar um número exclusivo a uma das maiores batalhas que se desenrolou em território nacional e que opôs o exército francês do general Massena ao exército anglo-luso do general Welligton. Como refere a autora de um dos artigos, Natalia Griffon de Pleineville, referindo-se às consequências da Batalha do Buçaco para os franceses, por um lado foi a queda da ideia de invencibilidade e o desprestígio de um dos melhores Marechais de França (Massena), por outro foi o desfazer da ideia de que as unidades portugueses não estavam preparadas para combaterem contra os franceses: "Les Français se sont complétement trompés sur la valeur des troupes portugais...". O autor não esqueceu os agradecimentos a várias personalidades portuguesas que a auxiliaram na elaboração do artigo.

Será que vamos ainda poder contar com um número da revista Gloire & Empire dedicado as Linhas de Torres Vedras? A ver vamos.

WW 1, Forgotten Photographs

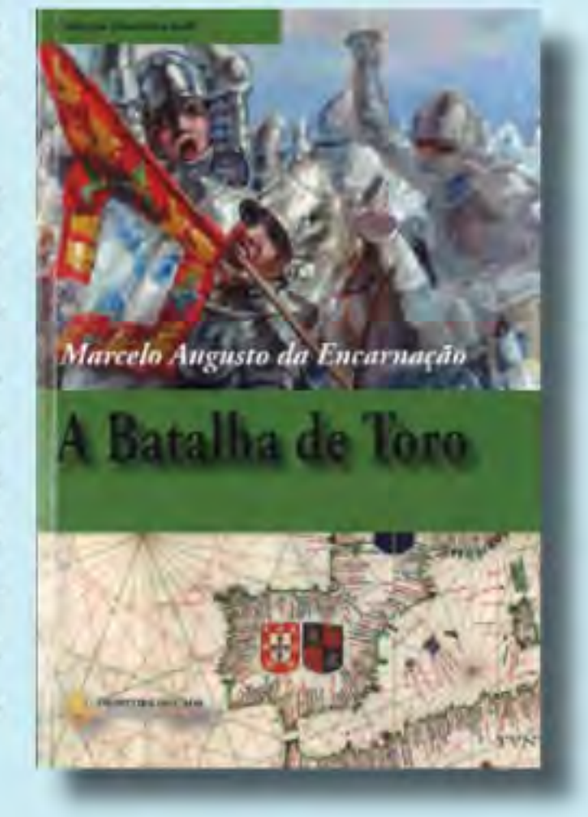
Documentário da BBC Four

Com a excelente qualidade que a BBC já nos habitou, podemos ver no YouTube, em https://www.youtube.com/watch?v=Ayyu146JNJc, um excelente e original documentário acerca dos "militares fotógrafos" da Grande Guerra. A fotografia estava a começar a chegar ao cidadão comum com o aparecimento de pequenas máquinas portáteis. Foi assim que chegaram aos nossos dias muitas imagens do horror da guerra, do dia-a-dia do soldado nas trincheiras e recordações dos militares que nunca mais foram vistos – os desaparecidos em combate - mas que a fotografia registou a sua presença neste enorme conflito, guardando-o para a posteridade. A não perder para os amantes da fotografia e por quem se interessa pela história da 1ª Guerra Mundial.

A Batalha de Toro

O autor, Marcelo Augusto Reis da Encarnação, é licenciado em história (variante Arqueologia), mestre em História Medieval e do Renascimento e doutorado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

A batalha de Toro, que se deu a 1 de março de 1476, não é certamente uma das batalhas mais estudadas da nossa historiografia militar, mas há um número muito assinalável de autores, quer portugueses quer espanhóis, que escreveram sobre este confronto que opôs o rei português D. Afonso V e seu filho (o futuro Príncipe Perfeito), às hostes castelhanas, comandadas por D. Fernando, no âmbito da guerra da sucessão ao trono de Castela. A batalha que foi uma vitória tática das hostes portuguesas, acabou por não se traduzir na desejada vitória estratégica de obtenção do trono de Castela. O autor quis trazer uma nova visão da batalha, apresentando-a por uma perspetiva múltipla, comparando os vários testemunhos, e não apenas pelo ponto de vista português ou castelhano. O livro apresenta um interessantíssimo documento (tabela) em anexo com as "Principais Ocorrências Militares Entre 1475 a 1480".



Marcelo Augusto Encarnação, *A Batalha de Toro*, Fronteira do Caos, Dezembro 2014

PDE 4-46-00 – Sistema Logístico do Exército

Esta publicação Doutrinária do Exército destina-se a estabelecer os fundamentos da Logística enquanto atividade estruturante do Exército Português e definir o seu âmbito de aplicação, quer na sustentação em tempo de paz, quer em campanha.

A publicação refere essencialmente um conjunto de procedimentos logísticos que se aplicam às atividades logísticas de qualquer escalão do Exército e segue de perto as referências doutrinárias da NATO e do Exército dos Estados Unidos, sem criar no entanto uma clivagem profunda com a tradição e o acervo de doutrina nacional, com expressão nos manuais de logística do antigo Instituto de Altos Estudos Militares (IAEM), e tendo por base a estrutura organizacional do Comando da Logística (CmdLog).

http://10.105.0.55/sites/doutrina/Documents/publicacoesAprovadas.html

A Reforma do Setor de Segurança nos Estados em Situação de Fragilidade

A obra "A Reforma do Setor de Segurança nos Estados em Situação de Fragilidade" da autoria do MGen Martins Pereira, vem contribuir para colmatar uma lacuna no registo bibliográfico das Relações Internacionais e Estratégia em Portugal, porquanto pouco se tem investigado e escrito neste tão importante assunto.

O livro dá-nos uma panorâmica atual dos modelos teóricos da Reforma do Setor de Segurança e da discrepância destes modelos teóricos com as práticas, em intervenções em Estados como o Afeganistão, a Guiné-Bissau e Timor-Leste. No racional destas intervenções em Estados em situação de fragilidade, com vista à pacificação da sociedade interna, da estabilidade regional e da segurança internacional, as lógicas de concorrência e de complementaridade entre Estados e Organizações Internacionais estão presentes e foram analisadas no seu importante papel ao nível da decisão nos momentos chave destas intervenções. O livro apresenta conclusões e recomendações passíveis de adoção, nomeadamente, ao nível nacional.

António Martins Pereira, *A Reforma do Setor de Segurança nos Estados em Situação de Fragilidade*, Instituto de Estudos Superiores Militares, 2014

46. Centenário da I Guerra Mundial

Conferência "A Guerra Química na 1ª Guerra Mundial"

Pelas 17 horas do dia 22 de abril de 1915, as tropas aliadas descobriram que o ataque alemão que estavam a sofrer não era igual aos já habituais ataques pesados de artilharia. Desta vez, surgiu algo no campo de batalha para o qual as tropas aliadas não estavam preparadas para se defenderem. Em Ypres, os alemães utilizaram o cloro, um gás asfixiante, em quantidades nunca antes vistas no campo de batalha. E esta foi apenas a primeira vez. A partir deste dia a Grande Guerra na Europa ficou marcada pelo grande desenvolvimento e aplicabilidade da guerra química. Apesar de ter entrado no conflito mais tarde, também o Corpo Expedicionário Português (CEP) foi vítima desta nova arma, tendo sentido na pele os seus efeitos na famosa batalha de La Lys em abril de 1918.

The First Gas Attack: April 22, 1915

No âmbito das comemorações da 1ª Guerra Mundial, e em vésperas de celebrar o centenário da utilização da arma química, a Escola das Armas (EA) realizou uma sessão de conferências subordinada ao tema "A Guerra Química na 1ª Guerra Mundial", durante a tarde do dia 12 de fevereiro.

O evento contou com a presença de três conferencistas que explanaram perante a plateia presente a forma como a guerra química afetou o desenrolar da Grande Guerra.

O Coronel de Infantaria "Cmd" Américo Henriques, com o tema "A participação do Corpo Expedicionário Português na 1ª Guerra Mundial", trouxe à audiência os antecedentes que deram origem ao conflito militar e as suas principais caraterísticas destacando o aparecimento de novas armas como a metralhadora, o emprego de aeronaves, tanto na observação do campo de batalha como no ataque ao solo, a substituição do cavalo pelo carro de combate e o emprego dos gases químicos de guerra. A entrada na Grande Guerra, no teatro de operações europeu, em 1917 foi, segundo o Coronel Henriques, caraterizada por uma forte instabilidade política da jovem república portuguesa e por um manancial de tropas mal preparadas e equipadas para enfrentar as adversidades da Flandres. Como seria de esperar os efeitos da guerra química acabaram por atingir também as famigeradas tropas portuguesas.

Grande conhecedor da Guerra Química, o Tenente-Coronel de Engenharia Leonel Martins deu sequência às conferências passando do geral para o particular, entrando no domínio do "Emprego e evolução das armas químicas na 1ª –GM". Em detalhe descreveu o tão famoso ataque químico, o primeiro, em Ypres a 22 de abril de 1915 e a forma como este permitiu aos alemães algo que não estavam a conseguir – romper as linhas defensivas dos aliados. Por trás desta "nova invenção" esteve um futuro Prémio Nobel da Química, o alemão Prof. Fritz Haber, que com sentido patriótico desenvolveu não só os gases empregues como os seus mecanismos de dispersão.

Artigo e fotos da Escola das Armas

HORIZONTE
MARCA REGISTADA
ARTIGOS MILITARES
UNIFORMES
A. DA COSTA, LDA.
CASA FUNDADA EM 1936
UNIFORMES CIVIS E MILITARES
Bonés
Bandeiras
Distintivos
Guiões
Emblemas
Luvas
Pin's Diversos
Estandartes
Condecorações
Camisas
Sapatos
LOJA
R. Portas de Santo Antão, 16 - 1° – 1150-268 LISBOA
Tels.: 21 342 69 70 - 21 322 59 15 – Fax: 21 342 88 52
ALFAIATARIA
Rua de Santa Justa, 88 - 2° Dto.
1100-486 LISBOA – Tel. 21 342 84 83
Email: a.dacosta@mail.telepac.pt

10 de Junho de 2015
Homenagem aos Combatentes
XXII Encontro Nacional

Sou Português e quero ser digno
de quem morreu por Portugal
DIGO PRESENTE

PROGRAMA

IGREJA DOS JERÓNIMOS

10h30 - Missa na Igreja de Santa Maria, aos Jerónimos

MONUMENTO AOS COMBATENTES DO ULTRAMAR

11H45 - Concentração para a cerimónia;

12H15 - Abertura;

12H18 - Cerimónia inter-religiosa (católica e muçulmana);

12H26 - Homenagem às Enfermeiras Pára-quedistas;

12H36 - Discurso alusivo pelo Professor Doutor Nuno Garoupa;

12H44 - Palavras do Presidente da Comissão Executiva;

12H50 - Homenagem aos mortos e deposição de flores;

13H12 - Hino Nacional (salva por navio da Armada);

13H15 - Passagem de aeronaves da Força Aérea;

13H20 - Passagem final pelas lápides;

13H40 - Lançamento de Pára-quedistas do Exército;

13H45 - Almoço-convívio.

OBJECTIVOS DAS CERIMÓNIAS

O Encontro Nacional de Combatentes de 2015 tem por objectivos reunir, no DIA DE PORTUGAL, o maior número de Portugueses de qualquer idade, credo, raça ou ideologia política que, amantes da sua Pátria, queiram celebrar Portugal e prestar homenagem a quantos, ao longo da nossa História, chamados a Servir o seu País, tombaram no campo da honra em qualquer época ou ponto do globo.

Lembrando a galeria de todos os heróis e a obra grandiosa por eles desenvolvida ao longo dos séculos, estamos certos de que a Nação Portuguesa terá razões para aumentar a sua auto-estima e dinamizar-se para o futuro.

CÉUS! TEMOS TROPA SUFICIENTE EM CEUTA. MAS COMO LEVAR REFORÇOS A ARZILA, A TEMPO, SEM QUE OS INFIÉIS SE APERCEBAM?

PODEREMOS IR POR MAR, SENHOR. TEMOS NAVIOS SUFICIENTES PARA ISSO...

PARECE-ME MANOBRA DEMASIADO ARRISCADA... DEXAI-ME PENSAR...

REPARAI QUE O TEMPO URGE, SENHOR VAZ DE MENESES. NÃO PERCAMOS TEMPO...

EXPLICAI-ME, ENTÃO, O VOSSO PLANO, SE É QUE TENDES ALGUM, SENHOR PEDRO ÁLVARES...

É MUITO SIMPLES. LEVAMOS AS DEZ NAUS QUE ESTÃO NO PORTO CARREGADAS DE HOMENS. LARGAMOS AO CAIR DA NOITE E DESEMBARCAREMOS DE MADRUGADA, METADE A NORTE E METADE A SUL. ATACAREMOS OS MOUROS NUM MOVIMENTO DE TENAZ...

POR DEUS! BRILHANTE! FAMOSA TRAÇA, PEDRO ÁLVARES...

SITUADA A 50 QUILÓMETROS A SUDOESTE DE TÂNGER, ARZILA PERMANECIA SOB O DOMÍNIO DOS PORTUGUESES DESDE 1471. PARA A SOCORRER, O PLANO QUE PEDRO ÁLVARES CABRAL IMAGINARA FOI, DE IMEDIATO, POSTO EM PRÁTICA...

SABEIS ALGUMA COISA DE NAVEGAÇÃO, NÃO É VERDADE, PEDRO ÁLVARES?

D. DIEGO DE ORTIZ FOI QUEM ME TRANSMITIU TUDO O QUE SEI, SENHOR D. PACHECO PEREIRA.

D. ORTIZ, HEM? ENTÃO NÃO DEVEIS SABER POUCO. MUDAREIS DE NAVIO. SOB VOSSO COMANDO FICARÃO CINCO DAS NAUS. TENTAREIS DESEMBARCAR A SUL, ESTÁ BEM?

ESPEREMOS QUE NOSSOS ATAQUES COINCIDAM. A SURPRESA, ASSIM, SERÁ MAIOR E O ÊXITO GARANTIDO É QUE TENHO MEU IRMÃO JOÃO NAQUELA FORTALEZA...

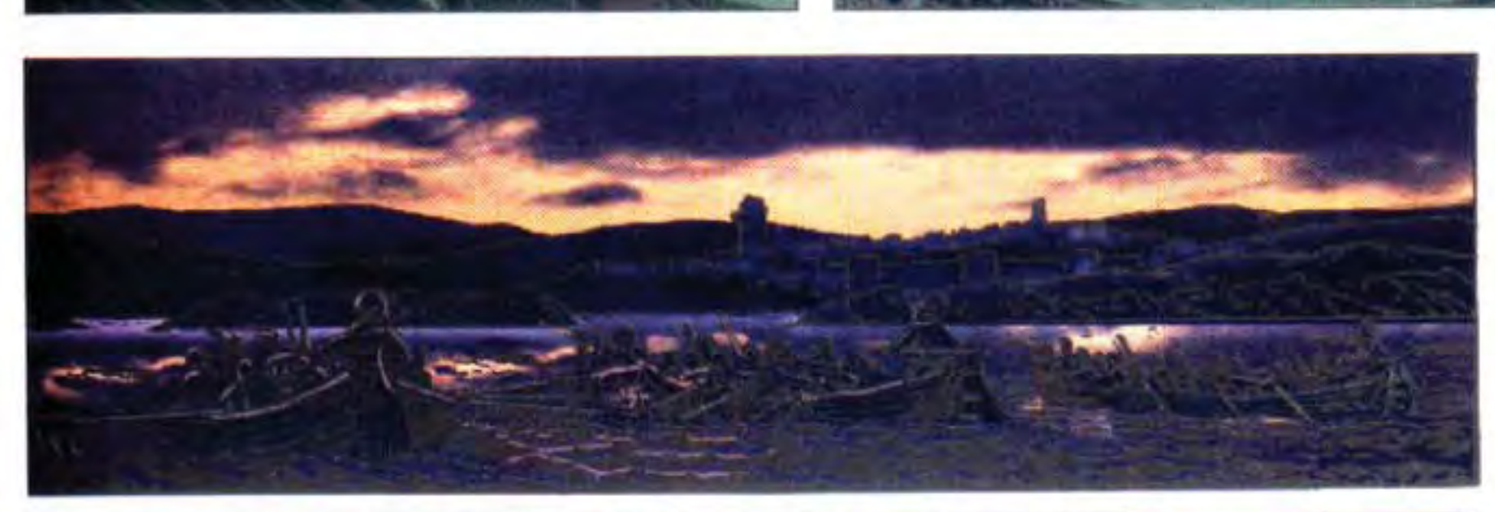
DURANTE TODA A NOITE, BEM LONGE DA COSTA, A ARMADA PORTUGUESA NAVEGA RUMO A SUL...

QUEIRA DEUS QUE NADA DE MAL TENHA ACONTECIDO A MEU IRMÃO JOÃO...

MAIS TARDE...
AQUELAS LUZES TODAS! ALI ESTÁ ARZILA! E AQUELES FOGOS DEVEM SER OS ARRAIAIS DA MOURAMA!...

ESPERO QUE PACHECO PEREIRA TAMBÉM ESTEJA JÁ NA SUA POSIÇÃO! VOU PREPARAR-ME PARA O ATAQUE...

MESTRE FAGUNDES! VOU COMANDAR O DESEMBARQUE. ASSIM QUE ESTIVERMOS PERTO DA PRAIA, MANDAI DISPARAR AS BOMBARDAS SOBRE A MOURAMA! ENTENDIDO?



ATENÇÃO, HOMENS! MAL PONHAM PÉ EM TERRA, É ACOMETER OS MOUROS SEM TEMOR NEM QUARTEL! DEUS NOS PROTEJA E AMPARE!

MAL PÕEM PÉ EM TERRA OS HOMENS DE ÁLVARES CABRAL LANÇAM-SE AO ATAQUE...
SANTIAGO E AOS MOUROS! AO ATAQUE!!
SÃO OS NOSSOS! OS NOSSOS QUE ATACAM OS MOUROS! ESTAMOS SALVOS!
POR DEUS! MANDAI DISPARAR AS NOSSAS BOMBARDAS SOBRE O INIMIGO! AJUDEMOS OS NOSSOS A BATER OS MOUROS! VAMOS!
SUS? A ELES! POR EL-REI D. JOÃO E PORTUGAL!
QUE ALÍVIO! PACHECO PEREIRA TAMBÉM JÁ DESBARATOU OS MOUROS NA SUA ALA!
VITÓRIA! OS ÁRABES BATEM JÁ EM RETIRADA! ESTAMOS SALVOS!
14

DUARTE PACHECO PEREIRA! TAL MANOBRA SÓ PODIA MESMO VIR DE VÓS! BELA TRAÇA, POR DEUS!

ENGANAIS-VOS, SENHOR AFONSO DE ALBUQUERQUE! A MANOBRA FOI AQUI DO PEDRO ÁLVARES CABRAL. FOI ELE QUEM PLANEOU ESTA OPERAÇÃO!

DEVERAS! MAS... É O MESMO JOVEM QUE MINHA SOBRINHA ME RECOMENDOU!...

LOUVADO SEJA CRISTO! MAL SABIA EU QUE ESTAVA A SALVAR MINHA PRÓPRIA VIDA QUANDO VOS APADRINHEI!

TEMOS AQUI UM FUTURO GRANDE CAPITÃO, SENHOR D. AFONSO!...

À FÉ DE QUEM SOU, DUARTE PACHECO, QUE EL-REI SERÁ SABEDOR DESTE SEU FEITO E O RECOMENDARÁ, COMO MERECE!

MINHA MAIOR RECOMPENSA É O DEVER CUMPRIDO PARA COM EL-REI D. JOÃO II E PARA COM PORTUGAL!

SEIS MESES MAIS TARDE, EM CEUTA...
EL-REI MANDA-ME SEGUIR EM MISSÃO PARA O CASTELO DA MINA. DESEJO-VOS A MELHOR DAS SORTES POR ESTAS PARAGENS. ATÉ À VISTA, PEDRO ÁLVARES!

COMO VOS INVEJO, PACHECO PEREIRA... TALVEZ, QUEM SABE, UM DIA NÃO HAVEREMOS DE NOS TORNAR A ENCONTRAR?

Jornal do
EXÉRCITO

Os Jovens e o Dia da Defesa Nacional

€2,00 (IVA incluído) – Ano LVI – JE n.º 647 – abril de 2015

NATO Defense College

A participação portuguesa

Texto : CFr Paulo Cavaleiro Ângelo*

Introdução ao *NATO Defense College*

O *NATO Defense College* [1] (NDC) é a única instituição académica de educação de nível estratégico da NATO e tem por missão contribuir para a eficiência e coesão da Aliança Atlântica, através da educação dos seus quadros superiores, do estudo e pesquisa em domínios como a segurança e defesa transatlântica e de desenvolvimento do pensamento de nível estratégico dos assuntos político-militares. Para tal, o NDC prepara oficiais generais e superiores[2] (e equivalente graduação para civis/diplomatas) para o futuro desempenho de cargos importantes e relevantes na estrutura da NATO ou relacionados com a NATO, desenvolve programas de pesquisa e estudos académicos em apoio dos objetivos da Aliança e coopera ativamente com outras instituições similares dos países aliados e seus parceiros.

O NDC pertence ao grupo das designadas *NATO Education and Training Facilities* [3] mas detém um estatuto específico e especial, dependendo diretamente do MC[4] ao invés das restantes[5], pertencendo assim à estrutura militar da Aliança Atlântica.

Breve enquadramento histórico do NDC

O NDC foi fundado a 25 de junho de 1951, ainda no rescaldo da 2ª Guerra Mundial e escassos 2 anos

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

Informar para bem servir

Coronel de Infantaria José Custódio **Madaleno Geraldo**, Diretor do *Jornal do Exército*

Com o fim do Serviço Militar Obrigatório, a nova do Lei do Serviço Militar instituiu como dever militar, com início em 2004, para os jovens cidadãos do género masculino e, mais tarde, em 2009, extensivo ao género feminino, a participação no Dia da Defesa Nacional [DDN]. Quase um milhão de jovens cumpriu este dia, ao longo das dez edições já concluídas, constituindo-se como um dever de cidadania, que visa promover a consciencialização de que existem deveres para com as Forças Armadas e para com a Defesa Nacional. A 11ª edição do DDN teve início em janeiro do corrente ano e vai prolongar-se até fins de novembro próximo estando previsto convocar mais de cem mil jovens, nascidos em 1996, para o seu "batismo militar", com atividades adequadas em unidades da Marinha, do Exército e da Força Aérea. Os jovens têm oportunidade de conhecer e vivenciar, ainda que por um curto espaço de tempo, o que se vai passando nas Forças Armadas Portuguesas. Só amamos aquilo que conhecemos. Alguns deles irão, mais tarde, servir na Marinha, no Exército ou na Força Aérea. Porque esta Terra é obra de soldados, cujos interesses têm que ser acautelados e defendidos por todos os Portugueses, cada um à sua maneira, podendo ser nas Forças Armadas, nas Forças de Segurança ou em outra atividade. Cada cidadão pode sempre contribuir para o bem da sua Pátria e fazer jus à velha máxima: "Honrai a Pátria, que a Pátria vos contempla".

Com a globalização, os Estados ficaram mais interdependentes uns dos outros, mas nem por isso deixaram de ter os seus próprios interesses e lutar por eles. Vejamos o caso de Portugal e estabeleçamos um paralelismo da atualidade com o que aconteceu há 600 anos. Hoje, Portugal continua a apostar e a reclamar, junto da ONU, a extensão da plataforma continental, para além das 200 milhas náuticas. Esta área reclamada corresponde a mais de dois milhões de quilómetros quadrados, a cerca de 23 vezes a dimensão do território nacional [Vd. Revista da Armada, nº 480, p.20]. Isto significa que, a ser aprovada a referida reclamação, Portugal passa a ter os direitos sobre a extração dos minérios, hidrocarbonetos e outros recursos biogenéticos que se encontrem nestes locais. Aqui fica a nossa prece para que tudo aconteça, com vista aos melhores interesses dos Portugueses.

Recuemos agora seis séculos! A conquista de Ceuta foi o primeiro passo da expansão portuguesa. Recordamos as palavras do Padre Miguel Lencastre, por ocasião da peregrinação para entrega da imagem de São Nuno de Santa Maria [canonizado em 26 de abril de 2009] à cidade de Ceuta, em 2012, que contou com o apoio das entidades religiosas locais, e que nós tivemos a grata oportunidade de vivenciar:

«Vencida a grave crise de firmar a nossa nacionalidade em Aljubarrota, logo a fina flor portuguesa, orientada por Nuno de Santa Maria, entra mar adentro, para dilatar o território nacional e a fé cristã. Desta expedição fazia parte o Rei D. João I e os seus três filhos mais velhos, com o Infante D. Henrique à frente. Os três são Armados Cavaleiros na mesquita árabe, que mais tarde foi transformada na Sé Catedral da cidade. Fazendo uma leitura detalhada dos acontecimentos e tendo em conta o espírito de cavaleiro da época, pode dizer-se que Ceuta é um lugar privilegiado por Deus e, de uma maneira simbólica, pode ser considerada como a Pia batismal das Descobertas e do nosso ideal missionário.»

Cremos que estas palavras do padre Miguel, falecido a 13 de janeiro de 2014, são inspiradoras para o tema e nos fazem gritar: Viva Portugal!

Monumentos aos Combatentes da Grande Guerra – Marinha Grande

Texto : Tenente RC Eder Sousa

Comparada a outras cidades já referidas nesta rubrica, a Marinha Grande é uma área de ocupação humana bastante recente. Esta nasceu e desenvolveu-se sobretudo com a Revolução Industrial, por força das características propícias a diferentes tipos de indústria, sobretudo a vidreira. O mar, o pinhal e os recursos geológicos existentes ofereceram matérias-primas e combustível, sobretudo para a serração de madeira e para a indústria de extração e transformação de produtos resinosos, bem como para a fabricação do vidro atrás mencionado.

A Marinha Grande foi elevada a cidade em 11 de março de 1988 e, apesar das dificuldades sentidas pela globalização dos mercados e a crise económica atual, continua a ser um grande polo industrial, mantendo-se na vanguarda através da área de plásticos e moldes.

Deambulando pelas ruas da cidade encontramos o Museu do Vidro, a Igreja Paroquial da Marinha Grande, o Cruzeiro da Independência, a Casa Alpendrada (esta casa é um dos últimos exemplares de uma traça muito característica da Marinha Grande, devendo o nome ao alpendre de entrada), o Museu Joaquim Correia (instalado no Palácio Taibner de Morais) e o Edifício da Administração das Matas, este último de traça pombalina concluído em 1840, onde foram instalados os serviços florestais nacionais e a residência do primeiro Administrador Geral das Matas do Reino, nomeado pelo Rei.

Defronte deste edifício (que atualmente é sede de Unidade de Gestão Florestal do Centro Litoral), mais concretamente na Avenida D. Dinis, encontramos o Monumento aos Mortos da Grande Guerra.

O Monumento aos Mortos da Grande Guerra da Marinha Grande foi inaugurado em 9 de abril de 1935, para homenagear os combatentes portugueses mortos na 1ª Guerra Mundial (1914-1918). O projeto é da autoria de Alberto Nery Capucho, pintor e diretor da Escola Industrial da Marinha Grande.

Como é possível ver pela imagem, trata-se de uma estrutura tipo "padrão" sem estatuária.

Sumário .05

NATO Defense College
A participação portuguesa

Artigo do Capitão de Fragata Paulo Angelo
Página 14

Aprontamento
Pelo Regimento de Cavalaria Nº 6

Artigo do Regimento de Cavalaria Nº 6
Página 24

O encanto das fardas
...e a mulher "comprada"

Artigo do TGen Figueiredo Valente
Página 38

SUPLEMENTO

Banda Desenhada:
"Pedro Álvares Cabral e o Brasil - Da Serra da Estrela à Costa do Descobrimento"
de José Pires

Páginas XVII a XX

EDITORIAL **03**

MONUMENTOS COM HISTÓRIA MILITAR **04**

ATUALIDADES
Destaque do mês **06**
Figuras & Factos **07**
...mais de mil palavras **08**

ARTIGOS

Ebola
Participação do Exército na resposta ao surto do vírus **22**

Real Thaw 2015
Participação da Brigada de Reação Rápida **30**

Dia da Defesa Nacional **32**

CULTURA, DESPORTO E LAZER
Notícias **44**
Livro & Revista **45**
Desporto **46**

Capa: Dia da Defesa Nacional, jovens no interior de uma viatura PANDUR 8x8

Foto: Regimento de Cavalaria Nº6

Jornal do Exército — ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Direção, Redação e Administração: Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700 Militar: 414 085, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, *E-mail*: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, *E-mail – Intranet*: *Jornal do Exército*, *Home page*: www.exercito.pt **DIREÇÃO – Diretor**: Cor Inf José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor**: TCor Cav António N. Marcos Andrade; **Secretária**: Ass. Téc. Joana Moita; **REDAÇÃO – Chefe**: TCor Cav António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação**: 1Sarg Art Anjos Das Neves; **Redatores**: Ten RC Eder Sousa; **Operadoras Informáticas**: Ass. Téc. Elisa Pio, Ass. Téc. Guiomar Brito; Ass. Téc. Tânia Espírito Santo; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS – Auxiliares**: SAj SGE "Cmd" António Belém, SAj SGE Luís Silva; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** – Lusa – Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **EXECUÇÃO GRÁFICA** – MX3 – Artes Gráficas, Lda – Parque Industrial Alto da Bela Vista – Pavilhão 50 – Sulim Park – 2735-340 CACÉM, Tel: 219 171 088/89/90, *E-mail*: clientes@hmx3ag.com. Tiragem – 6.000 exemplares; Depósito Legal – nº 1465/82 ISSN – 0871/8598.

Jornada de trabalho entre o Exército de Portugal e Espanha

O Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo, efetuou uma jornada de trabalho com o seu homónimo espanhol, General de Exército Jaime Dominguez Buj. Em 23 de fevereiro, o General CEME deslocou-se ao Palácio da Buenavista, em Madrid, onde se encontra sediado o Quartel-General do Exército Espanhol. Na companhia do CEME Espanhol, visitou o palácio, assinou o Livro de Honra e participou num jantar de Estado com a presença de toda a estrutura superior do Exército Espanhol.

No dia seguinte, a delegação portuguesa deslocou-se a Villaverde, distrito de Madrid, onde estão localizados o Parque e Centro de Manutenção de Sistemas Blindados e o Parque e Centro de Abastecimento de Material de Intendência, onde decorreu uma reunião de trabalho, relativa à cooperação bilateral entre os dois exércitos, tendo sido ainda realizadas duas conferências sobre a organização geral do Exército Espanhol e as missões atualmente em curso.

A 25 de fevereiro, o General CEME visitou o *Headquarters* NATO *Rapid Deployable Corps – Spain* (HQ NRDC-ESP), em Valencia, ao qual Portugal está ligado desde a sua fundação. Para além de manter a Brigada Mecanizada afiliada é de salientar que, entre os cargos que Portugal detém, está o de *Deputy Commander*, atualmente ocupado pelo Major-General Tiago Vasconcelos. Neste dia o Comandante do HQ NRDC-ESP, Tenente-General Rafael Comas Abad, salientou os desafios que se colocam àquele QG para a preparação, certificação e assunção da liderança da Força de Resposta da NATO para 2016. A nomeação do HQ NRDC-ESP como QG da Força de *Very High Readiness* da NATO foi anunciada no dia 5 de fevereiro, após a reunião dos ministros da Defesa da Aliança.

Foram também demonstradas as novas capacidades operacionais que este QG implementou, após ter sido o primeiro QG da estrutura de forças da NATO certificado como Quartel-General Conjunto projetável, em junho do ano passado.

CEMGFA participa em conferência inédita na ONU

O Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas (CEMGFA), General Artur Pina Monteiro participou, no dia 27 de março, na primeira conferência de Chefes Militares, na sede das Nações Unidas, Nova Iorque, a convite do Secretário-Geral das Nações Unidas, Ban Ki Moon.

Nesta conferência inédita, que teve como objetivo discutir a forma como a Organização das Nações Unidas (ONU) deverá acompanhar os processos de mudança internacionais, sobretudo as novas ameaças à paz, estiveram presentes 426 militares de 120 nações, 107 dos quais eram chefes militares.

No final da conferência, o General CEMGFA foi convidado a dar uma entrevista à Rádio ONU, onde referiu que o convite para o evento traduz o reconhecimento da importância das Forças Armadas na condução das operações de apoio à paz, sob a égide das Nações Unidas.

Ainda durante a estada em Nova Iorque, o General Pina Monteiro teve oportunidade de ser recebido em audiência pelo Embaixador de Portugal junto das Nações Unidas, Embaixador Mendonça e Moura.

212º Aniversário da Fundação do Colégio Militar

As comemorações do 212º Aniversário da Fundação do Colégio Militar tiveram início no berço do Colégio, na Feitoria, no dia 7 de março, com o acender da "Chama Colegial" transportada depois para as atuais instalações na Luz, tendo o momento contado com a tradicional mensagem do presidente da Associação dos Antigos Alunos ao Batalhão Colegial.

Concluída a cerimónia interna, deu-se início à cerimónia militar, nos Claustros, presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo. A cerimónia incluiu uma alocução alusiva à efeméride, tendo ainda sido proferido o discurso anual referente ao Aniversário da Fundação do Colégio Militar pelo Diretor, Coronel Tirocinado de Artilharia José António de Figueiredo Feliciano.

No domingo, 8 de março, teve lugar o tradicional desfile na Avenida da Liberdade, desde o Marquês de Pombal até ao Rossio, a que se seguiu a celebração litúrgica na Igreja de São Domingos, presidida por D. Manuel Linda, Bispo da Forças Armadas e Forças de Segurança.

Visita do Chefe do Estado-Maior de Defesa do Reino de Espanha

No âmbito da visita ao Exército Português do Chefe do Estado-Maior de Defesa do Reino de Espanha (JEMAD), Almirante General D. Fernando García Sánchez, realizou-se, em 26 de fevereiro, a apresentação do 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado [2BIMec(R)/NRF2016]. Esta força encontra-se em aprontamento no Regimento de Infantaria Nº14 e poderá ser empregue integrada no Comando da Componente Terrestre, da Força de Resposta Imediata, comandado pelo NATO *Rapid Deployed Corps Spain* (NRDC ESP).

O 2BIMec(R)/NRF2016 apresentou-se em formatura no Aeródromo Gonçalves Lobato (Viseu) com todos os meios disponíveis, concentrando um total de 113 viaturas, entre as quais 56 Viaturas Blindadas de Rodas PANDUR II 8x8, e 570 militares.

A visita ao 2BIMec(R)/NRF2016 terminou com a assinatura do Livro de Honra do Exército, seguindo-se uma troca de lembranças.

08. ... mais de mil palavras

O Spekon RS2000

Uma força de paraquedistas salta a partir de uma aeronave C-130H "Hércules" da Força Aérea Portuguesa.

Os Batalhões paraquedistas foram recentemente (em 2012) equipados com os novos paraquedas Spekon RS 2000, de fabrico alemão.

Estes novos paraquedas apresentam uma forma bem diferente dos antigos paraquedas franceses (ARZ 672 29P) que até 2013 estiveram em uso e que nos habituámos a ver em tantas fotografias semelhantes a esta.

Foto: Sargento-Mor Serrano Rosa

Comemorações do Dia do Estado-Maior do Exército

No dia 20 de março, tiveram lugar as comemorações do Dia do Estado-Maior do Exército (EME), cuja cerimónia foi presidida pelo VCEME, Tenente-General António Noé Pereira Agostinho.

Na sessão solene, decorrida no auditório da Divisão de Segurança e Cooperação Militar, o Diretor Coordenador do Estado-Maior do Exército, Major-General António Manuel Felícia Rebelo Teixeira, dirigiu-se aos convidados e demais participantes destacando a longa história da entidade, referindo que se "encontram referências a um «Estado-Maior e repartições respetivas do Comando Chefe do Exército» na ordem do dia de 20 de março de 1835. É por isso nesta data – 20 de março – e passados 180 anos, que estamos a comemorar o dia festivo do EME".

Prosseguiu o discurso realçando as múltiplas atividades de suma importância em que o EME tem estado envolvido, como o planeamento do exercício conjunto Lusitano 2014, do exercício Trident Junture a realizar em 2015, e uma série de missões internacionais que tem empenhado vários militares do Exército, como é o caso da EUTM Somália ou da participação do Esquadrão de Reconhecimento no Teatro de Operações da Lituânia, entre outas.

Após a alocução, decorreu a imposição de condecorações, que culminou com algumas palavras por parte do Tenente-General VCEME. De seguida teve lugar um almoço de confraternização.

É de referir ainda que no dia anterior à cerimónia (19 de março), integradas nas comemorações do Dia do Estado-Maior do Exército, decorreu um conjunto de atividades desportivas destinadas a fomentar o espírito de corpo e a prática da atividade física, que abordamos com mais detalhe na rubrica "Cultura, Desporto e Lazer" deste jornal.

Aniversário da Direção de História e Cultura Militar

Comemorou-se em 19 de março, no Palácio dos Marqueses do Lavradio, o 56º aniversário da Direcção de História e Cultura Militar. (DHCM). O programa das cerimónias teve início com a tradicional fotografia de família militar e civil da DHCM, extensiva aos Oficiais que integram a Comissão para o Estudo das Campanhas de África (CECA).

O Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército (VCEME), Tenente-General António Noé Pereira Agostinho, que presidiu à cerimónia, foi recebido pelo Diretor da DHCM, Major-General João Manuel Santos de Carvalho. Após o discurso do Diretor, foi proferida a conferência "Uma Revolução durante a Grande Guerra – O 14 de maio de 1915", pelo Professor Doutor António Ventura do Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

A cerimónia incorporou ainda a imposição de condecorações a militares da Direção, que se distinguiram pelos serviços prestados ao Exército. Em seguida foi feita a apresentação do livro "A Malta das Trincheiras", pela Doutora Isilda Maria Costa Monteiro, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

O VCEME usou da palavra e seguiu-se a inauguração da exposição "Propaganda na Grande Guerra" e o visionamento do filme relacionado com as atividades que têm vindo a ser desenvolvidas pela Direção e pelos Órgãos, na sua dependência hierárquica.

Visita do Diretor de Política de Defesa Nacional da República de Moçambique ao Exército

Por ocasião da 29ª Reunião do Secretariado Permanente para os Assuntos de Defesa da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) (SPAD), que decorreu entre 3 e 4 de março, o Diretor de Política de Defesa Nacional da República de Moçambique, Coronel Cristóvão Chume, acompanhado pela Diretora Nacional de Saúde de Moçambique, Dr.ª Águeda Duarte, visitaram algumas unidades militares ligadas aos projetos de Cooperação Técnico-Militar (CTM) entre Portugal e Moçambique e algumas unidades/serviços com potencial de cooperação na área da Saúde Militar.

A visita ao Exército decorreu no dia 5 de março, e incidiu em três unidades da região de Lisboa, a Academia Militar, o Instituto Geográfico do Exército e o Laboratório Militar de Bromatologia e Defesa Biológica.

A delegação iniciou a visita na Academia Militar, com uma passagem pelas instalações, brífingue e almoço com entrega de lembranças. Foi dada particular importância ao projeto Nº 2 "Academia Militar Marechal Samora Machel" em Nampula, em que a Academia Militar se constitui como Entidade Técnica Responsável.

Seguiu-se a visita ao Instituto Geográfico do Exército, também com um brífingue e uma visita às instalações, finalizando com o Diretor de Política de Defesa Nacional da República de Moçambique a deixar uma mensagem no livro de honra daquele Instituto.

Na última fase, o Diretor de Saúde acompanhou a visita ao Laboratório Militar de Bromatologia e Defesa Biológica, onde foi possível constatar as novas tecnologias nesta área.

Apresentação do novo Adido de Defesa do Chile

No dia 3 de março, teve lugar a apresentação de cumprimentos de boas vindas do Exército, pelo Diretor Coordenador do Estado-Maior do Exército, Major-General Rebelo Teixeira, ao novo Adido de Defesa do Chile em Portugal, Coronel German Schell.

Durante o evento, o novo Adido de Defesa realçou as boas relações existentes entre o Chile e Portugal, demonstrando grande interesse no "papel privilegiado e o profundo conhecimento que Portugal detém relativamente a vários países do Continente africano".

O Major-General Rebelo Teixeira desejou as melhores venturas para as novas funções, mostrando a maior disponibilidade do Exército de Portugal para o fortalecimento das relações bilaterais entre os dois países.

Visita ao CTOE do Chefe do Estado-Maior do CCOM/CEMGFA

Em 3 de março, o Vice-Almirante Fernando Manuel de Macedo Pires da Cunha, Chefe do Estado-Maior do Comando Conjunto para as Operações Militares (CEMCCOM), acompanhado pelo seu Chefe de Gabinete, Capitão de Mar-e-Guerra Peixoto de Queiroz e pelo Chefe da Célula de Planeamento de Operações Especiais, Coronel de Infantaria Moura Pinto, efetuou uma visita ao Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE).

Após a receção à Porta de Armas da Unidade pelo Comandante da Brigada de Reação Rápida, Major-General Carlos Alberto Grincho Cardoso Perestrelo e pelo Comandante do CTOE, Coronel de Infantaria António Alcino da Silva Regadas, decorreu a apresentação de cumprimentos no Salão Nobre da Unidade, uma cerimónia de homenagem aos mortos e um brífingue informativo sobre a Unidade.

Do programa da visita constou também uma visita ao exercício REAL THAW 2015, onde se assistiu a uma ação tática, com emprego de fogo real e meios aéreos. Para finalizar a visita, o Vice-Almirante Pires da Cunha assinou o Livro de Honra do CTOE.

Tomada de Posse do Comandante da Unidade de Apoio do Estado-Maior do Exército

No dia 9 de março, tomou posse como Comandante da Unidade de Apoio do Estado-Maior do Exército (UnAp/EME) o Coronel de Administração Militar António Manuel Lebre Falcão.

O Comandante foi recebido pelo 2º Comandante da UnAp/EME que lhe fez a entrega do crachá da Unidade. Em formatura geral foi lido o despacho de nomeação, a sua síntese biográfica e, após umas breves palavras de boas-vindas pelo 2º Comandante da Unidade, o Comandante proferiu uma breve alocução, na qual salientou a honra que sente por comandar esta Unidade, incitando todos os Oficiais, Sargentos, Praças e Civis a continuarem a adotar uma atitude de grande empenho e proatividade, contribuindo decisivamente para o cumprimento da Missão, nomeadamente nos tempos difíceis que se avizinham, tendo em conta o grande incremento de responsabilidades de que a Unidade de Apoio será incumbida.

Após esta singela cerimónia seguiu-se a apresentação de cumprimentos de Oficiais, Sargentos, Praças e Civis na sala de reuniões, uma visita a todas as dependências da Unidade e a apresentação ao Major General Diretor Coordenador do EME e ao Tenente-General VCEME.

Este dia concluiu-se com a apresentação de um brífingue na sala de reuniões, da responsabilidade dos membros do Grupo de Comando da Unidade, com o qual o Comandante teve a possibilidade de se inteirar da missão, diversas responsabilidades, preocupações e dificuldades por que passa a UnAp/EME.

Apresentação do Livro "Ao Ritmo do Guia, Memórias de um Curso de Pára-Quedismo Militar"

Decorreu no dia 15 de março, no Auditório Coronel Pára-quedista Alcínio Ribeiro, na Escola de Tropas Pára-quedistas, em Tancos, a apresentação e o lançamento do livro "Ao Ritmo do Guia, Memórias de um Curso de Paraquedismo Militar".

Os autores deste projeto inédito são o Tenente-Coronel Anacleto Santos (na situação de reforma), Major-General Cardoso Perestrelo, Comandante da Brigada de Reação Rápida, e Major-General Santos Correia (em comissão de serviço na GNR), que em 1985, na altura todos como Alferes, acalentavam o sonho de conquistar a "boina verde", o "brevet militar" e de servir nas Tropas Pára-quedistas.

O Major-General Cardoso Perestrelo, Comandante da Brigada de Reação Rápida, efetuou de forma emocionada uma apresentação genérica do livro e agradeceu a presença dos cerca de 250 convidados, destacando a do Chefe do Estado-Maior do Exército e Presidente do Pára-Clube Nacional "Os Boinas Verdes", bem como das entidades militares e civis que se juntarem ao evento. Não deixou naturalmente de se dirigir a colaboradores e patrocinadores, públicos e privados, reconhecendo o seu prestimoso contributo e apoio financeiro que tornou possível concretizar o projeto em apreço.

Comemoração do Dia Internacional da Mulher no Regimento de Manutenção

Em 9 de março, foi comemorado no Regimento de Manutenção (RMan), no Entroncamento, o Dia Internacional da Mulher (08 de março).

Para assinalar esta data, foi celebrada uma missa na Capela da Unidade dedicada a todas as mulheres militares e civis que prestam serviço no RMan (4 Oficiais, 5 Sargentos, 14 Praças e 16 Civis), tendo no final da celebração sido lido um poema alusivo à Mulher.

Na entrada para o almoço convívio, que se realizou no refeitório geral, com todos os militares e civis desta Unidade, foi oferecido pelo Comandante, Coronel João Paulo Barreiros Pereira da Silva e pelo Adjunto do Comandante, Sargento-Mor Fernando Manuel Figueiredo Pimenta, um botão de rosa a cada mulher como agradecimento pelo serviço prestado a esta Unidade e ao Exército.

NATO Defense College

A participação portuguesa

Texto : CFr Paulo Cavaleiro Ângelo*

Introdução ao *NATO Defense College*

O *NATO Defense College* [1] (NDC) é a única instituição académica de educação de nível estratégico da NATO e tem por missão contribuir para a eficiência e coesão da Aliança Atlântica, através da educação dos seus quadros superiores, do estudo e pesquisa em domínios como a segurança e defesa transatlântica e de desenvolvimento do pensamento de nível estratégico dos assuntos político-militares. Para tal, o NDC prepara oficiais generais e superiores[2] (e equivalente graduação para civis/diplomatas) para o futuro desempenho de cargos importantes e relevantes na estrutura da NATO ou relacionados com a NATO, desenvolve programas de pesquisa e estudos académicos em apoio dos objetivos da Aliança e coopera ativamente com outras instituições similares dos países aliados e seus parceiros.

O NDC pertence ao grupo das designadas *NATO Education and Training Facilities* [3] mas detém um estatuto específico e especial, dependendo diretamente do MC[4] ao invés das restantes[5], pertencendo assim à estrutura militar da Aliança Atlântica.

Breve enquadramento histórico do NDC

O NDC foi fundado a 25 de junho de 1951, ainda no rescaldo da 2ª Guerra Mundial e escassos 2 anos

Fonte : www.nato.int

após a fundação da própria NATO, na sequência de uma proposta do General Dwight D. Eisenhower, então o primeiro SACEUR[6], que desde cedo antecipou a necessidade de educar e treinar os futuros líderes da NATO para funções chave na Aliança. A estrutura do NDC foi então inspirada nas três mais importantes instituições de educação militar da época - o *Institut des Hautes Études de Défense Nationale* francês, o *National War College* norte-americano e o *Imperial Defence College* britânico – combinando o envolvimento de conferencistas civis do sistema francês, com a larga experiência norte-americana nos estudos militares de nível politico-estratégico e com a ênfase nos métodos educacionais internacionais praticados pelo Colégio britânico.

O NDC esteve sob a autoridade direta do NAC[7] até 1966, altura em que transitou então para a supervisão do MC até à atualidade, o que espelha bem a importância e relevância conferida ao Colégio enquanto instituição educacional de nível estratégico por beneficiar da proximidade com os *policy makers*. O NDC foi inicialmente estabelecido em Paris, e a 19 de novembro de 1951, sete meses após a proposta de Eisenhower, o NDC realizou o seu primeiro *Senior Course* (SC)[8] com 47 participantes oriundos de 10 países[9].

O primeiro *Commandant* do NDC foi o Almirante Lemmonier, de nacionalidade francesa, e naquele tempo apenas a França, Reino Unido e Estados Unidos tinham a prerrogativa de nomear tanto o *Commandant* como o pessoal de staff, situação que terminaria em 1957, com todos os membros da Aliança a poderem fazer estas nomeações.

Em 1966, a França retirou-se da estrutura militar da Aliança Atlântica tendo o NDC mudado para Roma, Itália. A 18 de janeiro de 1967, iniciou-se o SC30[10], o primeiro curso realizado em Roma. Após a queda do Muro de Berlim, os anos 90 trouxeram grandes mudanças geopolíticas que obrigaram a NATO a revitalizar-se, o que levou ao processo de alargamento que culminou nos atuais 28 membros, bem como ao desenvolvimento de parcerias com países, hoje literalmente, de todo o globo. Em 1992-1993, o NDC abriu-se aos parceiros PfP[11] e OSCE[12] com a criação de um novo curso, o NACC/OSCE[13] (hoje conhecido como IPOC[14] e aberto a todos os parceiros da NATO), o que marcou uma nova era na história do Colégio: alargou o seu portfólio de cursos.

O início do século XXI caracterizou-se por uma intensa atividade para o NDC. O seu portfólio académico foi alargado para melhor refletir a política da NATO no novo contexto internacional, tendo sido criados os cursos GFOAC[15] e MSC[16] dedicados a grupos específicos.

Foi ainda edificada uma nova Divisão, a *Research Division*, com o objetivo de apoiar a estrutura liderante da NATO com análises e recomendações sobre os assuntos com interesse para a Aliança[17], bem como servir de instrumento de comunicação estratégica sobre as diferentes matérias para uma audiência mais vasta da comunidade internacional.

E, finalmente, a criação de uma nova competência, *Outreach*[18], em linha com a Cimeira de Riga em 2006 na qual a NATO decidiu partilhar a sua experiência em termos de educação e treino com os seus parceiros, foi criada a *Middle East Faculty*[19] que, entre outras iniciativas, passou a realizar

[1] Colégio de Defesa da NATO, em português. Também designado apenas de Colégio.

[2] A partir de CFr/TCor.

[3] Categoria de estruturas NATO responsáveis pelo treino e educação, ao nível individual e coletivo, tais como a *NATO School Oberammergau, Joint Warfare Center, Joint Analysis Lessons Learned Centre*, etc.

[4] MC – *Military Committee*, ou Comité Militar da NATO, em português. A mais elevada autoridade militar da NATO.

[5] Cuja dependência hierárquica e funcional reside no *Allied Command Transformation* (ACT), localizado em Norfolk, Estados Unidos da América.

[6] SACEUR – *Supreme Allied Commander Europe* (atual Comandante Estratégico das Operações).

[7] NAC – *North Atlantic Council*. A mais elevada autoridade, de nível politico, da NATO.

[8] *Senior Course* (sigla SC) – Como adiante se descreverá melhor, é o principal curso e atividade do NDC.

[9] Não incluiu Portugal.

[10] SC 30 significa a 30ª edição do SC. Atualmente, decorre a 124ª edição, ou seja, o SC 124.

[11] PfP – *Partnership for Peace*. Trata-se de um programa de cooperação bilateral entre a NATO e um conjunto de países da área Euro-atlântica e Asia.

[12] OSCE - *Organization for Security and Cooperation in Europe*.

[13] NACC/OSCE – *North Atlantic Cooperation Council/ Organization for Security and Cooperation in Europe*.

[14] IPOC – *Integrated Partner Orientation Course*.

[15] GFOAC – *Generals, Flag Officers and Ambassadors Course*.

[16] MSC – *Modular Short Course*.

[17] Alguns researchers do NDC participaram na elaboração do atual Conceito Estratégico da NATO.

[18] *Outreach* – Divulgação, sensibilização, influência.

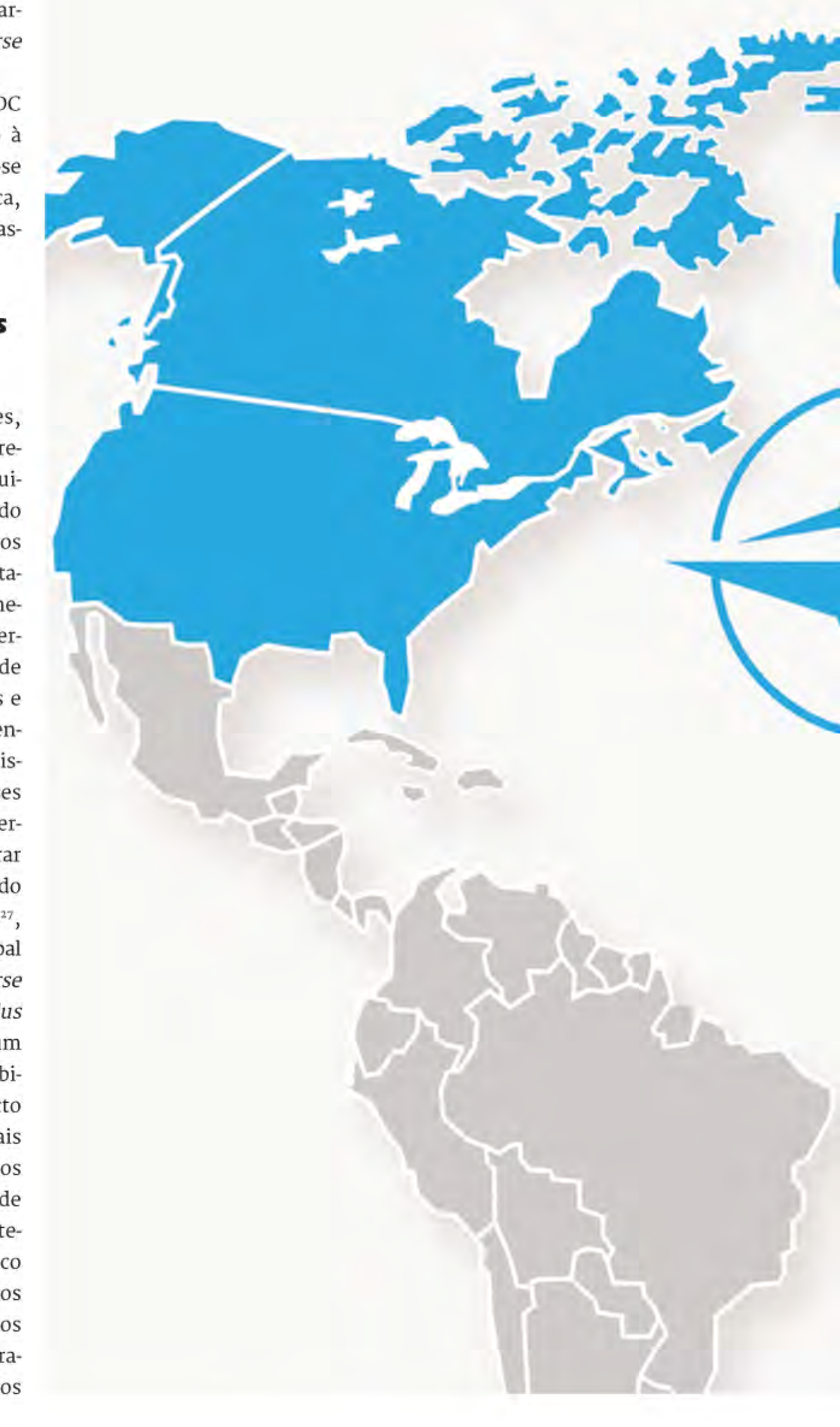
[19] Um departamento, ou divisão, de formação específico para os assuntos do Médio Oriente.

dois novos cursos, o NRCC[20] e o SERC[21], com um particular enfoque na região MENA[22]. De destacar ainda que estes dois instrumentos de cooperação entre a NATO e os seus parceiros do MD[23] e ICI[24] representam uma das poucas, senão mesmo a única ocasião em que *course members* israelitas participam numa atividade oficial com outros *course members* árabes/muculmanos.

Em resumo, ao longo da sua história o NDC tem-se pautado por uma constante adaptação à própria transformação da NATO, constituindo-se num órgão, que com alguma liberdade académica, incentiva a discussão em torno dos diferentes assuntos de interesse estratégico para a NATO.

As atividades desenvolvidas pelo NDC

O NDC assenta a sua atividade em três pilares, já referidos: *education*, *research* e *outreach*. A realização de cursos – o pilar *education* – constitui-se como a principal atividade do Colégio, sendo o SC a sua atividade principal e que mais recursos consome. O seu portfólio de cursos tem aumentado no passado recente, adaptando-se assim às necessidades da NATO, bem como a atualização permanente dos seus curriculos, com o objetivo de melhor corresponderem às atuais preocupações e interesses estratégicos dos aliados designadamente em matérias como defesa cibernética, terrorismo, alterações climáticas, etc. O SC tem 5 meses e meio de duração, recorre a palestrantes externos[25], especialistas na sua área, para ministrar palestras de enquadramento de um determinado tópico[26] ao curso que, organizado em comités[27], o discutirá na procura de consensos. O principal objetivo do curso é, pois, treinar os seus *course members* para a gestão de consensos, o *modus operandis* da Aliança. O curso incorpora ainda um período de 6 semanas de *Field Studies*[28] possibilitando aos seus *course members* tomar contacto *vis a vis* com altos responsáveis governamentais e militares dos países e comandos estratégicos NATO visitados e conhecer as suas políticas de segurança e defesa. Toda esta diversidade de temas da atualidade discutidos no plano estratégico conjugado com o estabelecimento de contactos em todo o mundo – *networking* – conferem aos seus *course members* uma experiência e preparação únicas no plano internacional. Para além dos



Fonte : i.huffpost.com

Aliados, o SC está aberto a todos os seus parceiros oficiais e outros[29]. À exceção dos cursos dirigidos a oficiais generais (GFOAC e SERC), todos os outros beneficiam da dinâmica do SC, pela partilha em simultâneo das suas atividades, embora alcançando grupos-alvos distintos. O NRCC, segundo maior curso em duração ministrado pelo Colégio, iniciou a sua atividade em 2009 tendo até à data realizado 10 edições. Trata-se do principal instrumento de *outreach* para a região MENA e é dirigido a oficiais da NATO e países MD e ICI. Deste modo, pela heterogeneidade que encerra, o NRCC constitui-se em si próprio num relevante instrumento de cooperação orientado para as referidas parcerias, contribuindo claramente para o *networking* futuro de elementos NATO e não NATO que futuramente trabalhem nas estruturas de cooperação e, ainda, para a preparação de oficiais NATO para futuras colocações como adidos militares naqueles países. Na categoria dos cursos de curta duração (uma semana), o NDC ministra ainda o MSC e o IPOC, ambos com características similares, pois estão integrados com o SC, mas dirigidos a grupos distintos[30]. Esta fórmula pretende, de alguma forma, conferir aos seus *course members* um curto contacto com alguns temas específicos e beneficiar das discussões estratégicas que, conforme descrito, visam a obtenção de consenso entre os seus participantes.

---

[20] NRCC – *NATO Regional Cooperation Course.*

[21] SERC – *Senior Executive Regional Course.*

[22] *Middle East and North Africa.*

[23] MD – *Mediterranean Dialogue.* Engloba Mauritânia, Marrocos, Argélia, Tunísia, Egito, Israel e Jordânia.

[24] ICI – *Istambul Cooperation Initiative.* Parceria que engloba países do Golfo, Qatar, Kuwait, Emiratos Árabes Unidos e Bahrain.

[25] Não tem corpo docente.

[26] Diariamente, o curso discute um determinado tópico pertencente a uma área temática mais vasta como por exemplo "O contexto de segurança Internacional", "Organizações Internacionais", "NATO: Presente e Futuro", "Desafios Globais de Segurança", Questões Regionais", etc.

[27] Um SC tem, em média, cerca de 80 course members que são distribuídos por entre 10 a 12 comités havendo pois lugar a uma distribuição de nacionalidades por forma a tornar as discussões o mais multinacionais possível.

[28] Viagem de estudo a diversas capitais europeias, América do Norte, Norte de África e Médio Oriente e Ásia ocidental.

[29] Qualquer país não pertencente a uma das diferentes parcerias da NATO só poderá participar em qualquer atividade do NDC mediante autorização do MC e do NAC.

[30] MSC aberto apenas a oficiais NATO e o IPOC a parceiros.

No pilar da *research*, o NDC publica artigos de opinião, com regularidade, sobre temas atuais e relevantes para a NATO, organiza e participa em diversos eventos de reflexão estratégica em todo o mundo e colabora com o quartel-general da NATO, tanto na parte politica como militar, no desenvolvimento conceptual de diferentes assuntos de natureza estratégica enquanto *think tank* da Aliança. Esta sua vertente é igualmente usada para difundir as "mensagens" da Aliança através dos circuitos académicos e de media mundiais.

Por fim, no pilar do *outreach*, o Colégio desenvolve ainda diversas atividades de divulgação da NATO, tais como a semana de Kiev[31], a conferência de *Commandants*[32], a conferência sobre os assuntos de cooperação NATO-Rússia, entre outras.

A participação portuguesa no NDC

Portugal tem participado nas atividades do NDC, ou relacionadas com o NDC, em diferentes planos: enviando *course members* para frequentarem os seus cursos, designadamente o SC; provendo cargos no próprio NDC, como o de *Commandant ou Faculty Adviser*[33]; e provendo o cargo de oficial de ligação ao NDC no *International Military Staff*[34].

Relativamente aos *course members*, e por razões de espaço, focar-nos-emos apenas no SC e no NRCC, dado serem os mais relevantes. Quanto ao SC, Portugal participou, até à atualidade, com 185 *course members*, dos quais 60 eram diplomatas,

Os "*Distinguished Senior Course Anciens*" portugueses

SC5 – TGen Francisco Chagas (CEMFA)
SC57 – Gen Espirito Santo (CEMGFA)(Exército)
SC60 – Cor Morais da Silva (CEMFA)
SC72 – Gen Valença Pinto (CEMGFA)(Exército)
SC78 – Gen Pinto Ramalho (CEME)
SC82 – VAlm Lima Bacelar (MilRep)
SC87 – TGen João Cordeiro (MilRep)(Força Aérea)
SC92 – Alm Macieira Fragoso (CEMA)

47 do Exército, 38 da Força Aérea, 35 da Marinha e 5 civis. O primeiro *course member* nacional, o então TCOR Fernando Pinto Resende (Exército), frequentou o SC2 em 1952. Atualmente, Portugal beneficia de uma cota anual de 4 *course members*, mas a sua participação tem sido algo irregular sendo que nos últimos 4 anos apenas 44% desta cota foi utilizada, ao qual não serão alheias as restrições financeiras do País.

Os *course members* qualificados com o SC designam-se de *Anciens*. Existem milhares de *Anciens* em todo o mundo, o que espelha bem a missão e importância do NDC, ao longo dos seus quase 63 anos de existência, em educar líderes. Muitos destes *Anciens* ocuparam e ocupam posições/cargos relevantes, tanto a nível nacional como internacional. É de destacar que, no âmbito da celebração dos 60 anos do NDC, em 2011, foi inaugurado um mural onde constam placas com os nomes de todos os *Anciens* que ocuparam cargos relevantes e distintos tanto a nível nacional (membros do Governo, Chefes de Estado-Maior ou Representantes Militares junto do MC) como NATO (enquanto Presidente do MC). De entre os 119[35] *Distinguished Senior Course Anciens*, o referido mural conta com 6 nomes de oficiais generais portugueses, pese embora atualmente Portugal já conte com mais 2 oficiais generais que, mais recentemente, assumiram relevantes funções e assim pertencem àquela categoria de *Anciens*.

Relativamente à participação nacional no NRCC, Portugal enviou até à data 3 *course members*, todos do Exército. Este curso tem, por diferentes motivos, contado com uma reduzida participação de países NATO, o que desvirtua de alguma forma a razão pela qual foi criado, como seja o reforço dos laços de cooperação com os países do arco sul do Mediterrâneo. De entre as ausências

Fonte : www.jfcnaples.nato.int

[31] Evento organizado pelo NDC e a *NATO School Oberammergau*, em Kiev, Ucrânia. Este conjunto de palestras é dirigido a oficiais e outros responsáveis governamentais ucranianos de categoria intermédia.

[32] A Conferência de *Commandants* é presidida pelo *Commandant* do NDC e é composta pelos *Commandants* de instituições similares dos países NATO e seus parceiros.

[33] *Faculty Advisers* são os representantes nacionais no NDC. Realizam funções de enquadramento dos diferentes comités de *course members*, bem como outras ao nível do planeamento e desenvolvimento curricular.

[34] O *International Military Staff*, ou IMS, é o Estado-Maior Internacional que apoia o MC.

[35] Entre 1951 e 2011.

General Knud Bartels
Presidente do Comité Militar da NATO

Fonte : www.nato.int

Fonte: Distinguished Anciens

mais notadas pelo NDC, contam-se os aliados do sul da Europa, designadamente Portugal, pela sua localização geográfica e ligações histórico/culturais aos países daquela região.

Quanto ao provimento de cargos no NDC, Portugal teve, até à data, um único *Commandant*, o TGEN Castelo Branco, da Força Aérea, entre fevereiro de 1990 e fevereiro de 1993, mandato este que coincidiu com a queda do Muro de Berlim e que, por sinal, se constituiu como um marco na transformação do Colégio à época. Portugal detém um cargo de *Faculty Adviser* no NDC, que é provido em permanência por um CMG/COR, de forma rotativa entre os Ramos.

E, por fim, em relação ao IMS, Portugal preenche igualmente em permanência um cargo[36] na Divisão de Operações, o qual é responsável pelo estudo e análise de todos os assuntos relativos ao NDC bem como efetuar a necessária ligação entre o MC e o Colégio.

Perspetivas futuras para o NDC

O mandato[37] do NDC tem sido revisto ao longo da sua existência, consequência da própria transformação da NATO. Nos últimos 25 anos, ocorreram duas grandes revisões, em 1990[38] e em 2002[39]. Mais recentemente, em setembro de 2013, o MC determinou uma nova revisão do mandato do NDC, na sequência de alguns indicadores que sinalizavam algumas perturbações na execução da sua missão, designadamente a quebra, lenta mas sustentada, do número de *course members* do SC e do NRCC; a não ocupação de alguns cargos de *Faculty Adviser*; e o financiamento das suas atividades com um orçamento de crescimento zero. Esta combinação de fatores adversos obrigou a uma profunda reflexão acerca das suas motivações, especialmente pela quebra na frequência de *course members*. Foi assim distribuído um minucioso questionário/inquérito a todos os países da Aliança, para melhor se compreenderem as respetivas motivações acerca do NDC, designadamente a relevância que lhe atribuem no processo de educação do seu pessoal, o processo de seleção, o retorno obtido pelo País, etc. Esta consulta inédita visa igualmente obter diretamente dos 28 Aliados, as suas perspetivas e visões para o futuro do NDC e, com base nisto, eventualmente ajustar o seu mandato. Este questionário constitui a base de toda a revisão, cuja conclusão foi prevista para meados de julho de 2014.

A redução de *course members* tem sido a face visível da atual conjuntura de crise, especialmente por parte dos Aliados mais pequenos em dimensão militar e financeira. Alguns deles nunca enviaram um *course member* frequentar um único curso no NDC por razões financeiras, mas paradoxalmente todos os 28 Aliados contribuem para o Orçamento Comum da NATO que financia a frequência de alguns países Parceiros[40]! No entanto, será a crise económica a única explicação para este aparente desinteresse, por parte de alguns Aliados, no NDC? Serão os cursos atrativos e corresponderão às expectativas e necessidades das Nações? Existirá algum tipo de concorrência entre o NDC e instituições similares de alguns Aliados?

Outra questão antiga reside nas equivalências do SC relativamente ao mundo académico. Tem sido reivindicado há já algum tempo, a equiparação do SC a um Mestrado, ou Pós-Graduação, pela relevância do seu curriculo. Contudo, este processo requereria, pelo menos, um prolongamento do curso para além dos atuais 5 meses e meio, o que não é consensual entre os Aliados. A solução atual passa pela emissão de créditos que, sendo reconhecidos, permitem a frequência de um Mestrado no âmbito das Relações Internacionais ou Ciências Políticas. Por outro lado, alguns membros da Aliança reconhecem o SC como substituto de cursos similares nacionais e num caso especifico – os Estados Unidos – apenas alguns Ramos o fazem. Portugal não reconhece.

São estas questões, de entre muitas outras, que estão atualmente sob análise e escrutínio no âmbito da revisão em curso. O NDC é uma instituição de reconhecida qualidade e prestígio, dentro

do seu domínio, da qual os Aliados, apesar da atual conjuntura de restrições financeiras, não pretendem abdicar embora continuem a exigir medidas de melhoria de eficiência das suas atividades.

Perspetivam-se, pois, alguns ajustamentos ao seu mandato, dado o Colégio atualmente estar algo direcionado para a vertente da cooperação (o *outreach*), mas não se desviando substancialmente do seu atual rumo.

Para Portugal, nesta fase de revisão do papel do NDC em função das questões anteriormente formuladas, este processo poderá constituir uma oportunidade para um outro olhar sobre a formação de nível estratégico nas estruturas Nacionais bem como reavaliar os beneficios adquiridos, ou retorno, pelos nossos *course members*.

[36] Cargo atribuído à Marinha, provido por um CFr.

[37] Missão, objetivos, âmbito, etc.

[38] Face dos acontecimentos provocados pela queda do Muro de Berlim.

[39] Quando o NAC instou o MC a efetuar uma nova revisão.

[40] A NATO subsidia a frequência de alguns Parceiros em atividades de treino e educação, segundo critérios definidos, designadamente o respetivo PIB. Em alguns casos, a frequência de cursos no NDC pode ser de 100% (casos dos países do MD – Norte de África e Médio Oriente).

* O CFr Paulo Jorge de Oliveira Cavaleiro Ângelo licenciaou-se em Ciências Militares Navais, pela Escola Naval, em 1990 e especializou-se em Armas Submarinas.

Da sua formação, destaca-se o curso Geral Naval de Guerra, pelo antigo ISNG, o *Maritime Warfare Course*, no Reino Unido, e o *Senior Course*, pelo *NATO Defense College*, em Roma, para além de diversas ações de formação em armas e sensores.

Fonte : www.aur.edu

Ebola

Participação do Exército na resposta ao surto do vírus

Texto : Maj Eng Ana Silva

O Exército, através do Elemento de Defesa Biológica Química e Radiológica (ElDefBQR) e no âmbito da preparação de uma resposta nacional ao surto do vírus Ébola, realizou um conjunto de visitas técnicas aos três hospitais de referência para o tratamento de casos de Doença por Vírus Ébola (DVE), nomeadamente o Hospital Curry Cabral, o Hospital de Dona Estefânia do Centro Hospitalar de Lisboa Central e o Centro Hospitalar de São João. Neste último, houve ainda a oportunidade de participar num simulacro, onde se treinou a descontaminação em ambiente hospitalar.

As visitas foram extremamente importantes para o conhecimento das infraestruturas e dos profissionais de saúde que integram a componente hospitalar diretamente envolvida na resposta, bem como permitiram coordenar uma eventual atuação do ElDefBQR.

Em 4 de fevereiro, liderado pela Comissão

Regional para a DVE na região norte, realizou-se um exercício interministerial que contou com diversas entidades que integram a Plataforma de Resposta à DVE. O Exercício Freetown teve uma componente de *field exercise* e uma componente de *table top exercise* e visou avaliar a capacidade de transporte, os circuitos internos do hospital de referência, a vigilância de contactos e os procedimentos de descontaminação perante um cenário de uma grávida com DVE em trabalho de parto. O ElDefBQR participou no *field exercise*, tendo sido ativado para descontaminar a sala de partos. Foram ativadas as seguintes equipas/módulos: Módulo de Segurança do Regimento de Lanceiros Nº 2, Módulo Sanitário da Direção de Saúde, Equipa de Defesa BQR do Regimento de Engenharia Nº1 e a Equipa Avançada do Laboratório de Bromatologia e Defesa Biológica. Os militares encararam esta oportunidade de treino como sendo uma situação muito próxima de um caso real e os procedimentos foram cumpridos com elevado rigor.

Participaram também no Exercício o Departamento de Saúde Pública da Administração Regional de Saúde do Norte (ARS Norte), o Serviço de Segurança e Saúde no Trabalho da ARS Norte, a Direção-Geral da Saúde (DGS), o Instituto Nacional de Emergência Médica e a Guarda Nacional Republicana.

A participação do Exército nesta missão encontra-se prevista na Orientação nº 021/2014 da DGS e tem sido alvo de uma preparação específica e focada nos possíveis cenários de atuação. Neste âmbito, o ElDefBQR poderá ser chamado a executar a descontaminação terminal de infraestruturas e de viaturas onde tenham permanecido doentes contaminados pelo vírus Ébola.

Esta missão contribui para o cumprimento do Objetivo Estratégico do Exército para o Biénio 2015-2016 "Incrementar o apoio à proteção e salvaguarda de pessoas e bens", explorando sinergias na Linha de Ação "Consolidar o desenvolvimento das capacidades de defesa NBQR, apoiando as entidades competentes na prevenção, deteção, identificação e descontaminação NBQR".

O sucesso inequívoco resultante da interação da componente operacional com a componente laboratorial e técnica do ElDefBQR, aliado ao treino e aos bons resultados comprovados laboratorialmente, permitem garantir uma resposta segura credível e eficaz, dando o Exército um importante contributo para o combate a esta ameaça.

Durante a década de 1990, quando Portugal foi chamado a participar ativamente em operações de paz, de resolução de crises ou mesmo em cenários de grande conflitualidade, demonstrou-se que estávamos prontos para os desafios da atualidade e aptos a trabalhar, mais uma vez, lado a lado, com os melhores do mundo.

O Regimento de Cavalaria Nº 6 (RC6) tem prestado, desde 1998, um relevante e ímpar contributo ao esforço do Exército e das Forças Armadas portuguesas nas missões de Apoio à Paz. O RC6 aprontou e projetou, entre 1998 e 2011, 11 Forças Nacionais Destacadas (FND) para os seguintes Teatros de Operações (TO): uma para a Bósnia-Herzegovina; três para Timor-Leste; cinco para o Kosovo e duas para o Afeganistão.

Coube ao Regimento de Cavalaria Nº 6 (RC6), da Brigada de Intervenção (BrigInt), a responsabilidade de aprontar duas unidades, uma de escalão companhia (UEC) e outra de escalão batalhão (UEB) para as FND, para atuar respetivamente, na Lituânia e no Kosovo.

As missões atribuídas são distintas.

NATO Assurance Measures 2015 – Lituânia

Para a Lituânia foi projetado o Esquadrão de

Aprontamento

Pelo Regimento de Cavalaria Nº 6

Texto : Regimento de Cavalaria Nº 6

Reconhecimento, para ser empregue no âmbito das *NATO Assurance Measures* 2015 (Recce Coy/AM2015), comandado pelo Major de Cavalaria Pedro Tavares Cabral, que de abril a julho de 2015, estará naquela região do Báltico, para a realização de uma série de exercícios e treinos, envolvendo forças de vários países da NATO.

As *NATO Assurance Measures 2015* surgem, por decisão do *North Atlantic Council* (NAC), com a finalidade de demonstrar a coesão e esforço de defesa coletiva da NATO bem como a sua capacidade de dissuasão, contra qualquer ameaça de agressão.

O *Supreme Allied Commander Europe* (SACEUR) através da *Strategic Directive for the Implementation of Immediate Assurance Measures* (IAM), atribuiu um conjunto de tarefas aos seus comandos subordinados e destinada a preencher e reforçar, em termos de capacidades, as necessidades decorrentes do conjunto de medidas aprovadas pelo NAC.

Dessas medidas, foram implementadas imediatamente as fases 1 e 2 até junho de 2014, a fase 3 entre julho e dezembro de 2014, e com intenção de implementar-se, a partir do início de 2015, as medidas de *follow-on* – fase 4, de caráter eminentemente estratégico.

Os Ministros de Defesa da NATO, em junho de

2014 em Bruxelas, acordaram no desenvolvimento de um Plano de Ação de Prontidão que abordasse as medidas necessárias para responder aos desafios colocados por aquelas ações, quer na ótica de tranquilização dos Aliados mais expostos, quer na da adaptação da Aliança, com vista ao reforço da sua capacidade de resposta.

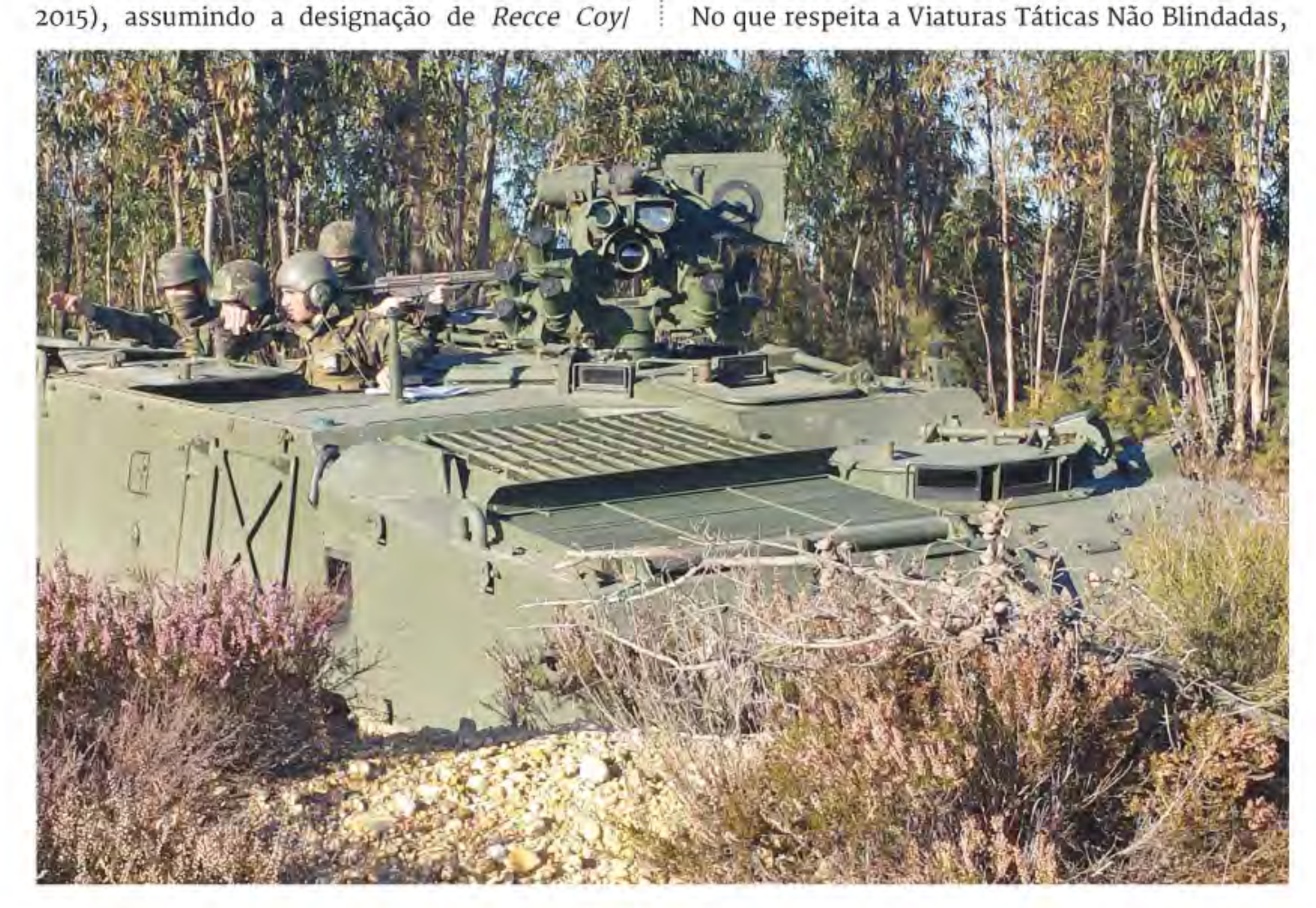
O plano, desenvolvido em paralelo com a implementação das medidas imediatas de tranquilização (*Assurance Measures*) atrás referidas e designado por *Readiness Action Plan* (RAP) constituem-se como a componente que providencia o indispensável sustentáculo para uma assertiva e credível dissuasão.

Portugal no sentido de contribuir de forma efetiva para a concretização das medidas de resposta da NATO decidiu, através do Exército, contribuir com uma Força Nacional Destacada (FND) composta por um Esquadrão de Reconhecimento (ERec) nas *Assurance Measures* (AM) 2015 por um período até quatro meses, entre abril e julho 2015, para reforço da presença de forças terrestres na Lituânia.

Em janeiro de 2015, o RC6 recebeu a missão de preparar o Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção, para ser empregue no âmbito das *NATO Assurance Measures 2015* (AM 2015), assumindo a designação de *Recce Coy*/AM2015, tendo em conta que esta subunidade se encontrava a finalizar um ciclo de alta prontidão de dois anos, por ter sido uma força cometida às *NATO Response Forces* durante o período de 2013 (aprontamento/certificação) a 2014 (*stand-by*).

A *Recce Coy*/AM2015 (*Recce Coy*) é constituída por 140 militares, 10 oficiais, 34 sargentos e 96 praças. A sua estrutura orgânica compreende o Comando, Secção de Comando, Módulo de Comunicações, Secção de Manutenção, Secção de Reabastecimento, Módulo Sanitário, 03 Pelotões de Reconhecimento, Secção de Vigilância do Campo de Batalha e a Secção de Morteiros Médios

A *Recce Coy* é uma força blindada de rodas, equipada com 41 viaturas, das quais 26 são blindadas e as restantes são Viaturas Táticas Não Blindadas. Na sua estrutura operacional de material, existem 23 viaturas PANDUR, de todas as versões ao serviço do Exército Português, distribuídas da seguinte forma: seis *Infantry Fighting Vehicle*, seis *Infantry Carrier Vehicle*, quatro *Infantry Carrier Vehicle Remote Weapon System*, três *Reconnaissance Vehicle*, dois *Command Post Vehicle*, um *Medical Evacuation* e um *Recovery Vehicle*. Para além das viaturas PANDUR dispõe ainda, de três Viaturas Blindadas CHAIMITE V600 porta morteiros, que equipam a Secção de Morteiros. No que respeita a Viaturas Táticas Não Blindadas,



a *Recce Coy* está dotada com 15 viaturas, sendo seis pesadas, três médias, quatro ligeiras e duas especiais, nomeadamente um autotanque de combustível e uma viatura de recuperação.

A *Recce Coy* durante o seu aprontamento foi submetida a um programa de treino, intensivo e de elevada exigência. Durante este período esta subunidade realizou 44 ações de formação e esteve na máxima força em sete exercícios em Território Nacional e com uma célula de resposta num exercício além-fronteiras, na Polónia e na Noruega. Planeou e executou 04 sessões de tiro, duas sessões de tiro com o armamento individual e outras duas com o armamento coletivo que dispõe.

KFOR – Kosovo

No âmbito do apoio das Forças Armadas Portuguesas para a missão da NATO no Kosovo (KFOR), como já foi referido, o RC6 foi responsável pelo treino e preparação do Grupo de Autometralhadoras (GAM/KFOR).

As Forças Armadas Portuguesas contribuem para a Operação "Joint Enterprise", com o Batalhão de Reserva Tática do Comandante da KFOR (*COMKFOR Tactical Reserve Manoeuvre Battalion* – KTM) que deixou de ser uma contribuição exclusiva nacional e passou a integrar na sua estrutura outras *Troop Contributing Nations* (TCN), nomeadamente da Hungria.

A participação portuguesa na KTM, cujo comando é atribuído a Portugal, é garantida nas estruturas multinacionais do Estado-maior (EM), da Secção de Ligação (SecLig) e da Companhia de Comando e Serviços (CCS) e pelas estruturas nacionais do Módulo de Apoio (ModAp) e de uma Companhia de Manobra (CompManobra), num total de 177 militares.

Durante o 2º semestre de 2014, o RC6 recebeu a missão de preparar o Grupo de Autometralhadoras da Brigada de Intervenção para ser empregue como Reserva Tática da Kosovo Force, a ser projetado durante o mês de março de 2015 para o Teatro de Operações do Kosovo.

Tendo recebido a missão de se constituir como FND/KFOR no 1º semestre de 2015, o GAM iniciou o seu aprontamento a 6 de outubro de 2014, com a finalidade de organizar, preparar e treinar a Força para desempenhar as tarefas inerentes à missão de Reserva Tática da KFOR.

O período de aprontamento foi planeado para ser conduzido em três fases (à semelhança de anteriores aprontamentos: Aprontamento Administrativo-Logístico; Aprontamento Orientado para a Missão; Preparação para a Projeção), contudo devido à necessidade de empenhar a *RecceCoy*/

NRF14 nas *Assurance Measures 2015* (e não como a Companhia de Manobra do GAM/KFOR) foi necessário flexibilizar as diferentes fases e recalendarizar algumas das atividades inicialmente previstas.

Fruto da experiência operacional advinda do treino operacional da Brigada de Intervenção, e da rápida resposta, por parte de diversas U/E/O, na cedência de instalações, material e na necessária adaptação das ações de formação foi possível conciliar as necessidades de instrução e treino com a alteração do calendário.

No final de cada fase foi efetuado um exercício de validação aos diversos níveis, destacando-se:

- Team Spirit 2014, em finais de outubro para todos os militares do GAM, para validação da instrução individual nas áreas da topografia, navegação, armamento, técnica individual de combate, etc.;

- Pristina Start 15, em finais de janeiro de 2015, efetuado na Escola das Armas, em Mafra, para treino e validação das instruções individuais e coletivas, ao nível: do Combate em Áreas Edificadas, Tiro Instintivo e de Combate, bem como em tarefas típicas de Operações de Apoio à Paz, etc.;

- Morcego 2015, em fevereiro de 2015, com duas áreas distintas: a validação da instrução de CRC ao nível Pelotão e a execução de uma operação de Cerco e Busca para validação de algumas tarefas ao nível das Operações Convencionais;

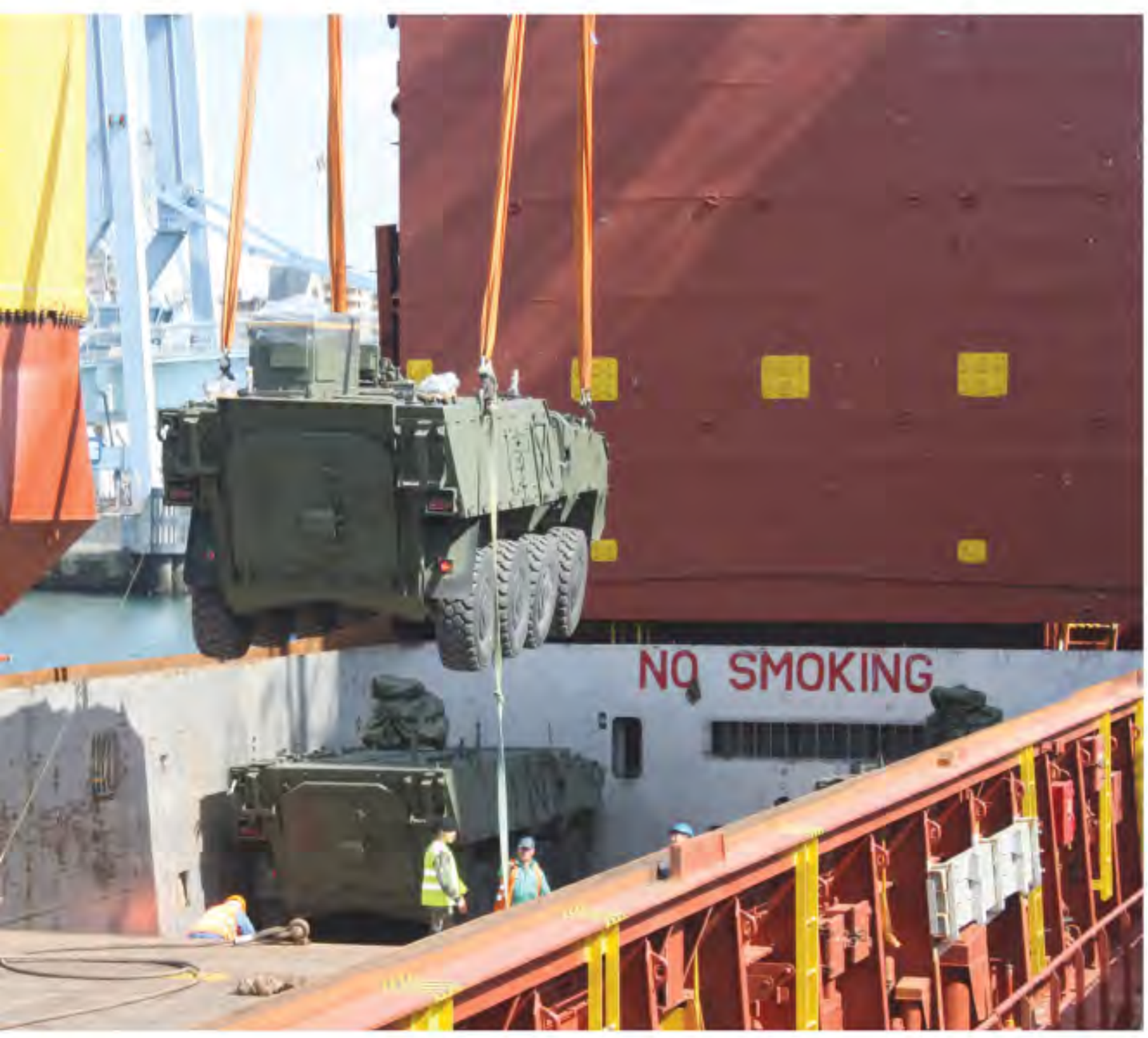
- Pristina 151, exercício final de certificação da força, com a *Combat Readiness Evaluation* (CREVAL), efetuada pela Inspeção-Geral do Exército, que considerou a força como "*Ready*". Assim, no período de 27 de fevereiro a 6 de março, no concelho de Cabeceiras de Basto, decorreu um exercício que serviu para a Força executar tarefas passiveis de serem realizadas no Teatro de Operações (TO) do Kosovo. Com base num cenário realista e de acordo com as informações disponíveis sobre o TO, o GAM/KFOR, para além de ter posto em prática o treino recebido pelos seus militares, colaborou também com as autoridades locais, nomeadamente na realização de ações em prol do desenvolvimento e bem-estar das populações, através do seu módulo de engenharia, na movimentação de terras e adequação de um campo de tiro e na disponibilização de apoio médico à população local, através de consultas e realização de diversos rastreios.

Este período de elevada atividade operacional teve, no dia 11 de março de 2015, o seu momento sublime com a entrega dos Estandartes Nacionais ao GAM/KFOR e à *Recce Coy*/AM2015.

Entrega de Estandartes

A cerimónia foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo e contou com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Braga, Dr. Ricardo Rio e outros autarcas do Distrito de Braga e Concelhos vizinhos. Estiveram presentes ainda os oficiais generais da estrutura superior do Exército, o Diretor Honorário da Arma de Cavalaria e outras ilustres autoridades civis, militares, policiais e académicas da cidade de Braga.

O General CEME foi recebido à chegada pelo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General António Xavier Lobato de Faria Menezes, pelo Comandante da Brigada de Intervenção Major-General Carlos Henrique de Aguiar Santos e pelo Comandante do RC6.



Após a prestação de honras militares pela *Bravo Coy* do GAM/KFOR, iniciou-se a cerimónia com uma demonstração das capacidades da *Recce Coy/PRT Army 2015* e do GAM/KFOR. O General CEME, na alocução que proferiu, exortou os comandantes a liderarem pelo exemplo e aos militares que "depositem inteira confiança nos vossos comandantes e no vosso treino e as exigências da missão serão superadas com sucesso". De seguida ocorreu o momento mais alto da cerimónia, o Comandante da Brigada de Intervenção, MGen Aguiar Santos, procedeu à entrega dos Estandartes Nacionais ao GAM/KFOR e à *Recce Coy/PRT Army 2015*. A cerimónia militar terminou com o desfile das duas forças em Parada.

Após o almoço de confraternização, o General CEME assinou o Livro de Honra do Regimento, tendo ali deixado expressas palavras de reconhecimento, de forte estímulo e um inequívoco voto de confiança ao GAM/KFOR e à *Recce Coy/PRT Army 2015* no cumprimento das suas missões.

Projeção das Forças

Os 140 militares da *Recce Coy*/AM2015 deslocaram-se por via aérea para a capital da Lituânia, Vilnius. Entretanto, por via marítima, foram enviadas 26 viaturas blindadas de rodas 8X8 PANDUR II, 3 viaturas blindadas V600 (porta-morteiros médios), 15 Viaturas de Transporte Gerais ligeiras e pesadas e ainda outro equipamento militar necessário para a missão do Esquadrão. A unidade estava pronta a 13 de abril, para iniciar os seus treinos conjuntos com outras forças de países da NATO, estacionadas na região.

O GAM/KFOR iniciou a sua projeção para o Kosovo a partir de Lisboa, com o destacamento avançado a 30 de março e o restante efetivo, a 7 de abril. Esta unidade só deslocou os seus militares e o respetivo equipamento individual uma vez que o material pesado e as viaturas já se encontram no TO, pois trata-se da rendição de outra unidade do Exército Português: o 1º Batalhão de Infantaria Paraquedista, que cumpriu a sua missão de setembro de 2014 a abril de 2015.

O GAM vai estar no Kosovo até setembro de 2105, altura em que será rendido por outra unidade do Exército Português, continuando assim, Portugal, a apoiar a estabilização daquela região dos Balcãs.

Real Thaw 2015

Participação da Brigada de Reação Rápida

Texto : Cap Inf Para Nuno Flores da Silva

O exercício tático anual da Força Aérea Portuguesa, Real Thaw, realizado este ano entre os dias 23 de fevereiro e 6 de março de 2015, ocorre desde 2009 e é planeado e conduzido sob a égide do Comando Aéreo, órgão da Força Aérea responsável pelo treino e aprontamento das suas unidades operacionais.

O Real Thaw tem como finalidade avaliar e certificar a capacidade operacional da Força Aérea, proporcionando ao mesmo tempo treino realístico e adequado aos vários participantes, tendo em consideração a diversidade de meios utilizados. Este exercício de âmbito conjunto e combinado tem sido ao longo das edições efetuadas uma mais-valia para a verificação e correção do fator interoperabilidade, quer entre países e respetivos meios, quer entre forças nacionais e esses mesmos meios.

A execução do Real Thaw 15 (RT15) foi enquadrada por um cenário político/militar que procurou replicar situações realistas e complexas de forma a desafiarem as forças intervenientes no cumprimento das suas missões, tomando as decisões e executando as ações adequadas com o objetivo de cumprir os desígnios superiormente estabelecidos. Neste enquadramento foram treinadas ações de diverso âmbito, nomeadamente:

- Defesa do espaço aéreo;
- Proteção a aeronaves e colunas terrestres;
- Apoio aéreo a forças terrestres;
- Lançamento de Paraquedistas e carga aérea;
- Operações terrestres;
- Busca e salvamento;
- Evacuação médica.

Embora os objetivos primários de treino estivessem focados na componente aérea, a Brigada de Reação Rápida aproveitou para efetuar o treino de táticas, técnicas e procedimentos de unidades de baixo escalão (até companhia), refinando procedimentos relativos ao uso dos diversos meios aéreos e aferindo a interoperabilidade no âmbito de operações conjuntas e combinadas.

O exercício envolveu homens, meios e materiais dos três ramos das Forças Armadas, combinando assim as três dimensões de um Teatro de Operações e a participação de forças e meios de países estrangeiros como Holanda, Dinamarca, Estados Unidos e Espanha, contribuindo exponencialmente para o treino tão necessário, tendo em conta os cenários de conflito atuais e onde as forças multinacionais são uma realidade.

O RT15 foi coordenado a partir da Base Aérea Nº 11, em Beja, tendo a Brigada de Reação Rápida (BrigRR) articulado o seu dispositivo em três áreas de exercício distintas. A norte a Base Aérea Tática localizada no Aeródromo Municipal de Seia, onde o 2º Batalhão de Infantaria Paraquedistas e as Forças de Operações Especiais desenvolveram as suas ações; na zona Centro, na região de Alter do Chão/Gavião, onde operaram o Batalhão de Comandos e as forças do 1º Batalhão de Infantaria Paraquedistas reforçado com uma secção Stinger da Bateria Artilharia Antiaérea da Brigada de Reação Rápida e uma secção de sapadores da CompEngCombLig/BrigRR; a terceira área foi a região de Beja, onde o Batalhão de Apoio Aeroterrestre estabeleceu a sua base de operações.

O treino das forças do Exército realizado no decurso do exercício Real Thaw 2015 foi extremamente útil, pelas oportunidades de treino que foram criadas, assumindo particular destaque o lançamento de paraquedistas a partir da aeronave C-295, em voo de formação, com uma aeronave portuguesa e outra espanhola, o treino de voo e patrulhamento em média montanha com helicópteros dinamarqueses e portugueses e o lançamento de 8 cargas sequenciais numa só passagem.

No final do exercício contabilizaram-se 28 missões cumpridas, o empenhamento de mais de 50 aeronaves, a realização de aproximadamente 200 horas de voo, 29.200 lbs de carga aérea lançada e, direta ou indiretamente, um forte empenhamento das unidades da BrigRR.

A BrigRR orgulha-se de ter participado nas sete edições deste exercício, exaltando a frutuosa ligação que vem mantendo com a Força Aérea Portuguesa e da qual resulta um entendimento baseado não somente nas relações de trabalho mas fundamentalmente na amizade e camaradagem e no reconhecimento mutuo de profissionalismo e competência.

32.

Instituído como dever militar pela Lei do Serviço Militar, com início em 2004 para os jovens cidadãos do género masculino e com a extensão ao sexo feminino, em 2009, a participação no Dia da Defesa Nacional (DDN) foi cumprida por mais de 800 mil jovens cidadãos, ao longo das suas pretéritas dez edições, afirmando-se também como um dever de cidadania. Além de promover "a consciencialização dos jovens cidadãos para a realidade do país e para o pressuposto de que existem deveres militares para com as Forças Armadas (...)" e para com a defesa nacional, proporcionou também o primeiro contacto real dos jovens cidadãos, de 18 ou mais anos de idade, com as instituições militares do país. Assim, o DDN para além de despertar os jovens cidadãos para as temáticas da defesa nacional, também, de certo modo, cria e cimenta vínculos entre estes e as Forças Armadas (FA).

A Diretiva Ministerial de 31 de maio de 2013 cometeu à Direção-Geral de Pessoal e Recrutamento Militar (DGPRM) a tarefa de apresentar diferentes modalidades de ação para a condução do DDN, com o objetivo de implementar um novo modelo na sua 10.ª edição, que decorreu no ano de 2014. A Comissão para o Planeamento e Conceção do DDN, constituída por representantes da DGPRM e dos três ramos das FA, elaborou uma proposta consentânea com as orientações previamente definidas para a reorganização da macroestrutura da defesa nacional e das FA. Esta proposta foi norteada pela necessidade de racionalizar o sistema de transportes, redesenhar a rede de locais onde se realizava o DDN, e reformular o programa de conteúdos a ministrar apostando na modernização tecnológica, através do recurso e utilização de forma interativa de dispositivos digitais, nomeadamente *tablets*.

O novo modelo do DDN consubstanciou-se ainda no envolvimento e na participação de outros setores do Estado, também eles responsáveis pela segurança e defesa, conferindo-lhe maior abran-

DIA DA DEFESA NACIONAL

Texto : Direção de Obtenção de Recursos Humanos

gência. A sensibilização dos jovens para a importância desta temática compreende um caráter multidisciplinar, envolvendo uma componente militar e outra não militar. Assim o período da manhã do DDN é reservado às FA e o da tarde a um conjunto de entidades representativas das componentes não militares da Defesa Nacional. Esta ação proporcionou um enriquecimento da edição do DDN 2014, tornando-a mais atrativa e diversificada com a participação de novos parceiros estratégicos, nomeadamente a Guarda Nacional Republicana, a Autoridade Nacional de Proteção Civil, a Direção-Geral da Educação, do Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD-Ministério da Saúde) e ainda da Comissão para a Igualdade de Género (Presidência do Conselho de Ministros). Desta forma procurou-se o fomento e a consciencialização da ideia que a "Defesa Nacional é um dever de todos nós", independentemente do estrato social, habilitações literárias, profissão e sexo. Consequentemente o DDN assume-se também como um instrumento essencial para o reforço da ligação dos cidadãos ao Estado e para a interiorização do conceito e dos valores da cidadania.

O novo modelo do DDN promoveu, entre outras temáticas, uma maior interatividade com os jovens cidadãos, a ratificação do recenseamento e o conhecimento das diversas modalidades disponíveis para a prestação do serviço militar.

Apesar do quadro legal possibilitar a realização do DDN em unidades militares dos três ramos das FA, na rede escolar e/ou noutras infraestruturas públicas com condições adequadas, tem sido no interior de unidades militares que o mesmo se tem cumprido.

Nas primeiras cinco edições o DDN decorreu em onze Centros de Divulgação de Defesa Nacional (CDDN), criados em 2004 e que se encontram distribuídos por todo o País. Posteriormente, em 2009, com a extensão da obrigatoriedade do dever militar às mulheres, houve a necessidade de criar

mais um CDDN e a rede de centros manteve-se inalterada até à conclusão da nona edição.

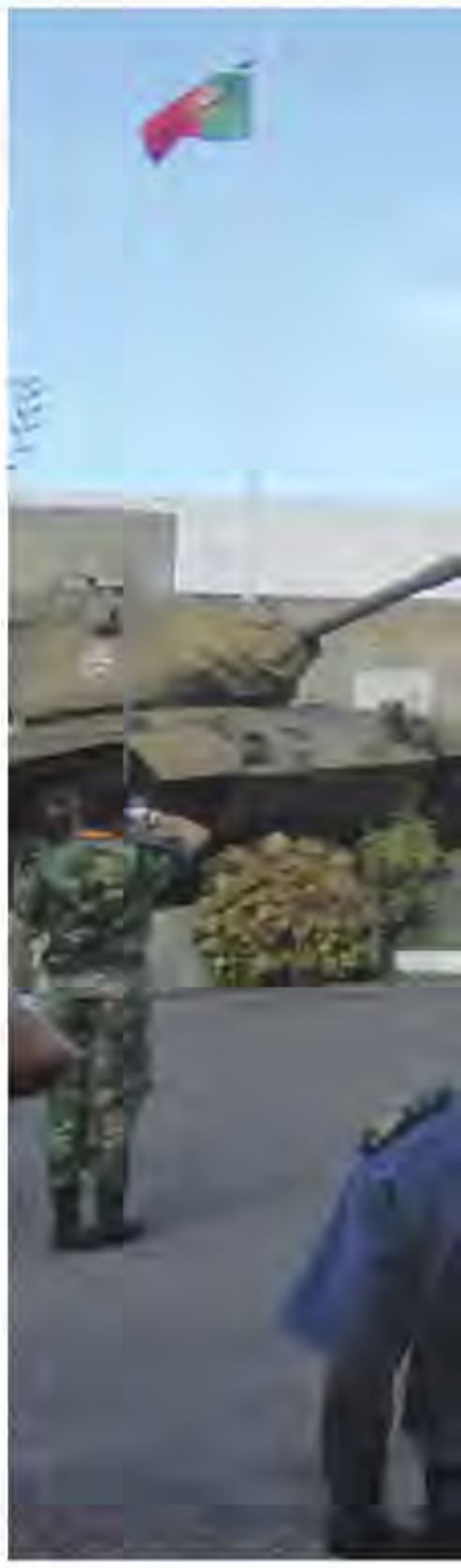
Os custos associados à concretização anual do DDN e os constrangimentos orçamentais conhecidos por todos nós, obrigaram a repensar todo o modelo e à consequente racionalização dos custos associados aos transportes, o que por sua vez originou a redefinição do dispositivo e a criação de Núcleos de Divulgação da Defesa Nacional (NDDN).

A rede de divulgação da Defesa Nacional é composta pelos 12 CDDN e pelos 9 NDDN criados. Os 12 CDDN e 8 NDDN são fixos e 1 NDDN é móvel, está instalado num navio da Marinha que percorre e executa o DDN nas ilhas do Arquipélago dos Açores.

Estima-se que o impacto financeiro resultante do alargamento do dispositivo para a realização do DDN se materializou numa redução de custos de cerca de meio milhão de euros, nomeadamente no que concerne aos encargos com os transportes terrestres, aéreos e marítimos, com o fornecimento de refeições suplementares, reforços alimentares e alojamento.

Outra iniciativa muito importante, orientada para a sociedade digital, assentou na reformulação do programa e dos conteúdos do DDN. Ao contrário do que acontecia no modelo até à nona edição, que estava alicerçado num mais expositivo, com uma transmissão passiva e unidirecional de informação aos jovens cidadãos, o novo modelo assenta num paradigma interativo que motiva a adesão dos jovens, capta a sua atenção e, simultaneamente, facilita a assimilação da mensagem que se pretende transmitir. Assim, a aproximação aos jovens é pautada pela participação ativa que promove o diálogo, através da troca permanente de informação ao longo do dia. Para facilitar a sua realização optou-se por distribuir os jovens presentes em cada jornada por três grupos, em vez dos tradicionais dois utilizados no modelo anterior, o que permite estabelecer e manter melhor a ligação e interação com o jovem cidadão ao longo do dia. O percurso de cada grupo é personalizado e gerido por uma equipa de divulgadores, composta por três militares, que seguem um programa com elevado grau de flexibilidade, recorrendo ao uso de técnicas de trabalho e de dinamização de grupos específicas.

Esta mudança está sustentada por um programa mais dinâmico e interativo que pode, inclusive, variar em função do local onde se encontra sedeado o CDDN/NDDN, das realidades geográfica,



Ramo	Localidade	Locais de Divulgação & Ano de Início da atividade						10ª Edição - 2014	
		Unidades Militares	Locais Civis	CDDN		NDDN		Nº Dias	Nº Convocados
						Fixos	Móvel		
Marinha	Alfeite	Base Naval de Lisboa		2004				66	7.171
	Barreiro	Escola de Fuzileiros				2014		23	2.126
	Portimão	Ponto de Apoio Naval	(1)			2014		43	4.170
	Açores (7 ilhas)	Meio Naval					2014		580
Exército	Braga	Regimento de Cavalaria 6		2004				117	16.716
	Beja	Regimento de Infantaria 3		2004				15	2.078
	Chaves	Regimento de Infantaria 19				2014		10	984
	Coimbra	Un Apoio da Brigada de Intervenção				2014		28	2.396
	Estremoz	Regimento de Cavalaria 3				2014		13	1.253
	Funchal	Regimento de Guarnição 3		2004				24	3.317
	Gaia	Un Apoio do Comando Pessoal		2004				93	12.943
	Ponta Delgada	Campo Militar de São Gonçalo		2004				15	2.106
	Queluz	Regimento de Artilharia Antiaérea 1		2004				68	9.469
	Santa Margarida	Quartel de Cavalaria		2004				42	5.928
	Vendas Novas	Regimento de Artilharia 5				2014		12	1.139
	Vila Real	Regimento de Infantaria 13		2004				72	10.335
	Viseu	Regimento de Infantaria 14	(2)			2014		56	5.300
	Lisboa	Regimento de Transportes				2015		53	6.327
Força Aérea	Ovar	Aeródromo de Manobra 1		2004				66	9.362
	Monte Real	Base Aérea 5			2009			45	6.453
	Terceira	Base das Lages		2004				6	763
	Sintra	Base Aérea 1				2015		50	4.816
	Porto Santo	Aeródromo de Manobra 3				2014		1	58
Total			2	11	1	10	1	918	115.790
				12		11			

Notas: (1) Museu de Portimão; (2) Instituto Politécnico de Viseu.

económica e socioculturais especificas, e ainda em função dos parceiros institucionais envolvidos. Por exemplo, numa zona como as características de Viseu, a Proteção Civil poderá ter particular interesse em transmitir informação adicional sobre fogos florestais, enquanto nas regiões da grande Lisboa ou Porto a temática poderá ser mais direcionada para catástrofes naturais (sismos, maremotos, cheias, etc.), acidentes urbanos, incêndios, etc.

Tendo em vista melhorar o enquadramento neste modelo mais interativo, as Unidades do Exército CDDN/NDDN orientaram o esforço para a promoção da interação e aproximação aos jovens cidadãos. Deste modo, no período da manhã, entre as atividades realizadas pela Força Aérea e pela Marinha, o Exército adequa as atividades aos meios disponíveis na Unidade e ainda ao número de cidadãos convocados para cada dia. Entre as diversas atividades, a título de exemplo, pode-se destacar a apresentação de armamento e equipamento utilizado nas Forças Nacionais Destacadas e também a apresentação da Viatura Blindada de Rodas PANDUR II 8X8, que é complementada com a realização de um pequeno deslocamento montado, no qual os jovens são convidados a participar. Com a realização deste tipo de atividades, pretende-se que os jovens tenham um contacto direto com os militares empenhados na concretização das mesmas.

O fim da manhã termina com o almoço, que é servido por norma, no refeitório geral, juntamente com os militares da Unidade.

No final do dia, após a realização das atividades da componente não militar da defesa, do preenchimento do inquérito de satisfação, de assistência ao filme sobre as FA e do recebimento da cédula militar, os jovens cidadãos assistem à cerimónia do arriar da Bandeira Nacional, seguindo-se umas breves palavras proferidas pelo Comandante, ou

por um Oficial Superior, por si designado, da Unidade onde decorre o DDN. A jornada termina com este ato simbólico de elevado significado.

Ao longo das 10 edições já realizadas o esforço do Exército, desenvolvido pelas unidades CDDN e NDDN, consubstancia-se em cerca de 456.000 presenças efetivas, o que corresponde a 65% do total de Jovens cidadãos convocados para o DDN nas FA e a 4.189 dias de DDN realizados. A 11ª edição do DDN teve início a 6 de janeiro de 2015 e terá o seu desfecho a 30 de novembro de 2015, convoca 115.790 jovens, nascidos em 1996, para os CDDN e NDDN sedeados em Unidades Militares das FA, distribuídos, pelo Exército – 69% (80.289), Marinha – 12% (14.051) e Força Aérea – 19% (21.451).

Assim como os outros ramos das FA apresentam atividades próprias nos CDDN/NDDN do Exército, também este apresenta atividades para os jovens cidadãos que se deslocam a unidades da Marinha ou da Força Aérea para cumprir o seu dever militar. Nestas circunstâncias, e na 10ª edição, uma das atividades que o Exército executou foi a de disponibilizar aos jovens paraquedas, para que pudessem "sentir" como é estar equipado e preparado para saltar de um avião.

No momento em que o DDN foi repensado sob a ótica de vários requisitos, entre os quais o da promoção de interatividade com os jovens cidadãos, a aposta implicou a adoção de processos que induziram uma modernização tecnológica do modelo. Atualmente as várias atividades do novo modelo estão ligadas por uma plataforma tecnológica assente na utilização de dispositivos móveis ("*tablets*"), pelos jovens e pela equipa de divulgadores, estabelecendo vários fluxos de dados através de tecnologia sem fios (*wi-fi*).

A opção pela introdução e utilização de uma plataforma tecnológica como a sumariamente descrita justifica-se pela sua facilidade de utilização; atratividade para os jovens; capacidade de incluir conteúdo segmentado, personalizado, com recursos multimédia, interativos e hipertextuais; pela mobilidade e portabilidade; pelo seu papel facilitador na ultrapassagem de barreiras impostas por deficiências de jovens com necessidades especiais; baixo custo de aquisição, e manutenção, e, ainda, por ser uma alternativa economicamente mais vantajosa que o recurso aos suportes em papel anteriormente utilizados.

Com a plataforma tecnológica surge um conjunto de funcionalidades que facultam ao jovem cidadão: a participação em atividades do progra-

ma de forma interativa e integrada; a receção de conteúdos; a obtenção e pedido de consulta de informação localmente através do envio para o seu endereço de correio eletrónico; a resposta a inquéritos e a comunicação geral com a estrutura do DDN.

Por outro lado, às Forças Armadas é disponibilizada a possibilidade de: conhecer as intenções de ingresso, em tempo real ou com um *delay* mínimo, e até posteriormente, a partir de contactos fornecidos voluntariamente pelos jovens; divulgação de informação aos jovens, de âmbito geral ou individualizada, por forma desmaterializada e sem custos.

Diariamente funcionam em simultâneo 5 centros de divulgação, com 135 jovens (máximo) por local, sendo usados 700 *tablets* (675 – jovens; 15 – divulgadores, 10 – de substituição) para o funcionamento da componente individual da plataforma.

A interligação e comunicação entre dispositivos é suportada localmente por uma rede local *wi-fi*; um servidor e equipamento de comunicações 3G que viabiliza a ligação, através da internet, aos servidores e serviços centrais, onde são geridas, processadas, distribuídas, e/ou arquivadas (consoante os casos) todas informações colhidas. É também sobre esta ligação que se operam, remotamente, as alterações locais sobre os conteúdos, funcionamento dos equipamentos, atualizações e outros aspetos técnicos.

O atual processo de renovação poderá ser complementado pela implementação de um sistema de gestão de qualidade que permita a realização contínua e faseada de ciclos de autoavaliação, articulados com uma eventual avaliação externa, numa perspetiva de melhoria contínua e de afirmação identitária.

Para terminar resta-nos salientar que com a implementação deste novo modelo, o financiamento de um evento com esta natureza, dimensão e abrangência teve uma redução de custos de cerca de 25% relativamente ao anterior.

Grupo de Milícias Balantas do Batalhão de Artilharia n.º 2924

O encanto das fardas...

...e a mulher "comprada"

Texto : TGen Figueiredo Valente

Quando o meu Batalhão, o BART 2924, em dezembro de 1970, ocupou o seu Setor na Península do Quínara, a Sul do Rio Geba, eu desempenhava então a função de 2º Comandante e além de assumir as tarefas que me estavam reservadas tive ainda que solucionar vários problemas que o anterior Batalhão deixara por resolver.

Um deles, e não o de menor importância, foi o de apaziguar uma situação de grande tensão existente entre elementos da população civil e a Milícia de Tite.

A Milícia era constituída normalmente por homens da população local, mas incluía também elementos vindos de outras regiões que, tendo na sua maioria cumprido o serviço militar, recebiam

depois um treino complementar sendo-lhes depois distribuídos uniformes e armamento individual.

Eram integrados numa pequena Unidade, um Pelotão de Milícia, cujo comando era entregue a um elemento que houvesse demonstrado capacidade de chefia e recebiam a missão de participar na defesa local, com prioridade para a proteção das populações.

O facto de usarem uniforme e receberem também vencimento e de, além disso, não terem normalmente tarefas tão árduas como os trabalhos nos campos, oferecia-lhes um certo estatuto social e situação um tanto invejável no meio da população.

A situação que herdei do anterior Batalhão e que envolvia a Milícia de Tite, era devida ao facto de algumas mulheres, de etnia Balanta, terem fugido aos respetivos maridos, já velhos, abandonando-os para irem viver com elementos da Milícia, mais jovens que os maridos abandonados, seduzidas talvez pelo encanto da farda e pelo estatuto social mas também pela melhor vida conjugal e maior conforto que os milícias e o seu vencimento, lhes podiam proporcionar.

Curiosamente, estes casos traziam-me à lembrança uma versão caricatural do histórico "Rapto das Sabinas" em que desta vez eram as mulheres que tomavam a iniciativa de se ir "apossar" dos homens desejados.

Restavam então ainda três destes casos por resolver, pois estas mulheres fugitivas de modo algum queriam regressar para os seus legítimos maridos.

Cabe aqui esclarecer que, de acordo com costumes ancestrais e as tradições locais, as meninas, desde muito novas, por vezes até pouco depois do seu nascimento, podiam ser "prometidas" aos seus futuros maridos, mediante uma quantia em dinheiro e ofertas várias que incluíam animais, cobertores, etc., que aqueles pagavam aos tios das meninas, seus legítimos responsáveis.

Por tradição comum a algumas civilizações, a herança do sangue familiar, é transmitida por via uterina, ou seja, através da mulher da família, pois a sua descendência tem por certo o sangue da família embora possa não ter o sangue do pai, se a mulher lhe tiver sido infiel.

O irmão mais velho da mulher, o tio da menina, é por isso o responsável por ela e a ele cabe negociar, com o seu futuro marido, qual o dote correspondente.

Fonte : 2.bp.blogspot.com

40.

Normalmente, a menina, quando mais crescida, vai para casa do futuro marido, onde é educada pelas outras mulheres, sob orientação da Mulher Grande, a primeira mulher do chefe da família, e este virá por fim a desposá-la quando ela atingir a puberdade. Assim, as meninas acabam muitas vezes por se unir conjugalmente a um homem de muito mais idade e talvez já velho e incapaz de dar satisfação e filhos à sua mulher, da qual só quer o prazer da sua juventude, o seu trabalho e o amparo da sua velhice.

Compreendia-se pois que algumas mulheres tivessem fugido aos seus maridos nestas condições, mas era contudo uma situação que urgia resolver, por todos os motivos e porque afetava não só as pessoas envolvidas mas também as relações entre a população civil e elementos ligados aos militares.

Depois de me ter esclarecido sobre os três casos pendentes, resolvi constituir uma espécie de tribunal para decidir qual a melhor solução a adotar e para isso mandei reunir, numa data oportuna, todos os interessados e também a Autoridade Administrativa local e os "velhos" (sábios, conselheiros) das tabancas (povoações) a que os maridos abandonados pertenciam, bem como o Comandante da Milícia e os seus subordinados para os quais as mulheres tinham fugido e com quem viviam.

O tribunal reuniu cedo, abrigado na sombra de uma árvore frondosa, que o calor apertava e o dia seria longo e, com a ajuda de um intérprete, quando não era falado o crioulo, seguiu-se então o desenrolar das alegações de cada caso numa sequência idêntica para cada um deles.

Chamado o marido abandonado, este expunha longamente as suas razões: que havia pago bom dote pela mulher, que a tratava bem, que gostava dela e queria que voltasse para casa.

De seguida a mulher dizia de sua justiça: que o homem era velho, tratava-a mal, não a satisfazia, não lhe dava filhos e por oposição, o milícia para quem fugira, queria viver com ela, dava-lhe o que ela não tinha junto do velho e por isso não queria voltar para ele.

Era então ouvido o chefe da Tabanca do marido que dava conta dos seus argumentos em favor deste, e de seguida os "velhos", por regra com discurso longo e na mesma lógica. "Está só a falar", esclarecia o intérprete, quando a longa oratória deles não tinha qualquer substância.

Fonte : 4.bp.blogspot.com

Chamado depois, o milícia afirmava que não tinha seduzido a mulher, que apenas a aceitara, mas que gostava dela e queria que ficasse consigo.

A argumentação, com mais ou menos pormenor, decorria desta forma até se chegar à conclusão que a solução seria o milícia indemnizar o velho do dote que este havia pago pela mulher, o que era conseguido após laboriosa e demorada negociação. Com o compromisso público, por parte do milícia, de pagar a "multa" (indemnização) acordada, o caso era então por fim dado como resolvido.

E a tarde do dia lá se ia arrastando e contudo ainda estavam resolvidos apenas o primeiro e o segundo caso.

Chegado por fim o terceiro, nas argumentações demorada e repetidamente apresentadas, ficou patente que o marido abandonado era velho, não tinha outra mulher e não queria largar esta, pois, segundo ele se lamentava, era o seu único amparo. O velho afirmava além disso ter perdido a face com a fuga da mulher e não ser por isso bem visto na tabanca.

A solução deste caso era porém mais difícil, pois já era a terceira vez que esta mulher fugira ao marido e afirmava com toda a veemência que o faria de novo se tivesse que voltar para ele.

Depois de todas as argumentações expostas foi evidente que a solução era convencer o velho a ficar sem a mulher.

Tive então que intervir dizendo ao marido abandonado que seria melhor aceitar a multa que viesse a ser estabelecida para o milícia pagar pois, de outro modo, iria perder para sempre a face quando a mulher lhe fugisse de novo, agravando uma situação já de todos conhecida e dessa vez, por certo, de forma definitiva.

Após elaborados argumentos e a muito custo, resolveu-se então o marido a aceitar com relutância esta solução, para alívio de todos os participantes naquele tribunal, não só por verem esta ultima situação resolvida mas principalmente porque o dia ia adiantado e o cansaço já pesava. A quantia da multa não iria ser pequena, dado o sacrifício que o velho fazia, mas também porque a mulher era nova, bonita, segundo os padrões de beleza local, e além disso tinha já uma filha pequenina, um valor acrescentado, pois além de provar a fertilidade da mulher, a filha era já considerada um potencial futuro investimento.

42.

Após outra demorada negociação chegou-se a acordo com o marido quanto ao valor da multa que o milícia se comprometeria a pagar e assim tudo parecia ir ficar finalmente resolvido.

Mas não! Um "ligeiro" pormenor bastou para manter afastada a solução que já se vislumbrava: é que o milícia fez-me discretamente saber que não tinha o dinheiro suficiente para pagar a multa que fora estipulada.

Perante esta situação, desejoso de resolver também este problema, e após conversa particular com o milícia na qual me declarei disposto a emprestar-lhe o dinheiro, tomei a decisão de anunciar que este assumia o compromisso de pagar a multa e que, tal como os outros, ficava também este caso, por esta forma, resolvido.

Toda a gente ficou satisfeita: as mulheres ficaram com os milícias, e os maridos abandonados receberam em curto prazo as "multas" estabelecidas. A indemnização a ser paga pelo milícia que quase originara que o tribunal não chegasse a um veredicto final, foi entretanto satisfeita com o dinheiro que eu lhe adiantei.

Neste aspeto, ao menos, a situação ia poder finalmente voltar à normalidade!

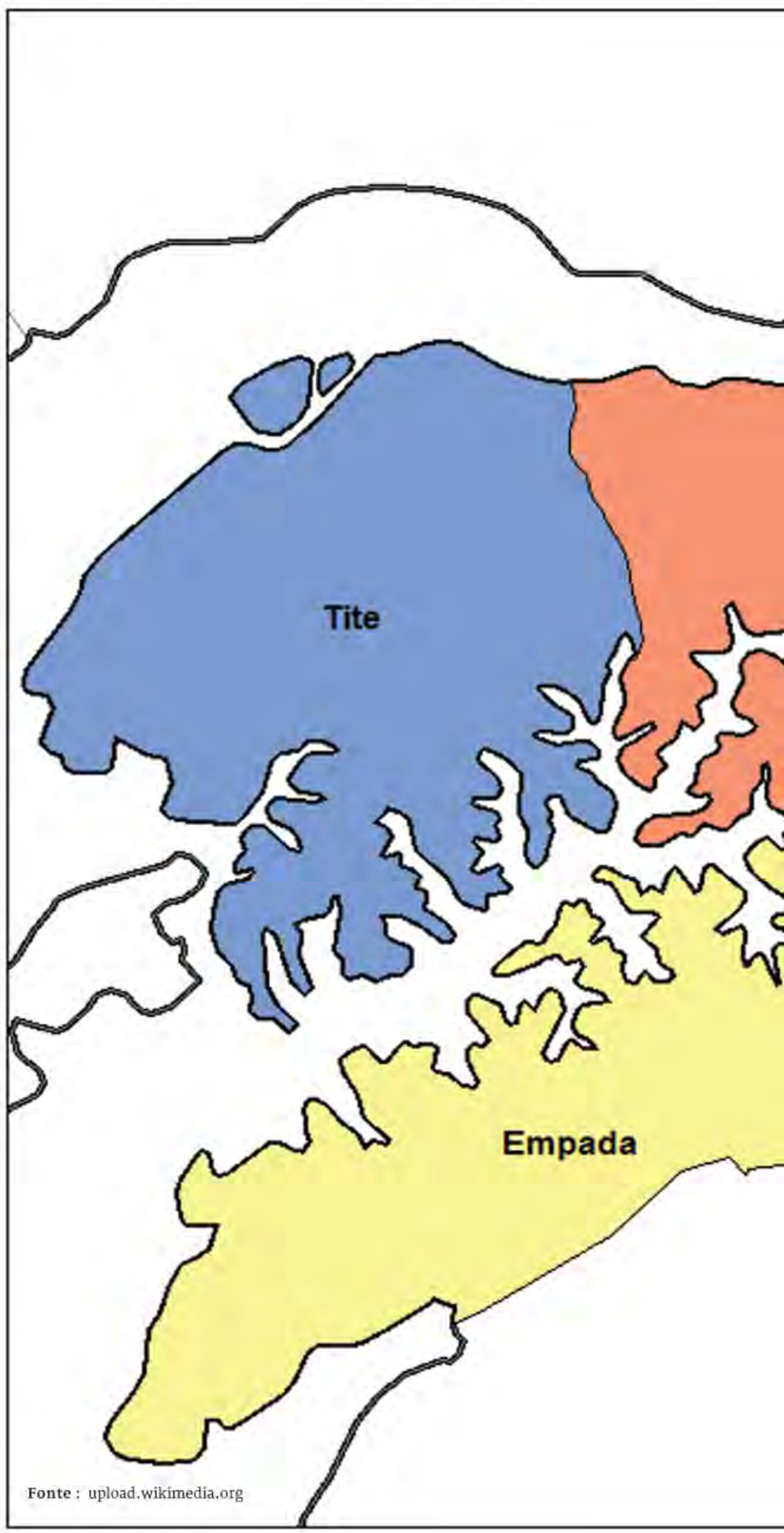
Mas afinal a solução ainda não fora completa: pouco tempo depois o milícia foi transferido para outra região, mas essa transferência não permitiu que fosse desde logo acompanhado pela mulher. Como havia sido eu que tinha resolvido o problema, a mulher entendeu que enquanto se não fosse juntar ao marido, deveria também ser eu o responsável por ela, pelo seu sustento e da sua filha.

E lá fiquei eu com uma mulher "comprada" com o dinheiro que havia saído do meu bolso, e a sua filha, à minha responsabilidade!

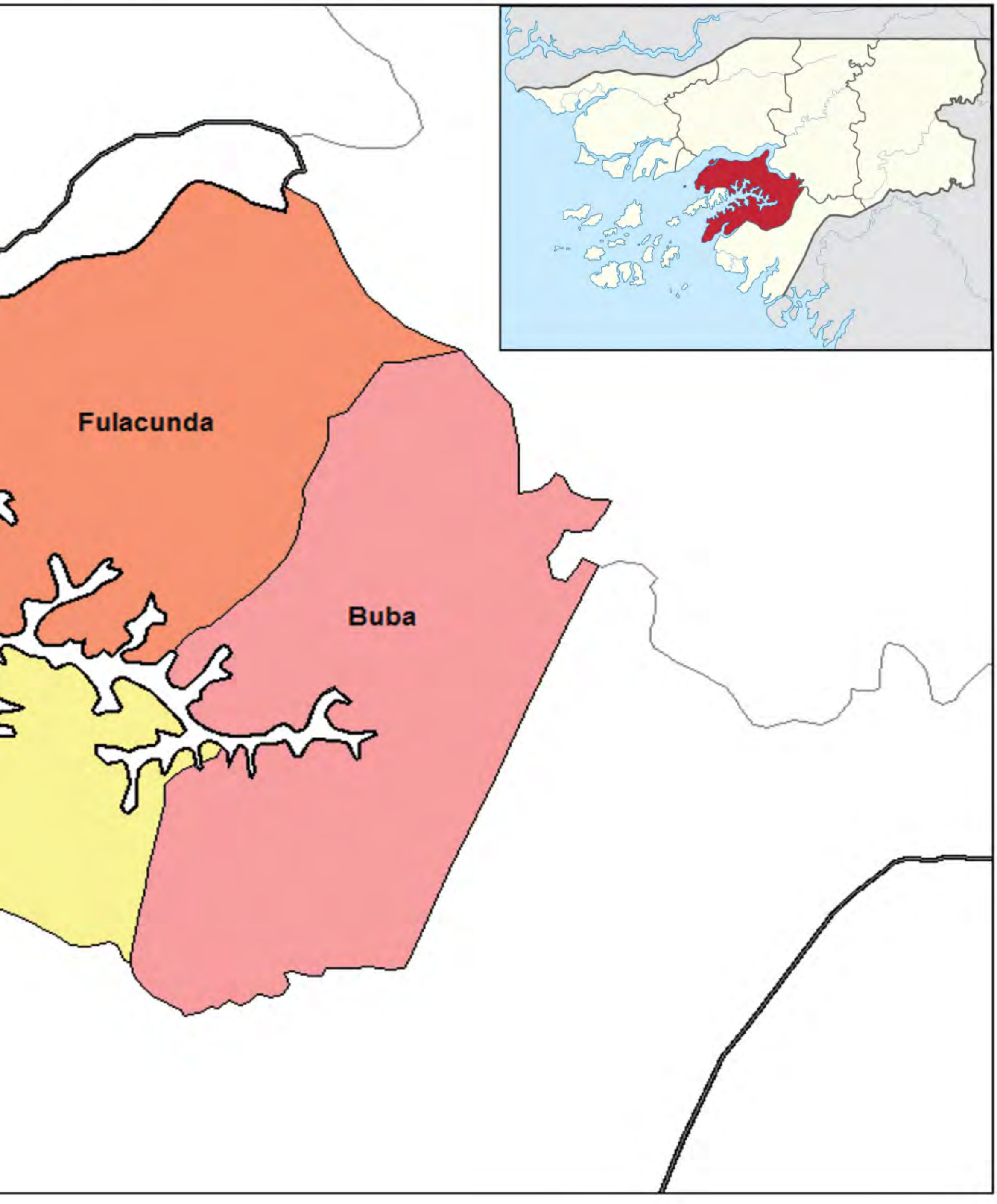
Não foi, contudo, este novo aspeto deste insólito problema tão difícil de resolver como até ali, pois da comida confecionada no Quartel sobrava sempre uma boa parte que era distribuída pela população que necessitava.

Difícil sim foi depois reaver do milícia o dinheiro que eu emprestara, com todas as dificuldades de ligação com a Unidade para onde ele tinha sido transferido.

Mas até isso acabou por ser resolvido e pouco tempo depois, quando a mulher se lhe foi juntar, encerrou-se finalmente, dessa forma feliz, um caso de "Tribunal" só possível em terras africanas!



Fonte : upload.wikimedia.org


Fulacunda
Buba

XXII Encontro Nacional de Combatentes

10 de junho de 2015

A Comissão Executiva para a Homenagem Nacional de Combatentes 2015 promove no próximo dia 10 de junho, junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, em Belém, Lisboa, o seu XXII Encontro Nacional. As cerimónias que ali terão lugar têm por objetivos comemorar o Dia de Portugal e prestar homenagem a todos aqueles que tombaram em defesa dos valores e da perenidade da Nação Portuguesa.

Por esta razão, ali se reúnem sempre um tão grande número de Portugueses, não só os que foram combatentes no ex-Ultramar e os que mais recentemente serviram em missões de paz no estrangeiro, mas também todos aqueles que, amantes da nossa História e envolvidos na construção de um futuro mais próspero para a sociedade portuguesa, querem ser participantes ativos nesta homenagem.

Este ano esta Comissão enaltece ainda o papel extraordinário executado pelas Enfermeiras Paraquedistas no apoio aos Combatentes em África, na Índia e em Timor.

Todos os portugueses, são convidados a participar nesta homenagem aos que deram a vida pela Pátria e, desta maneira, celebrarem o Dia de Portugal. Pomo-nos desde já à disposição para prestar mais esclarecimentos através de:

encontro.combatentes@gmail.com

Premio-Sikorsky atribuído à Esquadra-751 da FAP

Todos os anos a *Helicopter Aviation International* (HAI), uma associação que desde 1948 íntegra variadíssimas entidades que operam com aeronaves de asa móvel, atribui galardões a uma Esquadra ou uma Companhia que opera este tipo de meios aéreos.

Os galardões desta associação, são encarados como os "óscares da aviação em helicópteros". Este ano, a HAI, decidiu atribuir o Prémio Internacional de Serviço Humanitário, à Esquadra 751 – Pumas, da Força Aérea Portuguesa. É com reconhecido apreço que o *Jornal do Exército* faz eco deste prémio atribuído a uma Unidade da nossa Força Aérea. O valor deste galardão é acrescido pela referencia feita pela própria HAI, quando refere que "apesar da dimensão geográfica de Portugal, os militares da FAP têm uma área de responsabilidade que é maior da Europa, correspondente a 1/3 do Atlântico Norte , enaltecendo ainda a maior operação sem reabastecimento executada pela Esquadra 751, que durou mais de sete horas num trajeto superior a 1.340 Km.

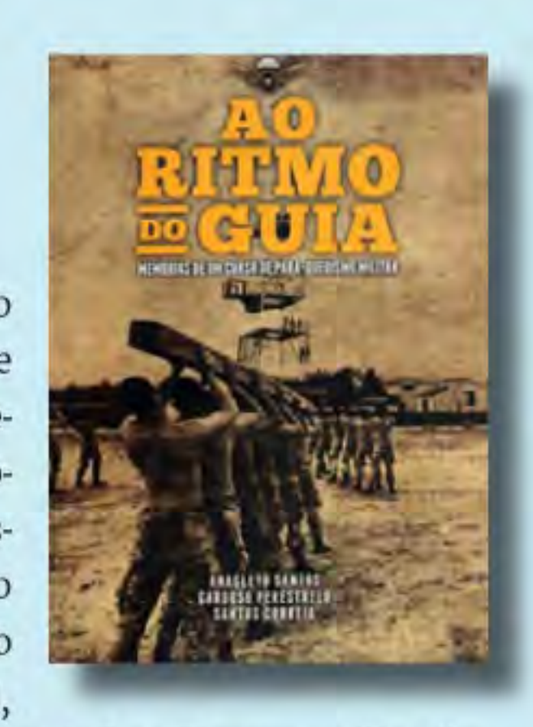
O vídeo feito sobre a atribuição do Prémio pode ser visto em:

http://newsavia.com/divulgado-o-video-exibido-durante-a-entrega-do-premio-sikorsky-a-esquadra-751/

Parabéns Esquadra 751 !

Ao Ritmo do Guia

Memórias de um Curso de Pára-quedismo Militar



Este livro é o resultado de um registo diário escrito no início de 1985, no decurso do 123º Curso de Pára-quedismo, por três jovens oficiais que o frequentaram e que noite após noite, com sacrifício e prejuízo do seu escasso tempo de descanso e lazer, o foram escrevendo, registando os sentimentos, as emoções, as experiências e os episódios individuais e coletivos, bem como as rotinas diários de instrução, o *stress* e o ambiente psicológico que constituem as diferentes fases de curso de pára-quedismo militar. Os autores deste projeto inédito são os Alferes Anacleto Santos (Tenente-coronel na situação de reforma), Cardoso Perestrelo (Major-General, Comandante da Brigada de Reação Rápida) e Santos Correia (Major-General, em comissão de serviço na GNR), que em 1985 acalentaram o sonho de conquistar a "boina verde", o "brevet militar" e de servir nas Tropas Pára-quedistas.

A Malta das Trincheiras

Migalhas da Grande Guerra 1917-1918

Neste período de evocação, dos cem anos passados sobre a Grande Guerra, muito se tem escrito e publicado, tanto na Internet como nos variadíssimos órgãos de comunicação social. A Direção de História e Cultura Militar e a Quartzo editora, em coordenação com a Comissão Coordenadora das Evocações da I Guerra Mundial, em boa hora, decidiram reeditar alguns livros, tendo dado preferência a obras memorialísticas. Este livro, que aqui apresentamos hoje, da autoria de André Brun, oficial de Infantaria da Escola do Exército, foi um autor que esteve presente na Flandres e que nos conta, na primeira pessoa, a sua dolorosa, mas enormemente enriquecedora experiência. Escrito em 1918, portanto ainda em plena guerra, o seu livro foi encarado como um "grito de defesa dos soldados que se sentiam abandonados pelo poder politico e pelo país, em nome do qual lutavam, sem condições e sem reconhecimento, nas longínquas terras da Flandres", como refere Prof. Isilda Costa Monteiro no seu estudo introdutório a esta obra agora reeditada.

André Brun, Edição da Direção de História e Cultura Militar -do Exército e da Quartzo editora

TNT – Trucks &Tanks

Hors-série ATLAS du Char de Combat

A revista francesa TNT – Trucks &Tanks dedicou o seu número especial Nº 19, integralmente aos Carros de Combate.

Trata-se de um verdadeiro Atlas, pois foram analisados os carros de combate ao serviço de exércitos de 21 países. A revista faz um levantamento minucioso e tecnicamente detalhado dos carros de combate mais recentemente utilizados nesses exércitos. São exemplos, entre muitos outros, os recentíssimos carros de combate já em actividade, como o Type 99 chinês, o T-72B3 do exército russo, o Merkava IV israelita, ou o Type10 japonês. Dentro da análise feita a cada um dos países, são ainda referenciados protótipos, atualmente em desenvolvimento pelas indústrias de armamento, como por exemplo, o Leopard 2 Revolution alemão, a versão A3 do M1 Abrams do exército americano, e os Obket 640 russo e o Tank 3000 chinês. São mais de 75 versões carros de combate apresentados.

Para os apreciadores destas fantásticas máquinas de guerra é uma revista a comprar, ler e guardar.

http://www.trucks-tanks.com/hors-serie.php

II Caminhada/Passeio e III Corta-Mato do Estado-Maior do Exército

No dia 19 de março, integradas nas comemorações do Dia do Estado-Maior do Exército (EME), tiveram lugar um conjunto de atividades desportivas destinadas a fomentar o espírito de corpo e a prática da atividade física, nomeadamente a II Caminhada/Passeio (prova sem classificações) e o III Corta-Mato do EME. Ambos os eventos decorreram nas instalações da Unidade de Apoio da Área Militar Amadora-Sintra, sendo de realçar que o número total de inscritos no conjunto das duas atividades superou as seis dezenas de pessoas.

O Comandante da Unidade de Apoio do EME, Coronel de Administração Militar António Manuel Lebre Falcão, deu o tiro de partida aos 46 participantes do III Corta-Mato do EME, que a correr ou a andar, efetuaram um percurso de 8,1Km para os escalões masculinos e 5,5 km para o escalão feminino. Paralelamente a esta prova deu-se a partida da II Caminhada/Passeio, que contou com um trajeto de aproximadamente 3,2km, onde se realçou a forte camaradagem em detrimento do caráter competitivo.

Ao cortar a meta todos os participantes receberam uma lembrança alusiva ao evento, onde não escondiam a satisfação pelo nível organizativo da prova, que contou com a colaboração técnica da empresa JesusEvents.

Foi no dia seguinte, pelo almoço de confraternização, que os melhores classificados dos quatro escalões masculinos e escalão feminino receberam pela mão do Chefe do Estado-Maior do Exército, General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo, e pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General António Noé Pereira Agostinho, bem como pelo Diretor-Coordenador do Estado-Maior do Exército, Major-General António Manuel Felícia Rebelo Teixeira, os merecidos prémios de participação.

Resultados do III Corta Mato do EME	
1º Escalão Masculino	
1º Classificado	Soldado André Rosário
2º Classificado	Soldado Ricardo Soares
3º Classificado	Soldado Ângelo Oliveira
2º Escalão masculino	
1º Classificado	Tenente Diogo Santos
2º Classificado	1º Sargento Pedro Quatorze
3º Classificado	Tenente Bruno Sousa
3º Escalão Masculino	
1º Classificado	Sargento-Ajudante Joaquim Mendes
2º Classificado	Sargento-Ajudante Carlos Sabugueiro
3º Classificado	Major Pedro Pinheiro
4º Escalão Masculino	
1º Classificado	Tenente-Coronel Alberto Laranjeira
2º Classificado	Sargento-Chefe Fernando Madeira
3º Classificado	Tenente-Coronel João Caldeira
Escalão feminino (Geral)	
1º Classificado	Soldado Elisabete Santos
2º Classificado	Sargento-Ajudante Carla Barbosa
3º Classificado	Aspirante Alexandra Piorro

PROTOCOLO com o Exército

Condições Especiais
Compra e Venda de Moeda

Protocolo em:
www.exercito.pt/sites/dsp/Protocolos/Paginas/Protocolo-NovaCambios

Contactos: 213 242 550
936 281 543

Comidade
Segurança
Confiança no serviço !

CÂMBIOS | TRANSFERÊNCIAS
EXCHANGE | MONEY TRANSFER
www.novacambios.com

Rohde & Schwarz - na vanguarda da tecnologia

Temos as melhores soluções para si.

Com base em décadas de experiência e uma completa gama de produtos nas áreas de broadcasting, teste e medida, radiocomunicações, radiomonitorização, radiolocalização e segurança IT a Rohde & Schwarz proporciona aos seus clientes um apoio total desde a fase de planeamento do projecto até à entrega de sistemas chave em mão. O nome Rohde & Schwarz é sinónimo de um serviço e suporte completo e competente representado em mais de 70 países.

www.rohde-schwarz.pt

ROHDE&SCHWARZ

Instituto dos Pupilos do Exército

Admissões 2015/2016

Oferta Educativa

2º e 3º Ciclo
Ensino Secundário

Cursos Profissionais

Técnico de Manutenção Industrial

Técnico de Gestão de Equipamentos de Informática

Técnico de Gestão

Provas de Admissão:

29 e 30 de Junho

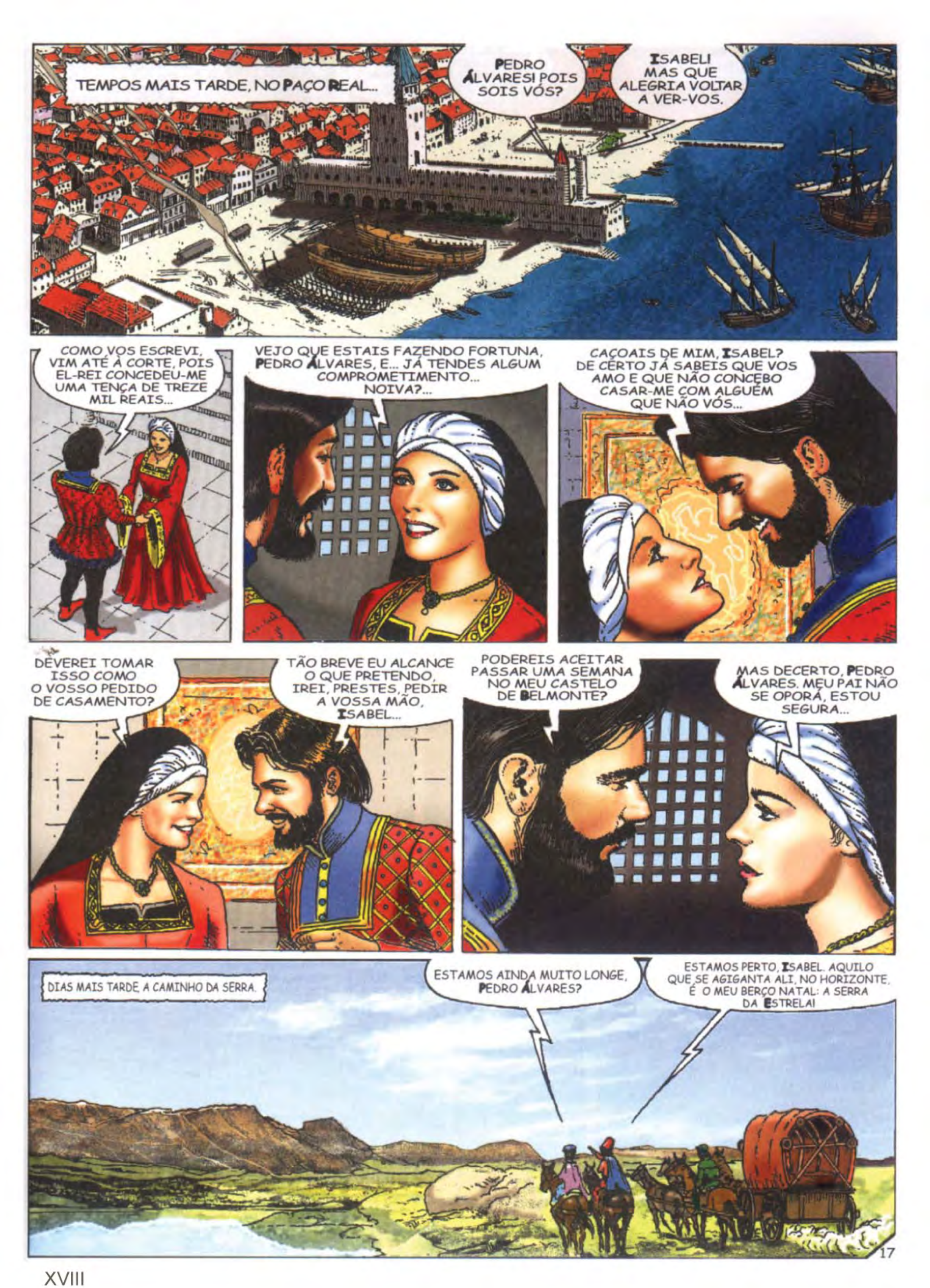
			Ensino Básico		Ensino Secundário	
			Alunos Internos	Alunos Externos	Alunos Internos	Alunos Externos
Escalões		Rendimento per Capita	Mensalidades		Mensalidades	
Militares e Forças de Segurança	1	até 130,00€	0,00€	0,00€	0,00€	0,00€
	2	de 130,00€ a 390,00€	130,00€	100,00€	110,50€	85,00€
	3	de 390,00€ a 600,00€	200,00€	140,00€	170,00€	119,00€
	4	de 600,00€ a 800,00€	280,00€	200,00€	238,00€	170,00€
	5	de 800,00€ a 1.000,00€	360,00€	260,00€	306,00€	221,00€
	6	superior a 1000,00€	420,00€	300,00€	357,00€	255,00€
Civis	7	-	600,00€	320,00€	510,00€	272,00€

Querer É Poder

Estrada de Benfica, nº 374
1549-016 Lisboa
www.pupilos.eu

Tel: 918211197
Tel: 217 713 843
impe.candidaturas@mail.exercito.pt

MESES MAIS TARDE...
AO LARGO DE TÂNGER, UM NAVIO PORTUGUÊS QUE ACABAVA DE CAPTURAR UMA NAU MARROQUINA VÊ-SE, DE SÚBITO, RODEADO DE EMBARCAÇÕES INIMIGAS...
ATENÇÃO A BOM-BORDO! FOGO SOBRE AQUELA ALMADIA!
ATENÇÃO À POPA, CAPITÃO! OS MOUROS ATACAM POR AQUI!
POR TODOS DIABOS DO INFERNO! ESTAMOS A SER ABORDADOS POR ESTES PATIFES! FECHAR TODAS AS ESCOTILHAS! DEPRESSA!
CAPITÃO! NAU PORTUGUESA A ESTIBORDO!
DEUS SEJA LOUVADO! ESTA-MOS SALVOS!
BELA MANOBRA A VOSSA! COMO VOS CHAMAIS, CAPITÃO, PARA EU SABER QUEM NOS SALVOU?
PEDRO ÁLVARES CABRAL, SENHOR. E VÓS? QUEM SOIS?
CONTAI COM A ETERNA GRATIDÃO DE VASCO DA GAMA, SENHOR!
16


TEMPOS MAIS TARDE, NO PAÇO REAL...
PEDRO ÁLVARES! POIS SOIS VÓS?
ISABEL! MAS QUE ALEGRIA VOLTAR A VER-VOS.
COMO VOS ESCREVI, VIM ATÉ À CORTE, POIS EL-REI CONCEDEU-ME UMA TENÇA DE TREZE MIL REAIS...
VEJO QUE ESTAIS FAZENDO FORTUNA, PEDRO ÁLVARES, E... JÁ TENDES ALGUM COMPROMETIMENTO... NOIVA?...
CAÇOAIS DE MIM, ISABEL? DE CERTO JÁ SABEIS QUE VOS AMO E QUE NÃO CONCEBO CASAR-ME COM ALGUÉM QUE NÃO VÓS...
DEVEREI TOMAR ISSO COMO O VOSSO PEDIDO DE CASAMENTO?
TÃO BREVE EU ALCANCE O QUE PRETENDO, IREI, PRESTES, PEDIR A VOSSA MÃO, ISABEL...
PODEREIS ACEITAR PASSAR UMA SEMANA NO MEU CASTELO DE BELMONTE?
MAS DECERTO, PEDRO ÁLVARES. MEU PAI NÃO SE OPORÁ, ESTOU SEGURA...
DIAS MAIS TARDE, A CAMINHO DA SERRA.
ESTAMOS AINDA MUITO LONGE, PEDRO ÁLVARES?
ESTAMOS PERTO, ISABEL. AQUILO QUE SE AGIGANTA ALI, NO HORIZONTE, É O MEU BERÇO NATAL: A SERRA DA ESTRELA!
17

NO FIM DO DIA SEGUINTE...
QUE TERRA LINDA É BELMONTE, PEDRO ÁLVARES! É A IMAGEM VIVA DO PARAÍSO...

AMANHÃ VOS MOSTRAREI MAIS DOS ENCANTOS DESTA TERRA QUE DEUS ABENÇOOU. E NÃO VOS DESAPONTAREI, PROMETO...

QUE BELOS VINHEDOS ESTES, PEDRO ÁLVARES. E AS UVAS? DÃO BOM VINHO?
OH! SIM... AS TERRAS DE CABRAL PRODUZEM UM TÃO EXCELENTE VINHO QUE JÁ O NOSSO BOM REI, SENHOR D. AFONSO, MUITO APRECIAVA...

EIS AQUI O LINDO CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA, LOCAL DE ORAÇÃO E RETIRO DOS BONS FRADES FRANCISCANOS...

OLÁ, MESTRE JOSÉ VIZINHO! TENDES NOVIDADES? ENTÃO COMO VOS CORRE A VIDA?
CORRE BEM, OBRIGADO, SENHOR D. PEDRO ÁLVARES, VAI-SE VIVENDO... DEUS SALVE VOSSA SENHORIA!

CURIOSA PERSONAGEM, ESTA, PEDRO. QUEM É ELE?
É JUDEU... E UM DOS MAIS ESCLARECIDOS COSMÓGRAFOS QUE SERVIU A EL-REI D. JOÃO II, QUE DEUS TENHA EM SUA ETERNA GLÓRIA!...

ENTÃO, ISABEL? QUE ACHAIS DE BELMONTE, A TERRA DOS MEUS ANTEPASSADOS E QUE UM DIA ME VIU NASCER?

QUE SOIS VERDADEIRAMENTE PRIVILEGIADO, CARO PEDRO, POR TERDES A VENTURA DE TER NASCIDO NESTE PEDAÇO DO PARAÍSO...

HAVEREIS DE VOLTAR AQUI MAIS VEZES, ISABEL. PROMETO-VOS.
PEDRO, PEDRO, FAREIS DE MIM A MULHER MAIS FELIZ DO UNIVERSO...
18

LISBOA, PAÇO REAL, 10 DE FEVEREIRO DE 1500...

VOSSA ALTEZA FARÁ BEM EM MANTER AS INTENÇÕES DE EL-REI D. JOÃO II, NO QUE CONCERNE AO COMANDO DESTA ARMADA.

E VÓS, SENHOR D. AFONSO DE ALBUQUERQUE, QUE PENSAIS DO ASSUNTO?

COMO ENTÃO RECOMENDEI A VOSSO PRIMO, EL-REI D. JOÃO II, VOLTO A CONSIDERAR PEDRO ÁLVARES CABRAL COMO O CANDIDATO MELHOR COLOCADO PARA O COMANDO DESTA ARMADA.

E VÓS, SENHOR VASCO DA GAMA? QUAL A VOSSA OPINIÃO?

CONHECI ÁLVARES CABRAL NOS MARES DO NORTE DE ÁFRICA E CONSIDERO-O UM GRANDE CAPITÃO, MUITO APTO E DE BOM SABER PARA SERVIR VOSSA ALTEZA NO DESEMPENHO DESTA TAREFA.

SINTO QUE NÃO ME HAVEIS CONTADO TUDO, SENHORES. NÃO HAVERÁ, ACASO, OUTROS ARGUMENTOS DE QUE ATÉ AGORA NÃO ME HAVEIS POSTO AO CORRENTE?

HÁ, DE FACTO, ALTEZA, UMA SEGUNDA E MUITO IMPORTANTE RAZÃO...

AH! BEM ME DIZIA O INSTINTO, SENHORES! E QUE IMPORTANTE RAZÃO É ESSA, AFINAL?

PEDRO ÁLVARES CABRAL, OU DE GOUVEIA - SEU APELIDO MATERNO —, É O ÚNICO FIDALGO COM MAIS EXPERIÊNCIA E PROVAS DADAS PRESENTE NA ARMADA. CLARO QUE TEMOS HOMENS COMO BARTOLOMEU DIAS, MAS NÃO NOS PARECEU CONVENIENTE COLOCAR MEMBROS DA NOBREZA SOB AS ORDENS DE UM PLEBEU...

ALÉM DISSO, ALTEZA, REPARAI QUE A MAIORIA DOS PILOTOS E MESTRES DE MANOBRA DA ARMADA SÃO CRISTÃOS-NOVOS, MARRANOS, GENTE QUE É MISTER MANTER ENQUADRADA E CONTROLADA...

QUEREMOS EVITAR, DESTA VEZ, O TIPO DE PROBLEMAS QUE EXPERIMENTÁMOS DURANTE A NOSSA VIAGEM...

Jornal do
EXÉRCITO

ARTILHARIA PORTUGUESA na Nato Response Force

€2,00 (IVA incluído) – Ano LVI – JE n.º 648 – maio de 2015

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

Santander Totta
um banco para as suas ideias

santandertotta.pt

Informe-se já.

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Coronel de Infantaria José Custódio **Madaleno Geraldo**, Diretor do *Jornal do Exército*

O Global Firepower (GFP) fornece um estudo analítico de dados relativos às potências militares do mundo, na atualidade. Mais de uma centena de países são considerados neste *ranking*. Para este estudo não entraram em conta com a capacidade nuclear. O *ranking* GFP foi elaborado com base nas capacidades convencionais de cada país: no mar, em terra e no ar, ou seja, Marinha, Exército e Força Aérea. A avaliação final não tem só em conta os aspetos bélicos, mas também contabiliza vários tipos de recursos, assim como os aspetos financeiros e a localização geográfica.

O *ranking* GFP é baseado numa fórmula que utiliza mais de cinquenta fatores diferentes; alguns contam a favor da nação em causa, por exemplo, o baixo consumo de produtos derivados do petróleo funciona como um bónus, enquanto o elevado consumo desses produtos penaliza. Estes estudos são atualizados periodicamente, mas se ninguém tem dúvidas qual é o país que ocupa o primeiro lugar da lista, muitos de nós não sabíamos onde estaria posicionado Portugal! No início do corrente ano, a GFP colocou nos dez primeiros os seguintes países, por ordem decrescente: USA, Rússia, China, Índia, Reino Unido, França, Coreia do Sul, Alemanha, Japão e Turquia. Portugal aparece no 57º lugar, num total de 126 países, que foram alvo destes estudos. A nossa vizinha Espanha aparece em 38º lugar. Não vamos avaliar se deveríamos estar mais acima, ou mais abaixo, na lista, mas podemos referir que este lugar mostra que Portugal tem significativas capacidades que dão confiança aos Portugueses e aos seus parceiros. Na página que se refere às ações militares de Portugal o estudo refere que o nosso país tem participado no combate à pirataria e em diversas missões de paz com as Nações Unidas.

Como sabemos, as missões das Forças Armadas Portuguesas não se ficam por aqui, como já temos referido nestas páginas. Desde 1991 que Portugal tem participado em mais de duas dezenas de operações da União Europeia, da qual é membro desde 1986. Com a sua ação, tem contribuído positivamente para o incremento das relações da União Europeia com África. As Forças Armadas Portuguesas, no âmbito da Cooperação Técnico-Militar, têm colaborado na transformação das instituições militares e de defesa em elementos estruturantes das nações e dos estados, tornando-os referências de identidade e unidade; com estas ações, têm contribuído para a estabilidade e segurança regional e internacional, apoiando também no desenvolvimento. No que respeita à Organização do Atlântico Norte [NATO], Portugal é honradamente um membro fundador, sente pundonor em participar ativamente nas suas missões, sendo parte integrante e um parceiro que se pauta por uma sã cooperação com os restantes membros da Aliança. Neste número do nosso *Jornal do Exército* podemos verificar que uma bateria de artilharia da Brigada de Reação Rápida está atribuída às Forças da NATO e, também, damos conta de que o exercício "TRIDENT JUNCTURE 2015" se realiza em Portugal, Espanha e Itália, entre 3 de outubro e 6 de novembro. Este exercício da NATO, de grande envergadura e visibilidade, vai envolver cerca de 24 000 militares oriundos de cerca de 30 países, dos quais mais de 5 000 estarão em Portugal, nas regiões de Tancos, Santa Margarida e Beja.

Monumentos aos Combatentes da Grande Guerra – Abrantes

Texto : Tenente RC Eder Sousa

No alto da sua colina, na margem direita do rio Tejo, ergue-se a cidade de Abrantes, um polo comercial e local de indústria do distrito de Santarém.

Com uma economia assente na metalurgia, metalomecânica e, sobretudo, na região agrícola adjacente, Abrantes é, ainda assim, uma cidade bastante ligada à história e às suas raízes, contando com algum artesanato tradicional com os seus cesteiros, tecelões, esparteiros, oleiros, entre outros. Para quem quiser visitar a cidade, atividades de lazer, feiras, festas e romarias não faltam, bem como uma gastronomia rica para apreciar, com destaque para a palha de Abrantes, tigeladas, lampreia de ovos, bolo real, broas de Abrantes, paraísos e queijos-do-céu.

Mas se o caro leitor se interessar por monumentos, para além do castelo, das várias igrejas e conventos, o Monumento aos Mortos pela Pátria, situado na Praça da República, é outro lugar por onde não deverá deixar de passar.

No seu grupo escultórico encontra-se em destaque uma figura feminina que representa a Pátria, tendo ao seu lado direito um soldado com uma máscara de gás e, do lado oposto, uma outra escultura, representando a dor sofrida na Grande Guerra. Este monumento foi pioneiro em Portugal, por ter sido o primeiro no país a ser fundido em cimento.

O projeto, da autoria de Ruy Roque Gameiro (escultor modernista, famoso pelas suas estátuas e monumentos aos mortos), foi iniciado em 1930. No dia 4 de junho de 1940, foi finalmente inaugurado na Praça da República, no antigo Largo da Feira, onde era usual ser ponto de encontro da população local, bem como área de festas, corridas de touros, entre outras manifestações populares. Atualmente, este Monumento aos Combatentes da Grande Guerra está integrado num espaço verde que, curiosamente, recebeu algumas remodelações, acompanhando perfeitamente o slogan "Abrantes – Cidade Florida".

Sumário .05

Exército
Recrutamento

Artigo da Direção de Obtenção de Recursos Humanos
Página 14

Artilharia Portuguesa
Na NATO Response Force

Artigo do TCor Para (Res) Miguel Machado
Página 24

Segurex 2015
Exército marca presença

Artigo do Ten RC Eder Sousa
Página 36

SUPLEMENTO

Banda Desenhada: "Pedro Álvares Cabral e o Brasil - Da Serra da Estrela à Costa do Descobrimento" de José Pires

Páginas XXI a XXIV

EDITORIAL **03**

MONUMENTOS COM HISTÓRIA MILITAR **04**

ATUALIDADES
Destaque do mês **06**
Figuras & Factos **07**
...mais de mil palavras **08**

ARTIGOS

Relâmpago 15 **22**

Trident Juncture 2015
Exercício NATO em Portugal **32**

Comissão para o Estudo das Campanhas d'África **40**

CULTURA, DESPORTO E LAZER
Filme & Revistas **42**
Livros **43**
Desporto **44**
Centenário da I Guerra Mundial **46**

Capa: Obus L-119 "L+,5cm do AC/BrigRR
Foto: Miguel Silva Machado (www.operacional.pt)

Jornal do Exército — ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Direção, Redação e Administração: Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700 Militar: 414 085, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, *E-mail*: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, *E-mail – Intranet*: *Jornal do Exército*, *Home page*: www.exercito.pt **DIREÇÃO – Diretor:** Cor Inf José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor:** TCor Cav António N. Marcos Andrade; **Secretária:** Ass. Téc. Joana Moita; **REDAÇÃO – Chefe:** TCor Cav António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação:** 1Sarg Art Anjos Das Neves; **Redatores:** Ten RC Eder Sousa; **Operadoras Informáticas:** Ass. Téc. Elisa Pio, Ass. Téc. Guiomar Brito; Ass. Téc. Tânia Espírito Santo; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS – Auxiliares:** SAj SGE "Cmd" António Belém, SAj SGE Luís Silva; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** – Lusa – Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **EXECUÇÃO GRÁFICA** – MX3 – Artes Gráficas, Lda – Parque Industrial Alto da Bela Vista – Pavilhão 50 – Sulim Park – 2735-340 CACÉM, Tel: 219 171 088/89/90, *E-mail*: clientes@hmx3ag.com. Tiragem – 6.000 exemplares; Depósito Legal – nº 1465/82 ISSN – 0871/8598.

Academia Militar realiza conferências na área da Ciberdefesa

Na sequência do processo de transferência da "NATO *Communications and Information Systems School*", de Latina (Itália) para Oeiras, e da liderança nacional do Projeto "NATO *Smart Defence* 1.36 (*Multinational Cyber Defence Education and Training* – MNCDE&T)", a Academia Militar (AM) realizou, no dia 9 de abril, a "*1st Cyber Defence Smart Defence Projects Conference*", destinada a promover o desenvolvimento de sinergias entre os vários projetos NATO na área da Ciberdefesa, explorando também para esse efeito o envolvimento do meio académico, da indústria e de parceiros internacionais como a União Europeia.

No âmbito desta Conferência foram abordadas as diversas iniciativas em curso e as potenciais áreas de cooperação entre os vários Projetos NATO na área da Ciberdefesa, onde Portugal foi também convidado a assumir um papel de liderança, tanto na área do CIS e-*Learning* como do Ensino, Formação e Treino em Ciberdefesa. Presidiu à sessão de encerramento o Ministro da Defesa Nacional.

Ainda na área da Ciberdefesa, decorreu na AM o 9º Simpósio Internacional "Estratégia da Informação Nacional – 9º EIN". Este evento, que teve lugar no dia 10 de abril, subordinado ao tema "Cibersegurança, Ciberdefesa e Gestão de Crises no Ciberespaço", contou com a colaboração da *Competitive Intelligence & Information Warfare Association* (CIIWA) e da Associação para as Comunicações, Eletrónica, Informações e Sistemas de Informação para Profissionais (AFCEA – Portugal). Foram analisadas as implicações da onda crescente de ciberataques e do próprio Ciberespaço na proteção das infraestruturas críticas nacionais.

Presidente da República visita Comando Conjunto para as Operações Militares

No passado dia 30 de abril, o Presidente da República, Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva, na qualidade de Comandante Supremo das Forças Armadas, visitou o Comando Conjunto para as Operações Militares (CCOM), em Oeiras.

O Comandante Supremo fez-se acompanhar pelo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, pela Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional e pelos Chefes dos Estados-Maiores da Força Aérea, da Marinha e do Exército. Para além da visita às instalações, a Alta Entidade assistiu a um brífingue e efetuou, no final, a protocolar assinatura do Livro de Honra.

O CCOM, inserido na estrutura orgânica do Estado-Maior-General das Forças Armadas, tem por missão assegurar o exercício, pelo CEMGFA, do comando operacional das forças e meios da componente operacional do sistema de forças, em todo o tipo de situações e para as missões das Forças Armadas, com exceção das missões reguladas por legislação própria e atribuídas aos Ramos.

Visita da Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional ao RA5

No dia 29 de abril, a Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional (SEADN), Dr.ª Berta Cabral, efetuou uma visita ao Regimento de Artilharia Nº 5 (RA5), no âmbito das Jornadas do Dia da Defesa Nacional (DDN), fazendo-se acompanhar pelo Diretor-Geral de Recursos da Defesa Nacional, Dr. Alberto Coelho. Estiveram presentes o Presidente da Câmara Municipal de Vendas Novas, Dr. Luís Dias, o Comandante da Brigada de Intervenção, Major-General Aguiar Santos, o Diretor de Obtenção de Recursos Humanos, Major-General Nunes dos Reis, para além de outras entidades militares e civis.

Após a apresentação de cumprimentos por parte dos Oficiais, Sargentos e representação de Praças e Civis do RA5, a Dr.ª Berta Cabral efetuou uma visita à Unidade, incluindo as atividades do DDN, onde teve oportunidade de se inteirar sobre o decurso das mesmas junto dos cerca de 90 jovens presentes, assim como das Equipas de Divulgação.

Na sequência da visita decorreu, no Salão Nobre do Edifício dos Paços do Concelho, a assinatura de um protocolo de cooperação entre o Ministério da Defesa Nacional e o Município de Vendas Novas.

A visita terminou com a assinatura do Livro de Honra, onde a SEADN deixou expressa a sua satisfação pela visita, nomeadamente sobre a forma como são transmitidos os valores e objetivos do DDN aos jovens.

Cerimónia de entrega do Estandarte Nacional à FND destacada para o Iraque

No dia 28 de abril, decorreu no Centro de Tropas de Comandos (CTC), na Serra da Carregueira, a cerimónia de entrega do Estandarte Nacional à Força Nacional Destacada (FND) que irá apoiar a reconstituição do exército iraquiano, no âmbito da Operação *Inherent Resolve*, uma intervenção militar que tem como missão principal efetuar ações contra o emergente Estado Islâmico.

Estiveram presentes altas individualidades civis e militares, destacando-se a presença do Ministro da Defesa Nacional, Dr. Aguiar-Branco, que presidiu ao evento, do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Pina Monteiro, e do Chefe do Estado-Maior do Exército, General Hernandez Jerónimo.

08. ... mais de mil palavras

Render da Guarda no RAAA1

O Regimento de Artilharia Antiaérea Nº1 aquartelado em Queluz, recuperou uma velha tradição e uma vez por mês, com a presença da Banda e Fanfarra do Exército, faz o Render da Guarda no terreiro em frente ao Palácio.

O evento, pela sua peculiaridade, faz com que muitos civis e turistas, em visita ao Palácio de Queluz, assistam ao cerimonial.

Brigada Mecanizada festeja o seu 37º Aniversário

O dia festivo da Brigada Mecanizada (BrigMec) é comemorado a 6 de abril, em evocação da Batalha de Atoleiros, travada em 1384 e na qual D. Nuno Álvares Pereira, derrotou uma força oponente numericamente superior.

Todavia, este ano o ponto alto das comemorações teve lugar a 9 de abril, numa cerimónia militar presidida pelo CEME, General Hernandez Jerónimo e que contou com a presença de vários autarcas das edilidades locais, representantes das autoridades militares, policiais e eclesiásticas, e ainda com o comandante da Brigada de Infantaria Mecanizada "Extremadura" XI, do Exército de Espanha.

As Forças da BrigMec que constituíram a Parada Militar, realizada na pista de aviação de Santa Margarida, ascenderam a 930 militares e 60 viaturas de diversas tipologias.

No final da cerimónia seguiu-se um almoço convívio no pavilhão gimnodesportivo, onde aqueles que se associaram aos militares da Brigada tiveram o ensejo de exprimir o sentimento e a emoção de ver que esta força do Exército não soçobra perante as vicissitudes e que o seu legado tem continuidade no valor do Soldado da BrigMec, pelo modo extraordinário como continua a "levar a carta a Garcia".

Comemorações do Dia do Regimento de Infantaria Nº10

No âmbito das comemorações do 97º aniversário da presença militar na península de S. Jacinto, o Regimento de Infantaria Nº 10 (RI10) comemorou o seu dia festivo no dia 27 de março.

Para assinalar a efeméride a Unidade promoveu um conjunto de ações de natureza militar, desportiva, cultural e recreativa, entre 21 e 28 de março, com o objetivo de reforçar os laços de cooperação com a comunidade local, dando a conhecer a realidade das atividades de índole militar que desenvolve, nomeadamente as suas capacidades, valências e meios, e, concorrentemente, contribuir para a promoção e divulgação do Exército Português. Entre outros, destacam-se os seguintes eventos: assinatura do Protocolo de Cooperação entre o Exército e a Câmara Municipal de Aveiro; apresentação do livro "Nós, as Enfermeiras Paraquedistas", com a presença do Prof. Dr. Adriano Moreira, do Presidente da Câmara Municipal de Aveiro e do Comandante da Brigada de Reação Rápida; Cerimónia Militar presidida pelo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Faria Menezes.

Neste período o RI10 abriu ainda as suas portas junto da população, iniciativa com a qual obteve uma afluência de cerca de mil visitantes e participantes nas diversas atividades realizadas.

Tomada de posse do Diretor do Centro de Saúde Militar de Coimbra

No dia 7 de abril, tomou posse como Diretor do Centro de Saúde Militar de Coimbra o Tenente-Coronel Médico Joaquim Dias Cardoso.

A cerimónia militar realizou-se na biblioteca do Centro de Saúde Militar de Coimbra, na presença de todos os Oficiais Superiores e representações de Oficiais, Sargentos, Praças e funcionários Civis.

No seguimento da cerimónia e, no uso da palavra, o novo Diretor manifestou a grande honra de ter sido nomeado para dirigir uma tão prestigiada instituição de saúde centenária, herdeira de um importante legado histórico de unidades de saúde militar aquarteladas em Coimbra, bem como um enorme desafio pelos projetos em marcha no presente e, sobretudo, pelo que se ambiciona no futuro, quer no âmbito da Saúde Operacional (o *core business* do Centro), quer no âmbito da atividade Clínica Assistencial, com particular enfoque nos militares, deficientes das Forças Armadas e suas famílias que habitam na região.

Transferência do Gabinete de Atendimento ao Público de Castelo Branco

O Gabinete de Atendimento ao Público de Castelo Branco foi transferido, do antigo Prédio Militar 01 (ex-Regimento de Infantaria e ex-Centro de Recrutamento de Castelo Branco), sediado no Largo de Santo António, para o Campo Mártires da Pátria (ex-Quartel da Devesa).

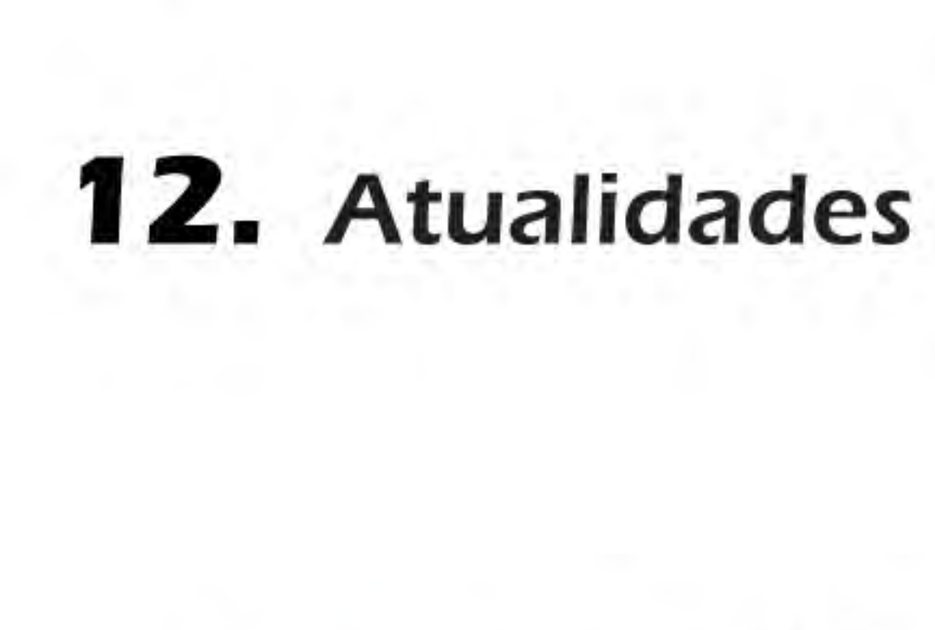
A 20 de abril procedeu-se à inauguração das novas instalações, situadas no rés-do-chão do edifício principal do antigo Quartel de Cavalaria, cedidas pela Câmara Municipal de Castelo Branco, conforme protocolo de colaboração, celebrado a 18 de março de 2014.

O evento contou com a presença do Major-General Nunes dos Reis, Diretor de Obtenção de Recursos Humanos, em representação do Exército Português, e do Dr. Luis Manuel dos Santos Correia, Presidente da Câmara Municipal de Castelo Branco.

O novo espaço enquadra-se no centro de Castelo Branco, junto à Câmara Municipal. Mais próximo da população, em particular da juventude e num local com melhor visibilidade, este espaço também pretende potenciar o aumento de candidatos à prestação do serviço militar.

O Gabinete de Atendimento ao Público de Castelo Branco encontra-se na dependência do Centro de Recrutamento de Coimbra e tem como principal missão a divulgação da prestação de serviço militar nos regimes de voluntariado (RV) e de contrato (RC), prestando ainda esclarecimentos relativos a assuntos militares, nomeadamente sobre o Recenseamento Militar, Dia da Defesa Nacional, emissão de Certidões Militares, Apoio a ex-militares/combatentes e Apoio aos beneficiários na Assistência na Doença (ADM).

Comemorações dos 631 anos da Batalha dos Atoleiros



O Primeiro-Ministro Dr. Pedro Passos Coelho esteve, no dia 6 de abril, na localidade de Fronteira, no distrito de Portalegre, onde presidiu às cerimónias das Comemorações dos 631 Anos da Batalha dos Atoleiros (que ocorreu em 1384 entre as forças portuguesas, comandadas por D. Nuno Álvares Pereira, e as forças castelhanas), evento que contou igualmente com a presença do CEME, General Hernandez Jerónimo.

As comemorações tiveram início com a romagem ao Padrão da Batalha dos Atoleiros.

Seguiu-se a Parada das Forças Militares e Civis na Avenida Heróis dos Atoleiros em Fronteira.

O Primeiro-Ministro referiu que "este é um marco da nossa história que a todos deve orgulhar. Portugal foi um país que se teve de fazer a si próprio. Teve de lutar pela sua independência e pela sua identidade (...) ao longo de tantos séculos de existência, fomos muitas vezes confrontados com enormes dificuldades. Atravessámos muitas tempestades e enfrentámos muitas ameaças, mas sempre soubemos vencê-las". Sublinhou ainda que é da "mais elementar justiça" reconhecer publicamente que a Defesa Nacional e as Forças Armadas estão a dar um "contributo muito relevante" para as reformas estruturais do Estado.

A seguir ao desfile das Forças em Parada, realizou-se uma visita ao Centro de Interpretação da Batalha dos Atoleiros. Houve ainda oportunidade, durante a tarde, para a realização de um concerto da Orquestra Ligeira do Exército, junto ao pavilhão gimnodesportivo de Fronteira.

Treino Operacional de natureza formativa – DECIF Penela

No dia 17 de abril, militares do Regimento de Artilharia Nº 4 (RA4) participaram num treino operacional de natureza formativa.

Este treino decorreu na localidade do Espinhal, concelho de Penela, distrito de Coimbra, e envolveu diversos operacionais que integram o Dispositivo Especial de Combate a Incêndios Florestais (DECIF), organizado pela Autoridade Nacional de Proteção Civil.

Esta demonstração prática e de terreno teve como objetivo consolidar conceitos e mecanizar procedimentos no que diz respeito à contenção e operações de rescaldo de incêndios, no âmbito do planeamento operacional efetuado pelo Comando Nacional de Operações de Socorro.

TABELA DE PREÇOS PARA 2015

PREÇO DE CAPA €2,00 **ASSINATURA ANUAL** (11 números): **VIA SUPERFÍCIE** - Portugal Cont. Madeira e Açores €20,00; **VIA AÉREA** - Países Europeus €45,00; Restantes Países €65,00. **NOTA**- As assinaturas devem ser pagas antecipadamente **NÚMEROS ATRASADOS** - 1960 a 1969 €4,50; 1970 a 1979 €4,00; 1980 a 1989 €3,00; 1990 a 2001 €2,50; 2002 a 2012 €2,00. Os preços incluem IVA à taxa de 6%.

PREÇO DE ENCADERNAÇÃO €30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.

N.B.- Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: 1000/2000 €4,21; 3000/8000 €5,79; Açores e Madeira €6,56.

Apoio à Camara Municipal de Constância nas Festas de Nossa Senhora da Boa Viagem

No dia 6 de abril, o Regimento de Engenharia Nº1, através da Companhia de Pontes, apoiou a Câmara Municipal de Constância nas Festas de Nossa Senhora da Boa Viagem.

O apoio consistiu na colocação e recolha das embarcações participantes com recurso a uma grua, assim como a prevenção e segurança das mesmas durante a procissão com três barcos SINTEX, ao longo do percurso ascendente dos rios Tejo e Zêzere, desde as povoações de Tancos e vila de Constância. No apoio foram empenhados nove militares e ainda duas viaturas táticas pesadas.

Rohde & Schwarz - na vanguarda da tecnologia

Temos as melhores soluções para si.

Com base em décadas de experiência e uma completa gama de produtos nas áreas de broadcasting, teste e medida, radiocomunicações, radiomonitorização, radiolocalização e segurança IT a Rohde & Schwarz proporciona aos seus clientes um apoio total desde a fase de planeamento do projecto até à entrega de sistemas chave em mão. O nome Rohde & Schwarz é sinónimo de um serviço e suporte completo e competente representado em mais de 70 países.

www.rohde-schwarz.pt

ROHDE&SCHWARZ

EXÉRCITO RECRUTAMENTO

Texto : Direção de Obtenção de Recursos Humanos

Os antecedentes históricos da organização do recrutamento em Portugal têm a sua origem na Idade Média onde nasceu "o espírito" do Exército Português. A hoste do Rei medieval era o resultado da congregação de uma série de parcelas com elevado grau de autonomia e era sempre um Exército provisório, porque não se podiam afastar as pessoas das suas terras e do seu principal meio de sobrevivência, a agricultura, e sustentá-las por longos períodos de tempo. Estas parcelas que abrangiam todo o território nacional assentavam na Guarda do Rei, no recrutamento concelhio e nas ordens militares.

Esta estrutura base, com algumas diferenças desde a fundação do reino no século XII até à segunda metade do século XV, criou uma identidade nacional fortemente ligada ao seu Exército, o do Rei de Portugal, ao contrário do que se passava na generalidade da Europa com pequenos exércitos privados ao serviço de grandes senhores (tipo feudo vassálicos).

Em Portugal, na Idade Média, a grande organização militar, ao nível dos concelhos, era efetivamente constituída por "Besteiros de Conto", os quais apareceram como instituição perfeitamente organizada, talvez com D. Dinis (nos finais do Século XIII início do Século XIV)[1]. Contudo, terá sido com o seu filho Afonso IV[2] e com o neto, D. Pedro I[3], que esta milícia concelhia se torna definitiva e se implanta por todo o território nacional. Esta milícia respondia apenas e só ao apelo do Rei.

"As Ordenações Sebásticas em 1570, através das Companhias de Ordenanças, criaram um tipo de serviço militar obrigatório que se manteve até ao período das invasões Francesas. O reino era dividido em distritos de recrutamento através das comarcas ou capitanias-mor, onde cada capitão-mor procedia ao arrolamento de todos os homens válidos dos 18 aos 60 anos para formar as companhias de ordenança ou bandeiras."[4]

A reorganização do Exército em 1884 cria uma primeira e uma segunda reservas, com um tempo de serviço que passa de oito para doze anos. Sendo por esta altura que são instituídos no Exército os Distritos de Reserva, antecessores dos atuais Centros de Recrutamento.

Foi já no decorrer do século XX que se alargou a base do recrutamento e se pôs em marcha, de facto, o serviço militar universal e obrigatório.

"As operações de recrutamento começavam quando os jovens, ao completarem dezoito anos de idade, tinham de ir "dar o nome" para a tropa. A inspeção chamava-se na época - "ir às sortes" - e constituía uma festa para a qual os rapazes partiam com foguetes e concertina. O resultado da inspeção era simbolicamente materializado por uma fita que era fixada por um alfinete na lapela do casaco. A cor vermelha significava apurado, a verde que tinha ficado livre e branca que ficava adiado, porque ainda não tinha atingido a maturidade, pelo que teria de repetir a inspeção no próximo ano. Depois da inspeção restava-lhes aguardar um postal dos correios que os mandaria apresentar num quartel para serem incorporados, cumprindo de seguida um tempo de serviço militar obrigatório que se poderia estender até cinco anos, para aqueles que eram mobilizados para as comissões de serviço no ex-Ultramar".[5]

A lei 30/87 Lei do Serviço Militar (LSM) veio consagrar alterações significativas relativamente à anterior legislação que vigorava desde 1968, designadamente quanto à duração do serviço efetivo normal fixado entre 12 a 15 meses no Exército, tendo sido posteriormente reduzido através de legislação própria para apenas 4 meses.[6]

Concluímos assim, de forma sucinta, a caracterização da evolução do recrutamento no Exército Português.

A mudança organizacional das Forças Armadas ocorrida no final do século XX e a nova conceção do serviço militar baseada nos conceitos chave de "modernização" e "profissionalização" conduzem ao fim do serviço militar obrigatório em 2004, obrigando a repensar o recrutamento no Exército Português.

O serviço militar passou a assentar no Regime de Voluntariado (RV) e Regime de Contrato (RC). Nessa medida foram estabelecidos diversos incentivos socioeconómicos no sentido de tornar o serviço militar nos novos regimes atrativo para os jovens. Das medidas adotadas destacam-se a orientação e formação profissional, apoio à obtenção de habilitações académicas, apoio na assistência à doença, compensação financeira e material, apoio social e apoio à inserção ou reinserção na vida civil ativa. O serviço militar passou a ser apresentado aos jovens como uma oportunidade de valorização profissional e um instrumento de realização pessoal.

O atual modelo

O Recrutamento Normal para a prestação de serviço em RV/RC no Exército constitui uma das modalidades do Recrutamento Militar consigna-

[1] Documento de 12 de junho de 1322 (Chancelaria de D. Dinis L.3, fl. 142v.): D. Dinis faz uma mercê aos besteiros da vila, castelo e termo de Guimarães, "que quiserem ser do conto."

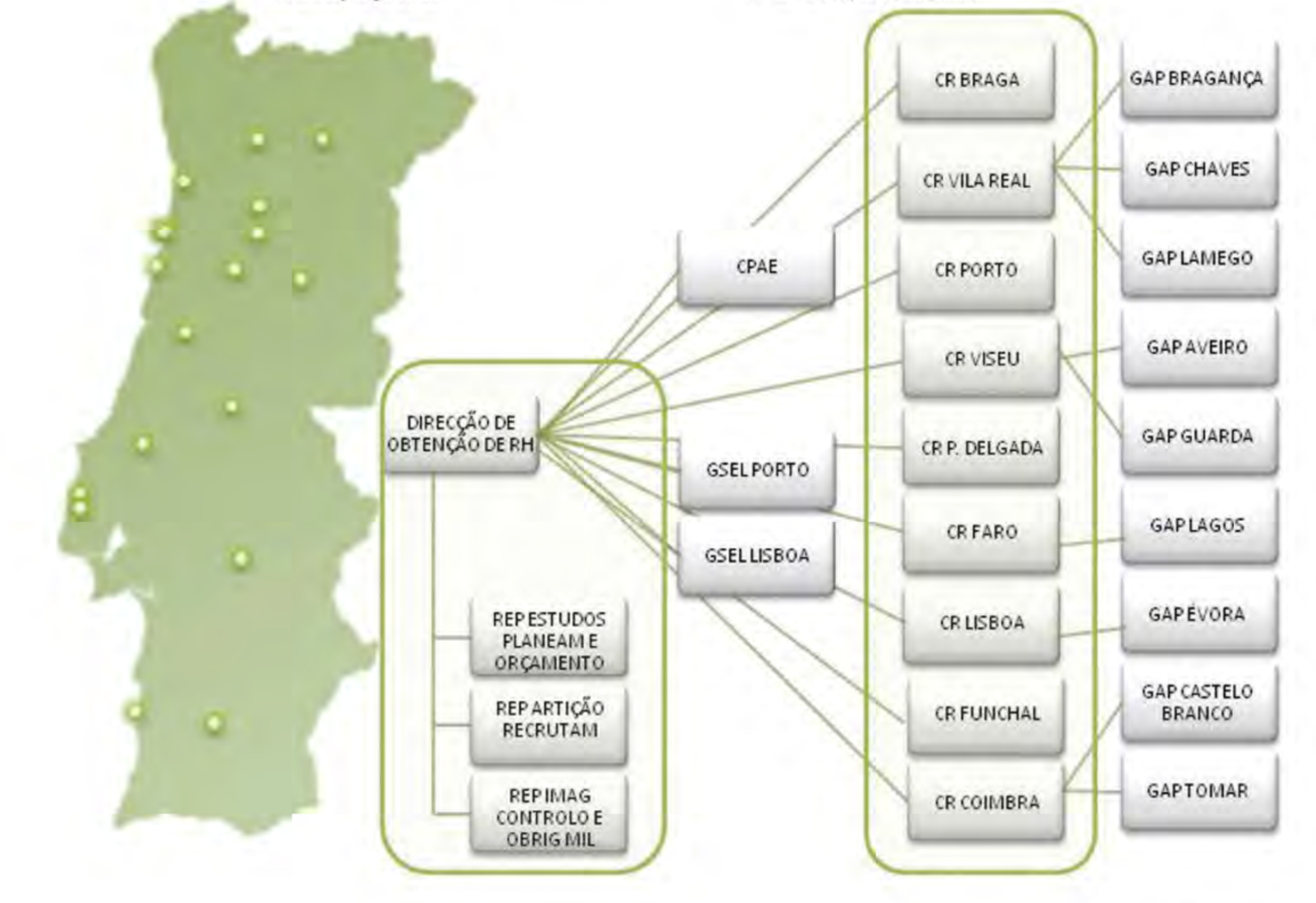
[2] A prova mais remota alusiva à presença à besteiros do conto nas vilas do Reino encontra-se no artigo 32 das Côrtes de Santarém, de 1331, cortes convocadas por D. Afonso IV.

[3] Nas Côrtes de Elvas de 1361 (D. Pedro) falava-se também de besteiros e do seu número.

[4] (NUNES, António Pires [2004] - Quadros da Vida Militar - Das Ordenações Sebásticas às Invasões Francesas, Nova História Militar de Portugal, Volume 5, Circulo de Leitores, Lisboa. P 45-46).

[5] (GOMES, Carlos de Matos [2004] - Quotidianos da Guerra Colonial, Nova História Militar de Portugal, Volume 5, Circulo de Leitores, Lisboa. P 136-137).

[6] Lei n.º 22/91, de 19 de junho que alterou a LSM (Lei n.º30/87, de 07 de julho).



das na atual LSM (Lei nº 174/99, de 21 de setembro). Tem por finalidade a admissão de cidadãos com o mínimo de 18 anos (à data da incorporação) que se proponham prestar, voluntariamente, serviço efetivo em RV/RC no Exército.

As outras modalidades são o Recrutamento Especial, para a prestação de serviço efetivo voluntário nos quadros permanentes do Exército e o Recrutamento Excecional, para a prestação de serviço efetivo decorrente de convocação e mobilização.

O processo de recrutamento militar envolve diversas fases que se iniciam com a apresentação formal da candidatura e que culminam com o processo de recompletamento durante a primeira semana da Formação Geral Comum (FGC).

As operações de recrutamento para o Recrutamento Normal subdividem-se nas seguintes fases:

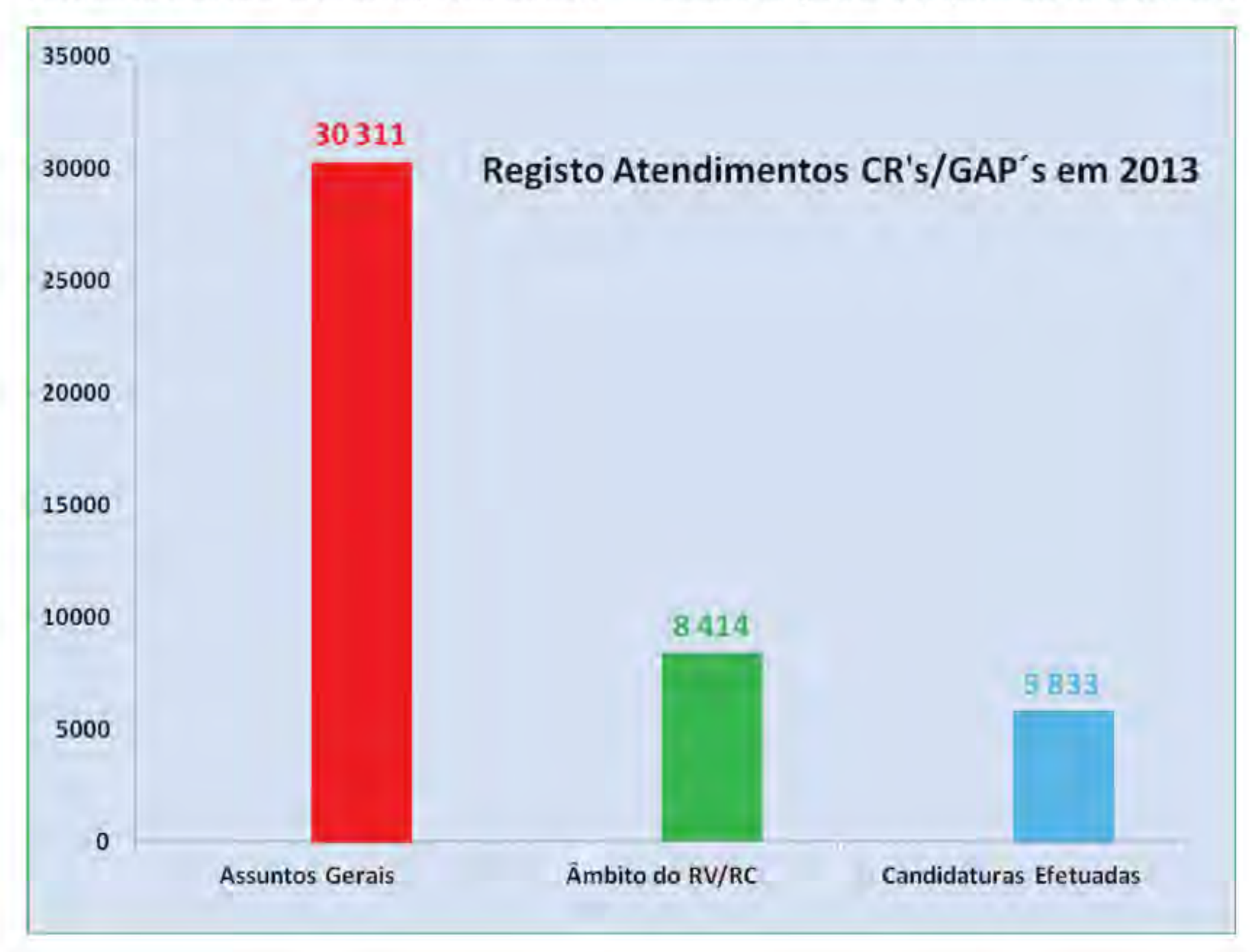
O Recenseamento tem por base os dados de identificação civil e de registo civil, de cada cidadão, fornecidos pelo Instituto dos Registos e do Notariado, ao órgão competente do Ministério da Defesa Nacional (MDN), com vista à sua migração para a respetiva base de dados.

Os dados pessoais dos cidadãos recenseados constam de uma base de dados cujo tratamento e gestão é da responsabilidade do MDN e são conservados até 31 de dezembro do ano seguinte àquele em que o cidadão deixe de estar sujeito às obrigações militares.

É atribuído, aleatória e automaticamente, a cada um dos cidadãos que integram a base de dados, um número de identificação militar, que o identifica para efeitos militares.

A Candidatura é, normalmente, formalizada nos Centros de Recrutamento (CR), os quais, juntamente com os Gabinetes de Atendimento ao Público (GAP), estão localizados no território nacional em função da densidade populacional, e estão dotados, desde 2012, com a aplicação informática Gestor de Recrutamento Normal (GRN), que está por sua vez inserida no Sistema Integrado de Informação do Recrutamento do Exército (SIIRE). Esta funcionalidade permite realizar um atendimento de forma mais célere e objetiva com ganhos significativos ao nível da informação disponibilizada aos candidatos e da gestão e acompanhamento das diferentes operações de recrutamento.

A candidatura ao RV/RC formaliza-se através de uma declaração, na qual o cidadão manifesta a vontade de prestar serviço militar no Exército. A



partir desse momento o candidato passa a estar ligado a um *Tutor* que o esclarece e orienta nas subsequentes fases do seu processo de recrutamento. Ao candidato é também dada a oportunidade de, no momento da realização da candidatura, poder escolher o dia em que pretende realizar as Provas de Classificação e Seleção (PCS) e o Turno de Incorporação para o qual se candidata. No ato da candidatura ao RV/RC, o cidadão pode ainda manifestar a sua preferência pela área funcional e pela área geográfica preferencial para prestação de serviço.

As ações de divulgação e promoção do serviço militar em RV/RC, levadas a cabo por todos os órgãos da estrutura de recrutamento, tais como as palestras nos centros de emprego e nas escolas, a participação em feiras de emprego e nos eventos desportivos e culturais, a divulgação e dinamização do Dia da Defesa Nacional, entre outros, a par de toda a informação disponibilizada na página da Internet do Exército, concorrem para o esclarecimento e para a tomada de decisão dos jovens cidadãos, em se candidatarem à prestação de serviço no Exército.

O registo de atendimentos, nos CR e GAP, verificados ao longo de 2013, indicia que um número significativo de candidatos, que se deslocam a estes órgãos do Exército para obterem informações relacionadas com a prestação do serviço militar em RV/RC, acabam por não efetivar a sua candidatura.

O número de candidaturas para prestar serviço militar no Exército em RV/RC, tem vindo a diminuir desde 2009. Esta tendência reflete o impacto nas atividades de divulgação resultantes da redução dos efetivos autorizados que as recentes reformas em curso nas Forças Armadas vieram impor. A inexistência de Incorporação por longos períodos de tempo, particularmente em 2012, 2013 e 2014, suscita nos jovens um elevado grau de incerteza, quanto à possibilidade de poderem encontrar no Exército uma oportunidade de ordem profissional, o que contribui também para a redução verificada no número de candidaturas.

As Provas de Classificação e Seleção no Exército são constituídas por um conjunto de exames e testes, cuja finalidade é avaliar a aptidão psicofísica dos cidadãos candidatos à prestação do serviço militar em RV/RC e aplicam-se quando as condições gerais de admissão são reunidas e formalizadas.

As PCS são realizadas no Gabinete de Classificação e Seleção (GCS) de Lisboa ou do Porto, com exceção dos candidatos residentes nas Ilhas, em que as mesmas são realizadas nos Gabinetes Temporários de Classificação e Seleção, a constituir respetivamente nos Arquipélagos dos Açores (Ponta Delgada) e da Madeira (Funchal).

Os métodos e técnicas utilizadas nas PCS seguem parâmetros científicos e éticos rigorosos, que visam avaliar, de forma objetiva e sistemática, todos os candidatos, abordando três áreas fundamentais – Médica, Psicológica e Física. Devido a essa abordagem, os GCS encontram-se organizados do modo que se apresenta na figura.

Para apoio às PCS, visando a otimização e uniformização dos procedimentos que envolvem as diferentes atividades de Classificação e Seleção, os GCS utilizam o Sistema Informático de Apoio às Provas de Classificação e Seleção (SIAPCS) integrado no SIIRE.

As Provas Médicas têm como objetivo confirmar a inexistência de qualquer doença ou proble-

ma físico suscetível de impossibilitar o candidato para prestação do serviço militar, de acordo com as tabelas legais em vigor, através de um sistema padronizado de questionários e exames médicos. Estas provas são compostas por Exames Sensoriais (Acuidade Auditiva e Visual, Sensibilidade Cromática e Campo Visual), Exames Médicos Auxiliares (Eletrocardiograma, Raio-X Tórax, análises ao Sangue, Urina e Toxicológicas) e Exame Médico Geral (Índice de Massa Corporal, Coeficiente de Mastigação e Tabela de Inaptidão).

As Provas de Aptidão Psicológica têm como finalidade realizar a avaliação psicológica dos candidatos para prestação do serviço militar, em conformidade com as tabelas legais em vigor, utilizando um sistema padronizado de testes psicotécnicos e psicomotores realizados com os recursos próprios e segundo quatro dimensões:

- A dimensão percetivo-cognitiva que envolve a avaliação de diferentes competências (raciocínio geral, compreensão verbal, raciocínio numérico, rapidez percetiva e aptidão espacial);
- A dimensão psicomotora que compreende a execução de testes de avaliação de aptidões instrumentais (destreza manual, coordenação motora e coordenação óculo-manual);
- A dimensão personalística e motivacional efetuada através da análise de comportamentos e traços de personalidade (relações interpessoais, hábitos e atitudes, equilíbrio emocional e motivação);
- E a dimensão funcional em que são avaliados os requisitos específicos para a função ou cargo a desempenhar.

As Provas de Aptidão Física têm por finalidade verificar se os candidatos possuem as capacidades motoras e a robustez necessárias para a prestação do serviço militar, nas quais é exigida uma aptidão física inicial, avaliada através das seguintes provas: Extensões de braços no solo (15 Rep), abdominais (25 Rep/1min), transposição de 1 muro (60cm) e teste de *cooper* (corrida durante 12min/distância mínima de 2000m). Os candidatos eliminados são aconselhados a melhorar a sua condição física e a recandidatarem-se passados 60 dias, altura em que são submetidos novamente a PCS.

Os cidadãos convocados que se apresentam nos GCS, com a documentação exigida, são sujeitos a uma palestra de boas vindas, na qual são informados do conjunto de provas que executarão durante os 2 dias de permanência no GCS. Após a receção, os candidatos percorrem em sequência as várias estações que compõem o SIAPCS e que abrangem todas as secções existentes nos GCS, nas diferentes áreas e estações abaixo sintetizadas:

PROVAS DE CLASSIFICAÇÃO E SELEÇÃO	
ÁREAS	**ESTAÇÕES**
A - Identificação e Apresentação	1 - Planeamento e apoio
	2 - Receção
	3- Questionário de antecedentes médicos
B - Avaliação Física	4A - Biometria
	4B - Coeficiente de mastigação
	4C - Provas Físicas
C - Avaliação Sensorial	5 - Visão 1
	6 - Visão 2
	7 - Audição
D - Avaliação Psicomotora e do Potencial	8A - Registo de Teste Psicotécnicos
	8B - Registo de Testes Psicomotores
	9 - Psicólogo
E - Avaliação Médica	10 - Cardiopneumografia
	11 - Oficial Médico
F - Exames Médicos Auxiliares	12 - Enfermeiro
G - Classificação Funcional e Orientação	13 - Oficial Orientador
H - Comissão de Seleção	14 - Comissão
	15 - Chefe de Gabinete

Como referimos todo o processo de Classificação e Seleção é assente numa plataforma digital e a informação é processada em rede ao longo dos dois dias de provas, o que permite seguir o evoluir da candidatura em tempo real e no final, depois de homologada, replicá-la, também em tempo real, para o GRN através do SIIRE. Desta forma foi possível eliminar o papel e lápis e agilizar todo o processo do recrutamento.

Na Área A procede-se a Identificação e Apresentação do candidato, a receção de documentação, preenchimento do questionário de antecedentes médicos e à confirmação da informação anteriormente fornecida.

Na Área B executa-se a Avaliação Física, a recolha dos dados biomédicos, a determinação da capacidade de mastigação e a execução das Provas de Aptidão Física pelo candidato.

Na Área C executa-se a Avaliação Sensorial do candidato mormente quanto à acuidade visual (longe, perto, dioptrias, registo de uso de óculos/lentes de contato, visão estereoscópica, campo de visão e sensibilidade cromática) e auditiva.

Na Área D executa-se a Avaliação Psicomotora e do Potencial do Candidato. O teor da informação recolhida nesta área destina-se a avaliar as capacidades intelectuais e a aptidão do candidato, das quais resultará a determinação do seu "nível global" e, por outro, detetar o seu pendor psicopatológico. O resultado dos testes psicomotores avalia as capacidades psicomotoras dos candidatos, nomeadamente a atenção distribuída e o tempo de reação.

Na Área E é efetuada a Avaliação Médica. A informação médica enquadra-se no âmbito da clinica geral e de cardiologia e resulta da observação direta do candidato pelo médico e do apoio do SIAPCS, onde o Oficial Médico visualiza todos os dados recolhidos com interesse para a observação clínica do candidato.

Na Área F, quando necessário, são marcados Exames Completares Médicos no Hospital das Forças Armadas, com a finalidade de despistar anomalias/alterações funcionais em áreas específicas, nomeadamente de ordem sanguínea, urinária, cardíaca e toxicológica.

Na Área G procede-se a Classificação Funcional e Orientação do candidato. Trata-se da última fase do circuito de Classificação e Seleção, na qual o Oficial Orientador realiza uma entrevista individual de seleção/orientação a cada um dos candidatos. Toda a informação, decorrente da Matriz de Perfis de Seleção para os Oficiais e Sargentos do Exército RV/RC e da Matriz dos Perfis de Seleção das Praças do Exército, é trabalhada informaticamente, e os candidatos são informados das possíveis Especialidades que poderão escolher e prioritizar face ao seu perfil.

Na Área H a Comissão de Seleção aprecia e delibera sobre a classificação dos candidatos, nos casos que suscitem dúvidas e naqueles em que se verifiquem anomalias do comportamento durante a execução das PCS ou durante a permanência no GCS.

No final do processo, toda a informação recolhida é gravada, e a classificação obtida é homologada, sendo replicada, em tempo real, no GRN através do SIIRE. Os candidatos aptos em PCS são processados pelo GRN nas fases seguintes das operações de recrutamento.

As quebras verificadas durante a execução das PCS (candidatos inaptos) são elevadas, como se pode verificar da análise dos dados estatísticos referidos ao período de 2013 a 2014. As Inaptidões

verificadas resultam essencialmente da ultrapassagem dos limites fixados por lei para visão e audição na área médica e do não cumprimento dos requisitos mínimos nas provas físicas.

O Alistamento e a Distribuição são feitas pela Repartição de Recrutamento da DORH, conferindo uma especialidade a cada candidato, em função das necessidades da Administração de Pessoal, para cada turno de incorporação, e das três preferências que o candidato negociou na entrevista de orientação, com base no perfil psicofísico que lhe foi atribuído para efeito de prestação de serviço militar.

As listas de distribuição são enviadas aos CR para que os *Tutores*, junto dos seus candidatos, confirmem se os mesmos pretendem efetivamente incorporar, adiar a incorporação para o próximo turno (caso a candidatura, nessa data, ainda esteja válida) ou desistir da mesma e, neste caso, quais os motivos de tal decisão.

Os dados recolhidos pela DORH revelam que um número elevado de candidatos contactados para incorporar, declaram já não estarem interessados em prestar serviço militar em RV/RC. Constata-se que, os longos períodos de tempo de espera em "bolsa de incorporação" contribuem para que os candidatos procurem outras saídas, profissionais, de estudo ou outras, desistindo das intenções anteriormente manifestadas aquando da formalização da candidatura.

A Incorporação consiste na apresentação dos candidatos à prestação de serviço militar no Exército no RV/RC, nas Unidades que se constituem, em cada turno, como Centros de Formação.

Na primeira semana da FGC verifica-se, recorrentemente, um considerável número de desistências.

Desafios para o futuro próximo

A DORH ciente da evolução das novas tecnologias da informação e da popularidade e utilidade que a Internet e as redes sociais têm junto das camadas jovens, tem vindo a projetar novos modelos para facilitar o contacto e o acesso à informação aos potenciais candidatos à prestação do serviço militar em RV/RC.

A aposta num site do recrutamento mais apelativo com imagens de forte componente operacional e conteúdos de informação objetivos e esclarecedores é um exemplo do caminho que estamos a percorrer. A presença efetiva nas principais redes sociais, a possibilidade de esclarecer dúvidas em tempo real utilizando tecnologia tipo *skype* e ainda de permitir ao cidadão efetuar a pré-candidatura *on-line*, são alguns dos projetos que estão em vias de concretização.

O novo paradigma do recrutamento estará cen-

trado no cidadão atual, nas suas características, valores e ambições e no reconhecimento e valoração da prestação do serviço militar no RV/RC.

O atual modelo de incorporação está a ser reequacionado, estudando a possibilidade de desenvolver podendo, a breve trecho, caminhar para um modelo mais flexível e eficaz e provavelmente com uma maior frequência de incorporações, de efetivos mais reduzidos, que poderemos designar por microciclos, eventualmente com caráter mais regional.

O edifício legislativo, nomeadamente a LSM e a Lei dos Incentivos à prestação de serviço militar em RV/RC, merece uma análise e revisão à luz da evolução da sociedade e que valorize a prestação do serviço militar nas Forças Armadas.

Fonte : www.empregoestagios.com

Relâmpago 15

Texto : Regimento de Artilharia Antiaérea Nº1

No âmbito do Plano Integrado de Treino Operacional Exército para 2015 (PITOP 15), é realizado anualmente o exercício da série RELÂMPAGO, onde os meios de Artilharia Antiaérea (AAA) da Componente Operacional do Sistema de Forças do Exército se constitui como Audiência Principal de Treino, i.e. do GAAA, da BtrAAA/ApGer, da BtrAAA/BrigInt, da BtrAAA/BrigMec, da BtrAAA/BrigRR, da BtrAAA/ZMM e da BtrAAA/ZMA. O exercício RELÂMPAGO 15 visa exercitar as unidades de AAA do Sistema de Forças do Exército e permitir, através da prática, de caráter individual e coletivo, manter ou aperfeiçoar as capacidades, conhecimentos e competências obtidas através do Ensino e da Formação, de forma a manter a eficiência e a eficácia das unidades de AAA, através do desempenho dos militares que as integram.

Decorrente das orientações do PITOP 15, o exercício RELÂMPAGO 15 serviu de preparação para o exercício ORION 15 e para o exercício TRIDENT JUNCTURE 15 (exercício de alta visibilidade da NATO que se realizará em OUT/NOV deste ano, em que Portugal, juntamente com Espanha e Itália serão co-*Host Nations*) dos militares da BtrAAA/BrigInt. Desse modo, o cenário utilizado foi o cenário SOROTAN adaptado pelo G2/CFT para o ORION 15.

Podemos realçar os seguintes objetivos de treino:

(1) Planear, um exercício de fogos reais envolvendo os Sistemas Míssil Antiaéreos, FIM-92A Stinger e Chaparral M48A2E1 /M90 e o Sistema Canhão Bitubo AA 20mm/81;

(2) Montar e operar uma carreira de tiro antiaéreo;

(3) Executar tiro real noturno e diurno com os sistemas míssil e canhão de AAA;

(4) Treinar as técnicas de tiro com os sistemas mísseis e canhão de AAA empregando os vários sistemas de simulação disponíveis (*Ballistic Aerial Target Sistem* (BATS), silhuetas, Balões a hélio e o recente sistema de alvos aéreos MQM-170 *Outlaw* (TBC));

(5) Efetuar seguimentos e treino de apontadores dos Sistemas envolvidos;

(6) Treinar procedimentos de coordenação do espaço aéreo e marítimo, em estreita ligação com a Força Aérea e a Marinha.

O exercício RELÂMPAGO 15 desenvolveu-se em duas fases: uma primeira focada na vertente tática (fase planeamento), e uma segunda fase, na sua vertente técnica (realização de uma sessão de fogos reais).

A fase de planeamento, decorreu de 21 a 23 de abril no RAAA1, concorrente com o planeamento do exercício ORION 15, e visou ainda exercitar os Comandos das unidades de AAA no planeamento de operações em apoio das forças de manobra/proteção de pontos e áreas sensíveis, nomeadamente durante uma operação de evacuação de não-combatentes (*Noncombatant Evacuation Operation* - NEO) e durante uma *Combined Joint Offensive Operation* (CJOO)

A segunda fase, realizada na forma de *Live Fire Exercice* (LFX) entre os dias 27 e 30 de abril de 2015 na região da Fonte dos Morangos (Vieira de Leiria), permitiu o treino das guarnições dos Sistemas Míssil Ligeiro Chaparral, Portátil Stinger e Canhão Bitubo, incrementando a eficácia dos sistemas de AAA ao serviço do Exército português. Ao nível da simulação, foi empregue o alvo aéreo MQM-170A *Outlaw*, que proporciona novas potencialidades e mais-valias para este tipo de exercício, nomeadamente, perfis de voo semelhantes aos de uma aeronave real, pela possibilidade de se ajustarem soluções à medida do utilizador. À semelhança do que tem vindo a acontecer em exercícios da mesma natureza, foi ainda empregue o *Ballistic Aerial Target System* (BATS) durante a sessão noturna.

Dos empenhamentos efetuados com os sistemas míssil Stinger (3) e Chaparral (5), resultaram numa eficácia de 66,6% para o Stinger (que obteve um impacto direto, um derrube do alvo e um míssil perdido) e de 80% no caso do Chaparral com 5 impactos diretos. A eficácia foi igualmente visível ao nível do tiro canhão, cujos apontadores destruíram quase na totalidade os alvos fixos.

Ainda de realçar o facto de os empenhamentos serem enquadrados com vários cenários táticos que permitiram simular o mais próximo possível do real o emprego da AAA na interceção de UAV, helicópteros e aeronaves de asa fixa.

No que diz respeito aos meios empregues, na sua globalidade o exercício contou com a participação de 45 viaturas e cerca de 250 militares do Exército. Contou ainda com a participação do Curso de Formação de Sargentos de Aertilharia, que participou ativamente nas sessões de fogos reais (noturna e diurna), na qualidade de apontadores e Comandantes de Secção do Sistema Canhão Bitubo.

De destacar a colaboração "*in loco*" por parte da NRP Schultz Xavier da Marinha na interdição do espaço marítimo (510 km2), da Polícia Marítima para interdição das praias, e da BA Nº5 da Força Aérea para apoio na interdição do espaço aéreo (5100 km²).

De realçar também os apoios prestados no seio do Exército por diferentes unidades, estabelecimentos e ógãos e, ainda, por outras entidades exteriores às FA, como a GNR, os Bombeiros Voluntários de Vieira de Leiria, o Departamento da Conservação da Natureza e Floresta do Centro, Câmara Municipal da Marinha Grande, a Junta de Freguesia da Marinha Grande e a Junta de Freguesia de Vieira de Leiria.

Artilharia Portuguesa

Na *NATO Response Force*

Texto & Fotografia: TCor Para (Res) Miguel Silva Machado

(Publicado na página da Internet: www.operacional.pt)

26.

Uma bateria de artilharia da Brigada de Reação Rápida está de novo atribuída às forças da NATO mantidas em elevado grau de prontidão. Depois de um ano de formação e treino – apetece repetir, os Exércitos não se improvisam! – foi avaliada, primeiro pelas autoridades nacionais, depois pelas da Aliança, e está neste momento em *stand-by* para eventual emprego no exterior do território nacional. Fomos ver o seu treino operacional e os elevados níveis de prontidão em que se encontra.

Emprego da *NATO Response Force*

Não sendo uma novidade no Exército, a inclusão deste tipo de unidade numa "NRF" – é mesmo a terceira vez que isto acontece – a realidade é que a degradação das condições de segurança na Europa, as ameaças que de algum modo nos cercam e as solicitações externas, tornam a previsibilidade de emprego real... mais real! E este fator faz muita diferença quer nos patamares superiores de decisão, por exemplo na atribuição de recursos para treino, que aqui não têm faltado, dizem-nos, quer no modo como os próprios militares que integram a unidade encaram o seu empenhamento. Todos sabem, por exemplo, que o Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Intervenção, transformado em "Recce Coy/FND/AM2015", está neste momento na Lituânia depois de ter passado por um processo semelhante. Nada nos diz para já que vai acontecer, mas há essa probabilidade bem real, e aí reside a diferença em relação ao que vinha acontecendo desde 2004 com as participações nacionais na *NATO Response Force*.

Exercício "Trovão 15"

De 13 a 20 de abril de 2015, no Campo Militar de Santa Margarida, o Grupo de Artilharia de Campanha da Brigada de Reação Rápida (GAC/BrigRR), cuja unidade onde está baseado é o Regimento de Artilharia n.º 4 (Leiria), levou a cabo o exercício "Trovão 151", o qual teve como objetivo principal permitir o treino orientado para as missões de *Peace Support Operations, Disaster Relief e Collective Defence*, com a realização de fogos reais de obus, da "*LightArtBty/NRF2015*" (Bateria de Artilharia Ligeira), constituído a partir de uma das suas baterias de bocas de fogo.

Este exercício como se percebe pelo acima referido foi mais, muito mais, do que uma sessão de fogos reais. Os artilheiros desta força treinaram em Santa Margarida, além das suas "funções habituais", uma série de ações que estamos habituados a ver nas unidades de infantaria empenhadas em missões exteriores, tais como escoltas, operação de *check-points*, patrulhas apeadas e motorizadas, processamento de refugiados e outras. O que pode ser pedido a uma unidade deste tipo no decurso de uma operação real, simplificando, pode passar por "encostar" o *Light-Gun* e pegar na *Galil*. Claro que a principal missão da bateria será sempre o uso dos obuses *M-119 Light-Gun*, mas... nunca fiando!

Em boa verdade o comando do GAC/BrigRR e alguns dos seus meios e pessoal, foram empenhados apenas para permitir o treino da bateria, objetivo primeiro deste "Trovão 151", uma vez que em caso de emprego real a bateria partirá sozinha. Foi realizado com base num cenário adaptado dos dois próximos exercícios de grande envergadura que estão no horizonte, o "Orion" (nacional) e o "Trident Juncture" (NATO). Este último, que se desenrolará em Portugal, Espanha e Itália nos próximos meses de outubro e novembro, será segundo o EMGFA "o exercício mais importante da NATO dos últimos anos, a projeção, marca a alteração da postura da Aliança Atlântica das grandes operações no terreno para a contingência onde, aspetos como a sustentação e a interoperabilidade de Forças, passaram a ser os objetivos a atingir, representando no seu conjunto o maior teste de sempre para a NATO e para as suas forças *NATO Response Force* (NRF)".

Não vamos entrar no cenário concreto do exercício mas apenas referir que prevê procedimentos já por várias vezes realizados em casos reais. Perante a degradação da situação político-militar num país, a Aliança Atlântica decide lançar uma operação e solicita ao nosso país o empenhamento de unidades das "*Immediate Response Forces/ NATO Response Force 2015*", entre elas a "LightArtyBtr/NRF 2015". Esta irá ser integrada num Grupo de Artilharia multinacional que apoia uma Brigada, naturalmente também multinacional. Assim, um dos batalhões de infantaria dessa brigada passará a receber o apoio de fogos terrestres da nossa bateria e é junto das unidades de infantaria que as Equipas de Observadores Avançados (OAv) da "LightArtyBtr/NRF 2015" atuarão. E aqui desde logo uma nota sobre o que vimos e que acompanha a atividade desta bateria, o uso da língua inglesa. Não é só a designação da força, a atividade operacional é executada (as comunicações, escritas e faladas) nesta língua, condição sem a qual a integração com sucesso numa futura operação seria muito dificultada.

Ritmo elevado, precisão e segurança

Diz-nos o Capitão Aires Carqueijo, 31 anos de idade, 12 de serviço militar, comandante da bateria, ao sexto dia de exercício, "...temos nesta bateria 120 militares e 34 viaturas, o que é um pouco mais do que o normal da bateria na Brigada de Reação Rápida, pois dada a missão NRF, fomos reforçados em áreas como o apoio logístico e apoio médico (...) o ritmo imposto ao exercício tem sido elevado, mudamos de posição cinco ou seis vezes por dia, temos feito fogo de dia e de noite, está a ser um bom treino...". E, acrescentamos nós, exigente até do ponto de vista físico! Os obuses são realmente rebocados pelos Unimog, mas só isso, todo o manuseamento das armas para as colocar/retirar das posições e das munições, das viaturas de reabastecimento e por vezes para as viaturas das secções/armas se a mudança de posição imposta pela tática surpreende, tudo é feito "à mão". E, com o volume de fogos realmente executado (centenas de disparos reais por dia) são muitos quilos a passar pelas mãos das guarnições, muitas vezes em situação de urgência. Continua Aires Carqueijo, "...neste exercício e na preparação em geral da bateria como NRF, que já vai longa, temos tido os meios humanos e materiais, no-

meadamente munições, sem qualquer problema (...) fiz parte, em diferentes funções, de todas as NRF's que a artilharia portuguesa tem preparado, (Comandante da Bateria de Tiro, em 2009, NRF14, 2.º Comandante, em 2011, NRF 17, e agora Comandante da *LightArtyBtr/NRF 2015*) posso dizer que estamos com um bom nível (...) fizemos um conjunto enorme de exercícios durante o ano de 2014, quase um por mês, fomos avaliados numa CREVAL (*) nacional em meados do ano quando terminamos a primeira fase da preparação, e depois já em novembro, aliás também aqui em Santa Margarida, com a chamada avaliação internacional no exercício "Trovão 142", onde estiveram presentes a convite do Exército Português dois observadores estrangeiros vindos do HQ/LCC/NRF2015 (**), um americano e outro holandês".

Sistema automático

A bateria está em movimento, dirige-se para nova posição previamente reconhecida pelo Capitão Aires Carqueijo, que a aguarda. Chega ao local, os obuses rapidamente são desatrelados e enquanto as guarnições apontam as armas na direção definida – cada obus é apontado a três locais diferentes, balizas, colimador e ponto afastado –, tratam da camuflagem e de descarregar as munições, o condutor trata da camuflagem da viatura e da segurança à retaguarda. Ninguém pára, os movimentos são rápidos e precisos, aqui e ali um comandante de secção levanta a voz por instantes,

percebe-se nesta nova mudança de posição da bateria que os dias e o ritmo do exercício, aperfeiçoaram a técnica, conferiram rapidez aos processos, mas pesam nos braços!

Apontadas as armas, camufladas, descarregadas munições, recebem dados para fazer fogo, primeiro de regulação e depois em várias modalidades, tendo em vista atingir os alvos/zonas indicados pelos observadores avançados que estão com as unidades a ser apoiadas. Aos comandantes das seis secções *Light Gun* chegam via radio, à voz – ou como dados escritos num terminal portátil (*Gun Display Unit*) – as indicações necessárias para os apontadores introduzirem dados nos aparelhos de pontaria dos obuses e para determinar o tipo de munições e cargas a utilizar (e assim atingir os alcances necessários). Os artilheiros sabem que a uma dezena de quilómetros dali, uma unidade de infantaria aguarda ansiosa pela chegada da torrente explosiva sobre o inimigo.

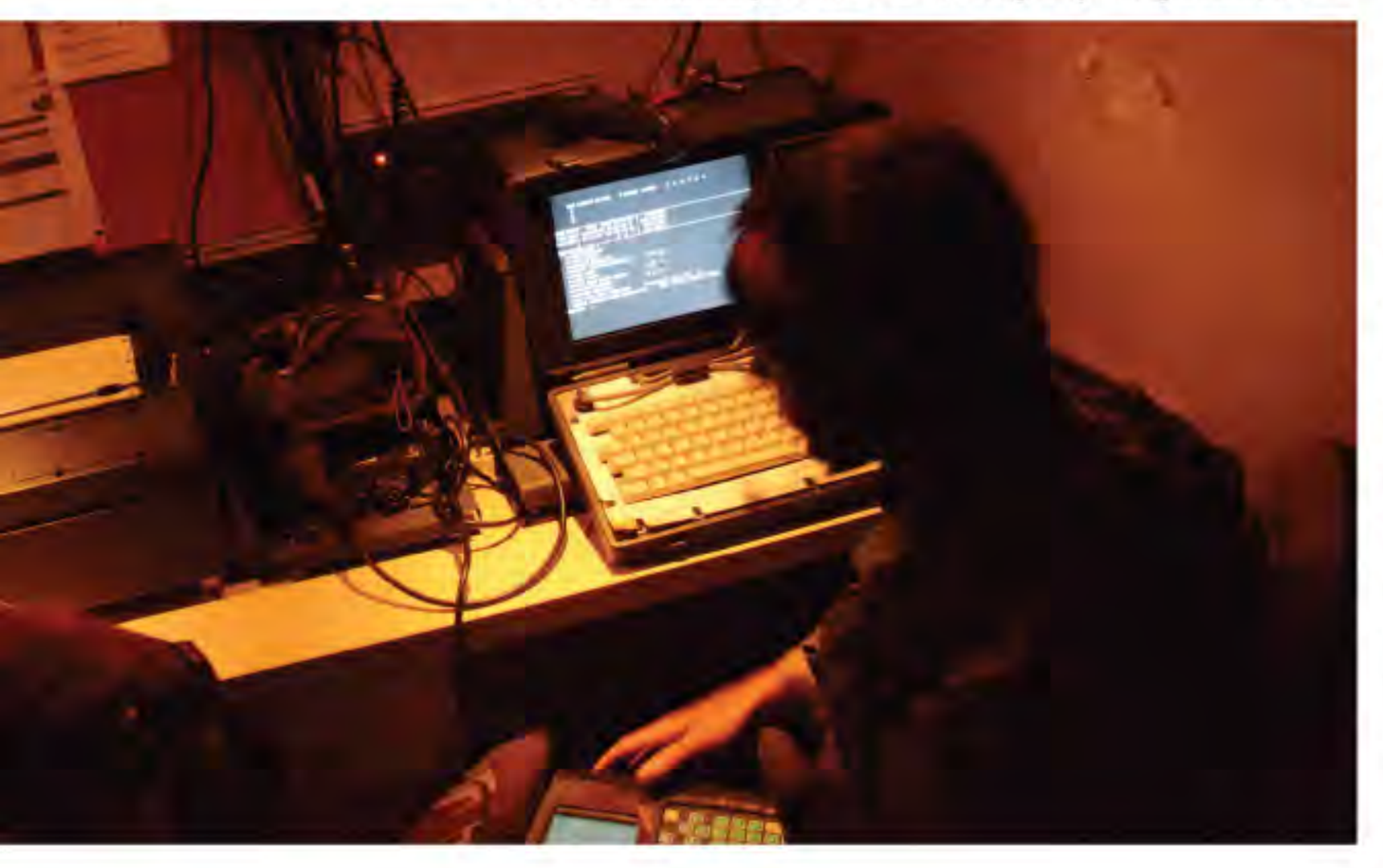
A cada ordem que chega, através do Sistema Automático de Comando e Controlo (SACC), os movimentos das guarnições são rápidos e precisos, às indicações dos sargentos os praças das guarnições procedem com desembaraço, não há ali grandes dúvidas tudo funciona com rapidez e precisão. Trata-se de uma atividade onde impera a segurança, quer com as munições – reais – quer com o manuseamento dos componentes do obus, um erro, uma dessincronização entre militares, pode significar um ferimento grave.

O SACC, como nos diz o Capitão Moreira dos Santos, 35 anos de idade, 16 de serviço militar, oficial de informações do GAC/BrigRR, "...permite o comando e controlo da unidade em duas grandes áreas, a direção técnica do tiro transformando os pedidos de tiro dos observadores avançados em dados para as armas, em termos de direção, elevação e graduação das espoletas, e também a direção tática com gestão de missões de tiro, escolha de munições adequadas a cada objetivo, tudo isto de modo automático, com os dados a serem transmitidos via radio de modo seguro." E continua explicando a finalidade exata de cada um dos 4 componentes do sistema:

- *Advanced Field Artillery Tactical Data System* (AFATDS); *Battery Computer System* (BCS); *Forward Observer System* (FOS); e *Gun Display Unit – Replacement* (GDU-R).

O Posto Central de Tiro (PCT) funciona dentro de um Iveco 40.10 adaptado. Tem a capacidade de seleccionar individualmente cada objectivo, registando os seus elementos topográficos e calcular os elementos de tiro individualmente para cada obus, tendo em consideração a existência de regulações de precisão, velocidade inicial de cada obus e os meteogramas existentes.

O exercício foi acompanhado por uma equipa de reportagem da TVI durante vários dias, para efectuar um trabalho de fundo sobre a unidade – o que ao mesmo tempo, dizemos nós, familiariza os militares com esta presença habitual em muitos teatros de operações. Em Santa Margarida também entrevistaram o comandante da Brigada de Reacção Rápida, Major-General Carlos Perestrelo.



Observadores avançados

Ninguém na bateria sabe o que se segue no decurso do exercício, nem o comandante. Têm que aguardar os pedidos de tiro dos observadores avançados (OAv). Estes são a capacidade visual de aquisição de objetivos da força. O exercício é o mais realista possível e a direção informa estes oficiais e sargentos OAv sobre a situação na sua frente, e para cada cenário apresentado, cabe-lhes decidir que tipo de apoio vai ser prestado, e fazer então os pedidos de tiro para a bateria. A lista é grande, mas simplificando, pode ser para atingir a frente de combate com as nossas tropas abriga-

(*) Avaliação da prontidão para o combate – *Combat Readiness EVALuation – CREVAL.*

(**) Quartel-General do Comando da Componente Terrestre da NRF.

das (o que permite colocar as granadas a cair mais perto...), ou a descoberto, atingir a retaguarda imediata das forças inimigas para estas não receberem reforços, fogos convergentes sobre um alvo de grande valor num local determinado, vários tipos de granadas, e por aí fora. São três equipas de observadores avançados, cada com um oficial, um sargento e uma praça condutor, que poderiam ser empregues separadas, uma para cada companhia de infantaria apoiada, ou em conjunto, como neste caso que assistimos, para treino. E, em boa verdade, não estávamos com companhias na linha da frente, mas num posto de observação, protegido, a cerca de 700m na zona de impactos.

Aqui, o Capitão Diogo Serrão, 34 anos de idade, 16 de serviço, supervisiona a atividade das equipas de OAv e vai dizendo "a brigada quer conquistar o objetivo... ...acham que devem fazer um pedido de fogos para desgastar o inimigo, impedir resposta ou movimentos?..." e enquanto os OAv respondem, repentinamente introduz um dado novo "...a nossa bateria está a ser alvo de fogos

da artilharia inimiga, qual é a prioridade agora?" Todos respondem "fogos de contrabateria", o que deixa o Capitão satisfeito! Se a nossa bateria está diretamente ameaçada há que neutralizar quem o está a fazer e só depois continuar a operação.

Estes observadores têm experiência tanto mais que a força tem treinado bastante, um deles, o Tenente Cristóvão Fernandes, 33 anos de idade, 13 de serviço, relembra que "...no exercício de novembro último também participaram nas missões de apoio de fogos reais, uma equipa de Controladores Aéreos Avançados da Força Aérea Portuguesa e uma equipa idêntica holandesa, para coordenar a integração do apoio aéreo próximo neste apoio de fogos terrestres...".

Todos os elementos de uma das Equipas de OAv (Oficial, Sargento e Praça) são qualificados com o curso de paraquedismo militar, podendo acompanhar os Batalhões de Infantaria Paraquedista, mesmo em missões que incluam saltos em para-quedas.

Conclusão

O dia já vai longo, a noite caiu e o Tenente-Coronel de Artilharia Paraquedista, Vicente Pereira, 46 anos de idade, 27 de serviço, comandante do GAC/BrigRR, em jeito de síntese conclusiva desta nossa passagem pelo "Trovão 151" diz-nos, com os estampidos de novos pedidos de tiro a serem executados pela bateria em pano de fundo: "...a *LightArtyBty/NRF2015* está treinada para cumprir o conjunto alargado de missões normalmente executadas por qualquer Força Nacional Destacada sem perder a sua capacidade de atuar como Unidade de Apoio de Fogos se assim for entendido pela Grande Unidade Multinacional a que for atribuída por Portugal (...) a proposta da OTAN para Portugal aumentar o estado de prontidão da *LightArtyBty/NRF2015* de 15 para 5 dias de pré-aviso para a projeção, é o reconhecimento da credibilidade do treino efetuado até ao momento e reflete o empenho do Regimento de Artilharia Nº4 e o apoio da Brigada de Reação Rápida na preparação de uma Força de Artilharia portuguesa que nunca tinha atingido, no âmbito das *NATO Response Force*, um estado de alerta tão elevado" (***).

(***) No final do exercício – um dia depois da nossa visita – contabilizaram-se mais 530 munições disparadas, ou sejam mais de 80 para cada obus.

Trident Juncture 2015

Exercício NATO em Portugal

Texto : Brigada Mecaniz

O exercício "TRIDENT JUNCTURE 2015" (TRJE 15) é um evento de grande envergadura e visibilidade, organizado pela NATO, que se realiza em Portugal, Espanha e Itália entre 3 de outubro e 6 de novembro do corrente ano, envolvendo a projeção de um volume significativo de forças dos estados membros para estes países.

Trata-se do primeiro grande exercício da Aliança com forças no terreno da era "pós-*International Security Assistance Force* (ISAF)". O seu objetivo principal consiste na avaliação e certificação do *Joint Forces Command Brunssum*[1] e das componentes da *NATO Response Force 2016*, num ambiente atual e desafiante, que inclui ameaças no quadro da *Cyber* Defesa e incorpora as lições aprendidas ao longo da última década de participação em Missões, nomeadamente, no teatro de operações do Afeganistão, Bósnia-Herzegovina, Kosovo e outros locais. O exercício irá definir procedimentos para preparação de forças para próximos desafios, ao mesmo tempo que permite demonstrar a transformação em curso nesta organização. É um exercício da responsabilidade do *Allied Command Transformation*[2] (ACT) , a ter lugar simultaneamente em três países: Portugal, Espanha e Itália. Pretende-se combinar diferentes formas de treinar as forças com a realização de exercícios em *Command Post Exercise* (CPX)[3] e *Live Exercise* (LIVEX)[4].

Antevê-se a participação de cerca de 24.000 militares oriundos de cerca de trinta países, dos quais, mais de 5.000 estarão em Portugal, nas regiões de Tancos – Santa Margarida e Beja.

Sendo o exercício mais importante da NATO dos últimos anos, a projeção de forças e meios, marca a alteração da postura da Aliança Atlântica da condução das grandes operações no terreno por períodos alargados de tempo, para a resposta a situações de contingência, onde aspetos como

a prontidão, a resposta imediata, a capacidade de projeção, a sustentação e a interoperabilidade de Forças, em ambiente conjunto e combinado, passaram a ser os objetivos a atingir, representando no seu conjunto o maior teste de sempre para a NATO e em particular para as suas forças *NATO Response Force* (NRF).

Portugal, ciente da grande responsabilidade que sobre si impende, desde outubro de 2014 que tem constituído em permanência um Grupo de Planeamento Nacional, ao nível do EMGFA, e idênticas estruturas nos ramos, que têm participado ativamente na organização do exercício, incumbindo-lhes a coordenação com as estruturas da Aliança e com as autoridades militares dos vários estados membros que irão projetar forças para o nosso país.

O exercício vai ter duas partes distintas. A primeira, na forma de CPX testará a capacidade de Projeção de Forças em vários níveis, exercitando assim o *Alied Joint Force Command Brunssum* (JFCBS), como Posto de Comando Projetável, juntamente com os seus Comandos de Componente da NRF 2016 (o *NATO Rapid Deployable Corps – Spain* (NRDC-ESP) ao qual a Brigada Mecanizada portuguesa se encontra afiliada, o *Joint Force Air Component Commander – Italy* (ITA JFACC), o *United Kingdom Maritime Force* (UKMARFOR), o *Special Operations Component Command* (SOCC), o *Joint Logistics Support Group* (JLSG, JFCBS/TBD), a *Psychological Task Force HQ* (POTF, TBD), a *Combined Joint Chemical Biological Radiological Nuclear Task Force* (CJ-CBRN-TF, POL), e a *NRF 2016 Force Structure*, para a qual Portugal contribui com um Batalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas. Todas estas componentes irão ser exercitadas numa operação NATO – Não Artigo 5.º[5] naquilo que são as designadas *Crisis Response Operations* (CRO)[6]. Esta fase inicial servirá também para certificar o JFCBS no decorrer de uma operação de grande envergadura (*Major Joint Operation*).

Nesta 1ª fase, que decorrerá entre 3 e 16 de outubro, Portugal garantirá o apoio logístico a todos os comandos e forças que nela participam, e estão sediados em Beja , nas instalações do Regimento de Infantaria N.º 3 e da Base Aérea N.º 11, bem como apoiará a projeção daquelas que irão participar na 2ª fase, cuja maioria ficará instalada na região de Tancos – Santa Margarida.

Esta segunda parte decorrerá entre 21 de outubro e 6 de novembro na forma LIVEX em Portugal, Espanha e Itália, e pretende demonstrar a capacidade para treinar, projetar e exercitar as forças e comandos, num ambiente complexo conjunto e combinado. O foco desta 2ª fase será o treino ao nível operacional e tático dos comandos e forças atribuídas à NRF 2016, assim como de outras forças disponibilizadas pelo estados membros para participar no Exercício.

Em ambas as fases irão ser utilizados os Sistemas de Comunicação e Informações dos respetivos Comandos NATO, assim como os meios das forças projetadas em combinação com os meios e infraestruturas NATO existentes nos locais onde irá decorrer o exercício, o que se insere objetivamente no quadro de desenvolver e melhorar a interoperabilidade entre os diversos comandos e forças.

No caso específico de Portugal a segunda parte irá concretizar-se centrada em Tancos-Santa Margarida, ficando os meios aéreos localizados na quase totalidade em Beja.

Neste quadro, Portugal assumiu a responsabilidade da coordenação das áreas de treino, da utilização das carreiras de tiro, do apoio logístico, do controlo do espaço aéreo e da utilização do local onde as unidades ficam estacionadas.

Como locais onde as forças podem ficar estacionadas, Portugal apresentou um lista de apoios e suporte logístico (*Host Nation Support Capability Planning Catalogue*) onde foram apresentadas, de um modo geral, as unidades e locais que Portugal considerou serem os adequados para a

[1] O JFCBS está sediado na cidade de Brunssum, na Holanda e pertence ao outro comando superior do estrututa militar da NATO que é o *Allied Command Operations* (ACO).

[2] O *Alied Command Transformation* é um dos Comandos superiores da estrutura militar da NATO. É responsável pelo programas de formação e treino das forças dos vários países da NATO e está sediado em Norfolk, Virgínia nos EUA.

[3] CPX: exercícios de Postos de Comando.

[4] FTX: exercícios realizados no terreno.

[5] O famoso "Artigo 5º" da NATO refere que "um ataque a país membro da NATO é considerado como um ataque a todos os países membros da Aliança". Só foi evocado uma vez, na história da Aliança, foi quando dos atentados terroristas, do 11 de setembro de 2001, nos EUA. Missões "Não-Artigo 5º", são por sua vez outras missões da NATO fora deste âmbito, como por exemplo Bósnia e Kosovo entre outras.

[6] CRO – Operações de Resposta a Crises.

sua realização. De entre os vários locais apresentados, a região de Tancos-Santa Margarida foi o local escolhido para o estacionamento da maioria das forças, bem como da estrutura NATO de direção do exercício e foi igualmente considerado como o local principal para a execução de treino com forças no terreno, e ainda para a realização de "eventos de grande visibilidade". O Campo Militar de Santa Margarida assume aqui especial relevância, quer como local de acantonamento de forças, quer como área de treino e realização de fogos reais.

No âmbito do planeamento do exercício, os Comandos NATO e os estados membros que participam com forças e meios, têm vindo a comunicar a Portugal as suas necessidades para apoio a concretização do exercício e consequentemente têm realizado reconhecimentos aos vários locais onde ficarão instalados.

De acordo com as propostas apresentadas por Portugal aos diferentes países para a realização do exercício, vários foram os estados que demonstraram interesse em conhecer as instalações e condições a serem disponibilizadas. Assim, desde novembro de 2014, decorreram cinco *Site Surveys*[7] (SiSu) realizados pelo LANCOM IZMIR, e representantes dos Contingentes Canadianos, Italianos, Búlgaros entre outros com a finalidade dos elementos das *Sending Nations*[8] (SN) poderem apresentar a versão inicial dos requisitos (*Statement of Requirements* [SOR]). Este documento tem por finalidade iniciar o diálogo entre as SN e as *Host Nation*[9] (HN) onde as primeiras identificam algumas das necessidades e as segundas informam das suas limitações de resposta ou a efetiva capacidade em apoiar.

Ao longo dos quase mensais SiSu, tem sido possível a identificação de mais detalhes das necessidades apresentadas pela NATO e pelos estados membros e tem sido possível encontrar soluções para a maioria dos pedidos.

Após estes reconhecimentos, estamos numa fase em que as nações apresentam as listas de requisitos finais onde são mencionados: o número de participantes, e de refeições solicitadas (incluindo as restrições alimentares); os meios de transporte utilizados e a data prevista de chegada a Território Nacional (TN); as necessidades em transporte, *Staging Areas*, e ainda uma variedade de outras necessidades de apoio como por exemplo geradores, material para montagem de postos

de comando, pedidos de frequências rádio, carga e descarga de contentores, entre outras.

Em coordenação com o Comando do Exército, o esforço das unidades apoiantes, em que a Brigada Mecanizada assume papel relevante, pelo volume de comandos e forças a apoiar e pela efetiva coordenação da gestão das áreas de instrução e treino, está centrado na garantia dos apoios solicitados, atentas as capacidades instaladas, e as existentes no exército, em que a adaptação/recuperação de infraestruturas assume especial relevo.

Com a concretização do TRJE15 a Aliança regressa aos grandes exercícios com forças no terreno, fundamentais para praticar e validar a capacidade de projeção de comandos e forças, testar a sua interoperabilidade e a sua capacidade de sustentação. Este Exercício permitirá treinar a capacidade para planear, conduzir e comandar uma operação conjunta e combinada, de grande envergadura, num ambiente complexo, para fazer face às novas tipologias das ameaças incluindo as cibernéticas.

Portugal, e o Exército em particular, vão participar ativamente neste exercício, disponibilizando infraestruturas e meios, áreas para instrução e tiro, garantindo o apoio de nação hospedeira em conformidade com a doutrina e procedimentos NATO. A par destes apoios, o Exército Português participa com algumas das suas capacidades mais modernas, como sejam um Esquadrão de Carros de Combate Leopard 2A6, um Grupo de Artilharia de Campanha misto, 15,5 AP e 10,5 Reb, que integrará também meios do Exército Canadiano, e um Batalhão de Infantaria Mecanizado (rodas) equipado com as viaturas blindadas de rodas PANDUR 8x8.

No final, pretendemos poder afirmar que o Exército Português consegue demonstrar ter efetiva capacidade para aprontar forças mecanizadas e blindadas de acordo com os mais elevados padrões de exigência em vigôr na NATO, e o Campo Militar de Santa Margarida confirma o seu valor enquanto infraestrutura ímpar para o apoio ao treino de forças terrestres, em ambiente conjunto ou combinado, e deste modo se constitui como um ativo estratégico do Exército, ao serviço de Portugal e dos seus aliados.

[7] *Site Surveys*: reuniões de coordenação.

[8] *Sending Nations*: países que participam com forças militares no Exercício.

[9] *Host Nation*: países que recebem e "alojam" as forças militares dos outros países para o Exercício.

Segurex 2015

Exército marca presença

Texto : Ten RC Eder Sousa

O Exército Português marcou, mais uma vez, presença naquele que é o maior evento de segurança e proteção do país, o Segurex, que este ano decorreu entre os dias 6 e 9 de maio, na Feira Internacional de Lisboa (FIL). Apostando na mostra de capacidades e know-how, mas sobretudo privilegiando o contacto e dinâmica com todos os visitantes, o Exército ocupou uma área considerável do certame, especialmente no exterior, onde tinha exposto um portentoso carro de combate Leopard 2A6 do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada, que a todos impressionava com a envergadura e 60 toneladas de peso, uma Viatura Blindada de Rodas (VBR) Pandur II 8x8 12,7mm do Regimento de Cavalaria Nº 6, um HMMWV (*High Mobility Multipurpose Weeled Vehicle*) do Centro de Tropas Comandos, um Posto de Atendimento do Centro de Recrutamento, e ainda uma tenda de campanha de cinco arcos com equipamento do Centro de Simulação e Treino de Tiro da Escola das Armas, bastante concorrida por todos os entusiastas de tiro, bem como pelos curiosos que nunca tinham experimentado um simulador do género.

Neste evento vocacionado para profissionais do setor, onde as empresas e organismos do Estado mostram as últimas novidades, o Exército apresentou uma grande quantidade de equipamento e armamento. A componente operacional fez-se representar pelos Comandos, onde se destacavam as novas proteções balísticas com revestimento "multicam", pelas Operações Especiais que apresentaram as novas HK-416 de 5,56mm, e pela Companhia de Precursores Aeroterrestres da Escola de Tropas Para-quedistas que mostravam aos visitan-

tes, para além da parafernália de equipamento, dois manequins, um equipado para salto automático e outro para abertura manual.

Junto das áreas atrás descritas estava ainda um stand do Instituto Geográfico do Exército (IGeoE) e uma viatura com Módulo Tático CIRC – *Computer Incident Response Capability*, do Departamento de Ciber Defesa e Segurança de Informação do Exército.

No que diz respeito ao know-how, o Exército organizou algumas palestras sobre matérias importantes, entre as quais se destacam o Projeto Sistema de Informação Geográfica para Operações Militares e o Sniffer (*Sensory Devices Network for Food Supply Chain Security*). O primeiro é um sistema de informação geográfico de apoio às operações militares, que visa auxiliar o planeamento, condução e execução de operações, exercícios e quotidiano das Unidades Militares. Apesar de não constituir novidade (já tinha sido apresentado anteriormente) e das semelhanças óbvias com o *Google Maps*, o software apresenta inúmeras evoluções e distingue-se claramente pelas ferramentas vocacionadas para a prática do exercício militar. Para além dos mapas e da capacidade de *street view*, possibilita o planeamento de deslocamentos administrativos e táticos, permitindo calcular com precisão rotas e verificar perfis de terreno como nunca antes foi possível, com vantagens óbvias para as forças militares. Esta geo-ferramenta encontra-se desenvolvida para proporcionar uma boa experiência de utilização na visualização de informação geográfica aos seus utilizadores, podendo ser adaptada às necessidades específicas das operações.

Durante a apresentação, o Major de Artilharia Silva Póvoa realçou as vantagens do Sistema de Informação Geográfica para Operações Militares: o elevado grau de atualização; software gratuito para as Unidades; a capacidade de utilização em computadores com hardware modesto; a curva de aprendizagem mínima necessária para a sua utilização; a capacidade de criar e partilhar *Common Operational Pictures*; elevada perceção das situações provocadas pelo terreno, permitindo o alerta oportuno e planeamento da resposta.

Relativamente ao Sniffer, trata-se de um projeto financiado pela comissão europeia via sétimo programa quadro, coordenado pela empresa portuguesa Tekever ASDS e conta com a participação do Laboratório de Bromatologia e Defesa Biológica (LBDB), através do Centro de Investigação da Academia Militar (CINAMIL), como estrutura coordenadora da investigação realizada no Exército. O projeto tem como objetivo principal o desenvolvimento de uma rede de sensores para deteção de ameaças biológicas, químicas e radiológicas em tempo real, em vários pontos da cadeia alimentar, por forma a garantir a segurança do consumidor final.

O Capitão Veterinário Talhão Antunes frisou, durante a apresentação do Sniffer, a importância deste projeto no que diz respeito à saúde pública e proteção dos consumidores. Durante a palestra foi dado o exemplo do surto de E. coli que atingiu a Europa em 2011, durante o qual os pepinos espanhóis foram apontados como foco de origem. A bactéria tinha genes de dois grupos distintos de E. coli: a E. coli enteroagregativa (EAEC) e a E. coli enterohemorrágica (EHEC), que originavam infeções que podiam causar a complicação mortal da síndrome hemolítico-urêmica (SHE), que ataca os rins, às vezes causando convulsões, derrames e comas. Contudo, o surto teve origem em alimentos provenientes da Alemanha, situação que só se descobriu mais tarde. O facto de não se ter conseguido identificar inicialmente a proveniência das bactérias, levou a um risco elevado para os consumidores europeus e a perdas na ordem dos 75 milhões de euros para os agricultores espanhóis, cujos produtos, afinal, não estavam associados à epidemia. O Sniffer, através da colocação de biosensores em vários pontos da cadeia produtiva, permitiria, segundo o Capitão Talhão Antunes, descobrir a presença da bactéria ainda antes de ter chegado aos consumidores e teria sido possível identificar o ponto de origem, evitando riscos para a saúde pública e perdas económicas desnecessárias.

Palestras nos dias 8 e 9 de maio

Na continuação do evento decorreram nos dias seguintes, 8 e 9 de maio, palestras que abrangeram outras áreas de suma importância, não só no âmbito militar, mas igualmente para a proteção do país e dos portugueses. A primeira conferência teve como tema "O Elemento de Defesa Biológico, Químico e Radiológico do Exército na resposta nacional ao surto ao vírus Ébola". O agravamento do surto de Ébola na África Ocidental e o aumento do risco de transmissão secundária na Europa levou à promoção de medidas de preparação e resposta para a eventualidade desta doença chegar a Portugal. O Elemento de Defesa Biológico, Químico

e Radiológico (ElDefBQR) materializa uma capacidade do Exército com características únicas em Portugal, constituindo-se como um instrumento de excelência nacional no âmbito da resposta a incidentes BQR. No âmbito da doença por vírus Ébola, o ElDefBQR executa procedimentos de descontaminação de infraestruturas e de outros espaços onde tenha permanecido um caso confirmado de Ébola.

No dia 9 de maio decorreu a Palestra sobre Ciberdefesa Nacional: iniciativas e Contributos do Exército. Numa sociedade cada vez mais em rede e dependente da Informação, o Ciberespaço constitui um domínio estratégico prioritário (não alienável), de defesa de valores e interesses nacionais. A onda crescente de ciberataques e os recentes sinais de exploração militar da Internet, têm um impacto profundo no ambiente estratégico internacional, daí resultando inevitáveis implicações para o emprego das Forças Armadas. Para as Forças Terrestres, o Ciberespaço constitui hoje o 5º domínio operacional, materializando um novo campo de batalha onde têm lugar operações militares destinadas a explorar o ambiente de informação, na sua dupla vertente de recurso/arma.

Atendendo aos esforços já em curso no domínio da Cibersegurança e Ciberdefesa do País, e à necessidade de desenvolver uma estratégia concertada, capaz de reduzir o risco social e potenciar uma utilização mais livre, fiável e segura deste espaço de interação global, pretende-se nesta intervenção apresentar as iniciativas e os contributos do Exército para o desenvolvimento e reforço da capacidade de Ciberdefesa Nacional.

Por fim, teve lugar a conferência sobre o Projeto Segurança e Integridade Estrutural de Edifícios Estratégicos Face a Explosões Acidentais ou Provocadas. A proliferação do terrorismo transnacional e a utilização crescente de *Improvised Explosive Devices* (IED) como arma de eleição pelos grupos terroristas, conferem particular acuidade à proteção das pessoas e das infraestruturas, e designadamente às medidas de engenharia que possam mitigar esses efeitos. Este facto tende a tornar-se relevante em território nacional, sendo-o já premente no caso das missões nacionais em organizações nas quais Portugal assumiu compromissos políticos, nomeadamente no Afeganistão e no Iraque. O presente projeto, a desenvolver nas modalidades de investigação aplicada e desenvolvimento experimental, pretende dar corpo a um conhecimento muito pouco explorado em Portugal, realizando um conjunto de estudos aplicados a elementos estruturais à escala real (pilares, vigas, paredes e lajes), sujeitos à ação de ondas de choque e de fragmentação, com a finalidade de se identificarem os parâmetros de comportamento que orientem o dimensionamento ou reforço das estruturais de edifícios, de modo a garantir a sua resistência e prevenir o seu colapso face a solicitações de explosões acidentais ou provocadas.

O desenvolvimento deste projeto permitirá assim incrementar a segurança das instalações militares contra a ameaça terrorista, seja em território nacional seja em Forças Nacionais destacadas. De forma concorrente, o conhecimento adquirido permitirá o estudo e desenvolvimento de recomendações de conceção ou reforço, para proteção de infraestruturas com interesse estratégico para o país (civis ou militares), as quais importa preservar, evitando interrupções graves ao funcionamento da sociedade.

Comissão para o Estudo das Campanhas d'África

Texto: Direção de Informação Cultural Militar

«Em 4 de fevereiro de 1961, iniciou-se em Angola a luta armada em condições militarmente precárias por parte de um dos movimentos emancipalistas formados e apoiados fora deste território. As ações não passaram de tentativas frustradas de assalto a estabelecimentos prisionais e a um aquartelamento da Polícia Móvel, na cidade de Luanda, e ainda do ataque bem sucedido a três agentes da Polícia de Segurança Pública atraídos a uma cilada durante um patrulhamento em viatura auto naquela mesma cidade...»

[Extrato do Ponto 13. (Angola – 1961), do capítulo I, do 1º Volume – Enquadramento Geral –, da Resenha Histórico-Militar das Campanhas d'África (1961 – 1974), elaborada pela Comissão para o Estudo das Campanhas de África (CECA), do Exército Português.]

Contributo para a História Contemporânea de Portugal

A Comissão para o Estudo das Campanhas d'África (CECA) foi criada oficialmente pela Portaria Nº 43/80 de 16 de fevereiro, e instalada no edifício do Coleginho, na Rua do Marquês de Ponte de Lima, em Lisboa, onde, durante muitos anos funcionou a Direção da Arma de Infantaria. No seu 2º parágrafo é definida a missão desta Comissão como "a reunião, compilação e salvaguarda de elementos sobre toda a documentação e de todos os objetos com potencial interesse para o estudo da intervenção do Exército das Campanhas de África e para o culto das suas tradições militares".

Nesse mesmo parágrafo é também atribuída como uma das tarefas desta CECA "elaborar a Resenha Histórico-Militar da intervenção do Exército nas Campanhas de África, tendo em vista, sobretudo, possibilitar, no futuro, uma rigorosa análise histórica". Para a execução destes trabalhos foram nomeados e colocados nesta Comissão militares com reconhecida competência e experiência pessoal da Guerra do Ultramar entre os quais se destacam o General Themudo Barata, nomeado o seu 1º presidente, e o Brigadeiro Nascimento Garcia, entre outros.

Pretendeu-se, desde o início, que se procedesse à localização, recolha e reunião de toda a documentação, parte da qual de muito valor histórico e doutrinário, que foi produzida durante os treze anos das Campanhas de África, salvaguardando assim um património que respeita a um extenso

período de empenhamento das Forças Armadas e, no caso particular, do Exército, numa Guerra.

Com base nos elementos disponíveis e consequência dos esforços encetados pela CECA, foi possível, até ao presente, fazer sair do prelo, vinte e seis livros sob o título de "A Resenha Histórico-Militar das Campanhas d'África (1961-1974)", que se repartem por cinco volumes, com vários tomos e ainda mais um volume sobre a doutrina aplicada nas Campanhas.

Esta resenha, elaborada por um conjunto de oficiais do Exército, historiadores militares constitui um documento de grande qualidade e valor histórico que permite uma análise bastante rigorosa do período da nossa história contemporânea referente à intervenção militar em África:

- 1º Volume: Enquadramento Geral, com duas partes (I Parte – Breve Enquadramento Histórico-Militar; II Parte – O Exército que tínhamos);

- 2º Volume: Dispositivo das Nossas Forças – Angola, com três partes (I Parte – Monografia Breve; II Parte – Cartas de Situação; III Parte – Dispositivo Gratificado);

- 3º Volume: Dispositivo das Nossas Forças – Guiné, com três partes (I Parte – Monografia Breve; II Parte – Cartas de Situação; III Parte – Dispositivo Graficado);

- 4º Volume: Dispositivo das Nossas Forças – Moçambique, com três partes (I Parte – Monografia Breve; II Parte – Cartas de Situação; III Parte – Dispositivo Graficado);

- 5º Volume: Condecorações Militares Atribuídas, com 8 Tomos;

- 6º Volume: Aspetos da Atividade Operacional – Tomo I – Angola (Livro I, II); Tomo III – Moçambique (Livro I, II);

- 7º Volume: Fichas das Unidades – Tomo I – Angola; Tomo II – Guiné; Tomo III – Moçambique (Livro I, II);

- 8º Volume: Mortos em Campanha – Tomo I – Angola (Livro I, II); Tomo II – Guiné (Livro I, II);

- 14º Volume: Comandos – Grupos Iniciais – Tomo I;

- Subsídios para o estudo da Doutrina aplicada nas Campanhas d'África, com 6 capítulos (I – Aspetos Estratégicos Gerais; II – Estratégia de Subversão; III – Estratégia de Contrassubversão; IV – Tática do Exército Contrassubversão; V – A Logística do Exército no Ultramar; VI – A Ética na Contrassubversão).

Vol	Nome	Tomo	Situação	Preço
1º	Enquadramento Geral		Editado em 1988	€10,00
2º	Dispositivo: Angola		Editado em 1989	€10,00
3º	Dispositivo: Guiné		Editado em 1989	€10,00
4º	Dispositivo: Moçambique		Editado em 1989	€10,00
5º	Condecorações	Tomo I – Torre e Espada e Valor Militar	Editado em 1990	€10,00
		Tomos II, III, IV, V VI, VII e VIII – Cruz de Guerra	Editados em 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995 e 1997	€10,00
6º	Aspetos da Atividade Operacional	Tomo I – Angola – Livro I, II e Tomo III – Moçambique – Livro I e II	Editados em 1998, 2006 e 2012	€10,00
7º	Fichas das Unidades	Tomo I – Angola – Tomo II – Guiné, Tomo III – Moçambique – Livro I e II	Editados em 2008, 2002 e 2009	€10,00
8º	Mortos em Campanha	Tomo I – Angola – Livro I, II e Tomo II – Guiné – Livro I e II	Editado em 2001	€10,00
14º	Comandos – Grupos Iniciais	Tomo I	Editado em 2009	€20,00
	Subsídios para a Doutrina Aplicada nas Campanhas d'África		Editado em 1990	€15,00
	Coleção Completa			€275,00

Atenção: do 1º ao 8º volume cada exemplar tem o preço unitário de € 10,00.

Caso esteja interessado, entre em contacto com a DHCM através do email dhcm@mail.exercito.pt ou envie uma comunicação postal, a declarar que pretende adquirir a Resenha Histórico-Militar das Campanhas d'África (coleção completa ou os exemplares/volumes/tomos que pretende), juntando um cheque (à ordem da Agência de Gestão da Tesouraria e da Dívida Pública - IGCP - E.P.E.) bem como a informação indicativa do nome completo, morada e contacto telefónico, para: Direção de História e Cultura Militar, Palácio dos Marqueses do Lavradio - Campo de Santa Clara, 1149-059 - Lisboa.

Water Diviner

Filme, drama, 1ª Guerra Mundial

Gallipoli, Turquia abril de 1915. O Corpo Expedicionário Australiano e Neozelandês (ANZAC) desembarcam na península turca dos Dardanelos para abrir uma nova frente de combate no sudoeste europeu. No ANZAC vinham dois jovens australianos que foram dados como desaparecidos em combate nesta fatídica batalha, que provocou mais de 260.000 baixas nas tropas aliadas. Inconsolável pelo desaparecimento dos seus três filhos, Conner, parte para uma longa viagem em território turco, na procura da verdade sobre o destino dos filhos. Uma história baseada em factos verídicos, com cenas que reproduzem fielmente a campanha dos Dardanelos na Grande Guerra.

All About History

Book of The First World War (2015 Edition)

Apesar de no título aparecer "livro da I Guerra Mundial", trata-se de um número especial da revista All About History, já por nós aqui referida. É uma reedição do número publicado o ano passado, com o mesmo título, aquando do início da evocação dos 100 anos passados sobre a Grande Guerra.

A editora britânica Imagine Publishing, já nos habituou a revistas de grande qualidade. É uma apresentação muito resumida da Grande Guerra, mas relata mais de cinquenta momentos marcantes deste conflito mundial. Densamente ilustrada com fantásticas fotografias do conflito e outra iconografia relacionada com o tema fasem desta edição especial da All About History, uma revista para comprar e colecionar.

Revista Ejército de tierra español

A revista, nossa congénere, do exército Espanhol, celebrou recentemente os seus 75 anos de existência. Como é referido no editorial, são quase 900 revistas publicadas (a do 75º aniversário é a revista nº 887). Fundada em 30 de setembro de 1939 com a designação La Ilustração Militar, logo, no ano seguinte, alterou o nome para Ejército. A revista tem contribuído, de forma muito marcante, para projetar, através dos seus artigos, a imagem do Exército espanhol, a difusão das opiniões e experiencias de muitos oficiais e civis ligados ás áreas da Defesa, da História Militar e das Artes, contribuído desta forma para transmitir a toda sociedade o que faz o Exército de Espanha em cumprimento da sua missão

À revista Ejército e a todos os seus colaboradores, o Jornal do Exército envia as maiores felicitações e os desejos de pelo menos mais 75 anos de publicações.

Planeamento de Defesa e Alianças

Portugal nos primeiros anos da Guerra Fria (1945 – 1959)

O autor do livro é o Sargento-Ajudante (Transmissões) do Exército, Jorge Silva Rocha, Licenciado em História, Mestre em História Militar (2008) e Doutor em História, Defesa e Relações Internacionais pelo ISCTE-IUL/AM (2013).

O livro que aqui apresentamos, resultante da adaptação da tese de doutoramento ,revela em que medida foi condicionado o planeamento de defesa efetuado nos anos de 1945 a 1959 pelos compromissos assumidos no âmbito das diferentes alianças assumidas pelo Estado português.

Trabalho original e rigoroso, apresentando uma extensa pesquisa documental realizada pelo autor em arquivos nacionais, Espanha (Arquivo Militar General de Ávila), Arquivo Histórico da NATO e National Archives – Londres, revela uma realidade que vai mais além das questões relacionadas com a adesão de Portugal ao Tratado do Atlântico Norte, tradicionalmente mais abordadas pela historiografia nacional. Na primeira década e meia do segundo pós-guerra o planeamento de defesa desenvolve-se em três frentes, num ambiente de tensões bilaterais e multilaterais que são estudadas e descritas com acentuada profundidade e detalhe nesta obra.

PDE 3-05-29 Homologação de Zonas de Lançamentos em Paraquedas

Esta Publicação Doutrinária tem como finalidade estabelecer os procedimentos conducentes à homologação de Zonas de Lançamento em paraquedas de pessoal e material. As características especiais a que devem obedecer das Zonas de Lançamento em Paraquedas, relacionadas com a segurança aeroterrestre em geral aliadas à natureza da missão aeroterrestre em particular, determinam a necessidade do estudo e consequente implementação de um conjunto de procedimentos e documentação que visem confirmar e aprovar a sua utilização para o fim a que se destinam por entidade competente.

http://10.105.0.55/sites/doutrina/Documents/PublicacoesAprovadas/PDE_3-05-29_HomologacaoZonasLancamentoParaquedas.pdf

PDE 3-01-00 - Tática das Operações de Combate Volume I

Esta publicação é o primeiro volume do novo Regulamento de Operações do Exército Português. Retrata a doutrina relativa às operações e caracteriza a tipologia, as funções de combate e a aplicação dos conceitos no que respeita a tática das operações ofensivas e defensivas, substituindo nestes domínios o regulamento de campanha – Operações, de 2005. Este continuará em vigor para a tática das operações de reconhecimento, segurança e tarefas complementares, até a aprovação do volume II da PDE 3-01-00.

http://10.105.0.55/sites/doutrina/Documents/PublicacoesAprovadas/PDE_3-01-00_Tatica_Operacoes_Combate_V_I.pdf

LIX Semana Equestre Militar

Decorreu entre 23 e 29 de março, a 1ª Parte da LIX Semana Equestre Militar (SEM). Sendo o maior evento desportivo castrense, coube à Escola das Armas a organização e a consecução de mais uma edição da SEM, que este ano decorrerá em duas partes. Na primeira parte já realizada, decorreram as provas das disciplinas de Ensino e Obstáculos, estando já agendada a realização da 2ª Parte entre 10 e 12 de julho, com a inclusão da disciplina de Concurso Completo de Equitação e Espetáculos Equestres.

Estiveram presentes nesta parte todos os cavaleiros do Exército com montadas superiormente distribuídas, cavaleiros da Guarda Nacional Republicana (GNR) e também civis, distribuídos da seguinte forma: 29 Oficiais do Exército, 24 Oficiais da GNR, 27 Alunos da Academia Militar, 23 Alunos do Colégio Militar e Instituto de Odivelas, cinco Sargentos do Exército, seis Sargentos da GNR, três Praças do Exército, 20 Praças da GNR e oito concorrentes civis, traduzindo-se num total de 210 conjuntos e 628 entradas em pista.

No último dia de provas, decorreu no Campo dos Plátanos uma homenagem ao Coronel de Cavalaria Joaquim Pombeiro, que faleceu recentemente, com a presença de familiares e amigos, bem como do Comando da Escola das Armas.

Lista com os 1os classificados das provas realizadas na 1a parte da LIX Semana Equestre Militar

Prova I e V -"Escola Nacional de Equitação" – Ensino E1+E2

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
Cap RMarr	Adnane Meziane	EA	Zaino

Prova II e VI -" Clube de Oficiais de Mafra" – Ensino P1+P2

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
Maj Cav	Carlos Marques	CM	Fauno de São Frei Gil

Prova III e VII -"Escola de Sargentos do Exército" – Ensino M1+M2

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
Maj GNR	Paredes Vilela	GNR	Espiga

Prova IV -"Inspeção Geral do Exército" – Ensino C1

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
Cap GNR	Mateus Tomé	GNR	Cardhu

Prova VIII -"Regimento de Lanceiros 2" – Ensino C2

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
Cap GNR	Mateus Tomé	GNR	Cardhu

Prova IX, XV e XIX –"Escola Prática dos Serviços" – Obstáculos, 1,10m

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
Alf Cav	José Assunção	EA	Astro

Prova X –"Regimento de Apoio Militar de Emergência" – Obstáculos, Cavalos Novos

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
Guarda	Soares de Melo	GNR	Ginja

Prova XI e XIII –"Quartel Da Cavalaria/Brigada Mecanizada" – Obstáculos, 1,00m

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
Cap Cav	Gonçalo Silvestre	EA	Buinha

Prova XII –"Unidade de Segurança e Honras de Estado/GNR" – Obstáculos, 1,20m

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
Cap Vet	Francisco Medeiros	EA	Zuidor

Prova XIV -"Escola Portuguesa de Arte Equestre" – Ensino, "Saint Georges"

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
Maj GNR	Martins Santos	GNR	Xá

Prova XVI –"Regimento de Cavalaria Nº6" – Obstáculos, Cavalos Novos

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
Alf Cav	Miguel Fonseca	RC6	Forte de Mafra

Prova XVII –"Instituto de Odivelas" – Obstáculos, CM/IMPE/IO

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
Al CM	120 Carvalho	CM	Quadrado

Prova XVIII –"Escola das Armas" – Obstáculos, Alunos da AM

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
CadAl	Vasco Fernandes	AM	Janota de Mafra

Prova XX –"Brigada de Intervenção" – Obstáculos, 1,20m

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
Maj GNR	Dias Marinho	GNR	Artur

Prova XXI –"Colégio Militar" – Obstáculos, Alunos do CM/IPE/IO

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
Al CM	641 Caetano	CM	Caliburn

Prova XXII –"Academia Militar" – Obstáculos, Alunos da AM

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
AspTir	Fernando Fernandes	AM	Banda de Mafra

Prova XXIII –"Brigada de Reação Rápida" – Obstáculos, Cavalos Novos

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
Ten Cav	Diogo Rato	EA	Fénix de Mafra

Prova XXIV –"Regimento de Cavalaria Nº3" - Obstáculos, Derby

Equipas
USHE/GNR

Prova XXV –"Brigada Mecanizada" – Obstáculos, 1,20m

Posto	Cavaleiro	Unidade	Cavalo
TCor GNR	Santos Correia	GNR	Cockete

O Regimento de Infantaria Nº19 evoca a Grande Guerra

No âmbito das comemorações do Dia do Regimento de Infantaria Nº19 (RI19) e no contexto da Evocação do Centenário da Grande Guerra realizou-se, no dia 20 de março, no Auditório do Centro Cultural de Chaves, uma conferência subordinada aos temas "Origens da Grande Guerra" e "A Razão Subtil da Beligerância Portuguesa", tendo como conferencistas convidados o Coronel David Martelo e Coronel Luís Fraga. O evento contou com o apoio ativo de todas as Câmaras Municipais do Alto Tâmega, Chaves, Boticas, Montalegre, Valpaços, Ribeira de Pena e Vila Pouca de Aguiar. Estiveram presentes altas entidades, civis e militares, destacando-se os presidentes que integram a Comunidade Intermunicipal do Alto Tâmega.

Após umas breves palavras iniciais do Comandante do RI19, entoou-se o Hino Nacional, interpretado pelo Coro dos alunos do Agrupamento de Escolas Dr. Júlio Martins, que terminaram a atuação com o Cântico "Avé Maria" e "Marcha de Chaves" em homenagem a todos os Bravos Combatentes do Alto Tâmega que participaram na Grande Guerra.

O RI19, com o apoio da Direção de História e Cultura Militar, da Liga dos Combatentes e da Câmara Municipal de Chaves, apresentou também em 23 de março, ao público Flaviense, a exposição evocativa intitulada "100 Anos Depois – Recordar", que integra algum armamento, equipamento e fardamento utilizados na Grande Guerra, assinalando-se a presença do Presidente da Câmara Municipal de Chaves, Arqº António Cabeleira e o Presidente da Assembleia Municipal de Chaves, Prof. Francisco Viegas.

Ainda no período de 7 a 30 de abril, o Regimento de Infantaria Nº19 realizou uma exposição itinerante pela Comunidade Intermunicipal do Alto Tâmega, alusiva à evocação da Grande Guerra.

Por último, resta referir que foi ainda apresentada uma conferência subordinada ao tema "O Cerco à Europa", decorrida no dia 17 de abril, com o General Loureiro dos Santos como conferencista.

Nova
Câmbios
PROTOCOLO com o Exército
Condições Especiais
Compra e Venda de Moeda
Protocolo em:
www.exercito.pt/sites/dsp/Protocolos/Paginas/Protocolo-NovaCambios
Contactos: 213 242 550
936 281 543
Comidade
Segurança
Confiança no serviço !
CÂMBIOS | TRANSFERÊNCIAS
EXCHANGE | MONEY TRANSFER
www.novacambios.com

HORIZONTE
ARTIGOS MILITARES
UNIFORMES
A. DA COSTA, LDA.
CASA FUNDADA EM 1936
UNIFORMES CIVIS E MILITARES
Bonés - Bandeiras
Estandartes - Condecorações
Guiões - Distintivos
Emblemas - Pin's Diversos
ALFAIATARIA
Rua de Santa Justa, 88 - 2º Dto.
1100-486 LISBOA – Tel. 21 342 84 83
LOJA
R. Portas de Santo Antão, 16 - 1º – 1150-268 LISBOA
Tels.: 21 342 69 70 - 21 322 59 15 – Fax: 21 342 88 52
Email: a.dacosta@mail.telepac.pt

Candidaturas abertas

Oficiais
Exército
& GNR

Linha Azul
808 200 211

Mestrados Integrados

Ciências Militares
Engenharias
Administração
Ciências Farmacêuticas*
Medicinas*

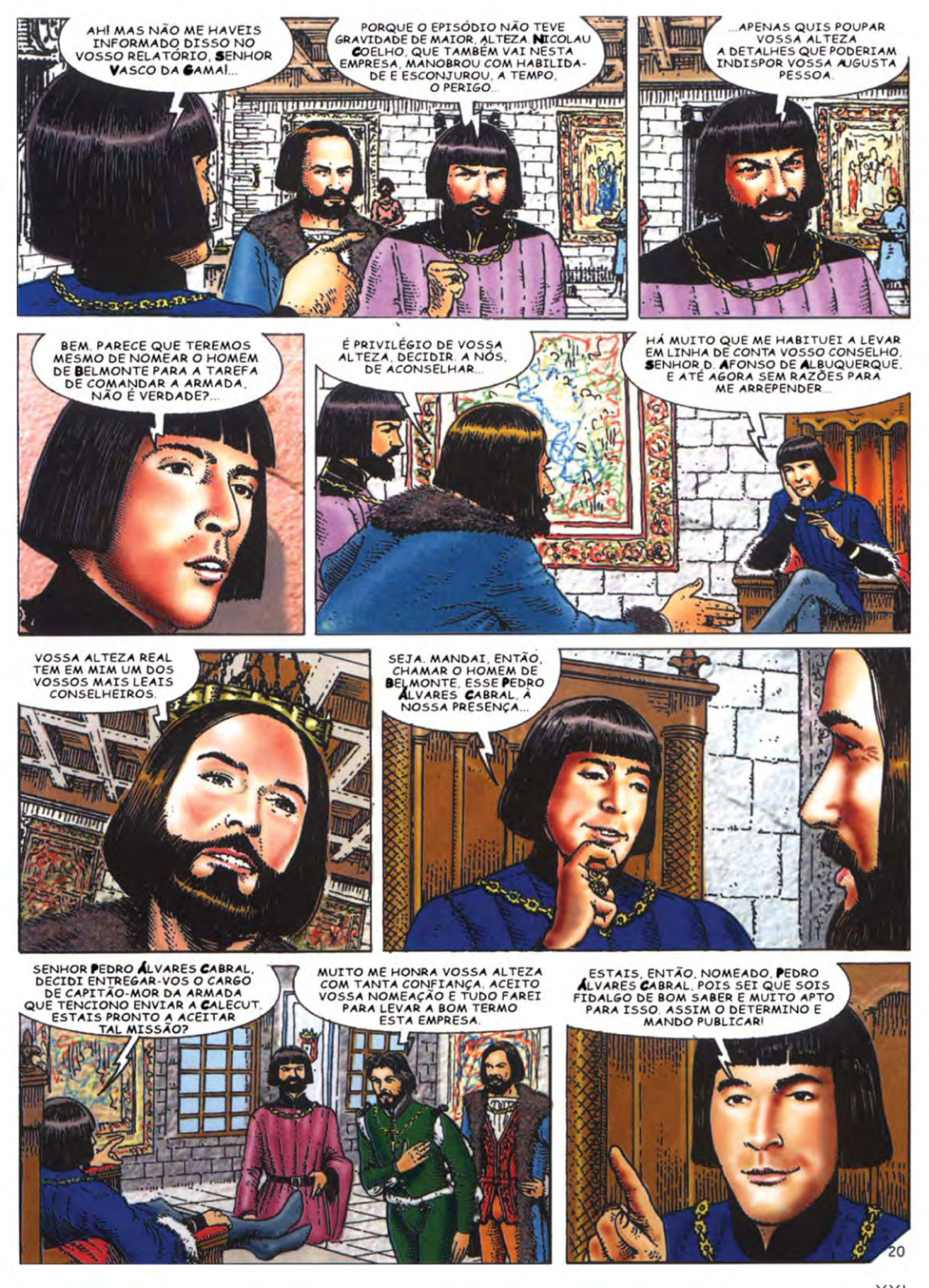
15/16 Concurso de Admissão à Academia Militar

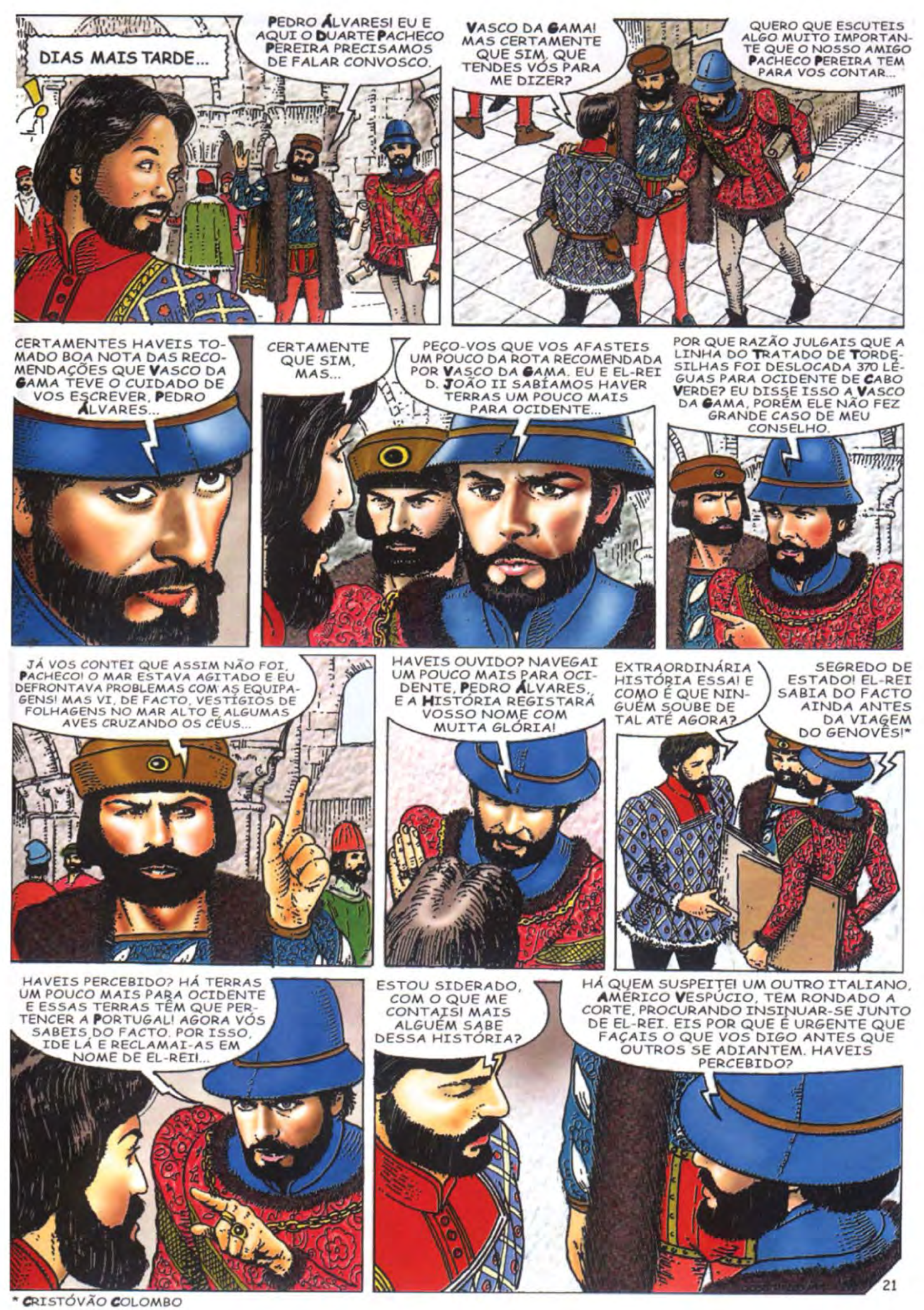
Rua Gomes Freire
1169-203 Lisboa

Tlf: 213 186 970/71
Tlf Mil: 415 670/71/72/73

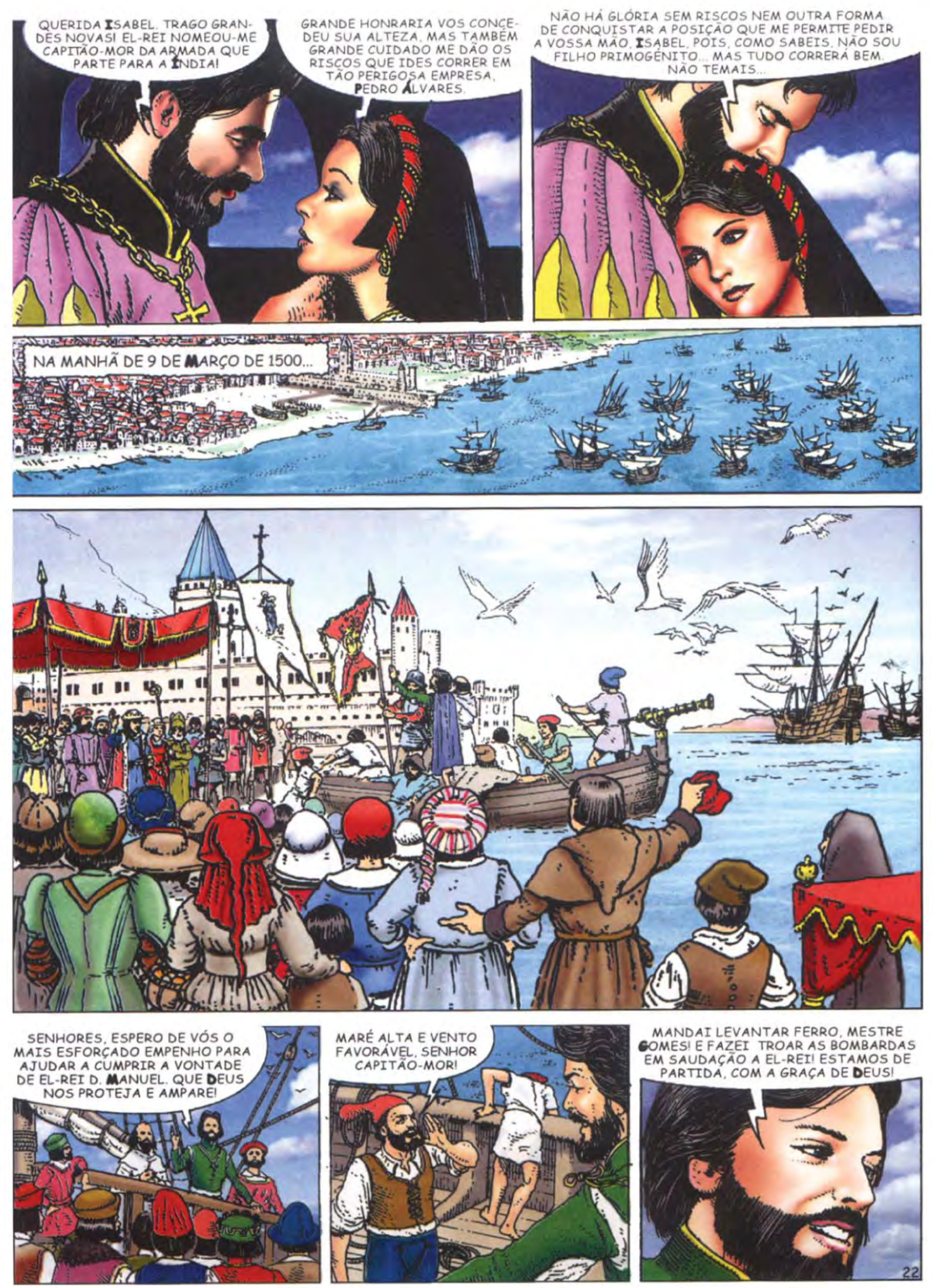
concurso@academiamilitar.pt
www.academiamilitar.pt

* o número de vagas está dependente de aprovação pelas entidades legalmente competentes para esse efeito, pelo que poderá ser alterado


AH! MAS NÃO ME HAVEIS INFORMADO DISSO NO VOSSO RELATÓRIO, SENHOR VASCO DA GAMA!...
PORQUE O EPISÓDIO NÃO TEVE GRAVIDADE DE MAIOR, ALTEZA. NICOLAU COELHO, QUE TAMBÉM VAI NESTA EMPRESA, MANOBROU COM HABILIDADE E ESCONJUROU, A TEMPO, O PERIGO...
...APENAS QUIS POUPAR VOSSA ALTEZA A DETALHES QUE PODERIAM INDISPOR VOSSA AUGUSTA PESSOA.
BEM. PARECE QUE TEREMOS MESMO DE NOMEAR O HOMEM DE BELMONTE PARA A TAREFA DE COMANDAR A ARMADA, NÃO É VERDADE?...
É PRIVILÉGIO DE VOSSA ALTEZA, DECIDIR, A NÓS, DE ACONSELHAR...
HÁ MUITO QUE ME HABITUEI A LEVAR EM LINHA DE CONTA VOSSO CONSELHO, SENHOR D. AFONSO DE ALBUQUERQUE. E ATÉ AGORA SEM RAZÕES PARA ME ARREPENDER...
VOSSA ALTEZA REAL TEM EM MIM UM DOS VOSSOS MAIS LEAIS CONSELHEIROS.
SEJA. MANDAI, ENTÃO, CHAMAR O HOMEM DE BELMONTE, ESSE PEDRO ÁLVARES CABRAL, À NOSSA PRESENÇA...
SENHOR PEDRO ÁLVARES CABRAL, DECIDI ENTREGAR-VOS O CARGO DE CAPITÃO-MOR DA ARMADA QUE TENCIONO ENVIAR A CALECUT. ESTAIS PRONTO A ACEITAR TAL MISSÃO?
MUITO ME HONRA VOSSA ALTEZA COM TANTA CONFIANÇA. ACEITO VOSSA NOMEAÇÃO E TUDO FAREI PARA LEVAR A BOM TERMO ESTA EMPRESA.
ESTAIS, ENTÃO, NOMEADO, PEDRO ÁLVARES CABRAL, POIS SEI QUE SOIS FIDALGO DE BOM SABER E MUITO APTO PARA ISSO. ASSIM O DETERMINO E MANDO PUBLICAR!
20



* CRISTÓVÃO COLOMBO


QUERIDA ISABEL, TRAGO GRANDES NOVAS! EL-REI NOMEOU-ME CAPITÃO-MOR DA ARMADA QUE PARTE PARA A ÍNDIA!
GRANDE HONRARIA VOS CONCEDEU SUA ALTEZA, MAS TAMBÉM GRANDE CUIDADO ME DÃO OS RISCOS QUE IDES CORRER EM TÃO PERIGOSA EMPRESA, PEDRO ÁLVARES.
NÃO HÁ GLÓRIA SEM RISCOS NEM OUTRA FORMA DE CONQUISTAR A POSIÇÃO QUE ME PERMITE PEDIR A VOSSA MÃO, ISABEL, POIS, COMO SABEIS, NÃO SOU FILHO PRIMOGÉNITO... MAS TUDO CORRERÁ BEM. NÃO TEMAIS...
NA MANHÃ DE 9 DE MARÇO DE 1500...
SENHORES, ESPERO DE VÓS O MAIS ESFORÇADO EMPENHO PARA AJUDAR A CUMPRIR A VONTADE DE EL-REI D. MANUEL. QUE DEUS NOS PROTEJA E AMPARE!
MARÉ ALTA E VENTO FAVORÁVEL, SENHOR CAPITÃO-MOR!
MANDAI LEVANTAR FERRO, MESTRE GOMES! E FAZEI TROAR AS BOMBARDAS EM SAUDAÇÃO A EL-REI! ESTAMOS DE PARTIDA, COM A GRAÇA DE DEUS!
22

APROVEITANDO A BRISA, QUE SOPRAVA FRESCA, A ARMADA, SOB O COMANDO DO HOMEM DE BELMONTE, LARGAVA DO TEJO.

EM PLENO ATLANTICO, 14 DE ABRIL DE 1500...

CAPITÃO NICOLAU COELHO, CONVOQUEI-VOS PARA VOS DAR CONTA DE UMA DECISÃO QUE HÁ MUITO TOMEI. QUANDO CHEGARMOS A SÃO NICOLAU, EM CABO VERDE, VOU PRECISAR E MUITO DA VOSSA AJUDA E BOM CONSELHO...

SEJAMOS CLAROS, SENHOR CAPITÃO-MOR. D. VASCO DA GAMA FALOU-ME DE VOSSAS INTENÇÕES E ORDENOU-ME DE NISSO VOS PRESTAR O MEU MELHOR APOIO. ASSIM O FAREI, O MELHOR QUE PUDER.

TENDES AINDA NOÇÃO DA DISTÂNCIA PERCORRIDA PELAS NAUS ATÉ AO AVISTAMENTO DOS SINAIS DE QUE ME FALOU VASCO DA GAMA?

É DIFÍCIL CALCULAR, POIS O VENTO SOPRAVA RIJO, MAS JULGO QUE FORAM UNS DEZ DIAS APÓS DEIXARMOS BEZEGUICHE.

NÃO PUDERAM, POR ISSO, FAZER MEDIÇÕES SEGURAS COM OS ASTROLÁBIOS, CAPITÃO COELHO?

ASSIM FOI. SEM CONVÉS ESTÁVEL, COMO SABEIS, NÃO É POSSÍVEL MEDIR A ALTURA DO SOL, COM A AGRAVANTE AINDA DE HAVER, ENTÃO, UM CÉU MUITO NUBLADO.

23

Jornal do

EXÉRCITO

10 DE JUNHO
Dia de Portugal em Lamego

€2,00 (IVA incluído) – Ano LVI – JE n.º 649 – junho / julho de 2015

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

santandertotta.pt

Informe-se já.

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Coronel de Infantaria José Custódio **Madaleno Geraldo**, Diretor do *Jornal do Exército*

Passaram setenta e cinco anos, no passado 23 de junho, sobre a inauguração da Exposição do Mundo Português. Sugere-se o visionamento, no *YouTube*, de uma cópia rara, acerca do documentário realizado por António Lopes Ribeiro, sobre aquela exposição que decorreu na zona de Belém, em Lisboa, de 23 de junho a 2 de dezembro de 1940. O objetivo principal deste acontecimento foi comemorar a Fundação do Estado Português [1140] e a Restauração da Independência [1640]. Teve como comissário geral o Dr. Augusto de Castro, como comissário adjunto o Engº Sá e Melo e arquiteto chefe o Arquiteto Cotinelli Telmo. Entre o Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém, junto à praia do Restelo, donde partiu a armada de Vasco da Gama, durante mais de um ano, milhares de operários, técnicos e artistas portugueses "demolindo o feio para construir o belo, arrasaram o inútil para pôr em seu lugar uma verdadeira síntese de Portugal do passado e do presente, ergueram tenazmente, amorosamente e prodigiosamente este monumento das nossas virtudes e do nosso préstimo que foi a Exposição do Mundo Português." Inaugurada pelo então Presidente da República, General Carmona, acompanhado pelo Presidente do Conselho de Ministros, Professor Oliveira Salazar, e pelo Ministro das Obras Públicas, Engº Duarte Pacheco. Os antigos terrenos estavam transformados na Praça do Império, com a sua fonte luminosa envolvida pelo belo jardim. À volta erguiam-se pavilhões onde a beleza, a simplicidade e a sabedoria se conjugavam. Dizia António Lopes Ribeiro, de forma poética, "que todas as obras de arte que se ergueram não eram feitas unicamente de matéria, também eram feitas de espírito e tinham uma alma... a própria História de Portugal", ali contada através de documentos, alegorias e símbolos. Uma das obras com maior grandiosidade era o monumento dedicado ao Infante D. Henrique, hoje conhecido por Monumento das Descobertas. No início da grande exposição, lembrava uma das legendas que *Portugal Deu Novos Mundos ao Mundo*! E depois de percorridos oito séculos de História, a finalizar estavam as estátuas e os lemas dos chefes, em 1940, dos quais destacamos o do General Carmona: "Soldado fui sempre escravo do dever e da honra".

Vem este texto evocativo, a propósito da comemoração do dia de Portugal, que se comemora desde 1924 no dia 10 de junho.

Este dia era conhecido até ao 25 de abril de 1974, como Dia de Camões, de Portugal e da Raça. A partir de 1978 passou a designar-se Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Todos os anos o Presidente da República escolhe uma cidade para celebrar este Dia, onde o ponto alto é a Cerimónia Militar. Este ano foi Lamego a cidade anfitriã para estas patrióticas atividades. Carregada de simbolismo histórico, incorporada no traçado original do Condado Portucalense e profundamente ligada à nossa espiritualidade, Lamego continua a ser uma cidade intemporal, sempre ligada ao meio castrense. No seu discurso o Presidente da República, Professor Aníbal Cavaco Silva, também Comandante Supremo das Forças Armadas, referiu que: "A Instituição Militar, hoje como no passado, continua a ser um dos pilares estruturantes e inalienáveis do Estado". E acrescentou "Por isso, quis, desde o início do meu mandato, associar às celebrações do Dia de Portugal as nossas Forças Armadas".

Aqui fica o desafio a todos os Portugueses, herdeiros de uma História ímpar, seja qual for a condição e o lugar onde se encontrem, para que, com o seu valioso contributo, todos os dias se cumpra Portugal!

Monumentos aos Combatentes da Grande Guerra – Lamego

Texto : Tenente RC Eder Sousa

A cidade histórica e monumental de Lamego, no Distrito de Viseu, possui uma grande quantidade de monumentos, igrejas e casas brasonadas, sendo também uma antiquíssima diocese portuguesa. As suas origens remontam ao tempo dos romanos, tendo sido reconquistada definitivamente em 1057, por Fernando Magno de Leão aos mouros. A história vive-se e sente-se nas suas ruas, que outrora foram um polo de atração para múltiplas gentes que animavam o comércio, chegando mesmo a receber comerciantes e feirantes Ciganos de Córdova.

No topo do monte mais alto da cidade encontra-se o imponente Castelo de Lamego, de arquitetura militar, românica e gótica, no qual se destaca a torre de menagem com planta quadrada e porta elevada a dois metros do solo. Unido à torre por dois lados, surge um resistente muro de pedra sem ameias, com mais ou menos dois metros de espessura e forma de polígono hexagonal irregular, formando assim a praça de armas.

A cidadela na idade média tinha duas entradas apenas, a "Porta do Sol" na parte sul e a "Porta da Vila" a norte. Hoje existe ainda grande parte da muralha, apesar de um pouco escondida devido ao aglomerado de casas que ao longo dos tempos foram crescendo ao seu redor. Ainda dentro do perímetro muralhado merece referência a grande cisterna localizada junto a um dos troços, com vinte metros de comprimento por dez de largura, abobadada e suportada por quatro arcos apontados, cujo acesso é feito por porta lateral com escadaria e ligação à muralha. Como curiosidade, convém referir que se trata de uma das cisternas do género mais bem conservadas de Portugal.

Entre as Avenidas Dr. Alfredo Sousa e Visconde Guedes Teixeira encontramos finalmente o Monumento aos Combatentes da Grande Guerra de Lamego, a Estátua do Soldado Desconhecido, projetada pelo escultor Júlio Vaz Júnior e pelo arquiteto Álvaro Machado, inaugurada em 5 de setembro de 1932. Na mesma pode ler-se: "Aos mortos da Grande Guerra. Datas gloriosas".

Posteriormente foram colocadas duas lápides: uma em 1954, em homenagem aos mortos de Dadrá (Índia – Ultramar) e outra, colocada pelos combatentes da Grande Guerra, em homenagem aos mortos daquele conflito.

Outra lápide, em mármore branco, refere as altas condecorações que o Regimento de Infantaria Nº9 de Lamego recebeu, pela bravura demonstrada em França durante a Grande Guerra (1914/18), especialmente na batalha de Neuve Chapelle. Para além da figura do soldado desconhecido, destaca-se sobretudo as enormes proporções do monumento.

Sumário .05

10 de Junho
Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas

Artigo do Ten RC Eder Sousa
Página 16

Artillery Days 2015
Jornadas da Arma de Artilharia

Artigo do Maj Art Nuno Miguel B. Folgado
Página 20

Orion15
2º BIMec (Rodas)/RI 14 na NATO Response Force 2016

Artigo do Maj Inf João Pais
Página 24

SUPLEMENTO

Banda Desenhada:
"Pedro Álvares Cabral e o Brasil - Da Serra da Estrela à Costa do Descobrimento"
de José Pires

Páginas XXV a XXVIII

EDITORIAL **03**

MONUMENTOS COM HISTÓRIA MILITAR **04**

ATUALIDADES

Destaque do mês **06**
Figuras & Factos **07**
...mais de mil palavras **08**

ARTIGOS

Centauro 15 **32**
1º BIPara na KFOR **34**
De Tully **36**
A Cavalo da Tática **40**

CULTURA, DESPORTO E LAZER

Notícia e Filme **44**
Livros **45**
Desporto **46**

Capa: 10 DE JUNHO
Dia de Portugal em Lamego
Foto: CAVE

Jornal do Exército ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Direção, Redação e Administração: Rua Marquês da Fronteira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700 Militar: 414 085, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, *E-mail*: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, *E-mail – Intranet*: *Jornal do Exército*, *Home page*: www.exercito.pt **DIREÇÃO – Diretor**: Cor Inf José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor**: TCor Cav António N. Marcos Andrade; **Secretária**: Ass. Téc. Joana Moita; **REDAÇÃO – Chefe**: TCor Cav António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação**: 1Sarg Art Anjos Das Neves; **Redator** Ten RC Eder Sousa; **Operadoras Informáticas**: Ass. Téc. Elisa Pio, Ass. Téc. Guiomar Brito; Ass. Téc. Tânia Espírito Santo; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS – Auxiliares**: SCh SGE "Cmd" António Belém, SAj SGE Luís Silva; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** – Lusa – Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **EXECUÇÃO GRÁFICA** – MX3 – Artes Gráficas, Lda – Parque Industrial Alto da Bela Vista – Pavilhão 50 – Sulim Park – 2735-340 CACÉM, Tel: 219 171 088/89/90, *E-mail*: clientes@hmx3ag.com. Tiragem – 6.000 exemplares; Depósito Legal – nº 1465/82 ISSN – 0871/8598.

Visita do General CEME à República de Angola

Decorreu no período de 2 a 8 de maio, a visita oficial do Chefe do Estado-Maior do Exército, General Hernandez Jerónimo, à República de Angola, a convite do seu homólogo, General Lúcio Gonçalves do Amaral.

Durante a visita o General Hernandez Jerónimo visitou diversas unidades militares, o que permitiu obter uma visão abrangente do Exército Angolano, bem como verificar o estado dos Projectos de Cooperação Técnico-Militar desenvolvidos pelo Exército Português e que se desenrolam naquele país, ao abrigo do Programa-Quadro da Cooperação Técnico-Militar Luso-Angolana 2015-2017, e aquilatar as possibilidades do seu aprofundamento, reforçando as já excelentes relações de amizade e de cooperação existentes entre o Exército Português e o Exército Angolano.

Do programa constou, na manhã do dia 3 de maio, uma visita ao Museu Nacional de História Militar situado na Fortaleza de Luanda. Na manhã do dia seguinte, uma visita ao Comando do Exército e ao Comando da Região Militar de Luanda; da parte da tarde, um encontro com o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas Angolanas, General de Exército Sachipengo Nunda, a que se seguiu uma visita à Escola Superior de Guerra.

No dia 5, foi efectuada uma visita à Brigada de Forças Especiais, em Cabo Ledo, onde se assistiu, no âmbito das comemorações do "Dia dos Comandos", à cerimónia de encerramento do Curso de Comandos e Curso de Operações Especiais, tendo-se visitado a Academia Militar do Exército no Lobito no dia 6 e, no dia 7, a 101ª Brigada de Tanques, na região da Funda, bem como a 70ª Brigada de Infantaria Motorizada, em Vale Paraíso, onde se situa o Centro de Formação de Forças de Operações de Apoio à Paz.

Para além destas visitas, o Chefe do Estado-Maior do Exército foi ainda recebido pelo Embaixador de Portugal em Angola e contactou com todos os militares do Exército que se encontram naquele país a desempenhar missões no âmbito da Cooperação Técnico-Militar.

Assinatura de Protocolo entre Exército e Instituto da Conservação da Natureza e Florestas

No passado dia 22 de maio, na Mata Nacional das Dunas de Vagos, onde o Regimento de Engenharia Nº 3 procede atualmente à execução de trabalhos no âmbito do plano FAUNOS 2015, foi celebrado o correspondente protocolo anual de colaboração entre o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF) e o Exército Português.

O documento foi assinado pela Presidente do ICNF, Engª Paula Sarmento e pelo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Faria de Menezes, na presença do Ministro da Defesa Nacional, Dr. Aguiar-Branco, da Ministra da Agricultura e do Mar, Dr.ª Assunção Cristas e do CEME, General Hernandez Jerónimo.

Exército Português assume presidência da Finabel

O Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Hernandez Jerónimo, esteve presente na reunião do Comité de Chefes de Estado-Maior (CEM) da Finabel (Organização de Forças Terrestres formada por 17 membros da União Europeia, com vista a promover a interoperabilidade militar) que decorreu em Trencin, na Eslováquia, no período de 20 a 21 de abril.

Nesta ocasião decorreram também a 2ª reunião do Comité de Peritos Militares Principais (PMP) e uma Conferência de Alto Nível desta organização. Estes eventos contaram com a presença dos 17 países-membros da Finabel. A delegação portuguesa contou com a presença, para além do General CEME, do Diretor de Doutrina e PMP para a FINABEL, Major-General Dias Coimbra, acompanhados por 3 oficiais superiores.

Nestas reuniões, para além dos contactos formais e informais entre os CEM dos países-membros, foram avaliados os resultados da atividade desenvolvida pela Finabel no último ano, e foi aprovada para 2015 e 2016 a manutenção do tema genérico para debate e estudo, em vigor: *The future role of Land Forces.*

No final da reunião CEM de 2015, e após a cerimónia formal de adesão de dois novos membros, a Suécia e a Hungria, procedeu-se à cerimónia oficial de transferência da Presidência da Finabel da Eslováquia para Portugal, que exercerá a função de *chairman* até abril de 2016.

O General CEME usou da palavra na qualidade de *chairman* do Comité de Chefes de Estado-Maior dos Exércitos da Finabel, deu as boas vindas aos novos membros e referiu a sua intenção de prosseguir com o esforço de alargamento da Finabel a outros países da União Europeia.

Já na vigência da presidência nacional as reuniões do Comité de CEM e a 2ª Reunião do Comité PMP irão realizar-se no mês de abril de 2016, em Lisboa.

08. ... mais de mil palavras

Tranposição Curso de Água

Viaturas PANDUR 8X8 de um Batalhão da Brigada de Intervenção atravessam um curso de água para continuarem o seu movimento em direção ao objetivo.

Na foto, a ação dos sapadores pontoneiros do Pelotão de Apoios Flutuantes da Companhia de Pontes, asseguram a operação de travessia, utilizando os trens de navegação – "jangadas" – da Ponte Flutuante Ribbon, as quais foram manobradas cada uma, por dois por barcos Schottel.

(Foto: site www.operacional.pt)

Comemorações do 179º Aniversário do Comando da Zona Militar da Madeira

No âmbito das Comemorações do seu 179.º Aniversário, o Comando da Zona Militar da Madeira (ZMM) comemorou o seu dia festivo em 12 de maio. Para assinalar a efeméride, o Comando da ZMM promoveu um conjunto de ações de natureza militar, desportiva, cultural e recreativa, entre as quais se destacam: inauguração da exposição fotográfica "1ª Guerra Mundial 100 Anos - Algumas Memórias", no Centro Comercial Dolce Vita Funchal; a realização da conferência subordinada ao tema "Ninguém é uma ilha - Novíssimos desafios de segurança para as regiões insulares. O caso da Madeira e mais além", proferida pelo Dr. Nuno Rogeiro, que teve lugar no Pestana Casino Park Hotel; um Concerto da Banda Militar da Madeira, no Teatro Municipal Baltazar Dias.

A Cerimónia Militar Comemorativa do Dia da ZMM, que se realizou no dia 12 de maio, na Praça do Povo, foi presidida pelo representante da República para a Região Autónoma da Madeira, onde foi condecorado com a medalha D. Afonso Henriques - Mérito do Exército o Dr. Alberto João Jardim.

No almoço convívio, que teve lugar no terminal de passageiros do Porto do Funchal, perante as mais altas entidades representativas do poder político, legislativo, executivo, judicial e religioso, o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo, sublinhou a excelência visível do relacionamento institucional com o Exército, reconhecendo a sua importância para o cumprimento da sua missão na Região Autónoma da Madeira.

Visita de trabalho do CEME ao Regimento de Manutenção

No dia 19 de maio, o Regimento de Manutenção (RMan) recebeu a visita do Chefe do Estado-Maior do Exército, General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo.

Após a apresentação de cumprimentos na Sala de Honra, junto de uma representação de Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis, o Comandante, Cor Eng Mat João Paulo Barreiros Pereira da Silva, apresentou um *briefing* onde explanou a missão do RMan e foram evidenciadas as principais expectativas e preocupações do Comando do Regimento.

Seguiu-se uma visita às instalações, onde se tomou contacto com a vivência diária dos trabalhos desta Unidade de Manutenção e com as variadas valências que a constituem.

A visita terminou com a assinatura do Livro de Honra, onde o General CEME deixou expressa a sua satisfação e reconhecimento pelo trabalho prestado pelo Regimento de Manutenção.

34º Aniversário da ESE e Cerimónia de Juramento de Bandeira do 1º CFO/CEF/CFS 2015

Realizou-se na Escola de Sargentos do Exército, em 5 de junho, a Cerimónia Militar do seu 34º Aniversário e o Juramento de Bandeira do 1º Curso de Formação de Oficiais, 1º Curso Especial de Formação de Oficiais e 1º Curso de Formação de Sargentos em Regime de Voluntariado e de Contrato de 2015.

Esta Cerimónia foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Hernandez Jerónimo e contou com a presença das mais altas entidades militares e civis, locais e regionais, bem como com uma respeitosa moldura humana constituída pelos familiares e amigos dos militares que prestaram o ato solene de ratificação do Juramento de Bandeira. Destacam-se os principais momentos do programa: Guarda de Honra ao General Chefe do Estado-Maior do Exército; Cerimónia de Homenagem aos Mortos pela Pátria; apresentação das Forças em Parada ao General Chefe do Estado-Maior do Exército; integração do Estandarte Nacional na Formatura Geral; alocução pelo Comandante da Escola de Sargentos do Exército; alocução do General CEME; imposição de Condecorações a Militares; alocução alusiva ao Juramento de Bandeira, pelo Comandante do Corpo de Alunos; leitura dos Deveres Militares, pelo Chefe da Secretaria de Comando; Acto Solene do Juramento de Bandeira; desfile das Forças em Parada perante o Estandarte Nacional.

Reunião do Grupo de Sincronização Nº1 e Nº2 da GPEX

No âmbito da Gestão de Projetos do Exército (GPEX), decorreu em 13 de maio mais uma reunião do Grupo de Sincronização Nº 1, presidida pelo VCEME, Tenente-General Pereira Agostinho. Esta reunião teve como objetivo fazer um ponto de situação da Gestão de Projetos no Exército, bem como divulgar orientações que visem ultrapassar algumas das dificuldades que tem sido sentidas, aproveitando para divulgar algumas ações futuras. Esta reunião contou com a participação dos Chefes de Estado-Maior dos Órgãos Centrais de Administração e Direção (OCAD) e do Comando das Forças Terrestres, assim como dos Chefes de Divisão do Estado-Maior do Exército e dos Gestores de Projetos nomeados.

No período da tarde, decorreu a reunião do Grupo de Sincronização nº 2, presidida pelo Diretor Coordenador do Estado-Maior do Exército, Major-General Rebelo Teixeira, com vista a divulgar orientações que visem o carregamento da plataforma Ms-EPM e apresentar os prazos de entrega de alguns produtos.

206º Aniversário da Batalha de Grijó e o 209º aniversário do RI3

Comemorou-se em 11 de maio o 206º aniversário da Batalha de Grijó e o 209º aniversário do Regimento de Infantaria Nº3 (RI3). A comemoração da efeméride teve início com uma eucaristia em ação de graças pelos que presentemente servem o Regimento e em sufrágio daqueles (militares e civis) que já não estão entre nós.

Como ponto alto das comemorações realizou-se uma sessão Solene presidida pelo Comandante da Brigada de Reação Rápida, Major-General Carlos Alberto Grincho Cardoso Perestrelo, que decorreu no vetusto edifício da Pousada de São Francisco, ainda hoje denominado, por "Quartel Velho". Contou com a presença de 170 convidados, dos quais se destacam 25 alunos e um professor de uma turma do 11º ano de Humanidades do Agrupamento de Escolas Nº2 de Beja e dos Presidentes de Câmara do Baixo Alentejo ou seus representantes.

O Comandante do RI3, Coronel de Infantaria Carlos Fernando Nunes Faria, destacou na sua alocução os laços históricos que unem o Regimento às instalações do convento de São Francisco, atual Pousada e à cidade de Beja. Na oportunidade agradeceu às Pousadas de Portugal todo o apoio dado ao Regimento, ao disponibilizarem as majestosas instalações da Pousada.

De regresso ao RI3, procedeu-se à cerimónia de Homenagem aos Mortos em Combate, com a presença de todos, incluindo o contingente de Soldados-recrutas incorporados neste dia festivo. As comemorações encerraram com um almoço de confraternização no Rancho Geral.

Comemoração do Dia de Portugal no Quartel-General do NATO Rapid Deployable Corps Spain (HQ NRDC-ESP)

Comemorou-se no Quartel-General do NATO Rapid Deployable Corps Spain (HQ NRDC-ESP) o Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. A cerimónia militar, que se realizou no passado dia 8 de junho, foi presidida pelo Tenente-General Rafael Comas Abad, comandante do Quartel-General (QG), contando com a presença de todos os militares que nele servem. A cerimónia teve início com a condecoração do Brigada (equivalente a Sargento-Chefe) do exército espanhol Manuel Bueno, com a Medalha da Cruz de São Jorge, de 4.ª classe, atribuída pelo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas Portuguesas, pelos seus serviços enquanto adjunto dos cinco oficiais portugueses que, desde 2002, vêm desempenhando as funções de *Intel Targeting Chief*. De seguida foi efetuada uma breve alocução alusiva à efeméride, pelo Tenente-Coronel Marques Avelar, um dos quatro oficiais portugueses que prestam serviço no HQ NRDC-ESP. A cerimónia continuou com o arriar das bandeiras dos países representados no QG ao som do Hino da OTAN, sendo em seguida hasteadas de novo ao som do Hino Nacional Português. Uma homenagem aos combatentes mortos ao serviço da OTAN encerrou a cerimónia militar.

A este ato solene seguiu-se uma receção oferecida pelo contingente português a cerca de cem convidados, na qual estiveram presentes algumas personalidades da região de Valência, onde está sediado o HQ NRDC-ESP, para além de militares de todos os nove países representados no QG. Os presentes puderam assim saborear a boa gastronomia portuguesa, muito contribuindo para o sucesso da receção o inexcedível apoio dos patrocinadores portugueses do evento, cujos produtos foram muito apreciados. Com efeito, os excelentes vinhos da Casa Ermelinda Freitas, o sabor inconfundível da cerveja Super Bock, da UNICER, e os aromas multifacetados dos Cafés DELTA, constituíram uma mostra muito representativa das coisas boas que a este nível Portugal tem para oferecer.

Regimento de Artilharia Antiaérea Nº1 participou na Qualific@ 2015

De 9 a 12 de abril, o Regimento de Artilharia Antiaérea Nº1 (RAAA1) participou na Feira "Qualifica@- Feira de Educação, Formação, Juventude e Emprego", que se realizou na EXPONOR, Feira Internacional do Porto.

O RAAA1 empenhou na feira o Simulador do Sistema Míssil Portátil STINGER (*Tracking Head Trainer* (THT) *Field Handling Trainer* (FHT)), o Radar de Aquisição de Alvos PSTAR (*Portable Search and Targeting Acquision Radar*) e duas viaturas ligeiras.

Os dois Sargentos e as duas Praças, que guarneceram os equipamentos, prestaram todos os esclarecimentos às dúvidas colocadas pelos visitantes que acorreram em elevado número ao certame.

Cerimónia evocativa do Centenário do Ataque à Escola de Guerra (1915)

No dia 15 de maio, teve lugar na Academia Militar, em Lisboa, uma cerimónia evocativa do centenário do ataque à Escola de Guerra. Presidiu à cerimónia o Tenente-General Oliveira Cardoso, Presidente da Comissão Coordenadora da Evocação da Grande Guerra, acompanhado do Major-General João Vieira Borges, 2º Comandante e Diretor de Ensino da Academia Militar, e de ilustres convidados, casos do Tenente-General Paiva Monteiro, do Major-General João Carvalho, do Major-General Rui Moura, do Superintendente Pedro Clemente e de alunos da Escola Naval, da Academia da Força Aérea e do ISCPSI (Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna).

Foi colocada uma coroa de flores junto da placa em memória dos trágicos acontecimentos de 15 de maio de 1915, a que se seguiu a homenagem aos mortos (Tenente Ernesto Gomes da Silva Júnior e Aluno José Fernandes de Oliveira – barbaramente assassinados por civis armados, quando presos e escoltados em direção ao Arsenal) com uma oração de sufrágio por parte do capelão António Teixeira.

Seguiu-se uma breve alocução de homenagem ao Tenente Gomes da Silva e ao Aluno Fernandes de Oliveira por parte do Coronel Lemos Pires, Comandante do Corpo de Alunos, e depois o descerrar da placa alusiva à cerimónia (junto da placa de homenagem ao Capitão Simões de Sousa, comandante do Corpo de Alunos na altura do assalto à Escola de Guerra).

De seguida desfilou o Corpo de Alunos e teve lugar uma visita à exposição sobre a Escola de Guerra e a Grande Guerra, antes do almoço convívio.

O dia da merecida homenagem terminou com duas conferências sobre o Assalto à Escola de Guerra em 14 e 15 de maio de 1915, proferidas pelo Professor Doutor António Telo e pelo Major-General João Vieira Borges.

É de acrescentar ainda que no dia 19 de maio, na Sala do Arquivo dos Paços do Concelho da Câmara Municipal de Lisboa, teve lugar o colóquio sobre o Centenário da Revolta de 14 de maio de 1915.

Apoio à Peregrinação Civil a Fátima

A Brigada de Reação Rápida, através do Regimento de Artilharia Nº 4 (RA4), no âmbito da Peregrinação Civil a Fátima, apoiou a Ordem de Malta e a Conferência de S. Vicente de Paulo, no período de 8 a 12 de maio. A atividade visou garantir apoio, incluindo acolhimento, aos peregrinos que se deslocaram a Fátima a pé.

Este apoio teve início a 8 de maio com a montagem e colocação de vários equipamentos, nomeadamente de viaturas, tendas, colchões, cobertores, geradores e atrelados de água na zona de Condeixa, Coimbra, Barracão e Leiria, tendo perdurado até 12 maio, com a desmontagem e regresso de toda a logística.

À Conferência de S. Vicente de Paulo de Porto de Mós foram cedidos colchões e cobertores para a mesma finalidade.

Procissão de Nossa Senhora da Saúde

No dia 10 de maio, a mítica Mouraria, em Lisboa, vestiu-se de gala para ver desfilar a Procissão de Nossa Senhora da Saúde, em mais uma iniciativa da sua Real Irmandade.

Seguindo um formato habitual, as festividades em honra de Nossa Senhora da Saúde desenrolaram-se durante uma semana, tendo integrado diversas iniciativas. O momento alto das celebrações, a procissão de Nossa Senhora da Saúde, realizou-se na tarde de domingo, tendo tido início, pelas 16h00, com a saída da Imagem do Largo da Senhora da Saúde, onde se encontra a capela. A abrir o cortejo esteve, como habitualmente, a charanga da Guarda Nacional Republicana, transportando a estátua equestre de S. Jorge, a partir do Castelo. Integravam-no, para além da imagem de Nossa Senhora, cujo andor foi transportado por elementos da Real Irmandade, os andores de Santa Ana, transportado por elementos da Polícia de Segurança Pública, Santo António, levado por elementos da Polícia Municipal, Santa Bárbara e S. Sebastião, transportados por militares do Exército. A fechar o cortejo seguia o pálio, onde se encontrava o Bispo castrense transportando a cruz de Cristo, capelães militares e outros elementos do clero, a que se seguiram altas entidades civis, como a Dra. Maria Cavaco Silva, um representante do Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, diversos vereadores da Câmara e outros funcionários, e elementos da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior. Integraram também o cortejo, marcando o ritmo com belos trechos musicais, as bandas dos Ramos das Forças Armadas e de Segurança.

No final, o Bispo das Forças Armadas e de Segurança deu a bênção à cidade de Lisboa e a todo o País, com o Santo Lenho, após o que a banda da GNR tocou, como habitualmente, o Hino de Nossa Senhora da Saúde e o Hino Nacional, entoado, de viva voz, pelos milhares de pessoas presentes frente à capelinha da Senhora da Saúde.

Montagem de Ponte Militar na Fabrica Mabor

O Exército, através do Regimento de Engenharia Nº1 (RE1), apoiou a empresa Continental Pneus SA (que engloba a Fabrica Mabor), com a montagem, em Lousada, de uma Ponte Militar Treadway, com um vão de 15,20m e capacidade de 8 toneladas.

A montagem, com a finalidade de permitir a passagem de equipamentos e viaturas entre dois pavilhões logísticos, inserida no âmbito do projeto de expansão da empresa, foi realizada pela Companhia de Pontes do Regimento em 13 e 14 de abril e estima-se que o apoio se mantenha durante um período de cerca de três meses.

Para o efeito, foi empenhado um efetivo constituído por um Oficial, dois Sargentos e seis Praças, bem como duas viaturas táticas ligeiras e uma plataforma.

Rohde & Schwarz - na vanguarda da tecnologia

Temos as melhores soluções para si.

Com base em décadas de experiência e uma completa gama de produtos nas áreas de broadcasting, teste e medida, radiocomunicações, radiomonitorização, radiolocalização e segurança IT a Rohde & Schwarz proporciona aos seus clientes um apoio total desde a fase de planeamento do projecto até à entrega de sistemas chave em mão. O nome Rohde & Schwarz é sinónimo de um serviço e suporte completo e competente representado em mais de 70 países.

www.rohde-schwarz.pt

ROHDE&SCHWARZ

10 de Junho

Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas

Texto : Ten RC Eder Sousa
Fotografia : CAVE

O Presidente da República (PR), Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva, presidiu, em Lamego, à Cerimónia Militar comemorativa do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, na qual participaram unidades representativas dos três Ramos das Forças Armadas.

Na sua intervenção o PR focou toda a sua atenção nos militares, referindo que "A História de Portugal, sendo obra coletiva dos Portugueses, tem o traço e a marca dos seus soldados. Sempre presentes na primeira linha da afirmação e preservação da independência nacional, num esforço ininterrupto de valor e bravura, tornaram indissociável o percurso das Forças Armadas dos caminhos da Nação. Por isso, quis, desde o início do meu mandato, associar às celebrações do Dia de Portugal as nossas Forças Armadas". Na presença de antigos combatentes que se encontravam num lugar de destaque na cerimónia, o Presidente frisou que "pretendemos, com este gesto, homenagear os nossos melhores. Distinguir aqueles que, sacrificando o melhor das suas vidas, deram tudo quando a Pátria deles precisou. Portugal tem para com os seus combatentes uma dívida que não pode ser esquecida. A nossa homenagem é

também àqueles que deram a vida pela Pátria".

A escolha da cidade de Lamego para receber as comemorações do Dia de Portugal também esteve relacionada com o longo e profundo relacionamento com os militares "cuja história se confunde com a dos soldados que, desde 1839, aqui têm uma presença continuada, criando uma singular afinidade da Instituição Militar com a população e as autoridades locais". O Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva frisou perentoriamente: "A Instituição Militar, hoje como no passado, continua a ser um dos pilares estruturantes e inalienáveis do Estado. Para além da sua missão primária, as Forças Armadas contribuem para a salvaguarda do território e dos recursos do País, para criar as condições de estabilidade indispensáveis ao desenvolvimento nacional e para o apoio às populações, rentabilizando capacidades e recursos humanos altamente especializados. Contudo, deve sublinhar-se que as Forças Armadas existem para combater e para aplicar a força militar, na defesa de Portugal e dos Portugueses, garantindo-lhes a paz e a livre escolha do seu futuro. Esta é a sua razão de ser, a sua missão primária, e aquilo que as distingue dos outros corpos do Estado. É por isso que a organização militar está associada a conceitos de comando e de hierarquia, de disciplina e de coesão, de autoridade e de responsabilidade, de espírito de corpo e de camaradagem, e assenta em códigos de conduta e no culto de valores. Uma organização desta natureza

tem que possuir, em permanência, um conjunto de capacidades que lhe assegure a prontidão e o nível de resposta adequado para o cumprimento das suas missões. Deste modo, será mais percetível o sentido da sua utilidade e melhor compreendidos os recursos que o Estado põe à sua disposição".

O PR concluiu a sua alocução frisando que "como Comandante Supremo das Forças Armadas, quero manifestar, perante os Portugueses e a mais alta hierarquia do Estado, o meu respeito e profundo reconhecimento aos nossos militares, pelo seu elevado sentido de serviço à comunidade e pelo que, em situações extremas e em conjunturas difíceis, têm demonstrado: um desempenho excecional, um comportamento exemplar, uma determinação férrea. Convosco passaremos mais esta encruzilhada da nossa História. Convosco continuaremos a construir o nosso destino comum. O destino de ser Portugal".

O Largo da Feira da cidade de Lamego foi o local escolhido para a parada militar, na qual participaram, tal como referido no início do artigo, unidades representativas dos três Ramos das Forças Armadas. No desfile incluído na cerimónia integraram militares da Brigada de Reação Rápida, Fuzileiros do Batalhão Ligeiro de Desembarque e a Unidade de Proteção da Força, tendo sido feitos sobrevoos por aeronaves da Força Aérea e saltos de Paraquedistas. Antigos combatentes das Forças Armadas integraram também o desfile apeado.

Após a cerimónia militar, o Presidente da República procedeu ainda à imposição de condecorações a um conjunto de personalidades na Sessão Solene Comemorativa do Dia de Portugal, que se realizou no Centro Multiusos de Lamego. Antes, usara da palavra a Presidente da Comissão Organizadora das Comemorações, Professora Doutora Elvira Fortunato. Após a cerimónia, o Presidente da Câmara Municipal de Lamego, Eng. Francisco Lopes, ofereceu um almoço por ocasião do Dia de Portugal, na Quinta da Pacheca.

Atividades Militares Complementares

No âmbito das comemorações do Dia de Portugal o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Artur Pina Monteiro, inaugurou no dia 5 de junho uma exposição de Atividades Militares Complementares na Avenida Dr. Alfre-

do Sousa, Lamego. O espaço de exposição, que ficou aberto à população até ao dia 10 de junho, era constituído por 45 estações, que apresentavam diversos meios, capacidades e valências da Marinha, do Exército e da Força Aérea.

Para além das demonstrações gímnicas do Colégio Militar e dos Pupilos do Exército, destacaram-se ainda outras Atividades Militares Complementares, como as demonstrações de "Inativação de Engenhos Explosivos", de "Cães de Guerra" e a exposição estática de materiais e equipamentos do Exército.

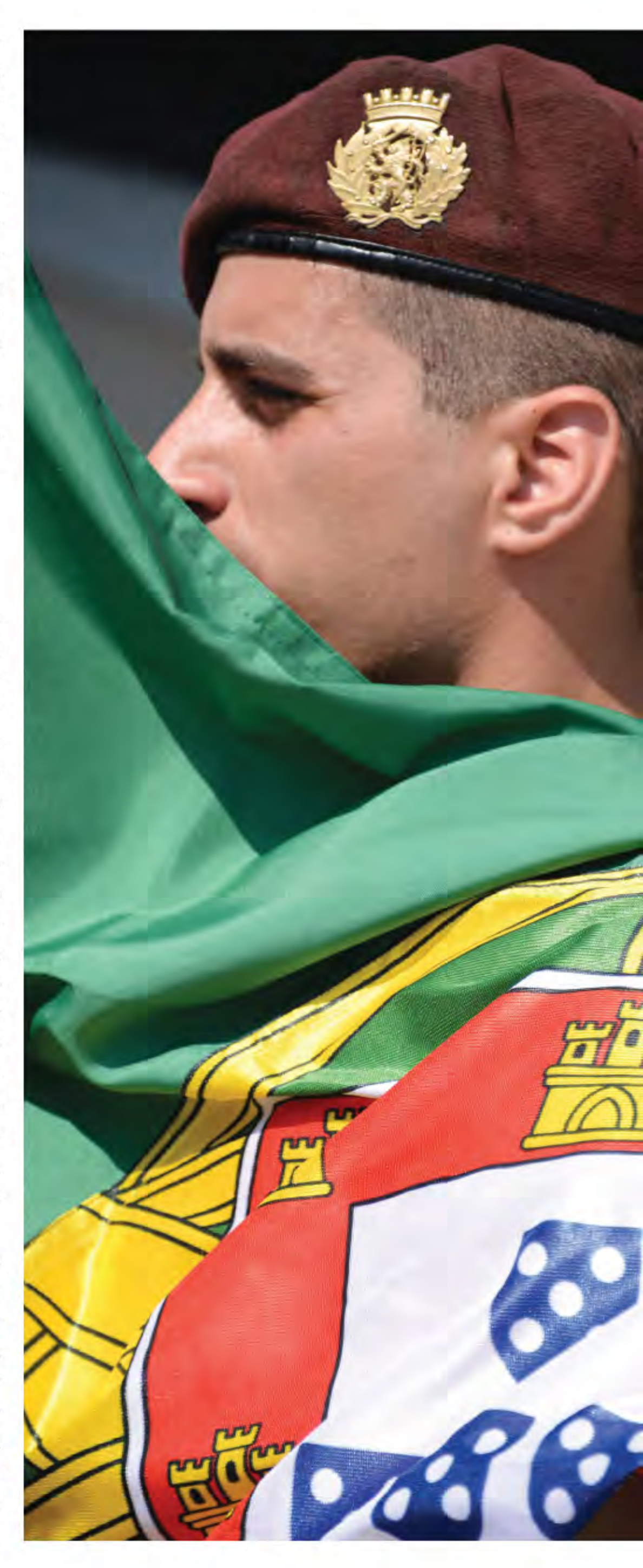
No âmbito cultural o programa incluiu ainda concertos da Orquestra Ligeira do Exército, Banda da Armada, Banda do Exército e da Banda da Força Aérea.

Homenagem aos Combatentes em Belém

A Comissão Executiva para a Homenagem Nacional aos Combatentes 2015 promoveu no dia 10 de junho, junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, em Belém, Lisboa, o seu XXII Encontro Nacional. As cerimónias tiveram como objetivo comemorar o Dia de Portugal e prestar homenagem a todos aqueles que tombaram em defesa dos valores e da perenidade da Nação Portuguesa.

O programa teve início com uma celebração eucarística na Igreja de Santa Maria (Jerónimos), à qual se seguiu uma cerimónia inter-religiosa (católica e muçulmana). Decorreu ainda a homenagem às Enfermeiras Paraquedistas, os discursos do Professor Doutor Nuno Garoupa (administrador da Fundação Francisco Manuel dos Santos) e do Presidente da Comissão Executiva, Tenente-General Leonel Carvalho, a homenagem aos mortos e deposição de flores, o Hino Nacional (salva por navio da Marinha), passagem de aeronaves da Força Aérea, passagem final pelas lápides e lançamento de Paraquedistas do Exército.

Do programa atrás descrito, o destaque vai para a homenagem às Enfermeiras Paraquedistas da Força Aérea Portuguesa, elementos que nasceram para a Guerra do Ultramar e nela prestaram relevantes serviços, bem assim como mais tarde em diferentes ocasiões, em território nacional e no estrangeiro. O Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Artur Pina Monteiro, louvou estas militares que tantas vezes arriscaram a sua vida para salvar a dos outros.



20.

Realizou-se de 20 a 24 de abril de 2015 o "Artillery Days 2015" (Jornadas da Arma de Artilharia) na localidade de Draguignan (França), patrocinada pela empresa Nexter. Este evento teve como finalidade a apresentação de sistemas, munições e equipamentos de última geração de defesa, todos eles fabricados pela Nexter, bem como a troca de experiência operacional de países que possuem alguns destes materiais.

Os trabalhos iniciaram-se mediante um seminário realizado na Escola de Artilharia durante o qual nos foi comunicado que a França está empenhada em reestruturar a sua Artilharia de Campanha, através da diminuição dos efetivos em recursos humanos e materiais, apostando na grande precisão e cadências de tiro dos seus atuais materiais de Artilharia de Campanha, que são os obuses autopropulsionados de rodas 155mm/52cal Caesar, em vez da massa de fogos que só um maior nú-

Artillery Days 2015

Jornadas da Arma de Artilharia

Texto : Maj Art Nuno Miguel Barata Folgado

Fonte : i.ytimg.com

mero de materiais poderia proporcionar, contando com 77 destes obuses ao seu serviço.

No Teatro de Operações do Afeganistão, onde os obuses Caesar foram empregues, concluíram que não era necessário um número elevado destes, para que a Brigada francesa aquartelada em Tagab estivesse apoiada. Com apenas uma Bateria a seis bocas de fogo Caesar, três a norte em Nijrab e três a sul em Gwan, apoiados pelos morteiros 120mm, tinham uma área de cerca de 80km de extensão coberta por fogos de apoio.

O Caesar provou em combate ser um material capaz de atuar em qualquer tipo de terreno, ser taticamente móvel, ser rápido em ação, ter grande cadência de tiro (6 tom – tiro/obus/minuto), ter alcances profundos (mais de 40Km de alcance, dependendo da granada) e podendo ser empregue sob quaisquer condições meteorológicas. É um material muito preciso, que devido à sua peça de 52 calibres tem a dispersão do tiro reduzida com-

parado com uma peça de 39 calibres e necessita de apenas um tiro para regulação, empenhando-se de seguida para eficácia. Se no Afeganistão tiraram proveito dos alcances profundos e precisos destes materiais, no teatro de operações do Mali apostaram na mobilidade estratégica e tática dos Caesar, para ultrapassar os terrenos difíceis deste território e das longas distâncias a percorrer para cumprirem as missões. Estes materiais têm uma velocidade em estrada superior a 80km/h e uma autonomia que ultrapassa os 600km. Neste teatro foi empenhada uma Bateria a quatro bocas de fogo e comprovaram que os Caesar têm uma grande mobilidade, acompanhavam as unidades de Infantaria e Cavalaria, eram robustos e proporcionavam confiança, eram de grande precisão e necessitavam de pouca logística.

A França apresentou igualmente o *Artillery Simulator* (SIMFAC), um simulador para treinar os observadores avançados da Artilharia de Campanha e os controladores avançados aéreos (FAC – *Forward Air Controllers*). Este simulador oferece um treino altamente realista a custo reduzido.

Tendo em consideração o marketing de que são objeto estas iniciativas, foi também considerada a apresentação da Cofras que consiste na componente terrestre que possibilita o acesso como um todo ao "know-how" militar francês das forças terrestres e da *Gendarmerie*. Ou seja, fazendo parte da estrutura do DCI (*Défense Conseil International*), o departamento Cofras é um prestador de serviços que oferece um treino de grande qualidade, sendo responsável por exportar o conhecimento militar francês para aplicação na defesa e na segurança. Este conhecimento é proposto sobre a forma de diversos cursos e podem ser frequentados por todos os parceiros militares de França.[1]

Ocorreu uma demonstração da capacidade de tiro do obus Trajan (155 mm / 52 Cal. Towed Gun), que é um obus novo e especialmente criado para a India pela empresa Nexter, para suportar longas cadências de tiro. A demonstração ocorreu no "Camp Canjuers", um campo de manobras e exercícios militares com 40km de profundidade por 15km de largura.

Foram efetuadas vários "workshop" sobre materiais e tópicos de interesse, nomeadamente:

- O obus autopropulsionado de rodas 155mm/52cal Caesar em que houve a oportunidade da participação dos militares das delegações como serventes da guarnição do obus, podendo ser transportados e comprovar a mobilidade deste obus, assistir à sua capacidade de entrada em posição e ainda de poder efetuar um disparo;

- Diferentes granadas de última geração de Artilharia de Campanha para os materiais de 105mm

Fonte: defence-blog.com

e 155mm, bem como a nova geração de cargas propulsoras modulares para os obuses de 155mm, destacando-se a granada anticarro 155mm Bonus MkII com a sua capacidade de guiamento terminal e precisão de empenhamento sobre blindados;

- Calculador balístico portátil para coordenar o tiro de Artilharia de Campanha, designado de *FCS Bacara*, utilizado ao nível de Comandante de Bateria. Pode também ser usado ao nível do escalão Batalhão para determinar qual das unidades empenhadas deve ser escolhida para cumprir a missão;

- Dois simuladores de treino: o CTS (*Crew Training System*) e o GCS (*Gun Commander Simulator*). O CTS é um simulador para treinar a guarnição de um Caesar, permitindo sequências completas de tiro com granadas inertes, próxima da real, mas sem consumo de munições. O GCS é um simulador virtual para treinar os Comandantes de Pelotão e Secção de um Caesar nos procedimentos de tiro, sendo estes ao mesmo tempo analisados, avaliados e corrigidos. Variados cenários e situações inopinadas são possíveis de introduzir no sistema, como: erros dos serventes a serem corrigidos, má visibilidade, condições atmosféricas adversas, explosões e falhas de tiro, por exemplo;

- Oficina de campanha móvel (*Deployable Workshop*) com todas as valências de manutenção para reparações em teatro de operações. A grande característica desta oficina é que demora menos de 24h a ficar totalmente operacional;

- Características técnicas do obus Trajan (155 mm / 52 Cal. Towed Gun) e do obus 105 LG1 (105mm Light Towed Gun) e demonstração da sua capacidade de tiro.

Após as apresentações, o ponto alto do seminário foi alcançado com um dia inteiramente dedicado a sessões de fogos reais e manobra de materiais de Artilharia de Campanha que teve início com uma sessão de fogos sobre carros de combate com a granada anticarro Bonus MkII. O observatório estava a 1500m da zona de objetivos e os materiais que iam efetuar a demonstração a 11km desta. Foram efetuados seis disparos com dois obuses Caesar e conseguiram visualizar-se cerca de 60% de impactos diretos sobre os carros de combate, comprovando que esta granada é bastante precisa e eficaz.

Seguiu-se uma demonstração de tiro de área e pontual com granadas explosivas com espoletas de percussão e de tempos sobre vários objetivos espalhados no polígono de tiro. Esta demonstração foi efetuada por dois Caesar. No final executou-se uma eficácia a seis tiros, colocando doze granadas na zona de impactos em cerca de um minuto e quinze segundos, demonstrando que a capacidade de tiro destes obuses ultrapassa algumas baterias constituídas a seis bocas de fogo.

Prosseguiu-se com um deslocamento de um Pelotão de Caesar (quatro obuses, posto de comando e viatura do comandante de pelotão), seguindo-se uma entrada de posição inopinada com a execução de duas salvas e posterior saída de posição. É de referir que esta demonstração ocorreu em menos de quatro minutos, demonstrando a rapidez e capacidade de evitar os fogos de contrabateria deste material.

Finalizou-se a demonstração com a execução de um helitransporte do obus 105 LG1 (105mm Light Towed Gun), entrada em posição, realização de uma missão de tiro e posterior retirada novamente por helicóptero.

[1] Os cursos com interesse para a Artilharia de Campanha são: "*Field Arty Platoon Leader Course*, *Field Arty Battery Commander Course*, *Caesar Gun Team Leader Course* (NCO), *Caesar Platoon Leader Course* (OFF), *Forward Observer Course* (OFF), *Caesar Battery Commander Course*, *Forward Support Element Course*, *Field Artillery Battalion Commander Course*, *C4I Atlas Operator Course*"; e para a Artilharia Antiaérea, os cursos de: "(V)*Shorad Platoon Leader Course*, (V)*Shorad Battery Commander Course*, *Mistral Team Leader Course* (NCO), *Mistral Platoon Leader Course* (OFF), *Mistral Battery Commander Course*, *Air Defense Battalion Commander Course*".

Fonte : upload.wikimedia.org

Orion15

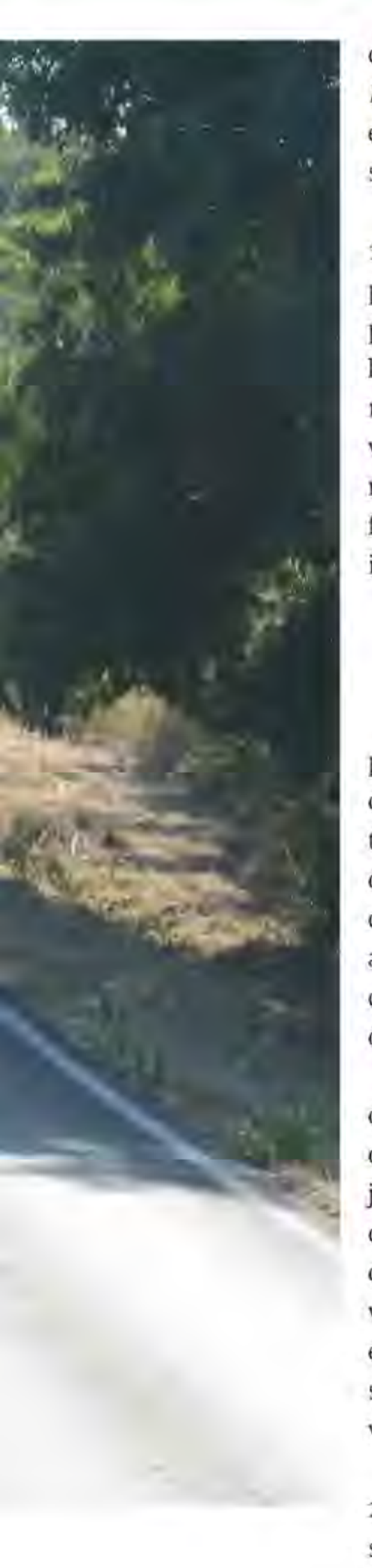
2º BIMec (Rodas)/RI14 na *NATO Response Force 2016*

Texto : Maj Inf João Pais

26.

No período de 17 de maio a 4 de junho, realizou-se o exercício ORION 15, na região de Tancos – Santa Margarida e decorreu na modalidade LIVEX/FTX/LFX.[1] O Orion 15 é um exercício setorial do Exército, que já não se realizava há quatro anos e teve como finalidade avaliar e certificar capacidades da Componente Operacional do Sistema de Forças na resposta a um espectro abrangente das operações terrestres, nomeadamente, em operações de intervenção limitada, de resposta a crises e de alta intensidade .

O exercício Orion 15 teve no terreno cerca de 3.000 militares e 500 viaturas, incluindo a colaboração de elementos da Marinha e da Força Aérea. As audiências primárias de treino[2] foram: o Comando e Estado-Maior da Brigada Mecanizada, o 2ºBatalhão de Infantaria Mecanizado de Rodas (2BIMec[R]) para a *NATO Response Force 2016* (NRF 2016), uma Força de Operações Especiais e de parte da Componente Terrestre da Força de Reação Imediata do Estado-Maior-General das Forças Armadas, ambas da Brigada de Reação Rápida e o Grupo de Carros de Combate da Brigada Mecaniza-



da (GCC/BrigMec) que atingiu, neste exercício, a *Full Operational Capability*,[3] objetivo para o qual esta unidade blindada já há algum tempo vinha a ser preparada, mas só agora alcançado.

Dos objetivos definidos para o Exercício Orion 15, para além de avaliar as audiências de treino, pretendia-se também desenvolver a capacidade de planeamento, controlo e execução de uma operação limitada, tipo NEO[4] e, posteriormente, de uma operação de grande envergadura (com a NRF a desenvolver uma *Initial Entry Force* [IEF]),[5] nomeadamente na execução de uma operação de estabilização e, finalmente, de uma operação de combate de alta intensidade (tipo operação Ofensiva/Defensiva).

O cenário

O cenário criado para o exercício Orion 15 teve por base o mesmo que vai ser utilizado no exercício de alta visibilidade da NATO – o Trident Juncture 15,[6] que decorrerá em outubro e novembro do corrente ano em Portugal e em Espanha. Este cenário, fictício em termos geopolíticos, permitia alcançar os objetivos definidos para o exercício e a condução das operações, de acordo com as capacidades e possibilidades das forças a treinar.

O conflito entre os países Kamon e Lakuta centra-se no controlo de recursos hídricos no vale do Rio Nilo. Esta disputa contribuiu para a crise já existente na região da East Cerasia, que afetava diretamente o crítico Eixo Marítimo de Comunicações (SLOC) que se fazia pelo Red Sea. O SLOC era vital para as transações comerciais a nível mundial e particularmente para o continente Europeu, que se encontrava assim vulnerável às atividades navais de Kamon.

Na sequência dos conflitos, em outubro de 2013, Kamon invadiu Lakuta, concretizando as suas intenções expansionistas: o acesso a recursos hídricos e o apoio à etnia Klorid na região de Santa Margarida – Valeira Alta. Cidadãos portugueses vivem e trabalham em Lakuta.

A 5 de fevereiro de 2014 o Conselho de Segurança das Nações Unidas (UNSC) aprovou a Resolução 4103/14, legitimando a *NATO Interim Stabilization Force* (NISFOR) a atuar na Srlak, a restabelecer a integridade territorial e a estabelecer um ambiente seguro e estável (SASE) na região.

Com a implementação da Resolução 4103/14 do UNSC o Departamento de Operações de Apoio à Paz (DPKO), das Nações Unidas, determinou a elaboração de um plano para a execução das operações da NISFOR. No planeamento decidiu-se executar a operação em três fases:

Fase I – (Awareness), de 13 de fevereiro a 16 de abril de 2014, com o envio para a região de um pequeno grupo de militares com o objetivo de criar condições e obter as informações necessárias que permitissem a entrada no Teatro de Operações do grosso da Força:

Fase II – (Shapping), de 17 de abril a 14 de maio de 2015, com vista à preparação e projeção duma força de entrada da NISFOR, com a finalidade de garantir o fim das hostilidades em Lakuta, proteger infraestruturas críticas e linhas de comunicação; e ainda, permitir a projeção das restantes unidades da NISFOR de forma a criar condições para conduzir uma operação ofensiva contra Kamon. Esta fase que estaria prevista terminar em agosto de 2014, mas devido à ocorrência de determinados eventos, prolongou-se até final de maio de 2015.

A Fase III A – (Decisive Action), decorreu de maio de 2015 em diante. Nesta fase o LCC conduziu uma operação ofensiva com a finalidade de expulsar as Forças de Kamon e repor a integridade territorial de Lakuta, reconhecida internacionalmente.

O exercício

Foi perante este cenário que o 2BIMec(R)/NRF2016 foi chamado a intervir. Recebeu a ordem para projetar a Unidade de Viseu para a Área de Atribuição de Missão (AAM), situada em Tancos. De acordo com o plano de movimentos e seguindo as orientações superiormente emanadas, o Batalhão iniciou a deslocamento da sua primeira unidade de marcha em dia 27 de maio de 2015 pelas

[1] LIVEX: Exercício real; FTX: Exercício Treino no Campo; LFX: Treino Fogo Real.

[2] Audiências primárias de treino – é um termo utilizado para designar as forças militares que, durante um exercício, vão estar sobre avaliação/certificação, já que no terreno há mais forças necessárias à realização do exercício.

[3] Termo NATO que designa a certificação de uma determinada Força, para poder ser usada em operações militares.

[4] NEO – *Non-combatant Evacuation Operation*; Operações de evacuação de pessoal civil.

[5] *Initial Entry Force*: Primeira força a avançar para um Teatro de Operações.

[6] Ver artigo publicado na revista *Jornal do Exército* nº 648.

28.

07h30, tendo a última unidade de marcha chegado a Tancos (aeródromo) pelas 21h00 horas desse mesmo dia. Dado o elevado número de viaturas a deslocar, este movimento teve de obedecer a um controlo rigoroso, realizado pelo centro de controlo de movimentos do Comando das Forças Terrestres (CFT).

O 2BIMec(R) iniciou a sua participação no exercício em 27 de maio com a condução de uma Operação de Estabilização, a fim de repor a estabilidade na região, onde executou a defesa de pontos sensíveis, operações de cerco e busca, escoltas e reconhecimentos.

Para a fase II recebe a tarefa de se preparar para controlar a Barragem de Castelo de Bode e Central Hidroelétrica do Pego a fim de garantir o seu normal funcionamento. Recebida a tarefa, o 2BIMec(R)/NRF2016 planeou a defesa de um ponto sensível, assegurando a proteção de um objetivo de elevado interesse estratégico e cumulativamente criou as condições que permitiram que a equipa de avaliação observasse a unidade no desempenho desta tarefa e de outras, com vista à sua certificação.

Todos estes tempos são fictícios, pelo que o leitor deve entender que numa situação real levaria longos meses para que estes eventos se desenvolvessem.

Na manhã do dia 29 de maio terminou a Operação de Estabilização e à tarde foi efetuada a transferência de autoridade para a Brigada Mecanizada. Na fase III do exercício Orion 15, pretendia-se que a NISFOR realizasse um ataque para expulsar forças de Kamon do território de Lakuta, repondo-se assim a integridade territorial e estabelecendo o SASE para a prestação de ajuda humanitária. O 2BIMec(R), agora sob comando operacional da BrigMec(PRT), teve como missão efetuar uma passagem de linha, transpor o Rio Tejo, conquistar o Obj Leão na região de Sanheira (delta), a fim de garantir a liberdade de movimento ao Agrupamento Mecanizado (AgrMec), que se constituiu como a operação decisiva da BrigMec(PRT). Conforme planeado no período de 30 de maio a 1 de junho e já sob controlo operacional da BrigMec, o 2BIMec(R) (em conjunto com o AgrMec) executou uma Operação Ofensiva com o objetivo de repor as fronteiras de um país em conflito. Na fase inicial desta operação, efetuou a transposição deliberada do Rio Tejo e na fase seguinte condu-

ziu um ataque deliberado na sua zona de ação.

Exercício de Fogos Reais

Inserido no Exercício de Fogos Reais (LFX), realizou-se um "VIP Day"[7] no dia 4 de junho, presidido pelo Ministro da Defesa Nacional, Dr. João Pedro de Aguiar-Branco, através de uma demonstração de capacidades com a execução de fogos reais, onde o 2BIMec(R) realizou tiro de Morteiro 120mm, do Míssil Milan, da Metralhadora Pesada Browning 12,7mm e de Canhão Mauser 30mm.

A certificação

O processo de certificação da unidade estava a cargo da Inspeção Geral do Exército (IGE), e foi o culminar da preparação nacional da Força, onde está incluído o treino operacional, dos mais baixos escalões até ao escalão Batalhão.

Conforme a documentação doutrinária da NATO[8] o 2BIMec(R) é avaliado em cinco áreas:

- Preparação e planos;
- Operações;
- Logística;
- Comunicações e sistemas de informação;
- Administração.

O processo de inspeção por parte da IGE encontra-se dividido em duas fases. A primeira fase está orientada para a verificação de documentos e planos assim como o processo de planeamento de uma operação ofensiva, a executar durante o exercício Orion 15. A segunda fase é realizada no âmbito da execução de operações, incluindo a execução do plano de carregamento e plano de projeção para o exercício Orion 15.

Finalizado o processo de certificação, o 2BIMec(R)/NRF 2016 está pronto para intervir rapidamente com um *Notice To Move*/Alerta Prévio de sete dias, em qualquer lugar e no desempenho de um leque alargado de missões, incluindo agir como resposta imediata na defesa de forças dos Países Aliados, conduzir operações de Resposta a Crise, ou atuar como força de entrada inicial num teatro de operações.

[7] VIP Day é o dia em que Altas Entidades civis e militares assistem à realização de uma parte do exercício.

[8] *ACO Forces Standards Vol. VII – Combat Readiness Evaluation of Land HQs and Units*, de 14 de fevereiro de 2015.

Centauro 15

Exercício do Esquadrão de Reconhecimento/BrigRR

Texto : Regimento de Cavalaria Nº 3

O Esquadrão de Reconhecimento do Regimento de Cavalaria Nº3 (RC3) realizou de 4 a 10 de maio de 2015, o exercício Centauro 15.

Este exercício faz parte do Plano Integrado de Treino Operacional (PITOP) da Brigada de Reação Rápida (BrigRR) e tem como objetivo o treino do Esquadrão de Reconhecimento (ERec) no cumprimento de tarefas que esta unidade possa vir a desempenhar, de acordo com os diversos cenários preconizados pela BrigRR.

O Centauro 15 dividiu-se em duas fases distintas: uma primeira fase, em que o ERec/BrigRR fez um deslocamento administrativo, que demorou cerca de 3 horas, desde a cidade de Estremoz até ao Campo Militar de Sta. Margarida, onde realizou uma sessão de treino de fogos reais com o armamento das suas viaturas orgânicas, as Panhard M11. Numa segunda fase, realizou-se um exercício LIVEX/FTX na região de Estremoz, que foi constituído por duas partes.

O LIVEX/FTX[1] utilizou o cenário do exercício Apolo 14 planeado pelo Estado-Maior da BrigRR que consistiu o treino do ERec no cumprimento de tarefas inerentes às Operações de *Initial Entry Force* [2] (IEF) e às Operações de Resposta a Crises, especificamente, na realização de uma Operação de Extração de Não-Combatentes (NEO).

O cenário

Operação de Entrada Inicial num determinado

Teatro de Operações, que no cenário do exercício, é simbolizado por um país designado – União das Repúblicas Populares de Adónia (URPA), é um arquipélago onde numa das ilhas, nomeadamente a ilha de Cravo, existe uma comunidade portuguesa com cerca de 1.200 cidadãos.

A Força Tarefa Conjunta (FTC) projeta inicialmente, as suas forças militares de Portugal, para a União das Repúblicas Populares de Adónia (a cerca de 1.800 km do território nacional), especificamente, para a Ilha de Luna. Esta Ilha situa-se a cerca de 160 Km da Ilha de Cravo e servirá como Base Intermédia de Apoio, de onde a Força Tarefa Conjunta (FTC) lançará uma Operação Aerotransportada sobre a Ilha de Cravo, com a finalidade de colocar as forças militares e garantir as condições para desenvolver e cumprir a missão seguinte, a operação de evacuação de não-combatentes.

No âmbito desta operação de extração de Não-combatentes, foi atribuído ao ERec/BrigRR as seguintes tarefas:

· Garantir a segurança do aeroporto da ilha de Cravo;

· Reconhecimento de itinerários;

· Reconhecimento e segurança a locais críticos;

· Realizar patrulhamento de itinerários;

· Montar postos de fiscalização (*checkpoints*) nas principais vias rodoviárias da Ilha de Cravo;

· Operar um Ponto de Evacuação (EP);

· Escoltar os Não-Combatentes (Cidadãos portugueses) desde o EP até ao Centro de Controlo de Evacuados, (Aeroporto), simbolizado nos terrenos da Carreira de Tiro do RC3, em Santa Vitória do Ameixial.

Field Terrain Exercise

Como já referimos, o LIVEX/FTX teve duas partes. Na primeira parte, organizou-se um – Ponto de Evacuação de Civis – materializado no edifício da Junta de Freguesia da Glória e que era, para efeitos de exercício, da responsabilidade da embaixada portuguesa nesse território fictício, sendo tarefa do ERec garantir a segurança desse Ponto de Evacuação. Na segunda parte foi treinado a escolta a um comboio de viaturas, que transportava os cidadãos que iriam ser evacuados, desde o Ponto de Evacuação até ao Centro de Controlo de Evacuados, (Aeroporto), após o que através de aeronaves, seriam levados para fora do região onde se desenrolava o conflito (ilha de Cravo) e com destino ao território nacional.

Para desempenhar estas tarefas o ERec/BRR dispôs, entre outras, de 10 viaturas Panhard M11 e um efetivo de 80 militares.

Este exercício teve a particularidade de contar com a participação de cerca de 130 cidadãos estremocenses, como forças de cenário (Não-Combatentes), vários elementos de órgãos de comunicação regionais, batedores-moto da Brigada de Trânsito da GNR, uma equipa dos Bombeiros Voluntários de Estremoz, e outra dos Bombeiros Voluntários de Sousel e uma equipa da Delegação da Cruz Vermelha de Estremoz, possibilitando assim criar um cenário muito semelhante ao que as nossas forças poderiam encontrar numa operação real com esta tipologia. De registar o enorme empenho e satisfação de toda a comunidade civil na participação das tarefas que lhes foram pedidas, assim como a ampla divulgação que o exercício teve nos órgãos de comunicação social regionais.

Terminado o exercício deu-se início a uma vertente lúdica e de divulgação das atividades desta Força da Brigada de Reação Rápida e do Exército e que também contou com a exposição de meios dos Bombeiros Voluntários de Sousel e de Estremoz e da Delegação da Cruz Vermelha de Estremoz. Incluiu ainda a visita a todas as dependências do acantonamento do ERec/BrigRR, montado para o exercício, e a exposição de várias versões das viaturas Panhard M-11, equipamentos e armamento orgânico do ERec. Foi ainda posto à disponibilização das visitantes a utilização da torre móvel multiatividades para a realização de escalada e rappel, e a possibilidade de circular numa viatura Panhard M-11 e montar a cavalo, tudo isto seguido de um pequeno lanche.

Para a realização deste exercício o RC3 contou com o apoio em viaturas de transporte de pessoal do Comando de Instrução e Doutrina do Exército, dos Municípios de Estremoz e Sousel, e da Junta de Freguesia da Glória que cedeu também as suas instalações para montagem do Ponto de Evacuação fictício.

[1] LIVEX/FTX (*Live Exercise/Field Terrain Exercise*): é a sigla em inglês para definir os exercícios de campo.

[2] São as forças que se deslocam em primeiro escalão para o Teatro de Operações.

1º BIPara na KFOR

Missão cumprida

Texto : 1º BIPara/RI15

No pretérito dia 7 de abril de 2015 regressou à Pátria o ultimo grupo dos 177 militares do 1º Batalhão de Infantaria Paraquedista (1BI-Para) da Brigada de Reação Rápida (BrigRR) que durante o período compreendido entre outubro de 2014 e abril de 2015 cumpriram no Kosovo uma missão no âmbito das políticas de cooperações e alianças das quais Portugal é signatário, no caso em apreço a NATO.

O 1BIPara integrou e comandou a força de reserva do comandante do Kosovo Force (KFOR) designada de *Kosovo Tactical Manoeuvre Battalion* (KTM). A KTM está sediada na cidade de Pristina em *Camp Slim Lines* sob controlo operacional do Comandante da KFOR constituindo-se como o Batalhão de manobra da reserva tática permanente para ser empenhado em todo o território do Kosovo e em simultâneo o Batalhão de Apoio mútuo da KFOR pronto a apoiar a EUFOR na Bósnia Herzegovina.

A KTM no seio da KFOR constitui-se como um paradigma de interoperabilidade, desde logo na sua composição que contempla militares Portugueses e Húngaros, bem como as valências não residentes e companhias de manobra que reforçam a KTM aquando do seu emprego, das quais se destaca as contribuições da Áustria (Polícia militar e companhia de manobra), Croácia (Helicópteros), Dinamarca (Equipa *Psyops*), Eslovénia (Helicópteros e companhia manobra), Polónia (companhia de manobra), Roménia (Equipa *Psyops*), Suíça (Helicópteros e Destacamento de apoio à manobra), Itália (Pelotão Carabinieri), e Estados Unidos da América (Companhia de Manobra).

Os seis meses de patrulhamentos diários em Mitrovica, os constantes reconhecimentos terrestres e aéreos, os numerosos treinos com as unidades afilhadas e os exercícios conjuntos mostraram-se fundamentais para a manutenção da aproximadamente 450 patrulhas motorizadas, 40 patrulhas apeadas, 1500 postos de observação, 180 ações de reconhecimento e 7 operações aeromóveis.

O trabalho da KTM tem sido norteado por forma a assegurar a contínua interoperabilidade, prontidão e proteção da força da KTM a fim de contribuir para o estabelecimento de um ambiente estável e seguro no teatro de operações, em apoio às instituições do país e à comunidade internacional. Assim, a chave para o sucesso é prevenir e impedir qualquer ato de violência contra pessoas ou propriedade.

Com mais este destacamento do 1BIPara além-fronteiras ficou bem patente o espírito abnegado e altruísta do soldado Português, plasmado na forma exemplar como interiorizaram a complexidade/importância da sua missão na construção de um consistente processo de paz e de desenvolvimento nesta região do Balcãs.

De Tully

Com sorriso...

Texto : SAj Inf Manuel João Custódio

Após uma semana de preparação, uma delegação de 41 militares, constituída por 17 elementos da Componente Terrestre Timorense (Baucau), 20 da Componente Naval Timorense (Hera), 2 do Centro de Formação e Treino (Metinaro), 1 assessor do Exército Australiano e 1 assessor da Brigada Mecanizada do Exército Português, iniciaram a viagem rumo à selva Australiana.

Aterrámos em Townsville, no dia 18 de abril de 2015, e fomos levados para Lavarack Barracks, onde ficámos alojados provisoriamente durante dois dias. Na madrugada de segunda-feira, seguimos para o Combat Training Center (CTC), próximo de Tully. Após reconhecimento às instalações, foi-nos apresentado um briefing, numa das salas de aula muito peculiar, onde nos foram dadas as boas vindas pelo Sargento-chefe "*uncle Mike*".

Sem perder tempo, seguimos para o depósito logístico do CTC, onde foi atribuído, à delegação, todo o equipamento necessário para sobreviver na "*jungle*" australiana. Foi ministrada, pela equi-

pa de instrutores australianos, uma instrução de como utilizar/adaptar o equipamento de combate.

À hora marcada, fomos para o refeitório, onde foi servida a 2ª refeição num refeitório que se encontrava aberto 24h por dia, com acesso a água fria/quente, leite, café, cereais, doces, manteiga e pão.

O período da tarde começou o *Junior Officer Close Country Instructor Training* F-FDTL, com uma "lição" sobre o tipo de insetos, aranhas, aves, répteis e plantas perigosas. Apesar da perigosidade destes seres, apenas uma pequena parte é mortal.

Também foram ministrados alguns cuidados a ter na preservação e conservação das espécies. O procedimento a seguir é: se possível afastar o animal/planta, ou se não for útil, simplesmente deve, o ser humano, desviar-se do mesmo.

No final do dia, o CTC - JTW ofereceu a toda a delegação um barbecue de boas vindas.

Às 06h00 efetuámos o levantamento do armamento para uma aula extenuante de combate com baioneta. A atitude e a robustez dos instruendos

surpreenderam a equipa de instrutores. Apesar de longa e dura, a instrução decorreu sempre com um enorme sorriso em cada um.

Foi feita, pelo Comandante do CTC-JTW, Major D. Seers, uma demonstração de técnicas de progressão e reação a emboscada por parte de militares Australianos.

Todas as instruções incluíam uma parte teórica,seguida de uma parte prática. A forma desprendida de ministrar instruções por parte dos instrutores, foi sempre muito profissional e rigorosa, elevando a vontade de aprender.

Durante a semana foram desenvolvidos os diversos procedimentos de reações que uma patrulha deve ter, quando emboscada pela frente, pela retaguarda, ou pelos flancos.

Foi dilatado o espírito de corpo em todas as situações, nomeadamente nas diversas pistas de obstáculos de equipa, onde a transposição, individual e coletiva levou à fraterna entreajuda. Sempre que terminavam as instruções era feito, de imediato, um briefing para indicar as falhas, erros e como os corrigir.

Durante as explicações e demonstrações, nomeadamente material usado nas emboscadas (granadas de fumos, foguetes luminosos e minas Claymor), houve algumas dificuldades para entender as características dos equipamentos, devido aos constrangimentos da língua, uma vez que os militares timorenses desconheciam muitos termos técnicos em inglês.

A partir do momento em que o treino passou a ser conduzido dentro da selva, as dificuldades dispararam em flecha. O contacto, a distância, os procedimentos e as ordens tiveram de ser aperfeiçoadas. A tarefa mais complicada de realizar foi aplicar todos os ensinamentos adquiridos ao nível secção e transferi-los para o nível pelotão.

Após as comemorações do 100º aniversário do Anzac Day (25 de abril), dia em que são relembrados os que perderam a vida na Batalha de Gallipoli, foi realizada uma missa com toda a delegação, o que reconfortou o espírito e a alma. Apesar dos dias muito extensos, cerca de 10 a 12h de instrução diurna e noturna, a primeira semana terminou com algum cansaço acumulado, mas sempre com um sorriso.

A segunda semana iniciou-se com uma ordem de operações de secção, dada pelos instrutores australianos, o que permitiu desenvolver opera-

ções na selva durante três dias consecutivos, explorando toda a aprendizagem conseguida. Foram criadas várias situações como: contacto com o inimigo à frente e retaguarda, emboscadas de flanco, revista a um morto encontrado durante o deslocamento e travessia de áreas perigosas.

Durante este período, a delegação recebeu a visita do General Smith, Comandante da Brigada a que o CTC-JTW pertence e acompanhou de muito perto os trabalhos desenvolvido pelas secções numa base de patrulhas. Nesse mesmo dia o Coronel Falur CEM das F-FDTL assistiu também às tarefas levadas a cabo pela delegação e teve a oportunidade de presenciar uma emboscada realizada com grande eficácia no período noturno.

O último dia do JOCCIT- F-FDTL culminou com uma competição entre secções com inicio às 04h00 e com diversas provas: alvorada "rápida" para causar alguma tensão matinal, Marcor de quatro quilómetros com arma e equipamento individual, prova de desmontagem e montagem da arma com os olhos vendados, transporte de ferido com maca improvisada num percurso de dois quilómetros, pista de obstáculos de secção de um quilómetro, prova de situação para resolver em cinco minutos e pista de secção de combate com sabre baioneta. Finalmente, regresso às instalações; cada secção teve de transportar dois cunhetes de munições, duas caixas de madeira cheias de areia e dois *jerrycan* de água com 20 litros.

O período da tarde foi reservado para limpeza de armamento e equipamento com a respetiva devolução ao CTC.

O CTC-JTW com uma área de treino de 32 hectares em selva, tem todas as condições para qualquer força poder treinar ou ser instruída. As infraestruturas primam por serem as adequadas ao tipo de treino, com posto médico, ginásio, refeitório, máquinas para lavar e secar roupa e sorrisos disponíveis 24 horas/dia.

Em suma, parece-me redutor olhar para esta experiência como uma mera atividade de treino operacional. Naturalmente, os objetivos propostos foram cumpridos na íntegra, consequência do profissionalismo, necessidade de aprendizagem, motivação extra, evidentes em todas as fases. No entanto, verifica-se hoje que experiências desta natureza confirmam e ampliam, não só as competências de todos os intervenientes, como também as relações bilaterais entre Nações.

A Cavalo da Tática

Texto : Cad Al Cav Daniel Valério
Cad Al Cav Francisco Teixeira

Introdução

O General Patton, pioneiro da mecanização no Exército dos Estados Unidos da América e comandante das forças americanas na campanha do Norte de África, Sicília e do 3º Exército, no fim da 2ª Guerra Mundial afirmou que "todo o oficial de cavalaria deve ter uma paixão – não é simplesmente gostar – de cavalos"[1] (Keane, 2012, p.135). Esta frase é o ponto de partida deste artigo, porque coloca um dos mais brilhantes táticos e defensores da arma blindada profundamente relacionado com o Cavalo, o animal que é a origem da Arma de Cavalaria. Existe por vezes uma profunda suspeição e discussão sobre a necessidade do Cavalo no nosso Exército, discussão essa que se acirra com a atual conjuntura económica que o País e as Forças Armadas vivem e o elevado custo da manutenção das infraestruturas hípicas e dos animais, e que permanente vem à tona levando a um decréscimo no investimento nesta Arte e Ciência.

A Equitação tem sido estudada do ponto de vista do seu contributo para a liderança, estudos que vêm confirmar a sua importância, com resultados que inequivocamente comprovam como o Cavalo nos leva a conhecer-nos a nós próprios melhor e que conhecendo as nossas limitações e qualidades nos tornamos melhores Pessoas e, consequentemente, melhores Soldados.

Dentro do nosso limitado conhecimento acreditamos que a Equitação nos permite, além de nos incutir princípios de liderança, aplicar e entender outra área central da nossa Arma, a Tática. Na realidade acreditamos que a Equitação tem em si a aplicação de muitos dos princípios que nos são ensinados na Tática. Estes princípios, aplicados "sob pressão" de estarmos num desafio constante com um animal, são interiorizados e tornam-se ferramentas que nos permitem melhorar nestas duas áreas que por vezes estamos convencidos serem tão distintas.

"A Equitação é uma Arte" (Almeida, 2011, p.13), "mas toda a arte tem uma técnica que precisa de ser aprendida" (Almeida, 2011, p.14). "A equitação começa por ser uma técnica, para depois tornar-se rapidamente uma verdadeira Ciência e acaba por ser uma Arte" (Morais, p.1). Por outro lado, a Tática é "ciência e arte de planear e conduzir a ação das forças..." (Calçada, 1998, p. 22) e "inclui a disposição adequada de unidades de manobra em relação ao terreno, inimigo e forças amigas, para traduzir o potencial de combate em vitória nas batalhas e empenhamentos" (EME, 2012, p. B- 23). A partir das definições percebemos como a Equitação e a Tática são Ciência e Arte, porque ambas têm uma componente técnica muito específica e que exige enorme treino e dedicação, mas além disso têm uma componente intuitiva, difícil de explicar por palavras, composta pela experiência, ideias e personalidade do tático/cavaleiro.

Variáveis da Missão/Fatores de Decisão na Equitação

Uma das ferramentas essenciais da análise tática são as Variáveis de Missão/Fatores de Decisão definidas como um "conjunto de fatores que são empregues para o entendimento geral da situação ao nível tático. O comandante tem de focalizar a sua análise nestes elementos específicos do ambiente que se aplicam à sua missão" (EME, 2012, p. B-23). Estas Variáveis são Missão, Inimigo, Terreno, Meios, Tempo disponível e Considerações Civis. Esta é uma ferramenta que nos permite analisar a nossa missão, adequando o nosso raciocínio de planeamento à ameaça, aos meios e aos fatores que nos rodeiam.

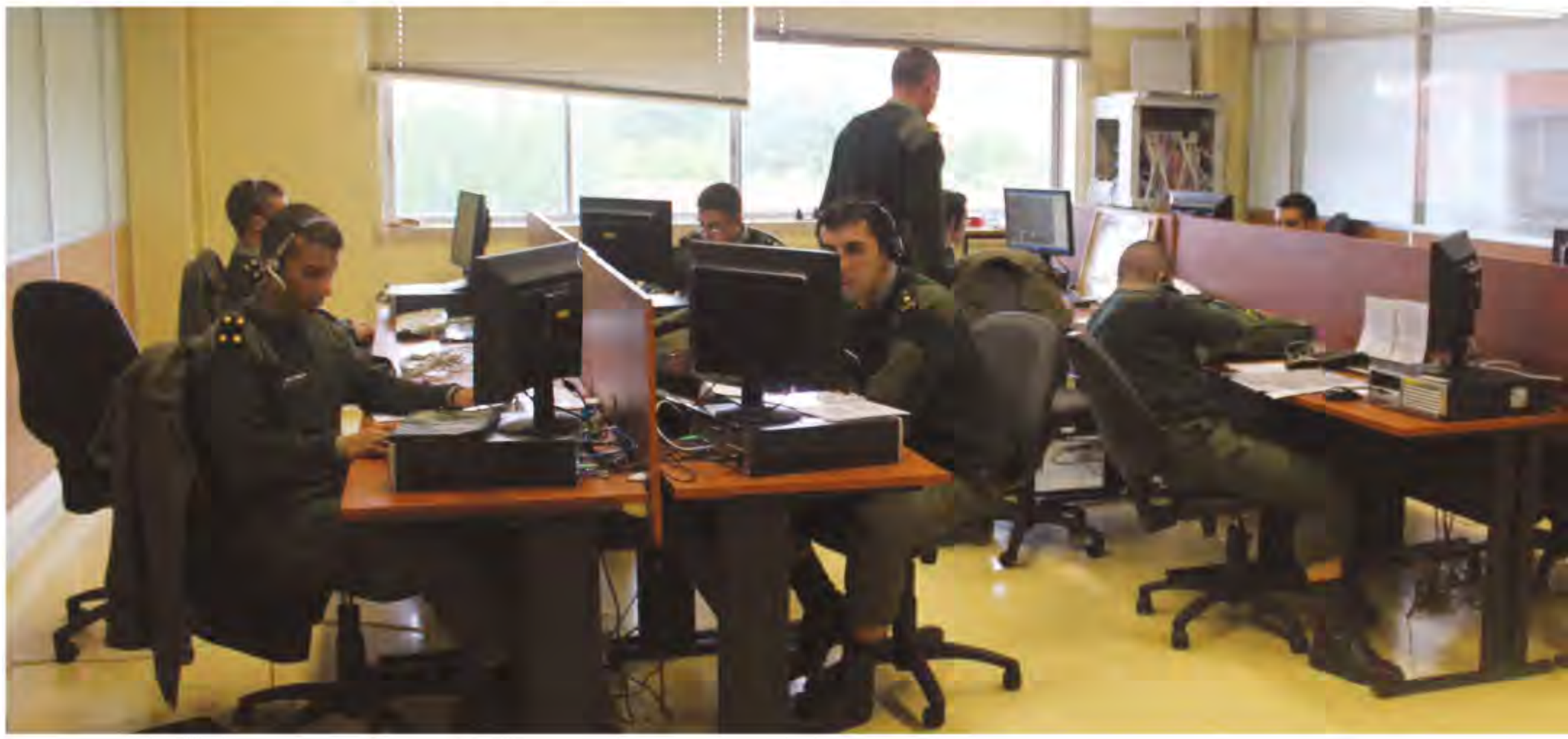
Esta ferramenta pode ser também desenvolvida e aplicada na Equitação nos momentos que

[1] "*Every cavalry officer must have a passion – not simply a liking – for horses*".

antecedem uma prova Equestre, por exemplo, na fase de reconhecimento do percurso, quando planeamos a execução da nossa prova/missão. Netto de Almeida (2011) refere vários tópicos importantes a ter em atenção no reconhecimento do percurso, referindo que a análise deve ser feita na perspetiva do cavalo, das suas possibilidades, da prova que vamos executar, adaptando a nossa conduta ao cavalo e ao tipo de prova, e por último, ao tipo de piso do campo de obstáculos. Na perspetiva de um dos autores deste artigo, o reconhecimento executa-se da seguinte forma: "ao entrar no local da prova a primeira coisa que me preocupa é a dimensão do campo de obstáculos, que me permite visualizar o espaço que disponho para o percurso e para o movimento do cavalo entre saltos. De seguida, "sinto" o piso para perceber se é escorregadio, se enterra, se vai permitir uma volta apertada, se o cavalo está adaptado a este tipo de piso. Sigo então até aos Visores de Partida e estudo a melhor abordagem aos mesmos, avanço até ao 1º salto e faço todo o percurso tendo em atenção vários pormenores, como a distância e tipos de obstáculos, formas de abordagem e estado do cavalo para a abordagem e execução dos obstáculos. No decorrer do reconhecimento do percurso pode existir um obstáculo que para o conjunto homem-cavalo é sempre mais difícil, e esse é observado com mais cuidado, penso na sua ultrapassagem de forma mais aprimorada, atendendo à distância a percorrer para o abordar e a forma de o fazer, contundo nunca esquecendo que os obstáculos seguintes não têm menor importância, há a necessidade de manter o ímpeto e adequação da minha conduta até ao fim do percurso. No fim, e pensando nas provas subsequentes, existe a necessidade de retorno à calma do cavalo, por isso penso como vou executar o final da prova para proporcionar as condições a esse retorno à calma e o agradecimento ao cavalo pelo seu esforço". Na prática, este relato enquadra-se nas variáveis que Netto de Almeida indica para o reconhecimento. Analisando o que Netto de Almeida enuncia e este relato percebemos que se ajustam a uma Análise de Missão executada para o planeamento de uma operação.

A Missão é a Prova, e a sua conclusão vai determinar o seu sucesso, desejavelmente dentro do tempo e sem faltas. O estudo da missão vai ser definido por aquilo que pretendemos obter com a realização da mesma, neste caso, segundo Netto de Almeida, os objetivos de percurso a atingir pelo cavaleiro, e que irão influenciar a conduta ao Cavalo. Estes Objetivos podem ser de natureza variável sempre dependentes da Finalidade a atingir na Prova com o Cavalo.

O Inimigo são os Obstáculos, aquilo que está entre o Homem-Cavalo e o seu sucesso. Nesse sentido, estudamos a sua estrutura, tipo e forma, procurando uma maneira de os ultrapassar com o mínimo de esforço necessário para o Cavalo e para



que o mesmo tenha sempre capacidade para cumprir a missão.

O Terreno do campo de obstáculos, cuja influência vai ser determinante no movimento do cavalo e no desempenho do cavaleiro é estudado cuidadosamente, percebendo a sua tipologia, as suas irregularidades e imaginando como o cavalo irá reagir. Mentalmente o cavaleiro analisa o piso, o espaço da manobra, a forma de aproximação aos obstáculos e a influência de tudo isso. Mentalmente executa este racional segundo uma lógica semelhante ao de realizar um Transparente de Obstáculos Combinado-Modificado. A ideia é perceber como maximizar o terreno em nosso proveito.

Os Meios são um fator central no planeamento e enquanto esse estudo na Tática implica uma articulação e disposição de forças adequada, na Equitação implica adequar o tipo de pitons, a embocadura e o tipo de aquecimento ao cavalo, garantindo assim em ambos os casos as melhores condições possíveis para o cumprimento da missão.

O Tempo disponível é um aspeto essencial no planeamento e execução de operações, pois é este que nos verdadeiramente nos condiciona. Tal como na Tática, também na Equitação o Tempo torna-se um importante fator a ter em conta. A prova planeia-se com base no tempo, cabendo a decisão ao cavaleiro de arriscar ou ir com calma e garantir mais segurança para si e para o animal. Mas é essencial planear tudo o que é necessário executar antes de passar os Visores de Partida, que na Tática representa a Linha de Partida. O Tempo necessário para limpar o cavalo, aparelhá-lo e colocar pitons, reconhecer o percurso e aquecer o cavalo para a prova, tudo isso exige do cavaleiro um planeamento prévio e que é realizado a partir da passagem dos Visores e de forma inversa no tempo, tal como na Tática se faz pelo Planeamento Inverso. Este assenta no planeamento das ações a executar colocando-as da ação final para a ação inicial, conseguindo assim perceber o tempo necessário para executar todas as tarefas.

Durante a prova a velocidade do cavalo imprime outro fator essencial para a tática e para o comando de Homens, a necessidade da Decisão imediata. A frase "uma boa solução aplicada com vigor agora é melhor que a solução perfeita aplicada dez minutos mais tarde"[2] do General Patton, demonstra essa necessidade bem como a capacidade de adaptação aos acontecimentos.

Conclusão

O campo de batalha está em constante mudança, tal como a atitude de um cavalo durante uma prova se pode alterar subitamente, exigindo capacidade de adaptação a essa nova realidade, algo fundamental para um oficial do Exército. A Equitação, pela natureza das condicionantes do cavalo, cria muitas vezes a necessidade de alteração/adaptação do planeamento anterior face à realidade em execução. A confiança adquirida a "comandar" o Cavalo é facilmente transponível para a flexibilidade necessária para decidir no calor da batalha e de conseguir "Levar a carta a Garcia", que é o ponto essencial daquilo que é ser Soldado.

É necessário perceber que esta ligação entre conceitos não é linear pelo que o objetivo deste texto é tão-somente dar uma perspetiva de como coisas tão aparentemente opostas podem ter pontos em comum e concorrerem para que a formação dos Sargentos e Oficiais de Cavalaria se complemente e permita a interiorização de aspetos centrais para à carreira de armas.

Acreditamos na importância da Equitação para a Tática, tal como da Tática para a Equitação, e consideramos que esta importância deve ser discutida e aprofundada para a sua compreensão aumentar, e garantir que a Equitação se mantenha, tal como a Tática, como ponto essencial da formação dos Cavaleiros.

[2] "*A good solution applied with vigor now, is better than a perfect solution applied ten minutes later*".

"Militares portugueses foram heróis no Afeganistão"

(Notícia do DN a propósito do livro do General Britânico David Richards)

O jornal Diário de Notícias, na sua edição do passado dia 29 de junho, num artigo de página inteira, com o título "Militares portugueses foram heróis no Afeganistão" da autoria do jornalista Paulo Assunção, correspondente em Londres, e a propósito do lançamento do livro "Taking Command" uma autobiografia do General David Richards, refere que este militar do Exército Britânico tece os maiores elogios aos militares portugueses. O General Richards, de 63 anos e que chegou a ser o chefe supremo das Forças Armadas do Reino Unido, foi nos anos de 2006 e 2007 comandante das forças da NATO no Afeganistão. São dele as seguintes palavras: "Durante o meu tempo à frente da ISAF (International Security Assistance Force) estive dependente – por vezes de forma exagerada- das tropas portuguesas. Desenvolvi uma ligação emocional muito estreita [com os portugueses], porque muitas vezes tive de os mandar para zonas e operações muito complicadas. Não tinha alternativa. Eram eles ou mais ninguém. Mas os portugueses saíram-se sempre de forma brilhante".

DN PORTUGAL

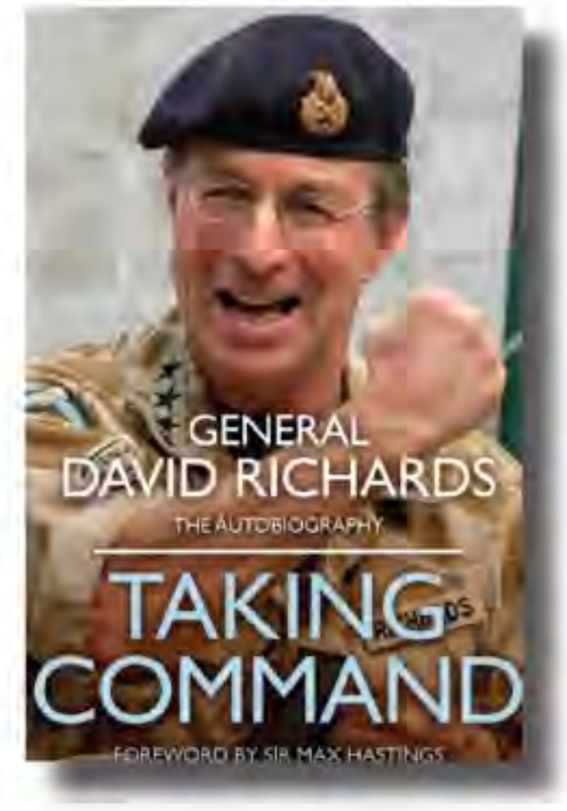
INÍCIO POLÍTICA DESPORTO CARTAZ VÍDEOS EVASÕES NOTÍCIAS M

Portugal Globo Economia Ciência Artes TV & Media Opinião

"Militares portugueses foram heróis no Afeganistão"

por Paulo Anunciação, Londres 29 junho 2015

Fotografia © Leonardo Negrão / Global Imagens



Ainda não tivemos a oportunidade de ler o livro do General Richards, mas a nossa curiosidade ficou aguçada. De qualquer forma, recordamos aos nossos leitores um artigo publicado no nosso nº 576 de agosto/setembro de 2008, com o título "Afeganistão – mais uma missão cumprida", da autoria do TCor Inf Cmd Carlos Bartolomeu, em que está bem espelhado o testemunho dado pelo General Richards, neste caso por uma companhia de comandos.

Morte limpa

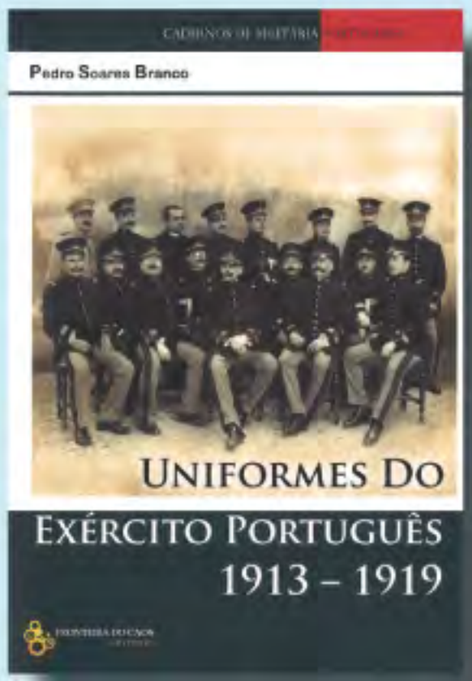
Depois de seis comissões de serviço e mais de 200 missões como piloto de um caça F16, no Iraque e no Afeganistão, o oficial da força área americana, o Major Tom Egan (Ethan Hawke) está agora incumbido de pilotar um UAV (*Unmanned Aerial Vehicle*), veículo aéreo não tripulado, mais conhecidos por "drone". A sua missão era eliminar elementos das forças Taliban, no teatro de operações do Afeganistão, a partir de um bunker climatizado no deserto do Nevada, situado a mais de 12.000km de distância. Ao fazê-lo desta forma, durante 12 horas por dia, o piloto começa a sentir-se desconfortável com o cumprimento da missão, chegando a questionar os objetivos e métodos desta via mais tecnológica do combate ao terrorismo, em oposição às missões "mais reais" de quando pilotava o seu caça F16.

À medida que os nervos do protagonista vão cedendo, regressar a casa depois de um dia de trabalho torna-se penoso até porque Molly, a sua mulher, não entende o conflito interior que Tom vive, já que do seu ponto de vista este trabalho era muito mais seguro para o seu marido, deteriorando-se assim o relacionamento entre os dois.

"Morte limpa" estreou nas salas de cinema portuguesas, a 16 de julho.

Livros Fronteira do Caos

Uniformes do Exército Português 1913 – 1919
Cadernos de Militária Portuguesa



Pistola 7,65 mm M/915 SAVAGE
Cadernos do Armamento Regulamentar Português

A editora Fronteira do Caos deu à estampa mais dois livros das duas coleções (Cadernos de Militária Portuguesa e Cadernos do Armamento Regulamentar Português), que iniciou em novembro do ano de 2014. As publicações, ao "estilo" dos livros da famosa editora inglesa Osprey, e agora dados ao prelo, continuam a primar pela originalidade, sistematização e qualidade dos trabalhos apresentados. Os autores Dr Jaime Regalado e Dr. Pedro Soares Branco são os mesmos dos livros anteriormente publicados desde novembro de 2014, como tal, não nos surpreende a qualidade do produto final. O *Jornal do Exército* faz votos para que esta iniciativa da Fronteira do Caos leve até ao fim a publicação de todos os livros propostos nas duas coleções, os quais podemos encontrar referidos na banda da contracapa.

O Exército possibilitou à editora que a apresentação destes dois novos livros fosse no magnífico edifício Palácio Vilalva, antigas instalações do Quartel-General do Governo Militar de Lisboa, tendo como apresentadores dos livros, Uniformes do Exército Português 1913-1919 e Pistola Savage, o Coronel Inf (ref) Ribeiro de Faria e o TCor Cav Marcos de Andrade, subdiretor do *Jornal do Exército*, respetivamente.

Pedro Soares Branco e Jaime Ferreira Regalado, Fronteira do Caos Editores, 2015

PDE 0-20-18 - Emprego de Cães Militares

Em Portugal, o emprego de cães militares dista desde 1957 e as ultimas publicações, nas Forças Armadas, são dos anos sessenta. Era pois necessário fazer uma atualização porque certamente muito se alterou na maneira e na forma de treinar e utilizar os cães militares.

Publicação Doutrinária do Exército 0-20-18 – Emprego de Cães Militares, visa conceptualizar o emprego de cães militares e definir os mecanismos de seleção, criação e manutenção dos efetivos de cães militares, o treino do cão nas diferentes especialidades, a formação do elemento humano e o treino do binómio (homem/cão). A matéria agora regulamentada aplica-se às unidades cinotécnicas do sistema de forças do Exército no desempenho das tarefas que impliquem a utilização os cães militares, quer em Território Nacional quer fora deste.

Equipa de Tiro do Exército participa nos Campeonatos Nacionais de Pistola

Decorreram nos fins-de-semana de 2/3 e 9/10 de maio os Campeonatos Nacionais de Pistola Livre a 50 metros e Pistola Percussão Central a 25 metros, provas integradas no calendário da Federação Portuguesa de Tiro. O Exército participou nos eventos através da sua Equipa de Tiro, constituída pelo Tenente-Coronel António Santos (Comando da Logística), Major Roberto Costa (Polícia Judiciária Militar), Sargento-Ajudante Filipe Neves (Reserva) e o Sargento-Ajudante Paulo Fernandes (Comando da Logística).

No Campeonato Nacional de Pistola a 50 metros a Equipa de Tiro do Exército (ETE) sagrou-se Vice-Campeã Nacional, tendo o Tenente-Coronel Godinho Santos obtido o 2º lugar na classificação individual. Nesta modalidade a Equipa Campeã Nacional de 2015 foi o Sporting Clube de Portugal.

No Campeonato Nacional de Pistola a 25 metros a ETE conquistou o título de Campeã Nacional Absoluta 2015, tendo o Sargento-Ajudante Filipe Neves obtido o primeiro lugar na prova. A Equipa Vice-Campeã nacional foi, uma vez mais, o Sporting Clube de Portugal, seguida do Clube da Armada.

RI3 realiza corrida solidária "Cidade de Beja"

No dia 17 de maio, a corrida e caminhada "Cidade de Beja" saiu da Base Aérea Nº11 (BA11), percorrendo a periferia da antiga cidade romana de "pax Julia", para terminar no Regimento de Infantaria Nº 3 (RI3), com mais de 160 participantes, todos solidários com os Bombeiros Voluntários de Beja. O evento contou com o apoio técnico da Associação de Atletismo de Beja.

Nesta prova, que ligou as duas instituições militares e a cidade, foi vencedor o soldado da GNR João Cruz (Beja Atlético Clube).

Durante o encerramento da jornada, no RI3, o vereador do município de Beja, Manuel Oliveira, mostrou o seu reconhecimento, em nome da Câmara Municipal de Beja, ao Regimento de Infantaria nº 3 e à Base Aérea nº 11, pelo empenho que desde o início colocaram nesta iniciativa.

No que diz respeito às classificações destacamos:

- Equipas - 1º Beja Atlético Clube;

- Absolutos femininos - 1º Branca Dias (BA11); 2º Maria Jesus Sousa (Academia Ferreira Alentejo); 3º Vanda Parreira (Singa Runners); 4º Ana Isabel Curva (CP São Matias) e 5º Ana Margarida Pereira (Pax Júlios & Júlias).

- Absolutos masculinos - 1º João Cruz (Beja Atlético Clube); 2º Celso Graciano (Beja Atlético Clube); 3º Rui Fontes (Beja Atlético Clube); 4º Luís Pereira (Beja Atlético Clube) e 5º Rafael Mendes (RI3).

Nova
Câmbios
PROTOCOLO com o Exército
Condições Especiais
Compra e Venda de Moeda
Protocolo em:
www.exercito.pt/sites/dsp/Protocolos/Paginas/Protocolo-NovaCambios
Contactos: 213 242 550
936 281 543
Comidade
Segurança
Confiança no serviço !
CÂMBIOS | TRANSFERÊNCIAS
EXCHANGE | MONEY TRANSFER
www.novacambios.com

HORIZONTE
ARTIGOS MILITARES
UNIFORMES
A. DA COSTA, LDA.
CASA FUNDADA EM 1936
UNIFORMES CIVIS E MILITARES
Bonés - Bandeiras
Estandartes - Condecorações
Guiões - Distintivos
Emblemas - Pin's Diversos
ALFAIATARIA
Rua de Santa Justa, 88 - 2º Dto.
1100-486 LISBOA – Tel. 21 342 84 83
LOJA
R. Portas de Santo Antão, 16 - 1º – 1150-268 LISBOA
Tels.: 21 342 69 70 - 21 322 59 15 – Fax: 21 342 88 52
Email: a.dacosta@mail.telepac.pt

ACADEMIA MILITAR
PELO NOSSO PAÍS, PELO TEU FUTURO

Candidaturas abertas

Oficiais
Exército
& GNR

Linha Azul
808 200 211

Mestrados Integrados

Ciências Militares
Engenharias
Administração
Ciências Farmacêuticas*
Medicinas*

15/16 Concurso de Admissão à Academia Militar

Rua Gomes Freire
1169-203 Lisboa

Tlf: 213 186 970/71
Tlf Mil: 415 670/71/72/73

concurso@academiamilitar.pt
www.academiamilitar.pt

* o número de vagas está dependente da aprovação pelas entidades legalmente competentes para esse efeito, pelo que poderá ser alterado

TAMBÉM CREDES, ENTÃO, NA POSSIBILIDADE DE EXISTIREM NOVAS TERRAS PARA OCIDENTE, NÃO É VERDADE, CAPITÃO NICOLAU COELHO?

TUDO INDICA, COM CERTEZA, HAVEREM NOVAS TERRAS NESSA DIRECÇÃO SENHOR CAPITÃO-MOR. SÓ TENHO DÚVIDAS SOBRE A SUA EXTENSÃO...

MAS JÁ EM ÁGUAS DE CABO VERDE, NÃO MUITO LONGE DE BEZEGUICHE, O PRIMEIRO GRANDE INFORTÚNIO ATINGE A ARMADA DE PEDRO ÁLVARES CABRAL...

QUE DESGRAÇA, SENHOR CAPITÃO-MOR! VEDE! A NAU DE D. VASCO DE ATAÍDE ESTÁ A AFUNDAR-SE!

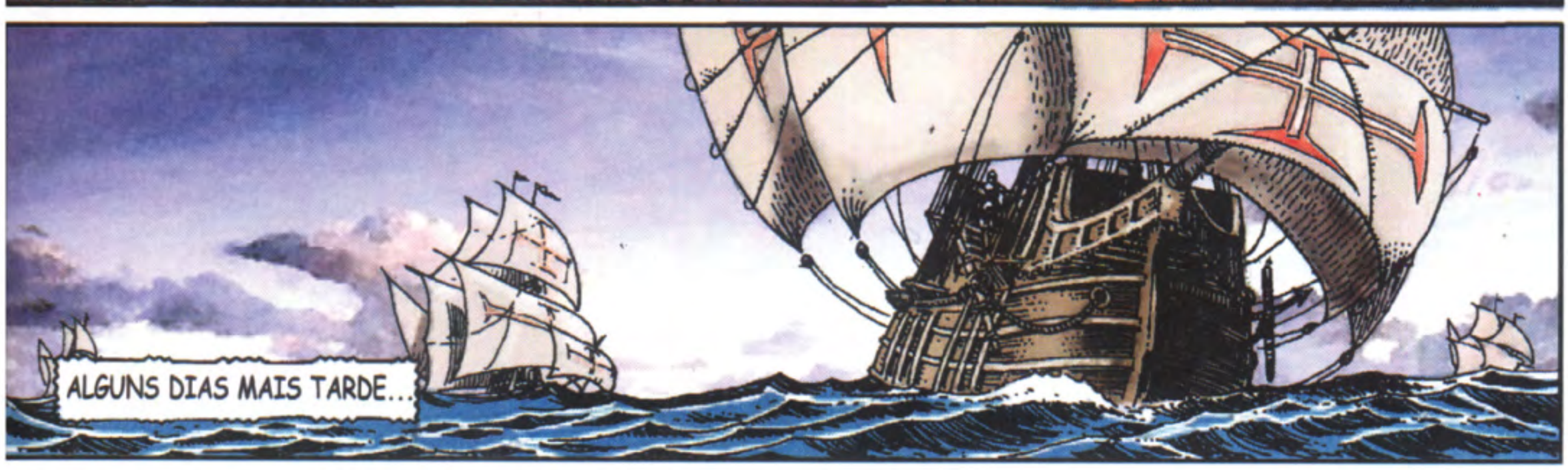
MAS... NÃO HÁ VENTO NEM MARETA! COMO FOI ISTO POSSÍVEL?

QUE DEUS SE AMERCIE DE SUAS ALMAS E AS MANTENHA EM SEU ETERNO DESCANSO!

QUE DEUS SE AMERCIE TAMBÉM DE MIM, FREI HENRIQUE, QUE COM TAMANHA INFELICIDADE COMEÇA A MINHA MISSÃO...

DIAS MAIS TARDE EM BEZEGUICHE, ARQUIPÉLAGO DE CABO VERDE...

SENHOR CAPITÃO-MOR, A AGUADA ESTÁ COMPLETA E METEMOS TAMBÉM ALGUNS ALIMENTOS FRESCOS...
CAPITÃO NICOLAU COELHO, AO FIM DA TARDE LEVANTAMOS FERRO!

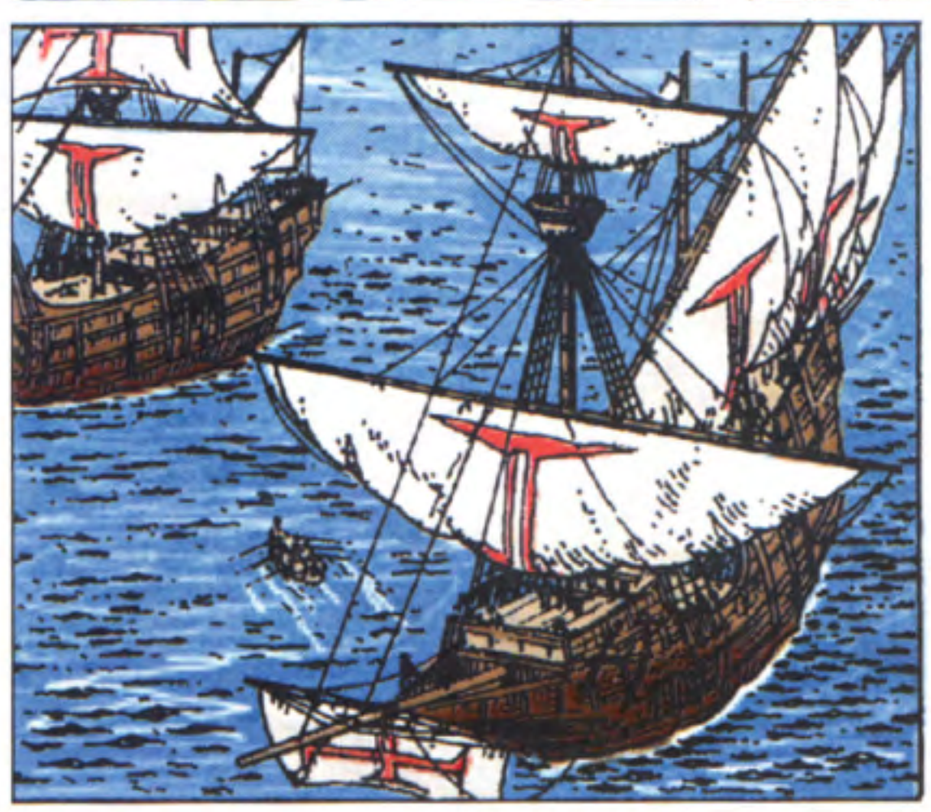

ALGUNS DIAS MAIS TARDE...

SENHOR CAPITÃO-MOR, REPARAI! HÁ RESTOS DE ALGAS COSTEIRAS NAS ÁGUAS!

NÃO RECONHEÇO QUE ESPÉCIE DE ALGAS SÃO ESTAS, MESTRE SIMÃO, MAS PARECEM "RABOS-D'ASNO"!

E!... OLHAI! AVES NO CÉU! PARECEM "GARÇÕES"!

IDE MANDAR CHAMAR O CAPITÃO NICOLAU COELHO PARA QUE ELE VENHA À NAU CAPITÂNIA FALAR COMIGO!



NICOLAU COELHO, VEDE! RECONHECEIS ESTE TIPO DE ALGAS?

PARECEM-ME DA MESMA ESPÉCIE QUE AVISTEI AQUANDO DA VIAGEM COM O SENHOR VASCO DA GAMA! NÃO HÁ DÚVIDAS!
ENTÃO ISSO SIGNIFICA QUE VAMOS MANTER O RUMO A OCIDENTE! TEM DE HAVER TERRA FIRME PERTO DAQUI!

NA TARDE DE QUARTA-FEIRA, 22 DE ABRIL DE 1500...
TERRA À VIIISTAA!
26

MEU DEUS!... TERRA! PACHECO PEREIRA TINHA RAZÃO! E GRANDE FOI TAMBÉM A VISÃO DE EL-REI D. JOÃO II!
MANHÃ DE QUINTA-FEIRA, 23 DE ABRIL DE 1500. A ARMADA PORTUGUESA APROXIMA-SE DE TERRA, NÃO LONGE DA EMBOCADURA DE UM RIO...
QUANTAS BRAÇAS TEMOS DE FUNDO, MESTRE SIMÃO?
UMAS DEZANOVE BRAÇAS, SENHOR CAPITÃO-MOR!
PARECE-NOS SUFICIENTE. LANÇAI FERRO! ESTAMOS A UMAS SEIS LÉGUAS DA COSTA, QUE É DISTÂNCIA SEGURA.
PORQUE ESTAMOS NA QUADRA PASCAL, FREI HENRIQUE, DAREMOS ÀQUELE MONTE O NOME DE PASCOAL!
EXCELENTE, SENHOR ÁLVARES CABRAL! E PARA ESTA TERRA? NÃO LHE ACHAIS NOME APROPRIADO?
ESTAVA A PENSAR NISSO MESMO, FREI HENRIQUE, E CREIO BEM TER ACHADO O TÍTULO QUE MAIS LHE CONVÉM!...
QUE DIZEIS CRISMÁ-LA COM O NOME DE, TERRA DE VERA CRUZ?...
EXCELENTE! DEUS CERTAMENTE VOS INSPIROU PARA ACHARDES NOME TÃO APROPRIADO!
27

Jornal do

EXÉRCITO

CEUTA
600 anos de História

€2,00 (IVA incluído) – Ano LVI – JE n.º 650 – agosto / setembro de 2015

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

santandertotta.pt

Informe-se já.

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Coronel de Infantaria José Custódio **Madaleno Geraldo**, Diretor do *Jornal do Exército*

No dia em que perfazem precisamente 600 anos sobre a tomada de Ceuta eis-nos a escrever sobre o assunto, momento digno de uma evocação nacional! Acerca deste tema, apresenta este *Jornal do Exército* um artigo esclarecedor intitulado "Ceuta 1415", da autoria do Tenente-Coronel Abílio Lousada, que aconselhamos vivamente aos nossos leitores.

Muitos autores se têm dedicado a este tema, marcado de forma indelével na nossa História. As razões que levaram o rei a empenhar-se nesta grande empresa também não deixam de ser curiosas, como está referido no Diário da História de Portugal, um trabalho de José Hermano Saraiva e Maria Luísa Guerra: "Prevalece a opinião de que foi um voto real para comemorar a paz definitiva com Castela." Assim explicou D. João I no conselho reunido em Torres Vedras. Mas não faltaram outras razões de peso: em primeiro lugar, Ceuta era uma cidade de grande importância comercial, estrategicamente bem situada, a chave do Mediterrâneo; em segundo lugar tinha servido de base aos corsários e a sua posse iria atenuar a ação dos piratas nas costas portuguesas.

Toda a família real estava envolvida nesta demanda. A própria rainha, D. Filipa de Lencastre é atingida pela peste e ao sentir aproximar a hora da morte [18 de julho de 1415] recolheu ao mosteiro, em Odivelas, e mandou chamar os seus filhos para lhes entregar valorosas espadas, guarnecidas de ouro, aljôfar e pedras preciosas. Como mãe e rainha deu-lhes alguns conselhos: D. Duarte, com aquela espada, deveria reinar com justiça, a D. Pedro que amparasse os fracos e a D. Henrique que protegesse os pobres. Lembrou-os que a data da partida da expedição a Ceuta deveria manter-se no dia de Santiago, 25 de julho. Assim aconteceu! Foi com a bênção da mãe que os filhos embarcaram, na frota composta por 242 navios, dividida em duas capitanias, a das galés, ou navios armados em guerra, sob o comando do rei D. João I, e a das naus ou embarcações de transporte, comandadas pelo infante D. Pedro. A esquadra passou por Lagos, Algeciras e Tarifa. A 12 de agosto avistaram Ceuta, que tinha sido alvo de um reconhecimento por dois fidalgos portugueses, com o pretexto de uma embaixada à corte de Sicília. Salah Bem Salah era o governador da cidade que no dia 21 de agosto havia de ser tomada pelas forças portuguesas e aliadas. Ao fim da tarde ergueu-se o pendão real de Portugal. No dia seguinte, 22 de agosto, na cidade já tomada, onde hoje é a Basílica de Ceuta, com as espadas que a mãe lhes havia oferecido, foram os infantes armados cavaleiros, sob a invocação de Santa Maria. Curiosamente estava presente nessa cerimónia o Condestável Nuno Álvares Pereira, canonizado em 2009, com o nome de São Nuno de Santa Maria. Estava assim dado o mote para os grandes feitos Além Mar dos Portugueses. A partir dali Portugal e os portugueses definiram uma estratégia de irem ao encontro de novos mundos através do mar. Foi o início da expansão, que havia de ter o seu corolário com a descoberta do caminho marítimo para a Índia e da descoberta do Brasil. "E se mais mundo houvera lá chegara". São palavras de Camões! Voltando a Ceuta, passaram seis séculos e esta cidade que faz parte do reino de Espanha tem na sua bandeira e na sua memória lembranças de Portugal. No Expresso *on line* [21 de maio de 2013] pode ler-se o seguinte: "Portugal está no escudo e também "na alma" de Ceuta que, 600 anos depois da chegada dos portugueses, considera esse momento como o de viragem na história local, disse hoje o presidente da cidade autónoma espanhola, Juan Jesús Vivas."

Monumentos aos Combatentes da Grande Guerra – Cascais

Texto : Tenente RC Eder Sousa

Enquanto a generalidade dos Monumentos aos Combatentes são em honra aos militares mortos na Grande Guerra, o Monumento evocativo de Cascais é dos poucos construído em homenagem às mães e viúvas dos que sucumbiram em combate. Este monumento apresenta, por isso, uma estátua da "Mater Dolorosa", a Nossa Senhora das Dores, nome que se deve às Setes Dores da Virgem Maria. Desta forma, são representadas todas as mulheres que sofreram as agruras da Grande Guerra pela perda dos seus entes queridos.

O projeto de Simões de Almeida Sobrinho foi inaugurado em 1925 e, como se pode ler na parte de trás do monumento, os fundos para a sua edificação foram obtidos através de uma "subscrição pública – Acção e Iniciativa da Camara Municipal de Cascaes em MCMXXI (1921)". Outra inscrição na lateral refere as frentes em que Portugal participou na Grande Guerra: "Flandres, Angola, Moçambique, no mar". O pedestal da estátua está assente numa base em forma de Cruz da Ordem de Cristo, emblema que, tal como vimos noutras edições do JE, se tornou um símbolo intrínseco a Portugal, daí também ser conhecida como Cruz de Portugal.

É de referir ainda que em 2014 foi colocada uma placa por ocasião das evocações do Centenário da Grande Guerra, com a seguinte incrição: "Evocação do Centenário da Grande Guerra (1914-1918) – Homenagem ao Combatente Português 2014".

O local onde está localizada a "Mater Dolorosa", o Jardim Visconde da Luz, também merece ser relevado, pois trata-se de um espaço centenário, mesmo no coração de Cascais. O terreno foi cedido à vila por Joaquim António Velez Barreiros, também conhecido como Visconde de Nossa Senhora da Luz. O jardim foi inaugurado em 1867 e, desde essa altura, foi sempre o local eleito para os momentos de lazer dos moradores e visitantes, sobretudo para a organização de festas populares. Atualmente, o Jardim Visconde da Luz continua a ser um espaço público predileto da população, sobretudo pela área ajardinada e pelos divertimentos que possui para os mais novos.

Sumário .05

Cooperação Técnico-Militar
entre Portugal e São Tomé e Príncipe

Artigo do Cor Inf Carlos Moreno e 1Sarg Eng Nelson Leal
Página 18

Ceuta 1415
«Riqua e muy Fermosa» Escola de Guerra Portuguesa

Artigo do TCor Inf Abílio Pires Lousada
Página 24

Curso de Estado-Maior

Artigo do Maj Inf João Barros
Página 36

SUPLEMENTO

Banda Desenhada:
"Pedro Álvares Cabral e o Brasil - Da Serra da Estrela à Costa do Descobrimento"
de José Pires

Páginas XXIX a XXXII

EDITORIAL **03**

MONUMENTOS COM HISTÓRIA MILITAR **04**

ATUALIDADES
Destaque do mês **06**
Figuras & Factos **07**
...mais de mil palavras **08**

ARTIGOS

Modelismo
Uma paixão meticulosa **22**

CULTURA, DESPORTO E LAZER
Site, TV & Exposição **46**

Capa: Conquista de Ceuta
Ilustração de Alberto de Sousa

Retificação: *A fotografia da capa do JE de nº 649 de JUN/JUL, foi erradamente identificada como sendo do CAVE, quando na verdade foi gentilmente cedida pela Presidência da República*

Jornal do Exército — ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Direção, Redação e Administração: Rua Marquês de Fronteira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700 Militar: 414 085, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, *E-mail*: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, *E-mail – Intranet*: *Jornal do Exército*, *Home page*: www.exercito.pt **DIREÇÃO – Diretor**: Cor Inf José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor**: TCor Cav António N. Marcos Andrade; **Secretária**: Ass. Téc. Joana Moita; **REDAÇÃO – Chefe**: TCor Cav António N. Marcos Andrade; **Assistente de Redação**: 1Sarg Art Anjos Das Neves; **Redatores**: Ten RC Eder Sousa; **Operadoras Informáticas**: Ass. Téc. Elisa Pio, Ass. Téc. Guiomar Brito; Ass. Téc. Tânia Espírito Santo; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS – Auxiliares**: SAj SGE "Cmd" António Belém, SAj SGE Luís Silva; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** – Lusa – Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **EXECUÇÃO GRÁFICA** – MX3 – Artes Gráficas, Lda – Parque Industrial Alto da Bela Vista – Pavilhão 50 – Sulim Park – 2735-340 CACÉM, Tel: 219 171 088/89/90, *E-mail*: clientes@hmx3ag.com. Tiragem – 6.000 exemplares; Depósito Legal – nº 1465/82 ISSN – 0871/8598.

AM recebe Reunião da Estrutura de Comando do Exército

Decorreu no dia 22 de junho, no aquartelamento da Academia Militar, na Amadora, a Reunião da Estrutura de Comando do Exército.

O evento foi presidido pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Hernandez Jerónimo e estiveram presentes todos os oficiais generais com funções de chefia no Exército, assim como todos os oficiais comandantes de Unidades, Estabelecimentos e Órgãos.

A reunião de trabalho teve como objetivo dar a conhecer, no âmbito das diversas áreas funcionais do Exército, o ponto de situação dos assuntos mais relevantes, bem como as perspetivas da sua evolução no curto prazo.

Na área da Cultura Militar, foi referido pelo VCEME o trabalho que está a ser feito ao nível da divulgação do património museológico e digitalização da documentação dos Arquivos e da Biblioteca do Exército, entre outros assuntos.

Na área de Pessoal, o Ajudante-General do Exército falou da alteração ao Estatuto dos Militares das Forças Armadas (EMFAR), assim como a situação sobre os efetivos, promoções e colocações.

De seguida, o Tenente-General Comandante das Forças Terrestres falou sobre a componente operacional, tendo apresentado a situação das Forças Nacionais Destacadas nos oito teatros em que atualmente Portugal tem militares do Exército a desempenhar as mais diversas missões. Referiu-se também ao treino operacional e ao grande desafio que vai ser o exercício da NATO, o denominado *Trindent Juncture* 2015, a realizar em Portugal e Espanha nos próximos meses de outubro e novembro. Terminou referindo os desafios futuros da componente operacional e a modernização das capacidades das forças.

No seguimento da reunião, tomou a palavra o Tenente-General Quartel-Mestre-General, comandante da Logística, referido-se às recentes transformações que o Exército sofreu nas áreas do apoio sanitário, de fardamento e alimentação. Terminou a sua apresentação referindo-se às Leis de Programação Militar e ao reequipamento do Exército.

O Tenente-General Comandante da Instrução e Doutrina frisou, entre outros assuntos, a necessidade de concluir o trabalho já iniciado, sobre os referenciais de curso, concominantemente com a perspetiva a curto prazo da simulação no Exército, a atividade do Centro de Línguas do Exército e por fim sobre os Estabelecimentos Militares de Ensino.

A intervenção seguinte foi do Diretor de Finanças do Exército que mencionou a execução orçamental e a reorganização da estrutura financeira da instituição.

Coube ao Major-General Diretor Coordenador do Estado-Maior do Exército debater as Leis de Programação Militar e de Infraestruturas do Exército, o planeamento operacional para os anos 2015-2021 e, por fim, os trabalhos em estudo, relativamente ao regime de contrato de longa duração, ao Decreto-Lei relativo aos efetivos aprovados para 2016 e ao regulamento de incentivos à prestação do serviço militar.

Antes do encerramento da reunião de trabalho, feita pelo General CEME, teve ainda a palavra o Tenente-General Comandante da Academia Militar que falou da reforma do ensino superior militar e sobre o recrutamento e admissão à Academia.

Visita do CEME ao Centro de Saúde Militar de Coimbra

No âmbito das visitas de trabalho às Unidades, Estabelecimentos e Órgãos do Exército, o CEME, General Hernandez Jerónimo, visitou o Centro de Saúde Militar de Coimbra (CSMC), no passado dia 19 de junho.

A visita teve início com um *briefing* apresentado pelo Diretor do CSMC, em que plasmou resumidamente toda a atividade do pessoal e do material. O segundo momento coincidiu com apresentação do novo Departamento de Saúde Operacional e as valências que a mesma comporta e que irão contribuir para a eficiente a eficaz avaliação da força.

O terceiro momento revestiu-se de particular importância, pois é uma aposta deste CSMC, com vista a ultrapassar muitos dos constrangimentos do Exército, em termos de saúde militar tanto a nível pessoal como material. Trata-se da teleconsulta. Nesta nova valência foi possível mostrar que neste momento o CSMC está de forma regular a prestar apoio ao CSTSM e ao Regimento de Infantaria Nº14, fazendo uso desta nova tecnologia, e foi possível durante a visita realizar uma teleconsulta em tempo real a partir do Teatro de Operações do Kosovo.

O quarto momento foi no Campo de Treino de Saúde Operacional do CSMC, com o Exercício final da ação de formação/treino "Socorro em Ambiente Tático". Esta ação, frequentada pelo pessoal de saúde (médicos, enfermeiros e socorristas) da NRF 16, decorreu entre 17 e 19 de junho.

Comemorações do Dia do Comando das Forças Terrestres e da Brigada de Intervenção

Realizaram-se de 19 a 21 de junho, na cidade de Coimbra, as comemorações do Dia do Comando das Forças Terrestres e da Brigada de Intervenção.

Foram levadas a efeito várias atividades, entre as quais se destacam a demonstração de meios e capacidades no Parque Verde, exposição de fotografias no Comando da Brigada e no Museu da Água (Parque Dr. Manuel Braga), um concerto da Orquestra Ligeira do Exército (OLE) e a cerimónia militar que decorreu na Av. Emídio Navarro, na margem direita do rio Mondego.

O concerto realizou-se no dia 19 de junho, no Jardim da Sereia, com lotação esgotada e incluiu a atuação conjunta do Coro Alma de Coimbra com a Orquestra Ligeira do Exército. Esta parceria foi a expressão viva da excelente relação de proximidade entre a sociedade civil e o Comando da Brigada de Intervenção.

A cerimónia militar na Av. Emídio Navarro, que se realizou na manhã de 20 de junho, foi o ponto alto das comemorações, com o desfile perante o General CEME de cerca de 600 militares e 45 viaturas, entre as quais 37 VBR PANDUR II 8x8 e onde, uma vez mais, a população conimbricense marcou forte presença, associando-se à comemoração de mais um aniversário da Brigada de Intervenção.

08. ... mais de mil palavras

Av. Emídio Navarro, em Coimbra
20 de junho de 2015

A ligação da cidade de Coimbra e dos seus habitantes à Instituição Militar é uma relação que se perde na história militar do país. Atualmente está aquartelado no Convento das Eremitas de Santo Agostinho de Santa Ana, o Comando da Brigada de Intervenção. Este ano de 2015 foram realizadas na Avenida Emídio Navarro as cerimónias da comemoração conjunta do Dia do Comando das Forças Terrestres e da Brigada de Intervenção.

(Foto: gentilmente cedida pela Câmara Municipal de Coimbra)

86º Aniversário da Biblioteca do Exército

Presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Hernandez Jerónimo, teve lugar na Biblioteca do Exército a cerimónia militar que assinalou o seu 86º aniversário (23 de junho) e a entrega da medalha de serviços distintos, grau ouro, concedida pelo Presidente da República.

Estiveram presentes o Vice-CEME, Tenente-General Pereira Agostinho, o Diretor de História e Cultura Militar (DHCM), Major-General Santos de Carvalho, antigos Diretores da DHCM e da Biblioteca do Exército, os Diretores das Bibliotecas Central de Marinha e João Paulo II, e outras entidades civis e militares.

Do programa constou a alocução do General CEME, a alocução do Diretor da Biblioteca, a condecoração da Biblioteca, o momento musical pelo Quinteto de Metais da Banda Sinfónica do Exército, a visita à exposição "O contributo do Padre Sales para a Biblioteca" e a assinatura do Livro de Honra.

Incluído no programa, a Dra. Helena Patrício, da Biblioteca Nacional, proferiu uma comunicação com o tema "Na rede sem rede: um olhar futuro sobre a biblioteca" e foi assinado um Protocolo de Cooperação com o Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória», (CITCEM), que é uma unidade de investigação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Comemoração do 55º aniversário do CTOE

No passado dia 2 de julho, o Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE) comemorou o seu 55º aniversário. Conjuntamente com aquela, realizaram-se as cerimónias de encerramento do curso de Operações Especiais para Oficiais e Sargentos do Quadro Permanente, frequentado por militares de Angola e de Timor Leste, bem como pelo curso de *Sniper* formado por militares do Corpo de Fuzileiros, Angola e Brasil.

As cerimonias foram presididas pelo CEME, General Hernandez Jerónimo, tendo estado presentes diversas entidades civis e militares, uma comitiva de Angola liderada pelo Chefe da Direção de Forças Especiais de Angola, o Adido de Defesa e Aeronáutica do Brasil, o Adido de Defesa dos EUA, o Adido de Defesa de Moçambique e o Adjunto do Adido de Timor-Leste.

Dia da Escola de Tropas Paraquedistas e condecoração do Estandarte com Ordem Militar de Cristo

A Escola de Tropas Paraquedistas (ETP) celebrou, no dia 23 de maio, o seu 59º aniversário. Iniciou-se o dia com o içar da Bandeira Nacional e a realização de uma Cerimónia em Homenagem aos Mortos em Combate. Seguiu-se uma Missa de Ação de Graças, realizada na Capela da ETP e aberta a todos quantos nela quiseram participar.

Na mítica parada Alferes Paraquedista Mota da Costa e perante os Estandartes Heráldicos das Unidades Paraquedistas que serviram a Pátria Portuguesa, teve inicio a Cerimónia Militar, presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Hernandez Jerónimo.

O momento mais alto ocorreu aquando da condecoração do Estandarte Nacional da ETP com a Ordem Militar de Cristo. A Ordem Militar de Cristo foi instituída pelo Rei D. Dinis em 1318, e destina-se a distinguir destacados serviços prestados ao País no exercício de funções de soberania.

Durante a tarde, o público assistiu a uma demonstração cinotécnica e de paraquedismo no campo de futebol da ETP, e viu a Força Aérea Portuguesa materializar a ligação institucional e de cooperação fraterna que tem com os Paraquedistas através de passagens baixas realizadas por aeronaves C295 e F16 que sobrevoaram a Unidade.

Tomada de Posse do novo Inspetor-Geral do Exército

No passado dia 1 de julho, teve lugar a cerimónia de Tomada de Posse do novo Inspetor-Geral do Exército (IGE), Tenente-General Frederico José Rovisco Duarte.

A cerimónia realizou-se no Salão Nobre do Palácio Vilalva, em Lisboa, na presença do Major-General Aníbal Alves Flambó e dos Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis da Inspeção-Geral do Exército, que receberam o novo Inspetor-Geral.

Após a devida receção protocolar, o Tenente-General Rovisco Duarte agradeceu a cerimónia simples mas simbólica e cheia de significado.

No seu discurso, o Tenente-General Rovisco Duarte frisou os desafios e responsabilidades daquele importante órgão do Exército e reforçou a sua confiança na equipa de trabalho.

No fim da cerimónia foi efetuada uma visita às instalações da Inspeção-Geral do Exército.

Dia da Zona Militar dos Açores e do Regimento de Guarnição Nº 2

Decorreram na ilha de São Miguel, no período de 13 a 20 de junho, um conjunto de atividades de natureza desportiva, cultural, recreativa e militar, integradas nas cerimónias comemorativas do Dia da Zona Militar dos Açores (ZMA) e que, no corrente ano, se celebraram conjuntamente com o Dia do Regimento de Guarnição Nº 2 (RG2).

Nos dias 13 e 14 de junho realizou-se uma prova aberta de orientação urbana e outra de atletismo, na cidade de Ponta Delgada, que contaram com a participação de cerca de 150 atletas.

As principais comemorações do dia da ZMA e do RG2 decorreram no dia de 17 de junho, no Regimento de Guarnição nº 2, Ponta Delgada, com uma parada militar e mostra de capacidades. O dia começou com uma Missa de Ação de Graças e Sufrágio na Igreja de São José, seguindo-se a cerimónia militar presidida pelo Representante da República para a Região Autónoma dos Açores, Embaixador Pedro Catarino, e contou também com a presença do Chefe do Estado-Maior do Exército, do Subsecretário Regional da Presidência para as Relações Externas (em representação do Presidente do Governo Regional dos Açores), do presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada e do Comandante das Forças Terrestres, entre outras entidades militares, civis e eclesiásticas.

As comemorações culminaram na noite de 20 de junho, com um concerto da Banda Militar dos Açores, em colaboração com o Coral Sinfónico de São José e Conservatório Regional de Ponta Delgada.

Comemorações do 88º Aniversário do RA4

No dia 3 de julho decorreu, no quartel da Cruz D'Areia em Leiria, a cerimónia militar comemorativa do 88º aniversário do Regimento de Artilharia Nº 4. A cerimónia foi presidida pelo Major-General Cardoso Perestrelo, Comandante da Brigada de Reação Rápida, tendo contado com a presença do presidente da Câmara Municipal de Leiria, Dr. Raúl Miguel de Castro, do presidente da Câmara Municipal da Batalha, Dr. Paulo Jorge Frazão Batista dos Santos, do presidente da União das Freguesias de Leiria, Pousos, Barreira e Cortes, Dr. José Manuel da Cunha, e da vice-presidente da Câmara Municipal de Pombal, Dra. Catarina Silva em representação do Presidente da Câmara Municipal de Pombal, a que se juntaram várias entidades civis e militares.

Na Capela do Regimento foi realizada uma Celebração Eucarística pelos militares falecidos. No final da cerimónia, durante a demonstração de capacidades operacionais do Grupo de Artilharia de Campanha, os convidados assistiram ao "Batismo de Fogo" de seis Entidades Civis e Militares, tendo-lhes no final sido atribuído o Grau de "Artilheiro Honorário do Regimento de Artilharia Nº4".

Integrado nas Comemorações, foi realizado nos dias 27 e 28 de junho o XVII Grande Prémio de Orientação do RA4 na região de São Pedro de Moel – Marinha Grande e em Pedrogão – Leiria, em parceria com o Clube de Orientação do Centro, com a participação de 365 atletas de vários Clubes.

Exército na Cooperação Técnico-Militar com Timor-Leste

No âmbito da Cooperação Técnico Militar (CTM) com Timor-Leste, o Exército Português tem desenvolvido as suas atividades com base num conjunto de projetos definidos em Programas-Quadro, nomeadamente nas áreas de Instrução, Ensino e Treino Operacional e, através do Projeto Nº4, o Apoio à Componente Terrestre das Falintil – Força de Defesa de Timor Leste (F-FDTL).

O Projeto Nº4, atualmente assessorado por militares da Brigada Mecanizada, apoiou no mês de junho diversas atividades. A 24 de junho, a visita do Curso de Promoção a Oficial Superior à Componente Terrestre (CT) em Baucau, que permitiu ficar a conhecer a estrutura e funcionamento da CT das F-FDTL.

A 25 de junho, a visita do Centro de Aprendizagem e Formação Escolar de Baucau à CT. Neste evento estiveram presentes duas turmas, do 4ºAno e 6ºAno. Evidencia-se a utilização permanente da língua portuguesa e a presença da Radio Televisão de Timor-Leste. Em 28 de junho, na região de Larisolo, acompanhamento e participação na cerimónia de encerramento do exercício de guerrilha de uma Companhia da CT. O exercício decorreu no seio da população em estreita coordenação com as autoridades locais e foi presidido pelo Chefe de Estado-Maior das F-FDTL, Coronel Falur Laek.

Em todas as atividades os militares portugueses demonstraram a sua capacidade, dedicação e profissionalismo, elevando dessa forma o nome do Exército Português e de Portugal.

Militares do Exército Português dão formação na Alemanha

O Exército, através do Regimento de Lanceiros Nº 2, deslocou-se ao *Joint Multinational Readiness Center*, em Hohenfells, na Alemanha, com o intuito de aprontar as forças internacionais que ali se encontram a realizar a rotação para o Teatro de Operações do Kosovo.

A formação "Fire Phobia", ministrada por uma equipa de sete militares (comandada pelo Tenente-Coronel de Cavalaria Alves de Sousa), decorreu de 14 a 19 de junho e consistiu numa demonstração e reação a agentes incendiários, vulgo "cocktail molotov", tendo sido dada formação a cerca de 400 militares de países como os Estados Unidos da América, Roménia, Moldávia e Albânia.

No final, os Comandantes das várias subunidades mostraram o seu agrado pela forma exemplar e profissional como decorreu o "Fire Phobia".

Regimento de Transportes exibiu viaturas militares antigas

O início da era dos Transportes no seio do Exército deve-se ao General Norton de Matos, Ministro da Guerra, que, através de Portaria nº 536-A, de 16 de dezembro de 1915, criou junto do Estado-Maior do Exército uma Comissão de Automobilismo Militar, embrião do atual Serviço de Transportes.

Para celebrar a efeméride, no âmbito das comemorações do seu centenário, o Regimento de Transportes, herdeiro da tradição automóvel no Exército, realizou uma exposição de viaturas militares antigas que esteve aberta ao público entre os dias 26 de maio e 21 de junho. Na mostra estiveram expostas viaturas militares em tamanho real desde o início do século XX até aos dias de hoje, e também miniaturas e fotografias representativas da evolução dos transportes motorizados no exército português.

A exposição contou com o apoio da Associação Portuguesa de Veículos Militares, Associação de Modelismo do Montijo, Museu Militar de Elvas, Direção de Transportes da Marinha, Regimento de Sapadores Bombeiros de Lisboa e Bombeiros Voluntários do Dafundo.

Imposição de Medalhas Comemorativas das campanhas a Ex-Combatentes do Ultramar no RAAA1

Realizou-se em 16 de junho, na Sala de Honra do Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1 (RAAA1), a primeira Cerimónia de 2015 referente à Imposição de Medalhas Comemorativas das Campanhas a Ex-Combatentes do Ultramar.

A Cerimónia contou com a presença de 14 Ex-Combatentes que serviram a Pátria nas Ex-Províncias Ultramarinas da Guiné, Angola e Moçambique, dando-se ênfase e honra aos factos passados e ao historial das suas vidas nos serviços de campanha prestados.

As medalhas foram impostas pelo Comandante do RAAA1, Coronel de Artilharia José Augusto Oliveira Costa dos Reis, pelo 2º Comandante, Tenente-Coronel de Artilharia Vítor Manuel Simões Oliveira e pelo Adjunto do Comandante, Sargento-Mor de Artilharia António Manuel Aguiar Vidicas, perante o testemunho de Oficiais e Sargentos do Regimento e dos familiares dos Ex-Combatentes presentes.

No final da cerimónia o Comandante do RAAA1 proferiu algumas palavras de agradecimento a todos os Ex-Combatentes que prestaram serviço no Ultramar, enaltecendo o seu esforço e abnegação, de uma geração que tanto deu à nação sem exigir nada em troca, convidando todos os presentes para um lanche convívio na Sala de Oficiais.

Encontro de Antigos Comandantes do CIACC e do RAAA1

Realizou-se no passado dia 12 de junho, no Regimento de Artilharia Antiaérea Nº1 (RAAA1), o 1º encontro de antigos Comandantes do Centro de Artilharia Antiaérea de Cascais (CIAAC) e do RAAA1.

Compareceram 16 antigos Comandantes que foram recebidos pelo atual Comandante do RAAA1, Coronel de Artilharia José Augusto Costa dos Reis.

Do programa constou a celebração da Eucaristia na capela do Regimento; Cerimónia de Homenagem aos Mortos; formatura regimental; visita às infraestruturas da Unidade, incluindo uma exposição estática dos atuais meios de Artilharia Antiaérea (AAA), brífingue de atualização sobre o RAAA1 e a AAA, seguindo-se um almoço de confraternização.

Registou-se com relevante e especial agrado a importância deste evento, a alegria e nostalgia de todos os convidados, assim como da satisfação dos militares e civis que os acolheram.

Esta iniciativa foi uma forma de honrar os que no passado serviram com zelo e dedicação o Regimento, bem como uma passagem de testemunho às gerações vindouras.

CINAMIL organiza *Workshop* "Oportunidade H2020 no Espaço e na Segurança"

No âmbito das iniciativas inscritas no Plano de Atividades para 2015-2016, o Centro de Investigação e Desenvolvimento da Academia Militar (CINAMIL) levou a efeito no passado dia 24 de junho, nas instalações da Academia Militar, em Lisboa, o *Workshop* intitulado "Oportunidade H2020 no Espaço e na Segurança", que constituiu uma excelente oportunidade para conhecer as linhas gerais da *calls* de projetos de investigação no âmbito do Horizonte 2020 – Programa-Quadro Comunitário de Investigação e Inovação da União Europeia para 2016/2017.

A sessão pública, muito concorrida, teve o apoio do Gabinete de Promoção do Programa Quadro ID&I e reuniu os principais especialistas na área da segurança e do espaço.

TABELA DE PREÇOS PARA 2015

PREÇO DE CAPA €2,00 **ASSINATURA ANUAL** (11 números): **VIA SUPERFÍCIE** - Portugal Cont. Madeira e Açores €20,00; **VIA AÉREA** - Países Europeus €45,00; Restantes Países €65,00. **NOTA**- As assinaturas devem ser pagas antecipadamente **NÚMEROS ATRASADOS** - 1960 a 1969 €4,50; 1970 a 1979 €4,00; 1980 a 1989 €3,00; 1990 a 2001 €2,50; 2002 a 2012 €2,00. Os preços incluem IVA à taxa de 6%.

PREÇO DE ENCADERNAÇÃO €30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.

N.B.- Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: 1000/2000 €4,21; 3000/8000 €5,79; Açores e Madeira €6,56.

General Mateus da Silva recebe Prémio da AFCEA Internacional

O Tenente-General Eduardo Mateus da Silva foi agraciado pela AFCEA Internacional com a *Medal of Merit Award* 2015. Este prémio foi entregue pelo Presidente & CEO da AFCEA Internacional (*The Armed Forces Communications and Electronics Association*), Lieutenent General USMC (*United States Marine Corps*) Robert Shea, no jantar realizado em Cascais, no passado dia 12 de junho. O evento contou com a presença do General Manager da AFCEA Europa, Major-General Peter Treche, do Vice-Presidente da AFCEA Internacional para a Região Atlântica & Presidente da AG da AFCEA Portugal, do Contra-almirante Carlos Rodolfo, do Presidente da Direção da AFCEA Portugal, Contra-almirante Mário Durão, e ainda de membros dos órgãos sociais da associação e de familiares.

O Tenente-General Eduardo Mateus da Siva pertenceu aos órgãos sociais da AFCEA Portugal desde a sua criação, tendo exercido as funções de Vice-Presidente da Assembleia Geral durante mais de 25 anos. Além disso, com os seus vastos conhecimentos e experiência nas áreas de Investigação e Desenvolvimento Tecnológico (I&DT) para a Defesa, foi um indispensável dinamizador que conduziu à participação das entidades I&DT e da indústria nos eventos promovidos pela Associação, muito contribuindo para a sua visibilidade nacional e internacional e para o atual sucesso da AFCEA Portugal.

Inauguração do "Sintra Viva" no Regimento de Artilharia Antiaérea Nº1

Em 1 de junho, o Regimento de Artilharia Antiaérea Nº1 (RAAA1) recebeu a visita do Presidente da Câmara Municipal de Sintra (CMS), Dr. Basílio Horta, que se inseriu no evento cultural "Sintra Viva". Este acontecimento decorreu de 1 a 7 de junho nas instalações do RAAA1, tendo o presidente da Edilidade Sintrense procedido à sua inauguração.

Esta atividade pretende divulgar o trabalho desenvolvido pelos Agrupamentos de Escolas e Escolas Secundárias, Associações Desportivas e Juvenis, Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) e Associações de Cultura e Recreio (neste particular salienta-se a participação da Banda Sinfónica do Exército), com o objetivo de promover a partilha de experiências e assim contribuir para o desenvolvimento educativo, cultural, juvenil e social do Concelho de Sintra.

Na cerimónia estiveram igualmente presentes o Comandante do RAAA1, Coronel de Artilharia José Augusto dos Reis, o Vice-presidente da CMS, Dr. Rui Pereira, e a presidente da União das Freguesias de Queluz e Belas, Dra. Paula Alexandra Alves, bem como diversos vereadores dessa edilidade.

O Fórum de projetos do Concelho de Sintra "Sintra Viva" é um evento de responsabilidade conjunta dos Departamentos de Educação, Cultura, Juventude e Desporto, Solidariedade e Inovação Social da Câmara Municipal de Sintra com periodicidade bianual e, mais uma vez, realizou-se nesta Unidade, contribuindo para o sólido espírito de cooperação existente entre o Regimento e a CMS.

Dia da Região Autónoma da Madeira e das Comunidades Madeirenses

No dia 1 de julho decorreram, na cidade do Funchal, as Comemorações do Dia da Região Autónoma da Madeira e das Comunidades Madeirenses.

A Zona Militar da Madeira (ZMM) participou nas cerimónias prestando Honras Militares, na Praça do Povo, ao Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira, Dr. José Lino Tranquada Gomes, ao Presidente do Governo da Região Autónoma da Madeira, Dr. Miguel Filipe Machado de Albuquerque, e ao Representante da República para a Região Autónoma da Madeira, Juiz Conselheiro Ireneu Cabral Barreto.

Realça-se, igualmente, a presença do Comandante da ZMM, Major-General Marco António Mendes Paulino Serronha.

Rohde & Schwarz - na vanguarda da tecnologia

Temos as melhores soluções para si.

Com base em décadas de experiência e uma completa gama de produtos nas áreas de broadcasting, teste e medida, radiocomunicações, radiomonitorização, radiolocalização e segurança IT a Rohde & Schwarz proporciona aos seus clientes um apoio total desde a fase de planeamento do projecto até à entrega de sistemas chave em mão. O nome Rohde & Schwarz é sinónimo de um serviço e suporte completo e competente representado em mais de 70 países.

www.rohde-schwarz.pt

ROHDE&SCHWARZ

Cooperação Técnico-Militar

entre Portugal e São Tomé e Príncipe

Texto : Cor Inf Carlos Moreno
1Sarg Eng Nelson Leal

No âmbito dos vários projetos de Cooperação Técnico-Militar (CTM) com a República Democrática de São Tomé e Príncipe (RDSTP) têm vindo a ser realizados nos últimos meses uma série de atividades com vista a estimular esta cooperação, o bem-estar e o moral das tropas, deste país amigo.

No âmbito do Projeto-1 da CTM, foi disponibilizado ao seu congénere santomense um conjunto de artigos, de fardamento (nº 2 e nº 4 – camuflado), de aquartelamento (colchões e lençóis) e outros artigos de intendência (terrinas, travessas, panelas), por forma a mitigar algumas das principais carências existentes.

Tratou-se da oferta de um conjunto significativo de artigos que, entre outras utilizações, permitiram melhor fardar e equipar os recrutas que no passado mês de julho foram incorporados no âmbito do serviço militar obrigatório.

No âmbito do Projeto-3 da CTM, Portugal mantém em São Tomé, com caráter residente, um Sargento de Engenharia, nas funções de Assessor para a área técnica das construções. O trabalho deste militar visa incrementar a capacidade da Engenharia Militar de Construções, das Forças Armadas da Republica Democrática de São Tomé e Príncipe.

Ao longo dos anos, tem sido desenvolvido um trabalho de grande utilidade para as Forças Armadas deste país, com particular destaque para a construção e remodelação de vários espaços no Quartel-General, nomeadamente, uma lavandaria, casernas, cozinha geral e várias casas de banho. Relativamente às instalações da Guarda Costeira, uma caserna e instalações sanitárias. Por fim, no Centro de Instrução Militar, salas de aula, casernas e um edifício prisional.

O Projeto 3 de CTM tem uma dupla finalidade:

- Melhorar de modo contínuo o estado e condições das instalações militares do país;

- Formar (*on job training*), os jovens santomenses em áreas técnicas (carpintaria, pintura, pedreiro, eletricidade, canalização, etc.), facilitando assim a sua inserção na vida ativa no final do serviço militar.

No corrente ano de 2015 e durante cerca de três meses, uma equipa da Companhia de Engenharia das Forças Armadas de São Tomé e Príncipe (FASTP), sob a direção do Primeiro Sargento de Engenharia Nelson Leal do Regimento de Engenharia Nº3 de Espinho, realizou diversos trabalhos de remodelação e construção de uma caserna feminina no Quartel-General das FASTP, incluindo instalações sanitárias e o abastecimento de água às mesmas. Suportada pelo apoio financeiro da Direção-Geral de Politica de Defesa Nacional (DGPDN), contou com o trabalho de um sargento e dezassete praças (seis pedreiros, quatro pintores, três canalizadores e quatro carpinteiros).

Esta obra era muito desejada, sendo a primeira deste tipo nas FASTP, pois permite alojar em boas condições as jovens militares (voluntárias) do sexo feminino, tendo merecido um particular destaque pela importância e atualidade que têm nas Forças Armadas da RDSTP, os assuntos relativos às mulheres e à igualdade do género.

Estes eventos foram alvo de duas singelas cerimónias realizadas no passado mês de julho.

A entrega de artigos oferecidos pelo Exército Português ao Exército de São Tomé e Príncipe e a inauguração da obra (Caserna Feminina) tiveram lugar no Quartel-General das FASTP.

Estas cerimónias foram presenciadas por vários órgãos de comunicação social (com destaque para as televisões de STP e da RTP-África e contou com a presença do Ministro da Defesa e do Mar (Dr. Carlos Olímpio Stock), da Embaixadora de Portugal (Dr.ª Paula Leal Silva), do Chefe do Estado-Maior das FASTP (Brigadeiro Horácio de Sousa), do Adido de Defesa de Portugal (Coronel Eng Aer Lourenço da Saúde), e de todos os militares portugueses em missão de CTM, bem como de muitas outras Altas Entidades.

Após a visita às instalações, os principais responsáveis presentes tiveram a oportunidade de se dirigirem à imprensa, sendo de destacar as palavras da Embaixadora de Portugal, que enalteceu as importantes ações da CTM portuguesa e, neste caso concreto, a obra visível que o projeto de Engenharia deixa no terreno, contribuindo significativamente para o melhoramento das instalações militares santomenses. Por sua vez, o Ministro da Defesa e do Mar, que proferiu palavras de agradecimento à cooperação militar portuguesa, em geral e particularmente à DGPDN, à Engenharia Militar Portuguesa e aos assessores militares, salientou o modo empenhado e muito competente como continuamente, estes cumprem a sua missão e tanto têm ajudado São Tomé e Príncipe e as suas Forças Armadas.

Formação em "Controlo de Tumultos"

Ainda no âmbito do Projecto-1 decorreu de 27 de maio a 30 de junho de 2015 a execução do 1º Curso de Controlo de Tumultos nas Forças Armadas de São Tomé e Príncipe (FASTP), que visou o apoio à formação da Polícia Militar.

Tendo por base o Programa-Quadro (PQ) 2015-17 em vigor, as FASTP, conscientes da necessidade de melhorar a formação da sua Companhia de Policia Militar (CPM), na área do controlo de tumultos, solicitaram o apoio de Portugal. Neste contexto, o Exército Português foi designado para nomear uma Equipa de Instrutores, missão que viria a ser

atribuída ao Regimento de Lanceiros nº 2 (RL2), Unidade que em Portugal ministra este tipo de formação ao Exército.

Na Republica de São Tomé e Príncipe, a atuação deste tipo de forças no âmbito interno, encontra-se legalmente definida, pelo que as FASTP devem estar preparadas para a missão de reforço das capacidades da Policia Nacional, no âmbito da atuação conjunta na ordem interna. Por outro lado, este tipo de forças militares também poderão vir no futuro, a serem chamadas a participar em missões militares no âmbito internacional, no seio da ONU, União Africana, ou de outras organizações internacionais.

A Equipa de formadores do RL2 foi composta pela Tenente de Cavalaria, Cristina Borralho e o 2º Sargento de Cavalaria, Romeu Santos, os quais planearam e ministraram em São Tomé o 1º Curso, frequentado por 25 formandos, 23 dos quais obtiveram aproveitamento (10 Oficiais, 8 Sargentos e 5 Praças). O curso teve uma dupla finalidade:

- Incrementar as capacidades técnicas e táticas dos formandos para o desempenho eficaz das missões de controlo de tumultos, em situações de alteração da ordem pública (interna e externamente);

- Criar um corpo de formadores, apto a realizar e dar continuidade a futuras ações de formação.

O programa foi estruturado em cinco semanas de instrução e contemplou vários módulos de matérias, nomeadamente: Caracterizar a Área de Operações, Armamento e Tiro, Técnica Individual de Controlo de Tumultos, Técnica e Tática da Força de Controlo de Tumultos (é o módulo com mais tempos de instrução), Técnicas de Defesa Pessoal, Socorrismo e Relacionamento com a Comunicação Social.

O curso foi alvo de uma avaliação contínua assente no Mérito Pessoal e no Mérito Escolar (Testes Escritos e Circuitos de Avaliação).

O encerramento do curso decorreu no dia 30 de junho, tendo contado com a presença do Senhor Ministro da Defesa e do Mar, bem como de muitas outras altas entidades e compreendeu a seguinte sequência:

- Discurso do Oficial Instrutor do Curso – Ten Cav Cristina Borralho;

- Discurso do CEMFA, em exercício de funções – Cor Olinto Amado Paquete;

- Entrega de diplomas de curso aos 23 formandos;

- Entrega de lembranças (do RL2) ao 1º classificado e ao Capitão Stoy Pontes (Comandante da CPM);

- Demonstração de capacidades.

Importa salientar:

- O facto de ter sido possível utilizar nesta formação, um lote de material cedido por Portugal às FASTP;

- A não existência de acidentes (num tipo de instrução que necessariamente envolve um risco acrescido);

- A presença permanente de elementos santomenses da área sanitária em todas as aulas práticas e a sua participação como formadores, nas sessões de socorrismo;

- A preciosa ajuda de militares na missão de *plastron* (opositores);

- O bom rendimento obtido nas instruções e globalmente em toda a formação;

- Por último, a grande satisfação da parte dos responsáveis santomenses (reiteradamente expressa), ao nível do Ministério da Defesa e do Comando das Forças Armadas, pela forma muito positiva como o curso decorreu, traduzido no bom rendimento obtido, o qual resultou da alegria, interesse e motivação dos formandos e simultaneamente, da seriedade, rigor, grande empenho e competência dos instrutores portugueses.

Face ao modo global como esta importante missão decorreu, ficou bem presente em todos quantos puderam acompanhar de perto esta formação que, mais uma vez, os jovens quadros provenientes de Lanceiros, prestigiaram o seu Regimento e o Exército a que pertencem, tendo regressado a Portugal com a reconfortante consciência da "Missão Cumprida".

Modelismo

Uma paixão meticulosa

Texto : Associação de Modelismo do Montijo

Entre os dias 26 de maio e 21 de junho, o Regimento de Transportes realizou uma exposição de viaturas militares antigas, com vista a integrar as celebrações do seu centenário. Desta mostra poderíamos destacar a Auto Bomba Tanque do fabricante Kelly Springfield de 1915, o anfibío Weasel M29C de 1917, o imponente Chevrolet de 1953 ou a mítica Berliet-Tramagal GBC 8VT de fabrico português que datava de 1966, entre outros veículos que acompanharam os soldados portugueses nas mais variadas missões. Contudo, o que distinguimos nestas páginas são outras viaturas, não as que foram fiéis companheiras dos nossos soldados, mas sim reproduções das mesmas a uma escala bem mais pequena, todavia de um detalhe tão rico que deixava qualquer visitante siderado. Falamos das miniaturas que estavam em exposição numa sala dedicada para o efeito, algumas delas que faziam parte do próprio espólio do Regimento de Transportes, enquanto outras pertenciam à Associação de Modelismo do Montijo, que gentilmente tinha cedido algumas preciosidades para o evento.

O Jornal do Exército foi então recordar o universo do modelismo militar, uma atividade que implica um estudo tão profundo quanto possível, bem como um trabalho manual de elevada precisão. Aqui, a paixão anda de mãos dadas com muitas horas de labor persistente e meticuloso. A seguir transcrevemos as palavras de Vitalino Chitas, um dos sócios fundadores da Associação de Modelismo de Montijo, que cordialmente aceitou o nosso desafio.

A Associação de Modelismo do Montijo

A Associação de Modelismo de Montijo foi fundada em 3 de Setembro de 1998, mas já havia algum tempo que um grupo de amigos tentava formalizar, de algum modo, a sua dedicação ao modelismo estático e a todas as iniciativas ligadas ao mesmo. Já não bastava conhecer alguém que "fazia uns Kits" nos tempos livres, surgia, cada vez mais, a necessidade de conversar mas mais do que isso, mostrar o que se fazia e ver o que os outros faziam. A troca de experiências foi o que mais nos "empurrou", foi o que mais nos motivou a formar a Associação. "Só quem partilha pode crescer", este é

certamente o nosso lema. Não podíamos continuar a trabalhar sozinhos, no nosso cantinho, precisávamos ultrapassar as nossas próprias dificuldades. Neste momento, já temos um espaço físico comum onde pretendemos, não só, dinamizar o modelismo estático mas, também, despertar em cada um de nós a vontade de continuar a desenvolver este "hobby" nas suas mais variadas vertentes.

É com este espírito que evoluímos para o concurso/exposição Modelscala que, indo já para a sua XIV edição, que será já este ano de 2015, congrega o modelismo nacional e internacional e tem-se revelado como um dos melhores da Península Ibérica e com ecos no resto da Europa, tendo lugar sempre no último fim de semana de setembro.

Temos tido ao longo da nossa vida de associação de modelismo o apoio incondicional da Câmara Municipal do Montijo e da Junta de Freguesia. Sem estas instituições, seria muito difícil conseguirmos levar esta façanha a bom porto. Assim como todos os lojistas, nacionais e estrangeiros, que se deslocam com as suas "lojas" para dar ainda mais vida à Exposição/Concurso para deleite de todos os que se deslocam nesse fim de semana!

Atualmente temos uma sede situada no Bairro das Barreiras na Cidade do Montijo, gentilmente cedida pela Câmara Municipal, e que durante o ano tem imensas atividades de portas abertas para sócios e não sócios durante as tardes de sábado, sem hora de fecho. Temos promovido nos dois últimos anos a vinda de modelistas estrangeiros, principalmente espanhóis na área das figuras, para ministrarem cursos intensivos de fim-de-semana na nossa sede, e que tem sido um tremendo êxito.

Durante o ano temos atividades com jovens na nossa sede, sejam os pais sócios ou não, e sempre com orientação da nossa parte.

Fazemos também, sempre que solicitados, sessões em escolas, seja para palestras seja para os jovens terem o seu primeiro contacto com o modelismo.

Nestes tempos da tecnologia, qualquer novo modelista que conseguimos trazer para o "nosso lado", é uma vitória!

Como não podia deixar de ser, todo este trabalho tem os seus ecos lá fora, assim como os seus frutos, e não é por acaso que somos umas das associações mais reconhecidas no mundo do modelismo, com participações de alguns dos nossos associados em certames por essa Europa fora com resultados brilhantes, com vários prémios e medalhas que nos dão ainda mais vontade de continuar com este hobby e partilhar o nosso conhecimento com outros companheiros deste pequeno/grande mundo que é o modelismo!

A nosso alvo sempre foi a partilha, o gosto de ajudar, o convívio, a amizade entre todos, e o mais importante o desfrutar deste hobby, porque sem desfrutar do que se faz, todas as outras coisas não fazem sentido!

Este é o nosso espírito de equipa, sempre!

Há pouco tempo atrás estivemos presentes na Exposição de viaturas no Regimento de Transportes (antigo quartel do RALIS), amavelmente convidados pelo seu comandante, o Sr. Coronel Vítor Borlinhas, o que mostra bem a nossa disponibilidade para estas iniciativas. Oxalá houvesse mais abertura das instituições militares para atividades dentro dos seus quartéis para estas pequenas exposições.

Tentaremos ser sempre uma referência no modelismo nacional, com os nossos defeitos, que os temos seguramente, e com as nossas virtudes, que também as temos, e é com essas que queremos que o modelismo nacional seja reconhecido cá dentro e lá fora como sempre o desejámos!

Convidamos todos os modelistas a aparecerem na nossa sede e, sócios ou não, desfrutem das horas que passarão por lá, seja em amena cavaqueira seja a descascar plástico.

Em nome da AMM, agradecer ao Jornal do Exército pelo amável convite para escrever este pequeno artigo.

Ceuta 1415

«*Riqua e muy Fermosa*»
Escola de Guerra Portuguesa

Texto : TCor Inf Abílio Pires Lousada

A 25 de julho de 1415, largava do Tejo, em Belém, uma armada portuguesa com destino ao Estreito de Gibraltar, comandada pelo Rei D. João I. O destino, ainda envolto em segredo, era Ceuta, cidade comercial mourisca voltada para o Mediterrâneo. A 10 de agosto, as embarcações atracaram em Algeciras, onde as primeiras instruções sobre o objetivo a atingir e respetivo *modus operandi* foram transmitidas. E a 21 de agosto a armada chegou, enfim, à vista da cidade. Para trás ficava a epopeia gloriosa de Aljubarrota, mítica batalha que aqueles mesmos protagonistas tinham travado e vencido contra Castela, garantindo a soberania portuguesa, com quem se acomodou a paz em Segóvia, a 31 de outubro de 1411. Para o futuro, com a conquista de Ceuta Portugal cravava lança em África e iniciava a expansão ultramarina, fundamentava o posterior conceito estratégico de João II "conter Castela em terra e batê-la no mar" e dava corpo aquele que viria a ser o período áureo da portugalidade – o Império Ultramarino do século XVI.

Este ensaio pretende evocar os 600 anos da conquista de Ceuta, lembrando os acontecimentos ocorridos nos idos de 21 de agosto de 1415, percorrendo, *a anteriori*, o aparelho militar que viabili-

zou o empreendimento e focando os momentos subsequentes pós Ceuta enquanto representatividade político-militar desse Portugal de quinhentos.

O Aparelho Militar Português no Século XIV[1]

Entre o fim das guerras de reconquista travadas em território português (1249) e a conquista de Ceuta (1415) há dois grandes momentos orientadores da reorganização do aparelho militar que importa conhecer: o de D. Dinis (1279-1325), que o define em tempo de paz aproveitando as fronteiras de equilíbrio com Castela, firmadas em Alcanises em

[1] Bibliografia de referência: Armando Martins, *Guerras Fernandinas*, Matosinhos, QuidNovi, 2006; Carlos Selvagem, *Portugal Militar*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991; José A. De Souto Mayor Pizarro, *D. Dinis*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2005; João Gouveia Monteiro, *A Guerra em Portugal nos Finais da Idade Média*, Lisboa, Editorial Notícias, 1998; José Filipe de Barros Rodrigues, "Organização dos Exércitos, Organização Militar Portuguesa, Estratégia, Geografia e História", Secção IV, *História Militar*, Lisboa, Escola do Exército, 1935-1936; Mário Jorge Barroca, "Da Reconquista a D. Dinis" in *Nova História Militar de Portugal*, Direção de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003.

1297; e com D. Fernando (1367-1383) que, pelo contrário, o fez sob pressão, sendo obrigado a adaptá-lo às contingências da guerra europeia e à pressão militar de má memória exercida pelo vizinho ibérico.

A 14 de março de 1319, D. Dinis tomava formal conhecimento da Bula *Ad eaex Quibus Cultus Augeatur Divinus*, passada em Avinhão por João XXII, que criava a Ordem da Milícia de Jesus Cristo. Consumava-se por essa via o génio diplomático do monarca português junto da Cúria Romana. De facto, sujeita a um processo tortuoso e extinta por determinação papal em 1312, a Ordem dos Templários renascia em Portugal com outra «roupagem»; a Ordem de Cristo é uma criação com o património, os conhecimentos e cavaleiros do Templo e com membros de Avis, incluindo o mestre D. Gil Martins, enquanto o Mestre da extinta Ordem do Templo, D. Lourenço Martins e uns quantos membros eram reencaminhados, por sua vez, para a Ordem de Avis.

A criação da Ordem Militar de Cristo, a partir das cinzas da do Templo, sucede a reestruturações militares realizadas em tempo de paz, que fazem de D. Dinis um político de inelutável sentido de Estado e de impar visão estratégica. As reformas de maior alcance, além da nacionalização das ordens militares (Cristo, Avis, Santiago e Hospital), transformadas em corpos militares especializados, são, a nível terrestre, a criação dos besteiros de conto, contingentes quantificados a nível concelhio e coordenados pelo anadel, com caráter de permanência e mesteres do seu ofício, ou seja, especializados, cabendo ao anadel-mor a responsabilidade de alistamento e de organização em todo o reino, e a restauração dos castelos de fronteira (principalmente no Alentejo e na faixa leste do Coa) onde emerge uma torre de menagem que confere a cada fortaleza uma defesa avançada, dinâmica e inexpugnável. Os alardos, concentração e treino periódico dos contingentes, tornaram-se recorrentes.

Quanto à Marinha, numa altura em que a vigilância costeira, sobretudo face aos mouros, ganhava corpo, assumir-se-ia como vetor inserido no poder nacional. Desenvolveram-se estaleiros em Lisboa, Porto, Vila Franca, S. Martinho do Porto, Vila do Conde, Viana do Castelo, criaram-se os marinheiros de conto, com a mesma especificidade organizativa da dos besteiros, cuja fonte de recrutamento eram os concelhos do litoral entre barqueiros e pescadores, desenvolveram-se as bar-

cas (ligeiras, para transportar tropas em defesa de meios fluviais) e as naus (para longas viagens, com função de transporte de tropas e menos para utilização em combates navais), que ampliavam as tradicionais galés, galeotas e fustas. A tripulação era recrutada pelo sistema de vintenas do mar (assim designados pois quando as galés se armavam de cada 20 homens tirava-se um para o remo). O foro de cavaleiro era concedido a timoneiros, alcaide do mar, alcaides de galés. Apesar de não estarem bem demarcadas as funções militares e as de comércio da marinha numa época em que os combates navais eram uma extensão dos terrestres através de abalroamento e abordagem, criou-se o alto cargo de almirante-maior (copiado dos mouros). Portanto, à semelhança do vetor militar terrestre, também o marítimo assumia um caráter permanente e profissionalizado.

No reinado de D. Fernando outras alterações militares surgiram, em consequência das guerras que este monarca sustentou com Castela — em número de três e de consequências nefastas para a causa portuguesa — e da vinda de ingleses a Portugal para participarem em operações militares. Assim, o cargo de Alferes-mor foi desdobrado nos de Condestável, comandante militar do reino e responsável pela condução das operações militares, e de Marechal, adjunto do Condestável e a quem competia a justiça e administração dos assuntos administrativos da hoste. Outra modificação foi a designação de vanguarda, alas e retaguarda que substituíram as de dianteira, costaneiras e zaga, com que até essa altura eram designadas as três partes em que se dividia uma hoste em formação de combate.

Com o país em permanente estado de guerra, as principais cidades, com destaque para Lisboa e Porto, foram amuralhadas e foi instituído o serviço militar obrigatório às milícias concelhias. Se a lei das Sesmarias procurou rentabilizar o trabalho agrícola, a criação da companhia das naus visou a proteção da marinha mercante. Os assuntos do mar mereceram, de facto, a atenção de D. Fernando ao isentar de impostos a construção de navios de grande porte e ao apoiar os artífices do mar como os calafates, carpinteiros, alcaides e petinais, isentando-os de impostos.

D. João I (1385-1433) adequa militarmente o Reino entre o fim da guerra com Castela e a decisão de conquistar Ceuta: regulamenta o serviço dos fidalgos aquantiados de acordo com os bens próprios, de modo a garantir 2.360 cavaleiros com lança; fixa o serviço montado das ordens militares em 3.500 homens a cavalo; formaliza o regimento do anadel-mor de modo a avalizar a importante estrutura dos besteiros, incluindo-lhe os de garrucha (besteiros a cavalo); pelo regimento dos coudéis (responsáveis pelo serviço militar da peonagem) generaliza o serviço militar nos concelhos e proíbe o uso de machos/mulas no serviço militar montado; alarga o serviço estipendiário (contrato a soldo de voluntários) e homiziado (remissão de penas de justiça mediante serviço militar).

Mas sobretudo, D. João I faz adequado aproveitamento do vetor militar com caráter permanente e profissional legado por D. Dinis e da conscrição imposta por D. Fernando, visível em Ceuta.

21 de agosto de 1415 Ceuta[2]

Ao raiar da aurora de 21 de agosto de 1415, D. João I e o contingente expedicionário que o acompanha está fundeado e defronte a Ceuta. Para trás ficaram o constrangimento da morte da Rainha D. Filipa de Lencastre, a 19 de julho, e a tormenta marítima, ocorrida a 15 de agosto, que desarticulou a frota, atemorizou parte do contingente e anulou o efeito de surpresa sobre a cidade mediterrânica.

Realmente, organizadas nas frotas de Lisboa, comandada pelo infante D. Pedro, e do Porto, pelo infante D. Henrique, a expedição convergiu em Lisboa, rumou a Lagos, sulcou o mar e, entre ventos e marés tomentosas, fundeou em Algeciras, na ponta do Carneiro, a 19 de agosto. D. João I comanda e o príncipe D. Duarte coadjuva. São mais de 220 embarcações, entre naus e galés de vários portes e tonelagens (de guerra, transporte e apoio logístico) e outras embarcações de menor envergadura, organizadas em Portugal e fretadas na Bretanha, Alemanha, Flandres, Inglaterra, com cerca de 2.000 marinheiros e perto de 10 mil combatentes, entre homens de armas, besteiros, escudeiros e lanceiros.[3]

Em Ceuta, o comandante da praça, Salah ben

[2] A *Crónica da Tomada de Ceuta*, escrita cerca de 1450 pelo cronista do Reino Gomes Eanes de Zurara, é base incontornável de qualquer escrito centrado na Conquista de Ceuta. Este capítulo não foge naturalmente à regra.

[3] José Loureiro dos Santos, *Ceuta 1415. A Conquista*, Lisboa, Prefácio, 2002.

Salah, que se inquietou quando soube que a expedição lhe era destinada, sossegou após assistir aos contratempos que os elementos naturais infligiram às embarcações portuguesas. De tal forma que cancelou o pedido de ajuda feito ao governador da praça de Fez. Erro!

De facto, a 21 de agosto de 1415, o grosso da expedição portuguesa estava fundeada ao largo de Ceuta. A decisão estava tomada e a praça era para ser conquistada.

Nesse momento que antecedeu o ataque, o Rei terá desfiado as conceções estratégicas subjacentes à conquista: (i) razões relativas à segurança do Reino, pois o controlo de Ceuta, situada na confluência do Oceano Atlântico e do Mar Mediterrâneo, permitiria controlar o tráfego marítimo do Atlântico, manter uma certa pressão a sul do território castelhano e granadino e anular a incómoda base de pirataria muçulmana contra as costas do território português e a navegação de alto mar. E a sua conquista ocuparia e adestraria uma nobreza belicosa há demasiado tempo a limpar armas; (ii) razões subjacentes ao bem-estar do Reino, atendendo que a crise vivida nas décadas anteriores impôs dificuldades económicas e financeiras materializadas na falta de cereais, mão de obra, matérias-primas e escassez de ouro para cunhar moeda. Ceuta inseria-se numa zona cerealífera, onde a abastança «estimulava apetites» e era um importante ponto de comércio, onde chegavam especiarias, ouro e escravos de África e do Oriente, transacionados depois para a Europa através de entrepostos comerciais como Génova. Ceuta abriria, assim, novas portas comerciais à burguesia; (iii) razões de prestígio do Reino, uma vez que alargaria a presença cristã em terras islâmicas, motivando um serviço a Deus sob os auspícios do vigário de Cristo em Roma; (iv) razões de preito pessoal, que com a conquista anularia o manto psicologicamente castrador de um rei bastardo enquanto, paralelamente, juraria cavaleiros os filhos legítimos D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique e o bastardo D. Afonso.

Optando pela convergência de forças no mar, D. João I dera o seu conceito de operações em Algeciras, na véspera: concentrado o grosso da frota em frente à cidade, o Rei efetuaria uma manobra de diversão, iludindo os sitiados à iminência de um desembarque em larga escala. Este estratagema obrigaria os mouros a canalizar forças antes

de tempo e numa área que não constituía objetivo decisivo; então, a força do Infante D. Henrique desencadearia o ataque principal, desembarcando numa enseada a oeste da cidade e atacando em Almina; numa segunda fase, os efetivos convergiam e continuavam o ataque em direção ao castelo, último reduto defensivo das forças do governador local.[4]

Entre os ânimos exaltados de alguns e os temores de uns quantos, tudo estava em boa ordem e a postos para ao sinal do Monarca as forças portuguesas invocarem Deus, gritarem pelos bons ofícios de São Jorge e arremeter contra Ceuta. Mas é bem possível que ainda nesse momento D. João I, tendo junto a si D. Nuno Álvares Pereira, partilhasse as dúvidas em relação à aventura de Ceuta: (i) seria a capacidade naval suficiente para garantir apoio e força suficiente tendo o objetivo à vista; (ii) a massa combatente era adequada para efetuar o assalto e levar de vencida a resistência autóctone; (iii) pesados os custos e os ganhos, seria a conquista de Ceuta estrategicamente vantajosa; (iv) e a dúvida, porventura mais pertinente, caso a cidade fosse conquistada era possível a sua preservação.[5]

O tempo o diria e Deus o ditaria. Mas a questão que mais inquietava o monarca era o facto de estarem presentes na empresa, e com o sangue na guelra, os seus filhos adultos e putativos herdeiros do Reino. Para além do próprio D. Nuno, esse intrépido companheiro de armas e hoje um santo homem que deu assentimento à «aventura», e demais homens de armas da nobiliarquia lusitana. E se as «coisas» corressem mal? O Reino tão laboriosamente edificado ao longo de dois séculos podia ficar ao deus dará. Afinal, a paz com Castela tinha sido assinada só há três anos. A aventura era perigosa, de sucesso não garantido e de usufruto não mensurado. Mas Deus era soberano e acreditava que arbitraria em nome da cristandade. Confiava ainda que o planeamento fora ponderado, os homens continuavam motivados e a intrepidez da coragem de cada um e força moral do seu todo levariam avante o pensado.

D. João I ali estava; como sempre nos momen-

[4] **Abílio Lousada, Luís Escorrega e António Menezes**, *Grandes Comandantes e Batalhas do Exército Português*, Lisboa, Jornal do Exército, 2011.

[5] **Martins Barrento**, *O Sentimento Estratégico de D. João I*, Lisboa, Revista Militar, dezembro de 2014.

tos determinantes. Mantinha o ânimo de há trinta anos atrás, aquando da epopeia de Aljubarrota, a prudência estratégica e a tomada de decisão na hora da verdade mantinham-se como seus predicados maiores. Ademais, e apesar dos seus provectos 58 anos, fisicamente ainda estava capaz de pegar na espada, acometer uma fortaleza e espadeirar o inimigo, como tantas vezes fez durante o período da crise 1383-1385 em que teve de reduzir à obediência as praças que em Portugal bradavam por Castela. Era então mestre da Ordem de Avis e revelou-se à época mestre na arte de sitiar e subjugar fortalezas adversárias.

Agora, trinta anos volvidos estava às portas de Ceuta, a milhas de distância do Reino e pronto a reduzir à obediência um dos entrepostos comerciais e fortalezas militares mais caros aos muçulmanos. Que entretanto faziam fogo para água, atendendo que a distância das frotas lhes negava o alvo. D. João I ia cravar lança em África. A decisão estava tomada e os acontecimentos seguiriam o seu curso.

Estava D. João I absorto nos seus pensamentos quando, de forma inopinada, ocorreram recontros na praia entre contingentes do conde de Barcelos e alguns de D. Henrique – cerca de 150 homens – contra forças muçulmanas que ali acorreram para impedir desembarques na praia. Travaram-se então os primeiros combates e os autóctones foram retirando em direção às muralhas, com os portugueses no seu encalço. Pensando que tal podia ser um ardil do inimigo para os chamar à praia e, a partir das muralhas os chacinar, D. Duarte e D. Henrique desembarcaram e juntaram forças de forma a impedir o inimigo de se fechar intramuros.

À boa maneira medieval, a desordem instalou-se, mas os combates subiram de intensidade. Os portugueses, cujo número na praia subiu para 500, mantiveram o ímpeto e arremeteram contra a moura-

ma, que foram retirando sob pressão procurando refúgio nas muralhas da cidade. Sem efeito, pois não conseguem fechar os portões a tempo. Portugueses e mouros engalfinham-se no interior da cidade numa sucessão de combates corpo-a-corpo.

Curiosamente os acontecimentos não evoluíam conforme previsto por ambos os lados: os portugueses desembarcaram e entraram em combate antes de tempo; os muçulmanos empenharam-se na praia mais que o desejado e retiraram demasiado tarde e com o inimigo no encalço, que pôde penetrar no interior das muralhas. A D. João I, do lado cristão, e Salah ben Salah, do lado islâmico, impunham-se decisões.

O monarca português tomou a iniciativa de reforçar e explorar o sucesso inicial, porque temia um eventual desastre face à atuação desgarrada. Mandou desembarcar o grosso da força fundeada frente à cidade, que com D. Pedro à frente irrompeu Ceuta adentro dividido em quatro colunas, travando nas ruas e vielas combates de rara ferocidade. Lutava-se dentro de Ceuta e por Ceuta. Salah bem Salah percebeu que a relação de forças lhe era desfavorável e que combater em campo aberto contra um invasor bem equipado e melhor motivado redundaria numa carnificina e na perda inglória da cidade. Decidiu, assim, mandar recolher as forças no derradeiro ponto de defesa – o castelo.

Entretanto, D. João I obriga-se a impor a sua autoridade, face a ações de saque que vai captando a atenção de uns quantos, e reorganiza as forças para acometer o castelo. A tarde já vai longa. E a decisão tomada é arrombar portões, enquanto os besteiros posicionados ao longo de perímetro garantem apoio pelo tiro. Teme-se um combate sangrento, face à possibilidade de os mouros se imolarem pelo sangue na defesa do reduto. A fase de tomada do castelo será, então, deixada para o dia seguinte, enquanto se procura a preitezia (rendição) das forças sitiadas e se vigia o exterior de modo a impedir auxílios externos à cidade, nomeadamente a partir de Fez.

Nada disso acontecerá. Salah ben Salah percebe que perdeu a parada e por culpa própria: não acreditou no desembarque português e, por isso, negou o apoio de Fez; não guarneceu a cidade com meios navais; deixou aproximar a frota cristã das praias; procurou evitar os desembarques com reduzidas forças e sem meios de combate adequados; não organizou uma conveniente defesa do

Naus portuguesas – Museu Marítimo de Greenwich, Londres

sistema amuralhado; deixou-se fixar no castelo, sem possibilidades de apoio a partir do exterior. Consequentemente, retirou as forças e abandonou o local pela calada do fim de tarde.

E disso se deu conta D. João I, na altura que organizava o cerco e dispunha as forças. A fase mais arriscada e decisiva da conquista de Ceuta resultou na tomada do castelo sem necessidade de combates. A 21 de agosto de 1415 a bandeira de São Vicente, símbolo da cidade de Lisboa, foi hasteada no castelo de Ceuta – tudo estava consumado.

Ceuta – Escola de Guerra Portuguesa

Ceuta foi conquistada em cerca de 12 horas, com baixas aquém do temido. D. João I consolidou a tomada da praça e reorganizou as forças, através da colocação das embarcações a barrar a enseada e os contingentes terrestres dispostos pelo perímetro amuralhado, tendo presente a forte possibilidade de contra-ataques ou de uma ofensiva de retaliação levada a efeito pelas praças vizinhas.

E agora impunha-se a questão derradeira: que fazer de Ceuta? Abandoná-la depois de a arrasar ou preservá-la e guarnecê-la? Depois da prova de armas, a decisão foi célere e definitiva: Ceuta era para manter. Glorificava Portugal junto de Roma, que resultaria em privilégios por parte de Martinho V, prestigiava a coroa e a Dinastia de Avis na Península Ibérica, na Europa mediterrânica (Catalunha, Génova ou Veneza) ou no norte comercial europeu, com destaque para a Inglaterra (unida por laços de sangue matrimonial) e atemorizava os mouros a norte (Granada) e a sul do grande lago entre terras.

A capitania da praça coube a D. Pedro de Menezes, nomeado no local por D. João I e a quem concedeu plenos poderes, o que diz bem da responsabilidade e perigosidade da missão: "leixo-vos mais todo meu comprido poder, per que possais mamdar em esta çidade como eu propriamente faria, se presemte fosse".[6] Quando a armada portuguesa levantou âncora rumo ao Algarve, ficaram com D. Pedro cerca de 2.500 homens, maioritariamente da casa do rei, dos infantes e dos principais nobres, complementados por uns quantos voluntários, obrigados e homiziados. Uns ficaram por fama ou fortuna, outros para expiarem crimes ou pecados e outros porque assim lhes foi determinado. Ficaram entregues à determinação de um capitão que se notabilizaria na função durante vinte e dois anos, ao apoio do reino em homens, armas e víveres e à asfixia marítima e pressão terrestre dos magrebinos.

Ceuta tornava-se um espinho cravado no meio muçulmano magrebino. Porém, por carta de 1426, o infante D. Pedro alertou o irmão D. Duarte, herdeiro do trono, que "Ceuta é um grande sorvedouro de gente e de dinheiro". E foi-o, em certa medida, tanto mais que os proveitos económicos quase se esfumaram desde o primeiro instante, pois a rota de comércio (metais preciosos, especiarias e escravos) foi desviada e a abundância de trigo revelou-se um mito.

Mas Ceuta transformou-se num centro opera-

cional de novas conquistas e teatro de guerra que funcionou como escola de guerra para portugueses e europeus em busca de glória, riquezas ou simplesmente um afiar de armas. Inicialmente, tornou-se necessário defender a praça da «danada seita» (mouros), ainda a armada de D. João I não se tinha extinguido na linha de horizonte, excluindo-se "a possibilidade de iniciativa bélica no território vizinho porque, de início, não havia cavalos em Ceuta".[7] Depois, Ceuta e seus termos foi palco de recorrentes rebates (apelidar a defesa), almogavarias (cavalgadas) sem fim e ciladas recorrentes; a continuidade da guerra impôs a permanência da armadura por parte dos «novos senhores».[8] O Norte de África era um novo teatro de guerra onde os portugueses desenvolviam esquemas táticos recuperados do tempo da reconquista e onde besteiros (tiro), almogávares (choque e movimento) e escudeiros (escutas e batedores) se notabilizariam.

D. Pedro de Menezes desenhou o seu comando, que lhe daria honra, glória e riquezas, à medida das possibilidades e das necessidades. Primeiro ocupou-se da defesa da praça, que foi sujeita a recorrentes investidas e assédios pela vizinhança mourisca. De seguida, à medida que foi recebendo cavalos e o inimigo foi sendo rechaçado através da guerra guerreada, criou uma terra de ninguém e alargou o espaço de suserania, desbastando o mato e arrasando casebres propícios a ciladas e desenvolveu a pastorícia e trabalho agrícola, obtendo relativa autossubsistência. Por fim, acometeu no mar, onde a atividade piscatória e comercial moura era intensa, a pirataria diária e as riquezas uma realidade. E no Mediterrâneo, às costumeiras naus, galés, galeotas, fustas, barcas e bergantins, os portugueses de Ceuta juntaram-lhe embarcações de novo tipo, como barinéis, alaúdes, zavras, caravelas ou albetoças, que eram mais maneiros, de exíguo porte e com guarnição reduzida, como convinha às arriscadas empresas mediterrânicas.[9] O tempo dos capitães de mar e de terra definia-se e assumia-se em África, com proveitos inegáveis mais tarde a Oriente.

Por essa via, Ceuta tornou-se palco de guerra, tanto em terra como no mar. E a guerra associou-

[6] Gomes Eanes de Zurara, *Crónica do Conde D. Pedro de Menezes*, Edição fac-símile do Abade Correia da Serra (1792), Academia das Ciências de Lisboa, 1998.

[7] António Dias Farinha, "Norte de África", in *História da Expansão Portuguesa*, Direção de Francisco Bethencourt e Kirti Chaudhuri, Vol. I. Círculo de Leitores, 1998.

[8] Luís Miguel Martins, "A Marinha de Guerra. A Pólvora e o Norte de África", in *Nova História Militar de Portugal*, Direção de Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2003.

[9] Abílio Lousada, Luís Escorrega e António Menezes, ob. cit.

Biblioteca Nacional de Portugal
Conquista de Ceuta

-lhe o espírito de cruzada, a glória guerreira feudal, o saque individual e a projeção do modernismo quinhentista. Para quem guarnecia Ceuta, a guerra tornou-se um modo de vida altamente lucrativo, que rapidamente atraiu mais gente da metrópole e do espaço europeu. Gente que D. Pedro de Menezes foi escrutinando e utilizando em proveito próprio e dos desígnios do Rei e do Reino, envolvendo-os nas cavalgadas em terra, perigosas e cada vez menos rentáveis, e nas ações de corso no mar, menos dispendiosas e arriscadas e mais lucrativas.[10]

Refere Zurara que "*Como a Cidade de Cepta seja casyhuma chave do mar Medio terreno, quaisquer Navios, que se armavaõ contra os infiéis, vinham alli fazer devisa*". O que equivale a dizer que Ceuta se assumiu como símbolo português de prestígio internacional, fortaleza militar expedicionária, feitoria comercial e escola de guerra. De tal importância que foi recusada como moeda de troca quando o infante D. Fernando foi feito prisioneiro em Fez depois do desastre de Tânger, em 1437. Curiosamente, no mesmo ano em que morria o 1.º Capitão de Ceuta, D. Pedro de Menezes.

Ceuta continuaria, assim, isolada no espaço mourisco do Norte de África, até à conquista de Alcácer-Seguer, em 1458 por D. Afonso V, seguindo-se-lhe Arzila e Tânger, em 1471.

O Século XV e a Transformação dos Assuntos da Guerra

O século XV é um século de transição entre dois mundos e duas épocas; marca a transição da Idade Média (476-1453) para a Idade Moderna (1453-1789). Dois acontecimentos o justificam, o fim da Guerra dos Cem Anos (1336-1453) e a queda do Império Romano do Oriente, com a tomada de Constantinopla pelo Império Turco do sultão Maomé II (29 de maio de 1453). Define também o início da evolução técnica rápida[11] e da globalização a partir da viagem de Vasco da Gama.[12]

E nesta formulação, a utilização da pólvora nos campos de batalha representa o fim de uma era militar e constitui a primeira (e porventura maior) transformação/inovação dos assuntos da guerra: (i) a nível político, o poder régio foi-se centralizando, a população e as riquezas obtidas através das transações comerciais aumentavam rapidamente em proveito do Estado, as guerras feudais, travadas pela vã glória de castas nobiliárquicas e sujeitas a arbitragem divina, foram diminuindo e passaram a visar fins políticos e em que o fator decisivo era o poder; (ii) a nível militar, os contingentes especializam-se e vão assumindo um caráter permanente, a exclusividade funcional da cavalaria é questionada e o desdém medieval pelas tropas a pé diminui,

Muralhas Portuguesas de Ceuta

Muralhas Portuguesas de Ceuta

a artilharia tornou vulneráveis as muralhas dos castelos, as armas de fogo ligeiras anularam a proteção conferida pelas armaduras de chapa e tornou inconsequentes a honra e a bravura individuais, o planeamento estratégico foi reponderado, os dispositivos militares reorganizados, a conceção tática modificada e o poder naval exponenciado; (iii) em termos económicos, tendo em conta a especialização dos exércitos, o aumento considerável dos efetivos mobilizados, a regularização do soldo e a utilização dos meios técnicos disponibilizados, com destaque para a artilharia, a guerra tornou-se um negócio dispendioso, obrigando os Estados a ponderarem o binómio objetivos-custos; (iv) a nível social, realce para uma certa «democratização» da guerra, derivada do fim da exclusividade guerreira da aristocracia. Entretanto, o canhão e a arma individual representam dois elementos técnico-militares que à época foram entendidos como desonrosos relativamente à conduta atroz, face aos resultados atingidos, colocando a guerra num patamar socialmente degradante. Os ardis de guerra, as emboscadas, a perseguição do inimigo e mesmo a exploração da sua derrota, frequentemente considerados desonrosos e desleitais pelos cavaleiros feudais, tornaram-se habituais.

Fecho

O século XV é o momento de transição entre dois mundos, o antigo e o moderno. Portugal não é exceção, passa do velho mundo feudal e da fronteira de pressão e conflito face a Castela, para o mundo moderno da fronteira de equilíbrio e da expansão ultramarina. Terminada e vencida a Guerra da Independência, Portugal libertava-se dos constrangimentos estratégicos que os reinos peninsulares lhe impunham; e para além da terra só o mar.[13]

Ceuta foi, com efeito, um sorvedouro de homens e de dinheiro; mas também um repositório de segurança, proventos de vária ordem e grande prestígio. Afinal, os três predicados subjacentes a um Estado com estratégia bem definida. Com ou sem Ceuta, Portugal mostrava-se ao mundo; um mundo que a prazo e em larga medida iria cinzelar e civilizar.

[10] Nuno Silva Campos, *D. Pedro de Menezes. O Primeiro Capitão de Ceuta*, Lisboa, Setecaminhos, 2008.

[11] Eric Muraise, *Introdution à l'Histoire Militaire*, Paris, Edições Charles Lavouzelle.

[12] Arnold Toynbee, *Um Estudo da História*, Martins Fontes, 1987.

[13] Maria Helena da Cruz Coelho, *D. João I*, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, 2005.

Curso de Estado-Maior

Exército

Texto : Maj Inf João Barros

Quase cinco anos embrenhado no papel de docente na Área de Ensino Específico do Exército do Instituto de Estudos Superiores Militares (IESM), fizeram-me entrar num círculo permanente de desconstrução e reconstrução dos meus alicerces do que deveria ser o ensino de operações terrestres para o Curso de Estado-Maior Exército (CEM-E). Contínuas discussões entre docentes, onde o contributo de discentes sempre esteve presente, foram alimentando ainda mais a minha inquietude sobre o assunto. Como consequência, fui consolidando a intenção de escrever estas linhas. Claro que a vontade de expressar um ponto de vista particular sobre algo como o CEM-E, cujo Plano de Curso tem o aval do Comando

do Exército e que se rege pelas normas académicas vigentes no IESM, fez-me pensar inúmeras vezes sobre a sua pertinência e sensatez. No entanto decidi avançar.

Assim, as linhas que se seguem refletem uma opinião pessoal sobre a forma como, ao nível conceptual, está organizado o ensino de operações terrestres. Sentindo-me identificado com o conceito atual, não pretendo, no entanto, fazer uma apologia da atual organização, mas apenas expor razões que considero sustentação das opções tomadas atualmente, sempre com esperança que possa alimentar a contínua análise do Curso e provocar um juízo crítico daqueles que não têm acompanhado a evolução ocorrida. De antemão, enfatizo, o nível conceptual deste artigo, pois a operacionalização, curso a curso, nunca estará isenta de possíveis melhorias, que, anualmente, vão sendo escrutinadas e analisadas na procura da qualidade.

Numa primeira parte, o artigo analisa a necessidade de um Curso de Estado-Maior específico, no que às operações diz respeito, baseando-se, sobretudo, no caráter das operações terrestres e nos escalões tratados durante o Curso.

Após deambular pela necessidade do Curso, inquestionável na minha modesta opinião, o artigo aborda a organização e metodologia de ensino empregue ao longo do Curso, ponto onde penso que reside grande parte do seu valor intrínseco. Por último, junto com algumas conclusões, são abordados alguns desafios que penso serem fulcrais para continuidade da linha atual, que recordo, está em constante evolução.

Questionar

"Poder-se-á voar sobre a terra perpetuamente; poder-se-á bombardeá-la, atomizá-la, pulverizá-la e limpá-la de qualquer forma de vida, mas se o desejo for defendê-la, protegê-la e preservá-la para a civilização, ter-se-á de o fazer em terra, da mesma forma que as Legiões Romanas o fizeram, pondo os seus jovens no terreno."

T. R. Fehrenbach, *This Kind of War*, 1991.

De forma simplista, poderia dizer-se que a afirmação de Fehrenbach justifica todo o investimento no estudo das operações terrestres. No entanto, a eficiência da formação leva-nos a questionar a validade de todos os patamares académicos de um Oficial do Exército, nos quais se insere o objeto deste texto, o CEM-E. Abordar a necessidade de um Curso de Estado-Maior que estude especificamente as operações terrestres, leva-nos a dois níveis distintos de análise: a especificidade intrínseca deste tipo de operações e a lacuna preenchida pelo curso em relação ao percurso de formação para os Oficiais do Exército.

Ainda na linha de pensamento de Fehrenbach, Christropher Tuck[1] também corrobora a importância do instrumento militar terrestre, quando afirma que a guerra terrestre tem sido o pivô dos resultados militares nos conflitos ao longo da história. Para o autor, a causa deste fenómeno reside no facto de os seres humanos viverem em terra, e como tal, a capacidade de conquistar e controlar território traz consigo, a maior parte das vezes, consequências políticas decisivas. Mantendo em mente que apenas é possível controlar território com forças terrestres e que o seu papel tem vindo a ser alargado ao estabelecimento de um ambiente seguro e estável, facilitando a intervenção de instrumentos não militares, o estudo do instrumento militar terrestre torna-se essencial para a compreensão, num primeiro patamar, do emprego do instrumento militar como um todo, bem como do seu papel na Estratégia Total dos Estados.

Mas importância não justifica, por si só, ações de formação. Se argumento existe que sustente inquestionavelmente a necessidade de um Curso de Estado-Maior específico, este tem de ser encontrado numa simbiose entre as particularidades das operações terrestres e a insuficiência das restantes ações de formação.

Iniciando com as particularidades do ambiente terrestre, e das operações que nele decorrem, creio que os pensamentos de dois autores, cujas obras estão separadas por trinta e três anos, caracterizam-nas exemplarmente.

Em relação ao ambiente terrestre, R. Simpkin,[2] em 1985, na obra *Race to the Swift*, caracterizava o ambiente físico de atuação das forças terrestres de forma a poder depois avançar para a descrição do fenómeno da guerra. Simpkin descreve o terreno como sendo o meio natural do ser humano o que, em simultâneo, o transforma no meio mais complexo. Para Simpkin existem três características, diretamente influenciadas pelo ambiente físico, que distinguem as operações no meio terrestre:

– As operações terrestres preocupam-se, essencialmente, com o controlo de parcelas de terreno, incluindo a população que é parte integrante do mesmo. Este facto, evidenciado por Simpkin, está relacionado com a importância política do território;

– Neste meio, o homem pode escolher o seu grau de dependência das máquinas na forma de combater. Este facto torna possível, no ambiente terrestre, um ator menos tecnológico mitigar a sua desvantagem, recorrendo, por exemplo, a terrenos complexos como as áreas urbanas;

– O meio terrestre varia de forma complexa em relação à dimensão "espaço". Esta variação referida por R. Simpkin, em relação à diversa tipologia de relevo, ao clima ou até à densidade populacional, implica que não se possa estabelecer uma relação direta entre unidade de dimensão territorial e volume de forças terrestres.

O segundo autor, já anteriormente citado, Christopher Tuck,[1] na obra *Understanding Modern Warfare*, apresenta quatro principais atributos do ambiente terrestre: a importância política, a variedade, a fricção e a opacidade, que podem ser considerados como uma excelente síntese do meio físico de atuação das forças terrestres.

Na importância política, refere, que no meio terrestre, sendo o único habitado pelo homem, o controlo do território, apenas possível com forças terrestres, é de importância vital para os atores estatais. Dado que a população é o garante da liberdade de ação para quem atue de forma irregular, o controlo do território, não na sua dimensão física, mas em relação à população nele inserida, é também essencial para os atores não estatais.

A variedade representa a complexidade do ambiente terrestre, dado o impacto da tipologia de terreno, população e clima na condução das operações.

A fricção representa o atrito adicional do meio terrestre, em relação à já inerente fricção das operações militares, em áreas como o movimento e impacto no ser humano.

A opacidade descreve a capacidade do meio terrestre em oferecer cobertos e abrigos, os quais funcionam como redutores das capacidades tecnológicas dos fogos e obtenção de informação. A população, como parte do meio terrestre, pode também ser usada como coberto e abrigo, complementando a opacidade do meio físico.

A caracterização anterior orienta o ensino de operações terrestres no CEM-E, no entanto, na síntese apresentada por ambos os autores existem dois pontos que se salientam e que como se verá mais tarde são constantemente abordados

[1] TUCK, Christopher, *Land Warfare. Understanding Modern Warfare*, New York, Cambridge University Press, 2008, páginas 66-121.

[2] SIMPKIN, Richard, *Race to the Swift: Thoughts on twenty – first Century warfare*, London, Brassey's Defense Publishers, 1985.

no CEM-E. O primeiro, e talvez aquele com maior grau de influência em qualquer outra dedução, é a interação entre o uso da força e a população. O segundo diz respeito à complexidade. Esta complexidade é proveniente de diversos fatores que se combinam, como o impacto político dos acontecimentos no ambiente terrestre, a complexidade da geografia e, claro, a omnipresença do ser humano.

Mantendo em mente a caracterização do ambiente terrestre e da sua interação com o emprego da força, que devem orientar toda a formação, seja em que patamar for, uma visão holística do instrumento militar terrestre implica o estudo quer das batalhas, ou mais abrangente, de acontecimentos tácitos, quer das operações de grande envergadura, ou principais, e por último, das campanhas. É nos dois últimos patamares que um Curso de Estado-Maior se situa. Claro que é no nível operacional, conjunto, que se planeiam operações principais e campanhas, no entanto, a componente terrestre é um grande elemento contribuinte deste planeamento quando as operações são centradas no ambiente terrestre. E este é o espectro, a ligação entre as unidades táticas terrestres e a força conjunta, que o CEM-E visa, na sua maioria, preencher.

Na atualidade, no seio da Aliança Atlântica, a ligação entre o conjunto e as forças terrestres pode ser conseguido segundo duas modalidades: o método das componentes e o método direto.

O primeiro implica a criação de um Comando de Componente Terrestre, o qual serve de elo entre a campanha planeada conjuntamente e as unidades terrestres. Como exemplo, ao nível da Aliança Atlântica, este Comando de Componente pode estar permanentemente constituído, como o caso do *Allied Land Command* de Izmir, na Turquia, onde prestam serviço diversos Oficiais nacionais, ou ser formado *ad hoc*, com base num comando de uma unidade terrestre de escalão que pode variar, desde Corpo de Exército até Brigada. Exemplo do *NATO Rapid Deployable Corps* (NRDC) de Valência, Espanha, onde também temos diversos Oficiais, incluindo o seu 2º Comandante.

No método direto, o Comando Conjunto exerce diretamente a sua ação sobre as unidades táticas. Este método está pensado para operações em que participam um reduzido número de forças. Um exemplo pode ser o de uma força conjunta constituída *ad hoc* para executar uma operação de evacuação de não combatentes.

No CEM-E procura-se sobretudo abordar as diversas possibilidades do primeiro método, já que o segundo está no âmbito do Curso de Estado-Maior Conjunto.

Como resumo desta simples e expedita caracterização do ambiente terrestre e das operações que nele estão centradas, pode-se concluir que um exército, mesmo que de dimensões modestas, mas inserido em organizações de defesa coletiva como a Aliança Atlântica, necessita de um núcleo de Oficiais que possuam formação, em termos de operações, para:

- Lidar com problemas complexos, muitas vezes mal definidos, e que tendem a ser de resolução a largo prazo, dada a interação entre o emprego da força e a população no ambiente terrestre, bem como devido à possibilidade da presença de inúmeros atores não estatais que utilizam a violência como instrumento;

- Serem capazes, para além da sua proficiência tática, de poder exercer funções em Quartéis-Generais que sirvam de ligação entre o nível operacional e as unidades táticas, contribuindo, de um ponto de vista terrestre, para o planeamento e condução de campanhas e operações principais.

Ainda como corolário da complexidade e perenidade dos problemas, hoje em dia é cada vez mais aceite, que certas ferramentas e métodos de planeamento e avaliação de operações do nível operacional têm que ser, para determinado tipo de

cenários, incorporados pelo menos até ao escalão Brigada. Inclusive, na Doutrina nacional, com a publicação da atual PDE 3-00 Operações, o método de planeamento da "Visualização" foi introduzido para interagir com o tradicional Processo de Decisão Militar.

Para aquilatar, agora, a pertinência do CEM-E, é necessário avaliar, face às necessidades anteriores, a existência de áreas não abordadas pelo Curso de Promoção a Oficial Superior (CPOS) no que toca a operações.

Analisando o Plano de Curso do CPOS chega-se rapidamente à conclusão que, em termos de operações, o curso foca-se essencialmente na Tática e no escalão Brigada, na sua parte específica para o Exército, e na Arte Operacional e nível operacional, na sua parte conjunta. Logo aqui se identifica que, para o Exército, fica uma lacuna de formação, o nível de ligação entre as unidades terrestres e a força conjunta. Claro que provavelmente para este patamar seria um desperdício de recursos formar a generalidade dos Oficiais, razão pela qual é objeto central de estudo apenas do CEM-E.

Apesar do foco no escalão Brigada do CPOS, existe, inclusive neste escalão, outra lacuna que só o CEM-E consegue colmatar. Refiro-me à "Visualização" como ferramenta de planeamento. Só no CEM-E, é que realmente se pode considerar que se aprende, na sua plenitude, a praticar o pensamento crítico e criativo para abordar problemas complexos e mal estruturados, aquilo que no mundo não castrense é conhecido, em vez de "Visualização", como *Design Thinking*. Neste ponto, o CPOS não dispõe, nem do tempo necessário nem da possibilidade de praticá-la em escalões mais elevados que Brigada.

Demonstrados, apesar de que num ponto de vista meramente pessoal, vários motivos justificativos da necessidade de um CEM-E, tentarei de seguida explicar o porquê de ter afirmado logo no início destas linhas que na organização e metodologia de ensino empregue ao longo do Curso residem grande parte do valor intrínseco do mesmo.

O Curso

Após analisar a pertinência do CEM-E e de quais devem ser as suas orientações face, tanto à atualidade, como às características perenes do ambiente terrestre, procurarei traduzir, nas próximas linhas, uma visão de como as questões anteriores são na realidade operacionalizadas.

No que diz respeito a operações, o CEM-E tem dois grandes blocos, o grupo de unidades curriculares de operações terrestres e os exercícios de campo, que abordarei em separado, seguindo esta ordem, que é também a sua ordem cronológica na distribuição horária.

Outro aspeto relevante do curso é que o CEM-E abrange a quase totalidade do Processo Operacional: planeamento, preparação, execução e avaliação. Claro que a atividade com maior incidência é o planeamento. A execução é praticada num exercício de Postos de Comando, enquanto na realidade a preparação e avaliação são apenas etapas integradas no planeamento e nunca postas em prática.

Voltando ao grupo de unidades curriculares de operações terrestres, o curso, para além de algum enquadramento teórico, inicia com a análise de um cenário complexo de crise. Esta análise é feita desde o ponto de vista de um Comando de Componente Terrestre inserido no planeamento colaborativo com o Comando de uma Força Conjunta.

Perante um cenário complexo, maioritariamente terrestre, em que o problema a solucionar pelo instrumento militar está mal definido, os discentes iniciam o processo de "Visualização", com

o objetivo de entenderem o contexto em que as forças terrestres serão empregues, de enquadrarem o problema e, por fim, chegarem a uma abordagem genérica e global a esse mesmo problema. É neste processo que os discentes, ao chegarem a essa abordagem operacional ao problema, desenham o seu próprio curso. Concretizando com um exemplo prático já realizado, durante a "Visualização", cada grupo de planeamento chega à conclusão, para além do já referido entendimento do ambiente e respetivo problema, que terá de defender para garantir segurança para a projeção do grosso das forças, conduzir operações ofensivas para restaurar a integridade da totalidade do território da nação hospedeira e, por fim, centrar as operações na estabilização.

A partir da "Visualização" o curso iniciará cada uma das unidades curriculares que correspondem exatamente à abordagem operacional desenhada. E aqui, para cada ano letivo, as possibilidades para variar a sequência só dependem da criatividade na elaboração do cenário. Claro que para que realmente possa haver na "Visualização" um pensamento crítico e criativo é necessário que em cada novo curso também haja sempre um cenário completamente novo.

Após a "Visualização", cada Estado-Maior planeia as fases da campanha, determinadas por si, onde, em cada uma, serão à vez, mais importantes, a defensiva, a ofensiva ou a estabilização. Procura-se, de acordo com o cenário, que os grupos tenham proposto na "Visualização" volumes distintos de forças em cada uma dessas fases, fazendo com que os planeamentos sejam executados a diversos escalões. Do exemplo anterior seria defender, por exemplo, com uma Divisão e atacar e estabilizar com toda a Componente Terrestre.

O cenário inicial do Curso serve ainda mais dois propósitos dentro do bloco que forma o grupo de unidades curriculares de operações terrestres.

O primeiro propósito é o de praticar a execução, atividade do Processo Operacional. Para tal, uma das fases da campanha é selecionada para que o planeamento já executado seja a base de um *Command Post Exercise* (CPX), do tipo *Computer Assisted Exercise* (CAX).

O segundo propósito é conseguido com uma das unidades curriculares do grupo de unidades curriculares de operações terrestres, as "Outras Operações". Esta unidade curricular foi introdu-

zida no Plano de Curso com o intuito de se estudarem áreas normalmente pouco trabalhadas e utilizando a Componente Operacional do Sistema de Forças Nacional, como um todo ou de forma individualizada por unidades de escalão Brigada. O seu objetivo é assim, aprofundar as capacidades e limitações sobretudo em áreas normalmente pouco abordadas, quer em cursos quer em exercícios. Para tal, as "Outras Operações" representam normalmente uma ramificação ou sequela do planeamento executado anteriormente, ou seja dentro do mesmo cenário. Para que os temas tratados sejam realmente de áreas pouco abordadas, são escolhidos entre tarefas primárias de operações ofensivas, defensivas ou de estabilização, que não tenham sido trabalhadas nas respetivas unidades curriculares, tarefas primárias de apoio civil, tarefas complementares, tarefas ou atividades operacionais, executadas em ambiente específico, como áreas urbanas, e tarefas ou atividades operacionais executadas por unidades utilizando capacidades específicas, como a aeromóvel ou aerotransportada.

Outra particularidade desta unidade curricular é a interação entre grupos de Estado-Maior. Concretizando com um exemplo já realizado, dentro da execução de uma fase anterior, um grupo de Estado-Maior assume o planeamento de uma Brigada que executa uma rotura de cerco em áreas urbanas e retira para um país vizinho. Em simultâneo, outro grupo assume o planeamento de uma operação aeromóvel para segurar uma ponte essencial para a retirada da outra Brigada, obrigando assim à tal interação entre Estados-Maiores.

Terminado o primeiro grande bloco, no que respeita às operações, o segundo consiste nos "afamados" Exercícios de Campo, ou Trabalhos de Campo como são tradicionalmente conhecidos. Estes exercícios têm representado um marco vinculante na formação dos Oficiais de Estado-Maior do nosso Exército. Num cenário novo, ou seja perante um novo problema, em condições de stress psicofísico, dado pela combinação da exigência intelectual e do intenso ritmo de trabalho, é criada uma experiência ímpar para os discentes, ideal para autoavaliarem a sua resiliência, as suas fortalezas e as suas debilidades.

Transversal a todas as unidades curriculares, existe ainda mais um detalhe do método de ensino que penso contribuir também para um resultado final positivo na formação dos futuros Oficiais de Estado-Maior. Refiro-me à organização interna de cada grupo de trabalho que se constitui como Estado-Maior. Para cada novo problema, entenda-se nova etapa de planeamento, o Estado-Maior é organizado por células que representam todas as funções de combate prescritas na doutrina nacional. Sendo as funções rotativas entre discentes, independentemente das suas armas ou serviços, consegue-se assim, que no final do Curso, os discentes possuam uma visão holística da aplicação do potencial de combate por parte das forças terrestres, permitindo-lhes, no futuro, exercerem funções na sua área específica de forma coerente.

Conclusões

Pensamento crítico para conseguir definir um problema complexo e mal estruturado e pensamento criativo para apontar possíveis rumos são, obrigatoriamente, os alicerces de um Estado-Maior que planeie o emprego da força no ambiente ter-

restre. Esta linha de pensamento é o fio condutor das unidades curriculares de operações do CEM-E, potenciando uma formação que se adapte continuamente à evolução do ambiente operacional das forças terrestres. Tal é conseguido, na prática, ao nível do pensamento crítico, através do desafio que representam sempre novos cenários para cada Curso, bem como a iniciativa e pensamento criativo que representa o processo de "Visualização".

Além desta adaptação contínua à exigência do ambiente operacional, o CEM-E ocupa um espaço na formação dos Oficiais, que nem o CPOS, nem depois o Curso de Estado-Maior Conjunto, conseguem satisfazer. Este espaço é garantido, sobretudo, pela necessidade de ligação entre a força conjunta e as unidades terrestres, bem como pela participação em Comandos Terrestres de escalão acima de Brigada, nomeadamente na Aliança Atlântica. A par da questão dos escalões está também a oportunidade ímpar que o CEM-E representa para estudar e consolidar a "Visualização" como ferramenta de planeamento, que coabita com o Processo de Decisão Militar, bem como para a aplicação da Arte Operacional ao nível dos elevados escalões das forças terrestres.

No entanto, o ensino de operações terrestres no CEM-E não deixa de ter desafios constantes para que consiga manter-se adaptável à evolução do ambiente operacional e que, em simultâneo, vá cimentando a sua qualidade. Neste ponto, atrevo-me a referir dois pensamentos que várias vezes se têm debatido no seio dos docentes da Área de Ensino Específico do Exército.

O primeiro diz respeito à importância, esforço real e que deve ser perpetuado, de ter nesta Área de Ensino um leque eclético de docentes, desde os mais jovens, recém-formados como Oficiais de Estado-Maior, até aqueles mais antigos, que após experiências práticas relevantes, regressam ao IESM para "temperar" o ensino com a sua capacidade de associar o mundo real ao conhecimento, por mais atualizado que este seja.

O segundo pensamento indica um regresso ao passado. À semelhança do vivido no antigo Curso de Estado-Maior, ministrado no Instituto de Altos Estudos Militares, a presença de Oficias estrangeiros enriqueceria o específico com o combinado. Nesta linha de pensamento, também o conjunto enriqueceria o específico. Muito melhoraria o debate, a criatividade do grupo e a consistência dos resultados, se, claro que de uma forma *ad hoc* e nunca sistemática, pudéssemos, por exemplo, contar com a presença, no CEM-E, de pilotos da Força Aérea ou de Fuzileiros da Armada.

Por fim, perfeitamente convicto da importância do CEM-E, gostaria de sublinhar o seu grande contributo para o paradigma indiscutível do emprego conjunto da força, já que sem dúvida que o primeiro grande contributo para o conjunto é a proficiência no específico.

Battle of Waterloo – 2015 Reenactment

Recriação histórica

Passaram 200 anos sobre esta significativa batalha, que marcou definitivamente o século XIX e contribui para traçar o rumo da história da Europa.

Hoje em dia são milhares os apaixonados pelas recriações históricas. Aproveitando esta marcante data, organizou-se em Waterloo, na Bélgica, no dia 20 de junho de 2015, a maior recriação histórica feita até hoje, na Europa. Os números falam por si. Na organização participaram 81 países, cerca de 6.000 figurantes, 300 cavalos, 100 peças de artilharia e teve uma assistência de cerca de 120.000 espetadores.

Para os apreciadores de história militar e das recriações históricas não deixe de ir ao Youtube, escreva "Battle of Waterloo 200", e poderá aceder a dezenas de interessantes vídeos sobre este grande evento evocativo da Batalha.

https://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=ymelACG3dX4

https://www.youtube.com/watch?feature=player_detailpage&v=bolmKf56250

Canal Odisseia – Fábrica de Combate

O canal Odisseia já nos trouxe excelentes programas sobre temas militares. Agora, tem em exibição e em destaque – Fábrica de Combate.

Nesta série o espetador pode ficar a conhecer o processo de fabrico de armamento, que pode ir desde a pequena espingarda automática até ao mais sofisticado navio ou aeronave de guerra. Em cada episódio podemos acompanhar, ao detalhe, como se desenham e fabricam os mais diversos equipamentos militares, tão necessários à sobrevivência do militar em combate. Também lhe é revelado como são feitas e constituídas as famosas "rações de combate", uma pequena caixa cheia de "iguarias" que permite ao combatente estar em campanha durante um curto período sem necessidade de ser reabastecido de alimentos.

Um excelente programa com a marca do Canal Odisseia.

MODELSCALA

XIV Concurso e Exposição de Modelismo no Montijo

Durante o mês de setembro a Associação de Modelismo do Montijo vai levar a cabo a XIV edição da Exposição/Concurso Modelscala que se realizará no Pavilhão Desportivo Nº2 na cidade do Montijo. Este evento é considerado um dos melhores do género na Península Ibérica e contará com a presença de numerosos modelistas, nacionais e estrangeiros. Irão estar expostos numerosos e fantásticos modelos dos mais variados tipos de modelismo estático, nas mais diversas vertentes, dioramas, viaturas civis, viaturas militares, aviões, personagens, etc. numa variadíssima mostra do que melhor se faz neste *hobby* do modelismo.

A não perder.

Nova
Câmbios
PROTOCOLO com o Exército
Condições Especiais
Compra e Venda de Moeda
Protocolo em:
www.exercito.pt/sites/dsp/Protocolos/Paginas/Protocolo-NovaCambios
Contactos: 213 242 550
936 281 543
Comidade
Segurança
Confiança no serviço !
CÂMBIOS | TRANSFERÊNCIAS
EXCHANGE | MONEY TRANSFER
www.novacambios.com

HORIZONTE
ARTIGOS MILITARES
UNIFORMES
A. DA COSTA, LDA.
CASA FUNDADA EM 1936
UNIFORMES CIVIS E MILITARES
Bonés - Bandeiras
Estandartes - Condecorações
Guiões - Distintivos
Emblemas - Pin's Diversos
ALFAIATARIA
Rua de Santa Justa, 88 - 2º Dto.
1100-486 LISBOA – Tel. 21 342 84 83
LOJA
R. Portas de Santo Antão, 16 - 1º – 1150-268 LISBOA
Tels.: 21 342 69 70 - 21 322 59 15 – Fax: 21 342 88 52
Email: a.dacosta@mail.telepac.pt

VILA REAL
setembro 2015

Programa Geral

17 a 27
Exposição
"Vila Real na Grande Guerra,
a heróica resistência"
Teatro de Vila Real

18 a 20
Exposição de Materiais e Equipamentos
Demonstração de Capacidades e Meios
Alameda de Grasse e Centro Comercial Dolce Vita Douro

18
21H30 - Concerto da Orquestra Ligeira do Exército
Largo do Município

19
22H00 - Concerto da Banda do Exército
Teatro de Vila Real

20
10H00 - Missa de Ação de Graças e Sufrágio
Sé de Vila Real
12H00 - Parada Militar
Parque anexo ao Teatro de Vila Real (à Rua Actor Ruy de Carvalho)

Dia do Exército

EXÉRCITO

NÃO SEI SE ESTAMOS NA PRESENÇA DE UMA ILHA, SE DE UM CONTINENTE, CAPITÃO NICOLAU COELHO, ESTAIS DISPOSTO A IR A TERRA FAZER OBSERVAÇÃO MAIS DE PERTO?

CERTAMENTE, SENHOR CAPITÃO-MOR. IREI SEM MAIS PERDA DE TEMPO.

DIABO! HÁ MUITOS RECIFES POR AQUI E A REBENTAÇÃO NÃO NOS PERMITE DESEMBARCAR EM SEGURANÇA. IREMOS ATÉ ONDE FOR POSSÍVEL!

CAPITÃO! ALI! HÁ GENTE NA PRAIA!...
MAS!... REPAREM! SÃO MAIS DE MEIA DÚZIA E... ESTÃO TODOS NUS!

MÃO FIRME NOS REMOS, RAPAZES! APROXIMEM-SE! QUERO ATIRAR-LHES ESTE GORRO!...

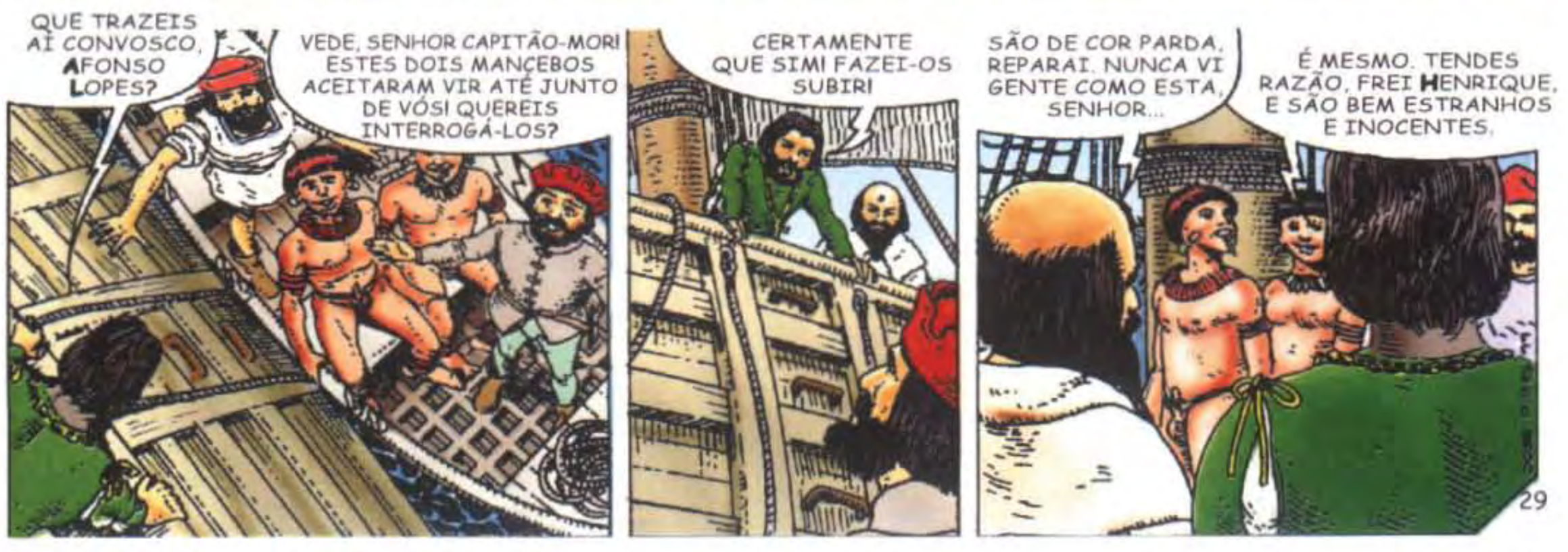
QUE GENTE MAIS ESTRANHA! NÃO PARECEM HOSTIS MAS VÊM ARMADOS!
OLHAI! RETRIBUEM-NOS COM UM TOUCADO DE PENAS!

NESSA NOITE...
O VENTO NÃO PÁRA DE SOPRAR RIJO E A CHUVA FUSTIGA-NOS COM FORÇA. MANDE LEVANTAR FERRO, MESTRE SIMÃO, ANTES QUE CHOQUEMOS CONTRA OS RECIFES...

SERÁ PREFERÍVEL RUMAR MAIS A NORTE, NA PROCURA DE MELHORES CONDIÇÕES QUE NOS PERMITAM FAZER UM DESEMBARQUE PARA EXPLORARMOS ESTA TERRA TÃO PROMISSORA!

AO PRINCÍPIO DA NOITE DE 24 DE ABRIL, A ARMADA ALCANÇA O SEU PORTO SEGURO, ACTUAL BAÍA CABRÁLIA...

... A BAÍA DE PORTO SEGURO, NA COSTA MERIDIONAL DO ACTUAL ESTADO DA BAÍA
UM LUGAR ASSIM TÃO BELO E TRANQUILO MERECIA BEM QUE LHE CHAMASSEM PORTO SEGURO, NÃO VOS PARECE, FREI HENRIQUE?


QUE TRAZEIS AÍ CONVOSCO, AFONSO LOPES?
VEDE, SENHOR CAPITÃO-MOR! ESTES DOIS MANCEBOS ACEITARAM VIR ATÉ JUNTO DE VÓS! QUEREIS INTERROGÁ-LOS?
CERTAMENTE QUE SIM! FAZEI-OS SUBIR!
SÃO DE COR PARDA, REPARAI. NUNCA VI GENTE COMO ESTA, SENHOR...
É MESMO. TENDES RAZÃO, FREI HENRIQUE, E SÃO BEM ESTRANHOS E INOCENTES.
29

HAVEIS NOTADO QUE O SELVAGEM APONTOU PARA A MINHA CORRENTE DE OURO E DEPOIS PARA TERRA?
QUERERÁ ELE DIZER COM ISSO QUE HÁ OURO NESTA TERRA?

QUE OUTRA COISA PODERÁ SIGNIFICAR COM TAL GESTO, VAZ DE CAMINHA?
ISSO NÃO SEI EXPLICAR, PEDRO ÁLVARES, POIS ELE AGORA APONTA PARA O CASTIÇAL DE FREI HENRIQUE...

MANDAI-OS DE VOLTA A TERRA LOGO QUE SE POSSA, CAPITÃO NICOLAU COELHO. É PRECISO GANHAR-LHES A CONFIANÇA.
ASSIM FAREI, SENHOR D. ÁLVARES CABRAL. E SE ME PERMITIRDES, VOU DAR-LHES ALGUNS PRESENTES, UMAS BUGIGANGAS...

EXCELENTE IDEIA, CAPITÃO NICOLAU COELHO, EXCELENTE IDEIA! FAZEI ISSO, QUE PARA TANTO VOS DOU MERCÊ!

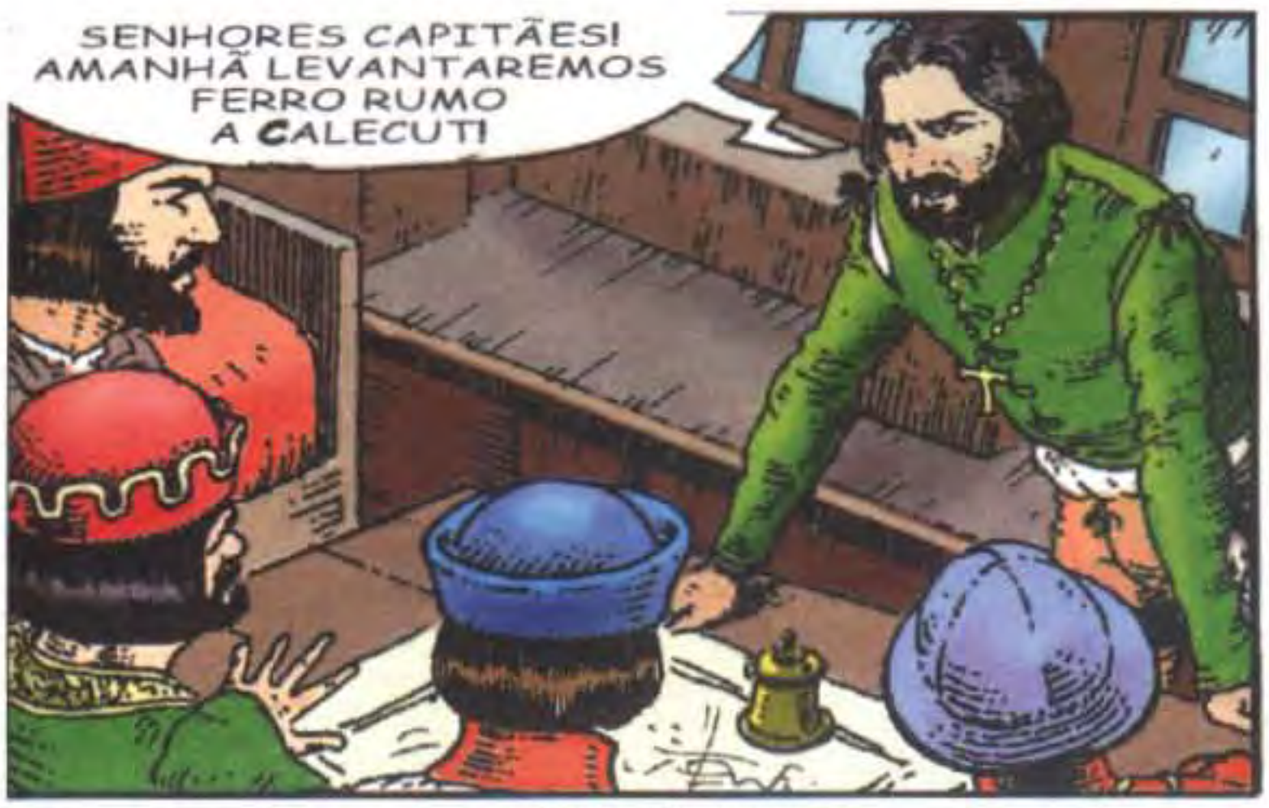
OLHAI COMO CORREM, VAZ DE CAMINHA! É PRECISO MANDAR AVISAR EL-REI SOBRE ESTA EXTRAODINÁRIA TERRA QUE ENCONTRÁMOS. PENSO DESTACAR A NAU DE GASPAR DE LEMOS PARA TAL MISSÃO.
PARECE-ME BEM, PEDRO ÁLVARES. JÁ COMECEI A ESCREVER UMA MISSIVA A EL-REI. TENHO UM PARENTE DEGREDADO EM ÁFRICA E ESTA PARECE-ME A MELHOR FORMA DE INTERCEDER POR ELE...

TENDES TEMPO BASTANTE PARA TAL, VAZ DE CAMINHA. CONTAI A EL-REI TUDO AQUILO QUE ENCONTRÁMOS O MELHOR QUE SOUBERDES, COM O VOSSO TÃO FAMOSO ENGENHO E ARTE...

TENDO-SE REALIZADO, NO DIA 26 DE ABRIL, A PRIMEIRA MISSA NA COROA VERMELHA (BANCO DE AREIA), A 1 DE MAIO, SEXTA-FEIRA, UM GRUPO DE MARINHEIROS E SACERDOTES ERGUEM UMA ENORME CRUZ DE MADEIRA, E FREI HENRIQUE CELEBRA A SEGUNDA MISSA.
JULGO QUE ESTAS GENTES PODERÃO TORNAR-SE BONS CRISTÃOS. OLHAI COMO AJOELHAM TAMBÉM...
30

CAELI ENARRANT GLORIAM DEI! DOMINUS TECUM!

ÁMEN!



Jornal do

EXÉRCITO

Dia do Exército em Vila Real

€2,00 (IVA incluído) – Ano LVI – JE n.º 651– outubro de 2015

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

santandertotta.pt

Informe-se já.

INFORMAR PARA BEM SERVIR

Coronel de Infantaria José Custódio **Madaleno Geraldo**, Diretor do *Jornal do Exército*

Há períodos na vida das pessoas e das instituições que as levam a sentirem-se infinitamente gratas, por gestos, atos ou acontecimentos, dignos de memória, que outros magnanimamente lhes emprestam. Este mês vivemos um desses maravilhosos períodos; o *Jornal do Exército* quer, assim, manifestar a sua gratidão a todos os seus colaboradores, em particular aos que, não fazendo parte dos seus quadros, contribuem de forma indelével para o seu sucesso. Registamos com muito apreço todos os trabalhos publicados da autoria de José Pires, grande nome da Banda Desenhada, que, ao longo de quase cinco anos, desde fevereiro de 2011 até outubro de 2015, enriqueceu esta revista do Exército, de forma ininterrupta, durante 48 números. Bem-haja, amigo José Pires, pelo seu valioso trabalho que muito contribuiu para aumentar os nossos conhecimentos históricos, desenvolvendo, também, nos nossos leitores o culto pela História e pela cidadania.

Este foi o mês da rendição do Subdiretor e Chefe da Redação do *Jornal do Exército*, em virtude da sua promoção: o Coronel António Marques de Andrade foi substituído pelo Tenente-Coronel Rita: ao primeiro, manifestamos a nossa satisfação pelo modo profissional e abnegado como cumpriu a sua missão, imbuído do espírito do seu fundador e Ministro do Exército, Almeida Fernandes, que o Jornal deve tornar o Exército mais conhecido da Nação, tendo sempre presente que ele é o maior reservatório de energias e de ideais com que esta pode contar, na defesa dos seus mais sagrados objetivos; ao segundo, desejamos as boas-vindas e boa sorte!

Evoca-se neste número do *Jornal do Exército* o 70.º aniversário da passagem da Força Expedicionária Brasileira [FEB], por Lisboa, em setembro de 1945, que havia participado ativamente na II Guerra Mundial, no teatro de guerra de Itália, cuja atuação cobriu de glória as armas do Brasil. O Presidente da República Portuguesa, Óscar Carmona, condecorou com a medalha de valor militar as forças brasileiras e enviou uma mensagem ao Presidente brasileiro: «Os portugueses têm os seus corações no Brasil». Responde Getúlio Vargas: «Os brasileiros têm Portugal nos seus corações». Cremos que assim continua a ser!

No passado dia 20 de setembro, celebrou-se o Dia do Exército, em Vila Real. Na homilia de D. Manuel Linda, o Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança, na missa, pudemos ouvir o seguinte: "o Exército Português celebra hoje o seu «Dia». Fá-lo apresentando-se à sociedade e mostrando-lhe que esta pode confiar nele. Mas, com esta missa, também agradece a Deus a satisfação do dever cumprido, qual seja o seu inestimável contributo para a causa da paz e da liberdade no nosso país e até a da coesão nacional." Também o CEME se referiu, neste dia, de forma generosa e eloquente, quando refere as palavras, escritas em livro, da autoria do General David Richards, comandante das forças da NATO no Afeganistão em 2006 e 2007: "Durante o meu tempo à frente da ISAF[...] os portugueses foram verdadeiros heróis, uma tropa excelente, corajosa e destemida, um exemplo a nível estratégico". Por isso, faz todo o sentido como D. Manuel Linda termina a sua homilia: "Caros militares do Exército, é por isto que eu prefiro ver as armas nas vossas mãos do que proliferarem anarquicamente nas mãos dos agentes do mal. Convosco, as armas são instrumento de liberdade; neles, são certeza de opressão e de morte. Mas, insisto, a grande diferença entre vós e eles está nos valores que vos norteiam. Então, no meio da fluidez desta cultura e forma de vida ocidental – que, dizem alguns, pode estar a chegar ao seu fim, sede um bastião de referência de valores humanos, éticos e – porque não? – também religiosos. Deus vos ajude."

Monumentos aos Combatentes da Grande Guerra – Vila Franca de Xira

Texto : Tenente RC Eder Sousa

No âmbito das evocações do Centenário da Grande Guerra, a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira inaugurou, no passado dia 5 de setembro, um Monumento de Homenagem aos Combatentes.

Foto: Maria João Martinho (facebook)

Do programa constou a concentração junto do Monumento (no Largo 5 de Outubro – junto ao cemitério de Vila Franca de Xira), o início da cerimónia com o Hastear das Bandeiras, o descerrar do Monumento acompanhado pela respetiva descrição por parte do escultor João Duarte, bem como a bênção ao elemento escultórico. A seguir teve lugar uma intervenção do representante da Liga dos Combatentes, a cerimónia militar e religiosa em homenagem aos Combatentes Mortos em Defesa da Pátria e o discurso do Presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Dr. Alberto Mesquita. Com efeito, o presidente da autarquia, também ele ex-combatente, mostrou-se visivelmente emocionado, tendo destacado a justiça desta homenagem através do monumento agora colocado no Largo 5 de Outubro. O Dr. Alberto Mesquita frisou ainda que "numa altura em que evocamos também o Centenário da Grande Guerra, pareceu-nos oportuno demonstrar a nossa mais alta consideração por todos os combatentes do nosso Concelho que, nos vários momentos da História do nosso País em que foram chamados, marcaram presença e acabaram por, em nome de Portugal, tombar em combate".

Relativamente à intervenção do Coronel Faustino Hilário, Secretário-Geral da Liga dos Combatentes, explanou o sentido de união existente entre todos aqueles que passaram pelas agruras da guerra. "Eles não sabem o que nós passámos, o que nós sofremos. Eles não percebem por que é que esta amizade dura tanto tempo", disse ainda, dirigindo-se aos ex-combatentes presentes.

No final, houve ainda tempo para a atuação da Banda do Ateneu Artístico Vilafranquense, que interpretou o Hino da Liga dos Combatentes, seguido do Hino Nacional. Em suma, a cerimónia foi marcada por momentos solenes e de muita emoção por parte de todos os que assistiram ao evento.

Quanto à obra, esta é de uma conceção inteiramente abstrata, com elementos geométricos. Segundo as próprias palavras do escultor João Duarte, "baseia-se numa pureza formal triangular de linhas simples, adquirindo uma verticalidade acentuada, através desses triângulos que transmitem sobriedade e meditação".

Sumário .05

EDITORIAL 03

MONUMENTOS COM HISTÓRIA MILITAR 04

ATUALIDADES

Destaque do mês 06
Figuras & Factos 07
...mais de mil palavras 08

ARTIGOS

Academia Militar 14
Desfile Militar 36
Angola 42

CULTURA, DESPORTO E LAZER

Livros e Revista 44
Desporto 45
Despedida do Chefe da Redação 46

Capa: Dia do Exército em Vila Real
Foto: CAVE

Sargento-Mor
O Adjunto do Comandante

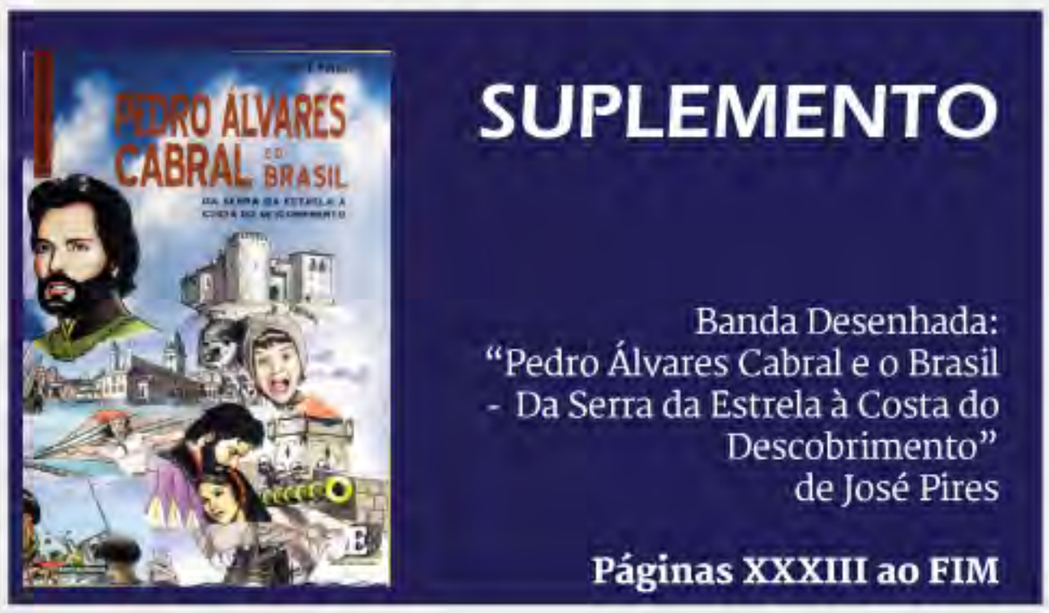
Artigo do SCh AdMil Carlos M. B. Amaro
Página 18

Dia do Exército
Comemorado em Vila Real

Artigo do Ten RC Eder Sousa
Página 24

Exercício Leão 2015
A Academia Militar em Chaves

Artigo do Maj Inf Pires Ferreira
Página 30



SUPLEMENTO

Banda Desenhada:
"Pedro Álvares Cabral e o Brasil - Da Serra da Estrela à Costa do Descobrimento"
de José Pires

Páginas XXXIII ao FIM

Jornal do Exército ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Direção, Redação e Administração: Rua Marquês da Fronteira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700 Militar: 414 085, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, *E-mail*: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, *E-mail – Intranet*: *Jornal do Exército*, *Home page*: www.exercito.pt **DIREÇÃO – Diretor**: Cor Inf José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor**: TCor Inf Fernando Manuel da Silva Rita; **Secretária**: Ass. Téc. Joana Moita; **REDAÇÃO – Chefe**: TCor Inf Fernando Manuel da Silva Rita; **Assistentes de Redação**: 1Sarg Art Anjos Das Neves; 1Sarg Pes Sec Mónica Martins; **Redator** Ten RC Eder Sousa; **Operadoras Informáticas**: Ass. Téc. Elisa Pio, Ass. Téc. Guiomar Brito; Ass. Téc. Tânia Espírito Santo; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS – Auxiliares**: SCh SGE "Cmd" António Belém, SAj SGE Luís Silva; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** – Lusa – Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **EXECUÇÃO GRÁFICA** – MX3 – Artes Gráficas, Lda – Parque Industrial Alto da Bela Vista – Pavilhão 50 – Sulim Park – 2735-340 CACÉM, Tel: 219 171 088/89/90, *E-mail*: clientes@hmx3ag.com. Tiragem – 6.000 exemplares; Depósito Legal – nº 1465/82 ISSN – 0871/8598.

Cerimónia de homenagem ao Major-General António Pires Veloso

A Câmara Municipal do Porto, respondendo ao apelo da Comissão Promotora, homenageou o Major-General Pires Veloso por ocasião da Comemoração do 40º Aniversário da Tomada de Posse de Comandante da Região Militar Norte, através da inauguração de um Busto na Praça da República, no dia 14 de setembro.

Face à proximidade do Quartel de Santo Ovídio da Praça da República, o Exército Português colaborou na organização do evento cedendo as instalações deste Quartel, nomeadamente o Salão Nobre onde decorreu a Sessão Solene.

A Cerimónia foi presidida pelo Ministro da Defesa Nacional (MDN), José Pedro Aguiar-Branco, evento que contou igualmente com a presença do Presidente da Câmara Municipal do Porto, Rui Moreira, o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Hernandez Jerónimo, entidades civis, militares, religiosas, autarcas, familiares e amigos do Major-General Pires Veloso.

O MDN, no seu discurso, referiu-se ao General Pires Veloso como a "insigne figura da nossa cidade" e considerou que "falar de Pires Veloso é falar de valores" como "a coragem, a lealdade, a frontalidade e a camaradagem", para além dos valores de ser militar na "dimensão operacional" o que exerceu de modo "exemplar".

O MDN também destacou a importância do Major-General Pires Veloso como "determinante na implantação da nossa democracia" e que, dando o exemplo, "aceitou ser sujeito ao escrutínio dos Portugueses", mesmo em períodos difíceis "nunca calou a sua voz".

A alocução da cerimónia foi proferida pelo Professor Reitor Adriano Rodrigues, em representação da comissão promotora da homenagem, que realçou a "justa homenagem" e assinalou todos os factos relevantes dos anos de serviço do Major-General Pires Veloso.

Assinatura do Protocolo do Projeto de Turismo Militar

Sob a Tutela do Ministério da Defesa Nacional foi assinado, a 24 de agosto, no Quartel de Santo Ovídeo no Porto, o Protocolo do projeto de Turismo Militar entre a Direção-Geral de Recursos da Defesa Nacional e a Associação de Turismo Militar Português.

Presidiu a esta cerimónia o Ministro da Defesa Nacional, Dr. José Pedro Aguiar-Branco, e marcaram ainda presença, além da Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional, Dra. Berta Cabral, o Presidente da Câmara do Porto, Dr. Rui Moreira, o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Hernandez Jerónimo, representantes da Marinha e da Força Aérea, bem como representantes nacionais e locais de diferentes atividades culturais, turísticas e empresariais.

O projeto do Turismo Militar tem como principal objetivo valorizar e rentabilizar o património histórico e dar a conhecer a história militar do nosso país aos turistas portugueses e estrangeiros.

No site oficial do projeto (http://www.turismomilitar.pt/index.php),

é possível descarregar uma aplicação que disponibiliza dois roteiros de turismo militar, o da Defesa do Alentejo (que inclui o Forte da Graça, em Elvas) e o dos Templários, locais emblemáticos da História de Portugal, os seus protagonistas e ter acesso a mais informação sobre batalhas importantes.

Comemorações do Dia da Arma de Infantaria

Realizou-se no dia 14 de agosto, no Regimento de Comandos, a Cerimónia Comemorativa do Dia da Arma de Infantaria.

A cerimónia foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Hernandez Jerónimo, e contou com a presença de diversas entidades militares e civis.

A Cerimónia Militar, que integrou o Estandarte Nacional do Regimento de Comandos, o Estandarte de D. Nuno Álvares Pereira, um bloco de Estandartes Heráldicos das Unidades de Infantaria, Forças representativas das três Brigadas do Sistema de Forças, o Tirocínio para Oficial e o Curso de Formação de Sargentos de Infantaria, incluiu, também, uma representação das capacidades das viaturas táticas que equipam a Infantaria do Exército Português.

Entre outras atividades, fez ainda parte do programa oficial uma reunião de trabalho dos Comandantes das Unidades de Infantaria, levada a cabo no dia 13 de agosto.

Indubitavelmente, com as comemorações do Dia da Infantaria, o espírito de corpo e coesão entre os Infantes foi incrementado, bem como ficou demonstrado o prestígio da Arma de Infantaria e do Exército Português.

08. ... mais de mil palavras

Bloco de Guiões

No dia 13 de setembro de 2015, as comemorações do 308º aniversário do Regimento de Cavalaria Nº3, aquartelado na cidade de Estremoz, foram celebradas em conjunto com o dia comemorativo da Brigada de Reação Rápida (BrigRR), da qual esta unidade faz parte.

A iniciar o desfile das forças em parada e logo a seguir ao Estandarte Nacional, desfila o Bloco de Guiões de todas as unidades integrantes da BrigRR.

Comemorações do Dia da Arma de Cavalaria e do 306º Aniversário do RC6

Em 23 de julho, no Regimento de Cavalaria Nº 6 (RC6), realizou-se a Cerimónia Comemorativa do Dia da Arma de Cavalaria e do 306º Aniversário do RC6. O evento, presidido pelo CEME, General Hernandez Jerónimo, contou com a presença do Diretor Honorário da Arma de Cavalaria e outras ilustres Autoridades Civis, Militares, Policiais e Académicas da região de Braga, das quais se destacam as presenças dos Presidentes das Câmaras Municipais de Amares, Vieira do Minho e Cabeceiras de Basto, do Vice-presidente da Câmara Municipal de Braga e de D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga, Arcebispo Primaz de Braga.

Da Cerimónia Militar realça-se a ligação estabelecida, via videoconferência, com as Forças Nacionais Destacadas no Kosovo e na Lituânia. Durante a referida ligação, os respetivos Comandantes fizeram um ponto de situação ao General CEME sobre as respetivas missões. Todos os presentes na Parada Mouzinho de Albuquerque puderam assistir a esta videoconferência, através dos vários ecrãs gigantes existentes e os militares no Kosovo e Lituânia assistiram à cerimónia em tempo real. A cerimónia militar terminou com a apresentação de algumas capacidades ilustrativas dos encargos operacionais das Unidades da Arma de Cavalaria.

As comemorações do Dia da Arma de Cavalaria e do 306º Aniversário do RC6 iniciaram-se a 19 de julho com a realização de um concerto com a Banda Militar do Porto em parceria com a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música Calouste Gulbenkian de Braga, no Theatro Circo de Braga. No dia 22 de julho, realizou-se ainda um Espetáculo Equestre na Praça Conde de Agrolongo, em frente ao Convento do Pópulo, com a participação de três coudelarias da Região de Braga e da Escola de Mafra.

Aniversário da Brigada de Reação Rápida e do Regimento de Cavalaria 3

No pretérito dia 13 de setembro, teve lugar a Cerimónia Comemorativa do 10º Aniversário da Brigada de Reação Rápida (BrigRR), que ocorreu em simultâneo com as comemorações do 308º Aniversário da criação do Regimento de Cavalaria 3 (RC 3), unidade mais recente no desenho organizacional da BrigRR, mas que ostenta o respeitável estatuto da Unidade Regimental mais antiga do Exército Português, orgulhosamente designada como os "Dragões de Olivença".

O programa das comemorações, que teve como anfitriã a cidade de Estremoz, atingiu o seu momento mais alto no dia 13, com a realização da Cerimónia Militar Presidida pelo CEME, General Hernandez Jerónimo, onde foi possível observar uma amostra de um vasto leque de capacidades operacionais. De realçar que as comemorações tiveram início no dia 11 de setembro, com uma exposição de equipamentos e acesso a passeios em Balão de Ar quente e Torre Multiactividades, enquanto no dia 12, teve lugar um concerto da Orquestra Ligeira do Exército.

As comemorações do dia 13 culminaram com a inauguração de uma exposição de pintura, organizada por Carlos Godinho e que esteve patente no Convento João de Deus (casa de sargentos) até ao dia 11 de outubro.

Comemorações dos 876 anos da Batalha de Ourique

No dia 25 de julho, teve lugar a Cerimónia Evocativa que assinalou os 876 anos da Batalha de Ourique, uma organização conjunta do Município de Castro Verde, da Direção de História e Cultura Militar e do Regimento de Infantaria Nº 3.

A cerimónia militar decorreu no local de S. Pedro das Cabeças (no município de Castro Verde), tendo sido presidida pelo Major-General Santos Carvalho em representação do Chefe do Estado-Maior do Exército, e contou com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Castro Verde, Arquiteto Francisco Duarte, da Presidente da Assembleia Municipal de Castro Verde, Dra. Maria Espírito Santo, do Comandante do Regimento de Infantaria Nº3, Coronel de Infantaria Carlos Faria, autarcas do concelho de Castro Verde, bem como representantes dos Comandantes da BA11 e do Grupo Territorial da GNR.

Para além da cerimónia militar evocativa, que incluiu o hastear da bandeira nacional, a deposição de flores junto ao monumento evocativo e homenagem aos mortos na Batalha, realizou-se depois uma outra cerimónia na Igreja de N. S. dos Remédios, durante a qual foi apresentado um filme das comemorações nacionais da Batalha de Ourique em 1940, seguindo-se duas palestras proferidas pelo Prof. Doutor Hermenegildo Fernandes da Faculdade de Letras de Lisboa e pelo Coronel de Infantaria "Comando" Américo Henriques, sobre a temática da Batalha.

Extinção do RI3 e transferência do RI1 para Beja

Na sequência da publicação do Decreto-Regulamentar da Lei Orgânica do Exército, o Regimento de Infantaria Nº3 (RI3) foi extinto e o Regimento de Infantaria Nº1 (RI1), sob o comando do Coronel de Infantaria Carlos Fernando Nunes Faria, iniciou o processo de transferência de Tavira para Beja em 1 de agosto.

Simultaneamente, em Beja, começaram os trabalhos da Comissão Liquidatária do RI3, sob a presidência do Tenente-Coronel de Infantaria Joaquim Manuel Mira Branquinho.

No Quartel da Atalaia, em Tavira, entrou em funcionamento um Destacamento do RI1 com um efetivo de cerca de 50 militares, reforçado com um pelotão do Grupo de Carros de Combate da Brigada Mecanizada (GCC/BrigMec), atualmente empenhado na prevenção de incêndios na serra algarvia, concretamente na execução de patrulhas nos concelhos de Monchique, Silves e São Brás de Alportel.

TABELA DE PREÇOS PARA 2015

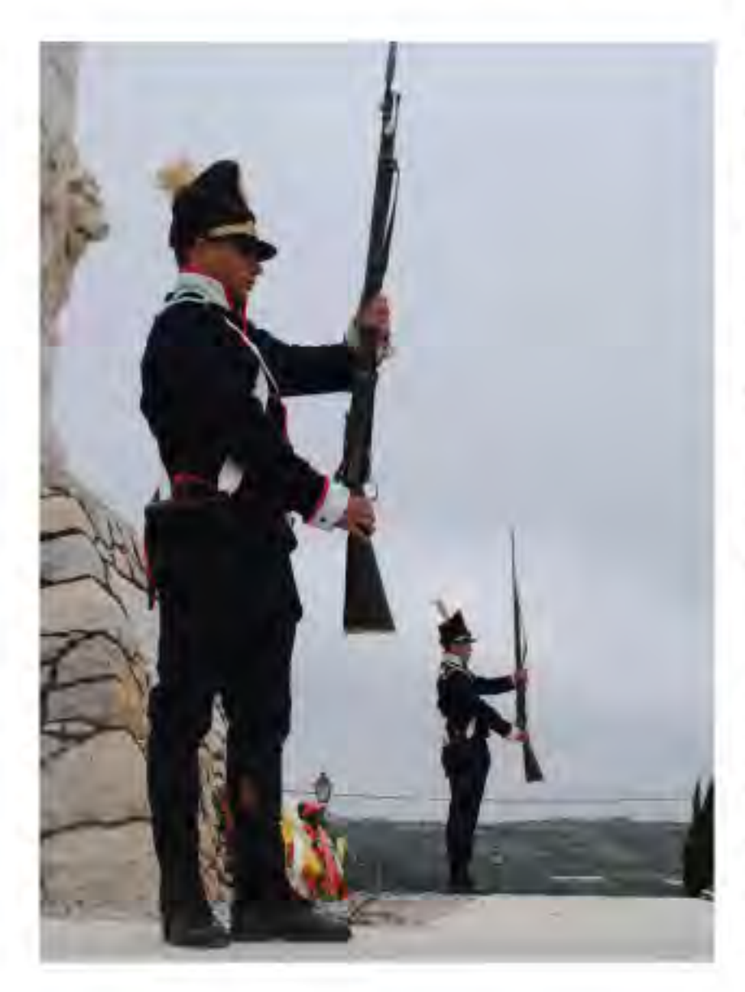
PREÇO DE CAPA €2,00 **ASSINATURA ANUAL** (11 números): **VIA SUPERFÍCIE** - Portugal Cont. Madeira e Açores €20,00; **VIA AÉREA** - Países Europeus €45,00; Restantes Países €65,00. **NOTA:** As assinaturas devem ser pagas antecipadamente **NÚMEROS ATRASADOS** - 1960 a 1969 €4,50; 1970 a 1979 €4,00; 1980 a 1989 €3,00; 1990 a 2001 €2,50; 2002 a 2012 €2,00. Os preços incluem IVA à taxa de 6%.

PREÇO DE ENCADERNAÇÃO €30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.

N.B.: Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: 1000/2000 €4,21; 3000/8000 €5,79; Açores e Madeira €6,56.

207º Aniversário da Batalha do Vimeiro

A famosa batalha integrada no âmbito da Guerra Peninsular foi comemorada no dia 21 de agosto. O evento teve início, como é apanágio, com a cerimónia militar junto ao Padrão Comemorativo da Batalha. Esteve presente uma força militar formada por um pelotão da Escola das Armas e da Escola de Sargentos do Exército, um terno de clarins da Fanfarra do Exército e dois militares fardados com uniforme usado à época das invasões napoleónicas.



Após as devidas honras militares protocolares e o hastear da Bandeira Nacional, o Major-General Santos Carvalho, Diretor da Direção de História e Cultura Militar, acompanhado pelo presidente da Câmara Municipal da Lourinhã, Engenheiro Anastácio de Carvalho, depositaram uma coroa de flores, tendo-se seguido um momento de oração pelo Capelão do Exército, Capitão Alberto Seixeira. O Engenheiro João Duarte Anastácio de Carvalho proferiu ainda umas breves considerações sobre este dia, tendo-se seguido o arriar da Bandeira Nacional.

Após a cerimónia, os convidados e a população puderam assistir, no Auditório do Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro, a uma palestra evocativa da Batalha, realizada pelo Sargento-Chefe na reserva Jorge Gomes e a uma apresentação da aplicação do CIBV (Centro de Interpretação da Batalha do Vimeiro), já disponível na plataforma Android (mais tarde em iOS), que permite a todos os visitantes uma experiência virtual, acessível em vários idiomas.

Tomada de Posse do novo Comandante da Escola dos Serviços

Em 26 de agosto, teve lugar na Escola dos Serviços (ES), na Póvoa de Varzim, a cerimónia de tomada de Posse de Comando pelo Coronel de Administração Militar José Manuel Almeida de Rodrigues Gonçalves.

A cerimónia teve início com a receção do novo Comandante à entrada do aquartelamento, onde a Guarda de Polícia da Unidade prestou as honras regulamentares. Recebido à Porta de Armas pelo 2º Comandante, Tenente-Coronel de Administração Militar Armando José Rei Soares Ferreira, o Coronel Rodrigues Gonçalves foi conduzido à Parada Firmino Miguel, onde estava formada a Escola na sua máxima força, incluindo os cursos de formação atualmente na Unidade.

Após as forças em parada terem prestado as honras devidas, foi lido pelo Chefe da Secretaria de Comando, Sargento-Chefe João Manuel Fernandes Barreira, o despacho de nomeação para as funções de Comandante da ES e, pelo 2º Comandante, foi entregue o Estandarte heráldico da Unidade.

Seguiu-se uma alocução proferida pelo novo Comandante, a revista às forças em parada e a apresentação de cumprimentos na Sala de Honra por todos os Oficiais, Sargentos e Civis da ES.

Cerimónia de Evocação dos 49 anos da morte de militares do RAAF no combate ao incêndio da Serra de Sintra

O Regimento de Artilharia Antiaérea Nº1 (RAAA1), na qualidade de herdeiro dos costumes e tradições do Ex Regimento de Artilharia Antiaérea Fixa (RAAF), homenageou os 25 militares do RAAF que há 49 anos pereceram no combate a um incêndio na Serra de Sintra, numa cerimónia que decorreu no RAAA1, em Queluz, e na Serra de Sintra, no passado dia 7 de setembro.

A cerimónia teve início com a celebração de uma missa na Capela do Regimento, em memória de todos os militares que perderam a vida no combate ao incêndio. A cerimónia prosseguiu depois para o "Pico do Monge", na Serra de Sintra, local onde decorreu a cerimónia militar com a respetiva homenagem aos militares falecidos. Usou da palavra o Comandante do RAAA1, Coronel de Artilharia, José Costa dos Reis, evocando a abnegação e coragem dos Militares que tombaram naquele dia fatídico, tendo também sido elencadas as atividades que o Regimento desenvolve atualmente em coordenação com a Autoridade Nacional de Proteção Civil no âmbito do patrulhamento e prevenção dos fogos florestais, com especial ênfase nas Serras de Sintra e da Arrábida. A cerimónia concluiu-se com uma romagem ao local onde foram encontrados os corpos dos Militares.

No Pico do Monge, presidiu à cerimónia o Comandante da Brigada de Intervenção, Major-General Carlos Henrique de Aguiar Santos, contando ainda com a presença do Presidente da Assembleia Municipal e do Vice-Presidente da Câmara Municipal de Sintra, de um representante da Câmara Municipal de Cascais, do Presidente da Junta de Freguesia de Colares, de representantes das Uniões de Freguesias de Queluz e Belas, e de Massamá e Monte Abraão, do representante do Presidente da Autoridade Nacional de Proteção Civil e do Presidente da Liga dos Bombeiros Portugueses, entre diversas corporações de Bombeiros da Área de influência do Regimento. Alguns familiares dos militares marcaram a sua presença, já habitual nesta efeméride, onde também agradeceram o apoio contínuo do RAAF e do RAAA1 desde a data da tragédia até aos dias de hoje.

Exército Português assina protocolo com o CENFIC

No âmbito do Protocolo estabelecido entre o Exército Português e o Centro de Formação Profissional da Indústria da Construção Civil e Obras Públicas do Sul (CENFIC), realizou-se no dia 1 de setembro, nas instalações daquele Centro, a cerimónia de abertura de duas ações de formação para militares do Exército.

Estas ações de formação, ministradas nas instalações do CENFIC no Prior Velho – Lisboa, contaram com a participação de 40 militares das mais diversas Unidades, Estabelecimentos e Órgãos, distribuídos equitativamente por duas turmas para frequentarem os cursos de Pedreiro-nível 2 e Canalizador-nível 2.

Estiveram presentes nesta cerimónia o Diretor do CENFIC, Engenheiro Fernando Carvalho Mourato, e o Tenente-Coronel de Infantaria Joaquim José Rodrigues Bucho, em representação do Diretor de Formação do Exército.

Academia Militar

Tecnologias de processamento de imagem em desenvolvimento

Texto : Prof. José Silvestre Silva[1]

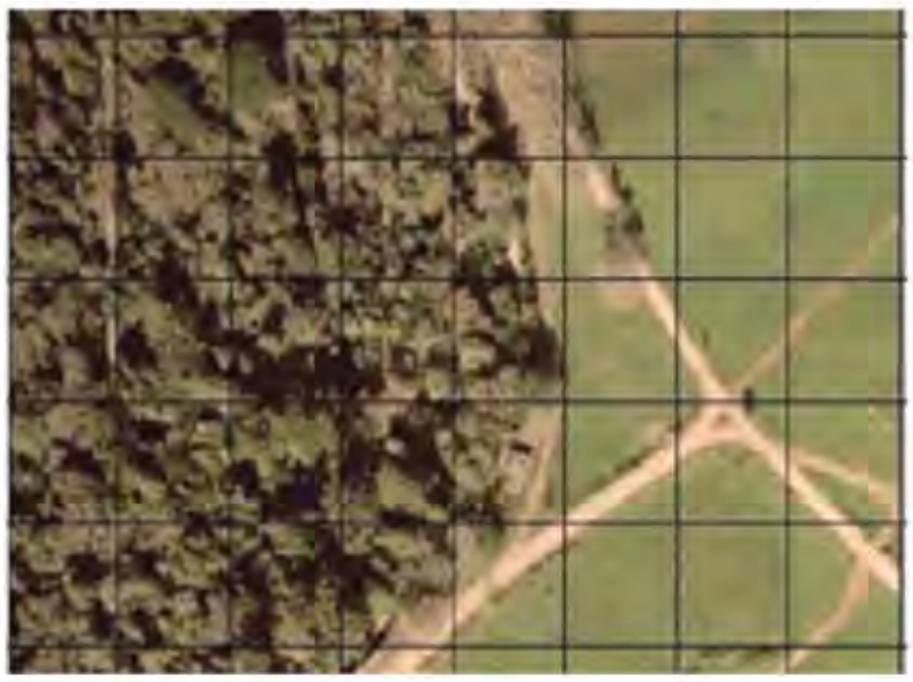
O projeto de investigação FUSIMIL, acrónimo de FUSão de Imagem MILitar, iniciado em 2014 e financiado pelo CINAMIL (Centro de Investigação da Academia Militar) tem desenvolvido competências em processamento de imagem nos domínios militar e de defesa. O CINAMIL procura incentivar as atividades de investigação, não só na Academia Militar, mas em todo o Exército, definindo colaborações com outras instituições de investigação de outros ramos das forças armadas, e ainda com universidades. O CINAMIL além de ter financiado o projeto FUSIMIL, propiciou apoio logístico, e serviu de interligação com empresas privadas para a criação de parcerias, tornando possível um futuro desenvolvimento de protótipos, mostrando que trabalho de investigação inicialmente desenvolvido na Academia Militar, e consequentemente no Exército, também seja utilizado no meio civil. O projeto FUSIMIL é composto

por quatro áreas de investigação que incluem a deteção de pessoas camufladas, a classificação da estrutura vegetacional, a discriminação entre veículos e edifícios em meio militar, e ainda a identificação de minas terrestres.

As tecnologias de fusão de imagem permitem aos militares obter uma vigilância, proteção e deteção necessárias às operações de segurança que são realizadas nos dias de hoje. Combinando a informação gerada por múltiplas fontes de imagem, a fusão permite maior detalhe resultando num maior grau de segurança. A utilização desta tecnologia para a localização de pessoas camufladas, visualizando-as enquanto estas estão enquadradas no ambiente, torna ineficiente a sua camuflagem. As aplicações desta tecnologia incluem a deteção de armas escondidas, fiscalização de veículos em operações de paz e ainda a deteção de veículos dissimulados na paisagem. Utilizando uma camara bi-espectral FLIR T440bx foram obtidas imagens no espectro do visível (fotografia) e no espectro do infravermelho térmico (imagem térmica), de militares durante a realização das suas atividades no campo, em que a camuflagem dissimulava a sua presença na paisagem circundante. Para se proceder à fusão das imagens, na imagem de infravermelho térmico é localizada automaticamente a região que possui a(s) pessoa(s) camuflada(s) e validada automaticamente a deteção, pela análise das propriedades na região detetada. Quando o resultado for positivo, é realizado a fusão entre as duas imagens (da região do visível e da região do infravermelho), usando técnicas evoluídas baseadas na decomposição da imagem em funções *wavelets* (esta é uma família de funções matemáticas, tal como as funções gaussianas, ou as funções de Fourier). Os termos decompostos são processados e fundidos, após o qual é (re)construida a imagem baseada nas duas imagens iniciais. Com esta metodologia é possível realçar a informação térmica quando esta coincide com pessoas, ou objetos de interesse como, por exemplo viaturas, salientando estas regiões numa imagem do espectro do visível de forma a preservar a informação térmica. A fusão de imagem também pode ser aplicada na área médica, pela junção de imagens de técnicas imagiológicas, como a TAC, ultrassons e ressonância magnética; na Geologia, no mapeamento geológico, tectônico-estrutural e levantamento do potencial mineral do solo; na Agricultura, para estimar área plantada e a produtividade das culturas agrícolas, e ainda para a caracterização espectral da vegetação.

O tipo de vegetação é um atributo que caracteriza o habitat, podendo ser relevante e até mesmo decisivo para determinadas atividades militares,

[1] O Professor José Silvestre Silva é o responsável pelo projeto FUSIMIL, investigador no CINAMIL e docente do Departamento de Ciências e Tecnologias de Engenharia, na Academia Militar.



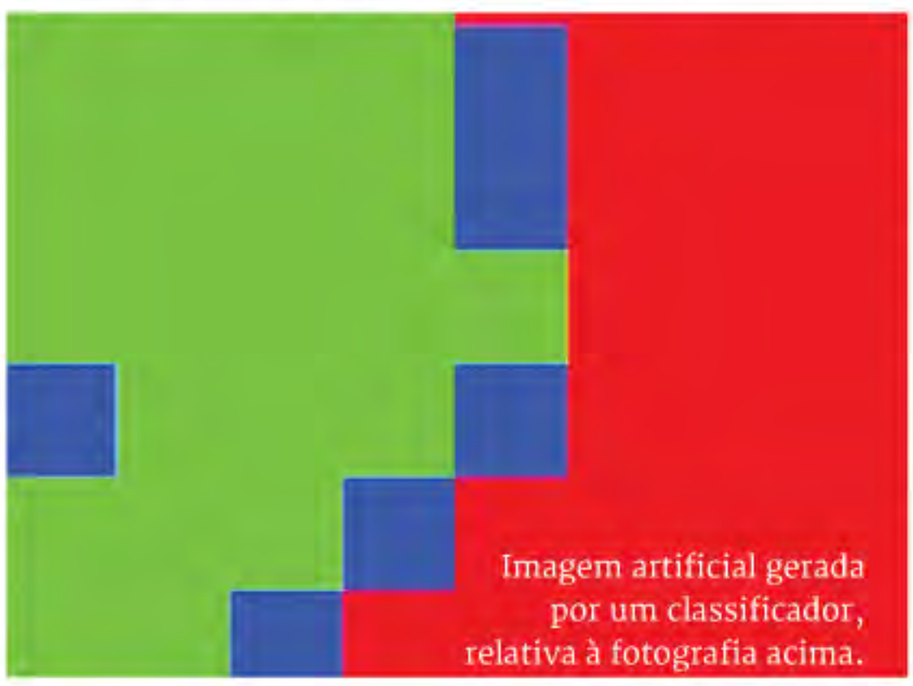


Imagem artificial gerada por um classificador, relativa à fotografia acima.

Resultado produzido por um classificador na identificação da copa das árvores. Copa das árvores (verde), solo (vermelho). Relativa à fotografia acima.

sendo que em alguns cenários militares é ideal a não existência de vegetação enquanto para outros cenários é preferível vegetação alta ou densa. A segunda área de investigação deste projeto tem por objetivo identificar o tipo de vegetação existente num perímetro militar, tendo sido usadas fotografias aéreas ortorretificadas cedidas pelo Centro de Informação Geoespacial do Exército (CIGeoE). A metodologia implementada inclui a seleção das regiões de interesse, a definição matemática de diversas propriedades (chamadas características) como o contraste, correlação, entropia, homogeneidade (entre outras) e implementação de vários classificadores[2] multiclasse[3]. Atendendo a que é usado um grande número de características, também foi implementado um seletor automático de características, para eliminar as redundantes, deixando aquelas que melhor discriminam as classes.

Outro objetivo nesta área de investigação é a deteção dos contornos das árvores. Para este estudo foram definidas três classes: solo, árvore, sombra, e implementados os três classificadores para comparação dos resultados entre si.

Por observação da imagem anterior, verifica-se que o classificador utilizado obteve uma definição muito boa da fronteira da copa das árvores na imagem.

O reconhecimento de viaturas e edifícios em meio militar, é de extrema importância para a definição de uma estratégia militar. Após a localização de uma viatura, esta pode ser destruída ou seguida remotamente (tracking). A terceira área de investigação neste projeto consiste em efetuar a discriminação entre automóveis e edifícios em meio militar. Na metodologia desenvolvida, a imagem aérea é percorrida com uma janela deslizante, sendo extraídas propriedades (características) que são processadas por um classificador, entre outros procedimentos computacionais, permitindo localizar veículos, com uma taxa de deteção até 97%. A identificação dos edifícios em área militar foi realizada com um procedimento baseado na cor vermelha (uma vez que a maioria dos telhados no meio militar possui esta cor), inclui um detetor automático de linhas retas que correspondem aos limites dos telhados, a que se segue um conjunto de regras matemáticas para o agrupamento dessas linhas retas, resultando na deteção do contorno dos edifícios, mesmo quando possuem formas retangular, ou formas similares.

Por observação das duas imagens seguintes, verifica-se que os edifícios com telhado vermelho que se encontram na zona central de cada imagem, são corretamente identificados. A metodologia desenvolvida é capaz de identificar não só formas retangulares mas também edifícios militares com telhado avermelhado e com formato em "T" ou em "L".

As minas terrestres representam obstáculos para os militares restringindo a sua mobilidade, para além de colocarem em risco a população civil após os conflitos terminarem. Ao ritmo atual, são necessários centenas de anos para remover todas as minas existentes (cerca de 100 milhões de acordo com dados da ONU), não considerando as 2,5 milhões de minas que são aplicadas anualmente. A utilização de imagens obtidas por várias fontes, quando aplicadas na deteção de minas, permite aumentar a capacidade de deteção.

Exemplos resultantes da detecção de automóveis (sinalizados com um ponto vermelho), após execução do algoritmo desenvolvido (ainda numa fase experimental). Os telhados dos edifícios militares encontram-se delimitados a azul.

Por exemplo, em Angola, um país onde existem mais minas do que pessoas, em cada 140 pessoas que tiveram acidentes, uma delas foi vítima de uma mina. A desminagem manual é um trabalho perigoso; estatisticamente um sapador (pessoa que fisicamente deteta e remove a mina) é morto em cada 2.000 minas removidas. O custo para adquirir e aplicar uma mina antipessoal é tipicamente entre €2,50 e €250, enquanto o custo para remover essa mina varia entre €250,00 e €1000,00.

O desenvolvimento de uma metodologia automática de deteção de minas com recurso a camaras multiespectrais de infravermelho permite reduzir o tempo de desminagem, minimizar a probabilidade de acidente, evitando o risco da deteção muito próximo das minas. Para a deteção de minas terrestres a partir de imagens de infravermelho térmico, é explorada a variação de temperatura entre as minas e o ambiente (terreno) onde estão inseridas. A metodologia em desenvolvimento inclui o alinhamento das imagens obtidas por vários equipamentos; a identificação das regiões de interesse; a definição de propriedades relevantes dependentes das características físicas das minas, e a sua deteção usando classificadores. Neste trabalho, usando imagens multiespectrais, também é explorado a influência do tipo de solo na deteção de minas e ainda o resultado da deteção em função da profundidade a que as minas são enterradas.

O projeto FUSIMIL a decorrer no âmbito do CINAMIL esteve no Regimento de Infantaria Nº 3 em Beja, no Regimento de Artilharia Nº 5 em Vendas Novas, na Brigada Mecanizada em Santa Margarida, durante os exercícios militares dos cadetes da Academia Militar; e ainda no Regimento de Engenharia Nº 1, em Tancos, local onde foram criados diversos campos com minas. Os trabalhos realizados no projeto FUSIMIL, no ano letivo 2013/2014 resultaram nas teses de Mestrado do Alferes-Aluno de Transmissões Jorge Leitão e do Alferes-Aluno de Transmissões Miguel Gonçalves; no ano letivo 2014/2015 os trabalhos em curso resultam nas teses de Mestrado do Alferes-Aluno Transmissões Jorge Pimenta e da Alferes-Aluno Transmissões Nádia Bento.

[2] Classificador = procedimento para classificar (agrupar em classes) dados ou objetos consoante as suas propriedades.

[3] Uma classe é uma propriedade comum a um grupo de objetos, como a cor ou a forma.

Sargento-Mor

O Adjunto do Comandante

Texto : SCh AdMil Carlos Manuel Beato Amaro

Tendo presente o atual contexto, o qual é caracterizado internamente por um conjunto de alterações à macroestrutura do Exército, bem como à estrutura organizacional de diversas U/E/O, à revisão generalizada dos seus Quadros Orgânicos de Pessoal e ao quadro estatutário dos militares entendeu-se que teria alguma pertinência a apresentação de uma reflexão sobre o papel do Adjunto do Comandante (o Mor da Unidade), na atividade das U/E/O do Exército.

A designação "adjunto do comandante" é consolidada com a alteração do EMFAR (decreto-lei n.º 236/99 de 25 de junho) no seu art.º 273º, e a revisão da I parte do RGSUE (despacho de 14 de setembro de 2005 do general CEME), art.º 11º, e

que define os seguintes deveres e atribuições inerentes às funções de serviço interno, ainda hoje atuais e que seguidamente se referem:

"1. O sargento-mor é um elemento do comando do regimento ou do batalhão independente e desempenha as funções de adjunto do comandante para os assuntos relacionados com a vida interna da unidade, nomeadamente no que respeita à administração do pessoal, à formação dos sargentos e aos aspetos administrativos e logísticos; pode exercer funções de instrutor.

2. Além dos deveres previstos neste e noutros regulamentos, compete-lhe:

a. Atuar, em nome do comandante, nos assuntos que digam diretamente respeito à categoria de sargentos e servir de elo de ligação entre estes e o comandante;

b. Auxiliar, quando necessário, o estado-maior da unidade nos assuntos relativos à administração do pessoal;

c. Zelar pelo atavio, apresentação, conduta e disciplina dos sargentos e praças, de acordo com as instruções do comandante;

d. Acompanhar a vida interna da unidade (exceto nos aspetos de serviço diário e segurança) no sentido da manutenção, em alto grau, da eficiência e da disciplina;

e. Nos dias de atividade normal, organizar a parada da guarda e apresentar a respetiva formatura ao oficial de dia".

Com a nova redação do EMFAR para 2015 o sargento-mor passa a ter como atribuições inerentes as seguintes:

"No posto de sargento-mor, o desempenho do cargo de adjunto do comandante das unidades, estabelecimentos e órgãos, bem como supervisionar e coordenar atividades de natureza administrativo-logística, podendo chefiar, supervisionar, coordenar e exercer funções de formação".

Em face das atribuições que lhe estão cometidas, muito associadas à administração do pessoal, à vida interna da unidade, à manutenção da disciplina e à assessoria ao Comandante e tendo sobretudo em atenção o seu posicionamento na Unidade, o adjunto do comandante deverá ter um especial cuidado com a sua imagem, sendo um exemplo de atavio e postura militar.

Trata-se de facto de garantir as condições indispensáveis para o dotar da principal autoridade, a moral, para o desempenho cabal das suas funções, designadamente para "... zelar pelo atavio, apresentação, conduta e disciplina dos sargentos e praças..."; até porque, a autoridade conferida ao adjunto do comandante para o desempenho das suas funções, é apenas a autoridade comum conferida a qualquer militar superior hierárquico em relação aos seus inferiores hierárquicos, podendo, no entanto, constituir-se como um veículo privilegiado do Comandante para a comunicação de determinadas orientações, em áreas concretas da atividade da U/E/O, supervisionando e controlando em seu nome, se esse for o entendimento do Comandante.

Na realidade, ser adjunto do comandante é ser um dos seus conselheiros mais próximos, designadamente "... nos assuntos que digam diretamente respeito à categoria de sargentos...".

Para esse efeito, deverá estar atento e preocupado com os problemas, os anseios e as preocupações que afligem esta categoria de profissionais a nível profissional, mas também social e familiar.

De seguida, permitimo-nos efetuar uma breve análise das atribuições que explicitamente se encontram vertidas nos diplomas e normativos anteriormente mencionados:

– "No posto de sargento-mor, o desempenho do cargo de adjunto do comandante das unidades, ..., supervisionar, coordenar e exercer funções de formação";

Nesta matéria, entende-se que é importante que o adjunto do comandante tenha conhecimento de tudo o que envolve a formação dos sargentos, desde o planeamento das ações formativas, até à forma como é ministrada a formação, passando pela elaboração dos conteúdos curriculares, devendo, nesta medida, colaborar regularmente com os Departamentos/Secções de Formação das U/E/O, integrando as reuniões de coordenação que neste âmbito forem realizadas.

Paralelamente, nas Unidades de Formação (EA, ES e ESE), o adjunto do Comandante, por inerência de funções, deveria integrar os respetivos conselhos escolares e participar na discussão e análise nas Áreas Curriculares e correspondentes objetivos de cada Curso.

Neste âmbito, por forma a acompanhar adequadamente a atividade formativa que decorre na sua U/E/O, nomeadamente nas Unidades de Formação e atentos os desenvolvimentos que o Sistema de Formação do Exército (SFE) tem conhecido,

deveria adicionar à sua experiência profissional, uma formação específica nesta área, frequentando para o efeito as ações formativas que se revelassem mais adequadas, garantindo, deste modo, a sua permanente atualização. Num âmbito geral, frequentar ações de formação que visariam a aquisição de conhecimentos, capacidades, atributos e formas de comportamentos exigidos para o exercício da função, nomeadamente na liderança e chefia de equipas, gestão de recursos humanos, psicologia das organizações e técnicas de comunicação.

Em nossa opinião, estas ações de formação deveriam ter um caráter obrigatório, por forma a aprofundar aptidões e competências e a reconhecer os objetivos de uma organização dinâmica, como se caracteriza a Instituição Castrense, permitindo assim ao Sargento-Mor assumir de forma objetiva um papel de destaque, fruto da sua experiência e qualificações comprovadas, espelhando a valorização da carreira militar dos Sargentos, no seu posto cimeiro.

– "Nos dias de atividade normal, organizar a parada da guarda e apresentar a respetiva formatura ao oficial de dia."

Nalguns casos, poderá pensar-se que a única atribuição de natureza diária, deixou de fazer sentido que seja realizada pelo adjunto do comandante, por não haver, efetivamente, uma parada para organizar.

Não há banda de música ou fanfarra, não há terno de clarins, não existe ronda, não há piquete e não há mais do que um adjunto de comandante de companhia a conduzir à parada da guarda o pessoal de serviço. Esta função, que deveria consistir em organizar as forças atrás referidas, recebidas dos vários adjuntos dos comandantes das companhias, resume-se assim a receber a formatura do graduado que conduz o pessoal de serviço à parada e passá-la ao oficial de dia.

Mas, o facto de "não existir" uma parada com um significativo número de efetivos para organizar, não implica, no nosso entendimento, libertar o adjunto do comandante desta atribuição.

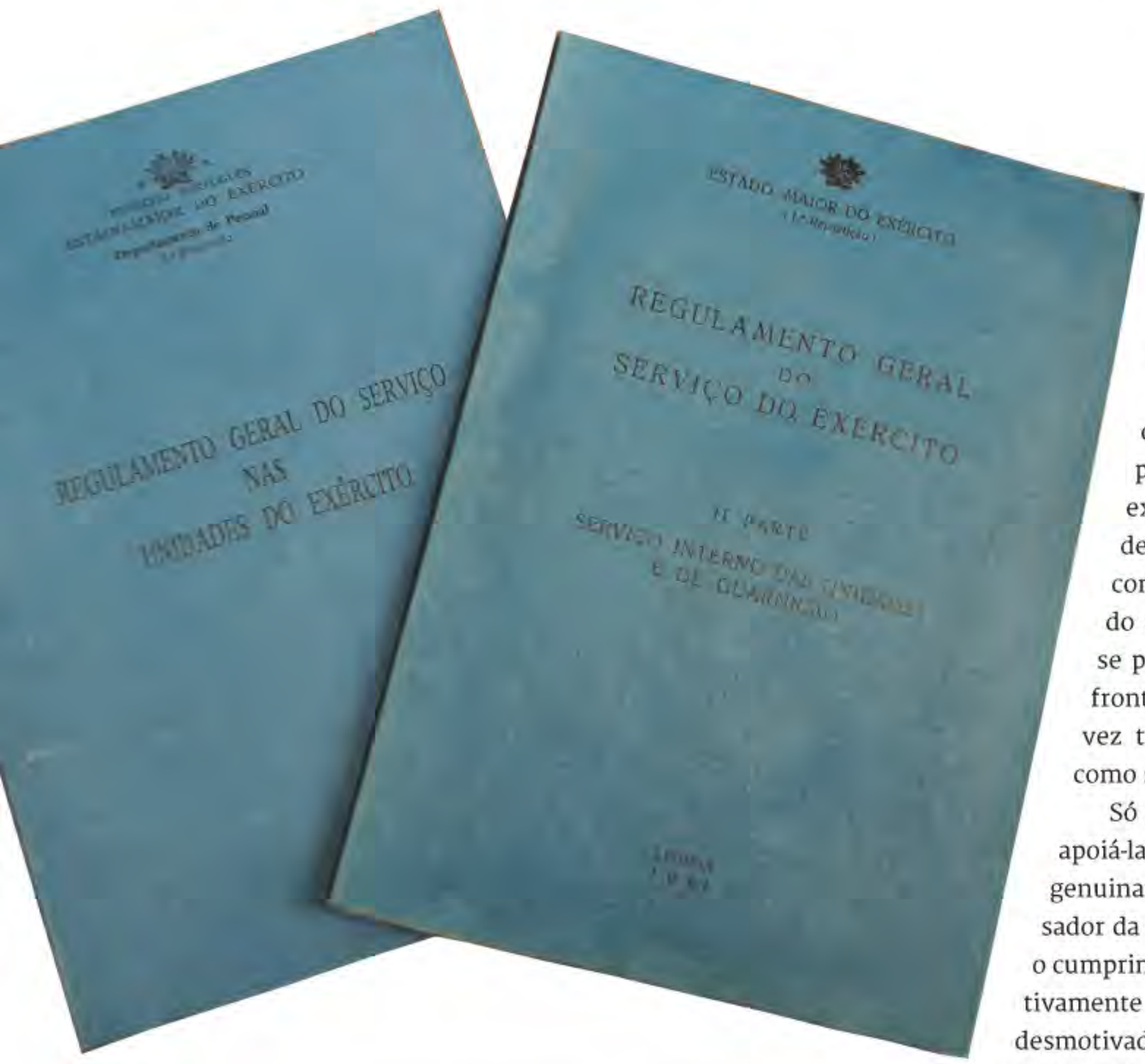
Assim, devemos sobretudo valorizar as reais vantagens para que seja o adjunto do comandante a assumir este ato que inicia diariamente o serviço interno.

A nossa perspetiva incide nos valores e responsabilidades subjacentes que tal ato, o de receber e presidir à parada da guarda, transmitem aos militares que se apresentam a serviço diariamente. Não é apenas uma mera formalidade de caráter ad-

FIGURAS E FACTOS

PROMOÇÕES A SARGENTO-MOR

Na sequência do cumprimento das di
sições legais que abriram novas perspectiv
carreira de Sargento, acabam de ser preenchi
às primeiras vagas criadas para o posto de S
gento-Mor. Foram promovidos a este novo pos
33 Sargentos-Chefes assim distribuídos pelas m
pectivas Armas e Serviços: 13 de Infantaria, 2 d
Artilharia, 4 de Cavalaria, 1 de Engenharia, 2 d
Transmissões, 3 do SAM, 2 do Serviço de Sa
(Méd.), 1 de Farmácia, 1 de Veterinária, 1 d
Smat, 2 do Serviço Geral e 1 Corneteiro p
Clarim.



ministrativo, deverá sim elevar-se como um momento de atribuição de responsabilidades, em que simultaneamente, o adjunto do comandante vê a sua ação de (...) *zelar pelo atavio, apresentação, conduta e disciplina dos sargentos e praças* (...) entre outras, concretizada, estando permanentemente associado a todas as atividades internas, em que o serviço diário assume uma importância fulcral no dia a dia do aquartelamento e é fator decisivo para o cumprimento das missões atribuídas.

– Acompanhar a vida interna da unidade (exceto nos aspetos de serviço diário e segurança) no sentido da manutenção, em alto grau, da eficiência e da disciplina;

Aparentemente uma tarefa fácil, é, porventura, a mais difícil de concretizar. De facto, importa ter presente que ao adjunto do comandante, nesta matéria, não são atribuídas tarefas explícitas de carater executório e que a sua inserção orgânica como entidade de *staff*, deixa muito espaço para a definição concreta da sua intervenção nos vários assuntos da Unidade, tornando-se de todo indispensável que o Comandante restabeleça internamente (dando disso conhecimento aos diferentes escalões), do "conceito de emprego" do Mor da Unidade, caso contrário, palavras à "porta fechada" cairão por terra, se o sentimento de pertença e o conhecimento da intenção do Comandante, não se alargar aos Oficiais, Sargentos e Praças da Unidade.

Neste âmbito, é absolutamente decisivo para a credibilização do papel do Mor na Unidade, a forma como expõe os seus pontos de vista sobre determinados assuntos. Deverá fazê-lo com sentido de equilíbrio, privilegiando a objetividade, a sensatez e a análise ponderada das matérias, sempre com frontalidade, para que, com lealdade, uma vez tomada a decisão a deva considerar como sua.

Só assim, poderá facilmente defendê-la, apoiá-la e principalmente justificá-la sendo, genuinamente, um agente motivador, catalisador da realização das tarefas essenciais para o cumprimento da missão, contrariando definitivamente a possibilidade deste cargo se tornar desmotivador e desinteressante e de se reduzir meramente a uma figura decorativa.

De facto, desde o RGSE de 1980 ao RGSUE de 2005 as atribuições de funções claras, ao adjunto do comandante, de caracter executivo com influência na vida de uma Unidade deram lugar quase a um vazio de conteúdo.

Assim a atribuição da função do adjunto do comandante é efetivamente ampla mas igualmente ambígua, características naturais das atribuições e deveres de uma estrutura organizacional piramidal, em que concentra um conjunto de deveres e atribuições no seu topo, mas que deixa, por vezes, aos órgãos de *staff* alguma indefinição nas suas relações com a estrutura da linha de comando, impondo, neste caso concreto, talvez uma margem demasiado excessiva, para a implementação de um conceito de emprego, que passa sobretudo pela personalidade de cada Comandante e pela forma como entende estruturar o seu comando.

Devemos realçar o facto, de a função de adjunto do comandante ter sido criada com o objetivo de capacitar o comandante de uma U/E/O com um elemento de assessoria especializada, por que *a priori*, o militar que atinja este posto, tem um conjunto de competências e experiência profissional que tornam muito eficaz e valiosa este tipo de assessoria.

22.

Gostaríamos, igualmente de deixar um contributo sobre um conjunto de tarefas que poderão ser cometidas ao adjunto do Comandante, para além do que se encontra regulamentado, sendo nossa firme convicção que as mesmas adicionam valor ao funcionamento de uma U/E/O, particularmente porque serão assumidas por alguém próximo do Comandante com saberes e experiência profissional que o capacitam para a sua concretização plena.

Tal são o caso:

– Colaborar na preservação da identidade e memória da unidade, dinamizando as áreas museológicas, culturais e do arquivo que integra o acervo documental com valor histórico;

– Orientar e facilitar a adaptação dos sargentos que se apresentam na unidade, dando-lhe conhecimento sobre a história, tradições e funcionamento da mesma;

– Colaborar com o plano da moral e bem-estar anual da U/E/O, estabelecendo-se como elemento central e dinamizador em articulação com o Chefe da Secção de Pessoal nas ações de desenvolvimento da moral e bem-estar, procurando reforçar a disciplina, coesão e espírito de corpo dos militares da unidade;

– Contribuir para uma gestão adequada das categorias de Sargentos e Praças da Unidade, propondo, com oportunidade, a melhoria das qualificações e as rotações internas que se evidenciarem indispensáveis, para o adequado exercício dos cargos respetivos e para o normal desenvolvimento das carreiras;

– Apoiar o comando da Unidade na coordenação e no desenvolvimento do sistema de gestão ambiental da Unidade;

– Participar nas reuniões relativas a escalas de serviço diário de sargentos;

– Auxiliar na elaboração de normas técnicas e operacionais da unidade;

– Participar na imposição de condecorações e entrega de diplomas e certificados relativos à categoria de sargentos e de praças;

– Informar, com oportunidade, o Comandante da unidade sobre as eventuais implicações da aplicação dos regulamentos internos e leis em vigor ou de outra qualquer atividade relacionada com o funcionamento da unidade que podem afetar os sargentos e praças da unidade;

– Apresentar propostas relacionadas com a segurança e melhoria das condições de trabalho e com questões de caráter particular que possam ter repercussão profissional, em especial relativas a conciliação da vida profissional, pessoal e familiar;

– Colaborar na elaboração e atualização de NEP da unidade;

– Acompanhar o Comandante quando determinado, em visitas de inspeção, atos institucionais e protocolares, ocupando um lugar de destaque em formaturas e outros eventos em que represente a categoria de sargentos.

Ao nível das Unidades de Formação (Escolas) acresce ainda:

– Participar nos conselhos escolares;

– Intervir na reorganização curricular e na elaboração dos referenciais dos cursos;

– Constituir-se como formador de módulos de liderança em contexto organizacional, no âmbito da justiça e disciplina e formação da sua área específica aos TPO/CFS/CFGCPE;

Esta é pois uma reflexão num tempo de mudança, o qual no caso concreto das Forças Armadas, mantém como alicerces fundamentais e vetores permanentes para o seu eficaz funcionamento, determinados valores que são perenes e intemporais, cuja consolidação será facilitada com o desempenho e a experiência que o adjunto do comandante acrescenta, tornando-se um elemento garante da estabilidade, valioso e respeitado, contribuindo decisivamente para o cumprimento das mais exigentes missões.

Dia do Exército

Comemorado em Vila Real

Texto : Ten RC Eder Sousa
Fotografias : CAVE

Tradicionalmente o Dia do Exército é comemorado a 24 de outubro, data em que se celebra a tomada de Lisboa, no ano de 1147, pelas tropas de D. Afonso Henriques, Patrono do Exército. Contudo, o Exército antecipou este ano a celebração do seu aniversário, em função do compromisso nacional assumido no quadro da aliança atlântica, para a realização em território nacional do exercício Trident Juncture 2015. Assim sendo, este ano as cerimónias comemorativas tiveram o seu apogeu na cidade de Vila Real, durante o período de 17 a 27 de setembro, tendo sido estendidas também a diversos municípios do Continente e Regiões Autónomas onde foram desenvolvidas diversas atividades associadas à efeméride. Com a realização destas atividades, pretendeu-se divulgar os meios e capacidades do Exército junto da população local, disponibilizando iniciativas de natureza militar, cultural e recreativa, de forma a dar a conhecer um Exército ao serviço de Portugal e dos portugueses.

Dos vários eventos do programa oficial das comemorações destaca-se a exposição que esteve patente no Teatro de Vila Real, de 17 a 27 de setembro, denominada "Vila Real na Grande Guerra, a heroica resistência", a exposição de materiais/equipamentos e demonstrações de capacidades e meios do Exército Português, a que todos os cidadãos tiveram acesso na Alameda de Grasse e Centro Comercial Dolce Vita Douro entre os dias 18 e 20, e ainda os concertos da Orquestra Ligeira do Exército e da Banda do Exército que tiveram lugar nas noites de 18 e 19, no Largo do Município e Teatro de Vila Real respetivamente.

As comemorações culminaram com a cerimónia militar, presidida pelo Ministro da Defesa Nacional, Dr. Aguiar-Branco. Para além da presença do Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Hernandez Jerónimo, é de relevar a presença do Presidente da Câmara Municipal de Vila Real, do Presidente da Assembleia Municipal de Vila Real, da Secretária de Estado Adjunta e da Defesa Nacional, do Presidente da União de Freguesias de Vila Real, dos Deputados da Assembleia da República, bem como dos Generais, antigos Chefes do Estado-Maior do Exército.

O General CEME, na sua alocução, por sinal bastante aplaudida pela população Vila-Realense, reafirmou o orgulho do Comando do Exército pelo modo como os militares desempenham as missões que lhes são atribuídas, bem como pela dedicação e abnegação permanentemente demonstradas. A propósito do profissionalismo dos militares portugueses, o CEME referiu que "numa autobiografia publicada recentemente no Reino Unido, o Ge-

neral David Richards - comandante das forças da NATO no Afeganistão em 2006 e 2007- não poupa adjetivos nos elogios aos militares do Exército Português que operaram sob o seu comando direto naquela operação da NATO. São dele as seguintes palavras: «Durante o meu tempo à frente da ISAF estive dependente – por vezes de forma exagerada – das tropas portuguesas. Desenvolvi uma ligação emocional muito estreita, porque muitas vezes tive de os mandar para zonas e operações muito complicadas. Não tinha alternativa. Eram eles ou mais ninguém. Mas os portugueses saíram-se sempre de forma brilhante». E acrescenta: «Os portugueses foram verdadeiros heróis, uma tropa excelente, corajosa e destemida, um exemplo a nível estratégico». É muito gratificante para todo o Exército, e deveria sê-lo para todo o país, ver desta forma reconhecido o desempenho dos seus militares em operações".

Ainda sobre o mesmo assunto, o General CEME acrescentou ainda: "Os nossos militares estão nos Teatros de Operações mais exigentes, sem qualquer tipo de restrições de emprego operacional sendo o Exército Português, reconhecidamente, parceiro dos Exércitos tidos como referência. A qualidade do desempenho dos militares do Exército nas missões internacionais que são chamados a cumprir demonstra a qualidade da nossa formação e do nosso treino. O nosso empenho, e desempenho, no cumprimento de missões de apoio ao desenvolvimento e bem-estar das populações é publicamente enaltecido pelos autarcas e é muito gratificante para os nossos militares sentirem, de forma direta no terreno, o reconhecimento das populações destinatárias do nosso apoio".

Atento às dificuldades que os militares, enquanto cidadãos, têm sentido em virtude da crise económica, o General Hernandez Jerónimo foi perentório: "Este empenho, e desempenho, requer e exige militares motivados, disponíveis e imbuídos do espírito de bem-servir. Também por isto é imprescindível garantir ao Exército, neste caso às pessoas que nele servem, um grau de estabilidade que permita salvaguardar a eficácia na atuação e assegurar a tranquilidade do efetivo e da família militar. Ninguém se concentra completamente nas suas tarefas quando são continuadamente reavaliadas as suas condições estatutárias, postas em causa as suas condições socioeconómicas ou quando são lançadas dúvidas sobre a evolução de áreas tão importantes como as da saúde e do apoio social complementar".

Prestando homenagem à memória de todos os militares que ao longo da História tombaram por Portugal e a todos os deficientes das Forças Armadas, o General CEME exaltou todos os militares do Exército a sentirem orgulho do serviço que prestam à Nação e ao Povo Português. Ressalvou

ainda que, apesar das dificuldades que continuam a afetar-nos, a subordinação dos nossos interesses individuais aos interesses da coletividade não deve ser entendida como demonstração de fraqueza, mas sim como expressão da nobreza dos nossos valores e da fidelidade ao juramento que prestámos perante o Estandarte Nacional e do nosso compromisso para com a Nação.

Quanto ao Ministro da Defesa Nacional (MDN), Dr. Aguiar-Branco, afirmou durante a sua intervenção que "o nosso Exército soube estar à altura das expectativas que os portugueses têm do papel das suas Forças Armadas", apesar dos constrangimentos financeiros que o país atravessou nos últimos anos. Para o MDN, "a serenidade e a motivação apresentadas em permanência, o rigor na formação e no treino, são o garante que o nosso Exército segue no caminho que permite a prontidão operacional sustentável que se exige a um exército moderno e adaptado ao paradigma dos nossos dias".

A respeito das reformas nas Forças Armadas, agora em fase final de execução, o Dr. Aguiar-Branco referiu que é tempo para se unir esforços, continuando assim "a sua concretização ao nível das estruturas militares".

"Tenho plena consciência de que só com o empenho de todos os que, abnegadamente e com coragem servem o Exército, será possível continuar a prepará-lo para o futuro", concluiu o MDN, relembrando a coragem demonstrada pelos militares da cidade de Vila Real, que há cerca de cem anos partiram para a Flandres, sob o lema "nem um passo à retaguarda".

A concretização e o êxito das comemorações do Dia do Exército muito se deveu à pronta disponibilidade e inestimável apoio por parte do município de Vila Real e às demais entidades locais e regionais, bem como ao elevado empenho, direto e indireto, dos militares e civis participantes.

Jornadas Académicas

Ainda no âmbito das comemorações do Dia do Exército, demonstrando a preocupação da instituição com o futuro do país que, por certo, se repercutirá através da formação das futuras gerações, a Academia Militar (AM), em parceria com a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), organizaram umas Jornadas Académicas.

Para a efetivação destas atividades, no dia 18 de setembro, a Academia Militar ministrou um estágio de liderança a 24 alunos e dois docentes UTAD. Em sala teve lugar uma palestra, subordinada ao tema "Os Ciclos do Gestor e do Líder numa Organização", ministrada pelo Tenente-Coronel de Infantaria (RES) Dias Rouco (AM), sobre as melhores práticas dos líderes para influenciarem os membros de uma organização a alcançar os objetivos.

Numa segunda fase, os formandos puderam observar e experienciar o papel do líder através da realização de uma dinâmica de grupo: "Construir Equipas Perfeitas".

No dia 19, teve lugar o seminário subordinado ao tema "Liderança e o Líder, duas perspetivas: Contexto Militar vs Contexto Civil", no Auditório do Teatro Municipal de Vila Real. Na sessão de abertura esteve presente o General CEME, o Presidente da Câmara Municipal de Vila Real, Engenheiro Rui Santos, o Comandante da Academia Militar, Tenente-General Rodrigues da Costa, o Vice-Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Professor Doutor Artur Cristóvão, o Segundo Comandante da Academia Militar, Major-General João Jorge Botelho Vieira Borges e o Pró-Reitor da UTAD, Professor Doutor Amadeu Borges.

O evento culminou com a entrega de certificados aos alunos que frequentaram o estágio de liderança. Seguiu-se a entrega de lembranças às Instituições e oradores que participaram no evento.

As Jornadas Académicas foram alvo de encómios por parte da comunidade universitária e civil, do qual resultaram várias sinergias na área da liderança e da comunicação no âmbito do protocolo entre a Academia Militar e a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Exercício Leão 2015

A Academia Militar em Chaves

Texto : Maj Inf Pedro Pires Ferreira

"People sleep peaceably in their beds at night only because rough men stand ready to do violence on their behalf."

George Orwell

A veracidade da citação de *George Orwell* pode até ser controversa, e a precisão daquilo que disse (ou terá dito), em rigor, desprovida de real factualidade que o comprove pela escrita do próprio autor, editada pelo seu punho, marca e estilo. Todavia, é o simbolismo que tal citação encerra que importa realçar e enaltecer através do merecido e inicial destaque sobranceiro, já que, durante doze dias a fio, entre 29 de junho e 10 de julho, pelas serranias da região de Chaves ou pela urbe da região da Grande Lisboa, os alunos da Academia Militar (AM), futuros Oficiais do Exército e da Guarda Nacional Republicana (GNR), voltaram a responder *"presente"*.

Os Exercícios Finais – Exercício LEÃO 2015

Como tudo o que prova e vinga pela prática, por norma, dura e perdura, quis um dia a lógica do destino, primordial e já centenária, arranjar fórmula acertada e válida de testar tão jovens mas bravos aprendizes da arte militar, fórmula essa consensual e conhecida atualmen-

te por *"Exercícios Finais – Exercício LEÃO."*

É pois decorrente dessa plena convicção, volvidos 225 anos da fundação da "Academia Real de Fortificação, Artilharia e Desenho", primeira das antecessoras da AM - obviamente que escrutinados e sujeitos à natural evolução dos processos, e dos tempos -, que tais exercícios continuem a ser uma ótima ferramenta e valioso instrumento de aprendizagem ao serviço da formação militar dos cadetes-alunos, nas diferentes áreas de Conhecimento e de Saber.

Sujeitos a um planeamento rigoroso e de intenso trabalho colaborativo, que envolveu, durante meses, alunos e docentes, militares e civis da AM e de outras Unidades, Estabelecimentos e Órgãos, pode dizer-se que os exercícios finais espelham o produto das duas grandes forças motrizes de formação aí existentes: por um lado, a componente de formação geral militar e de educação física do Corpo de Alunos, e, por outro, a componente técnica e tática específica conferida pelas Unidades Curriculares (UC) da Direção de Ensino.

À semelhança de uma balança cujos pratos se equilibram por força de pesos equivalentes, e em cuja base e alicerces decorrem da qualidade e exigência de toda a formação ministrada (e recebida) ao longo do ano letivo, assim foram, uma vez mais, organizados os exercícios finais, nessa sinergia ponderada entre aquilo que deve ser a formação militar primária de todos os alunos, e aqui-

lo que se pressupõe ser a utilidade e premência da experimentação da especificidade por parte dos alunos finalistas.

Temporalmente, visualize-se estes exercícios repartidos por duas metades:

A primeira, uma semana destinada a atividades de grande intensidade física, técnica, psicológica, e também avaliativa, de que são melhor exemplo os percursos topográficos, as sessões de tiro real (diurno e noturno), e as provas de cariz eminentemente físico (tanto em meio terrestre como em meio aquático). Isto, claro, sem esquecer a formação recebida no âmbito da técnica individual de combate, da técnica de combate de pelotão, das patrulhas, das operações de apoio à paz, da defesa NBQR, dos sapadores/explosivos ou da técnica policial.

A segunda, uma semana destinada à integração das mais variadas UC académicas, materializadas por intermédio de um exercício tático, capaz de simular o planeamento e execução de uma operação militar.

Para que melhor se perceba, esta última, que aposta sempre na utilização e contacto direto com os sistemas de armas disponíveis, e, acima de tudo, com os homens e mulheres que os operam, principal vetor da arte do Comando e da Liderança, teve como ponto de génese um exercício académico. Assim, para a construção do Tema Tático, que versou sobre uma Operação de Estabilização, bem como da composição do cenário a ele associado, muito contribuíram a realização (pela primeira vez) de um Seminário e de um Exercício de Postos de Comando, ambos os eventos realizados ainda na AM, nos dias que precederam a partida para a região de Chaves. Acredita-se que esta metodologia permitiu aos cadetes-alunos aperceberem-se das dificuldades inerentes à execução de uma operação de considerável complexidade, entendendo e praticando as fases de planeamento e, depois,

subjugando o plano à adversidade dos imponderáveis que, invariavelmente, haverão de surgir numa situação real.

O Exército e a GNR no apoio aos Exercícios Finais

Atendendo às características e contexto da AM, a realização de um exercício desta dimensão e natureza prossuporá sempre, em primeira instância, um claro e inegável apoio por parte do Exército e da GNR.

E se este ano, contrariando o que habitualmente acontece, em larga maioria por questões de ordem de calendarização operacional, os Exercícios Finais desviaram o seu centro de gravidade (quase 400km) do seu local de destino mais conhecido, o Campo Militar de Santa Margarida, sede da Brigada Mecanizada, nem por isso os grandes Objetivos de Formação deixaram de ser alcançados.

Refira-se que o Exercício LEÃO 2015, que mobilizou aproximadamente 500 militares e 110 viaturas, só foi possível de se cumprir porque ambas as estruturas de comando superior, tanto do Exército como da GNR, têm a plena consciência da importância que tal atividade continue a figurar no calendário escolar anual da AM. É que só dessa forma, vinque-se, como um círculo sistémico que se deve fechar sobre si mesmo, faz sentido, e coerência, a formação dos jovens cadetes, a quem não basta somente o conhecimento extraído dos livros no conforto dos bancos escolares.

Para se ter ideia e noção do enorme esforço e vontade empregues, é de focar que, genericamente, a AM foi apoiada por 17 Unidades do Exército, por 10 Unidades da GNR (em ambos os casos da componente operacional), bem como pela Escola Naval da Marinha Portuguesa, tendo todos esses apoios sido traduzidos em pessoal (formadores, condutores ou especialistas) e em material e equi-

pamentos diversos (viaturas, armamento, tendas, geradores,...). Do que anteriormente foi referido, é de salientar o extraordinário e fulcral apoio do Regimento de Infantaria Nº19 (em Chaves – que faz parte da Brigada de Intervenção) e do Quartel da Pontinha da GNR (em Lisboa – para onde se dirigiram os alunos dos 3º e 4º ano da GNR já na segunda fase do exercício), pois todas as atividades do exercício tático tiveram um desses locais como epicentro.

Foi precisamente nesse esforço e vontade, que a Direção de Serviços Gerais e Administração da AM se constituiu como uma verdadeira entidade mobilizadora e de projeção de Forças, e a quem coube a delicada, mas, ao mesmo tempo, desafiante e extraordinária tarefa, de integrar e coordenar todo o apoio logístico das mais ínfimas particularidades do exercício.

Os Exercícios Finais junto da população

Nem sempre a AM tem a oportunidade de sair da sua zona de conforto, não apenas os cadetes-alunos, mas, também, toda a estrutura que a suporta.

Claro que poder-se-á dizer que a realização de exercícios desta envergadura (por parte da AM), e neste âmbito, fora dos limites de uma Grande Unidade militar, está ferida de falta de originalidade. Em 1951, os Exercícios Finais tiveram lugar na Serra da Estrela (tendo até sido visitados pelo então Ministro do Exército – Brigadeiro Adolfo do Amaral Abranches Pinto), e, mais recentemente, em 2005, o Destacamento da Academia Militar em Exercício rumou até à região de Vila Real. Desta feita, possibilitar que a atividade de formação dos cadetes-alunos transcenda a vedação das áreas militares é, sem sombra de dúvida, uma mais-valia considerável. Desde logo, porque transmite aos alunos a correta ideia do que poderá acontecer em operações (com todos os prós e contras que isso representa), e por outro, igualmente importante, porque aumenta o sentimento de pertença e de identificação da população, ainda que local/regional, com ambas as instituições (Exército e GNR). Em Chaves, o exercício tático realizado pelos alunos conferiu à cidade um movimento fora do comum, visibilidade que teve como ponto alto a simulação de uma ação de demonstração de força na artéria principal da cidade (coincidindo com as comemorações do Dia do Município e da Cidade). Por outro lado, em simultâneo, na região de Lisboa, o exercício tático realizado pelos

alunos da GNR simulou ações de natureza policial em Vila Franca de Xira, Arruda dos Vinhos e Tojal.

Há pois que afirmar, convictamente, que a opção tomada, ainda que de execução complexa, acabou por revelar-se um tremendo sucesso do ponto de vista da Comunicação Externa (ver reportagem do Canal Regional Sinal TV em: http://www.sinal.tv/videos/chaves-recebeu-exercicio-leao2015-da--academia-militar1436482800). A abertura e apoio institucional conferidos pelo Município de Chaves, e outras entidades locais, foi total e inexcedível. A população foi surpreendida pela quantidade de meios envolvidos, e o seu acolhimento positivo ficou comprovado pela adesão ao "desfile" (maioritariamente motorizado) do dia 8 de julho.

Os Exercícios Finais 2016

Daqui a um ano, a AM voltará à região de Santa Margarida. Não porque o modelo aplicado em 2015 tenha fracassado, longe disso, mas porque, entende-se, uma atividade de tão grande importância e envergadura deve contribuir para a estabilidade das instituições e não o contrário. Entretanto, se conjunturalmente as condições o permitirem, tomar como referência ciclos de 4/5 anos para uma saída por diferentes regiões do país seja uma boa opção.

Ora pelo menos duas coisas são certas:

A primeira, que os ensinamentos recolhidos dos "exercícios de Chaves" serão importantes para, com um espirito inovador e de incontornável vontade, fazer ainda mais e melhor. Exemplo disso será, sem dúvida, a ainda maior promoção e incentivo do intercâmbio de alunos de estabelecimentos de ensino superior congéneres neste tipo de atividades (este ano o Exercício LEÃO contou com a presença de 4 cadetes-alunos do Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna, e com um Oficial e quatro cadetes-alunos da Academia General Militar do Reino de Espanha).

A segunda, que o regresso ao Campo Militar de Santa Margarida não quererá dizer, necessariamente, um novo (e total) recolhimento aos limites da serventia militar. As vantagens de alargar o cenário para junto da população civil superam em muito as desvantagens. A Academia Militar é dos portugueses e os seus alunos sentem-se bem e à vontade junto a eles.

Estes e outros temas foram já objeto de análise no passado dia 24 de julho, durante o *Post Exercise Discussion* (*PXD*). É que o tempo avança, não para, e, em breve, muito em breve, no início do próximo ano letivo, aí estará um novo ciclo tendo em vista à preparação dos Exercícios Finais – LEÃO 2016.

Desfile Militar

70º Aniversário do desfile da Força Expedicionária Brasileira em Portugal

Texto : Ten RC Eder Sousa

No passado dia 3 de setembro, fez 70 anos desde que a Força Expedicionária Brasileira (FEB) efetuou um desfile militar em Portugal, por ocasião da conclusão da II Guerra Mundial (2 de setembro de 1945) e da condecoração da Bandeira Brasileira com a mais alta distinção militar portuguesa, pelos seus feitos em campanha. Nesse âmbito, decorreram ao longo de 2015 vários eventos comemorativos. O Jornal do Exército acompanhou os eventos e aproveitou para reviver a efeméride, que permitiu o estreitamento dos laços de solidariedade e camaradagem entre os exércitos português e brasileiro.

No dia 2 de setembro de 1945, o navio Duque de Caxias, que trazia a bordo um Batalhão da Força Expedicionária Brasileira (FEB – que tinha participado ativamente na II Guerra Mundial), fundeou às 10 horas na Baia de Cascais, onde permaneceu ao largo até às 20 horas, rumando depois para

Lisboa, tendo chegado à capital às 22 horas do mesmo dia. A 3 de setembro iniciou-se o desembarque, às 6h30, dos 1300 homens da FEB, entre os quais se encontrava o General Travassos e uma centena de oficiais. Depois o Batalhão Brasileiro deslocou-se com destino à Praça Marquês do Pombal, onde chegou às 9h45. Às 10 horas apareceu no local o Presidente da República António Óscar de Fragoso Carmona. Após a banda executar os hinos Português e Brasileiro, o Presidente português condecorou a Bandeira Brasileira, com as insignias da Medalha de Ouro de Valor Militar. Às 10h30 iniciou-se o desfile apeado e motorizado conjunto entre forças brasileiras e portuguesas, relevando-se que o percurso foi feito pela Avenida da Liberdade sob aplausos e flores atiradas pela população, até ao Terreiro do Paço[1], tendo ficado para a história como um dos momentos mais marcantes no que diz respeito ao estreitamento dos laços entre os exércitos português e brasileiro.

Aqui transcrevemos a Ordem do Exército Nº 7, publicada na altura, cujo Decreto-lei n.º 34.881 refere o momento:

"Querendo significar à nação brasileira e ao seu exército o público testemunho de alto apreço do Governo e do povo português pelos atos de excecional bravura praticados pelas forças do Corpo Expedicionário Brasileiro no teatro de guerra de Itália, em que as armas do Brasil se cobriram de glória;

E sendo particularmente grato ao Exército Português poder verificar que na bandeira do Exército Brasileiro se ostenta o mesmo galardão comemorativo de brilhantes feitos de armas em campanha com que são recompensadas as suas próprias glórias;

Usando da faculdade conferida pela 2.ª parte do n.º 2.º do artigo 109.º da Constituição, o Governo decreta e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º è concedida à bandeira do batalhão de infantaria do depósito de pessoal das tropas expedicionárias brasileiras na Europa, presentemente de passagem na capital portuguesa, a medalha de ouro de valor militar.

Art. 2.º aos militares pertencentes ao batalhão, no momento da condecoração solene da sua bandeira com a distinção referida no artigo anterior, é conferido o direito de usar o distintivo especial representativo da medalha de valor militar, conforme o modelo regulamentar em vigor.

Publique-se e cumpra-se como nele se contém.

Paços do Governo da República, 4 de setembro de 1945. – António Óscar de Fragoso Carmona[2] – António de Oliveira Salazar[3] – Júlio Carlos Alves Dias Botelho Moniz[4] – Manuel Gonçalves Cavaleiro de Ferreira[5] – João Pinto da Costa Leite[6] – Fernando dos Santos Costa[7] – Américo Deus Rodrigues Tomaz[8] – Augusto Cancela de Abreu[9] – José Caeiro da Mata[10] – Clotário Luiz Supico Ribeiro Pinto[11]."

---

[1] Vídeo disponível no Arquivo Nacional das Imagens em Movimento (ANIM) – Filme Atualidades Cinematográficas, Jornal Português Nº 54, 1945, 10´

[2] Presidente da República

[3] Chefe do Governo – Presidente do Conselho de Ministros

[4] Ministro do Interior

[5] Ministro da Justiça

[6] Ministro das Finanças

[7] Ministro da Guerra

[8] Ministro da Marinha

[9] Ministro das Obras Pública e Comunicações

[10] Ministro da Educação Nacional

[11] Ministro da Economia

É de referir que a condecoração coletiva concedida pelo Chefe do Estado, conforme consta do Decreto, dava direito a todos os elementos do Batalhão – Oficiais, Sargentos e Praças – a ostentar a *fourragère* respetiva. A medalha militar, nas suas diferentes modalidades, destina-se a galardoar serviços notáveis prestados à instituição militar e à Nação e, bem assim, a distinguir altas virtudes reveladas no serviço por militares das Forças Armadas e pode também ser concedida a militares estrangeiros e a civis nacionais ou estrangeiros. A medalha de valor militar é destinada a galardoar atos heroicos de extraordinária abnegação e valentia ou de grande coragem moral e excecional capacidade de decisão, quer em campanha, quer em tempo de paz, mas sempre em circunstâncias em que haja comprovado ou presumível perigo de vida. No caso da FEB, a Medalha de Valor Militar grau ouro foi concedida pela prática de um feito de armas muito brilhante e extraordinário e com grande valor e raro exemplo de abnegação, heroísmo e coragem, sustentado contra o inimigo, numa ação de que resultou excecional honra e glória para a Pátria.

Visita do CEME Brasileiro e cerimónias de evocação

Como não poderia deixar de ser, o Exército Português levou a cabo uma cerimónia de evocação dos acontecimentos atrás descritos. Decorreu no dia 12 de agosto, no Estado-Maior do Exército (EME), momento que contou com a presença do Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME) Brasileiro, General Sergio Westphalen Etchegoyen, acompanhado por uma comitiva brasileira. A receção teve lugar logo pela manhã, no Pátio dos Canhões do EME, com as palavras de boas vindas do Vice-CEME, Tenente-General Pereira Agostinho. Seguiu-se um brífingue no auditório do EME e o encontro com o CEME português, General Hernandez Jerónimo, que acompanhou a comitiva à Messe de Santa Clara, para o almoço. No regresso ao EME decorreu a cerimónia de evocação no Museu Militar, mais concretamente na Sala da II Guerra Mundial. Do programa constou uma intervenção por parte do Tenente-Coronel Pedro Marquês de Sousa, denominada "Pelo Atlântico – Brasil e Portugal na II Guerra Mundial", a visualização de um filme da época (que mostrava o desfile da FEB em Lisboa, no dia 3 de setembro de 1945), um momento cultural com a atuação de uma fadista e, por fim, o lançamento de um medalhão comemorativo alusivo à efeméride. No fim, houve tempo para uma visita ao Museu Militar.

Ainda no âmbito das celebrações dos setenta anos da passagem de um contingente da FEB por Portugal, realizou-se no Comando de Pessoal, em 17 de setembro, uma cerimónia presidida pelo CEME, General Hernandez Jerónimo, e que

contou com a presença do Chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas Brasileiras, General-de-Exército José Carlos De Nardi. Estiveram presentes diversas entidades militares dos dois países, bem como o principal impulsionador das celebrações, Dr. Artur Vitória, representante da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra na Europa.

No evento, foi relembrada a passagem e a condecoração do Contingente da Força Expedicionária Brasileira, bem como as atividades que foram desenvolvidas durante o ano para assinalar a efeméride. A cerimónia terminou com a audição de um fado composto na época e inspirado nesse momento histórico, seguido de um Porto de Honra.

Nesta oportunidade o Tenente-General Antunes Calçada, Ajudante-General do Exército, proferiu umas palavras sobre a Medalha de Valor Militar. O Dr. Artur Vitória procedeu ainda à entrega dos Medalhões comemorativos desta efeméride ao Chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas Brasileiras e ao Ajudante-General do Exército Português.

Para além destes dois eventos centrais atrás descritos, destacam-se ainda as seguintes comemorações realizadas ao longo de 2015:

- A 25 de fevereiro, apresentação de um livro com coletânea de fotos, recortes de jornais e textos, com editorial elaborado por Artur Vitória, apresentação pelo Embaixador Mário Vilalva e introdução pelo então Adido do Exército e Aeronáutica Coronel Cláudio Casali;

- No dia 12 de março, uma exposição multimédia na Liga dos Combatentes, em Lisboa, sobre essa passagem histórica, na qual se recorreu a fotos, documentário, discos, medalhas e jornais. Realizou-se ainda uma palestra sobre o tema "A Batalha de Monte Castello", pelo 2º Comandante da Academia Militar Major-General Vieira Borges;

- No dia 23 de março, dia de celebração do aniversário do Museu Militar do Porto, foi integrada como parte do programa a Comemoração dos 70 anos da passagem da FEB por Portugal, na qual foi repetida a mesma conferência pelo 2º Comandante da Academia Militar Major-General Vieira Borges;

- No dia 22 de maio, na Casa Barbot/Casa da Cultura em Vila Nova de Gaia, decorreu uma exposição fotográfica temática sobre o quotidiano da FEB nos acampamentos em Itália. Esta foi uma iniciativa da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra e do Município de Vila Nova de Gaia, cuja organização coube ao município com

a colaboração do Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner;

- No dia 1 de setembro, no Museu Militar do Porto foi inaugurada a exposição fotográfica do desfile conjunto das Tropas e uma montra de objetos alusivos à passagem da FEB por Lisboa, com reproduções das páginas de jornal que em setembro de 1945 noticiaram o acontecimento nacional.

A Força Expedicionária Brasileira

A FEB foi a força militar brasileira, constituída por mais de 25 mil homens, que participou ao lado dos Aliados na península itálica durante a II Guerra Mundial. No início da Guerra o Brasil manteve-se neutro, de acordo com a política do presidente Getúlio Vargas, contudo, em 1942, o país cedeu a ilha de Fernando de Noronha e a costa nordestina brasileira para as bases militares dos EUA, situação que deu origem a vários ataques perpetuados por submarinos ítalo-alemães a navios mercantes brasileiros. A opinião pública não levou muito tempo a se fazer sentir e, por essa razão, a entrada na guerra foi sobretudo uma exigência do povo brasileiro junto a um Governo que estava reticente e indeciso em tomar partido no grande conflito mundial. A FEB entrou em combate em meados de setembro de 1944 e até ao final da campanha, em 1945, aprisionou mais de 20.000 soldados inimigos, 80 canhões, 1500 viaturas e 4000 cavalos, mas para tal perdeu 454 homens do exército e cinco pilotos da força aérea. A divisão brasileira sofreu ainda cerca de duas mil mortes decorrentes dos ferimentos de combate, e mais de doze mil baixas em campanha por mutilação ou outras causas incapacitantes para a continuidade no campo de batalha[12].

Acidente de avião brasileiro em Lisboa

Em 1960, as cinzas dos brasileiros mortos na campanha da Itália foram trasladadas do cemitério de Pistoia para o Brasil, e hoje jazem no monumento aos mortos que foi erguido no Aterro do Flamengo, zona sul da cidade do Rio de Janeiro, em homenagem e lembrança aos sacrifícios dos mesmos. Todavia, esta operação sofreu um revés quando, em 11 de dezembro de 1960, chegaram a Lisboa três aviões da Força Aérea Brasileira, com 1385 urnas. Um desses aviões, com 485 urnas, embateu com demasiada força na pista, de tal forma que o trem de aterragem do lado direito cedeu e entrou pela asa do C-54, incendiando-a.

Nesse dia estava de serviço o então 1º Cabo Mecânico Eletricista da Força Aérea Portuguesa, Gilberto Barata, que ajudado por um companheiro, retirou do avião em chamas doze tripulantes e um passageiro (um soldado brasileiro, amputado das duas pernas, resultante do ataque a Monte Cassino). Seguiu-se depois o salvamento das urnas, algumas delas em chamas. O ato do 1º Cabo Gilberto Barata foi reconhecido como heroico, tendo recebido em Portugal a medalha de valor militar e no Brasil a maior condecoração da aviação militar.

Mais uma vez, numa mostra da forte relação entre os dois países, a Força Aérea Portuguesa antecipou-se e colocou à disposição uma aeronave que transportou as urnas até Cabo Verde, onde as aguardavam um avião brasileiro. Deste modo, foi possível não atrasar as cerimónias de homenagem aos mortos no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro. Os militares que não conseguiram sair ilesos do acidente permaneceram em Lisboa, no Hospital Militar da Estrela.

[12] Dados retirados de http://pt.wikipedia.org/

Angola

Curso de Instrutores de Tiro de Combate

Texto : TCor Inf Paulo Júlio Lopes Pipa de Amorim

No âmbito das atividades preconizadas no Programa Quadro de Cooperação Técnico Militar Luso-Angolana, para o triénio de 2015 a 2017, decorreu na Escola de Formação de Forças Especiais (EFFE), em Cabo Lêdo (República de Angola), o 1º Curso de Instrutores de Tiro de Combate (CITComb), realizado no seio das Forças Armadas Angolanas.

O curso iniciou-se em 14 de julho e terminou em 07 de agosto, com uma duração de 19 dias úteis, perfazendo um total de 105 horas diurnas e 12 noturnas. A equipa de formação foi constituída por dois assessores portugueses (Assessoria Tem-

porária), provenientes do Regimento de Comandos, sendo apoiada por dois formadores angolanos, regressados recentemente de Portugal, onde frequentaram o 5º CITComb.

O CITComb visa a formação de formadores, num dos pilares de treino de qualquer força militar - o tiro de combate. Pretende-se que no final do mesmo, os formandos vejam incrementados os seus conhecimentos no âmbito do planeamento e execução de sessões de tiro de combate, tornando-se conhecedores das diferentes tipologias de treino de tiro, nomeadamente Sala Didática de Tiro, Tiro de Precisão, Tiro Reativo, Tiro Dinâmico e Tiro Operacional. Adicionalmente ao domínio destas várias tipologias, impõe-se que os formandos entendam e saibam aplicar todos os seus conhecimentos, no sentido de induzirem os adequados condicionamentos psicofísicos, que permitam uma adaptação do treino à realidade do combate, assim como equacionarem, simultaneamente, e em permanência, as necessidades de realismo com as medidas de segurança a observar, proporcionando um correto balanceamento entre as necessidades do treino, padrões de segurança e riscos a assumir.

Após a frequência do curso com aproveitamento, os formandos ficam aptos a planear programas de tiro de combate e a ministrar as sessões inerentes aos mesmos, em paridade com a sensibilidade necessária para a conjugação de diferentes fatores, mormente a missão atribuída à força, as suas possibilidades e cenário de emprego, assim como o nível de conhecimentos dos elementos a treinar, permitindo a máxima rentabilização de todos os recursos materiais e temporais disponíveis.

Face ao desempenho demonstrado pelos formandos, revelando um inusitado interesse pela temática, evidente formação ética e extraordinária aplicação, sendo a mesma traduzida pelo rápido desenvolvimento da proficiência dos mesmos ao longo da sua formação, o 1º CITComb realizado na República de Angola pode ser considerado um caso de sucesso, sendo igualmente de relevar o inexcedível apoio da Direção de Forças Especiais e da Brigada de Forças Especiais, o empenhamento das diferentes estruturas da entidade formadora (EFFE) e o excelente desempenho da equipa de formação, constituída por portugueses e angolanos, arrogando-se como fator agregador das relações bilaterais no domínio militar, fundamental na prossecução de interesses comuns.

História da Escola Prática de Engenharia (1880 a 2013)

A Escola Prática de Engenharia (EPE) foi extinta por Decreto-Lei em 1 de janeiro de 2015. Nas suas instalações passou a estar colocado o Regimento de Engenharia Nº1. Entendeu o seu Comandante, o Coronel Engenharia João Manuel Pires, organizar uma equipa de trabalho para que fosse elaborado um livro sobre os 133 anos da Escola Prática de Engenharia e necessariamente da Engenharia Militar Portuguesa. O produto final é um excelente livro muito bem organizado, por épocas, desde os primeiros estudos datados de 1866, que apontavam para implementar na área de Tancos, um campo de instrução e manobras onde, em 1880, viria a ser criada a EPE. O livro leva-nos através da história até aos dias de hoje, precisamente até à sua extinção em 2015. Profusamente ilustrado e com testemunhos de ilustres oficiais antigos comandantes, estamos na presença de um excelente contributo para a história do Exército Português.

Explicando A Guerra

Polemologia: O estudo dos conflitos, das crises e das guerras

Tal como a palavra Polemologia indica, originária do grego "polemikós" que designa a ciência que se dedica ao estudo dos conflitos, esta pequena obra de fácil leitura realiza uma abordagem à guerra numa perspetiva diferente à que estamos habituados. Com efeito, enquanto muitos pesquisadores da área militar analisam somente a história militar, os seus líderes, as campanhas, os sistemas de armas e respetivas táticas, o General Marcio Bergo aborda novos conceitos através da análise do fenómeno da beligerância.

As motivações da guerra e as razões da sua existência na sociedade humana são alguns dos aspetos analisados, realçando ainda o facto de os conflitos não serem uma ocorrência da responsabilidade exclusiva dos militares, mas que os "envolvidos na guerra são seres humanos integrantes de uma comunidade civil", tal como é referido no prefácio do livro.

Marcio Bergo, Explicando a Guerra – Polemologia: O estudo dos conflitos, das crises e das guerras, Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército, Rio de Janeiro, 2013

A Batalha de Ambuíla (ou Mbwila)

Congo, 29 de Outubro de 1665

A revista espanhola *La Aventura de La História*, no seu número 204, publicou um artigo da autoria do historiador Carlos A. Caranci sobre a batalha de Ambuíla, que opôs o rei NToni I do reino do Congo, contra forças do Exército Português, comandadas pelo capitão Luís Lopes de Sequeira. Esta batalha ditou o princípio do fim do reino do Congo que na altura se dividia por territórios que hoje fazem parte de Angola (norte), República do Congo (sul) e República Democrática do Congo (sudoeste). Um interessante estudo que pode despertar o interesse por este período da nossa história.

XLVI Campeonato Nacional Militar de Tiro Desportivo Fase IV – Forças Armadas 2015

O XLVI Campeonato Nacional Militar de Tiro Desportivo, fase IV - Forças Armadas, organizado pela PSP, decorreu de 21 a 25 de setembro, no complexo de tiro desportivo do Estádio Nacional - Jamor.

Participaram nesta competição as Equipas de Tiro Desportivo da Marinha, Exército, Força Aérea, GNR e PSP, nas modalidades de Tiro de Pistola e de Carabina.

Constituição da Equipa de Tiro do Exército:

- TCor Godinho Santos/CmdLog;
- SAj Carlos Santos/BrigInt;
- SAj Nelson Freitas/BrigRR;
- SAj Sérgio Fernandes/BrigInt;
- SAj Paulo Fernandes/CmdLog;
- SAj Jorge Silva/BrigMec;
- 1Sarg Nuno Viseu/CmdPess;
- 1Sarg Sónia Silva/BrigMec;
- 1Sarg Albino Lopes/BrigRR;
- 1Cb RC Nelma Alves/BrigInt;
- Sold RC Elisabete Marques/BrigInt;
- Sold RC Joana Alves/BrigInt;
- Sold RC Maria Ribeiro/BrigRR;
- Sold RC Joana Almeida/BrigRR;
- Sold RC Nuno Morgado/BrigInt;
- Sold RC Liliana França/BrigInt.

Os atletas do Exército obtiveram as seguintes classificações por equipas:

- 1.º Lugar do escalão masculino na prova de Pistola Percussão Central a 25 metros;
- 1.º Lugar do escalão masculino na prova de Pistola Velocidade Militar a 25 metros;
- 2.º Lugar do escalão feminino na prova de Carabina em Três Posições a 50 metros;
- 3.º Lugar do escalão feminino na prova de Pistola Velocidade Militar a 25 metros.

A Equipa de Tiro do Exército recebeu o Troféu de Equipa Melhor Classificada do escalão masculino da modalidade de Pistola.

A nível individual, merece destaque a prestação do SAj Sérgio Fernandes/BrigInt, por ser ter classificado em 2.º lugar na prova de Pistola Velocidade Militar e em 3.º lugar na prova de Pistola Percussão Central.

Despedida do Subdiretor e Chefe da Redação do Jornal do Exército

A singularidade da carreira militar impõe-nos mudança de funções, troca de unidade, estabelecimento ou órgão e, muitas vezes, alteração do local habitual de residência.

Esta característica, da carreira militar, permite-nos obter um conhecimento diferenciado, diversas capacidades e uma enorme aptidão para adaptação constante a novos desafios.

Os meus últimos três anos de serviço levaram-me a exercer funções de Subdiretor e de Chefe de Redação da revista "Jornal do Exército". Ser "jornalista", confesso que nunca me tinha passado pela cabeça, apesar do enorme interesse que tenho por tudo o que diga respeito a cultura e património histórico militar, em particular do Exército. Considero assim que o exercício destas funções foram, para mim, extremamente enriquecedoras, quer do ponto de vista do trabalho inerente à função, quer como também do relacionamento pessoal com toda a equipa, de praças, sargentos, oficias e pessoal civil, com que tive o privilégio de trabalhar. Um trabalho de equipa, para que todos os meses pudesse ser publicado o "nosso" *Jornal do Exército*, de forma a chegar não só aos leitores militares, mas também aos inúmeros leitores, quer individuais, quer institucionais, da sociedade civil, para onde é enviada a nossa revista.

O objetivo era só um: o mesmo que vem referido no Brasão de Armas do Órgão *Jornal do Exército*, "Informar Para Bem Servir".

Ao encerrar mais este capítulo da minha carreira como oficial do Exército, e de partida para novas funções, não posso deixar de testemunhar, nestas singelas linhas, os meus maiores agradecimentos a todo o pessoal do *Jornal do Exército*, com quem tive o privilégio de trabalhar e ainda a todos os colaboradores, quer militares, quer civis, que, ao longo deste três anos, tiveram a delicadeza de enviar vários e interessantíssimos artigos que enriqueceram os números da revista, publicados durante a minha chefia.

Parto com uma certeza, a do dever cumprido.

António Marcos de Andrade
Coronel de Cavalaria

Consulte a
Historia organica e politica do Exercito Portuguez
na
Biblioteca Digital do Exército

Biblioteca do Exército Dia do Exército

Associando-se ao Dia do Exército, a Biblioteca Digital do Exército (BDE) difunde, em texto integral, a *Historia Organica e Politica do Exercito Portuguez*, de Christovam Ayres M. Sepulveda (1857-1930).

http:/biblioteca.exercito.pt

Palácio Vilalva - Sede do *Jornal do Exército* Aguarela de Carlos Solano de Almeida

Regulamento do "Prémio *Jornal do Exército*"

O *Jornal do Exército* (JE) promove o concurso para o prémio em epígrafe, regido pelas seguintes disposições:

1. Finalidade

O concurso visa estimular a reflexão e a criatividade de militares e civis para tratarem assuntos com particular interesse para o Exército, nos múltiplos aspetos de que a Instituição Militar se reveste e que, de alguma forma, enriqueçam o seu património ou contribuam para a sua própria valorização profissional e pessoal.

2. Trabalhos

Ao concurso serão admitidos os trabalhos inéditos que:

2.1 Abordem temas de natureza científica, cultural, histórica ou artística ligados ao Exército ou às Forças Armadas;

2.2 Possuam nível literário que, no entender da Direção do JE, permita a sua publicação;

2.3 Não excedam 8 páginas de formato A4 datilografadas a 2 espaços, incluindo iconografia;

2.4 Sejam indicados, pelos seus autores, para concorrerem ao prémio JE, ou para tal selecionados pela Direção do JE.

3. Publicação

Os trabalhos, que satisfaçam às condições dos números anteriores, serão publicados quando tal seja possível, considerando as conveniências decorrentes do estatuto editorial do JE.

4. Prémio

O "Prémio *Jornal do Exército*" para 2015 é atribuído pelo Banco Santander Totta, conforme protocolo, sob a forma de cartão-presente e compreende três graus: 1.º, 2.º e 3.º classificados.

A sua entrega aos contemplados deverá ser efetuada, em princípio, no dia 11 de janeiro de 2016, dia festivo do JE.

5. Júri

Para apreciação e classificação dos trabalhos admitidos a concurso, será nomeado, por despacho do CEME, um júri que:

5.1 Será composto por:

Um oficial a designar pelo Estado-Maior do Exército;

Um oficial do Exército a designar pela Academia Militar;

Um oficial a designar pela Direção de História e Cultura Militar.

5.2 Será secretariado por um oficial do JE;

5.3 Poderá decidir não atribuir qualquer grau do prémio, se entender que a qualidade dos trabalhos assim o exige.

Nota de redação:

Para o ano de 2015, o prémio a que se refere o n.º 4 foi fixado em:

1.º Classificado ..... Cartão Presente no valor de €500,00;
2.º Classificado ..... Cartão Presente no valor de €300,00 ;
3.º Classificado ..... Cartão Presente no valor de €200,00.

Comissão Portuguesa de História Militar

XXIV Colóquio de História Militar

Nos 600 Anos da Conquista de Ceuta

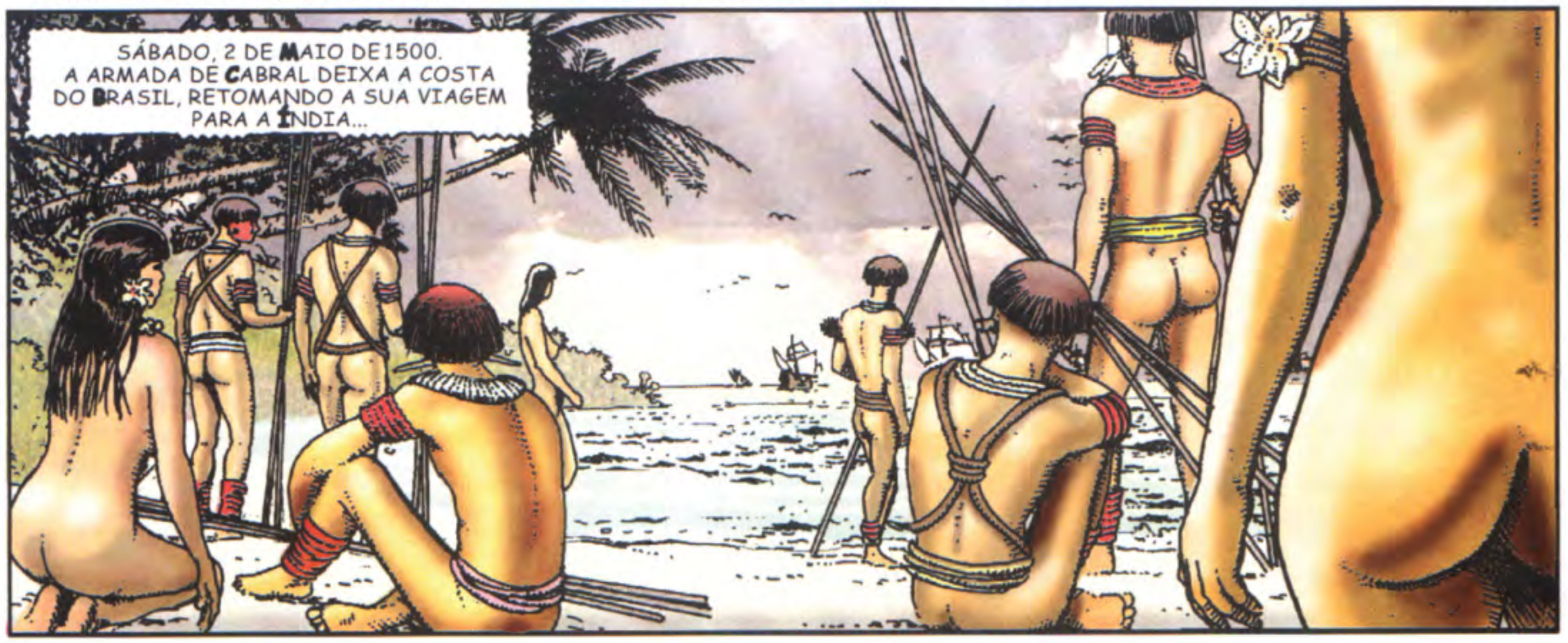
Portugal e a criação do primeiro sistema mundial

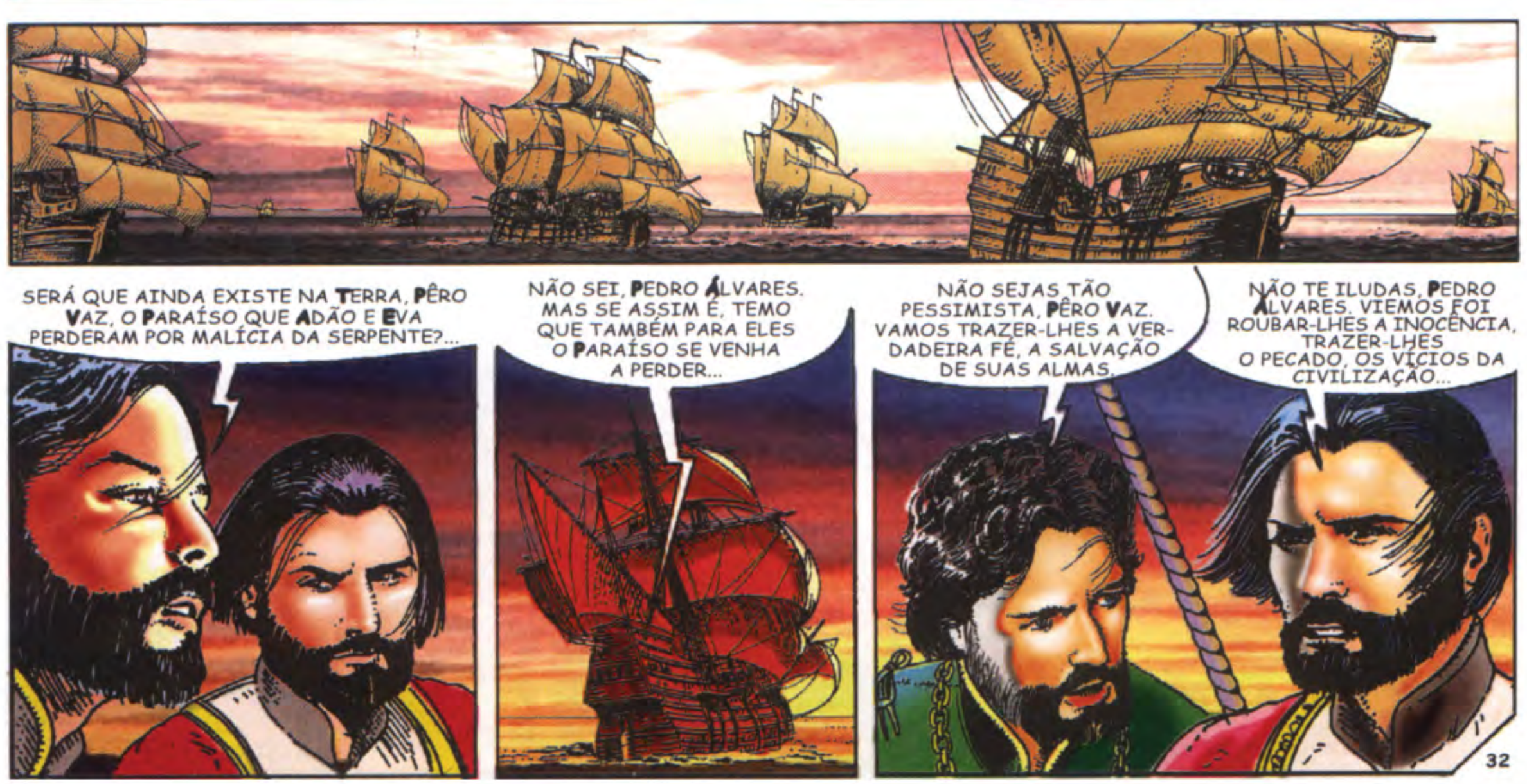
17 - 20 de Novembro de 2015

Palácio da Independência

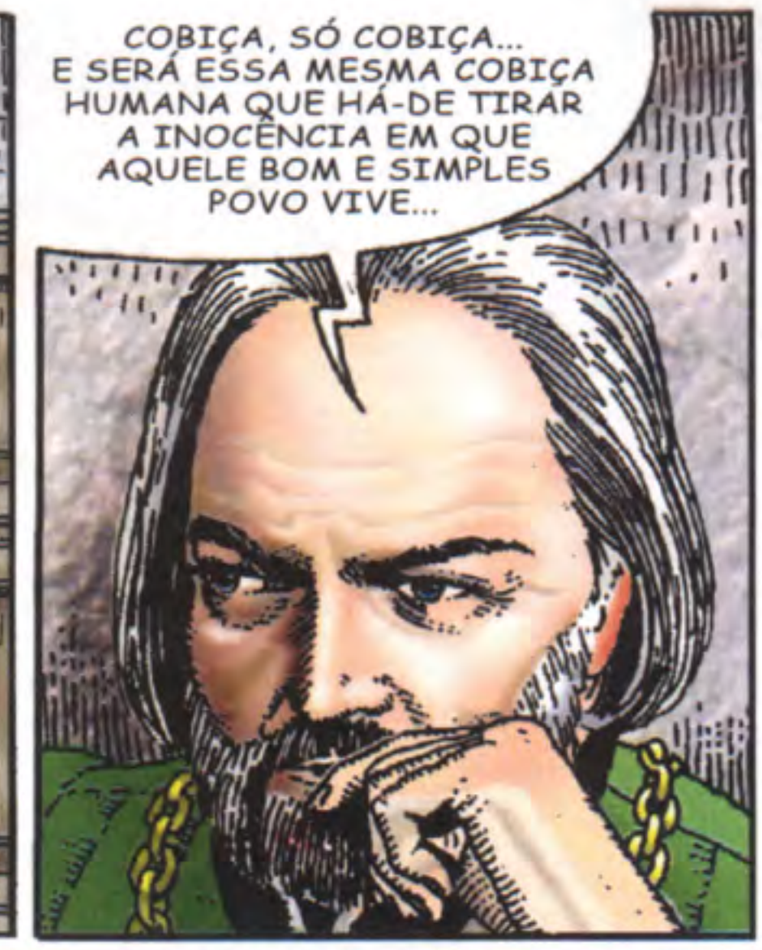
Largo de S. Domingos - Lisboa

QUEM ASSIM FALARA ERA BARTOLOMEU DIAS E NÃO PODERIA SER MAIS PROFÉTICO. DE FACTO, POUCOS DIAS MAIS TARDE, UMA TERRÍVEL TEMPESTADE APANHOU A ARMADA EM PLENO ATLÂNTICO SUL, AFUNDANDO A SUA CARAVELA, MAIS TRÊS OUTROS NAVIOS E TRIPULAÇÕES, ENTRE OS QUAIS AS NAUS DE AIRES GOMES DA SILVA E A DE SIMÃO DE PINA. A NAU DE SEU IRMÃO, DIOGO DIAS, TAMBÉM SE PERDERIA DA FORMAÇÃO, TENDO ANDADO PERDIDA NO OCEANO ÍNDICO, SENDO ELE, AFINAL, O PRIMEIRO EUROPEU A VISITAR MADAGÁSCAR. DEPOIS DE TEREM ESCAPADO DE MIL PERIGOS E TRAIÇÕES, DIOGO DIAS E OS SEUS HOMENS SERIAM ENCONTRADOS PELO QUE RESTAVA DA ARMADA DE CABRAL, EM CABO VERDE, JÁ NA VIAGEM DE REGRESSO. ENTRETANTO, O RESTO DA EXPEDIÇÃO TAMBÉM SOFRERA MUITAS PERDAS DE VIDAS EM CALECUT, ONDE O SAMORIM PROVOCARA INCIDENTES QUE SE SALDARAM EM PENOSOS ACTOS DE GUERRA...





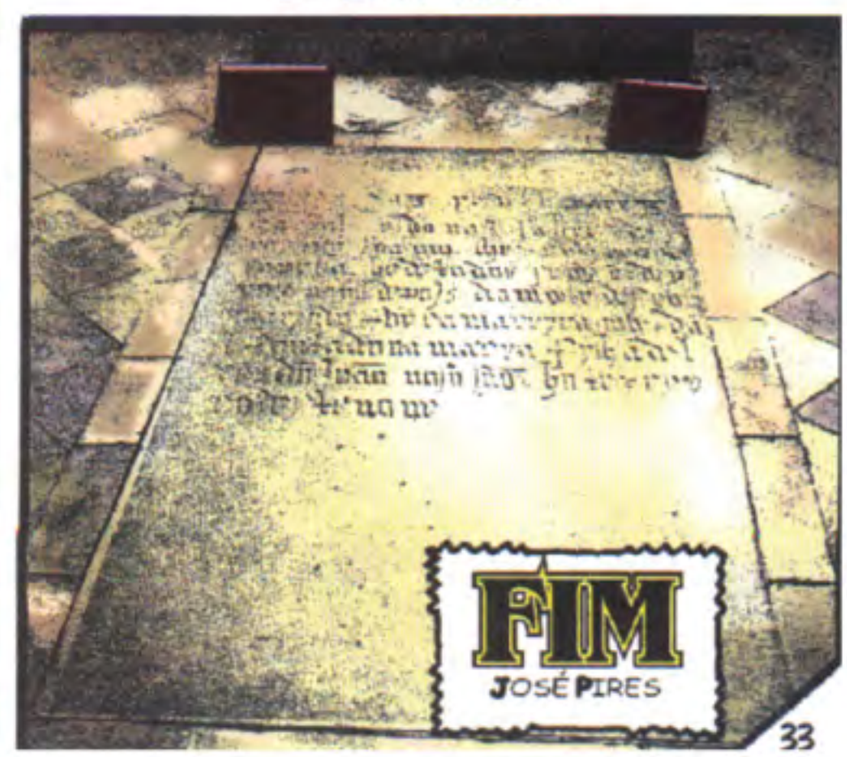
EPÍLOGO



LISBOA, PAÇO DA RIBEIRA, AGOSTO DE 1515...

APROXIMAI-VOS, SENHOR D. PEDRO ÁLVARES CABRAL...

PEDRO ÁLVARES CABRAL, UMA DAS GRANDES FIGURAS DA GESTA DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES, MORRERIA ALGUNS ANOS DEPOIS, EM 1520. JAZ EM CAMPA RASA, AO LADO DE SUA ESPOSA, NA IGREJA DA GRAÇA, EM SANTAREM.



Natural de Elvas, onde nasceu em 1935, José Pires trabalha actualmente como visulizador e gráfico de computadores numa grande agência de publicidade. Veterano da BD, começou no *Cavaleiro Andante*, em 1962, depois no *Mundo de Aventuras* e mais tarde logrou colaborar na mítica revista belga *Tintin*, em 1985, seguindo-se as revistas *Kuiffe* e *Hello* BD onde publicou cerca de 200 páginas, parte delas de parceria com o grande *scenariste* Jean Dufaux.

Com o *scenariste* Benoit Despas, foi autor de *Le Sang et la Gloire*, álbum para as Editions du Lombard, em 1992.

Em Portugal, viu publicados os álbuns *Homens do Oeste*, *Will Shannon*, *Gil Eanes*, *Ventos de Glória* *Marés de Infortúnio* e agora o presente *Pedro Álvares Cabral e o Brasil*. E, sabe-se de fonte segura, não vai ficar por aqui...

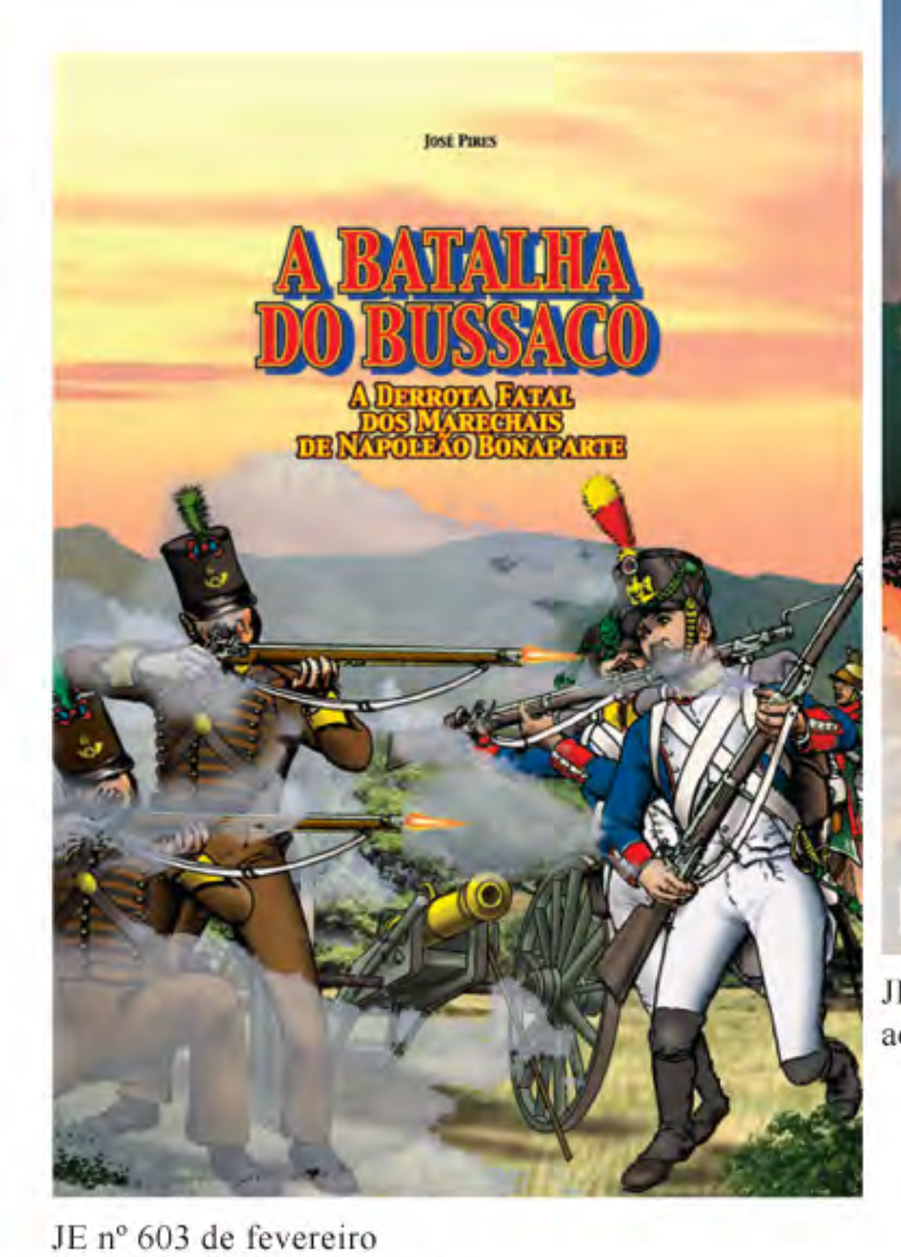
O interesse didáctico deste livro é tão importante do ponto de vista histórico quanto o é a promoção que ele permite das DUAS TERRAS DE CABRAL (de Belmonte, Serra da Estrela a Santa Cruz de Cabrália, Costa do Descobrimento). Esta obra, do grande artista da banda desenhada José Pires, permite à Região de Turismo da Serra da Estrela dar a conhecer, de uma forma acessível, o que são estas Terras, os personagens que, como Cabral, ajudaram a definir o Mundo Novo e a forma de vida de há quinhentos anos.

Jorge Manuel Patrão
Presidente da Região de Turismo da Serra da Estrela

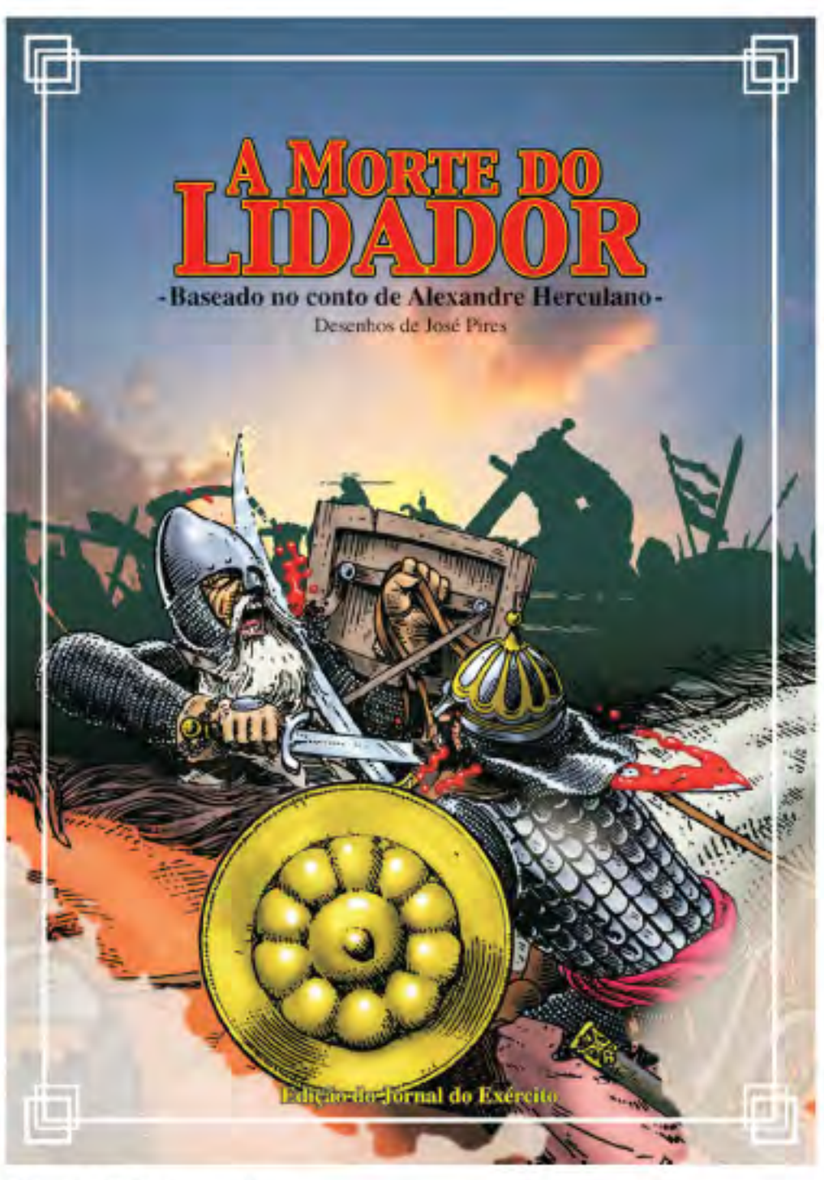
Quando celebramos os 500 anos da Descoberta do Brasil, feito que culmina a saga dos Descobrimentos Portugueses no dealbar do século XVI, e quando este aniversário tem como referência primeira Pedro Álvares Cabral, um filho de Belmonte, o «nosso Pedro» como ternamente lhe chamamos, que pode o presidente da Câmara dizer que não seja sentir o coração e a razão prenhes de orgulho partilhado por todos os Belmontenses?

António Pinto Dias Rocha
Presidente da Câmara Municipal de Belmonte

Coleção de Albuns de Banda Desenhada de José Pires
Publicada no *Jornal do Exército*



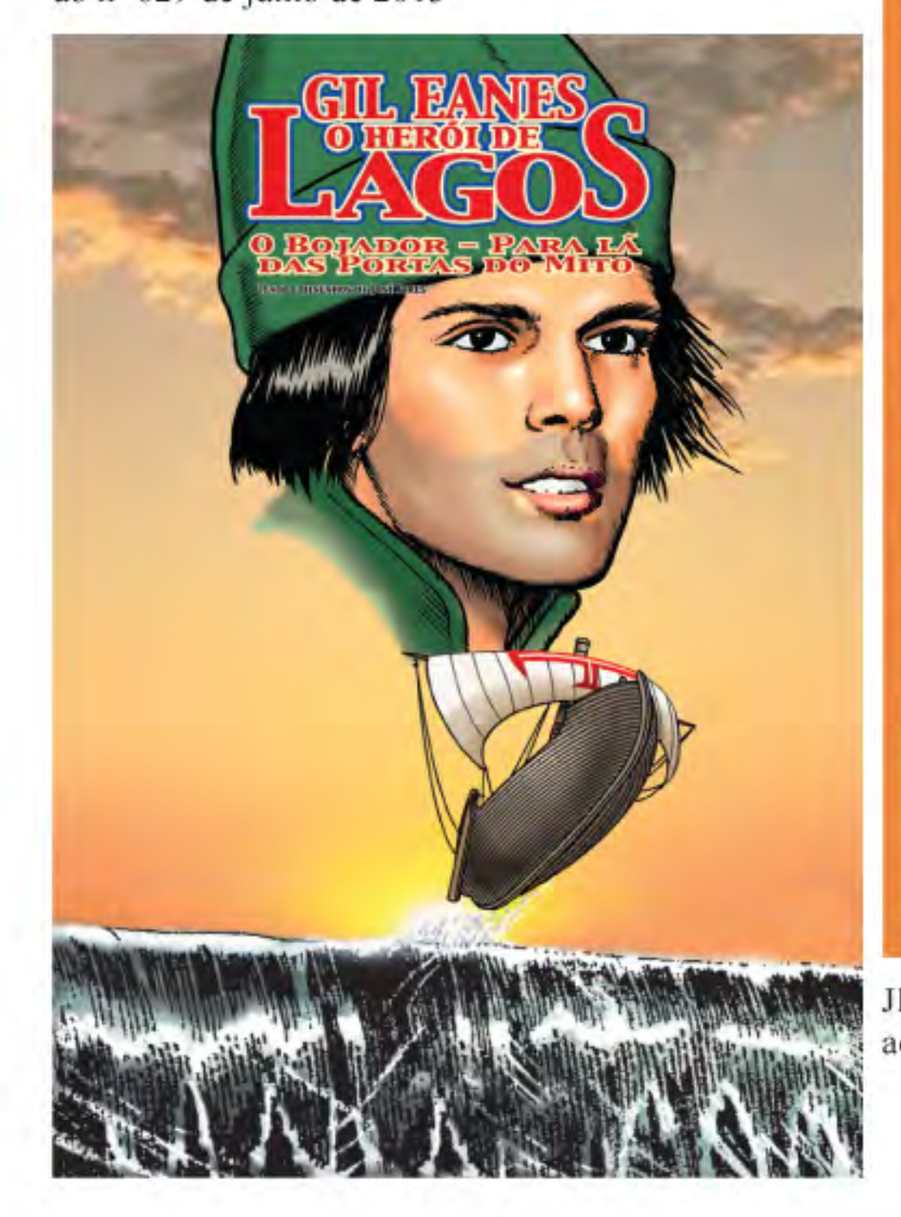
JE nº 603 de fevereiro
ao nº 606 de maio de 2011

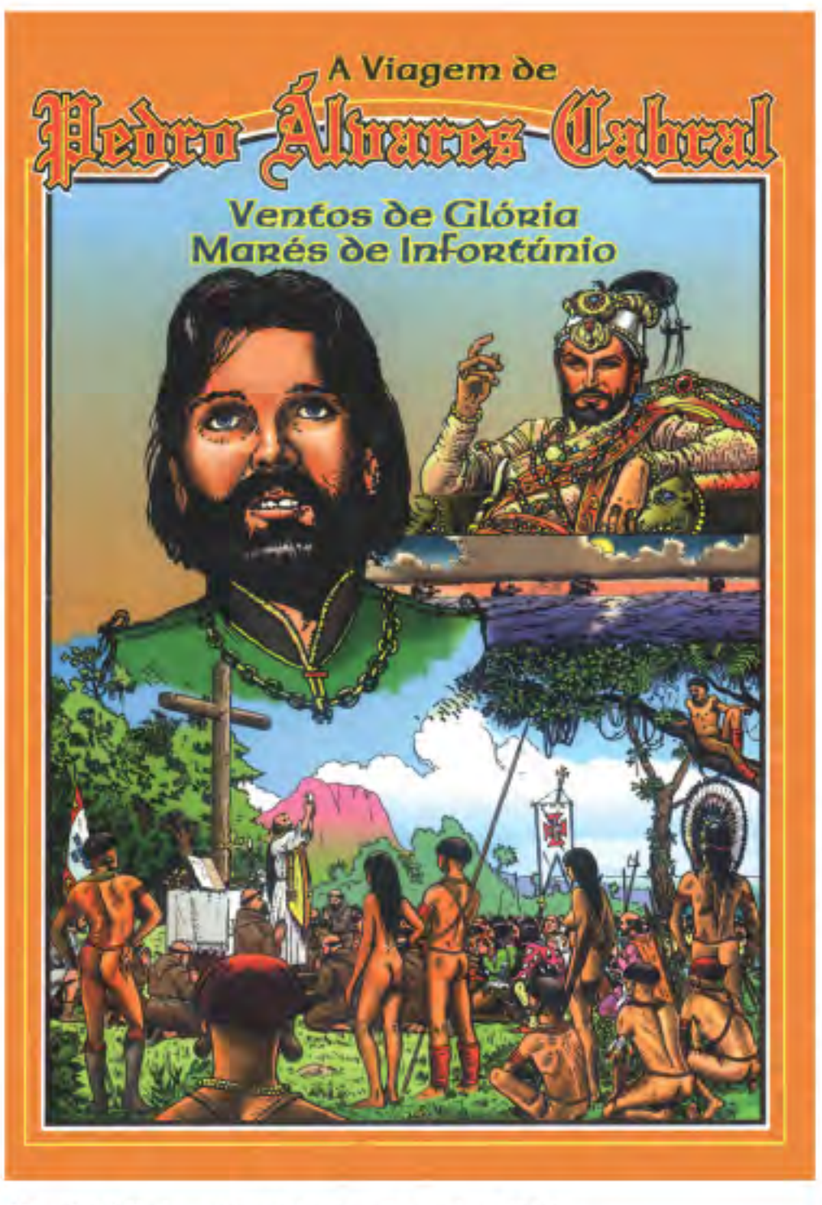


JE nº 607 de junho
ao nº 609 de agosto/setembro de 2011

JE nº 610 de outubro de 2011
ao nº 617 de maio de 2012

JE nº 618 de junho de 2012
ao nº 629 de julho de 2013





JE nº 630 de agosto/setembro de 2013
ao nº 642 de novembro de 2014

JE nº 643 de dezembro de 2014
ao nº 651 de outubro de 2015

Tendo chegado ao fim uma série de publicações dos albuns de banda desenhada da autoria do nosso colaborador José Pires, o *Jornal do Exército*, publica aqui todas as capas, bem como a informação referente às respectivas publicações, para que possam ser consultados pelas pessoas interessadas.

Jornal do
EXÉRCITO

Condecoração do Coronel Raúl Folques

€2,00 (IVA incluído) – Ano LVI – JE n.º 652 – novembro de 2015

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

santandertotta.pt

Informe-se já.

Informar para bem servir

Coronel de Infantaria José Custódio **Madaleno Geraldo**, Diretor do *Jornal do Exército*

Passadas mais de quatro décadas após o fim da Guerra do Ultramar, eis que o Presidente da República portuguesa, Prof. Doutor Aníbal Cavaco Silva, por inerência de funções o Comandante Supremo das Forças Armadas, condecorou o Coronel Tirocinado de Infantaria Raúl Folques com a mais alta condecoração portuguesa, o grau de Oficial, com Palma, da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito. Ao homenagear este Militar, um dos grandes heróis do século XX, em Parada militar, o Presidente da República quis transmitir o preito da Pátria portuguesa pelos nobres feitos em campanha, conforme atesta o Alvará de concessão, datado de 9 de outubro de 2015: "O Coronel Tirocinado de Infantaria Raul Miguel Socorro Folques revelou, na sua carreira militar, possuir elevadas virtudes militares e capacidades de liderança, aliadas a grandes dotes intelectuais, e inquestionável coragem física e moral, qualidades que lhe granjearam um enorme prestígio entre os seus pares, especialmente nas tropas «Comandos». O Coronel Folques demonstrou amplamente estas qualidades, em campanha ao serviço de Portugal, comandando várias unidades em que, exibindo valentia e serenidade debaixo de fogo, liderou, pelo exemplo, na vanguarda dos seus homens. Enquanto capitão, em várias operações debaixo de intenso fogo, mostrou indiferença perante o perigo, galvanizando o seu pessoal e por vezes tomando-lhe a dianteira. O Capitão Folques foi o exemplo de chefe destemido e resoluto, mesmo quando ferido, tendo por estes motivos sido agraciado com a Cruz de Guerra de 2ª Classe, e a Cruz de Guerra de 3ª Classe. Já como Major graduado, pelo seu valoroso comportamento durante uma operação, em que o seu agrupamento foi duramente atacado, tendo sido ferido no início dessa ação, manteve-se no comando, indiferente à dor e ao perigo, dirigindo serenamente a reação dos seus homens, sendo por esses feitos agraciado com a Cruz de Guerra de 3ª Classe." Todos aqueles feitos revelaram elevado espírito de sacrifício, coragem e audácia, demonstram inequívoco heroísmo! O *Jornal do Exército* (JE) aproveita o ensejo para felicitar o nosso Coronel, manifestando a nossa mais augusta consideração e admiração.

Segundo Aristóteles, a coragem é a primeira das qualidades humanas porque garante todas as outras. O JE associa-se à Comissão das Evocações do Centenário da Primeira Guerra Mundial para homenagear a participação e a coragem dos Soldados portugueses neste conflito. Conforme acordado com o presidente da dita Comissão, Tenente-General Mário de Oliveira Cardoso, o *Jornal do Exército* passará a publicar mensalmente, na sua contracapa, com legendas na retiração da mesma, a partir deste mês, as onze ilustrações, já elaboradas por Alexandre Gonçalves, relativas à participação portuguesa no Teatro de Operações africano. Este projeto, que é também exposição itinerante, visa sensibilizar os nossos leitores para o esforço de guerra que então foi exigido aos portugueses, nomeadamente aos militares.

Iniciamos, este mês, a publicação em banda desenhada, de uma história adaptada, da autoria de Pedro Manuel, acerca da figura lendária de "O Magriço", já publicada pela Quartzo Editora, com apoio do Município de Penodono e gentilmente cedida pelo editor, António José Coelho. Segundo a Associação Histórica de Penedono "O Magriço" existiu e os seus feitos podem comprovar-se em documentação existente na Torre do Tombo, numa "carta datada de 26 de Dezembro de 1411, onde D. João Duque de Borgonha e Conde da Flandres, reconhece os grandes serviços a si prestados por Álvaro Conçalves Coutinho". Esta narrativa, de exemplo de cavalheirismo, é bem retratada em "Os Lusíadas", de Luís de Camões, no episódio d'Os Doze de Inglaterra, Canto VI, 43-69. Esta edição bem poderia intitular-se: "Heróis, Soldados e Cavalheiros".

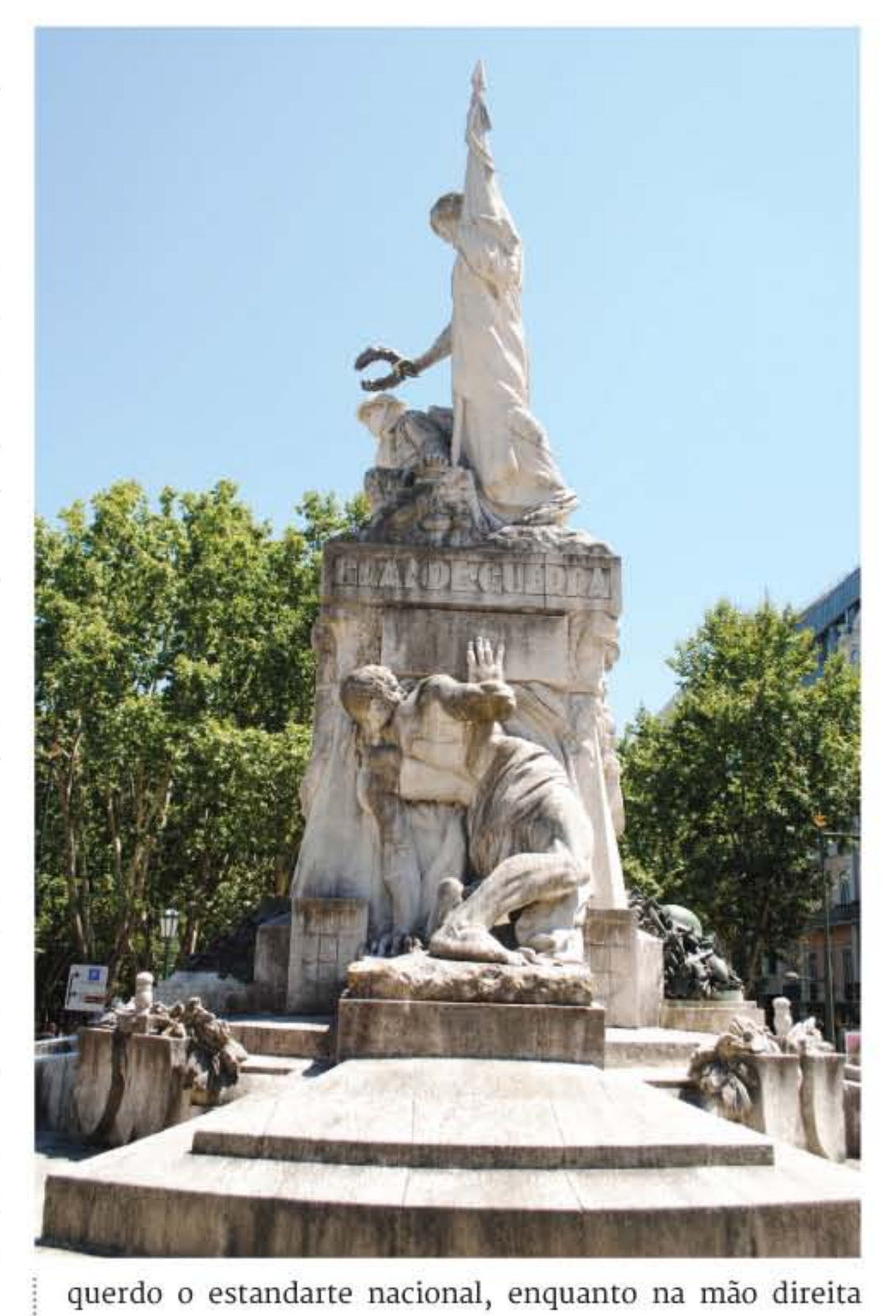
Monumentos aos Combatentes da Grande Guerra – Lisboa

Texto : Tenente RC Eder Sousa

A Comissão do Monumento Nacional aos Mortos da Grande Guerra (CMNMGG), nomeada pela portaria de 9 de abril de 1920, pelos Ministérios da Guerra, Marinha e Colónias, teve como uma das suas primeiras iniciativas a angariação de fundos para a construção do Monumento Nacional aos Mortos da Grande Guerra em Lisboa. A ideia de erguer um monumento do género surgiu por ocasião do aniversário da Batalha de La Lys.

Depois de uma intensa atividade por parte desta CMNMGG liderada por Magalhães Lima (mais tarde pelos Generais Abel Hipólito e Roberto Batista, sucessivamente), três anos depois, a 9 de abril de 1923, seria colocada a primeira pedra pelo Presidente da República, Dr. António José de Almeida. A inauguração ocorreu a 22 de novembro de 1931, efeméride que contou com a presença do Chefe de Estado, General Carmona, e o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, General Vicente de Freitas.

O monumento, localizado na Avenida da Liberdade, em Lisboa, teve como escultor Maximiano Alves e por arquitetos Guilherme Rebelo de Andrade e Carlos Rebelo de Andrade. Sobre a base em forma de cruz encontra-se um enorme pedestal, com duas esculturas masculinas nas laterais, pela forma como estão dispostas, demonstram o esforço em manter o monumento erguido. No pedestal está uma figura feminina que simboliza a Pátria, segura no seu braço esquerdo o estandarte nacional, enquanto na mão direita possui uma coroa de flores, que ergue com firmeza sobre a cabeça de um soldado meio ajoelhado, coroando assim todos os combatentes que através do seu esforço hercúleo e sacrifício obtiveram a conquista da paz. Na frente do monumento encontra-se a seguinte inscrição: "AO SERVIÇO DA PÁTRIA, O ESFORÇO DA GREI". Na parte de trás, encontram-se despojos de guerra, criados em bronze, empilhados uns sobre outros, enquanto no pedestal encontra-se outra inscrição lapidada na pedra, com as datas mais significativas: "9/3/1916 A ALEMANHA DECLARA GUERRA A PORTUGAL"; "11/11/1918 ARMISTICIO"; "28/6/1919 PAZ".



Este monumento em homenagem aos mortos na Grande Guerra, é sem dúvida um dos mais marcantes e imponentes do seu género.

Sumário .05

Corpo de Cadetes
O Exército e a sociedade

Artigo do Cor Art Ref Fernando Pinto Simões
Página 14

Exercício Felino
As Forças Armadas dos países da CPLP

Artigo do EMGFA; Fotos do RI10
Página 24

Somália
Um conflito eternizado

Artigo do SAj SGE António José Rodrigues
Página 36

SUPLEMENTO

Banda Desenhada:
"O Magriço"
de Pedro Emanuel
Páginas I ao IV

EDITORIAL 03

MONUMENTOS COM HISTÓRIA MILITAR 04

ATUALIDADES

Destaque do mês 06
Figuras & Factos 07
...mais de mil palavras 08

ARTIGOS

FALINTIL 22
Sahel
Condicionamentos operacionais na região 28

CULTURA, DESPORTO E LAZER

Filmes e Jogo 44
Desporto 45
Centenário da I Guerra Mundial 46

Capa: Condecoração do Cor Raúl Folques
Foto: Presidência da República

Jornal do Exército
ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO
Direção, Redação e Administração: Rua Marquês da Fronteira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700 Militar: 414 085, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, *E-mail*: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, *E-mail – Intranet*: *Jornal do Exército*, *Home page*: www.exercito.pt **DIREÇÃO – Diretor**: Cor Inf José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor**: TCor Inf Fernando Manuel da Silva Rita; **Secretária**: Ass. Téc. Joana Moita; **REDAÇÃO – Chefe**: TCor Inf Fernando Manuel da Silva Rita; **Assistentes de Redação**: 1Sarg Art Anjos Das Neves; 1Sarg Pes Sec Mónica Martins; **Redator** Ten RC Eder Sousa; **Operadoras Informáticas**: Ass. Téc. Elisa Pio, Ass. Téc. Guiomar Brito; Ass. Téc. Tânia Espírito Santo; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS – Auxiliares**: SCh SGE "Cmd" António Belém, SAj SGE Luís Silva; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** – Lusa – Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **EXECUÇÃO GRÁFICA** – MX3 – Artes Gráficas, Lda – Parque Industrial Alto da Bela Vista – Pavilhão 50 – Sulim Park – 2735-340 CACÉM, Tel: 219 171 088/89/90, *E-mail*: clientes@hmx3ag.com. Tiragem – 6.000 exemplares; Depósito Legal – nº 1465/82 ISSN – 0871/8598.

Condecoração do Coronel Raúl Folques

Teve lugar, a 9 de outubro, no Regimento de Comandos, sediado na Serra da Carregueira, a cerimónia de condecoração do Coronel Tirocinado de Infantaria "Comando", Raúl Miguel Socorro Folques, com a Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito (grau de Oficial, com Palma) imposta pelo Presidente da República (PR), Professor Doutor Aníbal Cavaco Silva.

Na parada daquele regimento estiveram formadas as companhias de alunos do Colégio Militar e da Academia Militar, bem como companhias de "Comandos", que simbolicamente testemunharam a prestação de serviço militar do Coronel Raúl Folques naqueles Estabelecimentos e Unidades, aquando da sua passagem pelas fileiras do Exército.

Já a tribuna, encimada pelo PR (entidade que presidiu à cerimónia), contou também com a presença do Ministro da Defesa Nacional, Dr. João Pedro de Aguiar-Branco, com o Presidente da Câmara Municipal de Sintra, Dr. Basílio Adolfo de Mendonça Horta da Franca, e com a dos Chefes do Estado-Maior General das Forças Armadas, da Armada, do Exército e da Força Aérea, respetivamente, o General Artur Neves Pina Monteiro, o Almirante Luís Manuel Fourneaux Macieira Fragoso, o General Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo e o General PilAv José António de Magalhães Araújo Pinheiro, bem como de outras entidades, civis e militares, que marcaram presença naquela cerimónia.

O Coronel agraciado é natural de Vila Real de Santo António, cidade que o viu partir, com a tenra idade de treze anos, para vir frequentar o 3º ano do Colégio Militar, onde permaneceu até ingressar na Academia Militar e concluir o Curso de Infantaria, em 1961.

Foi dos primeiros militares a integrar as forças especiais "Comandos", com vista ao seu emprego operacional no conflito armado nas, então, províncias ultramarinas portuguesas.

Cumpriu quatro comissões no ultramar português (três em Angola e uma na Guiné), onde comandou militares na vanguarda do conflito, chegando a ser ferido em combate. Atento à sua intrépida bravura, granjeou os motivos que justificam a concessão desta condecoração, conforme é apontado na leitura dos fundamentos da proposta e alvará de concessão, ratificada pelo PR, na qualidade de Grão-Mestre das Ordens Honoríficas Portuguesas. É o próprio Presidente da República que manifesta, em pleno discurso, o "reconhecimento a um Oficial de excecional craveira cujo exemplo deverá constituir fonte de inspiração para as gerações futuras, porque a Pátria em que nos revemos foi e será sempre determinada pelo querer, pela dedicação e pela coragem dos Portugueses".

O Coronel Raúl Folques desempenhou ainda funções de Comandante do Regimento de Comandos, de Professor do Instituto de Altos Estudos Militares e de Chefe do Estado-Maior do Governo Militar de Lisboa, bem como na Comissão Mista de Verificação dos Acordos de Paz na República de Moçambique.

A condecoração com que foi agraciado (a Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito) é a mais importante Ordem Honorífica Portuguesa e destina-se a galardoar méritos excecionalmente distintos, no exercício das funções dos cargos supremos dos órgãos de soberania, ou no comando de tropas em campanha. Por seu turno, visa também premiar feitos excecionais de heroísmo militar ou cívico e atos ou serviços excecionais de abnegação e sacrifício pela Pátria e pela Humanidade.

É a mais elevada e antiga distinção honorífica portuguesa, criada em 1459, no reinado de D. Afonso V, a qual, segundo o Regulamento da Ordenança, deverá ser imposta pelo Presidente da República.

Inauguração de Monumento aos Combatentes da Guerra do Ultramar

Decorreu em 29 de agosto a cerimónia de inauguração do Monumento aos Combatentes do Concelho de Aljezur. A cerimónia ocorreu no jardim que envolve o edifício da Câmara Municipal de Aljezur, local onde ficou implantado o Monumento.

Participaram na cerimónia, o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Hernandez Jerónimo, que presidiu, os Presidentes das Câmara Municipais de Aljezur, de Lagos, de Odemira, o Almirante Vice-chefe do Estado-Maior da Armada em representação do Almirante CEMA, o Tenente-General Comandante-Geral da GNR, Oficiais Generais em representação do General CEMGFA e do Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, o Vice-Presidente da Liga dos Combatentes (LC), o Major-General Presidente da Comissão de Honra, o Coronel Guimarães Henriques, o Presidente do Núcleo de Lagoa Portimão da LC, autoridades das Forças de Segurança de Aljezur, autoridades civis e religiosas e delegações dos Núcleos da LC de Lagos, Olhão, São Teotónio, Faro e Vila Real de Santo António, familiares dos militares homenageados e muitos combatentes e suas famílias.

A cerimónia iniciou com o descerramento do Monumento, posterior bênção religiosa e as alocuções proferidas sucessivamente pelo Coronel Henriques, pelo Presidente do Núcleo de Lagoa Portimão da LC, pelo Major-General Presidente da Comissão de Honra, pelo Vice-Presidente da LC e pelo Presidente da Câmara Municipal de Aljezur. As intervenções que ocorreram, embora diversificadas, foram objetivas quanto ao fim em vista: Homenagear Combatentes Tombados na Guerra do Ultramar, em Angola, Guiné, Índia e Moçambique. A finalizar a cerimónia foi lido um poema da autoria de um poeta local sobre o tema: "O Soldado", poema que faz parte integrante do Monumento inaugurado, estando nele gravado. As honras militares foram prestadas por uma força de escalão Companhia, constituídas por dois Pelotões, um da Marinha e outro do Exército, Ramos das Forças Armadas a que pertenciam os oito Militares homenageados.

A encerrar foram executados saltos de precisão por páraquedistas, transportando a Bandeira Nacional, a bandeira da LC, e a da Câmara de Aljezur. Seguiu-se um almoço no salão de festas dos Bombeiros Voluntários de Aljezur.

TABELA DE PREÇOS PARA 2015

PREÇO DE CAPA €2,00 **ASSINATURA ANUAL** (11 números): **VIA SUPERFÍCIE** - Portugal Cont. Madeira e Açores €20,00; **VIA AÉREA** - Países Europeus €45,00; Restantes Países €65,00. **NOTA**: As assinaturas devem ser pagas antecipadamente **NÚMEROS ATRASADOS** - 1960 a 1969 €4,50; 1970 a 1979 €4,00; 1980 a 1989 €3,00; 1990 a 2001 €2,50; 2002 a 2012 €2,00. Os preços incluem IVA à taxa de 6%.

PREÇO DE ENCADERNAÇÃO €30,00, com IVA incluído à taxa de 23%.

N.B.: Os pedidos de envio pelos CTT serão acrescidos de portes segundo os códigos postais: 1000/2000 €4,21; 3000/8000 €5,79; Açores e Madeira €6,56.

Fonte: CAVE

Um silvo na escuridão...

O tiro de combate é todo o tiro executado em operações de combate. Considerando a sua necessária rapidez, é caraterizado por ser efetuado em condições especiais e requerer, do atirador, o auto controlo necessário para reduzir os fatores que impedem a execução de um tiro certeiro.

A eficácia do tiro de combate é repartida: 85% assenta no mérito do atirador; e 15% surge dividida pelo tipo de arma, tipo de munição e pelas condições do tiro.

Confrontado com multiplas dificuldades, nomeadamente as de aquisição do alvo e as do alinhamento da arma, o mérito do atirador atinge-se através de um treino contínuo. Assim, o Comando treina o tiro de combate em todo o tipo de terreno, com ou sem áreas edificadas, perante todo o tipo de condições atmosféricas e de visibilidade, tendo em vista potenciar a sua eficácia.

Entrega dos Estandartes Nacionais à BrigInt pelas FND do RC6

Realizou-se no dia 10 de outubro, na Praça do Município, na cidade de Braga, a Cerimónia Militar de entrega dos Estandartes Nacionais do Grupo de Autometralhadoras (GAM/KFOR) e *Recce Coy/PRT Army*-2015 à Brigada de Intervenção (BrigInt), forças que acabaram de cumprir as suas missões no Teatro de Operações (TO) do Kosovo e da Lituânia.

A cerimónia foi presidida pelo Comandante das Forças Terrestes, Tenente-General Faria Menezes, tendo contado com a presença do Comandante da BrigInt, Major-General Aguiar Santos e da Presidente da Assembleia da Câmara de Braga, Drª Hortense Lopes dos Santos.

Durante a cerimónia foi efetuada uma evocação da história recente do Regimento de Cavalaria 6 (RC6), relativa a todas as Forças Nacionais Destacadas (FND) em que participou desde 1998, tendo mobilizado efetivos para os TO da Bósnia-Herzegovina, Kosovo, Timor Leste e Afeganistão. No seu discurso, o Tenente-General Faria Menezes enalteceu o papel fundamental das FND para os diversos TO e, no caso, as que foram projetadas pelo RC6, que levaram bem longe o nome de Portugal e da cidade onde se encontra inserida esta unidade.

O Major-General Aguiar Santos, recebeu os Estandartes Nacionais do GAM/KFOR e da *Recce Coy/PRT Army* 2015, os quais estiveram à guarda daquelas forças durante o período em que as mesmas estiveram nos TO sendo este o momento mais alto da cerimónia. A cerimónia militar terminou com o desfile das duas forças presentes em parada e de uma força montada em Viaturas Blindadas Pandur II 8x8.

Dia do RAAA 1

No âmbito das comemorações do 27º Aniversário do Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1 (RAAA1), teve lugar em Queluz, no dia 1 de outubro, a cerimónia militar de comemoração do dia festivo daquele regimento, a qual constituiu o culminar das comemorações que, a 25 de setembro, já contemplavam um concerto da Banda Sinfónica do Exército (BSE) no Centro Cultural Olga Cadaval, em Sintra.

A cerimónia foi presidida pelo Comandante das Forças Terrestres, Tenente-General Faria Menezes, contando com a presença de elevadas entidades militares e civis.

O Comandante do RAAA1, Coronel de Artilharia Costa dos Reis salientou, o papel deste regimento, quer no cumprimento das missões militares que lhe são atribuídas, quer no estreito relacionamento com diferentes entidades, em particular com a Câmara Municipal de Sintra.

Seguidamente o Comandante das Forças Terrestres referiu o papel importante que o RAAA1 desempenha no seio da Brigada de Intervenção e no Exército.

Após a imposição de condecorações procedeu-se ao desfile das forças em parada à entidade que presidiu à cerimónia.

No final da cerimónia, teve lugar uma atuação da BSE e uma demonstração da Bateria de Salvas do RAAA1, a qual executou salvas ao som da "Abertura 1812" executada pela BSE, uma obra de Tchaikovsky e de louvor à Artilharia.

Dia da IGE

O 56º aniversário da Inspeção-Geral do Exército (IGE), teve lugar no Pequeno Auditório da Academia Militar (Aquartelamento da Amadora), a 7 de outubro, tendo presidido a cerimómiao Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Hernandez Jerónimo.

Depois de recebidas as entidades convidadas deu-se início à sessão solene.

Esta contou com a apresentação das atividades da IGE, pelo Major-General Jorge Reis, tendo em vista a recente entrada em vigor do Decreto-Lei n.º 186/2014, de 29 de dezembro, que define a reorganização da estrutura orgânica do Exército, concatenando-a com a estrutura superior da Defesa Nacional e das Forças Armadas.

Seguidamente, discursou o Inspetor-Geral do Exército, Tenente-General Rovisco Duarte que, reportando-se ao início das inspeções neste ramo das Forças Armadas, fez uma alusão histórica desta atividade, no Exército, passando pela referência à criação deste órgão e culminando com a perspetiva do reforço da autonomia do Comandante do Exército, no quadro da reforma "Defesa 2020".

Depois da intervenção do Inspetor-Geral do Exército, tomou a palavra o CEME, que destacou a importância da IGE, as competências que os seus elementos têm proficuamente exercido e o otimismo com que perspetiva o trabalho futuro deste órgão, em consideração à confiança que deposita nos militares e funcionários civis que nele prestam serviço.

Antes de terminar a sessão solene, procedeu-se à imposição de condecorações de alguns dos militares da IGE, de onde se destaca a atribuição da Medalha de Serviços Distintos, a Medalha da Defesa Nacional, a Medalha D. Afonso Henriques – Mérito do Exército e a Medalha de Comportamento Exemplar.

Tomada de posse do Comandante do RA 5

Decorrente da cessação das funções de comandante do Coronel de Artilharia Pardal dos Santos, a 11 de setembro, teve lugar no Regimento de Artilharia Nº 5 (RA5), em Vendas Novas, a 15 de setembro, a tomada de posse do atual comandante daquele regimento, Coronel de Artilharia Morgado Silveira.

Após ser recebido, na Parada D. Pedro V, pelo 2º Comandante, Tenente-Coronel de Artilharia Silva Perdigão, pelo Adjunto do Comandante, Sargento-Chefe de Artilharia Rodrigues da Silva e prestadas as honras pela Guarda de Polícia do Regimento, o novo Comandante dirigiu-se à principal parada daquela unidade, onde as suas forças executaram as honras regulamentares.

Lido o despacho de nomeação, o Comandante recebeu das mãos do 2º Comandante, o Estandarte Heráldico do RA5, proferiu uma alocução alusiva àquela cerimónia, passou revista aos militares formados e recebeu a continência do desfile das forças, aquando do desfecho da cerimónia militar.

Tomada de Posse do Diretor do Museu Militar de Elvas

Decorreu no passado dia 28 de Setembro, nas instalações do Museu Militar de Elvas, a Cerimónia de Tomada de Posse do Tenente-Coronel Joaquim José Rodrigues Bucho, como Diretor do Museu Militar de Elvas.

A cerimónia teve início com a receção à porta de armas do Tenente-Coronel Diretor pelo Tenente-Coronel Subdiretor e pelo Sargento-Mor Adjunto do Diretor.

No Salão Nobre do Museu teve lugar a leitura do despacho de nomeação e da síntese curricular do novo diretor, a que se seguiu a entrega do Escudo de Armas do Museu Militar de Elvas, e uma alocução de cumprimentos pelo Subdiretor, Tenente-Coronel José Ribeiro. Estiveram presentes todos os Oficiais, Sargentos, Praças e funcionários Civis que prestam serviço neste Órgão Militar.

Treino de simuladores de Carro de Combate em Espanha

Após alcançar a *Full Operational Capability*, durante o exercício "ORION 15", o Grupo de Carros de Combate, no quadro das linhas de ação definidas na Diretiva do General Chefe do Estado-Maior do Exército, com vista a aumentar a prontidão e treino das forças, deslocou, entre 14 e 18 de setembro, vários Chefes de Carro de Combate e Apontadores de Leopard às instalações da Brigada de Infanteria Mecanizada "Extremadura" XI (BRIMZ XI) com vista a prosseguir o treino operacional na área do tiro de carro de combate.

A BRIMZ XI sedeada na Base General Menacho, em Badajoz, com quem a Brigada Mecanizada mantém relações privilegiadas no âmbito da cooperação bilateral, está equipada com um conjunto único de sistemas de simulação para o carro de combate Leopard, que permite o treino de técnicas de tiro mais complexas, nomeadamente as relacionadas com a aquisição e seguimento de alvos, avaliação de distâncias e execução de tiro em modo degradado, entre outros.

O foco das atividades centrou-se na utilização do programa *Steel Beasts*, onde os nossos operadores desenvolveram treino técnico e tático, aumentando a complexidade das situações a resolver, à medida que evoluía o seu conhecimento do sistema.

A utilização do *Steel Beasts* impressionou os participantes, proporcionando elevado índice de motivação do primeiro ao último minuto de treino e saldou-se por uma experiência ainda mais proveitosa do que inicialmente se previa, em particular pelos ensinamentos recolhidos não só pelos operadores, mas também pelos instrutores portugueses que acompanharam as guarnições.

Exército apoia a Faculdade de Farmácia

A Autoridade Nacional de Proteção Civil (ANPC) solicitou o apoio do Elemento de Defesa Biológica, Química e Radiológica (ElDefBQR) do Exército para a resolução de um incidente decorrente de trabalhos de remoção de resíduos na Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa.

O Elemento de Defesa BQR chegou ao Pavilhão "E" da Faculdade de Farmácia, no dia 10 de outubro, para a apoiar na resolução deste complexo problema que envolvia ameaça química. Esta ameaça era proveniente de uma cave, onde tinham sido guardados, durante vários anos, compostos químicos diversos e que haviam sido recolhidos recentemente por uma empresa. Na sequência desta intervenção, e havendo fortes indícios de ter ocorrido uma libertação de agentes químicos não identificados, o ElDefBQR levou consigo toda a capacidade técnica e operacional de defesa química, reconhecimento, identificação, recolha de amostras, descontaminação e ainda a necessária segurança e apoio médico para a atuação dos militares.

Dada a existência de uma suspeita vítima de contaminação, foi efetuada a colheita de história clínica, exame objetivo e amostras biológicas pelo oficial médico do ElDefBQR com o objetivo de descartar um eventual perigo de toxidade e contribuir para a identificação de agente químico.

Os militares, devidamente protegidos com equipamentos de proteção individual e dotados de aparelhos de deteção e identificação química, cedo iniciaram a procura da origem da contaminação. Apenas no final da manhã, com a obtenção de resultados positivos para uma amostra colhida na cave, se identificou o local contaminado. O apoio do laboratório da faculdade foi determinante para a identificação da contaminação, aguardando-se ainda os resultados de outras amostras colhidas pelas equipas de especialistas. A missão terminou pelas 21h00 após terem sido removidos todos os resíduos de poeiras, rebocos, cartões, plásticos e madeiras existentes na cave, e após a aplicação de um produto descontaminante em todo o espaço intervencionado.

O ElDefBQR materializa uma capacidade do Exército com caraterísticas únicas em Portugal, constituindo-se como um instrumento de excelência nacional no âmbito da resposta a incidentes BQR.

Dia Mundial do Animal

No passado 4 de outubro, celebrou-se, no Jardim Vasco da Gama, em Belém, o Dia Mundial do Animal.

A data foi escolhida durante uma convenção de ecologistas em Florença, no ano de 1931, e decorre do facto de ser também o dia de São Francisco de Assis, o santo padroeiro dos animais.

Através da presença e demostração de dois binómios da Polícia do Exército do Regimento de Lanceiros Nº 2 (RL2), o Exército associou-se a este evento, que reuniu centenas de pessoas.

A celebração do Dia Mundial do Animal tem como objetivos centrais a sensibilização da população para a necessidade de proteger os animais e preservar as espécies, demonstrar a importância dos animais na vida das pessoas e celebrar a vida animal em todas as suas vertentes.

Para além dos binómios do RL2, estiveram presentes no evento binómios de outras Forças Militares e de Segurança, à semelhança do que aconteceu em anos anteriores.

Foto: Câmara Municipal de Lisboa

Corpo de Cadetes

O Exército e a sociedade

Texto : Cor Art Ref Fernando Pinto Simões

Os Cadetes, apoiados pelo Exército nas Escolas, são um movimento mundial de jovens que aprendem a ter orgulho na história dos países a que pertencem, por isso valorizam as causas e os sucessos da sua Pátria. Assim, entre nós, os Cadetes do Exército empenham-se em ganhar espírito Patriótico e Humanista e em divulgar e promover nas suas comunidades a Segurança e Defesa de Portugal, o dever de memória para com aqueles que construíram Portugal antes de nós, bem como as carreiras e oportunidades que as Forças Armadas proporcionam aos seus cidadãos.

Este movimento tem como inspiração os Exércitos dos países nossos aliados, no âmbito da Aliança Atlântica, que apoiam e enquadram atividades de divulgação do Exército dos seus países nas Escolas. Neste contexto incentivam os Militares que terminaram o serviço ativo, por forma a prestar, serviço voluntário junto dos jovens, através da organização dos *Anny Cadets* nos países Anglo-Saxónicos, ou através do projeto nas Escolas do *Devoir de Mémoire*, nos países Francófonos.

Esta prática de reaproximação dos recursos humanos que já passaram pelas fileiras é significativamente rentabilizada na generalidade dos países de tradição Anglo-Saxónica através do trabalho nas comunidades das *Anny Reserves*, e nos países

Francófonos através das *Reserves Citoyennes*, desempenhando todos, com o apoio dos respetivos Ramos Militares, idênticas funções de reforço dos vínculos de ligação do Exército com a Nação.

Acresce que, na Aliança Atlântica, os Exércitos têm vindo a investir de maneira crescente nesta politica de reaproximação aos militares contratados que já saíram e dos que prestaram serviço obrigatório. Não só pelo retomo da sua colaboração voluntária e graciosa nestes programas de divulgação da Defesa Nacional com consequências significativas já estudadas, no aumento do recrutamento, mas também porque este reencontro com as suas antigas Unidades reaviva o espírito de corpo com o Ramo Militar onde prestaram serviço e dissemina o seu efeito promotor de identidade nacional e de compromisso com a Pátria. É reconhecido ainda no estrangeiro, pelas empresas e serviços onde trabalham estes militares, o significativo benefício do seu contributo para o funcionamento disciplinado e eficiente dos ambientes de trabalho onde atuam.

O movimento mundial dos jovens Cadetes das Escolas foi fundado em Portugal, com o apoio do Exército Português e formalizado através de um protocolo assinado com o Estado-Maior do Exército. É gerido e sustentado no nosso país por associações da sociedade civil, sendo entidade interlocutora com o Exército, a Liga dos Amigos do Museu Militar (LAMM) [1].

A Lei do Serviço Militar atribui ao Exército a capacidade de estabelecer protocolos com as Escolas, com vista a, dentro das suas capacidades, sensibilizar os jovens para a temática da Defesa Nacional e para o papel das Forças Armadas (Artigo 13° do Decreto-Lei nº 289/2000). Pelo seu lado, os estabelecimentos de ensino públicos e privados podem intervir neste processo, através da condução de ações de sensibilização, junto dos alunos, sobre as matérias em referência, segundo planos a definir anualmente (Número 4 do Artigo 12º da Lei do Serviço Militar nº 174/99). Foi com base neste suporte legal da ligação das Forças Armadas à Nação, que foi criado em Portugal o Corpo de Cadetes do Exército nas Escolas, através da assinatura em 5 de junho de 2012, do referido Protocolo entre a LAMM e o Exército.

Com vista a dar execução a estas leis, os Ministérios da Defesa e da Educação estabeleceram já em 1999, através do Despacho Conjunto nº 267/99, uma estrutura operacional entre os dois Ministérios, destinada a contribuir para a "disseminação nos estabelecimentos de ensino básico e secundário, de informação relevante sobre a ação das Forças Armadas", bem como de "iniciativas de divulgação dos valores cívicos e das matérias de segurança e defesa nacional". Embora descontinuado, este projeto foi retomado e continua ativo, tendo o Instituto de Defesa Nacional (IDN) nos últimos dois anos escolares promovido cursos de

[1] Sede de Honra: Museu Militar de Lisboa, Largo do Museu de Artilharia, 1100-366 Lisboa.

Sede social: Liga dos Amigos do Museu Militar, Edifício da Fundição de Cima, Campo de Santa Clara, 62, 1000-472 Lisboa

16.

Formação de Formadores para Cadetes do Exército. Muitos dos auditores que obtiveram aproveitamento nestes cursos já se encontram a orientar a formação dos jovens Cadetes nas Escolas.

Ainda recentemente este trabalho em parceria deu mais um passo decisivo, através de um Protocolo de Colaboração entre o Ministério da Defesa Nacional e o Ministério da Educação e Ciência com vista à Promoção da Educação para a Cultura de Segurança e Defesa, assinado publicamente no IDN pelos dois ministros, em 15 de novembro de 2012, e intitulado "Plano de Educação da Cultura de Segurança e Defesa".

A partir dessa data os Clubes de Cadetes nas Escolas, passaram a estar, para além de legitimados, também estimulados a estabelecerem-se nas escolas, nos termos da cláusula segunda daquele protocolo: "O Ministério da Defesa Nacional, em colaboração com o Ministério da Educação e Ciência, incentivará e promoverá iniciativas da sociedade civil, em educação para a cultura de segurança e defesa, através de atividades de complemento curricular".

A LAMM juntou doze instituições e associações da sociedade civil que, através de parcerias para o efeito, convocam os seus associados para sustentarem a formação ministrada às Unidades de Jovens Cadetes nas Escolas, apoiados pelo Exército. Estes jovens são convidados a criarem compromissos com a Defesa de Portugal e a dedicarem o seu empenho na divulgação dos deveres dos cidadãos para com a Pátria, no seio das suas comunidades de pertença. No primeiro ano de institucionalização deste projeto, as associações parceiras juntaram dois grupos de formadores, um em Lisboa e outro no Porto que, apoiados por Unidades do Exército, locais e pelos Museus Militares de Lisboa e do Porto, ministraram formação a Cadetes voluntários das duas primeiras escolas aderentes.

A LAMM conta assim já com o apoio estimulante do Exército, mas encontra-se num momento charneira para a sustentação deste projeto. Os amigos dos Museus Militares, bem como os associados das outras associações patrióticas congéneres, vivem essencialmente nas grandes áreas urbanas de Lisboa e do Porto. Por isso, foi fácil criar Unidades de Cadetes do Exército em escolas dessas regiões. E aí a experiência foi bem sucedida, ultrapassando em larga medida a oferta de disponibilidade dos associados da LAMM e parceiros, face às necessidades de formadores para sustentarem o projeto, sobrando ainda os recursos humanos locais disponíveis, para promover o envolvimento, dos Pais e respetivas comunidades, bem como das Câmaras Municipais e forças vivas locais convergentes.

Acontece que, nos anos seguintes, novas escolas, sabendo da existência do projeto dos Cadetes do Exército em Portugal, manifestaram interesse em participar. Recebemos declarações de interesse no projeto de escolas em Aveiro, Palmela, Amadora, Porto e em Torres Vedras, entre outras.

Em audiência concedida em 2 de abril de 2013, à LAMM, o General CEME, na altura o General Artur Pina Monteiro, nomeou como locais indicados para iniciar a constituição de novas Unidades de

Cadetes do Exército em Escolas, para o ano Escolar de 2014/2015, em especial as cidades de Vila Real, Viseu e Elvas considerando que nessas cidades existem condições humanas e materiais do Exército e contactos privilegiados com as forças vivas da comunidade, Câmaras Municipais, Escolas Básicas/Secundárias, favoráveis ao desenvolvimento dessa iniciativa. No prosseguimento desta diretiva realizaram-se reuniões de preparação de atividades a oferecer nas escolas destas cidades, com os Comandantes dos Regimentos que as apoiaram.

Então, pela primeira vez em Portugal os Museus Militares e os seus Grupos de Amigos foram desafiados a assumirem uma verdadeira dimensão nacional pela extensão dos seus serviços educativos, que se pode traduzir na disseminação nas escolas do País que o desejarem, desta dupla mensagem de Defesa da Portugalidade: criar nos jovens compromissos com a Defesa dos Interesses de Portugal; despertar neles vocações para o serviço no Exército.

Mas aos sócios ativos das Ligas dos Amigos dos Museus Militares de Lisboa e do Porto, pelas limitações geográficas acima aduzidas, não será possível assumirem sozinhos este compromisso cívico de disseminação do projeto dos Cadetes, às Escolas do interior que o desejem. À semelhança do que acontece com sucesso nos Exércitos nossos aliados, precisamos de contar então com a colaboração em voluntariado cultural e gracioso, nos seus tempos livres, dos Reformados e dos Reservistas do Exército [Oficiais e Sargentos do antigo

Serviço Militar Obrigatório (SMO) ou do regime de Contrato, já fora do serviço], esses sim, disseminados numa poderosa e ativa rede por todas as cidades do País.

Já existe portanto em Portugal experiência caísuística bem-sucedida de desenvolvimento deste projeto dos Cadetes do Exército nas Escolas Portuguesas. As primeiras Unidades de Cadetes funcionaram assim como verdadeiros laboratórios experimentais, supervisionados, avaliados e regulados, de modo a sustentar a institucionalização de uma rede nacional, que poderá a partir de agora ser expandida às escolas que manifestem interesse e tenham sediada na sua cidade, um Regimento ou um Museu Militar.

Está também criado o enquadramento legal necessário e os incentivos das instituições responsáveis, condições imprescindíveis para a institucionalização e alargamento a mais escolas do país destes "Clubes de Defesa", que organizam uma ou mais Unidades de Jovens Cadetes do Exército na sua escola.

Um primeiro grupo de militares Reformados do Quadro Permanente têm vindo a colaborar na formação dos Cadetes, de forma voluntária e graciosa, nos seus tempos livres, inseridos nas associações patrióticas parceiras que sustentam este projeto.

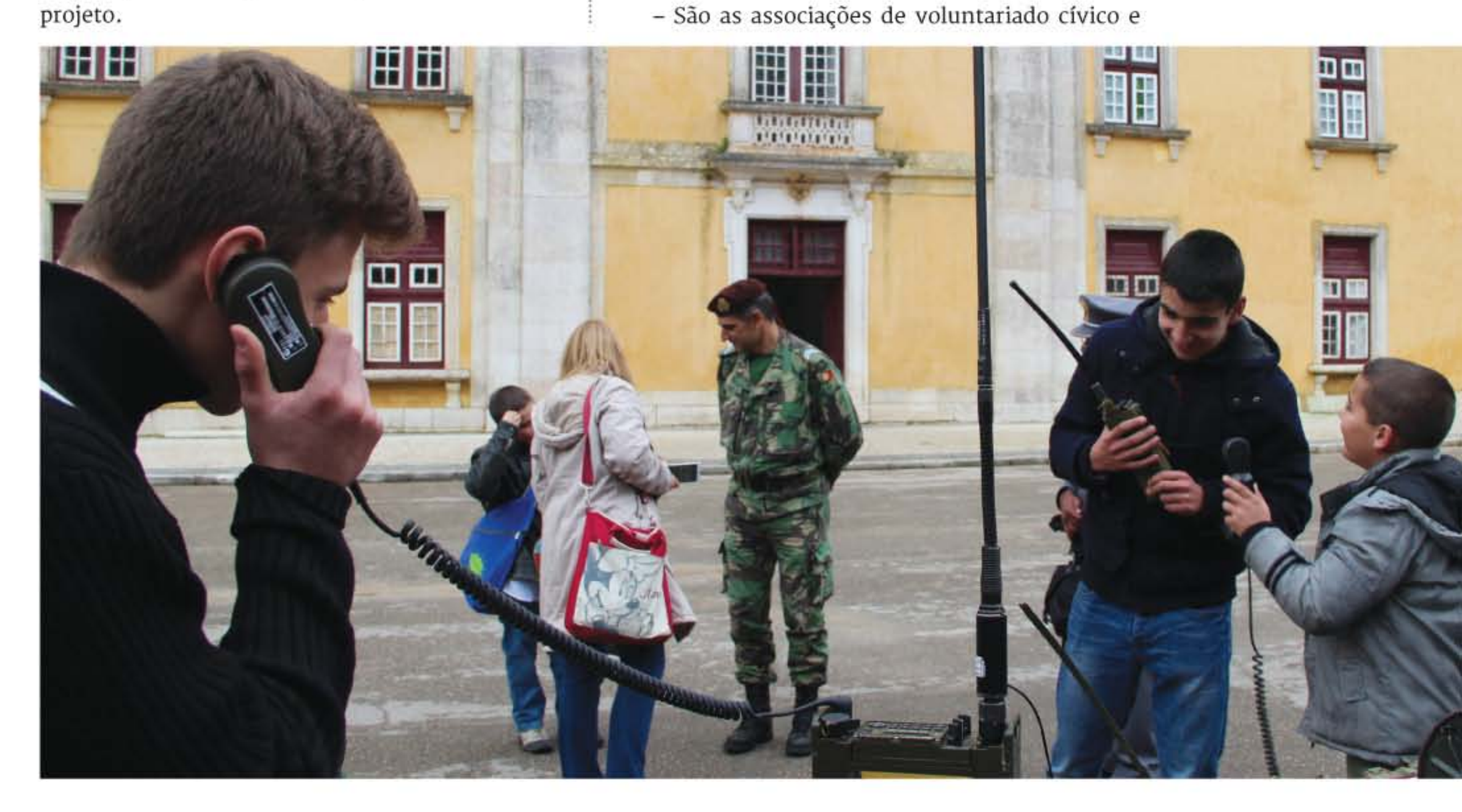
Realçamos por fim que este poderá ser o momento adequado, oportuno e irrepetível, de o nosso Exército voltar deliberadamente a contar com essa rede de cidadãos patriotas, já com formação militar, com uma cultura de defesa e de espírito disciplinador interiorizado. Ao convidar estes antigos militares a regressarem ao convívio com o seu Regimento onde prestaram serviço, o Exército estará a contribuir para a defesa da pátria, mas agora de outra forma, transmitindo aos jovens nas escolas os valores que já antes assumiram enquanto operacionais, vestindo o uniforme militar, caso para isso sejam autorizados.

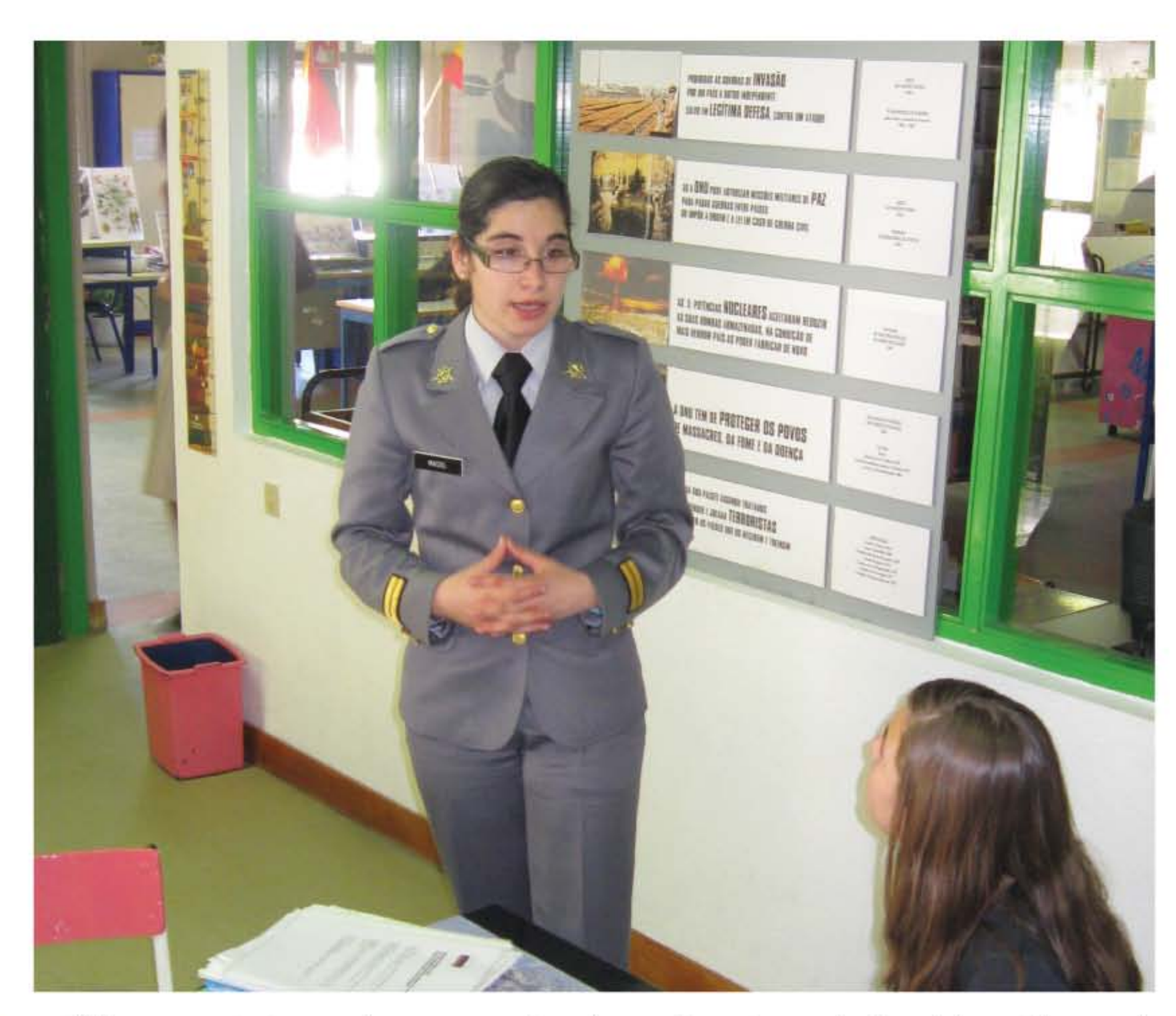
De seguida, na forma de pergunta/resposta, tentamos esclarecer os nossos leitores sobre o Corpo de Cadetes do Exército de Portugal e tentamos responder a questões que nos parecem mais óbvias, ficando qualquer outro esclarecimento adicional, através dos nossos contactos.

Como se organizam os Cadetes do Exército em Portugal?

– Para organizar uma nova Unidade, é condição necessária existir na cidade um organismo do Exército, o qual é adotado pelos Cadetes: um Regimento, uma Escola do Exército ou um Museu Militar.

– São as associações de voluntariado cívico e





patriótico que sustentam e animam nas escolas, nos colégios e nos Clubes Cívicos, os Cadetes do Exército de Portugal, mediante protocolo a celebrar entre ambos.

– Presentemente 12 associações em parceria empenharam os seus associados com experiências diversas de atividade ligada à Educação para a Cidadania e à Cultura de Defesa, para colaborarem no regime de voluntariado cultural em funções de Comandantes de Unidades ou como Instrutores de Cursos e Guias de Museus ou Sítios de Memória.

– Por seu lado os estabelecimentos de ensino e clubes que entram nesta parceria disponibilizam instalações, equipamento escolar e os seus recursos humanos, recebendo o apoio do Exército Português no acesso às Brigadas, Regimentos, instalações e Museus, bem como através do contacto com os seus profissionais.

Como é que os Cadetes vão progredindo na instrução?

– Durante os primeiros dois ou três anos da frequência da formação, o Cadete Iniciado tem acesso a uma formação geral sobre Identidade Nacional e Cultura de Defesa e candidata-se à certificação de um ou mais cursos de formação básica em cada ano escolar, tais como, Guias de Museus Militares, Relações Públicas de um Regimento, Voluntários da Defesa de Portugal, Voluntários do Dever de Memória.

– Os Cadetes que já dominam a formação básica e prestam provas sobre as competências adquiridas na formação, podem candidatar-se a áreas de formação avançadas onde essa formação é ministrada (pelo Exército, pelo Instituto de Defesa Nacional ou por instituições credenciadas), e designam-se Cadetes Graduados.

Onde estão já em atividade no nosso país os Cadetes do Exército?

– Desde 2012, início do funcionamento em Portugal dos Cadetes do Exército, encontrámos escolas interessadas em organizarem Clubes de Defesa

onde alunos seus voluntariamente se inscreveram para conhecerem as suas Forças Armadas, participaram na construção da Cultura de Defesa de Portugal e prestaram serviço cívico à sua comunidade, divulgando estes saberes e deveres patrióticos aos colegas e às suas famílias.

– Estão a funcionar com sessões mensais e visitas de fim de semana, as seguintes Unidades:

a) No Norte, na Escola de Cacia em Aveiro, uma Unidade apoiada pelo Regimento de Infantaria Nº 10 (RI 10) . O RI 10 vai apoiar a constituição de duas novas Unidades na região de Aveiro;

b) Na grande Lisboa, na Escola Marinhas do Sal de Rio Maior, uma Unidade apoiada pela Escola das Armas (EA) de Mafra. A EA vem a apoiar a constituição de duas novas Unidades no Concelho de Mafra;

c) Em constituição uma nova Unidade na Escola Secundária da Amadora, apoiada pela Academia Militar;

d) Novas Escolas estão a candidatar-se para terem Cadetes do Exército, nomeadamente em Viseu, apoiadas pelo Regimento de Infantaria Nº14, e em Tomar, apoiadas pelo Regimento de Infantaria Nº15.

Como planeamos fazer chegar o projeto dos Cadetes a qualquer Escola do país?

– À semelhança da maioria dos países nossos aliados na sociedade ocidental, pedimos o apoio do Exército para que retome o contacto com os seus Quadros Permanentes na Reforma, e ainda com os Reservistas do Exército, Oficiais e Sargentos já separados do serviço, do antigo SMO e dos Regimes de Contrato e Voluntariado espalhados pelo país, a fim de os convidar a colaborarem de novo com a Defesa de Portugal, participando agora em regime de voluntariado cultural não remunerado, nos seus tempos livres e nas Cidades onde habitam, apoiando a educação para o patriotismo e a formação para a Cultura de Defesa dos jovens das escolas que se inscrevam nos Cadetes do Exército. Este regresso ao contacto dos Reformados e dos Reservistas do Exército com o Regimento da cidade onde estão inseridos, proporciona, além do mais, uma nova aproximação da sociedade civil com as suas Forças Armadas e convida aqueles que o desejem a desempenharem um serviço cívico à sua comunidade, como relações públicas do Exército. O Comandante do Exército também cá em Portugal poderá vir a incentivá-los ou autorizá-los de novo a usar o uniforme militar nestas atividades, reconhecendo assim o significativo contribu-

to destes militares para a divulgação das missões e das carreiras das nossas Forças Armadas, junto dos jovens nas escolas.

Quem são os responsáveis em Portugal pelos Cadetes do Exército?

– O General Chefe do Estado-Maior do Exército é por inerência o Comandante em Chefe honorário do Corpo de Cadetes do Exército de Portugal. O Major-General Diretor da Direção de História e Cultura Militar é por inerência o Presidente do Conselho Geral, representando nesse órgão o interesse do Ramo. O Diretor do Museu Militar de Lisboa é por inerência o Comandante do Corpo de Cadetes do Exército de Portugal.

– Cada Unidade de Cadetes do Exército criada é comandada a título voluntário e gracioso por um Oficial ou Sargento dos Quadros Permanentes do Exército, fora da efetividade do serviço ou por um Oficial ou Sargento do Exército licenciado, do Serviço Militar Obrigatório ou do Regime de Contrato.

– Os Professores Coordenadores do Projeto nas Escolas, os restantes professores envolvidos e os associados das Associações da sociedade civil parceiras, são os responsáveis pela formação dos Cadetes.

Quanto custa ser Cadete do Exército?

– Não há quotas, joias ou propinas. As Unidades de Cadetes do Exército funcionam nas instalações escolares dos estabelecimentos públicos ou privados, ou nos clubes, que estabelecem protocolos com a entidade gestora e fundadora dos Cadetes, a Liga dos Amigos do Museu Militar e com o próprio Exército, utilizando gratuitamente os espaços de todos, os seus recursos didáticos e equipamento militar ou desportivo. É incentivado o acesso aos Museus Militares e aos Regimentos e instalações do Exército, para as atividades planeadas e autorizadas.

– As famílias dos Cadetes apenas terão de suportar as despesas das atividades de exterior em que os seus educandos se inscrevam, tais como custo dos transportes para visitas a unidades ou instalações do Exército, refeições dos jovens nessas saídas, pagamento voluntário de algum curso que exija inscrição ou candidatura a exame. Todas as deslocações são cobertas por seguros escolares e de risco de acidentes.

– São as Associações da sociedade civil parceiras que financiam cada uma das Unidades que criam, nomeadamente organizando simuladores de centros de decisão que colocam os Cadetes em situação de tomada de decisão. As escolas apoiam disponibilizando os seus espaços e com o material didático e de reprografia.

FALINTIL

Exercício de Guerrilha da Componente Terrestre

Texto : Acessoria Projeto 4

Decorreu entre o dia 10 de junho e o dia 29 de junho de 2015 um exercício da Componente Terrestre (CT) de unidade escalão companhia (Charlie) na região de Larimin e Larissula, Distrito de Lospalos e Baucau respetivamente. Os Militares da Brigada Mecanizada da Cooperação Técnico Militar em Timor-Leste do Projeto 4, prepararam e ministraram uma escola preparatória de quadros, durante duas semanas, que promoveu o desenvolvimento profícuo da fase de planeamento e posterior condução do exercício.

De uma forma lata, este exercício teve como finalidade proporcionar aos militares da CT a oportunidade para treinar todas as técnicas, táticas e procedimentos no âmbito da guerrilha, de uma forma exigente e próxima do real. Simultaneamente, procurou promover e divulgar as capacidades da CT junto da Sociedade Civil. Como objetivos mais específicos procurou exercitar e testar o processo de decisão militar e o comando e controlo ao nível companhia para uma operação de guerrilha, projetar uma unidade de escalão companhia e testar toda a capacidade do apoio de serviços para a apoiar, ainda que de uma forma clandestina (Organização Clandestina de Apoio), e aplicar a

técnica individual de combate e procedimentos de sobrevivência em situações de exigência próximo do real.

A Companhia Charlie participou no exercício com um efetivo de três (3) Oficiais, doze (12) Sargentos e setenta e cinco (75) Praças apoiados por quatro (4) viaturas táticas pesadas HICOM e uma viatura tática ligeira ISUZO, exclusivamente para o transporte de e para o exercício. A companhia conduziu o treino de forma independente, com a exceção da alimentação que era fornecida pela Secção Logística à organização clandestina de apoio, que por sua vez e por intermédio de caixas mortas a colocava no local e hora determinado. O cenário criado consistia basicamente em dois países até à data soberanos e em que um deles (Timolandia) era detentor de inúmeros recursos naturais (petróleo, gás natural e ouro) e um outro (Indolandia) que atravessava uma enorme crise financeira e prestes a entrar em colapso invadiu Timolandia. Este teve de recorrer à guerrilha para expulsar o invasor. Perante este cenário a companhia organizou-se em três unidades de guerrilha e conduziu emboscadas, golpes de mão e raptos no sentido de tentar eliminar o adversário. Assim, associado a estas macro tarefas táticas, foi treinado a nível individual a camuflagem, sobrevivência, orientação com GPS, 1:25000 e azimute distância.

No último dia do exercício houve lugar a uma cerimónia presidida pelo Chefe do Estado-Maior das F-FDTL (FALINTIL – Forças de Defesa de Timor-Leste) Coronel Falur e teve a seguinte sequência: visita à base de guerrilha, ordem de operações de um rapto e golpe de mão, demonstração dinâmica das duas ações, formatura e alocução da Alta Entidade. Para materializar o agradecimento e a forma como a população e autoridades locais ajudaram, foram distribuídas bolas de voleibol e uma rede aos dois Chefes de Suco de Larimin e Larissula. A presença do Chefe do Estado-Maior e antigo guerrilheiro muito respeitado pela população foi um estímulo para quem anda no terreno e materializa a importância que as F-FDTL dão ao treino operacional. No final da visita o Coronel Falur endereçou rasgados elogios, aos militares da Companhia Charlie e Comando da CT, pela forma competente e muito digna com que foi conduzida a visita, aos Assessores Portugueses do Projeto 4 pelo apoio incansável e inexcedível e à população em geral, pela forma como apoiaram e permitiram que o exercício atingisse os objetivos determinados.

Naturalmente, como em todos os exercícios, nem tudo é perfeito, e neste sentido, foram levantados alguns problemas que por um lado, podem ser facilmente corrigidos a curto prazo porque dependem de nós (CT), e outros que dependem de decisores políticos, como por exemplo a falta de material, no entanto todos estes aspetos foram exarados em relatório próprio.

Em suma, o exercício constituiu uma oportunidade para aperfeiçoamento e validação do treino operacional efetuado no âmbito das Operações de guerrilha.

Exercício Felino

As Forças Armadas dos países da CPLP

Texto e Fotografia : EMGFA e RI 10

Os Exercícios Militares da série FELINO têm como objetivos gerais: (a) exercitar uma Força Tarefa Conjunta e Combinada (FTCC), constituída no âmbito da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP), em Operações de Apoio à Paz (AP) e de Ajuda Humanitária (AH), sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU); e (b) incrementar a interoperabilidade das Forças Armadas (FA) dos seus Estados-Membros, tendo por base as quatro ideias-força da Figura 1.

Figura 1 - Ideias-força do Exercício

O Exercício FELINO 15 decorreu entre os dias 07 e 18 de setembro de 2015 na região de S. Jacinto, Aveiro, na modalidade de «Forças no Terreno» (FT/LIVEX). Integrou elementos e Unidades das Forças Armadas Portuguesas, bem como elementos dos restantes países da CPLP, nomeadamente, de Angola, do Brasil, de Cabo Verde, da Guiné-Bissau, da Guiné Equatorial, de Moçambique, de São Tomé e Príncipe e de Timor-Leste.

O FELINO 15 teve como finalidade treinar a organização, o planeamento e o comando e controlo de operações de AP e de AH, no quadro de atuação e resposta a uma situação de crise, de uma FTCC, edificada no âmbito da CPLP e atuando com um mandato da ONU, e os seguintes objetivos específicos:

Treinar a interoperabilidade entre as FA dos Estados-Membros da CPLP, desenvolvendo e harmonizando conceitos, terminologias, documentação e procedimentos, ao nível das operações militares;

Utilizar as novas estruturas da Direção do Exercício (DIREX) e do Estado-Maior (EM) da FTCC, acordadas no âmbito da CPLP;

Estabelecer e manter o fluxo de informações entre as diversas unidades participantes no exercício;

Estabelecer e manter as relações de Comando

e Controlo entre o Comando da FTCC e os Comandos das Componentes, suas subordinadas;

Treinar e exercitar os elementos do Sistema de Forças das FA Portuguesas participantes no Exercício, no âmbito dos seus objetivos de treino específicos.

Recursos

Os recursos humanos envolvidos no Exercício totalizaram 733 militares dos nove países da CPLP, de acordo com a Tabela 1. As delegações estrangeiras assumiram funções nas várias células na DIREX e no EM da FTCC, conforme Tabela 2.

A FTCC foi organizada de acordo com a Figura 2 e incluiu as seguintes unidades:

Unidades conjuntas: Comando e EM da FTCC, com elementos do EM da Força de Reação Imediata (FRI) 2015 e da FRI 2016, e com militares da CPLP; 1 (um) Destacamento de Cooperação Civil-Militar (CIMIC); 1 (um) Destacamento de Apoio, que integrou a Componente de Operações Especiais (SOCC) [1 (um) *Special Operation Task Group* (SOTG) com 2 (duas) *Special Operation Task Units* (SOTU)];

Componente Naval (MCC): 1 (uma) Corveta, respetiva guarnição e 1 (uma) Companhia de Fuzileiros;

Componente Terrestre (LCC): Componente Terrestre da FRI 2015, constituída por 1 (um) Batalhão a 2 (duas) Companhias de Paraquedistas e 1 (uma) Companhia de Comando e Apoio;

Componente Aérea (ACC): 1 (uma) Aeronave C-130 e 2 (dois) F-16 e respetivas tripulações.

Tabela 1

DELEGAÇÕES	EFETIVO
Portugal	685
Angola	7
Brasil	8
Cabo Verde	4
Guiné-Bissau	7
Guiné Equatorial	8
Moçambique	2
São Tomé e Principe	2
Timor-Leste	10

Tabela 2

		Nac.	CPLP
DIREX		47	29
Forças Cenário		45	–
FTCC (588)	EM	26	19
	Componente Naval	194	–
	Componente Terrestre	242	–
	Componente Aérea	9	–
	Destacamento CIMIC	25	–
	Destacamento de Apoio	47	–
	Destacamento de Ap Aeroterrestre	25	–
Posto de Comunicações Móvel (PCM)		9	–
Apoio Real (exceto RI 10)		16	–

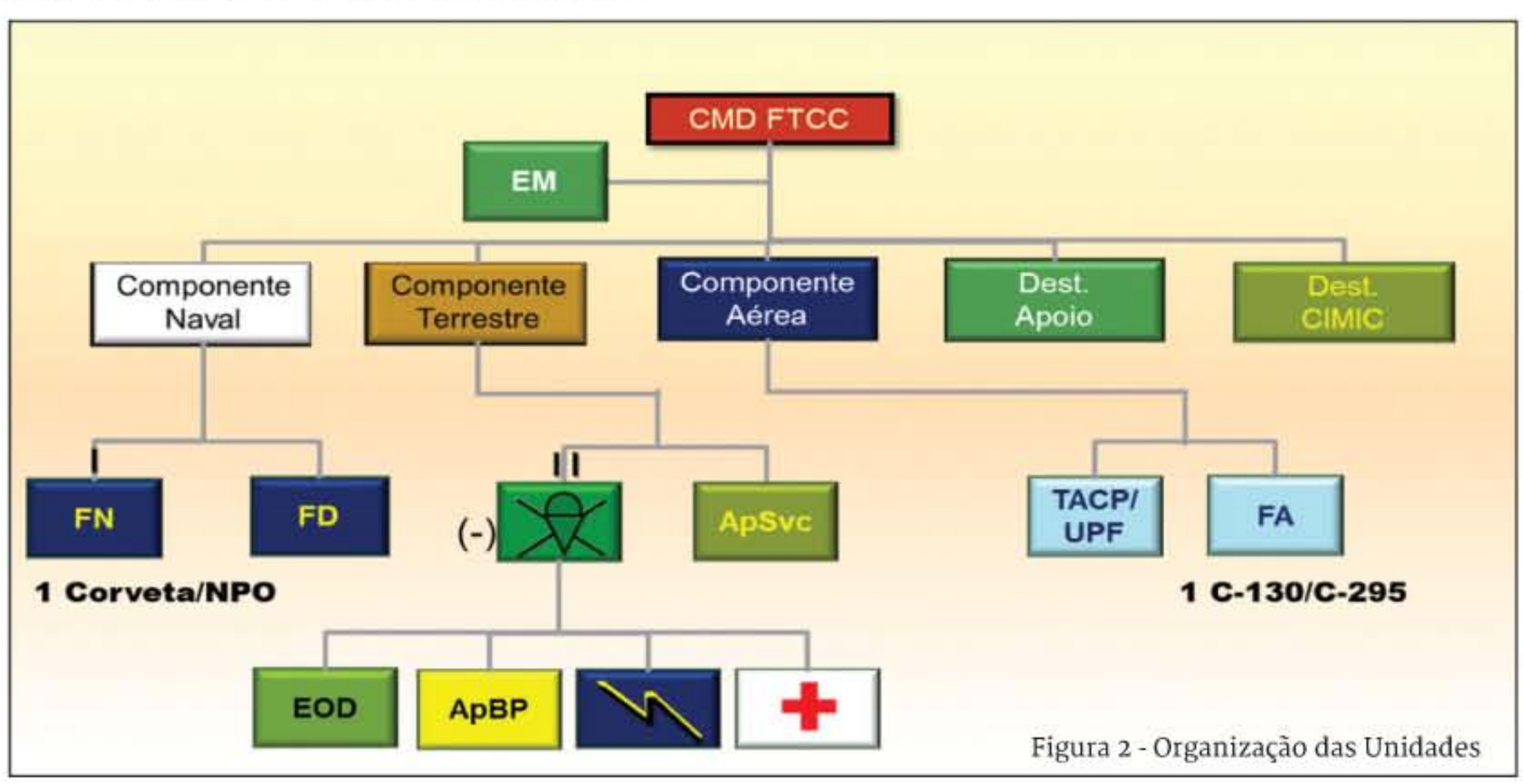


Figura 2 - Organização das Unidades

A Direção, Controlo e Avaliação, DIREX, tinha como missão dirigir, controlar e avaliar a execução do Exercício.

Sequência do Exercício

O Exercício desenvolveu-se de acordo com a sequência apresentada:

a) Entre 07 e 08 de setembro foi efetuada a integração dos participantes no Exercício, bem como foram realizados os testes às Comunicações e Sistemas de Informação (CSI).

b) 09 e 10 de setembro constituiu o período de adaptação ao planeamento operacional (*WARM-UP*), por parte de todas as delegações da CPLP. Em termos de cenário do Exercício, este período correspondeu à Fase Operacional de «Projeção» da FTCC.

c) Entre 11 e 13 de setembro realizou-se o planeamento operacional, num ritmo de 24 horas. Este período correspondeu, em termos de cenário, à Fase de «Posicionamento» da FTCC no Teatro de Operações.

d) Entre 14 e 16 de setembro materializou-se a condução da operação correspondente à Fase de «Assistência» – AP e AH – com «Forças no Terreno» (FT/LIVEX), igualmente num ritmo de 24 horas.

e) Finalmente, o período de 17 e 18 de setembro foi dedicado à Avaliação do Exercício e à identificação de Lições Aprendidas (Reunião Pós-ação). No dia 18 realizou-se o «Dia de Visitantes Ilustres» (DVI), com a demonstração das principais atividades desenvolvidas no Exercício.

O Cenário e os Eventos e Incidentes

O Exercício teve por base um cenário geral, preparado em Timor-Leste no âmbito do FELINO 14, que descrevia um país africano, da região subsaariana, desagregado por confrontos étnicos, sociais, económicos e políticos, ao longo de várias gerações, que provocaram a sua subdivisão, bem como migrações de populações.

Após vários confrontos de violência extrema, que originaram massacres e degradação das condições de vida e subsistência da população, a Comunidade Internacional e as partes beligerantes aceitaram a intervenção da ONU. Assim o Conselho de Segurança das Nações Unidas mandatou a Força Multinacional de Segurança (AVFOR) da CPLP para intervir no país em crise, no âmbito do capítulo VI da Carta das Nações Unidas, executando uma operação de AP e AH.

Para a implementação do Exercício, com o ritmo definido, a DIREX injetou 96 incidentes (41 de Informações; 19 de Operações; 2 de Logística; 2 de Apoio Sanitário; 25 de CIMIC; 7 de Relações Públicas) baseados na situação particular do cenário, que se desenvolveu na Península de S. Jacinto:

a) Dois campos de deslocados (TORREIRA e FURADOURO) foram sujeitos a ações terroristas de grupos insurgentes;

b) Em consequência, ocorreram movimentos em massa das populações, em direção a sul;

c) Em simultâneo, os insurgentes isolaram a acessibilidade à península, anulando as vias de comunicação terrestre;

d) Por outro lado, um grupo armado (inclusivamente com armamento antiaéreo) não enquadrado por nenhum dos beligerantes (este facto permitiu testar os limites do mandato no que respeita ao princípio da imparcialidade), condicionou a atuação da AVFOR, impedindo, temporariamente, a utilização dos seus meios aéreos;

e) As condições sanitárias foram-se degradando significativamente;

f) Neste contexto, as organizações internacionais e os órgãos e as redes de comunicação social pressionaram a AVFOR para o apoio à instalação de dois novos campos de deslocados.

A execução: a resposta da FTCC

Após conhecimento da situação geoestratégica e do mandato da ONU, a FTCC, em resposta aos incidentes injetados pela DIREX, planeou a operação para a situação particular, difundindo as correspondentes Ordens preparatória e de Operações.

Assim, foram executadas as seguintes tarefas:

a) A Componente Naval, através da Corveta e da Companhia de Fuzileiros, garantiu a segurança ao campo de deslocados nº 1, o controlo do porto, o apoio ao fornecimento da Ajuda Humanitária de emergência, bem como a neutralização de um posto de comunicações do grupo armado insurgente, a fim de assegurar a liberdade de movimentos e a segurança dos deslocados;

b) A Componente Terrestre, através de um Batalhão de Paraquedistas (uma Companhia por

deslocamento terrestre e outra por lançamento aéreo), garantiu a segurança ao campo de deslocados nº 2, a liberdade de movimentos e a segurança dos deslocados nos itinerários, bem como o apoio ao fornecimento da Ajuda Humanitária de emergência, a fim de criar condições de segurança e estabilidade aos deslocados;

c) A Componente Aérea, após ter sido eliminada a ameaça antiaérea, garantiu o apoio aéreo próximo às ações diretas das Operações Especiais e da Companhia de Fuzileiros, o lançamento de uma Companhia de Paraquedistas, o lançamento de cargas para Ajuda Humanitária e a evacuação médica;

d) O Destacamento de Apoio, através das Operações Especiais, efetuou ações de reconhecimento especial e ações diretas, a fim de desarticular o grupo armado e neutralizar a ameaça antiaérea;

e) O Destacamento CIMIC apoiou as entidades envolvidas (organizações governamentais e não governamentais) na instalação dos campos de deslocados e na Ajuda Humanitária, bem como no apoio à mediação entre as partes beligerantes.

O DVI, que contou com a presença dos Chefes do Estado-Maior das Forças Armadas da CPLP e dos respetivos Diretores de Política de Defesa, teve como objetivo demonstrar as principais atividades treinadas durante o Exercício, designadamente:

a) Apoio aéreo próximo das aeronaves F-16 ao desembarque de Fuzileiros para controlo do porto;

b) Largada de paraquedistas pela aeronave C-130 para posterior controlo de objetivos no terreno;

c) Evacuação médica de emergência com aeronave C-130.

O Exercício FELINO 15 terminou com a Cerimónia de Encerramento do Exercício, presidida pelo Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas Portuguesas (CEMGFA), General Pina Monteiro, e com o arrear das bandeiras nacionais dos países participantes e a da CPLP, bem como a "passagem de testemunho" ao Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas de Cabo Verde, na qualidade de país organizador do Exercício FELINO 16.

O General CEMGFA realçou no seu discurso que este Exercício Militar reforçou as "relações e laços de cooperação entre" os países participantes e considerou que "as Forças Armadas dos países da CPLP poderão desempenhar um papel de maior relevo no quadro da Segurança e Defesa sob a égide das Nações Unidas, contribuindo para a manutenção da paz e para a estabilidade global".

Sahel

Condicionamentos operacionais na região

Texto : TCor Art Carlos Javier Friás Sánches/Exército Espanhol

Publicado no nº 884, da Revista "Ejército de tierra español"
Traduzido pelo Cor Cav Marcos Andrade – Ex-Chefe da Redação do JE

O Sahel[1] é uma vasta área que define a transição entre as duríssimas condições do deserto do Saara e as condições mais amenas da savana africana, antes de se entrar noutro ambiente "hostil" ao homem: a selva subtropical. Estende-se desde o Senegal, na costa atlântica de África, até á Eritreia, no Mar Vermelho. O Sahel está a ser empurrado para Sul, pressionado pelo avanço do deserto do Saara. Grande parte da pressão migratória para Espanha tem origem em países afetados por esta alteração ambiental.

O Sahel sempre foi uma região de conflitos. Há mais de mil anos que a parte Norte do Sahel está povoada por tribos nómadas ou seminómadas, condutores de gado, que se deslocam montados em cavalos e camelos, à procura das melhores pastagens. Em contrapartida a região a Sul está povoada por povos agrícolas, sedentários, que vivem em pequenos povoados junto das suas culturas.

Desde sempre, tribos nómadas efetuam incursões para pilhar as pequenas povoações agrícolas

Fonte: Wikipédia

onde, em períodos de escassez de pastos, as manadas de gado podem encontrar alimentos. A mobilidade dos pastores, montados nos seus cavalos e camelos, proporcionam uma superioridade numérica sobre as povoações agrárias dispersas (apesar de na sua totalidade serem numericamente inferiores), sendo habitualmente os confrontos, favoráveis aos primeiros. Esta situação criou uma hierarquia tribal, em que as tribos nómadas estão no topo da pirâmide social.

A acrescentar a esta situação temos a herança religiosa muçulmana, transmitida pelos povos árabes que tiveram maior contacto com as tribos nómadas de pastores do Norte. Isto veio aprofundar a separação entre tribos nómadas de fé muçulmana e tribos sedentárias de religião animista (cristã), em que os primeiros ocupam uma posição dominante. De uma forma geral, a identidade de uma tribo baseia-se na relevância que a própria tribo consegue ter sobre as restantes, é normal encontrar sentimentos intertribais que variam desde a indiferença até ao ódio, sendo o desprezo entre elas mais ou menos habitual. As tribos estão divididas em clãs ou castas, existindo uma hierarquia interna muito rígida.

A colonização europeia do século XIX altera esta situação: os europeus criaram uma administração local em que os membros das tribos sedentárias são selecionados para desempenhar funções em órgãos da administração local, para as forças armadas, para professores, etc. A razão é fácil: os membros das tribos sedentárias são mais colaboradores, assim como são os que mais têm a ganhar com a colonização (reduzindo desta forma a subordinação às tribos nómadas), enquanto as tribos nómadas, que detinham o poder até à chegada dos europeus, perdem a sua situação privilegiada, pelo que se tornam hostis ao colonizador. Por outro lado, os europeus numericamente inferiores, apoiam-se na parte descontente da população (as tribos sedentárias) para afirmar o seu domínio perante o poder estabelecido (das tribos nómadas). A paz imposta pelas potências colonizadoras impede as pilhagens, o que permite aos agricultores melhorar as suas condições de vida e prosperar, ao mesmo tempo que dificulta a das tribos nómadas.

Também a introdução de cuidados de saúde pelos colonizadores (que se faz por razões práticas, preferencialmente sobre as populações sedentárias) cria um desequilíbrio demográfico em favor das tribos sedentárias, que aumentam o número de população, ao contrário das tribos nómadas que mantêm esse número estável.

O fim do colonialismo deixou uma administra-

[1] O Sahel, que em árabe significa "fonteira", é a designação pela qual é conhecida uma enorme faixa de 500 a 700km de largura e cerca de 5.400km de extensão, situada na África subsariana, entre o deserto do Saara, a norte, e a savana do Sudão a sul e que atravessa todo o continente africano entre o oceano Atlântico, a oeste, e o Mar Vermelho a leste. Esta grande faixa de terreno atravessa 10 estados africanos.

ção dominada por membros das tribos tradicionalmente oprimidas (e que apoiaram os colonizadores), face aos dominadores tradicionais que, em muitos casos, lideravam os movimentos independentistas, e que nesse momento tentam recuperar o poder. Grande parte da instabilidade politica nestes países é consequência de divisões e desentendimentos ancestrais.

O Sahel é uma zona com recursos muito limitados. A vida, nesta região, é muito dura e curta. Assim sendo, as considerações de índole moral e os valores vigentes nas nossas abastadas sociedades ocidentais, carecem, aqui, de qualquer significado. Em geral, o forte explora o mais fraco sem qualquer pudor: as tribos mais fortes saqueiam e roubam as mais fracas, os jovens roubam as crianças enquanto as crianças mais velhas fazem o mesmo às mais novas... e ninguém (nem fortes, nem fracos) considera que esse comportamento seja "imoral". Todo isto é agravado por uma generalizada corrupção da administração pública: os funcionários (os "fortes") aproveitam-se de todos os recursos a que têm acesso, sem qualquer pudor moral e sem qualquer reprovação social.

A escassez de recursos traduz-se também na inexistência de infraestruturas: não há estradas (nem asfaltadas, nem sequer caminhos de terra batida), apenas há transporte e a água é um recurso crítico... Em consequência, as possibilidades para exportar outros recursos naturais são muito escassas e geram inúmeros problemas, como iremos referir mais à frente.

Quando falamos no Sahel pensamos em longas savanas abrasadas pelo sol. Isto é uma meia verdade: há uma temporada seca, o inverno (de novembro a maio aproximadamente), em que efetivamente não há chuvas e as temperaturas alcançam os 55º a 60º C, e uma humidade de 3 a 4%. No verão (de junho a outubro), o calor mantem-se, porém chove. Em anos de elevada pluviosidade o terreno pode ficar alagado, transformando a paisagem num grande lago salpicado de pequenas ilhotas onde se encontram as povoações com o seu gado resguardado.

Nesta situação, os movimentos por terra são quase impossíveis, sendo assim este um período mais pacífico, sem confrontos, mas também muito pouco produtiva. Estas condições no terreno condicionam qualquer possibilidade de construção de infraestruturas permanentes: existem poucos espaços aptos para edificar que não estejam longe das fontes de água (poços que obviamente praticamente desaparecem durante os meses de verão).

As distâncias, em geral, são enormes: Abeché, a segunda maior cidade do Chade, dista 800km de N'Djamena, a capital, e as três Bases Operacionais Avançadas (FOB[2]), em que se encontram alojados o grosso dos efetivos da EUFOR[3], distam 600km para Farchana (onde estava um Batalhão francês), 1.000km para Goz Beida (onde estava localizado o Batalhão Irlandês, integrando uma Companhia holandesa) e Iriba (onde estava um Batalhão polaco). O aeroporto de Abeché tem a única porção de terreno asfaltado, num raio de 800km.

Os combates na região têm uma característica muito particular e que ficou conhecida entre as forças militares, estacionadas na região, como "a guerra dos Toyotas". Tanto as forças governamentais, como as forças rebeldes de qualquer fação (apesar das diferentes denominações mais ou menos politicas, na verdade são as diferenças tribais que caracterizam os diferentes grupos armados), deslocam-se em dezenas de viaturas tipo pick-up, sendo na sua grande maioria da marca Toyota, a gasolina, armadas com metralhadoras pesadas, de fabrico soviético, com calibre 14,5mm. Estes Toyotas, carregados com bidões de gasolina, andam cheios de combatentes armados com AK-47[4] e RPG-7[5].

Em geral, a instrução tática e de tiro destes grupos é muito rudimentar. Cada grupo tenta obter um maior número de viaturas Toyota, para executar "razias" sobre o território inimigo, aproveitando a imensidão do deserto e o seu conheci-

Fonte: Wikipédia

mento do terreno e da localização dos poços. São curtos combates de encontro. Na realidade, pouco mais são do que uma evolução das antigas táticas milenares das antigas tribos de pastores, agora tribos rebeldes, contra o governo central que utiliza "grupos mercenários" para as combater, como é o caso do *Janjawid*, no Darfur.

Condicionantes operacionais A experiência da EUFOR Tchad/RCA

As mais significativas condicionantes operacionais são a escassez de recursos locais e as grandes distâncias a percorrer, que têm um enorme impacto em todo o planeamento e desenrolar das operações.

No caso da missão da EUFOR Tchad/RCA[6], a força multinacional utilizou o porto de Douala, nos Camarões, como "porta de entrada" e deslocou-se por terra até às suas bases operacionais no Chade (2.500km, dos quais mais de metade fora de estrada). Para diminuir custos, tentou-se aproveitar os recursos locais, especialmente de transporte, porém no Chade (em 2008) havia apenas uns 100 camiões pesados em todo o país – três vezes o tamanho da Espanha – e que deviam cobrir todas as necessidades de transportes, quer civis quer militares. Devido à necessidade de contratação de civis, locais, para funcionários da EUFOR, o custo do transporte aumentou enormemente, o que se traduziu na escassez de produtos importados (o Chade importa trigo, leite, açúcar… e não havia transportes para os levar para os mercados), tendo assim havido uma subida generalizada dos preços que afetou principalmente a população mais pobre.

Fonte: Fred Dufour

As enormes distâncias, a inexistência de estradas e a precariedade dos meios de transporte locais, implicava que cada comboio necessitasse de duas semanas para fazer a viagem de ida e volta e, como tal, a falta de abastecimentos prolongaram-se durante meses, sendo a total capacidade operacional da Força obtida de forma muito lenta.

A construção de qualquer infraestrutura nova implicava a importação de matérias-primas e o seu transporte, pela já escassa frota de veículos. Da mesma forma, a falta de preparação do pessoal local obrigava a "importar" mão de obra minimamente especializada (desde canalizadores, a pedreiros).

Outro recurso crítico é a água. A concentração da Força, em Bases de Batalhão, implicava uma significativa necessidade de reabastecimentos de água (um mínimo de 100 litros por pessoa/dia, em locais onde o efetivo era cerca de 1.000 pessoas). A falta de fontes naturais obrigou a levar para a área de operações, equipamento de perfuração e recuperação de água, que por vezes se encontrava a mais de 100 metros de profundidade. A água era de má qualidade, e os novos furos acabavam por afetar o lençol freático e, necessariamente, os poços que abasteciam as populações locais, o que por vezes levava a conflitos de resolução muito complicada.

A falta de vias de comunicação e as condições climáticas, faziam com que o apoio logístico fosse muito complicado. Os comboios que partiam de Abeché para abastecer as forças estacionadas nas

[2] FOB: *Foward Operational Base.*

[3] A missão liderada pela União Europeia compreendeu mais de 20 países que participaram, quer com material de apoio logístico, material de combate (meios aéreos), quer com militares no terreno (nota da redação do JE).

[4] Famosa espingarda metralhadora de fabrico soviético (nota da redação do JE).

[5] Lança granadas de origem soviética de 40mm, contra viaturas blindadas ligeiras (nota da redação do JE).

[6] RCA: República Centro Africana. A missão da EUFOR decorreu de fevereiro de 2008 a março de 2009, data em que a missão foi transferida para a responsabilidade da ONU, com a missão designada MINURCAT – *United Nations Mission in the Central African Republic and Chad*, (nota da redação do JE).

Fonte: forumactif.org

FOB levavam três a cinco dias para o fazer, em zonas sem qualquer cartografia, utilizando apenas o GPS, por caminhos que as chuvas transformavam em linhas de água, quando não apanhavam uma tempestade de areia. Ao cair a noite, procuravam um ponto favorável no terreno e disponham os veículos em círculo com os faróis a apontar para o exterior, municiavam-se as armas pesadas e montava-se um forte dispositivo de guarda (tal e qual um filme de oeste americano). As distâncias impediam o emprego de rádios VHF/FM, sendo o contacto entre estes comboios logísticos (ou de qualquer patrulha) com a restante Força feito através de telefone via satélite, e a única forma de lhes dar apoio em caso de sofrerem um ataque era mediante o emprego de helicópteros de ataque (quatro Gazelles da Força Aérea Francesa). Como as distâncias das colunas logísticas (e das patrulhas) por vezes suplantavam o raio de ação dos Gazelles, era necessário empenhar helicópteros Pumas carregados com bidões de combustíveis para os poder reabastecer.

Em caso de ter de intervir, quando se estava próximo do alcance máximo do seu raio de ação, os helicópteros aterravam, reabasteciam, e continuavam a missão. Se por acaso o local provável de reabastecimento se encontrava numa zona perigosa, era necessário que o dispositivo de aeronaves passasse a quatro helicópteros, sendo que dois transportavam uma força de proteção... Claro que isto implicava uma diminuição do alcance que se pretendia com a missão, já que o aumento dos tempos de reabastecimento, implicavam necessariamente um aumento do tempo de resposta, a dar à força que necessitava de apoio. No caso de um pedido AirMedEvac (evacuação aérea sanitária) a situação poderia ser semelhante com as implicações que isso poderia trazer para o ou os evacuados. Também as elevadas temperaturas reduzem consideravelmente o desempenho dos helicópteros, condicionando fortemente o emprego destes meios aéreos no ambiente específico do Sahel.

Conclusões

Uma Força que vá operar no Sahel tem de se preparar para as condições muito particulares desta região e não se trata apenas da adaptação ao clima. A preparação da Força implica importantes alterações, no uso dos ensinamentos doutrinários,

nos planos de organização da Força, no numero de viaturas, armamento e equipamento de transmissões, que normalmente as Unidades estão preparadas para aplicar e utilizar.

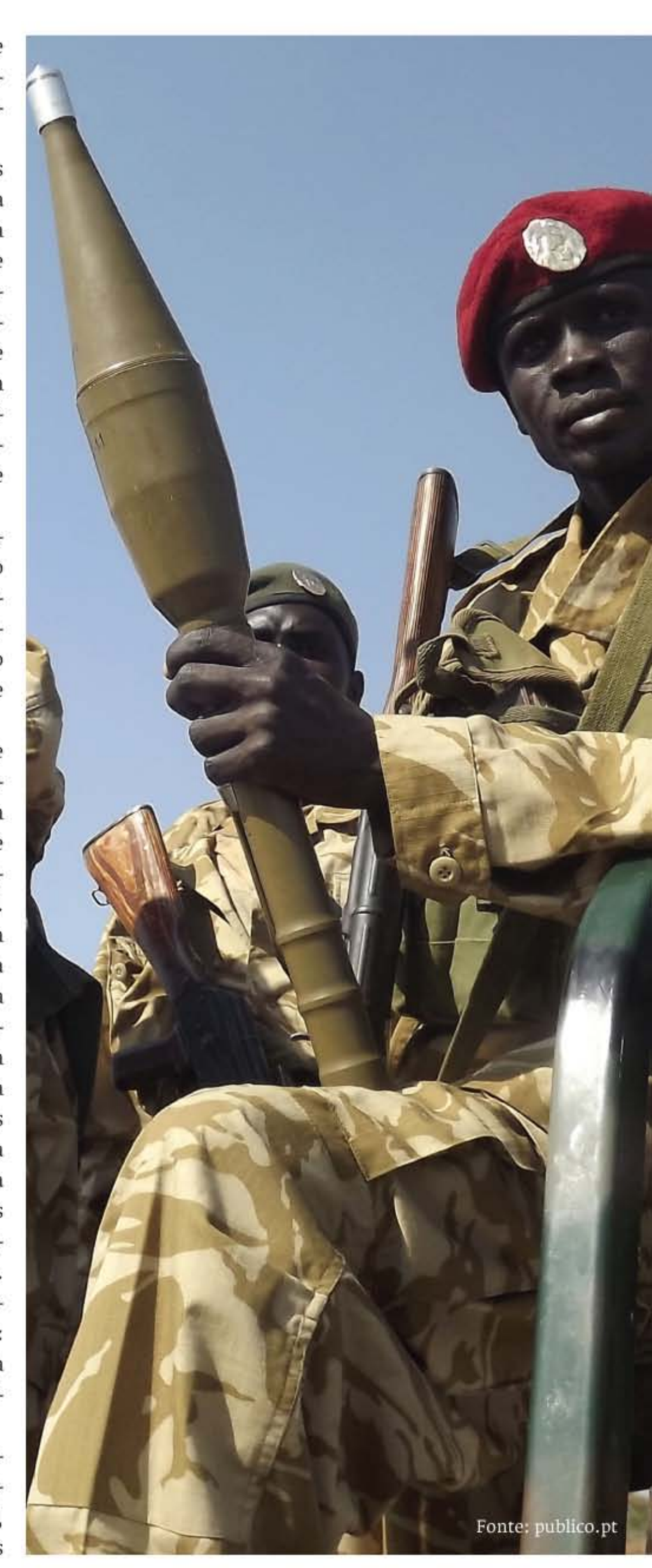
Como consequência das enormes distâncias a percorrer, o uso de unidades apeadas tem uma aplicação muito limitada. Os problemas de ordem logística também condicionam e muito o tipo de veículos a empregar pela Força: os veículos blindados têm por norma um consumo muito elevado o que reduz muito o seu raio de ação, pelo que é aconselhável o uso de viaturas com blindagem mais ligeira. Os amplos campos de tiro tiram eficácia à utilização de espingardas de assalto (especialmente calibre 5,56mm), sendo preferível o uso de metralhadoras pesadas de grande alcance.

As dificuldades logísticas obrigam a dotar todos as unidades que operam neste tipo de teatro de uma acrescida capacidade de autonomia logística. A reserva de material, de reabastecimentos, inclusive a existência de veículos carregados de todo o tipo de reabastecimento em qualquer coluna de deslocamento, é imprescindível no Sahel.

É necessário implementar aquartelamentos de tipo "austero": as bases tipo "*USA Army*" com duche diário e menus de escolha nas messes são um esforço supostamente inatingível. Inclusivamente as infraestruturas militares existentes no Afeganistão são muito melhores do que as que no Sahel.

As forças militares ocidentais apenas podem explorar poços de água locais (muitos de duvidosa potabilidade), quando têm conhecimento da sua localização (o que nem sempre é o caso), e os depósitos de abastecimento de combustíveis devem estar seguros, dentro dos aquartelamentos. Em consequência, é necessário operar em pequenas unidades (de forma a reduzir o consumo de água e combustíveis), com grande autonomia logística (o que implica capacidade de carga), porem, essas pequenas unidades devem ter uma forte capacidade e potência de fogo. Isto não é fácil de conseguir. Em princípio, pode-se conseguir atingir este objetivo empregando três medidas complementares: Uma forte dotação de armas de calibre pesado, a existência de bases de Apoio de Fogos e Apoio Aéreo.

A força quando sai para operações deve articular-se em unidades tipo secção, raras vezes em escalão companhia, limitando o número de pessoal, porém dotando a força generosamente com armas



Fonte: publico.pt

automáticas de calibre pesado (melhor o 12,7mm do que o 7,62mm), misseis anticarro, (preferível TOW ou o *Spike* ao *Milan*) e lança-granadas, ficando as espingardas automáticas para autoproteção.

A mobilidade é fator determinante para a segurança destas pequenas unidades. As distâncias em que operam, obriga-as a serem dotadas de meios de transmissões adequados (HF ou satélite). O reduzido número de efetivos destas pequenas unidades, obriga a que a Força disponha de um potencial de combate adicional para o caso da unidade ficar empenhada em combate contra uma força inimiga superior. Isto implica dispor de uma (ou várias) reserva aerotransportada (tendo em conta os inconvenientes já anteriormente referidos, para o emprego de helicópteros) e estar em condições de proporcionar um potente apoio de fogos.

A existência das Bases de Apoio de Fogos (BAF) parece ser eficaz contra a capacidade de mobilidade das forças inimigas. O melhor exemplo desta medida é o designado "muro do Sahara"[7], construído pelo reino de Marrocos para travar as incursões da Frente Polisário. O Real Exército Marroquino, colocou "portões" construindo um muro fortificado de centenas de quilómetros de comprimento, guarnecido por unidades que por sua vez são apoiadas por peças de artilharia.

Obviamente que o número de militares necessários para guarnecer esta extensão tão vasta era incomportável. A solução alternativa era adaptar o que o exército americano tinha feito na guerra do Vietname: as BAF. Estas bases tinham como objetivo proporcionar apoio de fogos a todas as unidades que se moviam dentro do raio de ação, do alcance das peças de artilharia. Desta forma, o "muro" constitui-se como o "ponte forte", enquanto nos intervalos existentes, o espaço é patrulhado com militares e sistemas ISTAR[8]. A disponibilidade de apoio de artilharia permite executar os patrulhamentos com unidades de efetivo reduzido. Perante as grandes distâncias existentes nos teatros de operações africanos é muito importante posicionar de forma muito precisa essas BAF.

O apoio aéreo é outra ferramenta muito apta para proporcionar apoio de fogos a estas pequenas unidades. Porém a escassez de infraestruturas ae-

Fonte: poderiomilitar-jesus.blogspot.com.es

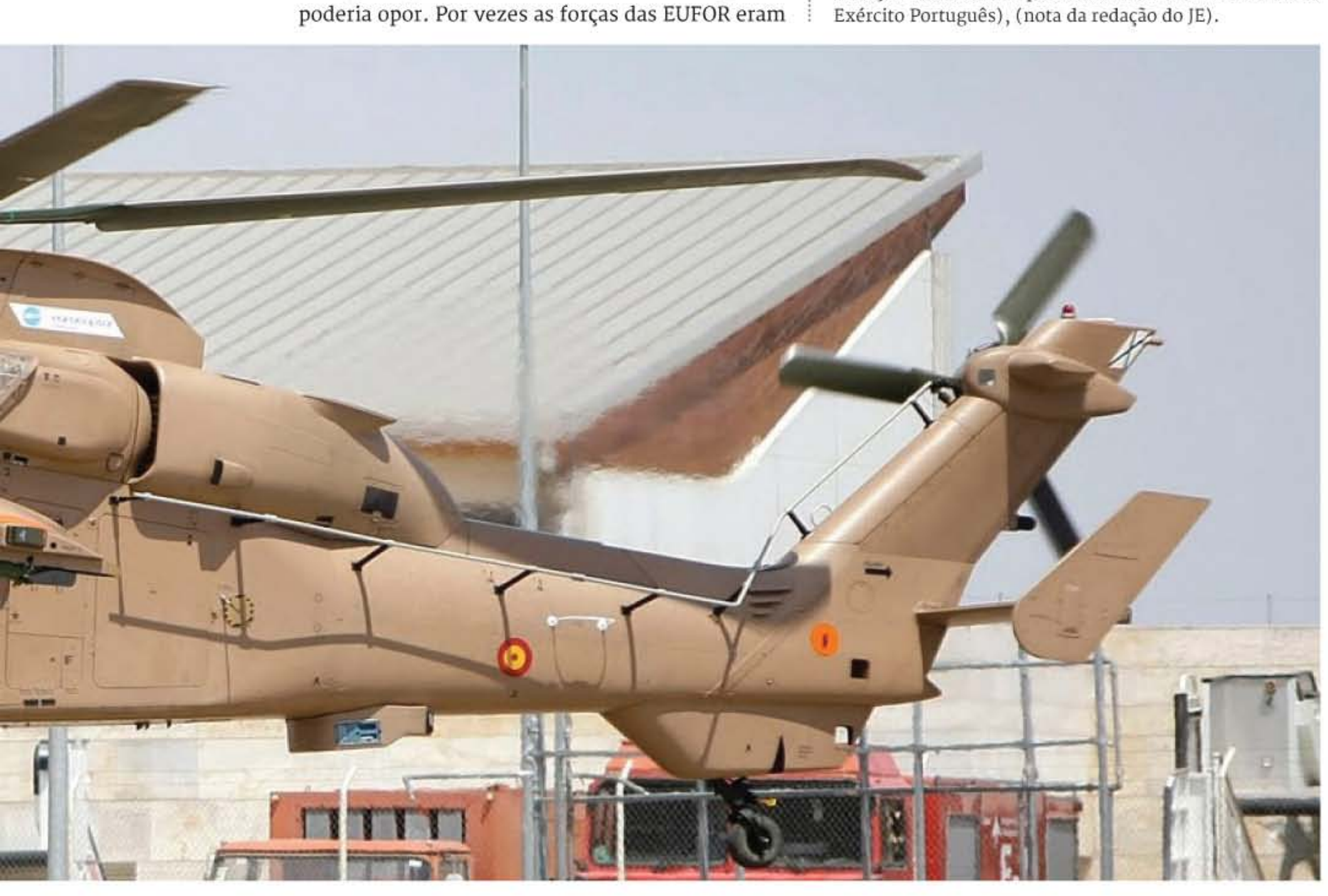
roportuárias e as limitações ao emprego dos helicópteros obriga a empregar um número significativo destes meios e à construção de infraestruturas mínimas mas imprescindíveis para a sua utilização. A utilização de meios ISTAR é fundamental, neste tipo de operações, com especial enfoque nos sistemas aéreos não tripulados (os designados UAV).

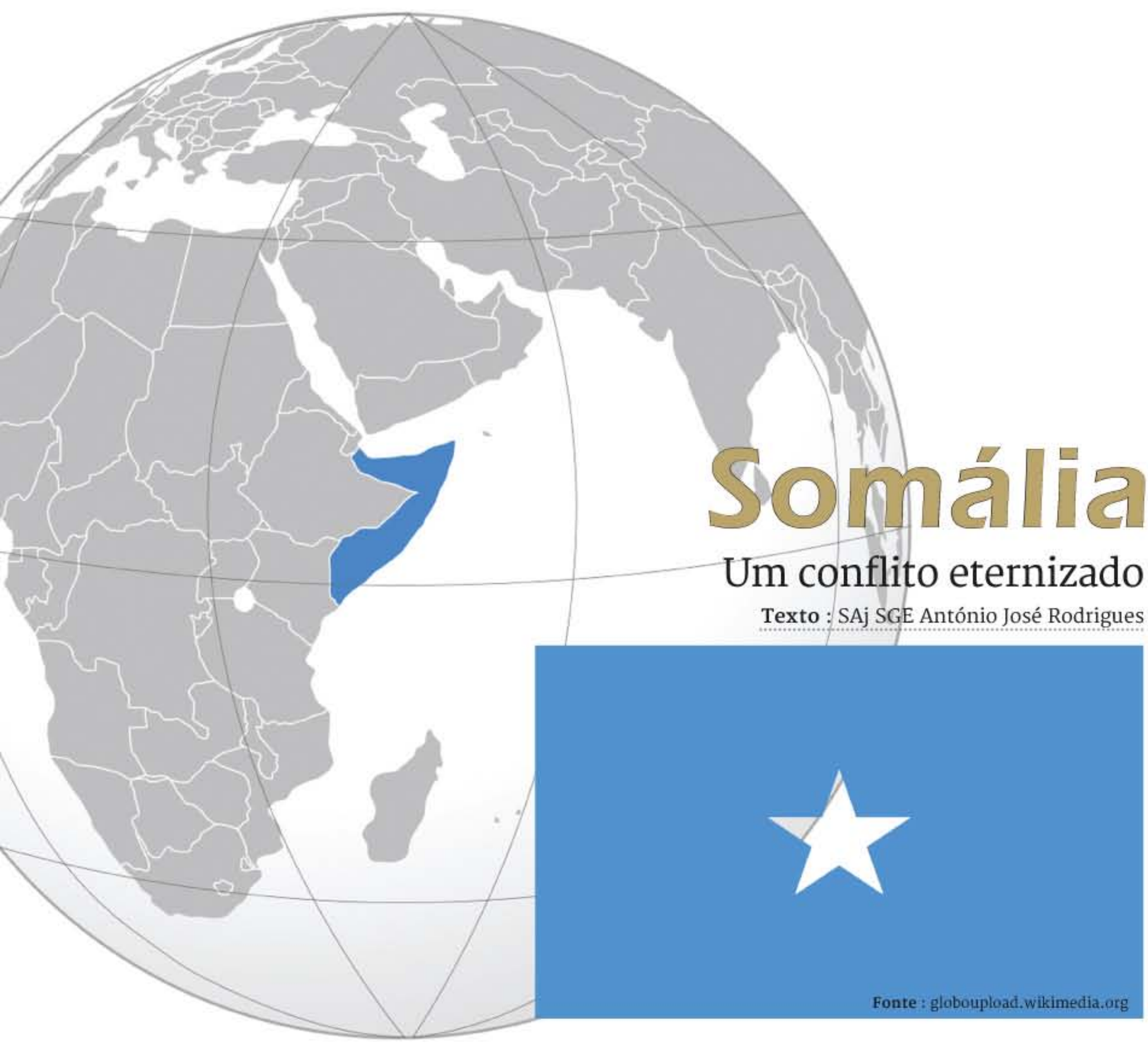
Outro fator a ter em conta é que os estados vizinhos estão perfeitamente conscientes da importância dos meios aéreos. Assim, uma das principais ameaças no caso da EUFOR era a Força Aérea do Sudão, que tinha disponíveis 24 MIG-29 que superava em muito a meia dúzia de *Mirage F-1* que a França tinha disponíveis para apoiar a missão, estacionados em N´Djamena. Também o governo chadiano – cuja atitude perante a missão da EUFOR era muito variável, reflexo das diferentes posições tomadas pelos governos dos países da União Europeia: desde considera-los "amigos" como a França, a "ditadores" como a Holanda e Suécia – tendo adquirido, na altura, aviões Su-25 e helicópteros Mi-35, aos quais os meios aéreos da EUFOR, pouco poderia opor. Por vezes as forças das EUFOR eram sobrevoadas por aeronaves a baixa altitude, numa demonstração "de quem mandava ali".

A recente experiência dos exércitos europeus no Mali, na Etiópia, na Somália, e na República Centro Africana e no Congo devem permitir extrair lições específicas para cada uma destas regiões, que podem completar as opiniões expressas neste artigo. Em consequência, o conceito de "Fronteira Avançada" tem um largo caminho a percorrer, que terá de ser feito com a contribuição e os esforços de todos.

[7] Com mais de 2.700m de comprimento e cerca de dois a três metros de altura, o "muro do Sahara" é uma longa parede defensiva, construída com partes de areia, outras de pedra, arame farpado e minas, erigido pelo reino de Marrocos na região do Sahara ocidental, para dificultar ao movimento oposicionista, Frente Polisário a sua entrada em território de Marrocos, (nota da redação do JE).

[8] Conceito ISTAR é a aquisição coordenada, o processamento e difusão oportuna de informação e Informações precisas, relevantes e seguras, que apoiam o planeamento e a conduta das operações, o ataque a objetivos e a integração de efeitos (*Targeting*), contribuindo para atingir os objetivos definidos pelo Comandante (PDE 2-60-00 do Exército Português), (nota da redação do JE).





Somália

Um conflito eternizado

Texto : SAj SGE António José Rodrigues

Fonte : globoupload.wikimedia.org

"A Somália é um paradoxo político: é um país unido à superfície e mortalmente dividido em profundidade. Trata-se do Estado-Nação mais homogéneo do planeta. Tem nove a dez milhões de habitantes, que falam quase todos a mesma língua e têm a mesma origem étnica. Mas tudo está dividido em clãs."

(Jeffrey Gettleman, *in* "O País mais perigoso do Mundo", *Courrier Internacional*, edição Nº 160, junho de 2009).

A Somália tem sido caracterizado, há mais de duas décadas, como um país em constante guerra civil, com lutas entre clãs e senhores da guerra, catástrofes humanitárias e santuário terrorista. Ao longo dos anos houve várias intervenções no país, processos de paz promovidos por atores externos e organizações regionais e internacionais, que acabaram por ser tão determinantes como os fatores internos. A existência de tantos protagonistas envolvidos no país acaba por ser um indicador da dificuldade em perceber as dinâmicas locais e encontrar soluções inovadoras que permitam gerir a crise somali.

Localizada na costa leste africana e rodeada pelo Golfo de Áden e o Oceano Índico, a Somália forma, juntamente com a Etiópia, o Quénia, o Djibouti, o Sudão e a Eritreia, uma área geográfica conhecida como Corno de África, e que assume uma importância geoestratégica vital na região, tendo implicações significativas ao nível da segurança

e da estabilidade regional e internacional. Apesar de fazer parte do continente africano, a Somália nunca se reconheceu como país africano, curiosamente identificando-se mais com o mundo árabe.

A Somália é um dos poucos países onde há uma relativa homogeneidade étnica, cultural, religiosa e linguística. Estudos antropológicos definem que a organização da Somália baseia-se sobretudo num sistema de linhagem segmentar descentralizado, o qual segue fortemente um complexo de genealogia baseado nas estruturas de clãs, geograficamente e economicamente distintas entre si. Através da sua linhagem, os somalis identificam-se com determinados clãs e sub-clãs, numa divisão contínua e dinâmica, chegando mesmo ao nível familiar, numa estrutura que depois acaba por também se corelacionar com o território, determinante para a identidade somali. De resto, os clãs sempre tiveram um papel de particular relevo na formação da Somália, intervindo socialmente a todos os níveis, condicionando não apenas o processo de tomada de decisões políticas, mas também o económico-financeiro. O sistema familiar somali de clã engloba centenas de clãs e sub-clãs, podendo variar o seu número de elementos entre cem mil a um milhão nos clãs e entre dez mil a cem mil membros nos sub-clãs. Os clãs mais antigos na Somália existem há cerca de trinta gerações, com muitos sub-clãs com perto de vinte gerações e os grupos emergentes entre as quatro e as oito gerações.

A população somali divide-se, basicamente. em duas famílias de clãs: a Somale (ou Samaale) e a Sab. Estes, por sua vez, são subdivididos em seis clãs principais: Darood, Dir, Isaq e Hawiye (da família Somale) e Digil e Rahawayn (da família Sab), que partilham entre si laços linguísticos e culturais muito consolidados. Normalmente não possuem uma estrutura fixa, e sub-clãs de um mesmo clã não significa necessariamente que sejam aliados. Este sistema complexo acaba por ser fundamental quando se pretende entender a política do país, os senhores da guerra, os movimentos sociais e os próprios grupos terroristas.

Provavelmente o maior clã da Somália, con-

Fonte : dezinteressante.com

tando com cerca de 35% da população e também o mais disperso em termos geográficos, mormente em Puntland, o clã Darood, que se dedica predominantemente à pastorícia, está dividido em 6 sub-clãs: Harti, Dhulbahante, Marehan, Majertee, Ogadeni e Warsangali. Os Dir, divididos nos sub-clãs Gadabursi, Idagale e Issa, estão maioritariamente concentrados na região da Somaliland, representando cerca de 7% da população. O clã Isaaq, dividido nos sub-clãs Eidegalla, Habr Awal, Habr Toljaala e Habr Yunis, pode ser encontrado fundamentalmente na zona oriental da Etiópia e a noroeste da Somaliland, representando sensivelmente 20% da população. O clã Hawiye, clã de origem do atual Presidente da República Federal da Somália, Hassan Sheikh Mohamud, representa cerca de 21% da população somali e domina praticamente a região da capital do país, Mogadíscio (Muqdisho, Xamar ou Maqadishu, em árabe). Encontra-se dividido em 6 sub-clãs: Abgal (o mais expressivo dos sub-clãs que, desde 1994, controla a zona norte de Mogadíscio), Ajuran, Degodia, Habr Gadir (instalado na zona sul da capital), Hawadie e Murusade. O Rahawayn representa 17% da população. Este e o Digil, preponderantemente agrícolas, normalmente conhecidos por Digil-Mirifie, encontram-se estabelecidos maioritariamente na zona sul do país, detendo menos influência na política nacional. A restante população é constituída por minorias, designadamente os Bantus e os Jareer, maioritariamente descendentes de escravos e as comunidades árabes, os Benadiri, também eles minoritários e presentes essencialmente nas regiões costeiras.

Nos últimos pouco mais de vinte anos, a Somália tem sido um terreno fértil para o desenvolvimento de atividades terroristas. Sob um clima de conflito constante, também não tem sido permitido à Somália erguer infraestruturas sólidas que permitam fomentar o desenvolvimento socioeconómico do país. A economia somali continua até hoje assente no setor primário. Num país onde escasseiam os recursos naturais, as principais riquezas somalis são a criação de gado e a produção de açúcar.

No que respeita a eventos recentes e determinantes, os anos de 2014 e 2015 têm sido profícuos em acontecimentos que voltaram, política, económica e socialmente, a recolocar a Somália nas agendas internacionais.

Fonte : d262ilb51hltx0.cloudfront.net

O primeiro diz respeito à crise humanitária, resultante sobretudo de anos sucessivos de seca intensa na região que afetou particularmente as comunidades pastoris e agropastoris, que se viram obrigadas a percorrer longas distâncias para encontrar alimento para os seus animais. Ao mesmo tempo, a redução da produção agrícola levou a um aumento do preço dos bens alimentares básicos, particularmente dos cereais. Grande parte do país é árido e muito pouco favorável à prática da agricultura, aparecendo como únicas exceções as regiões junto aos dois principais rios do país, o Juba e o Shabelle.

A agravar a situação, as chuvas torrenciais que se verificaram no final de 2014 causaram dezenas de mortes, perdas avultadas de cabeças de gado e de dezenas de hectares de terra arável, a destruição de aldeias e o desalojamento de milhares de camponeses, sobretudo na região sudoeste do país, onde as enchentes submergiram algumas aldeias e infraestruturas e danificaram as principais estradas que ligam as cidades do interior aos centros urbanos. Não tendo sido o único país a ser atingido pela seca e fome no Corno de África, a Somália foi, no entanto, aquele cuja assistência humanitária se tornou praticamente impossível de assegurar, devido aos problemas de insegurança

Fonte : static4.businessinsider.com

que se fazem sentir no território, deixando a sua população extremamente vulnerável.

Outro foco de preocupação para a Organização das Nações Unidas (ONU) e para a Comunidade Internacional (CI) é a incerteza no destino de cerca de 350 mil refugiados somalis residentes no campo de Dadaab, no Quénia, a 100 km da fronteira com a Somália, considerado o maior campo de refugiados do mundo. Após o atentado perpetrado por elementos associados à "*Harakat al Shabab al Mujahideen*" ("Movimento de Jovens Combatentes", mais comummente conhecida por *al-shabab*), à Universidade de Garissa, no Quénia, em 2 de abril deste ano, o governo queniano solicitou à ONU um prazo de três meses para fechar este campo, culpando as atuais condições ali vividas por serem facilitadoras do aumento de extremismo no país.

É quase impossível falar-se da Somália sem se mencionar a pirataria. Com sensivelmente 3.025 Km de costa marítima, esta atividade ultrapassou, durante anos, a Bacia da Somália e o Golfo de Áden, estendendo-se à plataforma da costa do Iémen, Quénia, Tanzânia e mesmo ao Canal de Moçambique onde, em dezembro de 2010, foi sequestrado o navio da empresa espanhola Pescamar, o "Veja V". As zonas mais problemáticas em termos de pirataria na Somália vão desde os arredores das cidades costeiras de Eyl e Garaad, em Puntland, até às urbes de Hobyo e Haradhere, na zona central do país.

O típico pirata somali, em busca de embarcações cujo resgate tenda a ser rentável, como navios mercantes de grande dimensão ou petroleiros, opera em grupos de quatro ou cinco elementos em cada "*skiff*" (pequenas lanchas rápidas que permitem uma aproximação em velocidade aos navios atacados) efetuando os ataques com recurso a AK-47, lança-granadas (*rocket-propelled grenade/* RPG), armas brancas e umas escadas. Apesar da maioria dos navios pirateados constituírem alvos de oportunidade, acredita-se que alguns dos grupos piratas receberiam informação (rotas, horários, cargas, tripulação e outros dados) dos portos da região, de forma a não partirem para o mar completamente ao acaso. O fenómeno da pirataria ao largo da costa somali diminuiu nos últimos anos. Para além do envolvimento da CI quer no âmbito da operação militar EUNAVFOR Somália, Operação Atalanta, quer graças ao esforços da NATO na Operação Ocean Shield, da coligação CTF 151, há vários países em missões nacionais a operar isoladamente na área, como é o caso, entre outros, dos russos, dos chineses, dos iranianos e dos indianos.

A nível politico, o empenhamento do governo somali liderado pelo primeiro-ministro Omar Abdirashid Ali Sharmarke tem-se focalizado no relacionamento com todos os parceiros estratégicos, nomeadamente com a CI, investidores externos, ONU e a missão da *European Union Training Mission in Somalia* (EUTM-S[1]). O ano de 2015 será um ano decisivo para a Somália. O empenhamento do governo federal em cumprir os programas conducentes à concretização das metas previstas no documento "Visão 2016 para a Somália" irá determinar o sucesso dos projetos de federalismo

[1] O Conselho de Ministros da União Europeia aprovou no dia 16 de março a extensão da missão de treino e assessoria da EUTM na Somália até 31 de dezembro de 2016. A missão da União Europeia na Somália teve o seu início em meados de 2010, com o objetivo de contribuir para a formação de militares das Forças Armadas da Somália, assegurar a estabilidade do Governo de Transição da Somália e, consequentemente, contribuir para incrementar a segurança na região.

e da estabilização do país. A prioridade passa por promover a manutenção do diálogo em todos os níveis de execução, para que seja possível criar condições favoráveis que estimulem a economia e garantam ao país a estabilidade e a segurança. Os maiores desafios são, nesta altura, o combate à corrupção, o combate à *al-shabab*, o reforço no apoio à situação humanitária, a recuperação económica e a retoma do emprego, a reforma dos setores da justiça e dos serviços sociais, a revisão da Constituição e a preparação para as eleições gerais em 2016.

Apesar da Somália ter como objetivo funcionar como um verdadeiro Estado federalista, a Somaliland, ao contrário de Puntland, que não tem como objetivo a independência relativamente à Somália, pretende ser reconhecida como um Estado autónomo. Os níveis de estabilidade que apresenta, as instituições políticas viáveis que governam o país, a reconstrução da região usando apenas recursos locais, constituem fatores de sucesso apenas anuviados pelo facto de a CI não reconhecer a sua independência.

Em termos de segurança, no momento atual, a principal preocupação é a emergência de grupos radicais. A insurgência desta radicalização está a preocupar não só os países que fazem fronteira com a Somália, como o Quénia[2] (Nairobi, Lamu e junto à fronteira) a Tanzânia (onde a *al-shabab* dispõe de um campo de treino em Amboni, na região montanhosa de Tanga) e a Etiópia, mas também a própria população somali, dada a ameaça que estes grupos representam para o atual momento político somali. Neste quadro, a *al-shabab*, com ligações à *al-qa'ida*, e com o qual, diz-se, nem Bin Laden quis aliança, trouxe uma nova dimensão à ameaça, sendo inquestionável a sua atividade nas regiões do sudoeste e centro da Somália, e no vizinho Quénia, não obstante os avanços verificados nos últimos anos pelas autoridades somalis em conjunto com a Missão da União Africana na Somália,[3] que tem levado à perda de alguns dos seus líderes mais proeminentes e de algum domínio territorial, particularmente em cidades bastião junto à costa, onde mantinham o seu negócio de cobrança de taxas sobre as importações e exportações de produtos a troco de armas ou dinheiro.[4] Por outro lado, configura-se uma aparente desagregação na liderança da *al-shabab*, resultante de vários conflitos internos que têm assolado o grupo nos últimos

Fonte : enoughproject.org

três anos. A essa aparente debilidade na estrutura operacional, está aliado o facto de enfrentar dificuldades em manter nas suas fileiras combatentes estrangeiros. Alguns têm desertado e inspirado outros a entregarem-se às autoridades somalis, ao abrigo da política de amnistia, com a promessa do Governo Federal de reabilitação, segurança e integração na sociedade. Por outro lado, há ainda uma maior dificuldade em recrutar novos combatentes que procuram antes palcos como a Síria e o Iraque para intensificar a sua luta sob os desígnios do *da'ish*.[5]

A *al-shabab* é o grupo mais agressivo e poderoso de todos quantos operam na Somália e no Corno de África, e também uma das milícias mais ativas e letais do mundo. O seu reportório de violência é variado e tem sido dirigido contra alvos muito específicos. Praticamente 49% dos ataques consumados pela *al-shabab* entre 2007 e 2014 foram direcionados contra objetivos militares (etíopes, quenianos, ugandeses e de outras nacionalidades integrantes da AMISOM). Outros alvos preferenciais têm sido entidades civis e empresas privadas (cerca de 26% do total dos atentados), funcionários associados a instituições governamentais (12,9%), forças de segurança (8%), empresários (6,1%), diplomatas (2,0%), jornalistas e órgãos de comunicação social (2,0%), membros de ONG, líderes religiosos e estudantes.

De entre as atividades mais mediáticas por parte deste grupo, destaca-se, entre outros, o ataque ao Centro Comercial de Westgate, em Nairobi, em 2013, que vitimou 67 pessoas e o assassinato, no dia 22 de novembro de 2014, na cidade de Mandera, no nordeste do Quénia, de 28 cristãos (19 homens e 9 mulheres), maioritariamente funcionários do governo, que seguiam num autocarro para a capital queniana. Mais recentemente, há a registar, no dia 20 de fevereiro, um ataque de VBIED[6] e PBIED[7] em Mogadíscio, no Hotel Central, localiza-

[2] Onde a *al-shabab* detém mais de 20 células afiliadas, conhecidas como "*al-hijra*", preparadas para conduzir atentados no país.

[3] *African Union Mission to Somalia* (AMISOM), em Inglês. Esta força conta presentemente com 6.233 efetivos do Uganda, 5.432 do Burundi, 4.395 da Etiópia, 3.644 do Quénia, 1.000 do Djibouti e 850 da Serra Leoa.

[4] Suspeita-se que a AS possa ter lucrado nestas permutas entre 35 e 50 milhões de dólares anuais.

[5] *Al-Dawlat al-Islamiya al-Iraq ash-Shams.*

[6] *Vehicle-borne improvised Explosive Device.*

[7] *Person-Borne Improvised Explosive Device.*

do a 200 metros do Palácio Presidencial, onde se reunia um grupo de pessoas na mesquita do hotel para realizar as orações de sexta-feira. No seguimento da explosão do VBIED, uma mulher, rececionista do hotel nos últimos meses, utilizando um colete explosivo detonou-se causando a morte a 25 pessoas e ferimentos em mais de 45. Entre as baixas encontrava-se um número significativo de figuras proeminentes da sociedade de Mogadíscio, em particular políticos.

Em 2 de abril deste ano, um ataque à Universidade de Garissa, no leste do Quénia, a 350 quilómetros a nordeste de Nairobi e a cerca de 150 quilómetros da fronteira com a Somália, resultou na morte de 148 pessoas e ferimentos em cerca de 80. A 26 de junho, uma semana após o início do Ramadão que, na Somália, tradicionalmente, é um período propenso à ocorrência de atentados, militantes da unidade de combate *Sheikh Abu Zubeyr* da *al-shabab* detonaram uma viatura armadilhada procedido da infiltração de dezenas de elementos numa base militar da Missão da União Africana em Buur Leego, a cerca de 100 quilómetros de Mogadíscio. O ataque terá causado aproximadamente meia centena de mortos, na sua maioria soldados burundianos.

Crê-se que a *al-shabab* seja coordenada e organizada através de unidades regionais independentes orientadas tanto para o interior como para o exterior, sendo que, ainda que haja uma figura nominal de liderança, a mesma seja partilhada por um conjunto de comandos locais, proeminentes no meio político-militar e com alguma autonomia para agir, o que conduz também muitas vezes a atritos dentro do próprio grupo *per si*. As técnicas a que recorre vão desde as convencionais táticas de guerrilha a ataques mais complexos, como suicídios bombistas, emprego de Engenhos Explosivos Improvisados (IED), viaturas armadilhadas, ataques do tipo "*hit and run*", fogo direto e assassinatos seletivos, até aos encontros políticos com os vários líderes dos clãs existentes no terreno para que estes cooperem com o grupo em prol da queda do governo.

Com o objetivo de controlar o terrorismo na região, em 2002 os EUA estabeleceram o CJTF-HOA (*Combined Joint Task Force-Horn of Africa*) com base em Camp Lemonier, no Djibouti, e uma outra base em Arba Minch, na Etiópia. Através desta iniciativa, têm coordenado diversas ofensivas na Somália, designadamente no campo da vigilância, recolha de Informações e ataques com recurso a drones (*predators* e *reapers*) no espaço aéreo da Somália.

Entre fracassos passados e expetativas futuras

A nível político, o Governo da Somália está empenhado em implementar a política dos seis pilares e a sua primeira prioridade é a aplicação da lei e da ordem, que inclui um reforço da segurança, a reforma do poder judicial e a adoção de práticas adequadas de governação. O empenhamento dos líderes do governo somali focaliza-se, cada vez mais, no relacionamento com todos os parceiros estratégicos.

No domínio militar, é imprescindível continuar a promover a paz e a segurança no país, objetivos para os quais muito tem contribuído a AMISOM. Esta missão de manutenção da paz visa criar as condições de segurança indispensáveis para o desenvolvimento da Somália, desempenhando ainda um papel fundamental no controlo e na contenção da *al-shabab*. No domínio económico, urge promover o desenvolvimento em áreas com algum potencial de criação de riqueza. Atendendo à excelente

Fonte : globomidia.com.br

Fonte : gazetadorossio.pt

localização geográfica do país e à extensão da sua costa, uma das áreas de maior potencial é o comércio marítimo, cuja retoma implica a revitalização dos maiores portos, nomeadamente Berbera, Bosasso, Mogadíscio e Kismayo. Como esses portos se localizam no estreito de Áden e no sudeste do país, a construção de um porto comercial na costa nordeste, expandindo um dos pequenos portos aí existentes, poderá também constituir-se como uma importante alavanca de desenvolvimento económico e até de coesão nacional, ao permitir aproximar melhor um território com muito deficientes ligações terrestres. Naturalmente, a revitalização dos portos deverá ser acompanhada pela construção de vias de comunicação que os liguem às principais áreas produtoras e consumidoras, de forma a envolver as regiões mais remotas na atividade comercial.

Não obstante as dificuldades de segurança sentidas no terreno, existe um número considerável de ONG a desenvolver projetos humanitários na Somália, desde a Cruz Vermelha Internacional, a CARE (*Cooperative for Assistance and Relief Everywhere*), os Médicos Sem Fronteiras, entre outras. Ainda assim, a ONU necessita expandir a sua presença a várias regiões do país para apoiar o processo de estabilização e a visão da organização para 2016.

As intervenções na Somália devem ser, todavia, baseadas num conhecimento concreto das realidades e dinâmicas do país e dos grupos que lá operam, o que nem sempre tem acontecido. A Comunidade Internacional dispõe agora de uma boa oportunidade para consolidar uma estratégia holística para o país, aprofundando a cooperação entre as diversas forças e entidades presentes, com vista à prossecução de um objetivo estratégico. Porém, ainda resta muito por fazer para que se consiga conferir à Somália a estabilidade de um Estado soberano e a autonomia para lidar, com alguma sustentação, com as questões internas. O combate ao terrorismo exige uma estratégia regional mais coerente, tanto na Somália como no Corno de África, de uma forma geral, para minar os avanços dos rebeldes da *al-shabab*. Até que isso aconteça, os dois próximos anos serão determinantes para ver "se e como" a Somália se tornará num Estado Federal, unificado e pacífico.

The Hunger Games: A Revolta – parte 2

Cinema; Ficção científica

Trata-se do quarto e último filme da saga Hunger Games que continua a seguir a história de Katniss Everdeen (Jennifer Lawrence), na sua luta contra a opressão praticada pelo regime e pelo presidente Snow (Donald Sutherland). Na sequência do filme anterior, a protagonista e o seu grupo de amigos mais chegados planeiam uma tentativa de assassinato contra o presidente Snow, tendo em vista a libertação dos habitantes de Panem, mesmo que isso implique o sacrifício das próprias vidas. Mas as armadilhas, os inimigos os dilemas que Katniss vai encontrar, bem como as escolhas que terá de fazer para tomar o Capitólio, vão para além da luta pela sobrevivência, trata-se, pois, do futuro da própria sociedade.

Está em exibição desde 19 de novembro, nas principais salas de cinema do país.

O homem mais procurado

DVD e blu-ray; Thriller

Adaptado do romance com o mesmo nome de John le Carré, autor de memoráveis histórias de espionagem, "O homem mais procurado" centra o conflito no *modus operandi* dos serviços secretos ocidentais no combate ao terrorismo islâmico.

Filho de pai russo e mãe chechena, Issa karpov, outrora preso e torturado, entra ilegalmente na Alemanha pelo porto de Hamburgo, atraindo a atenção das autoridades alemãs e norte-americanas que o consideram suspeito. Uma investigação sobre financiamento a grupos terroristas coloca Karpov na mira das agências de segurança ainda que subsistam dúvidas se o homem procurado é um extremista ou apenas uma vítima oprimida.

A película conta com a participação irrepreensível de Philip Seymour Hoffman, naquele que foi o seu último filme acabado (Hoffman morreu durante as filmagens de "The hunger games: A revolta") no papel de Gunther Bachmann, e de contributos muito interessantes dos atores Grigory Dobrygin, Rachel McAdams, Willem Dafoe, Robin Wright.

Star Wars: Battlefront

Jogo de ação, PS4, Xbox One, Microsoft Windows

"Star Wars: Battlefront" é um jogo de ação do tipo *shooter*, que pode ser jogado na primeira ou terceira pessoa. Trata-se da mais recente exploração do universo da série Guerra das Estrelas, decorrendo a ação em planetas já conhecidos dos amantes da saga.

A jogabilidade, embora limitada a mapas situados nos planetas – fica de fora a vertente da exploração espacial –, permite aos jogadores fazer uso de diversos veículos, terrestres ou aéreos, para que se desloquem no decorrer do jogo. É relevante salientar que o jogador tem inúmeras opções no que toca à escolha dos seus personagens: poderá jogar como soldado da resistência galáctica; como soldado imperial; ou controlando, ainda, as figuras mais icónicas da saga, como Luke Skywalker, Darth Vader, entre outros.

Apostando fortemente na vertente de jogo *online*, Battlefront é, sem sombra de dúvida, um dos lançamentos mais marcantes do ano e que mais horas de diversão promete para este Natal.

Brigada de Intervenção – Penta Campeã

Pela quinta vez consecutiva, a Brigada de Intervenção conquistou o Troféu "Comando do Exército", nos Campeonatos Desportivos Militares. Este troféu tem em vista premiar a congregação das várias modalidades desportivas, que se encontram intimamente ligadas à atividade operacional das Forças Armadas, como mote de promoção do vigor físico dos militares. No que respeita ao Exército, destina-se ao vencedor absoluto das Competições Desportivas deste ramo. É atribuído ao OCAD/Brigada/Zona Militar que, em cada ano, obtiver maior pontuação no conjunto das diferentes competições disputadas, cabendo 9 pontos ao 1º lugar, 8 pontos ao 2º lugar e, assim, sucessivamente. Neste enquadramento, a Brigada de Intervenção conquistou, novamente, este troféu, após terminar a última prova que o compunha – Duatlo BTT, Fase III com as seguintes classificações:

Primeiro lugar na competição de tiro, realizada na Escola das Armas (EA), que recebeu a missão de organizar o Campeonato de Tiro Desportivo Fase III. Neste campeonato foi muito importante o apoio prestado pela Câmara Municipal de Mafra e pela Direção do Palácio Nacional de Mafra. As referidas entidades proporcionaram um conjunto de informação turística, com especial ênfase para a Direção do Palácio, que permitiu uma visita aos participantes do campeonato;

Primeiro lugar na prova de Corta-Mato, Fase III, realizada na Brigada Mecanizada, cabendo ao 2º Batalhão de Infantaria Mecanizada a realização desse mesmo campeonato, nos dias 29 e 30 de janeiro. No total houve uma participação de 170 atletas, 38 femininos e 132 masculinos;

Primeiro lugar no Campeonato de Orientação Fase III, realizado no Regimento de Infantaria Nº 19 (RI19), em Chaves. O campeonato decorreu no período de 9 a 13 de março. Toda a competição decorreu a 100 quilómetros do RI 19, na região da Serra da Cabreira, em Vieira do Minho;

Segundo lugar no Campeonato de Pentatlo Militar Fase III, que se realizou no Regimento de Infantaria Nº 3, de 29 de junho a 3 de julho. Os níveis de resultados atingidos foram considerados bons, espelhando a salutar competição e o empenho de todos os atletas, face ao elevado teor de exigência que estas provas, no seu conjunto, exigem;

Por último, segundo lugar no Duatlo BTT, que se realizou na EA, nos dias 24 e 25 de setembro. Esta prova é dividida por um itinerário de corrida e por um troço de BTT e contou com a presença de 44 atletas (33 masculinos e 11 femininos).

Exposição "Portugal e a Grande Guerra" na Academia Militar

Entre 5 de outubro e 11 de novembro, a Academia Militar da Amadora acolheu, nas suas instalações, uma das maiores mostras realizadas em Portugal sobre a participação portuguesa na primeira guerra à escala mundial (1914-1918). Intitulada "Portugal e a Grande Guerra", a exposição foi organizada pela Câmara Municipal da Amadora, tratando-se de uma versão alargada da que foi produzida em 2014, pela Assembleia da República, em parceria com o Instituto de História Contemporânea (IHC) da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL), com a Comissão Coordenadora da Evocação do Centenário da Primeira Guerra Mundial e com o Ministério dos Negócios Estrangeiros. Para além destas entidades, a exposição contou com a participação da Direção de História e Cultura Militar (Museus Militares de Lisboa e Elvas), da GNR, da Liga dos Combatentes, da Cruz Vermelha Portuguesa, da Cinemateca e da RTP.

Tendo como objetivo primordial aprofundar o conhecimento sobre este período da história, a iniciativa deteve-se em três núcleos expositivos distintos: o primeiro focou-se, essencialmente, no conhecimento do conflito e na participação portuguesa no mesmo; o segundo, para além de destacar o papel dos pilotos formados na Flandres e que fizeram da Amadora a origem da aviação portuguesa, dá a conhecer a Escola de Guerra – antecessora da Academia Militar – entre 1911 e 1919; e, por fim, um terceiro momento realçou as condições de vida austeras dos soldados, através da reconstituição de uma trincheira real e de um percurso físico visitável.

Nos dias 16 e 17 de outubro, e no âmbito desta temática, a Academia Militar foi palco da iniciativa "Os Dias da Memória", que visou a identificação e o registo de recordações trazidas pelo público, nos mais variados formatos: desde fotografias, postais, diários, medalhas, testemunhos sonoros, entre outros. Pretende-se posteriormente a divulgação destes achados através do projeto do IHC — Memórias da I Guerra Mundial 1914-1918 — nos portais www.portugal1914.org e www.europeana1914-1918.eu/pt.

O encerramento da exposição coincidiu com o Dia do Armistício, 11 de novembro, data em que se celebra o fim do conflito que mobilizou cerca de 100 mil homens portugueses, de norte a sul do país, os quais se sacrificaram nos campos de batalha, em África e na Flandres.

A exposição "Portugal e a Grande Guerra" engrandeceu o conhecimento deste período histórico, registando a presença de 5.600 visitantes, dos quais 3.612 alunos, provenientes de 54 escolas.

PORTUGUESES NA GRANDE GUERRA 1914/1918 - ÁFRICA

TODOS DERAM MUITO, MUITOS DERAM TUDO...

Ilustrações
de Alexandre Correia Gonçalves

E foi assim que...

Incidente de Naulila, 19 de outubro de 1914.

O Alferes Sereno agarra pelas redias o cavalo do Dr. Schultze-Jena, administrador alemão da região de Outjô. Perante a ameaça em que se encontra o seu oficial, um cabo português não hesita em disparar a sua espingarda.

Em 15 de outubro de 1914, o Dr. Schultze-Jena, administrador de Outjô na colonia alemã, acompanhado por uma escolta militar acampava nas proximidades do vau de Caloeque, a cerca de 13 quilómetros a sudoeste de Naulila. Tinha ultrapassando a zona neutra sem pedido prévio, infiltrando-se desta forma em território nacional numa clara ofensa à soberania portuguesa, que não podia ser desculpada pelo desconhecimento dos limites da zona neutra.

Quando foram reconhecidos, seguiu ao seu encontro no dia 18 de outubro o Alferes Sereno com cerca de vinte militares. Este oficial que comandava o destacamento de dragões de Otoquero pertencia à Capitania-Mor do Cuamato, chegou ao local onde se encontrava o acampamento alemão, por volta das 15 horas. Com ordens para conduzir a comitiva para a sede da capitania, foi-lhe alegado pelos alemães que se encontravam naquele local, porque perseguiam um desertor alemão, e ali esperavam licença do administrador do Humbe para seguir para Lubango e desta forma estabelecer conversações com autoridades superiores às locais. Foi ainda acrescentado e criticado pelo chefe da missão, a recente apreensão de 11 carros *boers* alemães que transportavam abastecimentos para a Damaralândia. No dia seguinte, os alemães seguem com a escolta portuguesa para Naulila, pretendendo e exigindo o contacto com as autoridades superiores às locais. Ao constatarem que a sua pretensão não era satisfeita, o administrador não aceitou o convite para almoçar e procurou forçar a retirada com medo de ser internado.

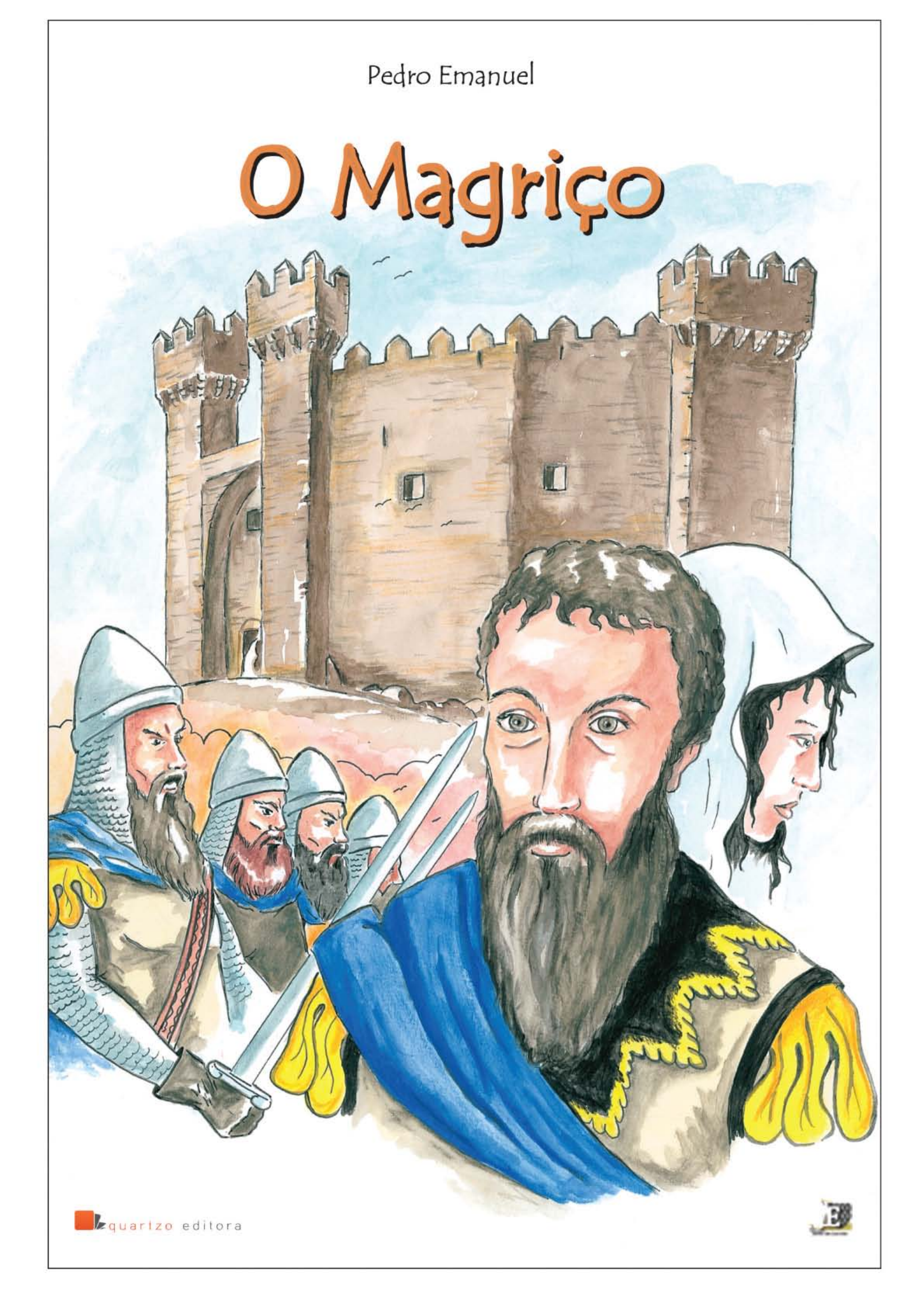
O comandante português opôs-se a esta iniciativa, que considerou agressiva. Perante a intenção dos alemães em forçar a sua debandada, os soldados portugueses reagiram e abriram fogo. Como resultado os elementos da comitiva alemã caíram todos mortos, com exceção de um soldado alemão que se conseguiu colocar em fuga.

Fonte: Fernando Rita,
Na Sombra do Expedicionário, pp. 216 e 217.

Alexandre

Pedro Emanuel

O Magriço



quartzo editora

O Magriço revisitado

Carlos Esteves de Carvalho
Presidente da Câmara Municipal de Penedono

Em qualquer comunidade há todo um património móvel e imóvel, material e imaterial que urge preservar e consubstanciar de modo a que as gerações vindouras nunca se sintam arredadas da sua identidade. Contudo, não existe uma fórmula modelo, eleita como aquela que se destaca, em detrimento de outras, no que respeita à capacidade de aglutinar e ao mesmo tempo difundir a cultura e identidade de uma determinada região.

A História de um povo, os costumes, usos e tradições que nos foram legados pelos nossos antepassados, mais ou menos distantes, chegaram até nós através de múltiplos e diversos testemunhos...

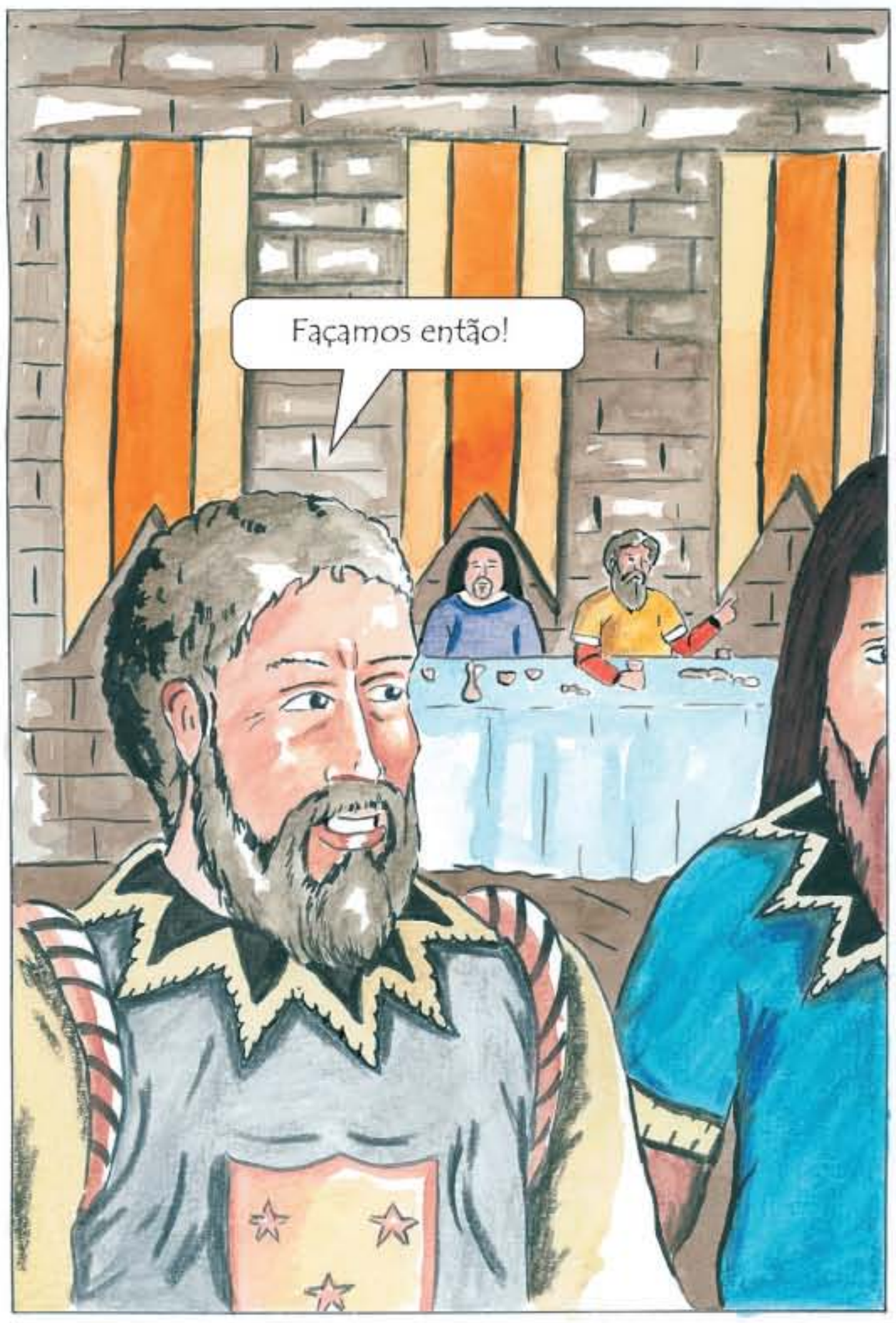
Com agrado, quero aqui manifestar o meu apreço pelo surgimento desta publicação, pois, estou convicto, que ela servirá, não só para povoar o nosso imaginário, através do relato de uma bonita lenda, como também para engrossar a parca documentação histórica sobre Álvaro Gonçalves Coutinho, "O Magriço", um dos ilustres filhos Penedonenses.

Aliás, apraz-me também registar que a temática abordada nesta obra insere-se, perfeitamente, no Plano Estratégico de Desenvolvimento Turístico, delineado para o Município de Penedono já que o fulcro do mesmo gira em torno daquele cavaleiro andante; portanto, foi dado mais um passo com vista à implementação de um projecto que ambicionamos, em primeira instância, possa vir a catapultar-nos para uma esfera turística nacional.

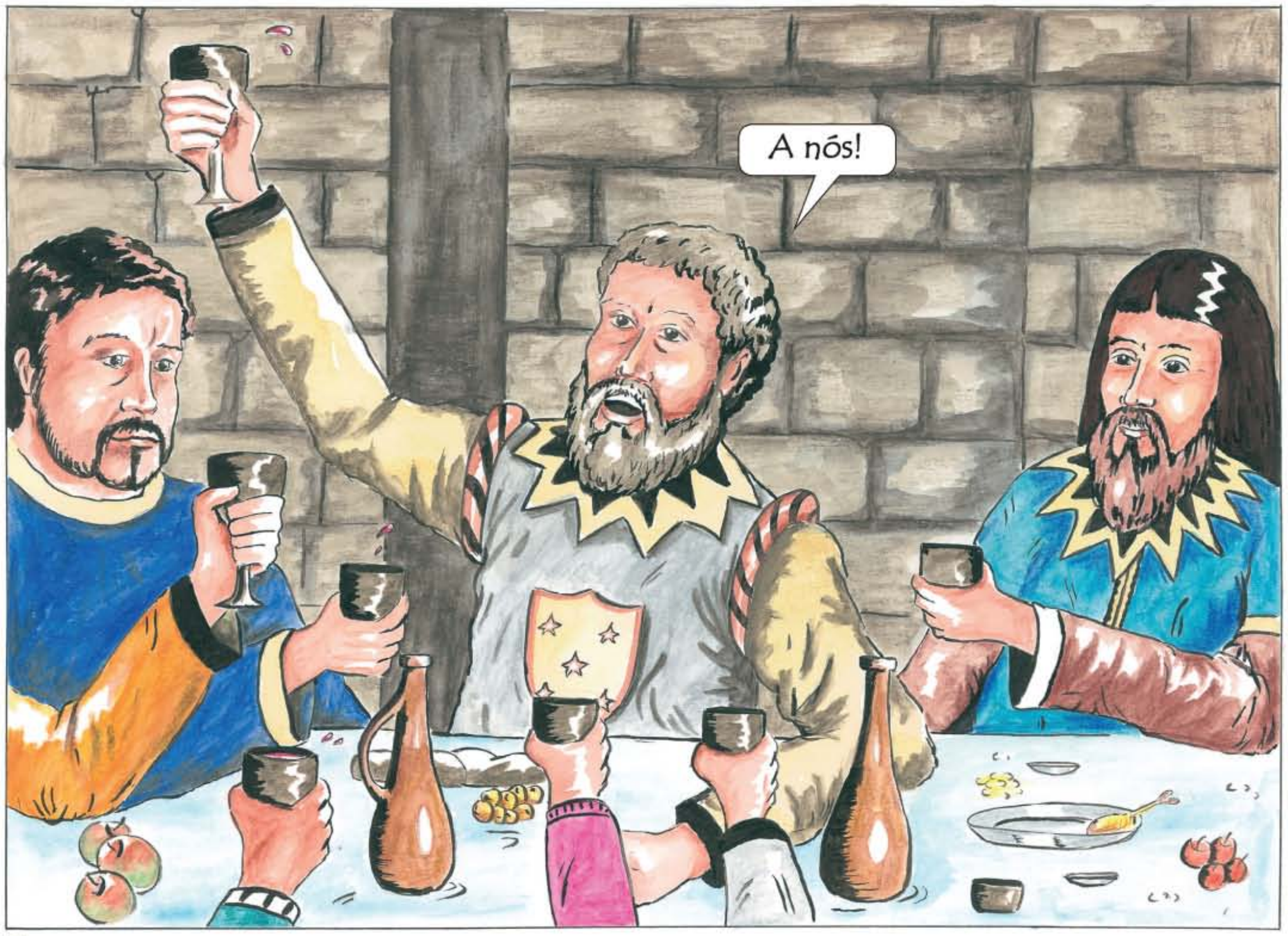
Enquanto Presidente da Câmara, e porque acredito na garra e na determinação de todos os Penedonenses, estou receptivo a outras mais iniciativas, independentemente da sua índole, que corroborem no sentido de consolidar e tornar exequível o já referido Plano... Desde já, a todos, o meu "Obrigado!".

Porém, aqui e agora, quero deixar um especial agradecimento a Pedro Emanuel, autor desta Banda Desenhada sobre o Magriço.

Penedono em 1390...


Façamos então!

A todos nós, pelas gestas que nos aguardam e pela ventura honrosa que nos há-de esperar!


A nós!

Jornal do

EXÉRCITO

Exercício Trident Juncture 2015

€2,00 (IVA incluído) – Ano LVI – JE n.º 653 – dezembro de 2015

Protocolo Santander Totta

Um acordo que vale vantagens

No Santander Totta queremos ter uma relação privilegiada com os nossos clientes através dos Protocolos Colectivos. Por isso, criámos condições muito vantajosas para si!

Santander Totta
um banco para as suas ideias

santandertotta.pt

Informe-se já.

Mensagem de Natal do General Chefe do Estado-Maior do Exército

A quadra natalícia que se avizinha é um período com elevado simbolismo e tradição na cultura nacional. É um período em que damos especial valor aos laços de amizade, fraternidade e solidariedade que nos unem. Sentimentos que em conjunto com os valores militares da honra, patriotismo, camaradagem, disciplina, lealdade e coragem moral e física, procuramos cultivar permanentemente, num quadro de dignidade, ética e profissionalismo, que nos é muito próprio.

É um tempo de congregar e celebrar a Família, no seu sentido mais lato. É a altura de reencontrar os amigos e lembrar os ausentes. Frequentemente, o tempo que lhes gostaríamos de dedicar é muito escasso, por força da disponibilidade permanente inerente à condição militar. Assim, insto todos os que podem passar esta quadra junto dos seus familiares e amigos mais próximos, a que aproveitem ao máximo este período festivo para disfrutarem da sua companhia e para viverem em conjunto o espírito natalício.

Dirijo-me primeiro a todos os militares que estando em missões fora de Portugal, nas Forças Nacionais Destacadas, nos Quartéis-Generais Multinacionais, nas representações militares, em missões de observação, de ligação e em ações de cooperação técnico-militar, e que pela força do dever e do cumprimento de missão estão, na sua maioria, impedidos de se reunir à família. A estes militares endereço o meu reconhecimento pelo profissionalismo, dedicação e patriotismo com que têm representado o Exército e dignificado o País, demonstrando generosidade e exercendo a vosso esforço em prol da segurança dos Portugueses e de outros povos.

Aos militares na reserva e na reforma sublinho que a Família Militar é um conceito que continuamos a acarinhar, pois a vida em sociedade não pode ser regida somente pela otimização de índices e orçamentos e pela busca cega da eficiência, mas tem antes de se alicerçar no reconhecimento da dignidade do ser humano, do dever de solidariedade entre gerações, da necessidade de apoio e da garantia de condições de acesso aos cuidados necessários aos elementos já mais frágeis desta Família, que se sacrificaram em prol de Portugal. A estes militares quero também deixar o meu reconhecimento sublinhando que o Exército continua a preocupar-se convosco.

A todos os militares e civis que, com competência, sobriedade e abnegado serviço público têm cumprido a sua missão dentro das nossas fronteiras, contribuindo para a eficiência e a eficácia da nossa instituição, na busca continuada do melhor préstimo ao país, quero também saudar e mostrar o meu reconhecimento.

O ano que agora termina foi um ano em que as Forças Armadas e o Exército viram aprovado grande parte de um novo enquadramento para a Defesa Nacional. Neste aspeto, a implementação da Reforma "Defesa 2020" continuará a ser o eixo principal da atividade do Exército para o próximo ano. Seguramente, as restrições económicas que se continuam a fazer sentir irão condicionar algumas das atividades do Exército e a progressão desta transformação. No entanto, a conclusão desta Reforma, sem a introdução de novas variáveis de transformação, seria uma boa novidade por proporcionar uma estabilidade de que muito necessitamos.

Desejo deixar uma nota de otimismo em relação ao futuro pois o elevado espírito de missão, profissionalismo, competência e dedicação de todos os que servem no Exército são a primeira garantia de que continuaremos a ultrapassar as dificuldades, a cumprir as missões, e a prestigiar o Exército e Portugal. Assim, encaro com muita tranquilidade e esperança o novo ano que se aproxima e, a todos os oficiais, sargentos, praças, funcionários civis do Exército e respetivas famílias, expresso os votos de um Feliz Natal e um Próspero ano de 2016.

O Chefe do Estado-Maior do Exército
Carlos António Corbal Hernandez Jerónimo
General

Monumentos aos Combatentes da Grande Guerra Montemor-o-Novo

Texto : Ass. Téc. Joana Moita

Ao avistar-se a cidade de Montemor-o-Novo fica a sensação de estar a ver-se duas povoações. Velhas muralhas, encimadas por torres, destacam-se na geografia daquela antiga vila, à qual D. Sancho I concedeu Carta de Foral, em 1203, logo após a sua fundação.

Quando Montemor-o-Novo começou a ser povoado, o rei mandou construir uma muralha de dimensões consideráveis, que albergava uma área de 12 hectares, em forma de cerca, uma vez que nas imediações estavam sediadas "terras dos mouros".

Com o passar dos séculos, nomeadamente a partir do século XVI, a população começa a registar uma forte tendência para abandonar as muralhas, ainda que tivessem sido decretadas medidas para contrariar esse fluxo, das quais se destacam: a proibição de aposentadoria dos nobres dentro da cerca; a não obrigação de serviço militar a quem se encontrasse domiciliado dentro daquelas muralhas; e a oferta de sal a quem não abandonasse aquele recinto. O efeito pretendido não foi alcançado e aquela cinta da povoação acabou por ficar desabitada.

Por seu turno, Montemor-o-Novo foi beneficiado pela chamada riqueza monumental, que se pode dividir em dois conjuntos. Por um lado, um primeiro conjunto materializa o castelo e o seu paço, que foi morada temporária dos reis D. Sancho I, D. Dinis, D. Afonso IV, D. João I, D. Duarte, D. João II e D. Manuel. Por outro lado, um segundo conjunto, de cariz arquitetónico, é constituído por sete conventos. Porém, estes foram postos à venda, durante o período liberal, pelo Ministro Joaquim António de Aguiar – mais conhecido pelo cognome de "Mata-frades".

Foi, também, em Montemor-o-Novo que se ergueu um dos primeiros monumentos em memória dos militares portugueses tombados no decorrer da Grande Guerra. Projetado pelo escultor Francisco dos Santos, o Monumento aos Mortos da Grande Guerra começou a ser construído a 9 de abril de 1921, tendo sido inaugurado dois anos mais tarde e contando, ainda, com a presença de alguns sobreviventes daquele conflito.

Inicialmente, esta obra de arte era encimada por uma "estrelinha com cinco pontas", cuja simbologia retrata a "garra e luta", a "capacidade de decisão", a "honra e coragem", a "disposição para a batalha" e a "expressão de vitória e conquista", caraterística do monumento que se manteve até à revolução de 28 de maio de 1926. Após esta data, a "estrela" foi substituída por uma "Cruz de Cristo" – símbolo da Ordem Militar de Cristo –, em metal. Contudo, em 1934, restitui-se definitivamente, àquele monumento, a sua "estrela" inicial.

O Monumento aos Mortos da Grande Guerra, de Montemor-o-Novo, encontra-se localizado "fora da cerca", na Praça Humberto Delgado e, na sua inscrição, constam os nomes dos 13 soldados, daquela localidade, tombados no decorrer da 1ª Guerra Mundial.

Sumário .05

Iraque
Aprontamento da "Secção Viriato"

Artigo do Maj Inf "Cmd" António Lourenço
Página 14

Trident Juncture 2015
Portugal anfitrião do maior exercício NATO da última década

Artigo do TCor Inf Alexandre Ramos Silva
Página 24

Grafeno
Revolução tecnológica com aplicação militar

Artigo do Ten RC Eder Sousa
Página 34

SUPLEMENTO

Banda Desenhada:
"O Magriço"
de Pedro Emanuel
Páginas V a VIII

MENSAGEM DE NATAL DO GENERAL CEME 03

MONUMENTOS COM HISTÓRIA MILITAR 04

ATUALIDADES

Destaque do mês **06**
Figuras & Factos **07**
...mais de mil palavras **08**

ARTIGOS

Matebian 15.2 **18**
Sreadfast Cobalt 15 **20**
Alvos Aéreos **38**
Manutenção Militar **40**
In Memorian **44**

CULTURA, DESPORTO E LAZER

Tradições Militares **45**
Poema de Natal **46**

Capa: Exercício Trident Juncture 2015
Foto: Sarg Mor Fernando Rosa

Jornal do Exército

ÓRGÃO DE INFORMAÇÃO, CULTURA E RECREIO DO EXÉRCITO PORTUGUÊS, CRIADO POR PORTARIA DE 14JUL60

Os artigos publicados com indicação de autor são da inteira responsabilidade dos mesmos, não refletindo, necessariamente, o pensamento da Chefia do Exército Português

PROPRIEDADE DO ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO

Direção, Redação e Administração: Rua Marquês da Fronteira, 1069-020 Lisboa, Telef: 213 567 700 Militar: 414 085, Fax Civil: 213 567 791 Militar: 414 091, *E-mail*: jornal.do.exercito@mail.exercito.pt, jornal.exercito@sapo.pt, *E-mail – Intranet*: *Jornal do Exército*, *Home page*: www.exercito.pt **DIREÇÃO – Diretor**: Cor Inf José Custódio Madaleno Geraldo; **Subdiretor**: TCor Inf Fernando Manuel da Silva Rita; **Secretária**: Ass. Téc. Joana Moita; **REDAÇÃO – Chefe**: TCor Inf Fernando Manuel da Silva Rita; **Assistentes de Redação**: 1Sar Art Anjos Das Neves; 1Sar Pes Sec Mónica Martins; **Redator** Ten RC Eder Sousa; **Operadoras Informáticas**: Ass. Téc. Elisa Pio, Ass. Téc. Guiomar Brito; Ass. Téc. Tânia Espírito Santo; **SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS – Auxiliares**: SCh SGE "Cmd" António Belém, SAj SGE Luís Silva; **COLABORAÇÃO FOTOGRÁFICA** – Lusa – Agência de Notícias de Portugal, SA; Centro de Audiovisuais do Exército; RCRPP/GabCEME; **EXECUÇÃO GRÁFICA** – MX3 – Artes Gráficas, Lda – Parque Industrial Alto da Bela Vista – Pavilhão 50 – Sulim Park – 2735-340 CACÉM, Tel: 219 171 088/89/90, *E-mail*: clientes@hmx3ag.com. Tiragem – 6.000 exemplares; Depósito Legal – nº 1465/82 ISSN – 0871/8598.

"Ciber Perseu 2015"

No período de 23 a 26 de novembro, o Exército realizou o exercício "Ciber Perseu 2015".

Este exercício de ciberdefesa tem como objetivo exercitar e avaliar a capacidade de resposta do Exército face à ocorrência de ciberataques, de âmbito nacional ou internacional que, ao afetar as comunicações e sistemas de informação que suportam o comando e controlo do Exército, ponham em causa a obtenção da superioridade de informação das forças terrestres.

O exercício "Ciber Perseu 2015" constituiu, ainda, uma oportunidade para a condução de treino especializado, fortalecendo a consolidação da edificação da capacidade de ciberdefesa no Exército e da cibersegurança nacional.

Consciente da importância crescente desta temática e seguindo uma lógica de serviço público, o Exército acolheu, com o estatuto de "jogador", a Marinha, a Força Aérea Portuguesa, a Guarda Nacional Republica, bem como um conjunto de entidades e organismos civis. Com o estatuto de "observador", o "Ciber Perseu 2015" contou com a presença de entidades tão diversas, ligadas à cibersegurança, como a Autoridade Nacional de Proteção Civil, a Polícia de Segurança Pública, o Centro Nacional de Ciberdefesa, assim como a Galp Energia, o Banco de Portugal e a SIBS (Sociedade Interbancária de Serviços, S.A.).

Da parte do Exército, este exercício compreendeu a participação do Regimento de Transmissões, sediando uma Companhia de Transmissões na Academia Militar (Amadora) durante o decorrer do exercício, e do Regimento de Artilharia nº 5, através de uma Secção de Comunicações e Sistemas de Informação, que elaborou e enviou relatórios dos incidentes recebidos no âmbito do exercício, entre outros.

No âmbito desta temática e paralelamente a este exercício, já tinha decorrido, nos dias 18 e 19 de maio, um *workshop*, apoiado pela Direção de Comunicações e Sistemas de Informação, subordinado ao tema "Ciberdefesa: Firewall Humana – formação e treino no desenvolvimento de uma visão e compreensão comum dos desafios e ameaças no ciberespaço". Esta iniciativa relevou como proposta de formação do Exército, quer individual, quer coletivamente, tendo em vista, designadamente, os utilizadores das redes ligadas à Defesa Nacional, bem como os das redes das diversas organizações com aquelas concatenadas.

Cerimónia da liga de combatentes

As Forças Armadas participaram no dia 11 de novembro de 2015, nas cerimónias comemorativas do 97º Aniversário do Armistício da Primeira Grande Guerra, do 92º Aniversário da Liga dos Combatentes, do 41º Aniversário do fim da Guerra do Ultramar e da evocação do Centenário da Grande Guerra. Tendo sido realizadas em Lisboa, junto ao Forte do Bom Sucesso, contaram com a participação do Regimento de Artilharia Antiaérea N.º 1 (RAAA1), em representação do Exército com uma força de escalão companhia.

Este evento coordenado pela Liga de Combatentes contou com a presença do Ministro da Defesa Nacional, Dr. José Pedro Aguiar-Branco, entidade que presidiu à cerimónia, e do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, General Pina Monteiro. O RAAA1 integrou ainda uma Guarda de Honra conjunta (Marinha, Exército e Força Aérea) com um pelotão, e participou igualmente com quatro elementos na deposição de flores em homenagem aos mortos caídos em defesa da Pátria.

Ciclo de conferências sobre o "25 de Novembro"

Com o intuito de lembrar e refletir sobre o 25 de Novembro de 1975, um grupo de cidadãos oriundos das mais diferentes áreas profissionais e de diversos setores de opinião promoveu um conjunto de colóquios e conferências, que aconteceram um pouco por todo o país, entre 17 de setembro e 4 de dezembro deste ano. Os impulsionadores da iniciativa António Barreto, João Salgueiro, Luís Aires de Barros, Luís Valença Pinto, Manuel Braga da Cruz e Vasco Rocha Vieira consideram necessária uma reflexão sobre este momento histórico, que, tal como referem em comunicado, com o 25 de Novembro o "ideal democrático do 25 de Abril voltou a vigorar como orientação do processo de transição".

Assim, e no âmbito desta temática, realizou-se em 18 de novembro, no Auditório Marquês de Sá da Bandeira, no Aquartelamento da Academia Militar na Amadora, o seminário "25 de Novembro: As Forças Armadas e a Consolidação da Democracia Portuguesa", organizado pela Academia Militar (AM) e presidido pelo Chefe do Estado-Maior do Exército, General Hernandez Jerónimo. Este seminário iniciou-se com uma alocução do Tenente-General Rodrigues da Costa, Comandante da AM, seguindo-se um painel de ilustres oradores, respetivamente: Dr. Jaime Gama, General Valença Pinto, e Professor Doutor Adriano Moreira, moderado pelo Major-General João Vieira Borges.

Importa, também, referir a conferência "O 25 de Novembro e a região Norte", organizada por Valente de Oliveira, e que no passado 26 de novembro teve lugar no Salão Árabe do Palácio da Bolsa, no Porto.

08.

Fonte : SMor Serrano Rosa

Trident Juncture 2015

Com um sistema eletrónico que permite à viatura fazer a seleção automática dos eixos que executam a tração, *Central Tire Inflation System* que permite alterar a pressão dos pneus, *Threat Detection System* com capacidade para detetar se a viatura foi alvo de uma ameaça laser inimiga (de vários tipos que vão dos infravermelhos aos telémetros, entre outros), supressão de incêndio com acionamento automático em caso de explosão, bem como retardamento de travagem e proteção contra elementos NBQ, a Viatura Blindada de Rodas (VBR) Pandur 8x8 é um compêndio tecnológico que se revelou um auxiliar importante para as forças militares portuguesas, durante a participação no exercício Trident Juncture 2015.

Com efeito, a tecnologia esteve em destaque durante este exercício militar da NATO, que teve Portugal como cenário de operações e que envolveu cerca de 36.000 efetivos.

LIX Reunião de Estados-Maiores

Decorreu de 10 a 12 de novembro, em Madrid, a LIX Reunião de Estados-Maiores Peninsulares. A delegação do Exército Português foi chefiada pelo Major-General Isidro de Morais Pereira e, da parte espanhola, pelo General de División, D. Fernando Jose Lopez Del Pozo.

Nesta reunião bilateral de Estados-Maiores, foi analisada a cooperação bilateral resultante da última reunião e levantados os temas e atividades entre os dois exércitos, para o próximo ano. Foram ainda abordadas algumas iniciativas em que os dois exércitos participam ou que têm interesses em comum.

O encontro, como é apanágio de anos anteriores, decorreu em ambiente de grande entendimento e cordialidade.

Aberturas Solenes dos Anos Letivos 2015/2016 da Academia Militar e da Escola de Sargentos do Exército

Realizou-se, em 4 de novembro, no Auditório Marquês de Sá da Bandeira do Aquartelamento da Academia Militar na Amadora, a sessão solene de Abertura do Ano Letivo 2015/2016 da Academia Militar (AM). Na sessão, presidida pelo Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Hernandez Jerónimo, estiveram presentes altas individualidades do Exército, representantes de prestigiadas instituições do ensino superior civil e militar nacional entre outros ilustres convidados, civis e militares.

Deu-se início à cerimónia com a alocução do Tenente-General Comandante da AM, seguida da tradicional "Lição Inaugural", intitulada: "Dois séculos e um quartel", proferida pelo Tenente-Coronel João Rocha. Seguiu-se a habitual entrega das Cartas de Curso e Diplomas aos Alunos que concluíram os respetivos cursos, bem como a entrega dos Prémios Escolares aos alunos que mais se distinguiram no ano anterior. A abertura do ano letivo da AM serviu também para, uma vez mais, recordar o episódio do assalto à Escola de Guerra, em 1915, através do lançamento oficial do livro "O Assalto à Escola de Guerra: 1915-2015", efetuado pelo coordenador da obra, o Professor Catedrático António José Telo.

Em 13 de novembro realizaram-se, na Escola de Sargentos do Exército (ESE), as Cerimónias de Abertura Solene do Ano Letivo 2015/2016 e de Encerramento do 42º Curso de Formação de Sargentos das Armas e Serviços. As referidas cerimónias foram presididas pelo General CEME, General Carlos Jerónimo. Durante o evento foi feita a entrega dos diplomas finais de curso e respetivos cintos de cerimónia aos novos Sargentos do

Exército Português, sendo também distinguidos os alunos que mais se evidenciaram em diferentes áreas de conhecimento.

O General CEME descerrou uma placa, no Auditório da ESE, que ostenta o nome do 2º Sargento José Paulo dos Santos, militar que a título póstumo, foi agraciado com o Grau de Cavaleiro, com palma, da Ordem Militar da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito pela forma abnegada como, em 16 de abril de 1963, no decorrer de um combate e ao aperceber-se de uma granada de mão defensiva lançada pelo inimigo, se lançou sobre ela evitando, com o sacrifício da própria vida, a morte dos seus subordinados.

A Artilharia Antiaérea no Exercício Trident Juncture 2015

Na Cimeira de Gales da NATO, em 2014, os Estados-membros da Aliança Atlântica reafirmaram o compromisso no âmbito da defesa coletiva, de forma a garantir segurança a todos os Aliados. Para o efeito, e face às ameaças atuais, a Aliança definiu um nível de ambição que tem, como tarefas principais a Defesa Coletiva, Gestão de Crises e a Segurança Cooperativa.

O exercício Multinacional de Alta Visibilidade TRIDENT JUNCTURE 15 (TRJE15), que decorreu entre 3 de outubro e 6 de novembro, foi o maior exercício da história da NATO pós-Guerra Fria,envolvendo cerca de 36.000 militares originários de mais de 30 países aliados e parceiros da NATO, tendo sido empregues cerca de 230 unidades, 140 aeronaves e 60 navios. O principal objetivo do exercício consistiu em demonstrar a preparação e a interoperabilidade das capacidades aliadas para a defesa coletiva e gestão de crises, dando uma resposta conjunta as ameaças presentes e futuras.

Para além de ter sido umas das nações hospedeiras para o TRJE15, Portugal participou com forças dos três Ramos das Forças Armadas. O Regimento de Artilharia Antiaérea Nº 1 (RAAA1) integrou a participação do Exército neste exercício, desde a sua génese até à sua fase de execução, contribuindo com uma Bateria para a proteção de Artilharia Antiaérea de uma Brigada Multinacional Canadiana, a qual desenvolveu uma Operação Ofensiva, treinando e testando as suas competências enquanto força de reação da NATO (NATO Response Force – NRF). A participação do RAAA1 contou com mais de uma centena de militares e cerca de trinta viaturas, em Território Nacional, mais precisamente no Campo Militar de Santa Margarida, na fase de execução, e no estrangeiro, nomeadamente no Canadá, na Noruega, na fase de planeamento e na estrutura de controlodo exercício TRJE15.

Tomada de Posse de Comando no Regimento de Cavalaria 6

O Coronel de Cavalaria António de Almeida Domingues Varregoso tendo sido nomeado "por escolha", por despacho de 7 de outubro, do CEME, General Hernandez Jerónimo, para o cargo de Comandante do RC6, assumiu as funções no dia 10 de novembro.

O Comandante foi recebido à Porta de Armas pelo TCor Cav Jorge Ferreira, 2º Comandante e pelo SMor Cav Mário Costa, Adjunto do Comandante.

Em formatura geral na Parada Mouzinho de Albuquerque, o Regimento na sua máxima força prestou as honras militares ao Comandante.

O Comandante do RC6 recebeu o Estandarte Heráldico do Regimento das mãos do 2º Comandante, tendo referido no seu discurso o orgulho de comandar o Regimento.

A cerimónia terminou com o desfile das forças em parada perante o novo Comandante do RC6, seguindo-se na Sala de Honra, a apresentação de cumprimentos por parte das delegações representativas de Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis da Unidade, ao que se seguiu a Revista Geral da Unidade.

Cerimónias de Juramento de Bandeira

Decorreu no dia 6 de novembro, na Parada Leste da Escola das Armas, o Juramento de Bandeira do 2º Turno do Curso Especial de Formação de Oficiais e Curso de Oficias em Regime de Voluntariado e Contrato (2ºT CEFO/CFO RV/RC 2015). A cerimónia foi presidida pelo Comandante da Escola das Armas, Brigadeiro-General Nunes Henriques.

Ainda no mesmo mês realizaram-se as cerimónias de juramento de bandeira alusivas ao contingente do 3º Curso de Formação Geral Comum de Praças do Exército. Decorreram por essa razão cerimónias no Regimento de Infantaria Nº 10, no Regimento de Paraquedistas e no Regimento de Comandos, cujos eventos contaram com um efetivo respetivamente de 95, 86 e 50 Soldados Recrutas.

No que diz respeito à cerimónia de Juramento de Bandeira realizada no Regimento de Comandos, há que salientar que a mesma foi precedida pela cerimónia da entrega ao Comando da Brigada de Reação Rápida do Estandarte Nacional que ficou à guarda da Força Nacional Destacada para o 1º Contingente Nacional que esteve durante seis meses no Teatro de Operações do Iraque, no âmbito da missão *Operation Inherent Resolve*.

A cerimónia realizada no Regimento de Comandos foi presidida pelo Comandante das Forças Terrestres TGen António Xavier Lobato de Faria Menezes. Nos RI10 e RParas, as mesmas foram presididas pelo Major-General Cardoso Perestrelo, Comandante da Brigada de Reação Rápida.

"Zarco 152"

No período entre 13 e 20 de novembro, o Comando Operacional da Madeira (COM) levou a efeito, na Ilha da Madeira e do Porto Santo, o exercício de nível operacional e tático, de âmbito conjunto dos três ramos das Forças Armadas, "Zarco 152", da responsabilidade do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas.

Visando adequar as respostas militares às situações de crise impostas pelo cenário, e no âmbito dos planos de contingência do COM, o exercício teve como finalidade a exercitação do planeamento e da execução de operações militares conjuntas para:

- Intensificação da vigilância do espaço estratégico de interesse nacional permanente;
- Reforço da vigilância e do controlo do espaço estratégico de interesse nacional permanente;
- Resposta a agressões à soberania nacional, de âmbito limitado.

Constituíram-se, entre outros, como objetivos principais do Exercício "Zarco 152", os seguintes:

- Exercitar a condução de uma operação conjunta em que o Comandante Operacional da Madeira exerça o grau de comando e controlo previsto nos planos de contingência elaborados pelo COM;
- Exercitar a estrutura do COM, no planeamento e execução de missões de Operações de Resposta a Crises, na sua área de responsabilidade.

Operações de Treino Combinado da Kosovo Force Tactical Reserve Manoeuvre Battalion (KTM)

No dia 6 de novembro a *Kosovo Force Tactical Reserve Manoeuvre Battalion* (KTM) participou no treino combinado *Multinational Multi-ship Operation Flight Training*, juntamente com as unidades de aviação integrantes da KFOR e a *Multinational Specialized Unit* (MSU).

Este treino integrou-se no ciclo de preparação das diversas unidades da KFOR para o Exercício SILVER SABER, que irá ocorrer no final do mês de novembro do presente ano, e teve como derradeiro objetivo assegurar a interoperabilidade entre todos os meios aéreos disponíveis no Teatro de Operações do Kosovo e as duas Unidades da Reserva Tática da KFOR (MSU e KTM) em operações de controlo de tumultos.

Participaram neste treino mais de 250 militares da KFOR em três localizações diferentes: Camp Slim Lines (CSL), Camp Film City (CFC) e Camp Vrelo.

Durante a tarde de dia 6 de novembro, um Pelotão da BCoy, companhia de manobra portuguesa, foi projetado de CFC para Camp Vrelo juntamente com uma unidade escalão companhia da MSU. Em simultâneo, a CCoy, companhia de manobra húngara, efetuou uma projeção terrestre desde CSL para Camp Vrelo.

No final do evento, o balanço feito pelas unidades participantes foi francamente positivo, tendo sido cumpridos os objetivos estabelecidos pela KFOR e, em particular, pela KTM.

Palácio Vilalva recebe conferência da Fundação Eugénio de Almeida

No passado dia 17 de setembro, o Palácio Vilalva foi palco de mais uma conferência desenvolvida pela Fundação Eugénio de Almeida, subordinada ao tema "A Reforma dos estudos da Casa Pia de Lisboa na provedoria de José Maria Eugénio de Almeida: primeira imagem da escola primária moderna". Este evento teve como objetivo abranger outra dimensão das ações desenvolvidas pela família, como foi o caso do exercício do lugar de Provedor da Casa Pia de Lisboa, entre 1859 e 1872, por José Maria Eugénio de Almeida, no âmbito do qual realizou uma profunda reforma dos estudos e do ensino nesta instituição, reforma que se mantem ainda hoje como uma referência. Para o efeito a Fundação convidou o Professor Carlos Manique da Silva, investigador do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, que acedeu à apresentação.

Em 2013 a Fundação Eugénio de Almeida comemorou os 50 anos da sua criação e o centésimo aniversário do nascimento do seu instituidor, Vasco Maria Eugénio de Almeida. Um dos pontos altos dessas comemorações foi a realização de uma conferência sobre a figura de José Maria Eugénio de Almeida, bisavô do Instituidor da Fundação, proferida pelo Professor José Miguel Sardica, conferência que teve lugar no Palácio Vilalva, amavelmente cedido para o efeito pelo Chefe do Estado-Maior do Exército àquela data. O sucesso da iniciativa, bem como a importância de continuar a aprofundar o conhecimento sobre a história da família Eugénio de Almeida, uma das mais poderosas e influentes do século XIX em Portugal, levou à realização habitual de conferências por parte da instituição, sempre no Palácio de São Sebastião da Pedreira, ou Palácio Vilalva, principal residência da família em Lisboa até 1947, espaço que foi cedido pelo Exército Português para acolher estas iniciativas.

Iraque

Aprontamento da "Secção Viriato"

Texto : Maj Inf "Cmd" António Paulo Lourenço

Desde 13 de maio, dia de Nossa Senhora de Fátima, que 30 militares do Exército português se encontram integrados numa unidade de legionários espanhóis aquartelados na Base "Gran Capitan" situada num dos campos de treino militar do Iraque em Besmayah situada a cerca de 60 quilómetros de Bagdade.

O grupo de militares portugueses, designado de "Secção Viriato", é comandada pelo Major de Infantaria "Comando" António Paulo Lourenço, militar com uma larga experiência em missões internacionais e é constituído por 20 militares dos Comandos, cinco paraquedistas, dois militares da arma de artilharia, dois militares de operações especiais e um da arma de cavalaria.

Estes militares portugueses deslocaram-se para o Iraque no âmbito da operação internacional *Inherent Resolve*, superiormente autorizada pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas e ao abrigo de Portaria nº 275/2015, de 27 de abril, do MDN determinando que o Chefe Estado-Maior General das Forças Armadas fica "...autorizado a empregar e sustentar, em apoio da formação e treino das Forças Armadas iraquianas, como contributo de Portugal para a Coligação Internacional – Iraque, um contingente constituído por um efetivo até 30 militares e dois oficiais para ligação destacados nos quartéis-generais adequados, pelo período de um ano...", publicada no Diário da República, 2.ª série N.º 91, de 12 de maio de 2015.

A força internacional na qual os militares portugueses estão integrados tem como missão a formação e treino das *Iraq Security Forces* (ISF) na luta contra as várias manifestações de terrorismo e de ameaça à paz naquele país.

propagadas pelas ações do DAESH[1] desde 2014.

Planeamento

A informação existente sobre a missão atribuída ao Contingente Nacional (CN) era escassa, pelo que o CN procurou obter resposta a algumas questões para poder elaborar o programa de aprontamento.

As questões que influenciaram a seleção do CN e a elaboração do programa de aprontamento foram:

Enquadramento da Missão

O tempo dado para a preparação da força e a informação das condições de vida no campo de Besmaya enquadram a força na "capacidade expedicionária"[2]. Esta informação teve influência na decisão da Brigada de Reação Rápida em considerar uma força de militares Comandos como a mais adequada para liderar o processo. Os militares que integraram a EOP [3] na vertente formadores/treino foram selecionados tendo como base a exigência física do teatro, a capacidade psíquica e a capacidade técnica para o cumprimento duma missão desta tipologia.

Militares das ISF a treinar

Os programas de treino visavam a preparação para o combate de Batalhões de Infantaria das ISF, nomeadamente em Tiro de Combate, *Tactical Combat Life Saver* (TCLS) e Técnica de Combate, em particular para os militares pertencentes às ISF que estivessem estado afastados do treino operacional, por razões várias. Neste aspeto constatou-se que a equipa de formadores portugueses já detinha as capacidades técnicas para a missão, sendo apenas necessário fazer a adequada adaptação aos programas de treino já definidos e em uso pelo Contingente Espanhol.

Ameaças existentes

O ciclo de treino planeado previa o seguinte faseamento: seleção de "recrutas"; recompletamento e integração na Brigada e treino e projeção para a frente de combate. A seleção ("*Veting*") para integrar as ISF, foi criada pelos Estados Unidos, considerando que com a frequência de recompletamentos, o processo poderia vir a tornar-se sequencialmente mais permissivo.

Neste contexto as ameaças podem ser de âmbito interno, designadas por *green on blue*, nas forças a treinar, ou de nível externo, em fações ou células que pretendam, de alguma forma, evidenciar a sua atividade na área, no pressuposto de que campos militares com forças internacionais são sempre alvos remuneradores.

A primeira tipologia de ameaça tem impacto direto no treino das tarefas individuais, nomeadamente ao nível do tiro de combate em que deve ser dada maior importância ao treino de tiro reativo.

A segunda tipologia de ameaça a proteção começa por aquilo que está ao alcance da cada militar, a proteção individual, com o permanente uso do capacete e colete balísticos, sempre que se esteja em missão no exterior do aquartelamento.

Tipo de terreno

Inóspito e desértico, com temperaturas médias (nos últimos 10 anos) de 35ºC, sendo as médias máximas de 50ºC. Nos meses de junho e julho os meses mais quentes do ano ocorreram registos de temperaturas a chegar aos 64ºC.

Influencia a escolha do equipamento individual para este tipo de terreno, nomeadamente:

– Utilização de *Combat Shirt* [4] com o Colete Balístico [5];

– Utilização de um Colete Balístico de Assalto, que com a mesma proteção balística é mais aberto o que permite ter maiores áreas de respirabilidade corporal. Esta tipologia de colete pela sua ergonomia e peso aumentam a mobilidade do militar o que diminui o tempo de exposição em caso de ameaça;

---

[1] DAESH: Acrónimo em árabe para a conhecida sigla inglesa ISIS (Estado Islâmico do Iraque e do Levante).

[2] Capacidade expedicionária – (...) é a capacidade para, rapidamente, projetar forças para qualquer ponto do globo, para satisfazer os compromissos internacionais assumidos por Portugal. Para garantir esse objetivo as forças terrestres devem dispor de um conjunto de forças equipadas e treinadas para que, dentro dos prazos estabelecidos, possam ser projetadas para fazer face aos compromissos assumidos e também a situações imprevistas.

[3] EOP: Estrutura Orgânica de Pessoal.

[4] *Combat Shirt* é uma peça roupa, desenvolvida pelo exército americano, para ser usada por baixo do uniforme de combate e feita com capacidade de resistência às chamas e ao mesmo tempo permitir uma maior transpiração do corpo em ambientes de combate com temperaturas elevadas.

[5] Colete Balístico.

– Utilização de "*Combat Boots*". Em temperaturas muito elevadas melhoram o conforto para quem tem que caminhar ou estar longos períodos de pé com peso. Melhoram a respirabilidade da perna (são só até ao tornozelo), mantêm o pé seco, ou praticamente seco, diminuindo drasticamente as situações de micoses ou cozeduras interdigitais;

– Utilização de sistemas de hidratação (3lts) dentro de mochilas de pequenas dimensões (15lts). O sistema de hidratação deve ter abertura longitudinal de topo por forma a permitir a colocação de 2 garrafas (500ml) congeladas inteiras. Esta situação permite ao militar dispor de água fresca durante mais 4 horas;

– Capacete balístico de menores dimensões com proteções amovíveis em espuma da alta densidade no interior, antialérgicas, com sistema de aperto e ajustamento horizontal das tiras em redor da cabeça mediante botão rotativo localizado na zona occipital do capacete, compatível com a utilização de óculos balísticos.

Infraestruturas - O Campo Treino Tiro de Besmayah

A área de treino das ISF compreende uma área de 250 km², com infraestruturas de tiro para as várias tipologias de sistemas de armas, nomeadamente, tiro de pistola, espingarda, tiro atirador especial até aos 800 mts, metralhadora ligeira e pesada, tiro de RPG-7, morteiros 60, 82 e 120mm, tiro de carros de combate, tiro com aeronaves de asa rotativa. As carreiras de tiro dispõem de sistemas de alvos fixos, *pop-up*, alvos elétricos em carris, alvos fixos (carros de combate), de acordo com a tipologia de tiro a efetuar. Dispõem ainda de uma estrutura para treino de combate urbano com munição real.

Tempo disponível para Aprontamento

Com a projeção inicial prevista para o dia 1 de abril de 2015 (verificou-se a 7 de maio de 2015) o programa de aprontamento foi elaborado para três semanas.

Decorrente da informação recolhida foram levantadas as tarefas administrativo-logísticos e as tarefas essenciais a treinar durante o escasso tempo disponível para o efeito.

As tarefas administrativo-logísticas abrangeram a preparação sanitária dos militares, os exames toxicológicos, a elaboração de passaporte, que para o caso da missão em causa exigiu o passaporte diplomático, receção do material e equipamento atribuído para a missão.

As tarefas chave a treinar para a missão, decorreram da análise da informação existente sobre a ameaça próxima e afastada do CTTB, e do equipamento individual atribuído para a missão, que apesar dos esforços tidos aos mais variados escalões de comando, não pode ser alterado de acordo com as necessidades listadas anteriormente.

Lições Identificadas

Pelas caraterísticas expedicionárias da missão e ser considerado que ainda há um longo caminho a percorrer nesta matéria foram, no final do aprontamento, listadas "Lições Identificadas", por forma a facilitar aprontamentos futuros desta natureza:

– Forças com caraterísticas expedicionárias, com tempos de projeção curtos para TO de elevada exigência física e anímica, têm que ter atribuído um lote de material individual e coletivo para poderem ser projetados para qualquer TO, sem terem que depender de decisões e procedimentos de aquisição;

– O material deve estar efetivamente à disposição força, para que no Aprontamento seja experimentado, testado e ajustado para que os militares tirem do mesmo o máximo rendimento;

– O Aprontamento deve permitir, temporalmente, incluir linguística, com militares orientados para as várias possibilidades de emprego (inglês, espanhol, francês, árabe ou outros achados necessários);

– Deve ser considerada, na DIF [6], a opção pelo padrão de camuflagem "*multicam*", que se enquadra em todas as tipologias de cenários atuais.

No final do aprontamento e apesar de todas as dificuldades vivenciadas a FND OIR foi considerada *Combat Ready*, tendo sido projetada para o início da sua missão, a 7 de maio de 2015.

[6] DIF: Dotação Individual de Fardamento atribuída a cada militar para determinada missão.

Matebian 15.2

Componente terrestre das F-FDTL em operações defensivas

Texto : Assessoria da CTM Projeto 4

No passado dia 28 de setembro de 2015 iniciou-se o exercício MATEBIAN 15.2 da Componente Terrestre, marcando o arranque de um novo ciclo de treino operacional nas F-FDTL: as operações defensivas. Setembro, outubro e novembro são por excelência os meses fortes para a prática de exercícios de campo nas F-FDTL, período este que coincidiu com a vinda dos assessores temporários, permitindo um apoio próximo por excelência aos baixos escalões, nomeadamente secção e pelotão, contribuindo não só para o melhoramento da performance técnico-tática mas também para reforçar o espírito de liderança na componente terrestre.

Apesar da deslocação da força para o terreno ter ocorrido no dia 28, o mesmo iniciou-se duas semanas antes, com um forte contributo da assessoria portuguesa do projeto 4, nomeadamente na preparação de uma Escola Preparatória de Quadros sobre Defensiva para Oficiais e Sargentos ministrada pelos assessores temporários, nomeadamente o Ten Silva e o Ten Ribeiro e num apoio muito próximo a todo o estado maior feito pelo Maj Campos, Cap Viana e SAj Custódio em todo o processo de decisão militar para o planeamento do exercício.

Apoiado nos moldes das ordens de operações do Exército Português e respetivos produtos, a mesma englobou um cenário fictício em que Timor Leste havia sido invadido por forças inimigas de um país vizinho que lutava por recursos naturais, dando realismo ao exercício. Todas as fases de preparação do exercício foram sempre criadas com um sentido de integração entre portugueses e timorenses, motivando ainda mais as partes envolvidas, obrigando todo o estado-maior da Componente Terrestre a planear como se de uma operação real se tratasse. A motivação para planear

Fonte : blogspot.com

foi acrescida porque servirá certamente de molde para futuras operações reais, pois a Componente Terrestre teve recentemente essa experiência durante quatro meses com a operação Hanita de onde retirou diversas lições aprendidas.

A Companhia Bravo foi a escolhida pela Componente Terrestre para participar com um maior número de forças como unidade de manobra, com um efetivo de 91 militares, apoiados pelo Estado-Maior e parte da Companhia de Comando e Serviços (CCS) da Componente, elementos da Componente de Apoio de Serviços e a força cenário que era constituída com base em militares da CCS.

O exercício decorreu na região de Venilale mais concretamente em Mount Caitia pertencente ao distrito de Viqueque e o terreno apresentava excelentes características para a prática de treino de operações defensivas, facilitando a construção de abrigos e dificultando a aproximação das forças inimigas.

Este exercício foi ainda um teste à recém criada Companhia de Comando e Serviços pois até à data todo o apoio logístico provinha da Componente de Apoio de Serviços, exterior à Componente Terrestre. Esta CCS para além do apoio específico, garantiu ainda uma força de cenário, constituindo-se como um dos "braços armados" do oficial de informações da Componente para a injeção de incidentes.

O exercício iniciou-se com o movimento para o local, a 28 de setembro de 2015, pelas 13h30, em coluna de marcha que partiu da Componente Terrestre em Baucau chegando ao destino em no mesmo dia, pelas 16h00, decorrendo de acordo com o que tinha sido planeado. Após o habitual reconhecimento de comandantes, os militares começaram a ser distribuídos ao longo do setor defensivo onde iniciaram os trabalhos de preparação das posições defensivas conforme indicações superiores.

Os trabalhos prolongaram-se pelo resto do dia e a melhoria dos abrigos nos restantes dias que se seguiram, sempre com o apoio dos assessores temporários Ten Silva e Ten Ribeiro que passaram constantemente nas posições defensivas referindo aspetos que podiam ser melhorados e que de imediato eram cumpridos pelos militares timorenses sempre com grande empenho e dedicação. Ao passarmos pelos vários abrigos perguntávamos ao Comandante de Secção quando é que estariam terminados, e todos eles brilhantemente respondiam: "um abrigo nunca está terminado".

Ao longo do exercício foram injetados vários incidentes para testar o estado de reação da força aos diferentes escalões (Secção/Pelotão/Companhia), fazendo sentir à cadeia de comando a importância dos esboços e respetivas cartas de tiro. Os diversos incidentes obrigavam ainda à produção de um ciclo de relatórios que "alimentaram" o estado-maior que esteve permanentemente apoiado pelo Maj Campos, pelo Cap Viana e pelo SAj Custódio.

O Cap Hélio Costa, de Los Palos, da Componente Terrestre, para este exercício foi nomeado Chefe do Posto de Comando Tático e foi responsável pela gestão do estado-maior e coordenador dos incidentes que foram injetados à força. Nos momentos de pausa foi-nos confessando em privado que apesar de ter participado ativamente na operação Hanita como Comandante de Companhia, tinha pouca experiência operacional, mas que todos os dias trabalhava no sentido de melhorar cada vez mais. E disse-nos ainda que conseguiam melhorar se exercitassem mais a língua portuguesa e houvesse mais oportunidades para fazer formações em Portugal.

A 2 de outubro de 2015 realizou-se a cerimónia de encerramento do exercício, que teve como agenda a visita às posições por parte do 2º Comandante da Componente Terrestre Major Valente, seguido de uma demonstração tática por parte da companhia Bravo que constava de uma rotura de combate seguido de um contra-ataque numa zona de morte previamente estabelecida. Durante a demonstração foram empregues todos os meios de simulação disponíveis (granadas e munições de salva) e evacuação de feridos para a área da retaguarda.

A população das aldeias mais próximas do local, assim como as autoridades locais foram convidadas a assistir à demonstração, convite que teve grande aderência e que permitiu mais uma vez reforçar os laços existentes entre a população e as F-FDTL.

Na formatura de encerramento da cerimónia e em jeito de agradecimento pelo trabalho desenvolvido pelos militares portugueses do projeto 4, foram-nos dirigidas palavras de apreço que nos deixaram orgulhosos da instituição que representamos e altamente motivados para continuar a apoiar o crescimento sustentado da Componente Terrestre e das F-FDTL.

Steadfast Cobalt 15

Participação nacional no exercício

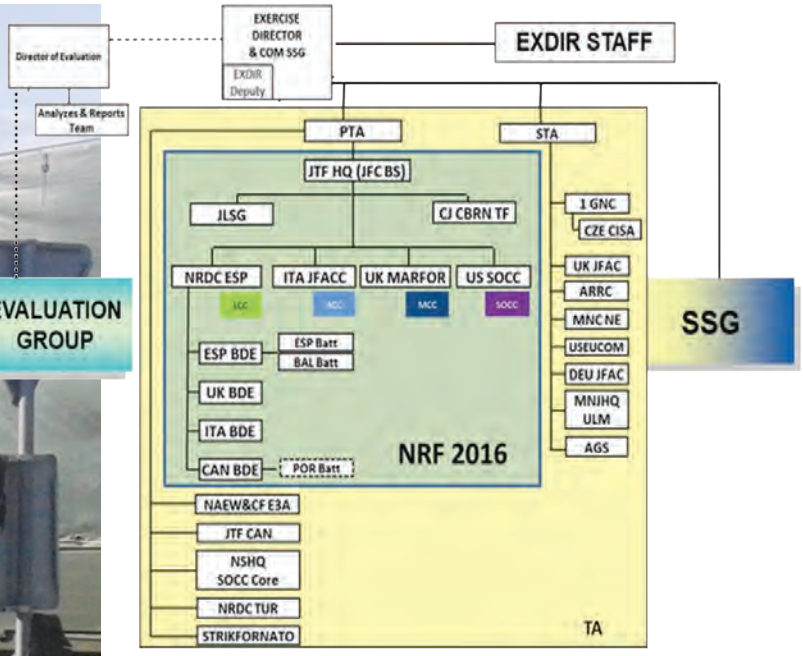
Texto : Cap TM (Eng) Sílvia Andrea Teixeira Gomes

O STEADFAST COBALT 15 (SFCT15) é um exercício internacional de interoperabilidade das Comunicações e Sistemas de Informação (CSI) da responsabilidade do *Allied Command for Operations* (ACO). Tem como finalidade testar a interoperabilidade do NATO C2/C4ISR/CIS [1], sendo concebido como um exercício de CSI projetáveis, conduzido a três níveis (estratégico, operacional e tático) no apoio ao Comando e Controlo (C2) de uma *NATO Non-Article V Major Joint Crisis Response Operation* (CRO), primariamente sob o conceito *NATO Response Force* (NRF), mas também sob o conceito *Joint Command and Control Capability* (JC2C).

Este exercício SFCT15 foi concebido pera testar, treinar e avaliar a capacidade de projeção CSI em apoio do Comando NATO e dos HQ de toda a Estrutura de Forças NATO para a NRF2016.

Esta edição do SFCT para além de manter o conceito de treino dos níveis estratégico e opera-

Fonte : wp.mil.pl



cional, tal como vem a ser feito há já alguns anos, incluiu, pela primeira vez, o nível tático (escalões Brigada e Batalhão). Os objetivos finais a alcançar foram dois: testar e validar a capacidade de apoio CSI e a interoperabilidade dos meios para o exercício TRIDENT JUNCTURE 15 (TRJE15), e que será mantida para a NRF2016, e testar e avaliar a interoperabilidade CSI com o nível tático.

A estrutura de Direção e de Comando e Controlo do exercício está apresentada na imagem seguinte.

Este ano o exercício Steadfast Cobalt decorreu nas instalações do 100th *Signal Battalion Headquarters*, em Walcz, Polónia, entre 4 de maio e 5 de junho de 2015, contando com a presença de 39 organizações (incluindo 25 nações) e cerca de 1000 participantes.

- Participantes NATO:

EXDIR (NCISG, SHAPE, JFC BS, JFC NP, ACT, NATO HQ, AIRCOM, LANDCOM, MARCOM);

1 NATO Signal Battalion (1NSB) Elements;

3 NATO Signal Battalion (3NSB) Elements;

NATO Communication and Information Agency (NCIA) Elements;

NATOAirEarlyWarningComponent(NAEW&FC);

NATO Air Ground System (NAGSMA;

- Participantes Multinacionais:

Multinational Corps North-East (MNC-NE);

1st German-Netherlands Corps (1GNC);

STRIKFORNATO (SFN);

NATO Special Operations Headquarters (NSHQ);

Multinational Joint Headquarters Ulm (MNJHQ ULM);

- Nações participantes:

NATO Rapid Deployment Corps, Spain (NRDC--ESP);

[1] C2/C4ISR/CIS – Command and Control/Command, Control, Communications, Computers, Intelligence, Surveillance and Reconnaissance/Communications and Information Systems.

NATO Rapid Deployment Corps, Turkey (NDRC-TUR);

NATO Rapid Deployment Corps, Italy (NRDC--ITA);

Allied Rapid Reaction Corps (AARC);

German Joint Forces Air Component (DEU JFAC);

United Kingdom Joint Forces Air Component (UK JFAC);

Italian Joint Forces Air Component (ITA JFAC);

United States European Command (US EUCOM);

United States Special Operations Command (US SOCC);

United Kingdom Maritime Force (UK MARFOR);

United Kingdom Brigade (UK BDE);

Spanish Infantry Brigade (ESP BDE);

Baltic Battalion (BAL BTL);

Joint Task Force Canada (JTF CAN);

Portuguese Battalion (PRT BTL);

Czech CIS Agency (CZE CISA);

CJ-CBRN Task Force (POL);

Italian Brigade (ITA BDE);

Slovak Armed Forces Headquarters (SVK HQ).

Portugal tem a responsabilidade de aprontar uma Batalhão de Infantaria para integrar a NRF2016 (2BIMec(R)/NRF16), missão que foi cometida pelo Exército à Brigada de Intervenção (BrigInt).

Como aprovado por despacho do TGen CFT, a participação nacional no exercício SFCT15 seria materializada com uma célula de comunicações representativa de uma Unidade de Escalão Batalhão (constituída por elementos da BrigInt) pertencente à Brigada Canadiana, tal como previsto para o exercício TRJE15. Durante as reuniões preparatórias de coordenação foram levantados os requisitos para a participação dos Batalhões ficando estabelecido que estes participariam apenas em testes rádio (VHF, HF e TACSAT).

Desta forma, o Regimento de Transmissões (RT) participou entre 22 de maio e 29 de maio de 2015 no exercício SFCT15, na Polónia, com uma delegação de três militares pertencentes à CTm/BrigInt. Durante este período foram efetuados tes-

Fonte :dvidshub.netdvidshub.net

Fonte : static.dvidshub.net

tes em VHF e HF (apenas em voz) com o rádio P/PRC-525 com as Brigadas Canadiana, Espanhola, Inglesa e Italiana e com o Batalhão Báltico (Estónia). Para além disso foi levada a cabo uma sessão de nivelamento para a utilização do rádio HARRIS 117F (TACSAT) e foram efetuados testes com este mesmo equipamento.

A participação no SFCT15 foi muito proveitosa e extrapolou em muito os resultados positivos dos testes, quer pela experiência e conhecimentos adquiridos em trabalhar num exercício NATO, com semelhanças mas também inúmeras diferenças daqueles que fazemos em território nacional, mas também pela mais-valia ao permitir o entrosamento entre militares de diferentes países (nomeadamente o caso da Brigada Canadiana), que ainda este ano estarão novamente a trabalhar juntos no TRJE15.

24.

Trident Juncture 2015

Portugal anfitrião do maior exercício NATO da última década

Texto : TCor Inf Rui Alexandre Ramos Silva

Enquadramento

Na cimeira de Gales da NATO, em 2014, as nações reafirmaram o compromisso no âmbito da defesa coletiva, em garantir segurança a todos os aliados, tendo sido definido um nível de ambição cujas tarefas principais são a Defesa coletiva, a Gestão de crises e a Segurança Cooperativa.

É neste contexto que surge o exercício *Trident Juncture* 2015 (TRJE15), o maior exercício da história recente da NATO, pós-Guerra Fria, e o evento militar de maior visibilidade realizado em 2015, envolvendo toda a estrutura de comando da Aliança e que contou com a participação de cerca de 36.000 pessoas, de mais de 30 países Aliados e Parceiros, envolveu mais de 12 organizações internacionais, agências de auxílio e organizações não-governamentais, comprovando o compromisso e a contribuição da NATO para uma abordagem abrangente no âmbito da segurança internacional.

As componentes Aérea, Terrestre, Marítima e de Operações Especiais de vários Quartéis-generais NATO participaram simultaneamente em diversas localizações para treinarem num ambiente complexo com vista a melhorar todo o espectro de capacidades da Aliança.

Embora no início, face à conjuntura política internacional no momento, os países do Leste tenham pretendido a realização do exercício junto à fronteira com a Rússia, uma ação diplomática conjunta entre Portugal, Espanha e Itália com a concordância dos Estados Unidos, determinou que o TRJE15 fosse realizado no flanco Sul europeu da Aliança.

Neste processo, as capitais do Sul da Europa evidenciaram os seus interesses estratégicos que passam, em particular, por garantir a estabilidade na margem Sul do Mediterrâneo, na conturbada área do Sahel, onde têm vindo a emergir ameaças diversas como o narcotráfico, a pirataria, a emigração ilegal e o terrorismo transnacional, designadamente no Golfo da Guiné, ou até mesmo as sensíveis situações político-sociais vividas em países como a Líbia, Iraque e Síria, onde as atrocidades cometidas pelo auto proclamado Estado Islâmico, têm tido um impacto ímpar na opinião pública internacional.

Organizado com o apoio de três nações hospedeiras - Itália, Espanha e Portugal – e dirigido

Fonte : CAVE

pelo *Supreme Allied Command Transformation* (SACT), o TRJE15 teve ligação com outros exercícios que foram conduzidos simultaneamente, na Bélgica, Canadá, Alemanha, Holanda, Noruega e no mar, no Oceano Atlântico e no Mar Mediterrâneo.

Tendo como moldura a conjuntura política do momento, o exercício teve como principal objetivo a nível militar, demonstrar a capacidade da NATO em planear, gerar, preparar, projetar e sustentar forças e meios atribuídos, em qualquer região do globo.

Calendarização

Realizado entre 28 de setembro e 6 de novembro, o exercício foi conduzido em duas fases distintas:

a. Fase I - *Command Post exercise* (exercício em carta ou de Postos de Comando), que decorreu de 3 a 16 de outubro, para certificação da NATO *Response Force* 16 (sigla em inglês: NRF16) e do *Staff* do Quartel-general do *Joint Force Command Brunssum* (JFCBS), centrado em Beja, no Regimento de Infantaria 3, para onde foi projetado o elemento avançado do JFCBS, tendo permitido exercitar a capacidade de projeção, num cenário de operações de resposta a crises, empregando todas as componentes numa operação de grande envergadura (*Major Joint Operation*);

b. Fase II - *Livex Exercise* (com tropas no terreno), realizada de 21 de outubro a 6 de novembro, permitiu demonstrar a capacidade da NATO para treinar e operar num ambiente de grande complexidade, conjunto e combinado (multinacional).

Reforço da Política de Transparência da NATO

De acordo com o Documento de Viena da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), de 2011, os exercícios militares com efetivos superiores a 9.000 militares devem ser notificados aos Estados membros da OSCE com 42 dias de antecedência em relação ao seu início, e sujeitos a observação a partir dos 13.000 militares.

Como os países da Aliança respeitam estas con-

dições, observadores militares de países membros da OSCE e de países como a Argélia, Bielorrússia, Brasil, Colômbia, El Salvador, Emirados Árabes Unidos, Marrocos, Mauritânia, México, Sérvia e Tunísia, foram convidados a assistirem ao *Trident Juncture* 2015, tendo cada nação hospedeira recebido a visita de uma equipa de inspetores de nacionalidade russa na fase II - *Livex*, e permitido que fossem inspecionadas várias atividades militares integradas no exercício.

Participação Nacional

Na sequência de um Despacho do Primeiro-Ministro de Portugal e de um Despacho-Diretiva do Ministro da Defesa Nacional, coube às Forças Armadas a responsabilidade do planeamento, preparação e execução no âmbito nacional do TRJE15, tendo sido encarado como um desafio para a Aliança e uma prova de elevada exigência pelo repto que constituiu para as Forças Armadas portuguesas.

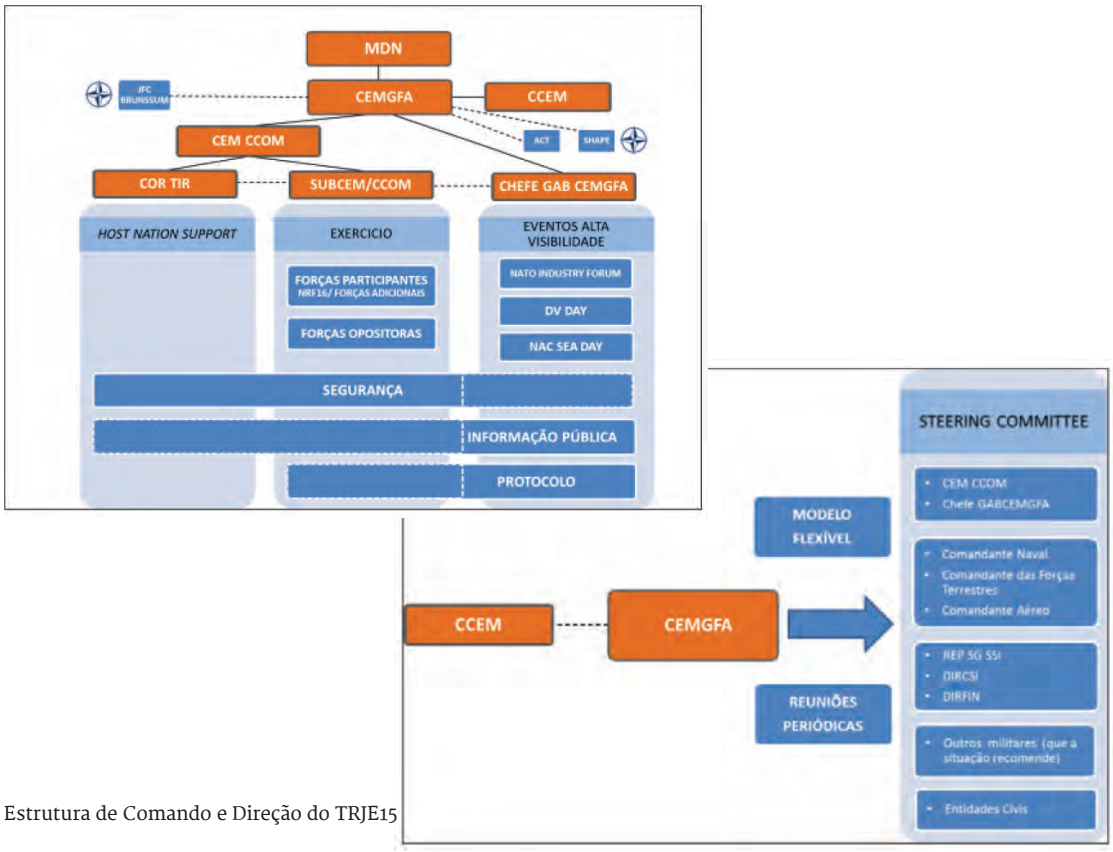
A fase nacional de planeamento do TRJE 15 teve o seu início em maio de 2014, no Vale do Lobo, Algarve, com a realização da primeira conferência, que contou com a presença de 291 participantes, representantes das forças armadas dos 28 países da NATO.

Nesta fase, que pôs à prova a capacidade de planeamento, organização e execução, a nível nacional, de um exercício desta envergadura, designadamente no domínio militar, foi essencial o contributo e a colaboração de outras instituições tuteladas por outros ministérios, cuja coordenação foi assegurada pelo Ministério da Defesa Nacional (MDN).

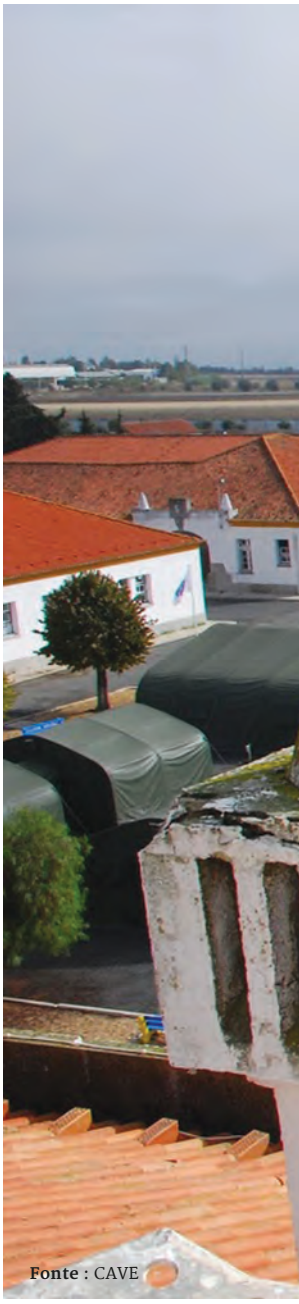
Às Forças Armadas portuguesas, foram atribuídas duas áreas gerais de participação e uma mais específica, que foram objeto de coordenação particular com as autoridades regionais e locais, tendo em vista a sua oportuna informação, preparação e apoio.

A primeira área geral caracterizou-se pelo apoio da nação hospedeira à realização do exercício, tendo sido proporcionadas as condições adequadas à receção, permanência e retração dos contingentes internacionais recebidos por Portugal como nação anfitriã.

A segunda área geral teve em consideração a participação de forças e meios no exercício, designadamente as que constam dos compromissos nacionais para as NATO *Response Forces* (NRF), bem



Estrutura de Comando e Direção do TRJE15



Fonte : CAVE

como outras forças adicionais, incluindo as que desempenharam o papel de forças opositoras, explorando e potenciando todas as oportunidades de treino para a componente operacional das Forças Armadas. Tal permitiu demonstrar as capacidades militares existentes e em desenvolvimento, tendo evidenciado as valências da estrutura da componente operacional do sistema de forças nacional.

A área mais específica teve a ver com o planeamento e apoio à realização dos eventos de alta visibilidade associados ao exercício. Neste âmbito salientam-se o Dia de Visitantes Ilustres, designado por *Distinguished Visitors Day* (DVD) e o *NAC Sea Day* (Dia do *North Atlantic Council* no Mar), que decorreram em simultâneo no Ponto de Apoio Naval de Troia (PANTROIA), no dia 5 de novembro de 2015, e que contaram com a visita de centenas de entidades civis e militares da estrutura da Aliança, dos diferentes países Aliados e Parceiros, de agentes da comunicação social nacional e internacional, salientando-se a presença do Secretário-Geral da NATO, do Presidente da República portuguesa, do Ministro da Defesa Nacional e dos Chefes Militares nacionais.

Na dimensão geográfica, o exercício decorreu com maior expressão na região sul do território nacional – nas regiões de Santa Margarida, Beja e Pinheiro da Cruz, no mar - na região de Tróia e na costa ocidental a Sul de Setúbal e nos espaços aéreos correspondentes às regiões referidas.

Para levar a efeito as muitas e complexas tarefas que decorreram desta responsabilidade, o Estado-Maior-General das Forças Armadas (EMGFA) constituiu-se como entidade primária de planeamento e coordenação, tendo contado com a indispensável participação da Marinha, do Exército e da Força Aérea, através das respetivas capacidades operacionais a cujos meios coube o papel principal nas fases de execução.

Contributos Nacionais

Para além dos meios nacionais integrados na NFR 16 constituídos por uma Fragata, um Batalhão de Infantaria Mecanizado e seis Aeronaves F-16, Portugal participou ainda com meios adicionais e apoio de infraestruturas como a Base Aérea Nº 11, as instalações militares em Pinheiro da Cruz, o Campo Militar de Santa Margarida, o Ponto de Apoio Naval de Troia e o Regimento de Transportes.

Em Portugal participaram cerca de 13.400 militares de 14 nações da Aliança, dos quais 3.200 nacionais diretamente envolvidos no exercício, e 10.200 de nações Aliadas.

A participação adicional incluiu forças de Operações Especiais, duas Companhias de Fuzileiros, uma Companhia Geral de Cooperação Civil-Militar (CIMIC), um Esquadrão de Carros de Combate, um Grupo de Artilharia de Campanha, uma Companhia de Paraquedistas, uma Companhia de Engenharia de Pontes, uma Companhia de Defesa Nuclear, Biológica, Química e Radiológica (NBQR), uma Bateria de Artilharia Antiaérea, uma aeronave P3 de patrulha marítima, um helicóptero EH-101 Merlin, um Comando Tático Móvel e um Centro de Controlo e Relato da Força Aérea.

No papel de forças opositoras, Portugal participou com um submarino, uma Companhia de Fuzileiros, três navios patrulhas, um Batalhão Mecanizado, um F-16 e uma Unidade de Proteção de Força, totalizando cerca de 900 militares nacionais.

Os navios nacionais percorreram mais de 9.200 milhas, num total aproximado de 1.100 ho-

Fonte : SMor Serrano Rosa

ras de navegação. O Submarino realizou 300 horas de imersão e o helicóptero orgânico da Fragata, cerca de 40 horas de voo. Tiveram ainda lugar mil saltos de paraquedas, 50 ações de treino de fogos reais com armas ligeiras e carros de combate, mais de 50 ações de treino tático com Unidades de Escalão Brigada e Batalhão, 144 saídas de aeronaves, 8 missões de operações especiais e 15 atividades de treino, salientando-se o tiro de armas ligeiras, a técnica de *fast rope*, o mergulho e a navegação tática em botes.

Conclusão

O TRJ15 foi o culminar do treino, avaliação e certificação de comandos e forças, nomeadamente da NRF 16, e teve por finalidade primária melhorar as competências e capacidades a nível operacional, através do planeamento, condução das operações, avaliação e tomada de decisão militar, no quadro de um cenário político-militar complexo. Por outro lado, contribuiu para apresentar à NATO áreas de treino disponíveis em território nacional, com pré-requisitos de segurança e dimensão adequados para o efeito.

No final do exercício, e tendo por mote os intuitos políticos inicialmente definidos, o nível militar contribuiu para que tivessem sido alcançados os objetivos em cada um dos seguintes ambientes:

a. Ambiente Externo

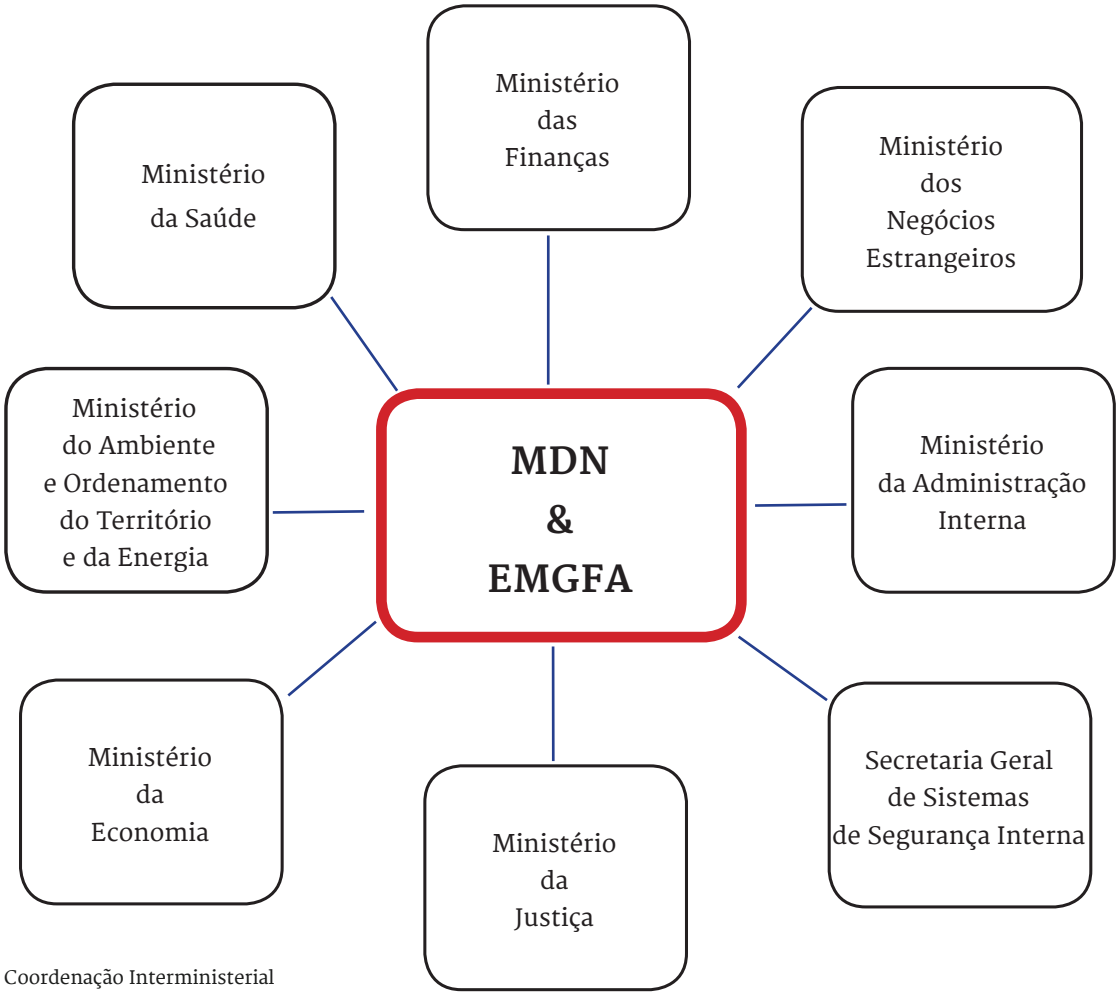
– Demonstrar o comprometimento e empenhamento de Portugal na Aliança Atlântica como nação coprodutora de segurança;

– Evidenciar Portugal como exemplo de nação hospedeira;

– Reforçar a notoriedade das Forças Armadas portuguesas a nível nacional e internacional, demonstrando capacidade de planeamento, organização e condução de eventos complexos e de grande envergadura.

b. Ambiente Interno

– Reforçar laços de confiança com o público



Coordenação Interministerial

nacional através da criação de um sentimento de pertença apoiado na partilha de valores, crenças e convicções;

– Estimular o interesse dos Media nacionais para assuntos da Defesa Nacional;

– Fortalecer as relações institucionais com os Órgãos de Comunicação Social nacionais, regionais e locais;

– Explorar e potenciar todas as oportunidades de treino para a componente operacional do sistema de forças, naval, terrestre e aérea, num ambiente multinacional e de grande exigência, que irá certificar e validar as capacidades operacionais existentes;

– Demonstrar as capacidades operacionais e a transparência nas atividades de treino das Forças Armadas nacionais.

Para se ter atingido este desiderato é justo referir todo o apoio e a boa coordenação existente com o escalão político, considerados indispensáveis, face à natureza e dimensão do evento.

O Ministério da Defesa Nacional constituiu-se como a entidade responsável pela coordenação geral das atividades relacionadas com a participação nacional, tendo assegurado a articulação interministerial com o Ministério das Finanças, o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Ministério da Administração Interna, o Ministério da Justiça, o Ministério da Economia, o Ministério do Ambiente, Ordenamento do Território e Energia, o Ministério da Saúde e a Secretária Geral do Sistema de Segurança Interna.

Estes ministérios, dentro das suas atribuições setoriais e atendendo aos objetivos do exercício, apoiaram o Ministério da Defesa Nacional no âmbito das responsabilidades relacionadas com a participação nacional, tendo nomeado para esse efeito, os respetivos representantes, que asseguraram a permanente ligação com as estruturas responsáveis pelo planeamento, preparação e execução do evento.

Grafeno

Revolução tecnológica com aplicação militar

Texto : Ten RC Eder Sousa

Armaduras leves como seda e mais resistentes que o aço, coberturas que permitem a invisibilidade de qualquer objeto, carros de combate capazes de aguentar impactos diretos de RPG (*Rocket-Propeled Grenade*), supercomputadores de bolso e dispositivos de comunicação de elevado alcance para os teatros de operações mais exigentes, nanotecnologia médica que restaura membros dos feridos em combate, sondas para deteção de produtos químicos perigosos, incluindo os utilizados em dispositivos explosivos improvisados, em suma, estas e uma miríade de outras tecnologias podem estar mais perto da realidade do que julgávamos ser possível, graças a um material de propriedade espantosas: o Grafeno. Houve muitos avanços emocionantes no campo da ciência dos materiais no último quarto de século, mas talvez nenhum terá gerado tanto entusiasmo como esta substância, carbono puro sob a forma de folhas de um átomo de espessura.

Em 1947, o físico canadiano Philip Russell Wallace foi responsável pelo primeiro estudo teórico sobre as potenciais aplicações do Grafeno e, em 1962, o químico Hanns-Peter Boehm elaborou um artigo publicado no Jornal do Inorgânico e Química Geral sobre este material. Contudo, só em 2003, o físico russo Andre Geim, que na época estudava na Universidade de Manchester, começou a produzi-lo[1]. Ele usou fita adesiva para isolar o composto ao libertá-lo da grafite da mina de um lápis, depois dissolveu a fita, criando assim as primeiras amostras de Grafeno rudimentar. Em 2004, Geim e o cientista russo-britânico Kostantin Novoselov publicaram um artigo académico sobre a descoberta, que se tornou rapidamente num dos trabalhos

Fonte : omicrono.com

mais citados no campo da física. Os trabalhos revolucionários sobre o Grafeno valeram-lhes o Nobel da Física de 2010.

O Grafeno, termo composto pela combinação de "grafite" e o sufixo "eno", é uma das formas cristalinas do carbono, assim como o diamante, a grafite, os nanotubos de carbono e fulerenos, consistindo numa camada única de átomos de carbono dispostos numa rede hexagonal, densamente compactados (dispostas numa grade de duas dimensões), apresentando assim uma configuração ultrafina em que cada átomo está ligado a outro através de ligações covalentes.

Inúmeras aplicações

As propriedades do Grafeno estão a levar a imaginação dos engenheiros para além dos limites, pois este material é mais resistente que o diamante e 200 vezes mais forte que o aço. Além da elevada resistência, é também extraordinariamente leve e transparente, sendo ainda capaz de conduzir a eletricidade melhor do que o cobre, mantendo ainda um grau de flexibilidade como a borracha e demonstrando ser resistente à corrosão. Feitos que não deixam de ser impressionantes para um material que é 100 mil vezes mais fino que um fio de cabelo[2].

Para ter noção da sua força, um simples filme plástico feito com este material pode resistir à pressão de várias toneladas concentrada na ponta de um lápis. Recentemente, uma equipa da Universidade de Massachusetts, em Amherst, projetou minúsculas esferas de sílica nas camadas de Grafeno a uma velocidade de 6,700 mph[3], o que em termos metafóricos tornou esta experiência numa carreira de tiro à microescala. O resultado deixou a comunidade científica perplexa: as folhas de Grafeno absorveram o impacto duas vezes melhor do que o Kevlar, material que, por si só, já era dezenas de vezes melhor do que o aço em termos de proteção balística.

Porque é tão fino, leve e forte, o Grafeno poderá ser usado para fazer roupas e coletes defensivos para aplicação da lei ou militares. Porém, estas aplicações são apenas "a ponta do iceberg", uma vez que o Grafeno colocado sobre um suporte dúctil pode ser enrolado ou dobrado, a ser usado numa nova geração de ecrãs tácteis altamente flexíveis. A sua alta condutividade[4] pode igualmente dar origem a microprocessadores que revolucionarão a velocidade de computação, a baterias com ultracondensadores de capacidade muito superiores, a circuitos fotónicos e sistemas de comunicações de elevada velocidade. Cientistas da Universidade do Illinois descobriram também que, para além de ser totalmente impermeável a gases, o Grafe-

[1] Na época em que foi isolado, muitos pesquisadores que estudavam nanotubos de carbono já estavam bem familiarizados com a composição, a estrutura e as propriedades do grafeno, que haviam sido calculadas décadas antes. A combinação de familiaridade, propriedades extraordinárias e surpreendente facilidade de isolamento permitiu uma explosão nas pesquisas sobre o grafeno.

[2] Referido por John Lettow, CEO da Vorbeck, empresa que já produz o material.

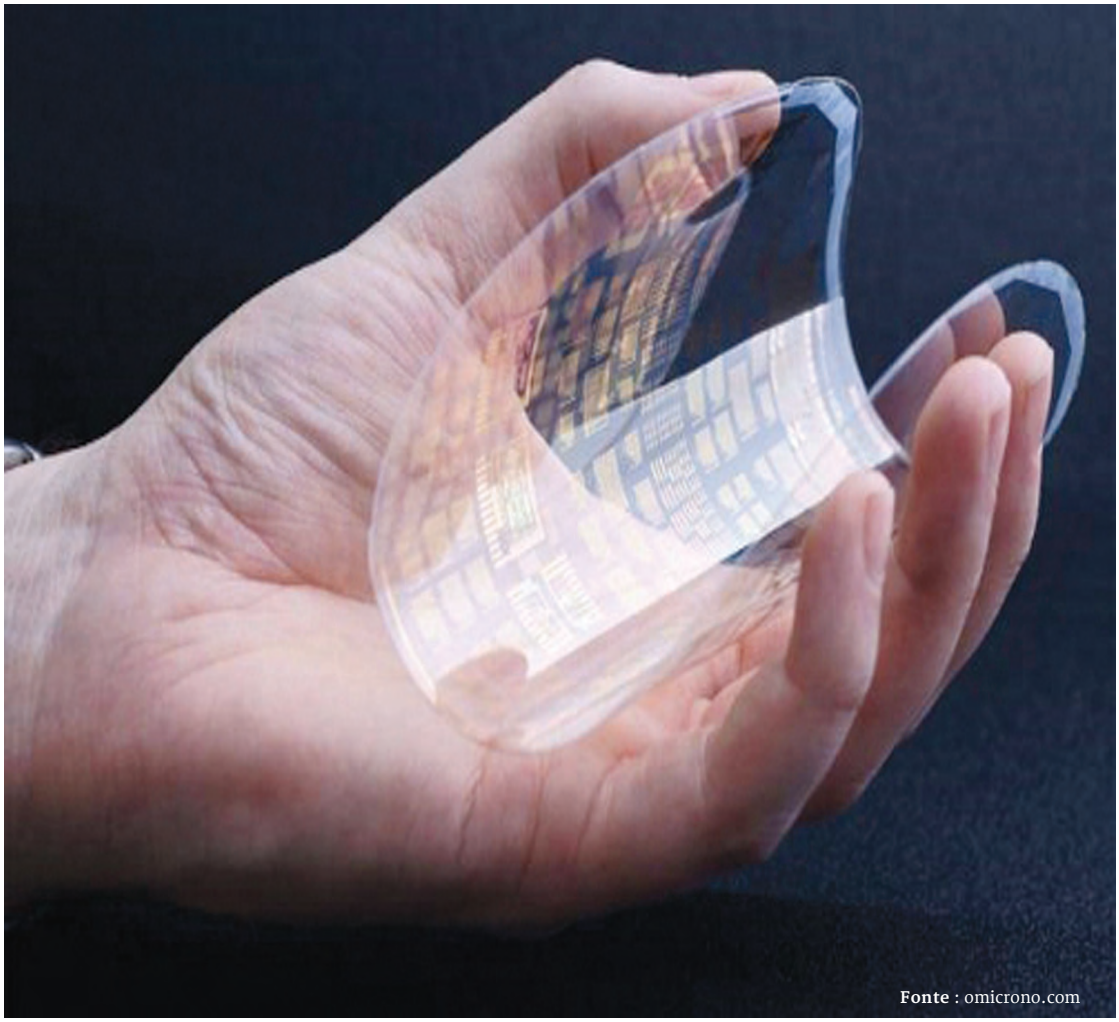
[3] Milhas por hora.

[4] Os eletrões viajam mais depressa no Grafeno do que noutros materiais à temperatura ambiente.

no quando exposto ao fogo não queima e possui uma extraordinária capacidade para arrefecer, o que significa que não só é um material de eleição para isolamento, como também permitirá reduzir o dispêndio de energia dos aparelhos.

No que diz respeito às aplicações militares, para além de fatos de proteção e exosqueletos, não é difícil imaginar a sua utilização em carros de combate, que lhes garantirá maior mobilidade, proteção e poder de fogo. Construídos numa liga de Grafeno, seriam consideravelmente mais leves, mantendo ou até mesmo duplicando o seu grau de proteção, com ganhos visíveis na velocidade, manobrabilidade e consumo de combustível, bem como na ergonomia interior para poder transportar mais munições. Poderíamos igualmente falar da aplicação na indústria aeronáutica, mas seria redundante... Outra área seria a camuflagem ou até mesmo a invisibilidade, pois a mesma liga/camada tem capacidade para desviar os raios de luz.

Seria extremamente exaustivo descrever todas as possíveis aplicações, até porque à medida que escrevemos estas páginas, mais possibilidades se prefiguram nos testes de laboratório. Veja-se o exemplo da equipa de pesquisadores da Universidade de Zhejiang (China), coordenada pelo professor Gao Chao, que criou um gel ultraleve[5] baseado em nanotubos de carbono congelados em seco e lâminas de óxido de Grafeno ao qual se lhe extrai o oxigénio. Um dos possíveis usos é a sua utilização como considerável absorvente em, por exemplo, casos de derrames de petróleo no mar, ou até mesmo para processos de dessalinização da água: a finalidade é separar o sal da água do mar ou de águas salobras, para torná-las potáveis ou úteis para outros fins. Com efeito, a empresa Lockheed Martin, conhecida tradicionalmente pelo desenvolvimento de sistemas militares e de aviões, desenvolveu um processo para perfurar o Grafeno, criando orifícios suficientemente grandes para deixar passar



Fonte : omicrono.com

Fonte : cdn.geekpunto

a água, mas bastante pequenos para bloquear as moléculas de sal. A vantagem com relação ao método tradicional é dada pela extraordinária finura do grafeno: quanto mais fino o material que funciona como filtro, menos energia requer para facilitar a osmose inversa.

Desafios no futuro

Certa vez, Albert Einstein referiu que "a imaginação é mais importante que o conhecimento". Contudo, a imaginação é muitas vezes refreada pela realidade, pelas barreiras da física e o Grafeno não é exceção. Como não é uma substância que ocorre naturalmente, tem de ser produzida, como tal existem custos incontornáveis que, até agora, se têm revelado proibitivamente elevados. Ao longo da última década, académicos e pesquisadores têm feito grandes progressos na redução dos custos de produção, mas ainda se encontram a níveis incomportáveis para a maioria das empresas. Para além disso, o Grafeno revelou uma vez mais que perfeição é uma quimera difícil de atingir, uma vez que apesar de todas as propriedades fascinantes, também apresenta defeitos. Apesar da sua força estrutural elevada, conta com uma tenacidade relativamente baixa, o que significa que é preciso apenas uma pequena rachadura para enfraquecê-lo. E essas pequenas fissuras são uma consequência natural ao produzi-lo, uma vez que é feito de várias maneiras, entre as quais a deposição química em fase de vapor (na qual o vapor de carbono é deixado para arrefecer e assentar sobre uma superfície), e a esfoliação (em que o grafite, do qual é derivado o grafeno, é colocado num solvente), métodos que podem dar origem a várias imperfeições. Os cientistas descobriram que o grafeno com fissuras é dez vezes mais propenso à rutura do que o aço, e tem tenacidade mais próxima do óxido de alumínio ou da cerâmica à base de carbeto de silício. Por outras palavras, uma liga de Grafeno aplicada numa aeronave, por exemplo, tanto pode ser quase invulnerável se tiver sido corretamente construída, como poderia facilmente quebrar-se em inúmeros fragmentos com um ligeiro aumento de pressão, bastando para tal o mais ligeiro defeito de fabrico.

Ainda em relação à aplicação na eletrónica, a sua condutividade é tal que a comunidade cientifica ainda não conseguiu descobrir como a interromper. Imaginemos que aplicamos eletricidade a uma placa de Grafeno, mas não existe ainda forma de cortar essa passagem de corrente sem desligar novamente da fonte de energia.

Todavia, como "a dedicação contínua a um objetivo único consegue frequentemente superar o engenho"[6], resta-nos acreditar que a persistência do homem irá tornar estas e outras tecnologias como elementos reais do nosso quotidiano num futuro próximo, sempre com o objetivo de servir o ser humano e dentro das margens da ética e da moral.

[5] Possui uma densidade de apenas 0,16 mg/cm3.
[6] Marcus Cícero.

Alvos Aéreos

Investigação, desenvolvimento e inovação

Texto : Ten Art Carina Sofia Rodrigues Carvalho

Os alvos aéreos constituem o elemento fundamental de treino operacional no qual reside toda a preparação técnica, física e moral dos militares das guarnições dos sistemas de armas de Artilharia Antiaérea (AAA).

O realismo conferido pelos alvos aéreos assume um papel essencial na condução de Exercícios de Fogos Reais de AAA. Estes Exercícios, para além de permitirem testar os sistemas de armas e o comportamento dos mísseis e munições, garantem o treino de competências das guarnições, aumentam a motivação dos militares e a sua confiança nas respetivas unidades de tiro.

Neste âmbito, o Regimento de Artilharia Antiaérea Nº1 desenvolveu e apresentou um Projeto de Investigação, Desenvolvimento e Inovação, denominado de "Alvos Aéreos", ao Centro de Investigação da Academia Militar, que permite delinear um novo conceito de aquisição deste tipo de sistemas através da projeção de recursos nacionais. Em parceria com o Grupo TEKEVER, procura-se desenvolver um modelo nacional de alvo aéreo (à semelhança do modelo TR1 desenvolvido por este Grupo e atualmente em fase de testes) e fornecer ferramentas sustentáveis que permitam otimizar as condições de treino das guarnições de AAA de forma a assegurar o desenvolvimento de um sistema de treino operacional autónomo.

Através deste projeto, pretende-se substituir os atuais sistemas de alvos aéreos em regime de outsourcing, BATS (*Ballistic Aerial Target System*) e MQM 170A-Outlaw, atualmente em uso nos Exercícios de Fogos Reais de AAA. Procura-se nomeadamente, determinar os requisitos necessários do alvo aéreo, com base nas capacidades da ameaça aérea e dos sistemas de armas AAA, a fim de satisfazer as necessidades operacionais de treino das Baterias AAA e, numa fase posterior, efetuar o planeamento e desenvolvimento do modelo de um alvo aéreo com os respetivos testes de avaliação de performance e interação com os sistemas de armas de AAA.

Manutenção Militar

Património Industrial, após 117 anos de História

Texto : Catarina Duarte

O projeto e a sua missão

Em 1886, a Comissão nomeada pelo Ministro da Guerra, Visconde S. Januário, apresenta um relatório onde propõe o Convento das Carmelitas (vulgarmente conhecido por *Grillas*), cerca e suas dependências no Beato, como local perfeito para a implantação do novo projeto industrial onde se iriam estabelecer todos os serviços gerais de subsistências militares[1]. A Padaria Militar, que funcionava a título provisório havia 26 anos no antigo Quartel de Infantaria n.º 2[2], já não correspondia com eficácia às necessidades que se impunham.

Assim, o extinto Convento, fundado em 1660 pela Rainha D. Luiza de Gusmão em dedicação a Santo Agostinho[3], o espaço amplo da sua cerca conventual e as vias de comunicação acessíveis (proximidade ao rio e a linha férrea a norte) preenchem os requisitos necessários para a instalação da Manutenção Militar de Lisboa[4].

Com base no projeto do Capitão-Engenheiro Joaquim Renato Batista[5] (1855-1900), foi realizada a adaptação e construção no antigo convento e terrenos anexos e, no dia 11 de junho de 1897, por decreto do rei D. Carlos, foi fundada a Manutenção Militar (MM) com a missão de fornecimento de alimentação às tropas e armazenamento: fabri-

co de farinhas (deixou de se adquirir à industria particular ou ao mercado), pão, massa e bolacha, bem como fornecer forragens aos solípedes do Exército. Nesta data, as duas primeiras fábricas, moagem e pão, já funcionavam em pleno num edifício construído de raiz – o atual edifício da Fábrica de Moagem.

A Implementação do projeto

Dependente do Ministério da Guerra e subordinada à Direção da Administração Militar, a organização inicial foi mantida até ao 1º regulamento em 1907, que determina a sua estrutura e missão e, em 1911, o 2º regulamento estabelece a autonomia administrativa e gestão alcançando uma maior dimensão refletida na implementação do projeto industrial.

Estas alterações coincidiram com a tomada de posse de um dos Diretores mais empreendedores da MM, o Coronel Luís António Vasconcelos Dias, entre 1911 e 1920. De fato, as primeiras duas décadas do século XX foram marcadas por uma fase de forte implementação da maioria das infraestruturas, qualificando-a como uma unidade fabril das mais importantes do setor da alimentação.

Neste período, a produção expande-se a outras áreas: além das Fábricas de Moagem, Pão, Massa e Bolacha, instalam-se a Fábrica de descasque de arroz, a Fábrica de comprimidos (sopa, açúcar, café e sal prensados em comprimido, para melhor transporte em campanha), a Fábrica de Bolo alimentar para solípedes, a Fábrica de Torrefação e Moagem de café, a Refinaria de Açúcar, a Fábrica de Conservas, o Matadouro e Salsicharia, a Leitaria e Fábrica de Manteiga e o tratamento de vinhos. O conjunto destas fábricas tinham como apoio diversas oficinas como a Latoaria, Serração, Canastraria, Lavandaria, Tipografia, entre outros, além dos Armazéns, Celeiros e Depósitos necessários para armazenamento e ainda um Laboratório.

O paternalismo social, comum em alguns complexos industriais em Portugal na primeira metade do século XX, cedo foi aplicado na MM. Esse apoio traduz-se igualmente em áreas edificadas para o efeito: Habitações, Escolas (1912), Cozinha e Cantina (1912), Barbearia (1914), Balneário (1915), Cinema (1926), Farmácia (1926), Enfermaria (1926), Mercearia. Para apoio à família militar foi inaugurada a primeira messe em Lisboa em 1925, a Messe de Oficiais de Santa Clara[6].

Era de facto um grande projeto industrial que em nada envergonhava o Exército Português junto às *Manutentions Militaires* francesas ou às *Factorias Militares* espanholas (e não só) onde o "nosso" Capitão-Engenheiro se havia inspirado na sua viagem pela Europa. A sua instalação culmina com a Revolução Industrial em Portugal e a introdução da máquina a vapor nas fábricas. A MM também "revolucionou" com a instalação de força motriz com a potência de máquinas a vapor Sulzer e Labordière evoluindo em 1921 para uma central a *diesel* elétrica. O imóvel onde esta foi instalada é um dos edifícios que sofreu poucas alterações arquitetónicas, considerado atualmente uma marca da arquitetura industrial dos anos 20 do século XX.

[1] In Relatório da Comissão de 1886.

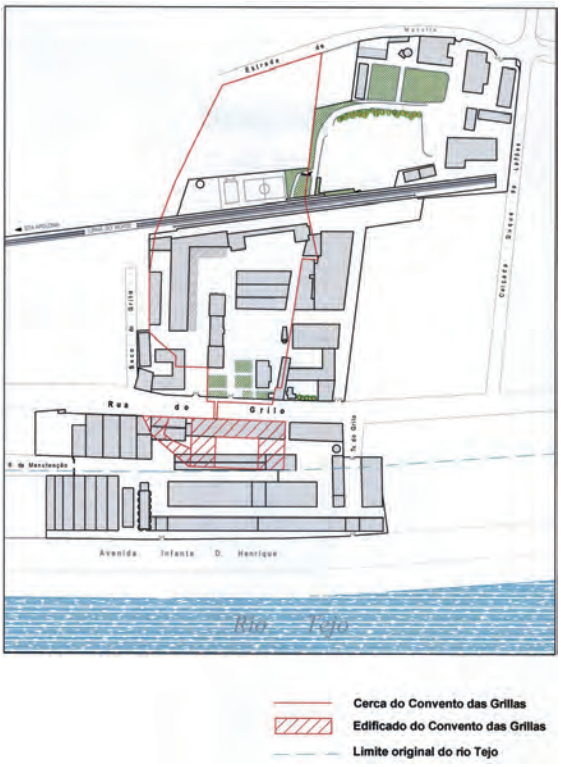
[2] Situada no antigo Aterro da Boavista, na atual zona da Rocha de Conde d'Óbidos.

[3] Após entregar a regência do Reino a seu filho o D. Afonso VI, a Rainha recolheu-se a este convento em 23 de junho de 1662 e aqui faleceu a 27 de fevereiro de 1666.

[4] Memória descritiva in Baptista, Joaquim Renato, A Manutenção Militar de Lisboa, 1899, Lisboa.

[5] Ilustre Capitão de Engenharia e professor na Escola do Exército, Ajudante de Campo do Rei D. Carlos, engenheiro da Câmara Municipal de Lisboa, diretor da Associação dos Engenheiros e da Sociedade de Geografia.

[6] Instalada no Palácio de Barbacena, edificado no ano de 1748.



O património imóvel resultante da missão da Manutenção Militar transborda largamente o espaço físico da sua Sede na zona oriental da cidade de Lisboa. Na verdade, fez parte do projeto inicial desenvolver Sucursais (algumas herdadas da antecessora Padaria Militar), Delegações, Depósitos e Messes, estratégica e geograficamente situadas em todas as regiões de norte a sul do país, incluindo as regiões autónomas das ilhas e, mais tarde, nas colónias em África e Timor.

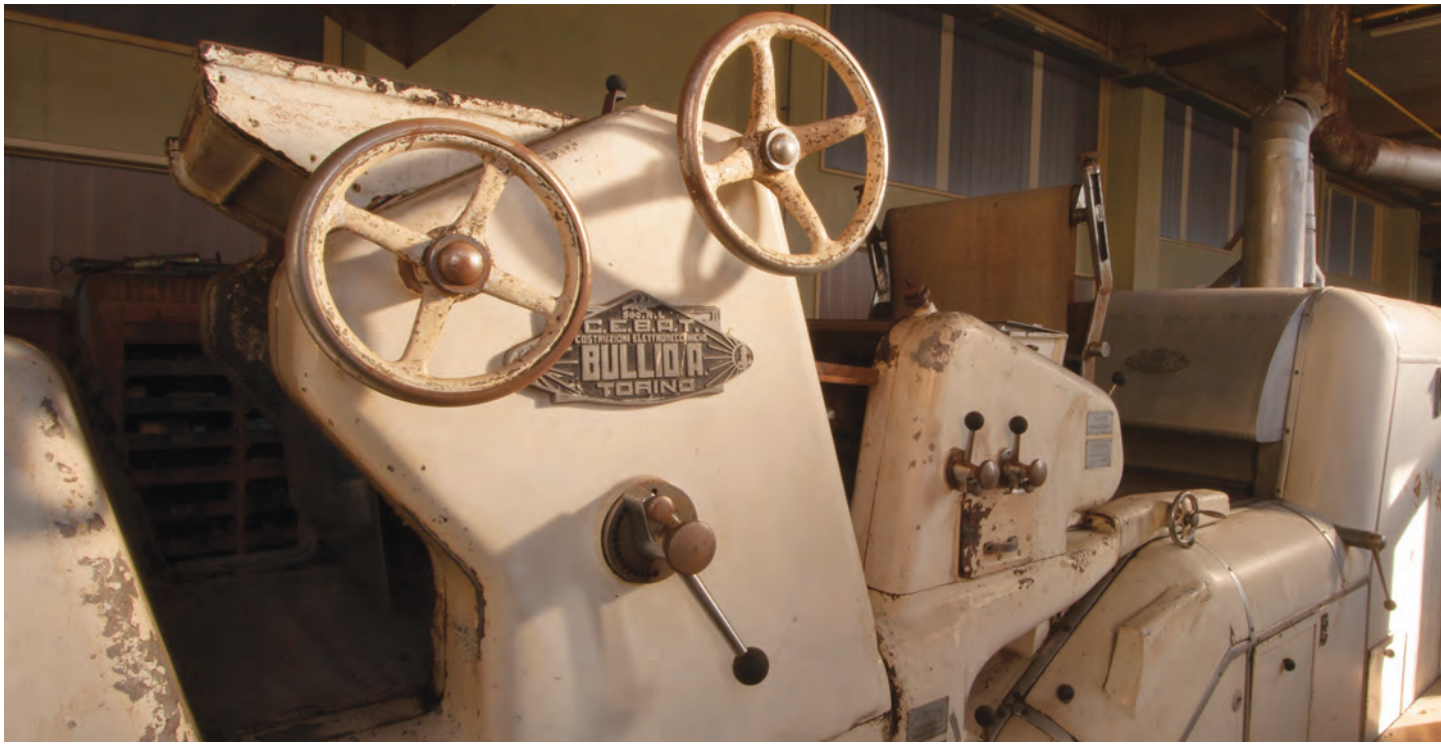
Património Industrial = Memória?

De um espaço de recolhimento conventual, silencioso, passou-se a uma rotina fabril marcada por apitos e fábricas ensurdecedoras. As fábricas também já se silenciaram. Restam-nos as memórias. E que memória? Memória coletiva que reflete várias gerações que aqui nasceram, aqui viveram, aqui frequentaram as escolas, "criados a bolacha MM", aqui trabalharam, casaram e tiveram filhos que, sucessivamente aqui viveram e frequentaram escolas... Mas, não subsistindo apenas memórias sociais, de apreensão afetiva ao local e a este mundo fabril, subsistem memórias físicas, as fábricas, os equipamentos, a conservação da materialidade industrial que pode e deve ser reconhecido como valor cultural.

A crescente tomada de consciência de que "o Património Industrial representa um importante testemunho de atividades que tiveram e que ainda têm profundas consequências históricas", como refere a Carta de Nazhny Tagil sobre o património industrial, criada no seio do TICCIH[7], parece promover a oportunidade de reconhecer e valorizar este património, de modo a permitir uma intervenção qualificada, informada e esclarecida. O objetivo é exatamente esse, um novo olhar criterioso, interpelativo, estimulado através do conhecimento e da investigação, das "fábricas da MM".

Como acontece noutros casos de estudo, um edifício de uma só unidade fabril tornar-se-ia mais fácil ser reconhecido dentro de uma época construtiva e histórica mesmo que se encontre despojado de equipamento. Não é de todo este o exemplo do Património Industrial da Manutenção Militar, o que complica a sua sustentabilidade mas que o torna único no nosso país. É antes a nossa (de todos) grande responsabilidade: manter a sua autenticidade.

Ora vejamos, este recinto industrial inclui atualmente seis fábricas, cujo equipamento *in situ* se encontra em excelente estado de conservação que, além do seu património incluso (bens móveis e arquivo) tem a incontestável valência da diversidade técnica/tecnológica, com referências visí-



veis a diferentes épocas (veja-se o caso da fábrica de moagem que inclui equipamento desde 1897 a 1972 coexistindo e funcionando em perfeita harmonia), preservando a sua integridade funcional[8].

Que ficará para o futuro? Depende sempre de uma opção, é certo.

Mas esta reflexão promove a oportunidade de reutilização, de lhe atribuir uma nova função, sem prejuízo para a sua herança patrimonial e histórica, a partir de uma conceção de atualização cultural e social deste espaço, reinserido na Lisboa Oriental. Com uma renovada dinâmica de abertura e fruição ao público, cumprindo as bases da política de proteção e valorização do património que a lei-base nº 107/2001 nos estabelece, com eventos, exposições, atividades em família, visitas guiadas, fruição, lazer e, acima de tudo, conhecer, apreciar e reter na memória para regressar.

O Projeto: Abertura à Comunidade

Importa dizer que este património industrial acolhe um futuro em vista, promovido pela nova entidade que renova o projeto da Manutenção Militar: a MM – Gestão Partilhada, E.P.E. O final do ciclo da Manutenção Militar foi concretizado no passado 30 de abril, perpetuado para o futuro com a seriedade e respeito pela aprendizagem legada em 117 anos de história. A sua importante missão permanece, sendo mesmo alargado o universo do seu mercado bem como a natureza do seu objeto. Com efeito, a MM, E.P.E. tem por objeto a prestação de serviços às Forças Armadas, que se subsumem na atividade de reabastecimento de víveres, fornecimento de alimentação confecionada e gestão das messes militares, podendo ainda exercer quaisquer outras atividades, complementares ou subsidiárias do seu objeto principal.

Importa também dizer que, a par desta missão, existe uma especial sensibilidade e atenção à salvaguarda do "nosso" património –"nosso", de todos nós. Não só dos militares, não só do Estado, mas de toda a comunidade, de toda a gente.

Hoje em dia, sabemos que se torna necessário a utilização do binómio rentabilizar/sustentabilizar, e a MM também será exemplo, sempre com base em premissas que respeitem a salvaguarda e a preservação deste Património.

Desta forma, o novo projeto traz boas perspetivas ao PM 164 *aka*[9] património industrial da MM que será refletido e desenvolvido, propondo o reconhecimento do valor inegável deste testemunho e a sua digna continuidade.

---

[7] The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage.

[8] Conforme invoca a Carta de Nazhny Tagil sobre o património industrial: "A conservação do património industrial depende da preservação da sua integridade funcional (…) O valor e a autenticidade de um sítio industrial podem ser fortemente reduzidos se a maquinaria ou componentes essenciais forem retirados, ou se os elementos secundários que fazem parte do conjunto forem destruídos" (ponto 5: i)

[9] Nota da redação - *aka* (also known as): sigla usualmente utilizada no léxico ango-saxónico que, ideomaticamente, tem como significado: "tambem conhecido por".

Tenente-General José Manuel Santos de Faria Leal

1936-2015

UMA VIDA AO SERVIÇO DA PÁTRIA

É com um profundo pesar que o *Jornal do Exército (JE)* comunica o falecimento do Tenente-General José Manuel Santos de Faria Leal, de 78 anos, no passado dia 6 de julho, devido a doença prolongada.

Identificado com os valores constitucionais do 25 de Abril, o Tenente-General Faria Leal destacou-se enquanto Chefe da Casa Militar do Presidente da República, à época o Dr. Jorge Sampaio, durante os seus dois mandatos (1996 a 2006). Além da referida função, foi Diretor do Serviço de Transportes (1990 a 1993), após ter sido promovido ao posto de Brigadeiro e chegou a comandar o Governo Militar de Lisboa, tendo sido promovido a General em 1995.

De entre a sua ilustre carreira, que granjeou a concessão da Ordem Militar de Cristo, em 2006, salienta-se o singular episódio, enquanto Chefe do Estado-Maior, do

Quartel-General do Comando Territorial Independente da Madeira (na altura com o posto de Major), da receção de Marcello Caetano e Américo Thomaz, na sequência da Revolução dos Cravos.

O *JE* endereça os seus pesamos à família enlutada.

Coronel de Cavalaria António Pais Andorinho Romão

1917 – 2015

UMA VIDA AO SERVIÇO DA PÁTRIA

Cumpre ao *Jornal do Exército (JE)* o difícil dever de informar o óbito do Coronel de Cavalaria António Pais Andorinho Romão, a 11 de setembro, com a bonita idade de 98 anos.

Oficial do Exército com uma carreira invejável, o Coronel Andorinho Romão concluiu o seu tirocínio, na Escola Prática de Cavalaria (à época em Torres Novas) em 1941.

Dos cargos exercidos, destacam-se os de Ajudante-de-Campo do General Comandante, Secretário-Geral e Chefe do Gabinete de Estudos, na Academia Militar, enquanto Capitão. Já como oficial superior, prestou serviço nos teatros das ex-províncias ultramarinas, entre os anos de 1963 e de 1969, nomeadamente em Moçambique, em Angola e em Cabo Verde, chegando a exercer a função de Comandante Militar desta última ex-província.

Como Coronel, foi comandante do Regimento de Cavalaria Nº 3, concluindo a sua carreira militar como inspetor da Arma de Cavalaria.

O JE endereça os seus pesamos à família enlutada.

Apadrinhamento de alunos do IPE

Texto: 1Sar Art Anjos Das Neves
Baseado nas palavras dos Professores Jorge Paulo e Vanda Magarreiro, do IPE

Decorreu, no dia 13 de novembro de 2015, no Instituto dos Pupilos do Exército (IPE), a tradicional cerimónia de apadrinhamento dos novos alunos.

O apadrinhamento dos pupilos que passaram a integrar os efetivos do IPE pertencem ao curso Major-General Eugénio Rodrigues Coelho, antigo aluno do mesmo Instituto, que nasceu a 14 de novembro de 1926, em Abrantes, e ingressou no Instituto em 24 de setembro de 1938, tendo aí concluído o curso de Contabilidade, em 1947 e que acabou por falecer no passado dia 18 de maio, em Lisboa.

O apadrinhamento é a cerimónia que integra os novos alunos na comunidade pilónica e marca o início de um projeto de desenvolvimento pessoal no qual o padrinho, antigo aluno do IPE, se assume como mentor, conselheiro e protetor, a partir do exemplo, da experiência e do diálogo, apoiando assim o desenvolvimento do jovem, estimulando-o e orientando-o na construção do seu próprio caminho. Na parte nuclear da cerimónia de apadrinhamento dos neófitos, cada novo pilão passa a ser acompanhado por um ex-aluno que assume a função de padrinho e um aluno mais velho que assume a função de apadrinhador.

Os novos alunos efetuaram o compromisso de honra, tendo o aluno Comandante de Batalhão, Miguel Duque, 124/11, procedido à leitura do código de honra do aluno do Instituto. De seguida, o aluno Comandante de Batalhão efetuou a passagem do código de honra à aluna-batalhãozinho, tendo esta iniciado funções nesta cerimónia. A passagem do código de honra é um momento de elevado significado, repleto de simbolismo, que marca o fim de um ciclo e o início de outro. Para simbolizar as boas-vindas do Batalhão Escolar aos novos alunos, o aluno Comandante de Batalhão abraçou a Aluna-Batalhãozinho.

Esta cerimónia foi precedida da Cerimónia de Abertura Solene do Ano Letivo, realizada a 9 de outubro, que marcou o início do ano letivo. Constitui-se, também, como uma das datas fulcrais que marcam o dinâmico calendário da instituição, sendo, igualmente, momento privilegiado de encontros e reencontros entre antigos e novos elementos da família pilónica, vivido com grande intensidade e tem em vista a continuidade da missão que assumiu, em 1911, este Instituto. Desta, destaca-se a lição inaugural apresentada pela professora Irene Aleixo, segundo o mote "Aprender Música, Fazendo Música".

A cerimónia de apadrinhamento dos novos alunos foi presidida pelo Vice-Chefe do Estado-Maior do Exército, Tenente-General António Noé Pereira Agostinho e encerrou com a entoação do hino nacional.

Espírito Natalício

O Natal veio ter comigo
Para me fazer companhia.
Talvez esteja contigo,
Com Jesus, José e Maria.

Natal lembra nascimento
Humano, que foi divino,
Real acontecimento
Que fez de Deus um menino.

Esse menino cresceu
Feliz, também foi criança;
Disse que vinha do Céu
Para fazer aliança.

Uma aliança de amor,
Que sempre fosse lembrada.
Uma aliança a favor
Duma família sagrada.

Sagrado seja o Natal
Para todo o ser humano,
Aliança universal
Celebrada cada ano.

O Diretor do JE
José Custódio Madaleno Geraldo
Coronel de Infantaria

PORTUGUESES NA GRANDE GUERRA 1914/1918 - ÁFRICA

TODOS DERAM MUITO, MUITOS DERAM TUDO...

Ilustrações
de Alexandre Correia Gonçalves

Por mares já antes navegados

Na amurada do paquete Peninsular, escoltado pelo cruzador NRP Vasco da Gama, um soldado do Regimento de Infantaria Nº 16 fuma um cigarro. Olhando para o horizonte tenta descontrair-se, enquanto pensa nos perigos e dificuldades que irá encontrar num território que para ele é completamente desconhecido.

2ª Expedição para Angola janeiro de 1915)

Com a eclosão em 1914 do conflito na Europa, a colónia alemã no sudoeste de África (Damaralândia) que dependia do cabo submarino britânico par as suas comunicações com Berlim, fica obviamente sem acesso a esta capacidade. Esta situação criou instabilidade na fronteira sul de Angola, o que levou o Governo português a enviar, logo no início do mês de setembro de 1914, um corpo expedicionário com cerca de 1.600 homens que desembarcariam, a partir de 27 desse mesmo mês em Moçâmedes. Esta expedição era comandada pelo Tenente-coronel Alves Roçadas.

Em 18 de outubro dá-se o incidente no posto militar de Naulila, na região do Cuamato, no sul de Angola. Após acérrima troca de palavras entre o governador alemão do distrito fronteiriço, este é alvejado mortalmente por militares portugueses, assim como dois oficias que o acompanhavam.

Em 31 de outubro, os alemães retaliam e atacam o posto de Cuangar, tendo por sua vez morto dois oficiais portugueses, um sargento e cinco praças e em 18 de Dezembro dá-se o combate de Naulila.

Este confronto, com baixas significativas para o lado português, levou o Governo a enviar nova expedição para Angola, reforçando as forças que já lá se encontravam.

É esta 2ª Expedição, que integrava um Batalhão do Regimento de Infantaria Nº 16, a que pertence o "nosso" soldado deste desenho.

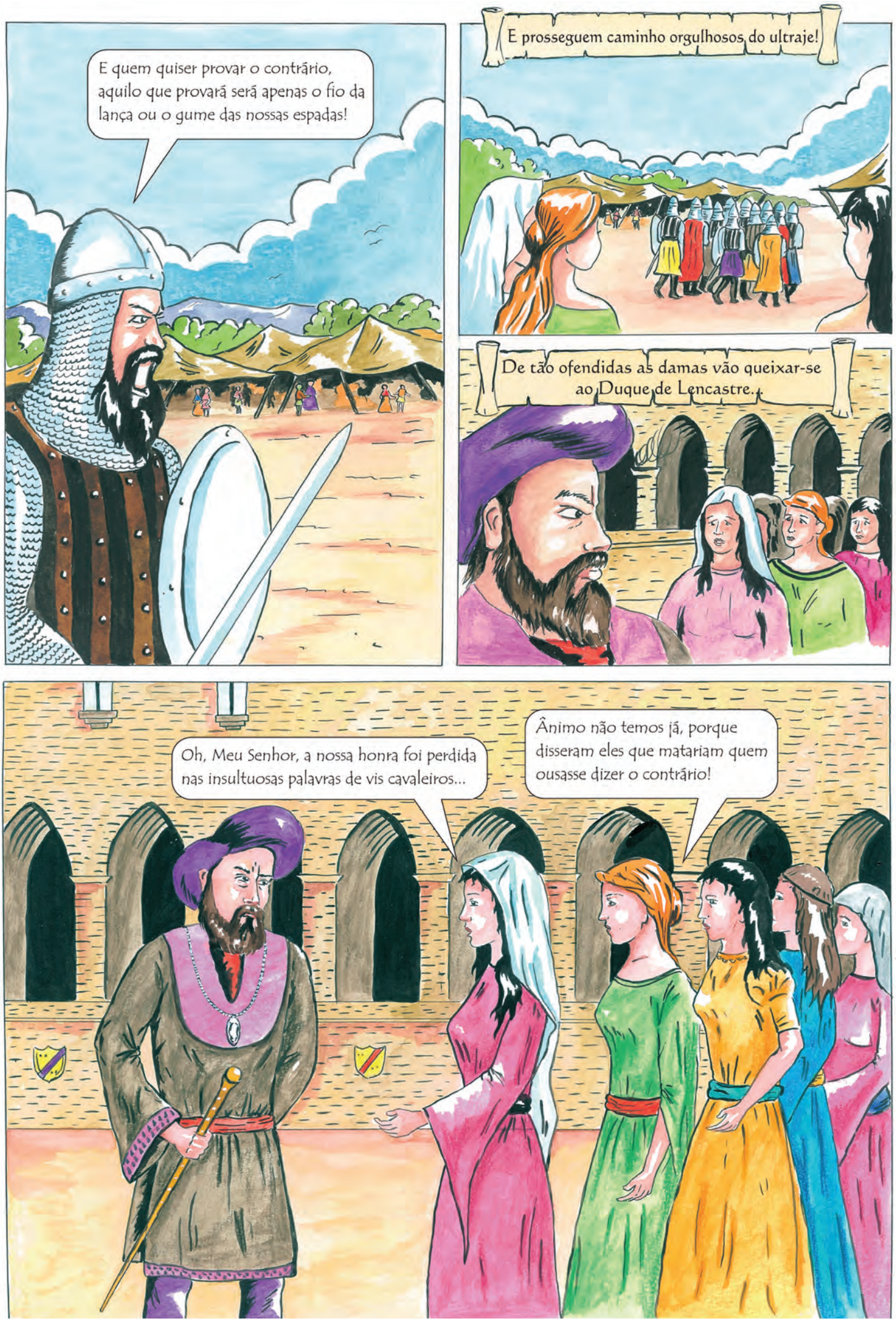
Data embarque (Lisboa): 20 janeiro 1915.

Data chegada (Moçâmedes): 5 fevereiro 1915.

Alexandre

Algures em Inglaterra...
É deveras bonito, mais bonito do que aquele outro que vimos antes!
Todos estes que aqui estão não parecem mal para a festa de amanhã à noite!
De súbito uma voz grave interrompe...
Mas vós pareceis...
Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah!

Todas vós!
Ah! Ah! Ah! Ah!
De formosura não sois vós fartas, suas iludidas!
E não há quem no reino da Bretanha possa dizer o contrário!
HA! HA! HA!
De certo, nem ao nome de damas sois vós merecidas!


E quem quiser provar o contrário, aquilo que provará será apenas o fio da lança ou o gume das nossas espadas!
E prosseguem caminho orgulhosos do ultraje!
De tão ofendidas as damas vão queixar-se ao Duque de Lencastre.
Oh, Meu Senhor, a nossa honra foi perdida nas insultuosas palavras de vis cavaleiros...
Ânimo não temos já, porque disseram eles que matariam quem ousasse dizer o contrário!

Desditosos aqueles que proferiram tal infâmia!

Outros há que vos hão-de restabelecer a honra e bater-se em armas por vós!

O Duque mandou procurar em toda a Bretanha alguém para defender a honra das damas...

Porém, ninguém se atreve a aceitar o desafio!